Digitized by Google

Memorial Library
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494

Digitized by Google

217

Digitized by Google

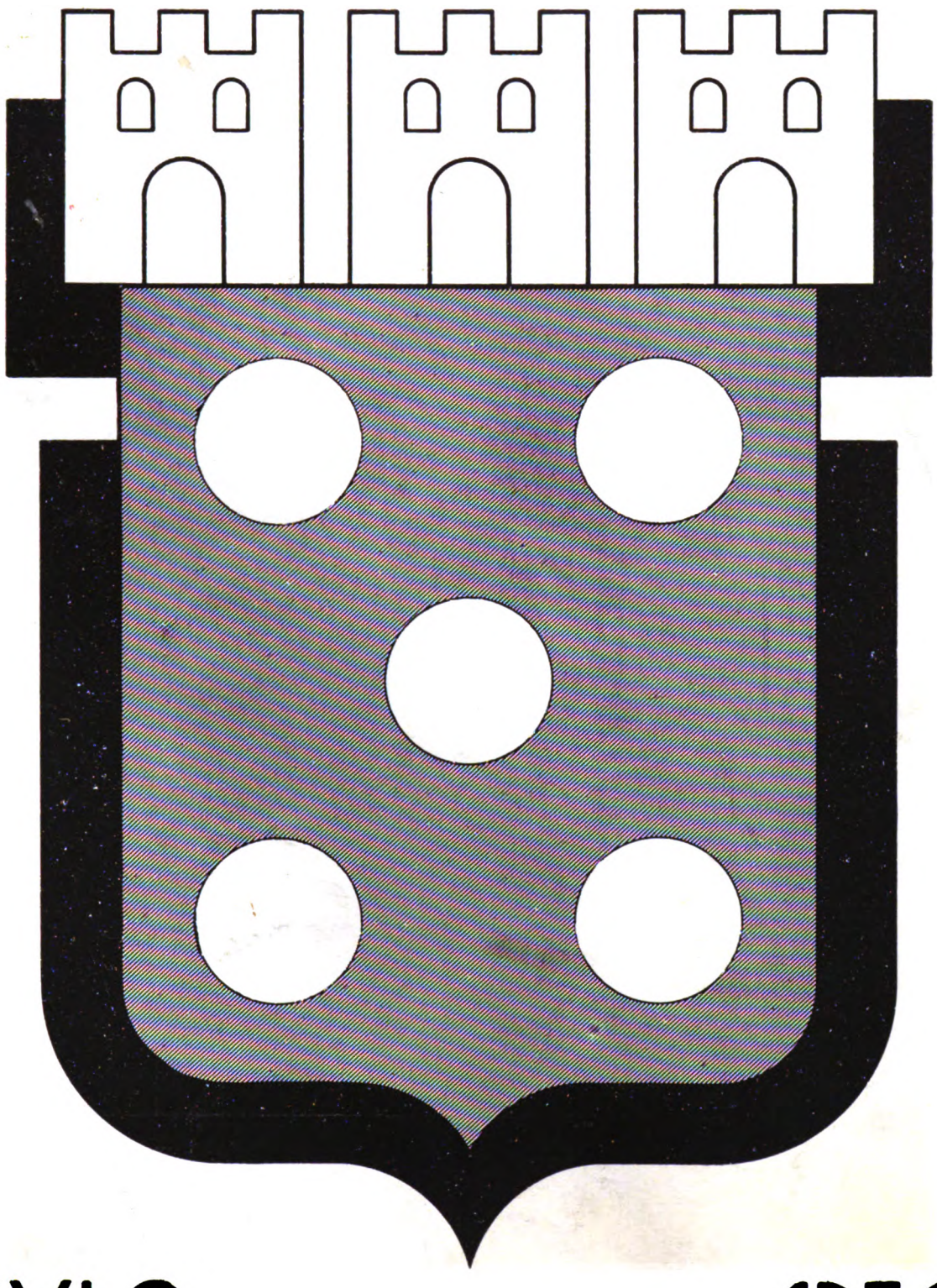
Digitized by Google

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRAFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



FASCICVLO
LISBOA

SPECIMEN
PORTVGAL

Digitized by Google

Memorial Library
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494

Digitized by Google

A visita a Portugal, em Março de 1905, do Imperador da Alemanha, Guilherme II

Nos últimos anos da Monarquia, várias grandes individualidades honraram o nosso país com a sua visita. Na fotografia junta vê-se Guilherme II, fardado de oficial da Marinha de Guerra Alemã, acompanhado pelas rainhas D. Amélia e D. Maria Pia, pelo Príncipe D. Luiz Felipe e pelo Marquês de Soveral, vendo-se ainda na gravura outras grandes individualidades da política da época.

Além desta, outras visitas de Chefes de Estado foram, então, feitas à Côrte Portuguesa, como as visitas de Afonso XIII, Eduardo VII, Presidente Loubet, Rei de Saxe, Princesa Matilde de Saxe, e o Príncipe Guilherme de Hoenzolern, etc..

De todos êstes acontecimento, das festas dadas em honra dos visitantes e dos factos mais salientes que com êles se passaram dará o *Arquivo Gráfico* pormenorizada reportagem, decerto a mais valiosa que hoje se pode publicar.

Digitized by Google

O lançamento da primeira pedra do Monumento de Saldanha

No dia 4 de Junho de 1904 realizou-se com grande cerimonial o lançamento da primeira pedra para o monumento ao Marechal Saldanha, que altivo e imponente se ostenta hoje na praça do mesmo nome. A cerimónia, que teve foros de acontecimento citadino, foi presidida pelo Rei D. Carlos, assistindo também Hintze Ribeiro, então Presidente do Conselho, altos dignitários, políticos, oficiais do Exército e muito povo.

Além dêste, muitos outros acontecimentos serão documentados no *Arquivo Gráfico*, que abrange todos os últimos anos do reinado de D. Carlos, desde a chegada de Afonso XIII até à última fotografia tirada no Terreiro do Paço momentos antes do atentado que lhe roubou a vida.

A Festa da Padroeira do Reino na Sé: SS. MM. El-Rei D. Carlos I e a Rainha D. Amélia entrando na Sé.

A inauguração do Caminho de Ferro Vila Real-Pedras Salgadas: S. M. El-Rei D. Carlos à chegada às Pedras Salgadas.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

Procissão de Ramos nas Necessidades

16 de Abril de 1905

Suas Majestades El-Rei D. Carlos, a Rainha D. Amélia, o Principe Real D. Luiz Felipe e os infantes D. Afonso e Manuel, passando entre alas de povo, seguidos do seu séquito, em frente do Palácio Real das Necessidades, incorporados na Procissão de Ramos.

Digitized by Google

Digitized by Google

Viagem Régia ao Norte

(Novembro de 1908)

D. Manuel II, quando da sua viagem ao Norte, entrando no antigo edifício dos Paços do Concelho do Porto, cidade Invicta, recebendo as homenagens dos seus súbditos.

Digitized by Google

Visita de El-Rei D. Manuel II à Escola do Exército

Em 1908 D. Manuel II realizou a sua primeira visita oficial, indo à Escola do Exército, onde foi recebido com demonstrações de simpatia pelos alunos e pelos oficiais que ali prestavam serviço.

Na gravura junta vêem-se, além do soberano, o Infante D. Afonso, os generais Craveiro Lopes, comandante da 1.ª Divisão, general Pimentel Pinto.

Todo o reinado de D. Manuel desde o regicídio até à partida do rei para o exilio, terá no *Arquivo Gráfico* farta e valiosa documentação, de que a primeira visita régia é um exemplo.

As festas do Sagrado Coração de Jesus

(Junho de 1909)

S. M. El-Rei D. Manuel e S. A. o Infante D. Afonso, saíndo da Basílica da Estrêla, após as cerimónias.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

A Manifestação Republicana

de 1 de Julho de 1906

Os Drs. Afonso Costa, Augusto de Vasconcelos, António José de Almeida, Bernardino Machado e João de Meneses, seguidos dos manifestantes republicanos, a caminho da Câmara dos Pares, onde foram entregar o protesto contra a nomeação do Sr. Ernesto Schroeter para ministro da Fazenda.

Digitized by Google

Digitized by Google

O QUE SERÁ O ARQUIVO GRÁFICO

OS últimos anos do regime deposto, a sua queda com os episódios dramáticos ou pitorescos que sempre acompanham os grandes acontecimentos que indubitàvelmente ficam fazendo parte integrante da história duma nacionalidade, depois o nascimento do novo regime, por entre as esperanças de uns e as descrenças de outros, tudo tem o seu documentário adequado no *Arquivo Gráfico*, que brevemente inicia a sua publicação.

Todas as fotografias que Benoliel, o grande «ás» da reportagem fotográfica, tirou durante a sua longa e acidentada carreira terão, com legendas explicativas e apropriadas, o seu lugar nesta publicação que ficará sendo única no seu género em Portugal.

Não foi sem razão que os seus camaradas de jornalismo, que justamente muito o estimavam, o cognominaram de «Rei dos Fotógrafos e Fotógrafo dos Reis» num apropriado trocadilho de espírito.

Toda a vida agitada dessa época convulsa que vai desde 1903 a 1918 — a época das grandes catástrofes, das convulsões extraordinárias, dos atentados, das grandes revoltas — passa ante a sua objectiva como um *filme* bizarro e único — o *filme* da vida duma nação.

As visitas régias e de outras altas personalidades a Portugal, os actos oficiais e as festas realizadas em sua honra; a história dos últimos anos do reinado de D. Carlos I, com as apoteóticas aclamações aos soberanos, a tragédia do Terreiro do Paço que matou o rei e o príncipe D. Luiz, a greve académica de Coimbra, onde, pela primeira vez, se revelaram os jóvens próceres que tornaram vitoriosa a República, as viagens dos reis e a luta no franquismo, os grandes comícios da República com os seus caudilhos inflamados e convincentes, todo o reinado de D. Manuel II e, finalmente, a revolução triunfante de 1910, tudo tem no *Arquivo Gráfico* o seu maior e melhor documentário.

Depois os primeiros anos da República, as primeiras desinteligências dos chefes e a primeira luta nas ruas. E se na crónica êste período da nossa acidentada história de há muito está feita, não tinha ainda sido publicada a sua documentação gráfica, mais vibrante sempre e necessàriamente mais fiel e mais exacta do que as descrições apaixonadas — mesmo quando verídicas — dêste ou daquele escritor.

O 27 de Abril com o idealismo romântico de Machado dos Santos, o 14 de Maio com as suas perseguí-

Digitized by Google

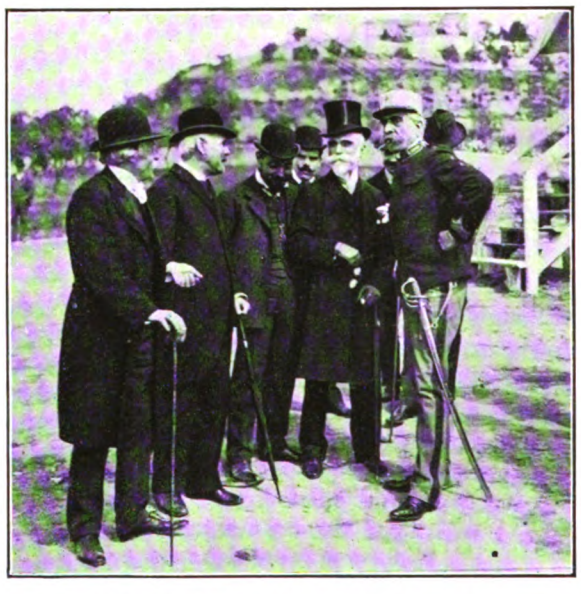
A greve académica de Coimbra

Os estudantes de Coimbra a caminho do Parlamento por ocasião da greve académica que se generalizou a todas as escolas do País. A Comissão da greve coimbrã leva a mensagem dirigida à Câmara dos Deputados, contendo as reclamações académicas. Essa mensagem foi redigida por António Granjo, Carlos Olavo e Ramada Curto. A Câmara recusou a generalização do debate pedida pelas oposições e a Academia saiu das galerias protestando contra a maioria franquista.

Toda a greve académica, as «démarches» efectuadas pelos grévistas e estudantes, os conflitos entre êstes, terão no *Arquivo Gráfico* a sua melhor documentação, assim como as conseqüências políticas do facto.

ções e violências, a revolução de Sidónio Pais — para só falar nas datas mais salientes do nosso extenso calendário revolucionário — , têm no *Arquivo Gráfico* o seu mais exacto documentário e ali mesmo, pela fotografia também, o seu melhor comentário.

Vem depois o ministério da «União Sagrada» com a luta violenta entre os chefes republicanos, que antecedeu a sua formação, e logo depois a entrada de Portugal na Grande Guerra, que ali tem, como não podia deixar de ser, o seu capítulo especial nesta grandiosa e única publicação. As manifestações nas ruas, o delírio das multidões entusiasmadas que aplaudiam a intervenção de Portugal no grande conflito, o confisco dos barcos alemães que se encontravam no Tejo, a partida do embaixador da Alemanha, a quem se quís insinuar um certo ar de mistério e onde algumas pessoas quiseram ver — com razão? sem razão? — cumplicidades torvas de portugueses com o representante do inimigo.



A PROPAGANDA REPUBLICANA

Um interessante flagrante dessa intensa propaganda que nas páginas do *Arquivo Gráfico* terá uma vasta e detalhada documentação.

Outras páginas foram destinadas à documentação, em números sucessivos, das greves e tumultos que tantas vezes têm sobressaltado a natural acalmia da Nação. Por esta obra, extraordinária de interêsse, desfilarão os diversos tipos nacionais e os tipos da rua, que uns e outros marcam na história duma cidade e na história dum Povo.

Todos os outros acontecimentos que são parte integrante da vida duma Nação, que marcam as suas etapas no progresso e na conquista da civilização como as proezas da aviação, os primeiros vôos em Portugal, têm o seu lugar neste *Arquivo*, onde também têm cabimento todos os acontecimentos trágicos que de quando em quando enlutam as nacionalidades. Os terramotos de Benavente, as inundações do Porto e de Santarém, os grandes incêndios, os crimes políticos e passionais, tudo terá no *Arquivo Gráfico* a sua melhor documentação.

É esta uma publicação única, pois que ninguém poderá fazer outra igual ou simplesmente semelhante. Só Benoliel, com a sua longa e extraordinária carreira, possuía um tão grande arquivo, composto de mais de 60.000 «clichés», que são o documentário da vida nacional, desde os derradeiros anos do reinado de D. Carlos I até ao fim da Grande Guerra — o que marca todo um período dos mais agitados e dos mais interessantes da nossa história.

O enunciado que atrás fizemos deixa já antever o que será êsse *Arquivo* portentoso e magnífico mas mais, muito mais ainda há a acrescentar e alguns assuntos enunciaremos já, para, exemplificando, melhor demonstrarmos o que será essa obra magnífica e única, em óptimo papel no formato dêste *número especime*, com magníficas gravuras e excelentes tricromias.

Assim, entre os assuntos a publicar no *Arquivo*

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

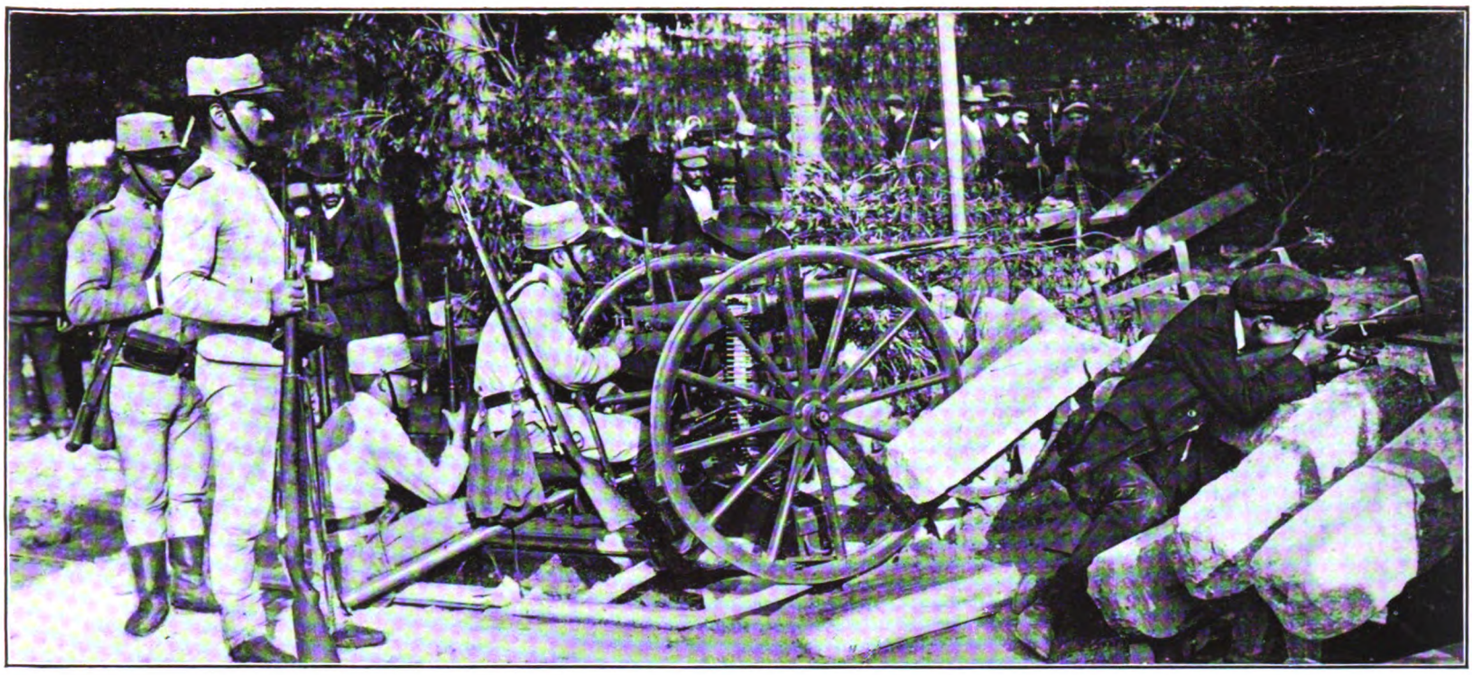
Visita Régia a Madrid

(Março 1906)

SS. MM. El-Rei D. Carlos I e D. Affonso XIII assistindo à missa campal no Passeio da Castellana.

Digitized by Google

Digitized by Google



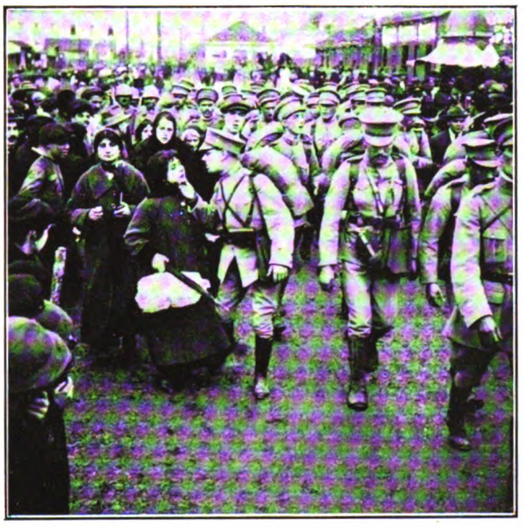
A revolução de 5 de Outubro

Um aspecto da luta da Rotunda, durante a revolução de 5 de Outubro de 1910, que implantou em Portugal o regime republicano.

Vinha de longe a propaganda da República, que já Saldanha quisera proclamar. A Ditadura de João Franco mais ainda exacerbara os ânimos e lançara republicanos e monárquicos descontentes na luta contra o trono tantas vezes secular. Mais do que as revoltas e que a oratória dos comícios, conduziu à proclamação da República os erros dos monárquicos.

De todos êstes factos, que conduziram à vitória final da Rotunda, publicará o Arquivo Gráfico *larga documentação — alguma dela inédita.*

Gráfico, teremos também, entre muitos outros, a expulsão dos jesuítas após a revolução de 5 de Outubro, as trágicas festas do Centenário Camoneano, a aclamação de Sidónio Pais, a sagração de D. António Mendes Belo, os vários aspectos da morte e funerais de Miguel Bombarda e Cândido dos Reis, as viagens régias a Braga, Aveiro, Porto e Coimbra, a revolta do cruzador «D. Carlos» durante o govêrno de João Franco, as agitadas fases da propaganda republicana, o «movimento das espadas», a reünião clandestina do Congresso da República no Palácio da Mitra, o embarque dos soldados de Portugal que foram ocupar o seu posto de honra em África e na Flandes, as visitas de Sidónio Pais a vários pontos do País, a «Semana Trágica» de 1908, o caso célebre das «Chinas dos bichos dos olhos», as vindas ao Tejo das esquadras das mais diversas nações, e as visitas a Portugal de Eduardo VII, do Kaiser, do rei de Espanha, do Presidente Loubet, da Raínha Alexandra, do Rei do Sião e de outras personalidades, os incêndios da Madalena e as grandes manifestações de arte, de elegância e de desporto, tauromaquia e vida escolar, as cerimónias religiosas, durante a época referida, etc., etc..



PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

Toda a preparação e trabalho intenso dos soldados portugueses e sua partida para os campos de batalha serão dadas no *Arquivo Gráfico* por interessantes fotografias.

É impossível, nesta pálida ideia que queremos dar do que será essa obra monumental e extraordinária, e que ninguém mais pode repetir, enumerar, seguir, todos os temas, todos os títulos ou todos os assuntos focados pela objectiva sempre desperta e atenta de Benoliel e que, reproduzidas em excelentes gravuras, impressas em magnífico papel, constituindo um *Arquivo* de atraente aspecto gráfico, fica sem dúvida o melhor e o mais precioso repositório gráfico da época que pretende focar e o único existente em Portugal, mesmo em referência a outra qualquer época.

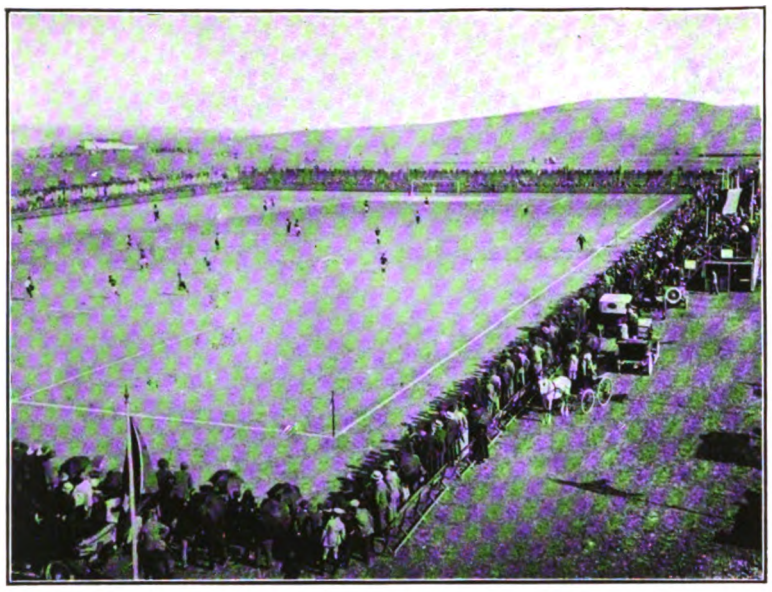
Por isso o *Arquivo Gráfico* está destinado a um êxito certo e, como é fácil de prever, o bom acolhimento que o público lhe vai dar, o que mais valiosa ainda tornará a obra, pois que ela terá que ser catalogada entre os livros raros cujo valor aumenta sempre na proporção da procura, visto que se publicará esta única edição.

Assim o *Arquivo Gráfico* será uma obra valiosa dentro em pouco de iniqualável valor histórico e de flagrante utilidade.

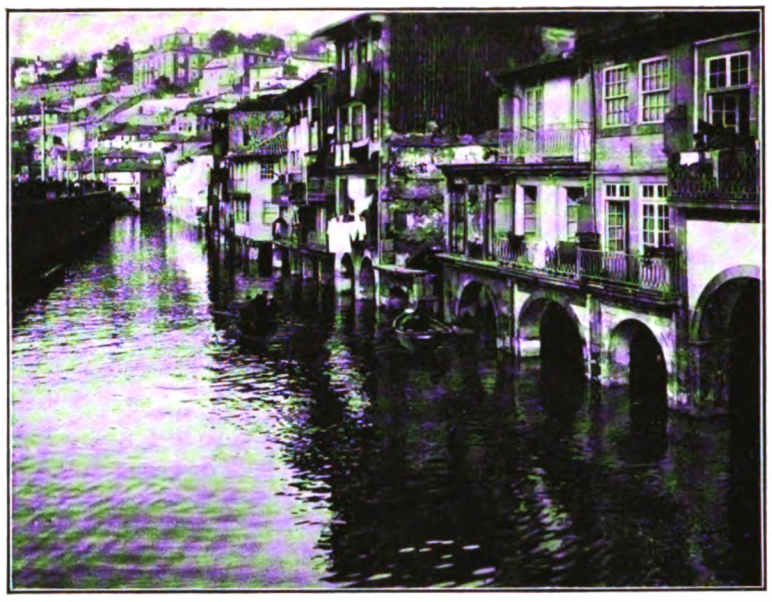
Muitas individualidades hoje em foco pelas suas atitudes na vida política ou em destaque na vida social do País foram colhidas pela objectiva sempre vigilante de Benoliel, e se o *Arquivo Gráfico* se interessasse pela política, faria o confronto entre as atitudes de então e as de hoje.

Mas o *Arquivo Gráfico* não é uma publicação política, e esta só lhe interessa como assunto de óptimos «clichés» que publica, alguns deles inéditos e bastante curiosos, podendo hoje considerar-se esta publicação o melhor, o mais completo e mais fiel documentário da

Digitized by Google



Um aspecto do desafio de Foot-Ball Benfica-Sporting, no dia da inauguração do campo da Amadora (1916).



Um aspecto de Mira-Gaia, (Porto), quando das grandes cheias do rio Douro em 1909.

vida política e também social do período que foca.

Outro facto que aumenta o valor desta publicação é a circunstância de não serem feitas novas edições, estando esta, em vista do seu êxito de antemão assegurado, destinada a esgotar-se ràpidamente, tanto que a tiragem será condicionada ao número de assinaturas, o que tudo dará a certeza de que esta obra, dentro em pouco, será catalogada com a classificação de rara.

É, pois, o *Arquivo Gráfico* uma obra valiosa, de inestimável oportunidade e de flagrante utilidade, que será no futuro consultada por quantos se interessam pelos assuntos históricos na época compreendida entre os anos a que se referirá esta que, nunca é de mais repeti-lo, não poderá ser igualada por nenhuma outra, nem em referência a esta ou a qualquer outra época. Por isso o *Arquivo* ficará bem em todas as estantes e terá um lugar reservado no gabinete de todos os estudiosos.

E justifica-se que assim seja, pois não é possível que qualquer pessoa que não tenha as condições de Benoliel, reüna um tão grande e completo arquivo, que só êle, com a sua orientada carreira de «reporter» fotográfico, podia reünir.

Passou o Benoliel — era Benoliel *tout-court* que o conheciam os seus amigos, os seus colegas e os seus admiradores — grande parte da sua vida trabalhando como «reporter» fotográfico, deixando no *Século* e na *Ilustração Portuguesa* páginas que não foram ultrapassadas de ineditismo e de sensação, demonstrando a convivência com reis, altos dignatários, pessoas do maior destaque e de toda a categoria daquele a quem Afonso XIII chamara o seu grande amigo e que os reis de Portugal distinguiram sempre com o seu melhor cumprimento. Porque assim era, Benoliel pôde conseguir a formidável colecção de «clichés» que agora serão coligidos e publicados em volume, constituindo uma das mais oportunas obras dos últimos momentos.

Justo se torna, pois, salientar o valor de tão importante trabalho, obra extraordinária e monumental, o maior documentário da vida política e social dos tempos modernos, que não se pode igualar a nenhuma outra escrita em português.

As procissões dos Passos, a da Saúde e a do Triunfo. São recordações saüdosas, gritantes de côr, de bizarria e de ineditismo. Nesses dias toda a Lisboa vinha para a rua, despovoavam-se os bairros excêntricos, refloriam-se os balcões de damas gentis para ver passar a procissão com a sua pompa e o seu ritual únicos. Lá vem, lá vem a procissão!... Às varas os altos dignitários da Côrte, nomes do «carnet mondain», freqüentemente citados nos jornais; depois os seus anjinhos com ricas arrecadas; de opa nomes conhecidos na aristocracia, na magistratura, e na política; à frente, de cruz alçada, anafados clérigos, e por vezes, incorporados no cortejo, os Reis ou seus filhos. Fechando o préstito a tropa com suas bandas, tocando marchas marciais, e nas ruas e nas janelas o povo simples e ingénuo que não perde a ocasião de presenciar um belo, um bom espectáculo .

Digitized by Google

Greve Geral

(31 de Janeiro de 1912)

Um carro eléctrico, pejado de grevistas, atravessa, escoltado pela tropa vigilante, a antiga rua de S. Joaquim de Alcântara, (hoje do Calvário).

Durante o período da propaganda republicana, foram aos operários feitas as mais rasgadas promessas, dando-lhes quási a certeza de que após o advento do novo regime entrariam numa época de justiça social, de eqüidade, de verdade e de fraternidade. Foi bem triste a realidade, que em nada correspondeu às esperanças dos «leaders» operários, o que deu em resultado explodirem aqui e além, algumas vezes com freqüência, conflitos entre o capital e o trabalho, entre os operários e a fôrça armada, alguns dos quais se resolviam de forma bastante sangrenta. De todos êstes factos dará também o Arquivo Gráfico *magnífica documentação.*

Digitized by Google
Arquivo Gráfico

Eleição do Dr. Manuel de Arriaga para a Presidência da República

No dia 14 de Agosto de 1911, o Parlamento da República elegeu o sr. dr. Manuel de Arriaga seu primeiro Presidente. A gravura que acima publicamos mostra o Chefe do Estado recebendo as aclamações populares.

Como esta, o *Arquivo Gráfico* publicará interessantes gravuras que documentarão a vida agitada dos primeiros anos da República, com interessantes flagrantes dos movimentos políticos, das greves, revoluções, etc..

O "Movimento das Espadas„

Não foi fácil a vida do regime nos seus primeiros anos. As lutas entre os dirigentes republicanos causaram grandes embaraços à marcha normal das novas instituïções. Um aspecto, e decerto dos mais curiosos dessa luta, foi o «movimento das espadas), em que bastantes oficiais, descontentes, entregaram ostensivamente as suas espadas, nascendo então a ditadura de Pimenta de Castro.

A todos êstes factos terá êste *Arquivo* ocasião de largamente se referir, publicando as mais interessantes fotografias.

Digitized by Google

A proclamação de Sidónio Pais

No dia 10 de Maio de 1918, o sr. dr. Sidónio Pais, após o triunfo da revolução de 5 de Dezembro, foi eleito Chefe do Estado, por sufrágio directo. A gravura acima mostra o momento emocionante em que o novo Chefe do Estado, à varanda do Município de Lisboa, recebe as aclamações da população entusiasmada.

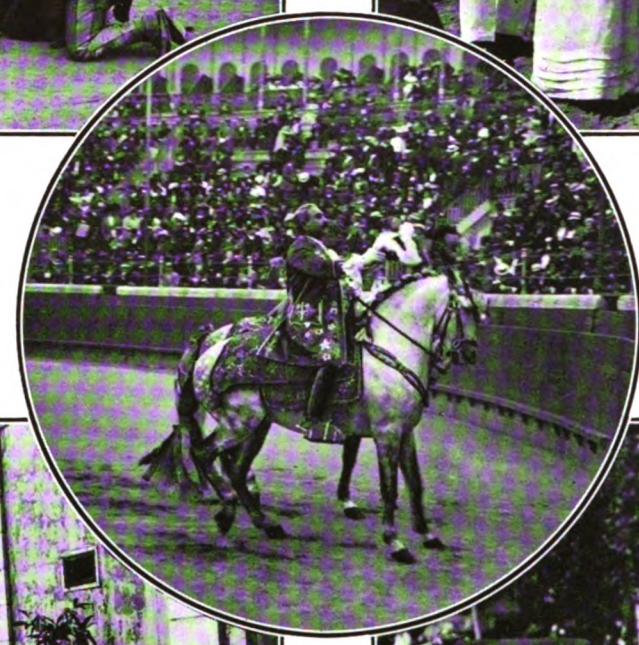
O período político que na História ficou conhecido pelo nome de *sidonismo* terá no *Arquivo Gráfico* o seu melhor documentário, até à data do Armistício, em que a população inteira vitoriou o esfôrço dos soldados de Portugal, que, em terras de França, combateram pela causa dos aliados.

Digitized by Google

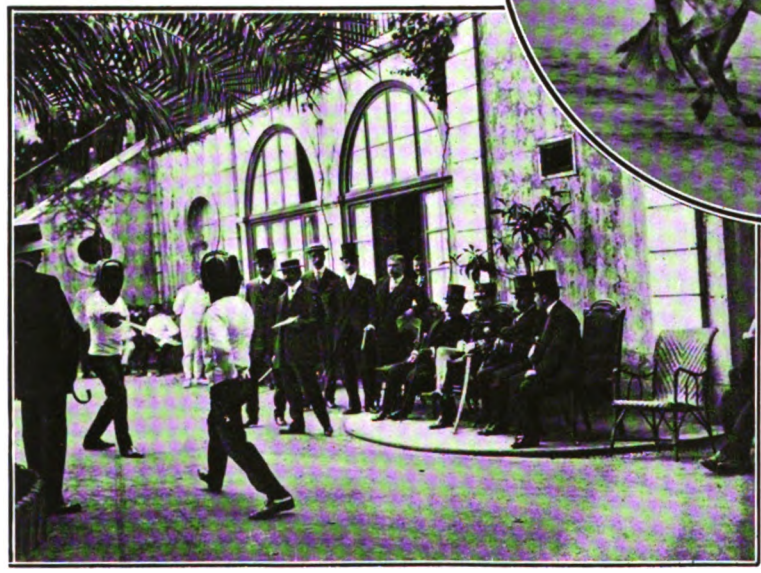
"ARQUIVO GRÁFICO"

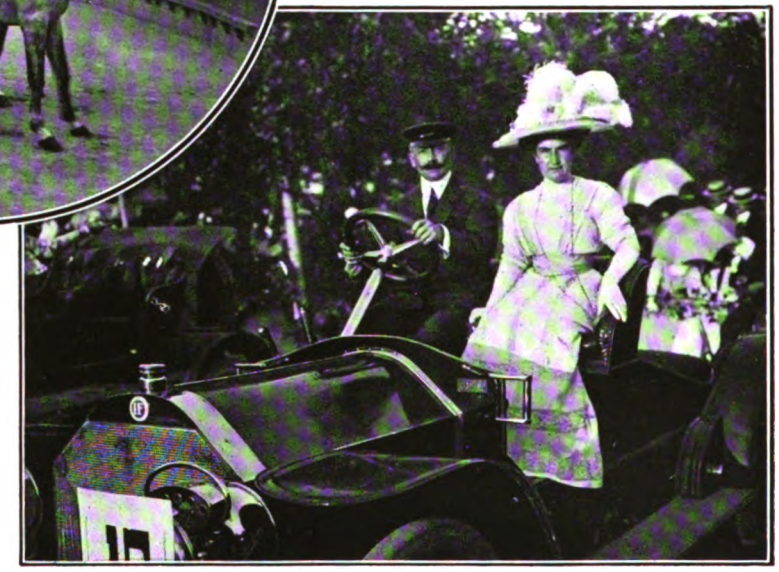
FOCARÁ TODOS OS ASPECTOS DA VIDA PORTUGUESA

de 1903



a 1918





Além de ser, como atrás referimos, o melhor documentário da nossa vida política durante a agitada época de 1903 a 1918, o *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* insere também larga e curiosa documentação de todos os aspectos da vida social portuguesa.

Os grandes desafios de «foot-ball» e outras manifestações da actividade desportiva nacional, as festas do Paço e da sociedade, os congressos científicos e internacionais realizados em Portugal naquela época, as solenidades religiosas, cheias de aparato, as corridas de touros, tanto do agrado dos portugueses, as grandes regatas internacionais, os grandes crimes, o nascimento do automóvel em Portugal, a visita de várias personalidades a Portugal, aspectos da vida económica e da vida militar, as grandes catástrofes, numa palavra, toda a vida da Nação, na referida época, têm no *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* a melhor e a mais fiel documentação.

Tem também o *Arquivo Gráfico* aspectos pitorescos da nossa vida. Algumas páginas serão dedicadas a homens que se tornaram célebres nas artes, nas ciências e nas letras, a magistrados, etc., havendo ainda outras dedicadas a tipos de rua.

As castiças varinas, os vendedores ambulantes, os tipos da rua e os tipos característicos das várias regiões, os cortejos e os comícios, os mais diversos, os bandos precatórios, a tudo se referirá, com reproduções de óptimas gravuras, bastantes delas originais, o *Arquivo Gráfico*, que assim se torna útil e necessário a todos — aos velhos, que recordam o passado e o revivem, e aos novos, que terão na sua estante um livro vivo da vida nacional, onde muito podem estudar e aprender.

Digitized by Google

ARQUIVO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA

História da vida nacional em todos os seus aspectos, de 1903 a 1918, realizada pela colecção fotográfica de

JOSHUA BENOLIEL

com um prefácio do historiador

ROCHA MARTINS

com legendas de:

FERNANDO DE SOUSA, GENERAL DOMINGUES DE OLIVEIRA, BENTO CARQUEJA, ROCHA MARTINS, CRISTIANO DE CARVALHO, MATOS SEQUEIRA, NORBERTO DE ARAÚJO, DR. JOAQUIM MANSO, DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO, ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO, DR. RAMADA CURTO, DR. MÁRIO MONTEIRO, ROGÉRIO PERES, VASCONCELOS E SÁ, DR. JORGE DE FARIA, AUGUSTO PINTO, NOBRE MARTINS, GOMES MONTEIRO, P.e MIGUEL DE OLIVEIRA, DR. SALAZAR CARREIRA, ADELINO MENDES, CARLOS RATES, MANUEL JOAQUIM DE SOUSA, ALFREDO MARQUES, COSTA JÚNIOR, RIBEIRO DOS REIS, E DE OUTROS DISTINTOS JORNALISTAS.

O elogio de Benoliel, como «reporter» fotográfico, o primeiro do País e um dos primeiros da Península, está feito de há muito. O arquivo por êle deixado é o melhor e o mais fiel documentário da nossa vida política, social, mundana, desportiva, teatral, etc., e a sua publicação em volume será um resumo histórico-fotográfico, largamente documentado, dos últimos anos do reinado de D. Carlos, de todo o reinado de D. Manuel II e dos primeiros anos da República.

São os grandes factos dessa época revelados e postos a claro ante os mais flagrantes instantâneos, tirados, dia a dia, pelo jornalista que falava com os reis, convivia com os políticos, acompanhava os régios visitantes e outras notabilidades que vinham ao País.

Adquirir o *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa*, que recomendamos aos leitores, é possuir o repositório, o arquivo mais completo dos últimos anos da Monarquia e dos primeiros da República.

O *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa* é uma luxuosa impressão em papel especial, no formato dêste espécime, ilustrado com magníficas tricromias, «hors-textes», e milhares de gravuras, algumas inéditas, retratos das personagens marcantes, etc.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

MUITO IMPORTANTE: — *A tiragem desta obra é limitada exclusivamente ao número dos seus assinantes, isto é, não será posta à venda avulso.*

Quem não obtiver o livro *Arquivo Gráfico da Vida Portuguesa 1903-1918*, por assinatura, nunca poderá conseguí-lo de outra maneira, porque desta obra não se farão reimpressões.

FORMAS DE PAGAMENTO:

Por um ano, (12 tomos), 120$00 réis adiantadamente ficando com direito a requisitar, em devido tempo e contra apresentação do recibo, a capa de luxo destinada à encadernação desta grandiosa obra.

Em prestações de 60$000 réis (6 tomos), pagos adiantadamente, com direito a uma capa vulgar e nas mesmas condições.

A tomos — O assinante receberá no seu domicílio, cada mês, um tomo da obra, que terá de pagar ao correio que lho apresentar pelo seu custo, *10$000 réis, acrescidos de 500 réis* ($50), para despesas de cobrança.

NOTA — Os tomos que não forem liquidados logo à primeira apresentação terão de pagar mais 500 réis ($50) por cada vez que forem novamente enviados.

Quando não sejam liquidados à terceira vez, o assinante perde o direito a receber os tomos seguintes.

PARA AS COLÓNIAS

Só se aceitam assinaturas pela totalidade com *pagamento adiantado, acrescido de 22$080 réis* para portes de correio.

PARA O BRASIL E ESTRANGEIRO

Aceitam-se assinaturas pela totalidade com *pagamento adiantado, acrescido de 43$200 réis* para portes de correio.

Dirigir todos os pedidos ao

ARQUIVO GRÁFICO

T. Condessa do Rio, 27 — LISBOA

Digitized by Google

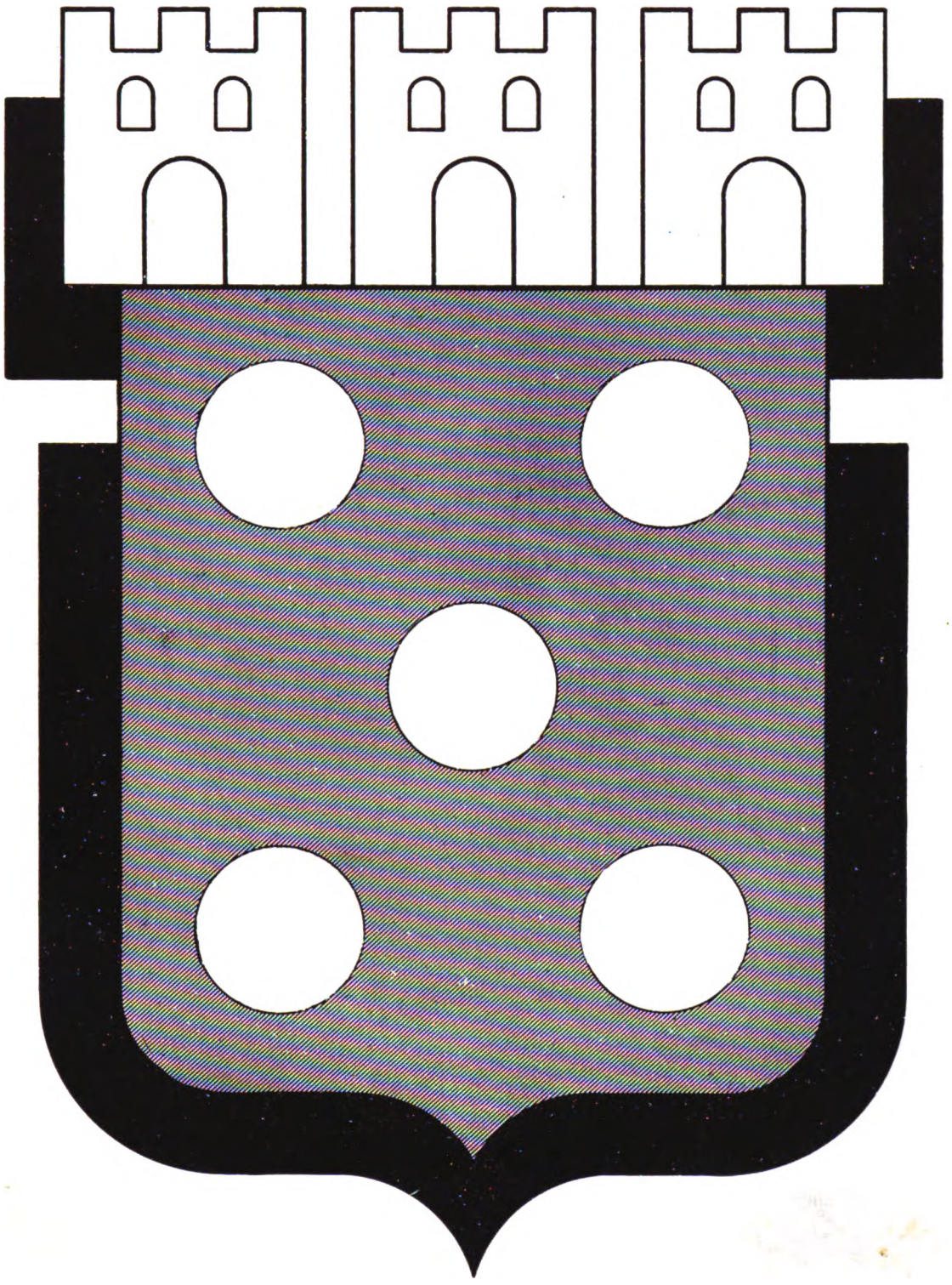
Digitized by Google

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRAFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



Digitized by Google

Digitized by Google

PREFACIO

OS GRANDES OBJECTIVOS DUMA OBJECTIVA CELEBRE

HÁ, exactamente trinta anos, deu-se em Portugal a possibilidade de existência da primeira revista gráfica em condições, de modernas oficinas com suas máquinas, organização e pessoal. Coube-me em sorte, com a minha mocidade, já desde as escolas afeita simplesmente ao trabalho intelectual, nas gazetas, para me manter, o dirigir aquela publicação. Era preciso tratar diàriamente, com Silva Graça, proprietário de *O Século*, cuja fama de irrascibilidade e de atormentador corria pelas redacções como a de um ogre metido no seu fojo a devorar cérebros frescos. Espremia-os, explorava-lhes as circumvalações a ver se por lá ficava algum bocadito aproveitável e, depois de os sorver, desfazia-se do invólucro. Assim me pintavam o grande manejador da opinião pública, o árbitro, por vezes, da política, aquele que animava o denominado «colosso da Rua Formosa», enfim, o homem temível com o qual era impossível lidar todos os dias.

Não o conhecia. Encontrei-me diante de um indivíduo magro, de barba alourada e em bico, de olhos entre verdes e azues tão vivos, tão cintilantes, que lembram uma enxertia incrível de esmeralda e safira farolando, penetrando-nos, revolvendo-nos. Agitava-se; os nervos moviam aquele corpo que a-pesar da idade a gordura não invadira; sorria, esgarçando a bôca, aquela que devorava — segundo a lenda, os miolos dos moços jornalistas — e impunha-se pela celebridade e pela presença. Conversámos; encarregou-me de tentar a *Ilustração Portuguesa*, a de grande formato para a qual me dava elementos impossíveis, ao que vi depois, de poderem pintar a vida nacional nas suas expressões vivas. Eram estrangeiros — Calderé, catalão, muito artista mas sem focar as personagens em semelhanças; Voigt, francês, um calmo desenhador de «atelier»; Bonefoux, um boémio, barbaçudo e desageitado que tanto podia ser um monge, pelo aspecto da sua fisionomia, como um porta-machado. Desenhava sempre figurinos da *Belle Jardinière*.

Carecia-se de fotografia animada, flagrante, que interessasse. A *Ilustração* assim não caminharia.

Digitized by Google

Durante três anos lutámos. E o homem de cuja fama de excitado, de berrador, de semi-louco, de gulotão de miolos de gente nova, jàmais me atirou um berro, nunca me chamou um nome desagradável, jàmais dei porque tentasse explorar-me e saí de *O Século*, ao cabo de oito anos de estadio ali, segundo parece com os miolos íntegros, a reputação definida, tendo ganho muito na convivência de Silva Graça, que era um mestre de jornalismo moderno. Adivinhava; parecia um augure; ninguém como êle para conduzir uma questão; nenhuma sensibilidade vibrando como a sua e, mais por instinto do que por estudo, o talento é isto, o director de *O Século* vencia sempre, não recuava nunca. Nervosamente vivia; quem não tinha qualidades para entender, ràpidamente, a sua forma de sentir, fatalmente lhe desagradava mas daí a chupar-lhe os miolos ia um abismo porque, neste caso, morreria em jejum.

Criara-se-lhe aquele ambiente como sucede em relação aos que se dirigem ao Brasil seguros de encontrar, sem esfôrço, uma fortuna para a gozarem, depois, sossegadamente na sua terra. Sem trabalho coisa alguma se consegue e os mandriões, os inadaptáveis, os aventureiros sem grandeza, ao regressarem só têm voz para desacreditar as terras de Santa Cruz: as devoradoras. Por cada um dêstes, há outros que vencem e nem por isso mentem ao lembrarem o meio que lhes foi favorável.

Com Silva Graça sucedia o mesmo. Era um chefe. Sob o seu aspecto agitado, as suas, por vezes, convulsas turbações, antes do que se julgava desapêgo, egoísmo, maldade existia um grande desejo de fazer bem e uma alma cheia de afecto. Viu-o de lágrimas nos olhos diante dum jornalista tísico, que jàmais o servira, e até o combatera no *Mundo;* assisti à sua ordem ao velho Cardoso, tesoureiro de *O Século*, para lhe dar uma quantia de certa importância, e presenceei outros lances da existência daquele homem incompreendido pelos seus concidadãos em demasia invejosos para lhe perdoarem os triunfos.

Foi, pois, êle o criador do primeiro semanário ilustrado pelos processos modernos, em Portugal, depois de ter realizado a obra monumental de *O Século*.

*
* *

Foi preciso mudar o formato à *Ilustração Portuguesa*. Chamou-se Carlos Malheiro Dias, nesse tempo nupciado de fresco com a glória advinda, dos seus belos livros, *O Filho das Hervas, Teles de Albergaria* e *Paixão de Maria do Céu*, para dirigir a revista na sua

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

nova fase. Juntou-se-lhe Francisco Teixeira para a direcção artística, Armando da Silva, grande temperamento de jornalista, foi para a redacção com José Sarmento, uma sensibilidade de artista ao serviço da literatura tão difícil no jornalismo. Eu fiquei como principal colaborador, sem obrigações, além da entrega do número de artigos combinados. Acabei por fazer muito mais e Silva Graça, apreciando a minha conduta, abraçava-me, sempre com amizade.

Surgiu, então, o elemento gerador do triunfo deveras notável, obtido pela segunda série da *Ilustração Portuguesa*. Era um israelita, magro, cheio de viveza, de colarinhos muito altos a esconderem-lhe o pescoço, que o tinha esgrouviado, nesse tempo; vestia bem. Falava inglês, francês e espanhol; aparecia, ali, com um ar de quem não vinha por necessidade, tendo outras fréchas no seu arco. Começara a fazer fotografia como amador. Dera-se-lhe com paixão. Carecia-se do que entre nós não existia, ainda: o *repórter-gráfico*, o artista da objectiva capaz de tôdas as temeridades, de tôdas as audácias, de todos os movimentos hábeis e de não aparecer, depois de tudo isto, com as chapas estragadas.

A vida portuguesa ia entrar num dos seus mais convulsos períodos. Chegara, também, o seu imprescindível documentador. Era aquele israelita, cheio de vivacidade, inteligente e sabedor do seu ofício e das manhas a usar para o tornar eficaz. Chamava-se Joshua Benoliel; foi meu companheiro durante seis anos porque, ao cabo de algum tempo da direcção nova, Malheiro Dias viajava ou reservava-se para os grandes artigos como só êle os sabia traçar. Armando da Silva, adoecera; José Sarmento demitira-se. Eu fiquei e nunca tive melhor tempo dentro dos jornais. Oxalá êle pudesse voltar. Joshua Benoliel sabia tudo quanto se ia passar, desde os acontecimentos da política aos dos bastidores teatrais; averiguava as horas mais próprias para os focar e lá estava, infalível como o próprio destino, sorrindo e vencendo. Assestava a máquina: sentia o homem do dia ou o assunto seu prisioneiro e mal os possuía largava de corrida, no «eléctrico» ou no automóvel, levado pelo desejo enorme, dominador insaciável e incontível de «vêr o que tinha dado». Metido na câmara escura, com o ajudante, em mangas de camisa, os olhos ardentes de curiosidade, êle nem sempre ficava satisfeito. Como todos os artistas e os homens que amam a sua profissão até ao extremo, era um descontente.

*
* *

Lisboa celebrou-o como a uma das figuras ilustres. El-Rei

Digitized by Google

D. Carlos conhecera-o nas inúmeras vezes em que o fotografara e falára-lhe, dera-lhe a mão mais como artista de que na sua qualidade de soberano, facilitava-lhe as tarefas, apadrinhava-lhe as tentativas e, seguindo o exemplo do monarca, a alta roda acolhia o fotógrafo com familiaridade, convidava-o para os salões, para as festas aristocráticas, para tudo quanto lhe rendesse em publicidade tão afagadora das vaidades.

Benoliel possuia trajos para tôdas as modalidades do seu ofício; vestia a casaca como um gentilhomem e envergava uns safões como um desbastador de mato; sabia fazer o nó de um laço de cerimónia e ao mesmo tempo, dispensar a gravata. De «Kodak» em punho transformava-se. Adorando os filhos — êsses rapazes e a menina, que nunca encontro sem a ternura devida à saüdade dos meus moços anos, e quando êles eram criancinhas — parecia olvidá-los ante a necessidade de cumprir o seu dever.

É que Joshua Benoliel não era apenas um repórter fotográfico de salões e de realezas, de paradas ou de quermesses, contactava com o povo e, por vezes, em difíceis ocasiões. A sua fama de favorecido pela amizade do soberano prejudicava-o junto das classes populares, então delirantes antes do advento da República; isso, porém, incomodava-o pouco. Sabia cativar as multidões dos comícios, detendo-as, gritando-lhes:

— É para *O Século!*

Conheciam-no, aclamavam-no, ao verem-no trepado num candieiro ou no tablado dos oradores a apontar-lhes a máquina consagradora. No dia seguinte iam todos ver «se vinham no *Século*».

Diante da procissão da Senhora da Saúde, à qual assistia sempre o Infante D. Afonso, na sua qualidade de artelheiro, o israelita, vendo um trecho do cortejo religioso, que lhe serviria como poucos para uma capa da *Ilustração*, ordenou como se fôsse uma autoridade eclesiástica mas trovejando como um oficial da polícia:

— Parem lá!

Detiveram-se à sua voz; e êle, descoberto ante a imagem inadmissível na sua religião — que cumpria em todo o ritual — tirou o *cliché* e comandou de novo:

— Póde seguir!

Era sempre assim. Durante as desordens, às vezes sangrentas, do período franquista, êle aparecia; metendo-se por todos os lados, apanhava o acontecimento em tôda a sua pujança e corria «a vêr o que dava». Dêste modo êle conseguiu focar e, com objectiva de mestre, tôda a História Contemporânea a qual não é possível ilustrar sem se recorrer à sua obra nascida da fé, do saber, da audácia, do

Digitized by Google

JOSHUA BENOLIEL

Digitized by Google

amor à profissão e do talento captador que desenvolvia como um autêntico hebreu eivado de espírito da sua grei.

*
* *

Os dramas pungentes desta terra portuguesa desde as lutas das ruas à morte de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real, até aos destroços produzidos pela explosão das bombas; as páginas vivas da revolução republicana, a que ambos assistimos, sob o tiroteio da Rotunda e dos navios, as fases aflitivas da realeza em seus transes, representavam o epílogo das suas viagens ao estrangeiro, no séquito dos soberanos, quando tudo era pompa à sua volta, em vez de sangue e luto. Correra Portugal de lés a lés, obtendo trechos da sua païsagem e dos seus castelos, festas, arraiais, bailados, a alegria ebrifestiva das romarias como em quadrinhos de boa arte, e logo, no seu fadário de actor que hoje incarna um príncipe, àmanhã um mendigo, êle foi obrigado, após a proclamação da República, a seguir os exércitos que marchavam contra as guerrilhas de Couceiro. Jàmais um homem de jornal teve tão difícil tarefa. A sua reputação de amigo dos reis — que nunca negou nem mesmo nos mais amargos momentos, marcando carácter — aparecia aos olhos da oficialidade adesiva como um crime que os autênticos republicanos não viam. Trilhou àsperos caminhos, sentiu-se em terríveis situações, lidou como um bravo pela sua arte e pela sua profissão e, ao regressar dos conflitos, eram curiosas de ouvir as suas observações de análise perfeita, viva, completa, como se as focasse tendo uma objectiva no cérebro.

Quando foi do 14 de Maio, revolto o bairro de Alcântara numa fúria indómita, atreveu-se até lá. Apontaram-se contra êle as espingardas, cujos possuïdores se lembravam de o ver sempre nas festas da realeza. Intemeratamente, êle, que talvez não fôsse homem para uma pugna normal, gritou:

— Venho ganhar o meu pão! Isso que estão fazendo não é justo...

Queriam obrigá-lo a partir os *clichés* para que se o movimento se perdesse não pudessem ser reconhecidos mas salvou-se e a reportagem da revolução fê-la como as outras. Depois dêstes transes, se fôsse preciso, vestia a casaca e ia fotografar uma reünião na embaixada de Inglaterra.

Nunca houvera, em Portugal, um repórter fotográfico digno dêsse nome. Foi o chefe, o animador, o rei da sua arte na junção do jornalismo. Deixou discípulos, imitadores, é certo, mas nenhum,

Digitized by Google

embora alguns possuam um grande valor, até hoje o excedeu. Tinha como lema o seguinte: Primeiro o seu jornal. Amava *O Século*, bemqueria-o, dedicava-se-lhe como a um lar onde encontrasse tôdas as satisfações do seu afecto e do seu orgulho. Arvorava uma divisa: «Mais vale um bom *cliché* de que um óptimo artigo!».

Depois de realizar o seu trabalho, de saber com quanto podia contar do acontecimento, não era avarento das provas. Deixava aos colegas, que falhavam, as de menos importância como um leão caçando numa floresta concede os restos aos outros animais de menor fôrça e destreza.

Ao atravessar as ruas, apontavam-no:

— Lá vai o Benoliel!

Ia, farejava, parecendo tratar de um assunto tinha em mira o caso do dia, o da sua reportagem. Dava-se-lhe; vivia dela e para ela. Jàmais foi necessário indicar-lhe um serviço. Êle é que os dirigia gerando o pasmo dos próprios redactores.

Sem a sua presença não havia acontecimento de tomo na vida lisboeta.

*
* *

Por isso de tudo existe na sua galeria, desde as festas às tragédias da realeza, até às lutas e aos júbilos populares, desde as touradas famosas às alegres romarias, desde as procissões cheias de pompa ao desfile dos cortejos cívicos, e, com êstes, os retratos flagrantes das personagens ilustres por um dia ou para sempre que a sua objetciva focou. Nem uma só falha, nem uma figura de qualquer meio tendo importância, ficou fora do seu álbum. Sabia conseguir o que os outros não obtinham. Era um singular repórter gráfico usando das traças, das habilidades necessárias para o seu triunfo.

João Chagas, panfletário e revolucionário ilustre, estava prêso no quartel dos Paulistas quando das mortes de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real. Ao ser-lhe dada de surpresa a ordem de soltura, o elegante homem de letras, saíra do cárcere e subindo a calçada do Combro encontrara a saüdá-lo apenas o Benoliel. Por acaso — sabe-se lá se foi acaso! — largara do *Século* e deparando com êle já distante do quartel, tais coisas lhe disse que o levou, a-pesar de tôda a ansiedade natural de ir vêr a família, a regressar até à porta do edifício fotografando-o como se de lá saisse naquele momento. Eis o homem de acção e de mérito que êle foi e porque tais qualidades possuía é hoje possível apresentar neste *Arquivo Gráfico*, que é filho da sua objectiva, quási vinte anos da vida portuguesa em tôdas as suas manifestações, e rememoriar em horas tão distantes as que

Digitized by Google

decorreram e já pertencentes à história que aqueles *clichés* focaram, e reproduziram para os vindouros. Silva Graça, como Vilmessant, o grande fundador do *Figaro*, imitava muito bem êste jornalista, a quem preguntavam:

— Como fazes o *Figaro?*

— Pensando sempre, sempre, nele!

Joshua Benoliel fêz do mesmo modo o seu caminho, e lidando sempre, sempre, legou esta obra, na qual a sua máquina, assestada pela sua inteligência, realizou o que, raramente, um artista póde conceber: embréchar com tragédia a farça, com o drama o vulgar decorrer da vida, enfim todos os *tudos e os nadas* que evocam e comentam a existência de um povo em determinado período da sua transformação.

Eis o que êle fêz; eis o que se vai vêr, eis o que aí fica nessas páginas que sendo de História já são saüdade.

ROCHA MARTINS

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

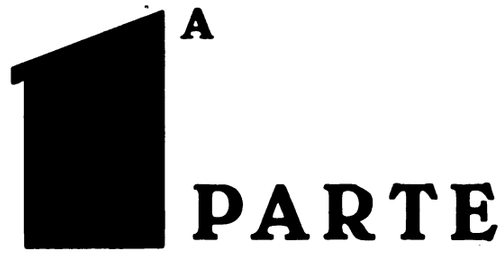
Inundações do Douro em 1909

Um aspecto da cheia na Ribeira

Digitized by Google

Digitized by Google

OS ULTIMOS ANOS DE UM REINADO



Digitized by Google

Digitized by Google

I CAPITULO

A VIAGEM DOS CHEFES DE ESTADO A PORTUGAL

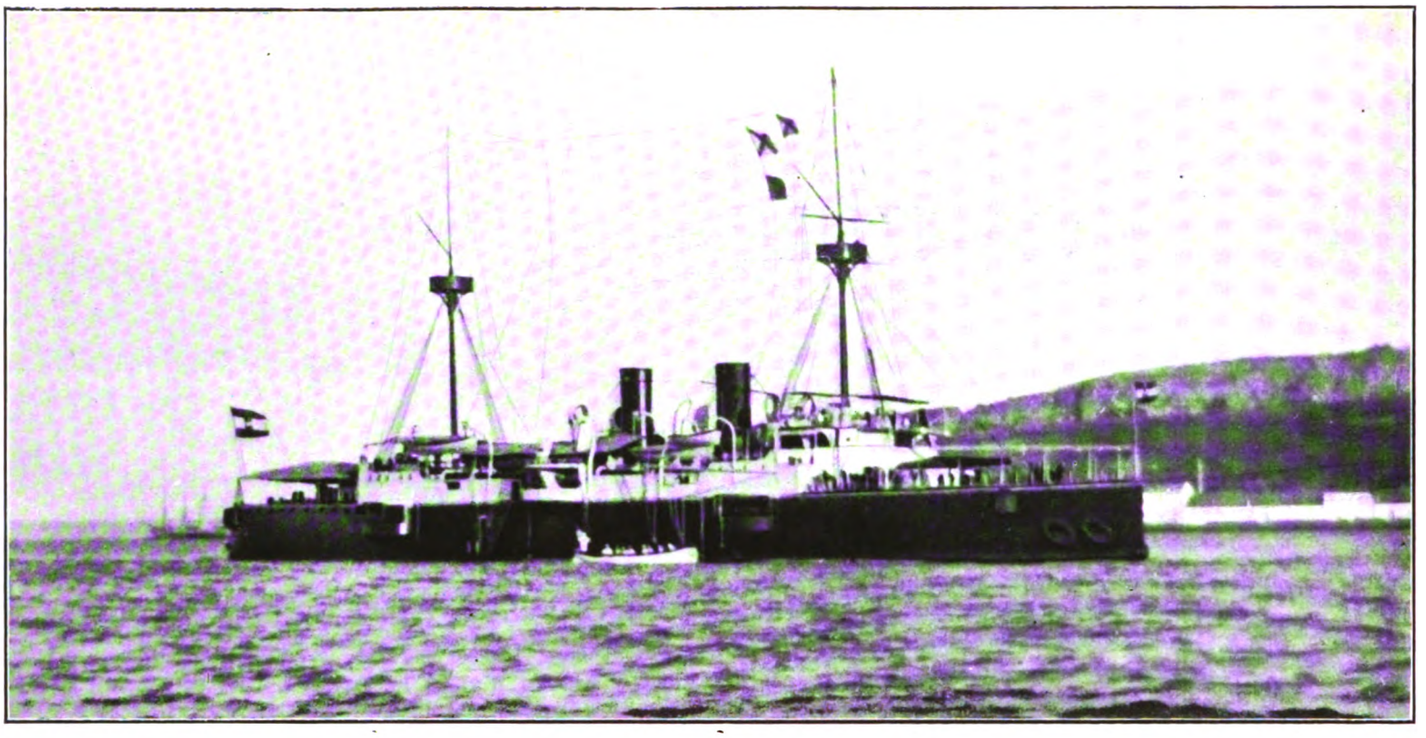
AFONSO XIII

No dia 9 de Dezembro de 1903 desembarcou na estação do Rossio, por entre fardas agaloadas e as continências do protocolo, Afonso XIII, Rei de Espanha, que vinha de visita à côrte de Portugal.

Foi dia de regosijo na capital, onde o soberano do país vizinho foi aclamadíssimo pela população, marcando a sua estadia entre nós por uma série de festas que ficaram assinaladas na vida da côrte e na vida mundana.

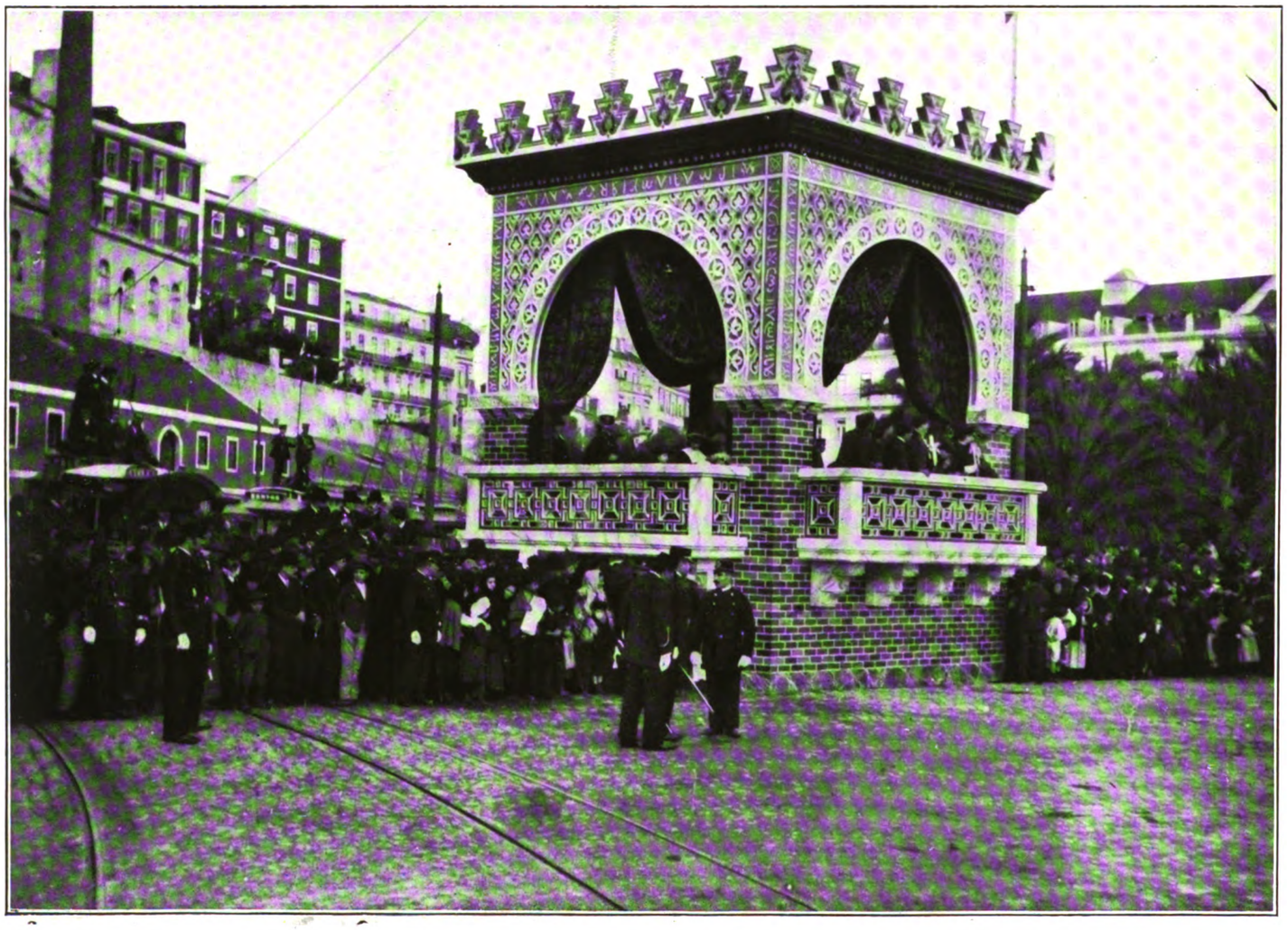
Hospedou-se o régio visitante no Palácio da Ajuda, das vestutas muralhas do Castelo de S. Jorge disfrutou o panorama da cidade, esteve no Museu de Artelharia, condecorou, a bordo do cruzador espanhol *Carlos V* o Presidente do Conselho, Hintze Ribeiro, realizou ainda outras visitas, e depois partiu para Vila Viçosa onde se realizou uma grande caçada em sua honra, saindo no dia 13 da vila brigantina para o seu país, — por entre as homenagens das individualidades da côrte e as aclamações populares.

Digitized by Google



Viagem de Afonso XIII a Lisboa

O cruzador *Carlos V*, da Armada Real Espanhola, que veio ao Tejo prestar as homenagens ao régio visitante, e a bordo do qual, por Afonso XIII, foi condecorado Hintze Ribeiro com a nobre Ordem do Tosão de Ouro.



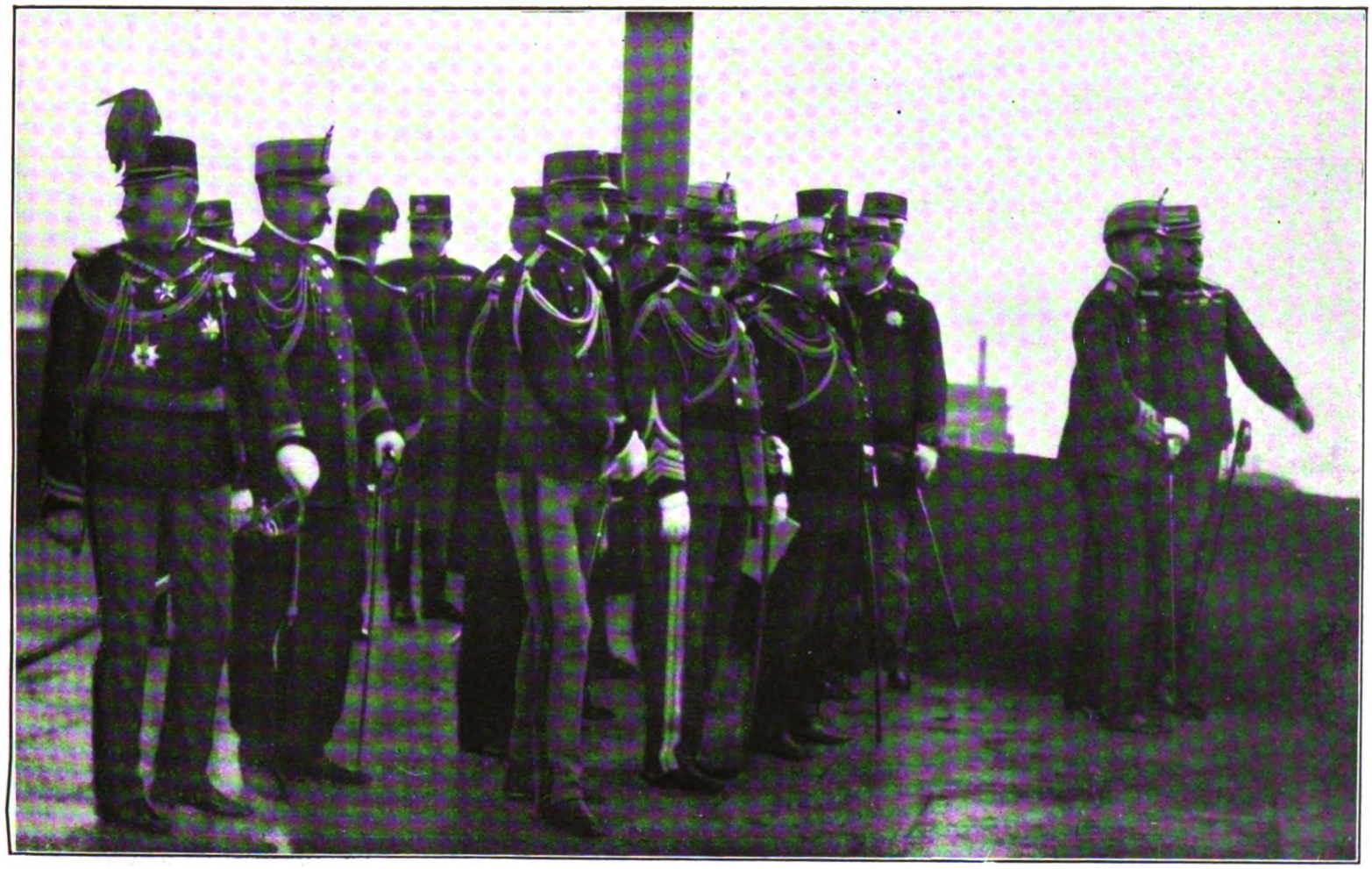
Chegada de Afonso XIII a Lisboa

O pavilhão armado no Jardim de Santos, de onde algumas altas individualidades assistiram à passagem do cortejo real.

Digitized by Google

Afonso XIII no Castelo de S. Jorge

Afonso XIII acompanhado por D. Carlos e a sua Casa Militar, passam revista à guarda de honra à sua chegada ao Castelo de S. Jorge.



Afonso XIII e D. Carlos, acompanhados pelas respectivas Casas Militares, admiram da explanada do Castelo de S. Jorge, o magnifico panorama da cidade.

Digitized by Google

A caminho de Vila Viçosa

Aguardando o vapor que os conduzirá ao Barreiro, a caminho de Vila Viçosa, Afonso XIII de Espanha troca breves impressões com D. Carlos I de Portugal. Entre outras individualidades destacam-se os srs. Wenceslau de Lima, D. Fernando de Serpa, etc.

Na estação do Barreiro, Afonso XIII conduz a Rainha D. Amélia de Portugal ao combóio que levará a Vila Viçosa os régios personagens.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Arquivo Grafico

D. Carlos e D. Amélia com os convidados à caçada que se realizou na Tapada de Vila-Viçosa em honra de D. Afonso XIII.

Afonso XIII em Vila Viçosa

Digitized by Google

Digitized by Google

Caçada régia

Durante a caçada de Vila Viçosa, D. Carlos I troca impressões com Afonso XIII e o Principe D. Luiz Filipe.

Digitized by Google

Afonso XIII em Vila Viçosa

Após a movimentada e produtiva caçada de Vila Viçosa, Afonso XIII junto de algumas das peças abatidas

No regresso a Espanha

À entrada do Palácio de Vila Viçosa, no dia 13 de Dezembro de 1903, no momento em que Afonso XIII ia deixar o país. D. Carlos, entre portas despede-se do ilustre visitante, vendo-se na carruagem o régio visitante e o Conde Sabugosa.

Digitized by Google

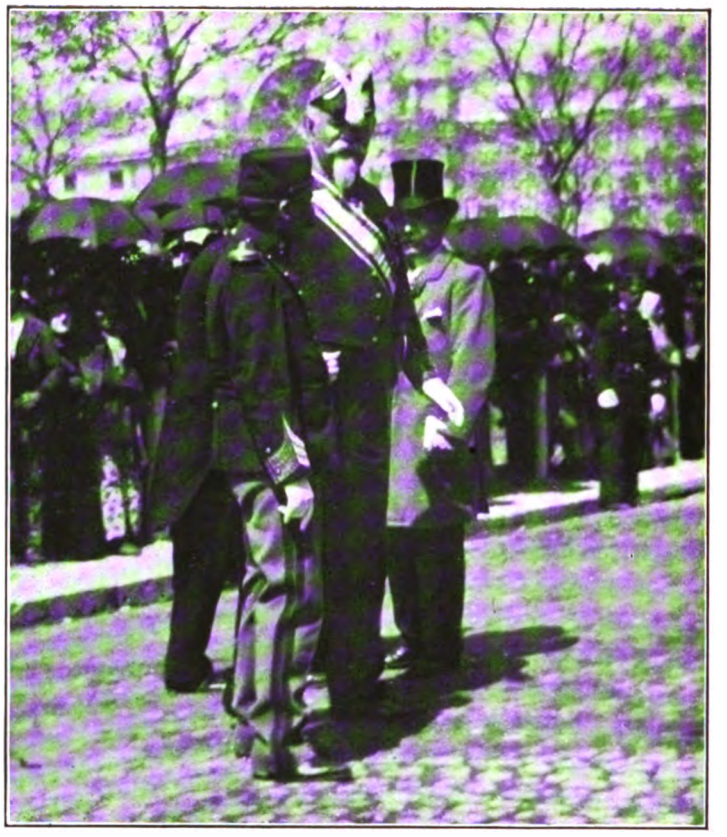
EDUARDO VII

A visita de Eduardo VII a Portugal, em Abril de 1903, marca um dos mais brilhantes períodos da história portuguesa. Recebido festivamente pela população e pela «elite» do país, a visita do soberano inglês ao nosso país foi a primeira duma série de visitas de chefes de Estado a Portugal, que delas muito beneficiou, e que bastante contribuiu para desanuviar o encapelado mar da política internacional de então, pois que se deve à acção diplomática, nesse momento desenvolvida pelo nosso país, o não ter eclodido nesse momento a Guerra que alguns anos depois ensangüentou o Mundo.

O período brilhante da nossa história foi iniciado com a visita oficial do Rei Eduardo VII, — o soberano da nossa fiel e secular aliada.

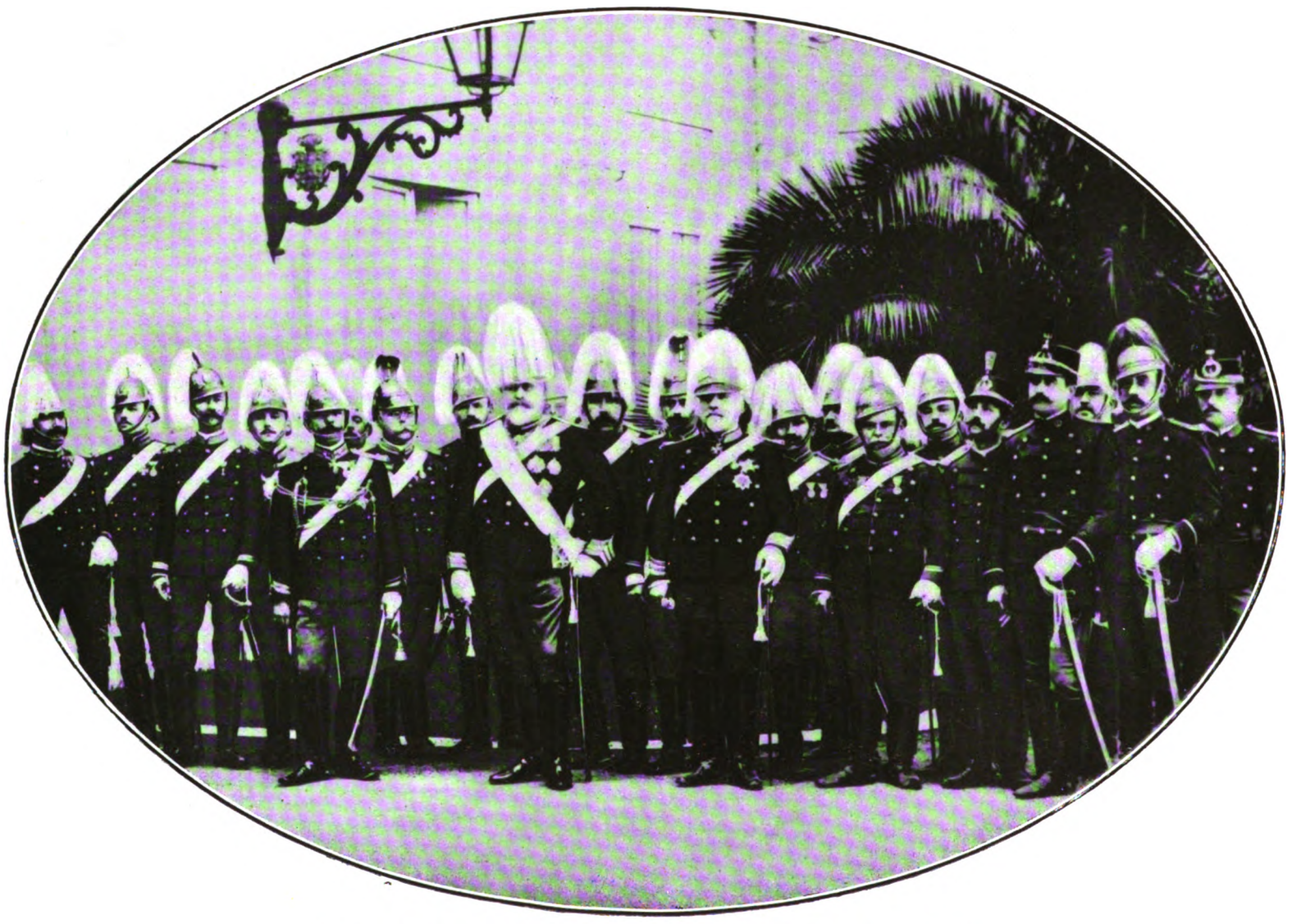
Digitized by Google

O Presidente do Municipio de Lisboa com o estandarte da cidade.



O sr. Costa Pinto, Director da Casa Pia de Lisboa, e outras individualidades.

A chegada de Eduardo VII



O Rei Eduardo VII com a oficialidade de cavalaria 3, de que era coronel honorário.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

Eduardo VII

S. M. o Rei de Inglaterra, fardado de coronel honorário de Cavalaria 3

Digitized by Google

Digitized by Google

A visita de Eduardo VII

O Rei Eduardo VII, após a sua chegada a Lisboa, no torreão do Terreiro do Paço, depois de receber os cumprimentos oficiais, recebe as aclamações da população

Digitized by Google

Eduardo VII em Lisboa

Dois aspectos do cortejo real, no dia da chegada de Eduardo VII, vendo-se os coches que conduziam o Rei de Inglaterra e a sua comitiva.

Digitized by Google

Eduardo VII em Sintra

No Palácio Real da Pena, os soberanos de Inglaterra e de Portugal, depois do almôço ali oferecido ao régio visitante, rodeados por alguns dignitários das duas côrtes

Digitized by Google

Eduardo VII na sua visita a Sintra

Eduardo VII de Inglaterra, D. Carlos I de Portugal e o Infante D. Afonso, passeando no Parque do Palácio da Pena

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

L O U B E T

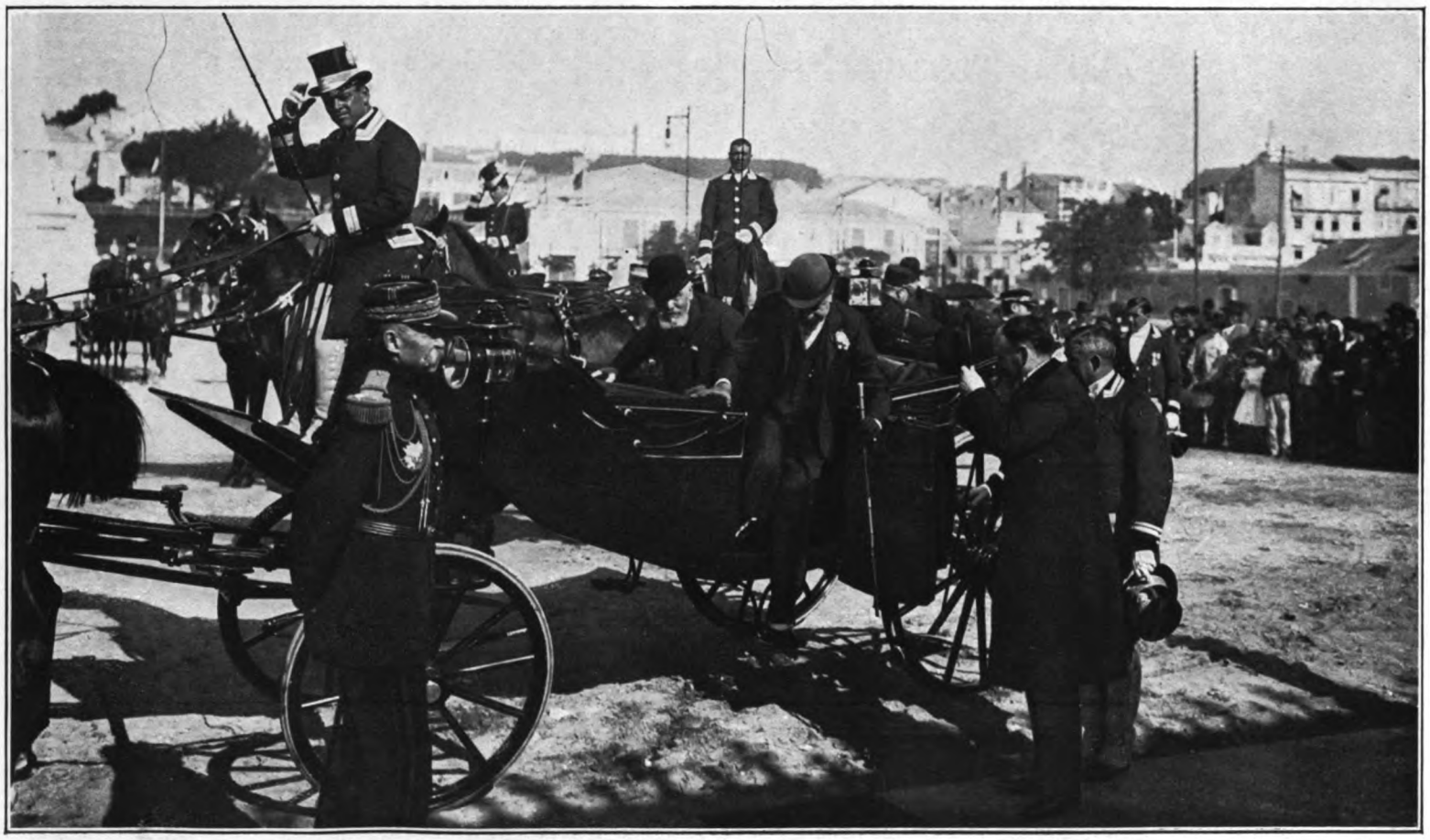
Em Outubro de 1905 visitou Portugal o Presidente Loubet, da República Francesa. Chegado no dia 27 daquele mês e ano, assistiu a várias festas na côrte e realizou diversas visitas, esteve em Sintra a 28 deixando no dia seguinte o nosso país — encantado e saüdoso —, êle o disse aos jornalistas que no regresso à sua Pátria o entrevistaram.

Foram três dias em que a população da capital, no meio das festas populares e nos intervalos das contínuas festas da côrte, se não cansou de vitoriar o ilustre visitante e de aclamar a República Francesa, aclamações de que comparticiparam em larga escala os tripulantes do *Jean Jorge*, da Marinha de Guerra francesa, — que ao Tejo viera para prestar honras ao Chefe de Estado do seu país.

Digitized by Google

O Presidente Loubet em Lisboa

O Presidente Loubet e D. Carlos no côche «D. João V», a caminho do Paço Real de Belém

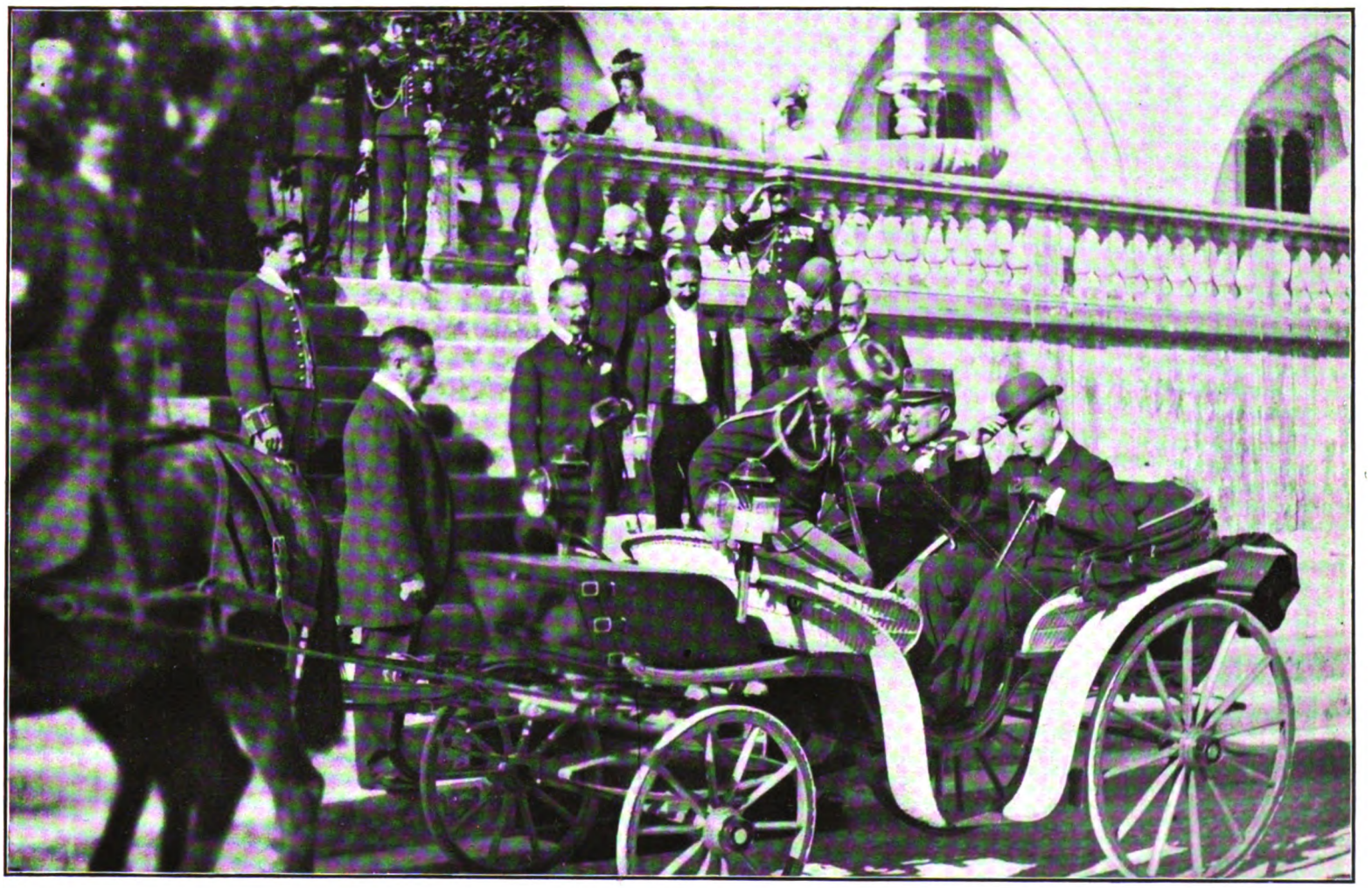


Na estação do caminho de ferro de Belém, o presidente Loubet e o Marquês de Soveral, no momento do embarque para Sintra

Digitized by Google

O presidente Loubet em Sintra

O Presidente Loubet, conduzindo pelo braço a Rainha D. Amélia, acompanhados pelo Rei D. Carlos e pelo Príncipe D. Luiz Filipe, no dia 28 de Outubro de 1905, no Paço Real de Sintra.



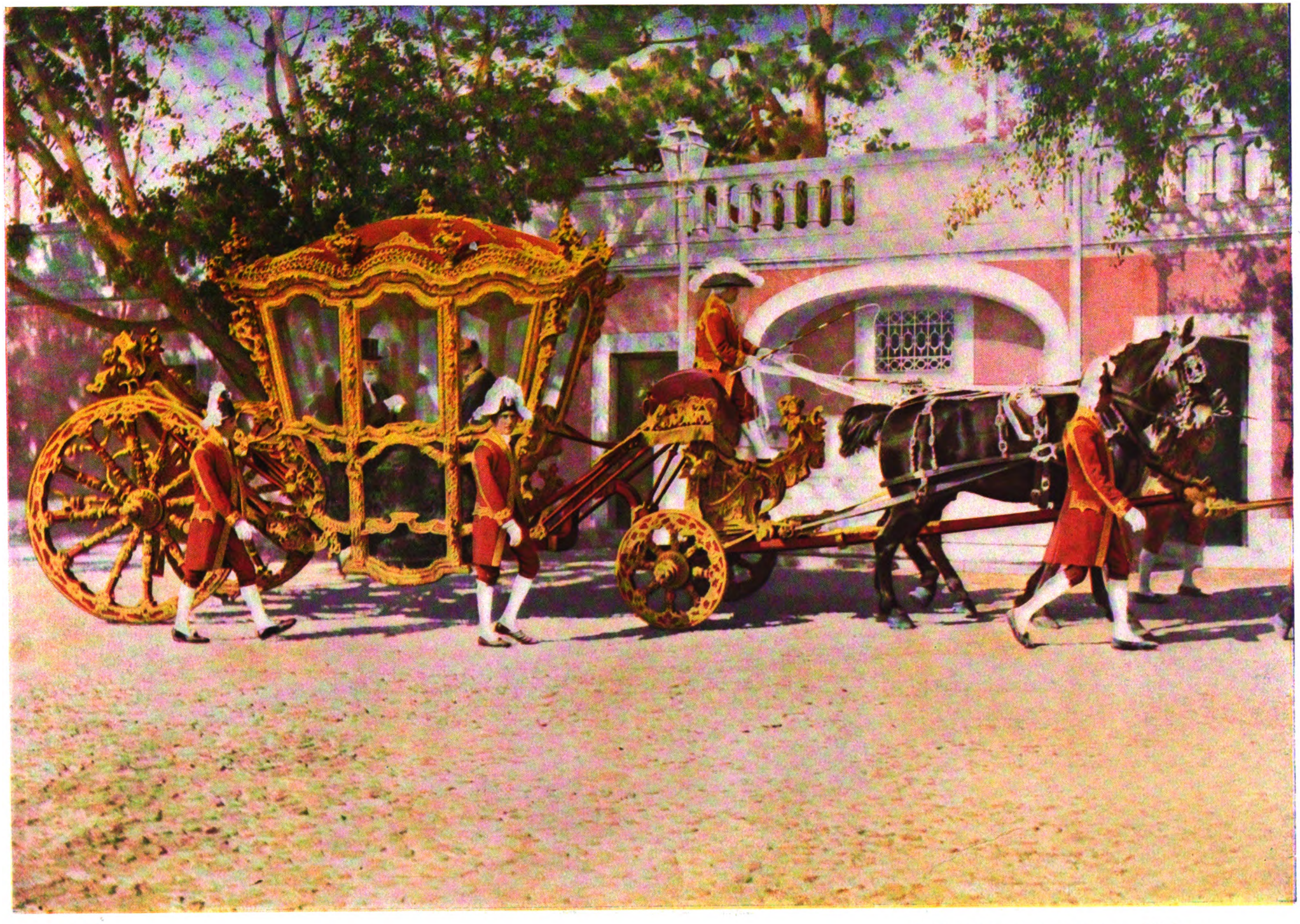
O Rei D. Carlos, o Príncipe D. Luiz Filipe e o Infante D. Afonso à sua chegada ao paço de Sintra.

Digitized by Google

O Presidente Loubet em Sintra

Grupo tirado no dia 28 de Outubro de 1905 no Palácio Real de Sintra, vendo-se o Presidente Loubet, Rainha D. Amélia, El-Rei D. Carlos, Infante D. Afonso e o Principe D. Luiz Filipe

Digitized by Google



Arquivo Gráfico

O Presidente Loubet em Lisboa

A chegada ao paço de Belém do coche D. João V, conduzindo o presidente Loubet, D. Carlos e o Infante D. Afonso

Digitized by Google

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

O almôço oferecido pelos Reis de Portugal a Loubet

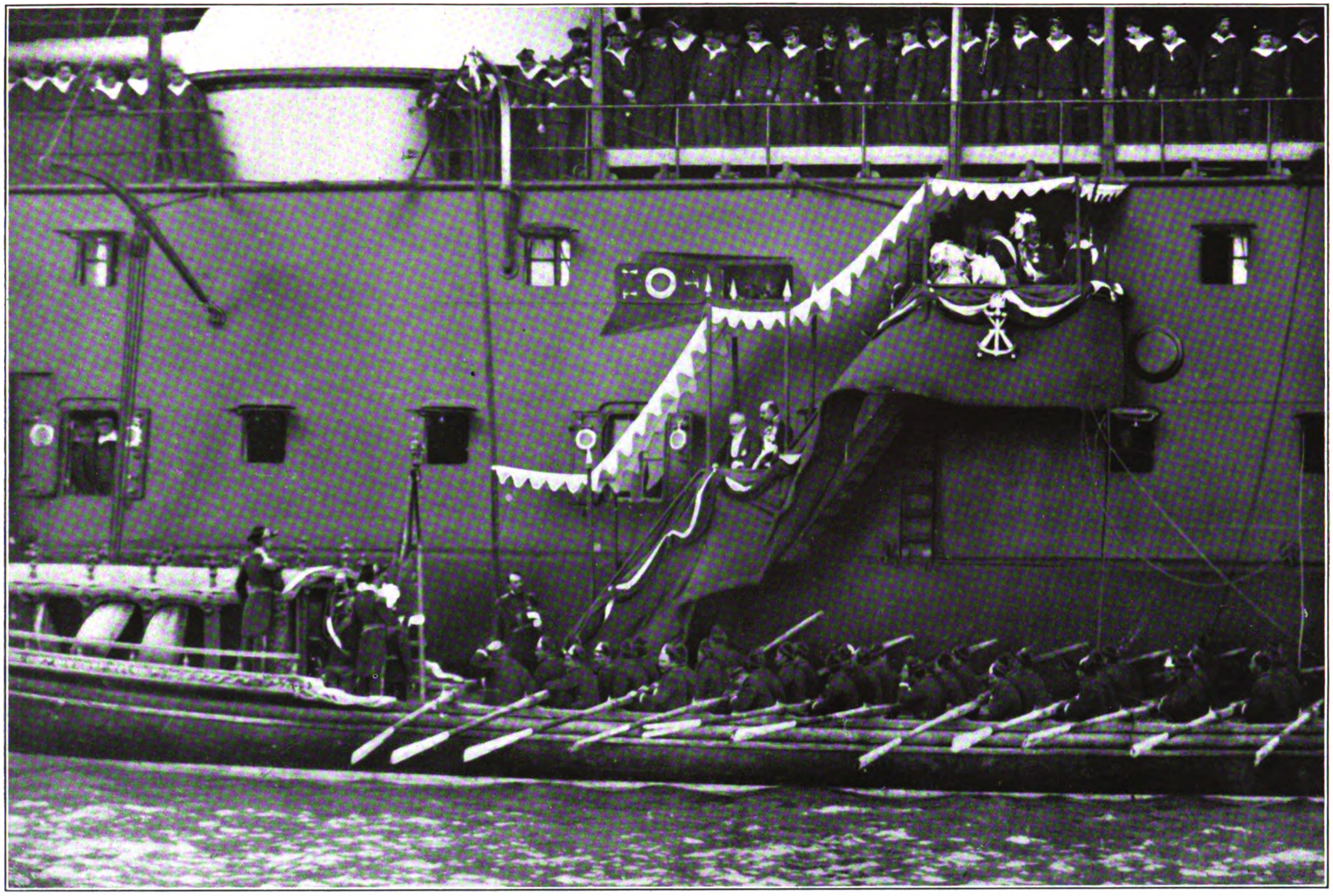
Depois do almôço, em Sintra, oferecido pelos Reis de Portugal ao Presidente da República Francesa. No primeiro plano vêem-se D. Afonso, o Presidente Loubet, a Rainha D. Amélia e o Rei D. Carlos.

Digitized by Google

A partida do Presidente Loubet

No Terreiro do Paço, o presidente Loubet embarcando no brigantim real que o conduzirá a bordo do cruzador *Jean Jorge*, da Marinha de Guerra Francesa, que o transportou a Marselha. No brigantim vêem-se, também, a Rainha D. Amélia, o Rei D. Carlos e o Príncipe D. Luiz

Digitized by Google

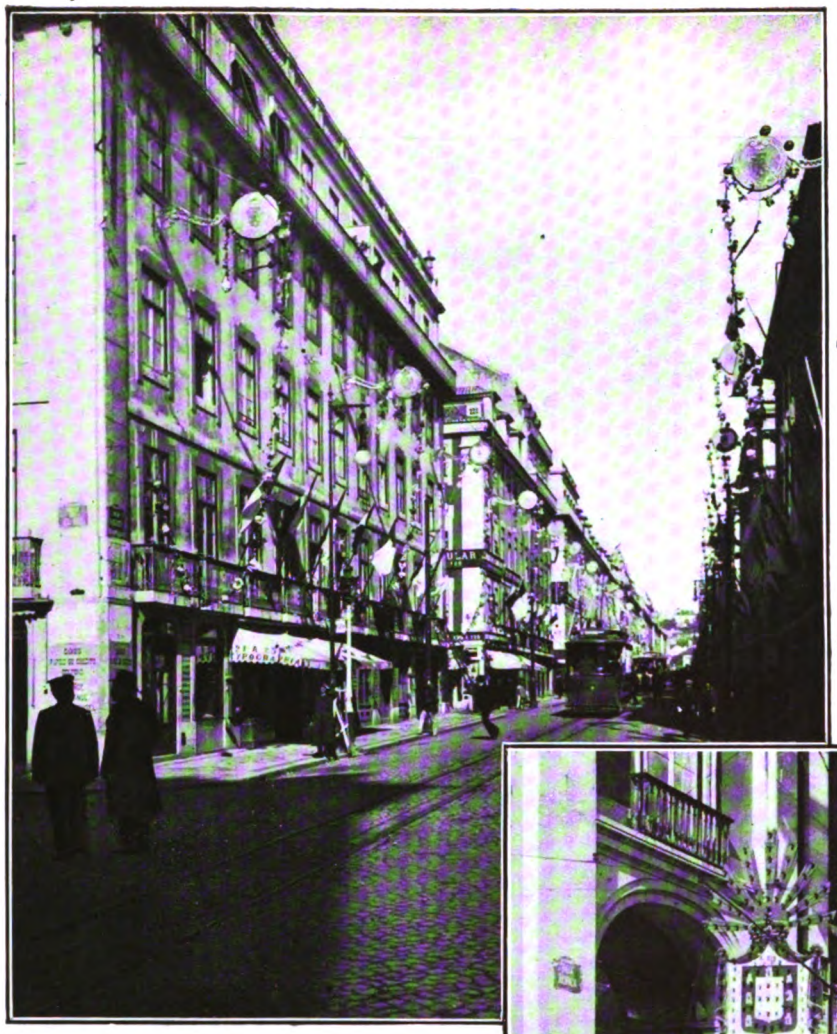


O Presidente Loubet a caminho da França

O Presidente Loubet despedindo-se da Familia Real ao portaló do cruzador *Jean Jorge*.

Digitized by Google

AS FESTAS POPULARES EM HONRA DO PRESIDENTE LOUBET



Durante três dias — de 27 a 29 de Outubro de 1905 — realizaram-se em Lisboa interessantes e magníficas festas em honra de Loubet, Presidente da República Francesa, que visitou o nosso país onde foi extraordinàriamente aclamado.

Nêsses três dias em que não tiveram conta as festas, visitas e excursões, organizadas pelas entidades oficiais e pelas altas personalidades do Paço, realizaram-se também festejos populares, sendo para o efeito artisticamente decoradas algumas das ruas da cidade.

Nesta página publicamos fotografias das decorações das Ruas da Prata, do Ouro e R. Nova do Carmo — onde nos arcos e em dísticos estavam escritas frases de afectuosas saüdações ao ilustre visitante.

Digitized by Google

IMPERADOR GUILHERME

Na idade de ouro da nossa história política contemporânea, que foi aquela que se assinalou, principalmente, pela visita de tantos soberanos a Portugal — ficou designada como facto extraordinário a visita de Guilherme II, Imperador da Alemanha.

A sua chegada a Lisboa a 27 de Março de 1905, a bordo do *Hamburg*, e a sua estada entre nós durante aquele e os dois dias seguintes, marca como um facto de alta importância política a que não foi estranho o tacto diplomático de D. Carlos I, o Rei de Portugal, que duma forma tão brilhante soube fazer com que fôsse amado e respeitado o nome do nosso país no estrangeiro. — Reconhecem-no hoje os seus mais ferozes inimigos de então.

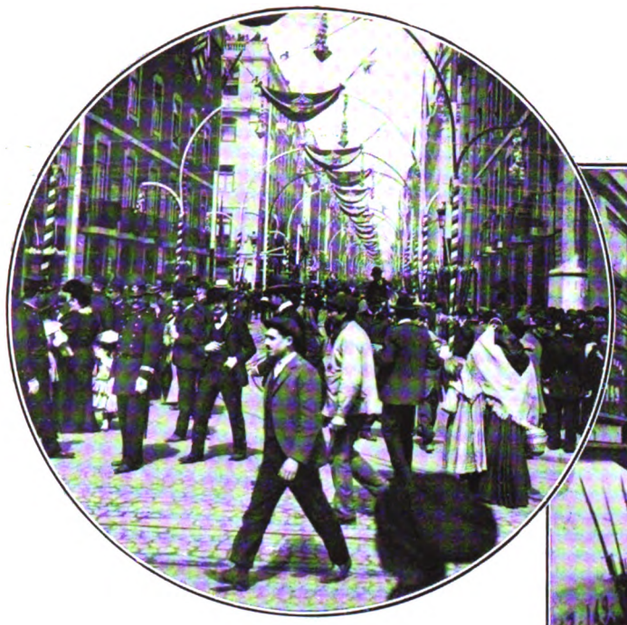
Depois da visita dos Reis de Espanha e de Inglaterra e do Presidente Loubet, da França, antecedendo a visita de outros chefes do estado e mais personalidades políticas estrangeiras, a visita do Imperador da Alemanha foi daquelas que tiveram mais repercussão além-fronteiras, já pela personalidade do visitante, já pela política do momento em que se desenhava já a Grande Guerra, tão distante ainda nesse mês de Março de 1905 — mas já prevista por tantas pessoas que atentamente seguiam o que se maquinava nas chancelarias.

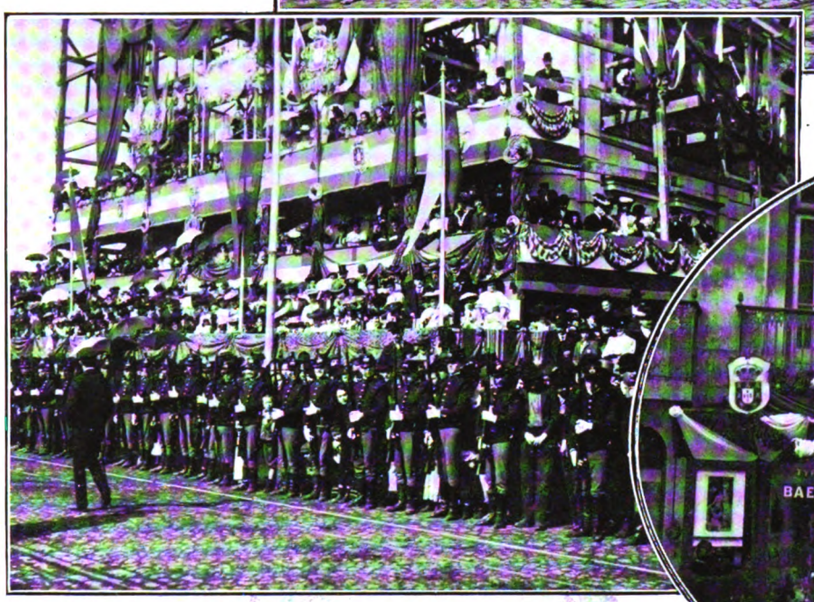
Foi pois um acontecimento mundial a visita a Portugal do Kaiser — figura dura de militar, que não conquistou simpatias — que assistiu a festas palacianas, esteve em Sintra e nos Paços do Concelho de Lisboa — e, principalmente, visitou quartéis e assistiu a festas militares.

Digitized by Google

Digitized by Google

Em honra do Imperador Guilherme



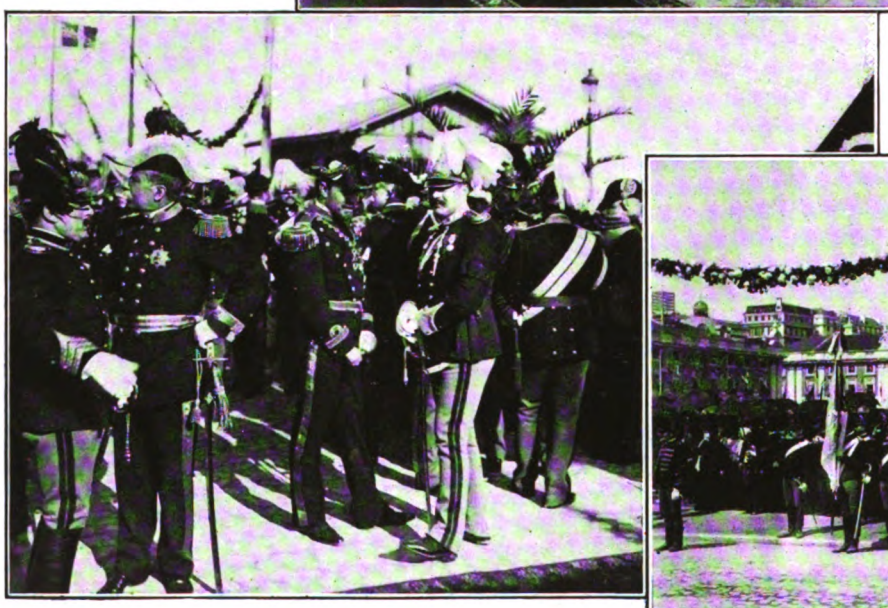


Por ocasião da visita do «Kaiser» a Lisboa, foram ornamentadas a capricho as ruas da capital, destacando-se várias alegorias de saüdações ao régio visitante.

Nesta página publicamos, em cima, dois aspectos das ornamentações da rua do Ouro, depois um trecho do Terreiro do Paço, e, em baixo, o aspecto duma tribuna na rua 24 de Julho, no local onde hoje está o Instituto D. Amélia, e da qual várias personalidades assistiram à passagem do cortejo real, e de uma parte das ornamentações da rua do Ouro onde as armas da Alemanha e de Portugal eram o principal motivo.

Digitized by Google

Três aspectos dos alunos do Colégio Alemão, acompanhados dos seus professores, aguardando a chegada ao Cais das Colunas do Imperador Guilherme



A fôrça de alunos da Escola Militar fazendo Guarda de Honra

Um grupo de oficiais do Exército e da Marinha esperando o «Kaiser»

Digitized by Google

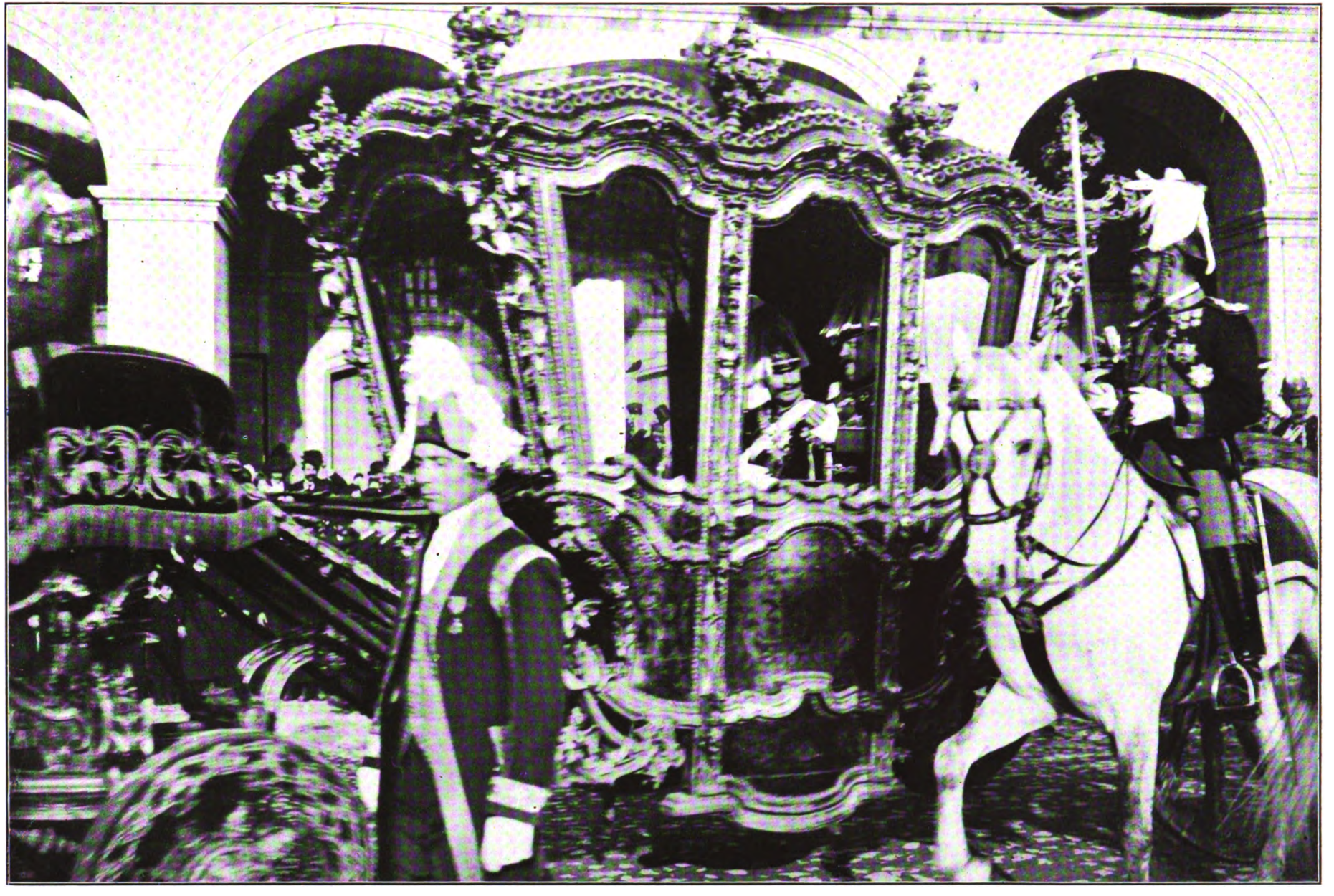
Arquivo Gráfico

Imperador da Alemanha Guilherme II em Lisboa
(1905)

A chegada à Câmara Municipal de Lisboa do Imperador da Alemanha Guilherme II.

Digitized by Google

Digitized by Google



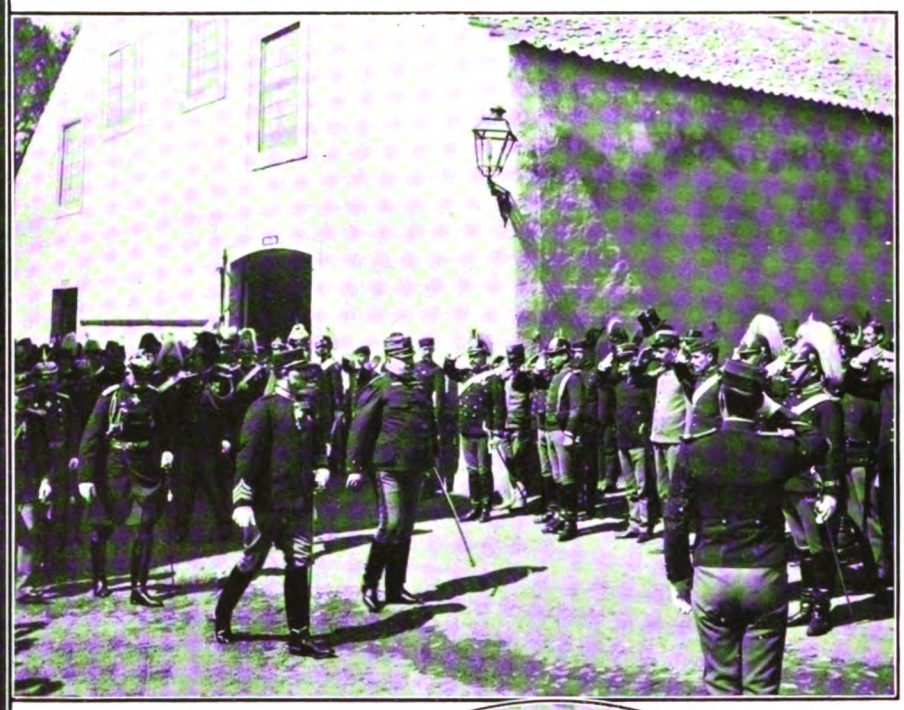
Chegada do Kaiser, a Lisboa

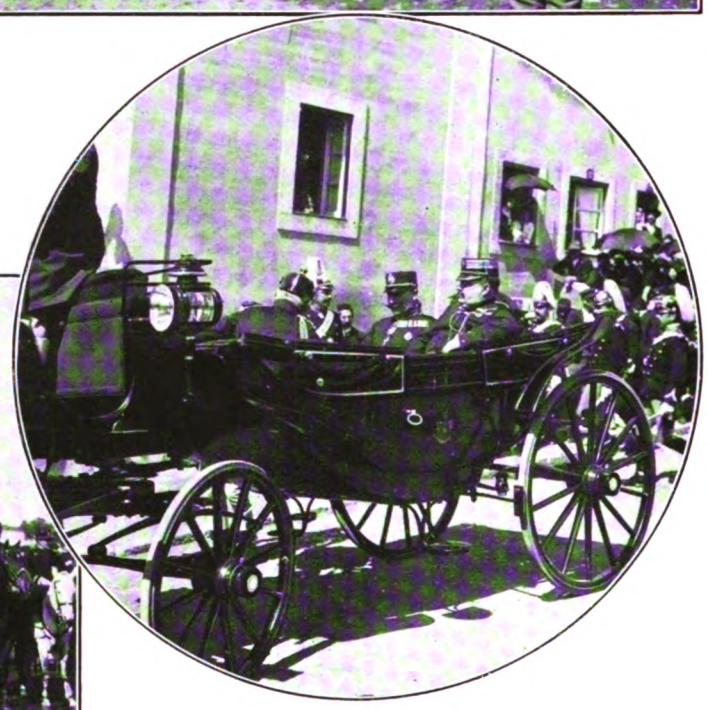
(27 de Março de 1905)

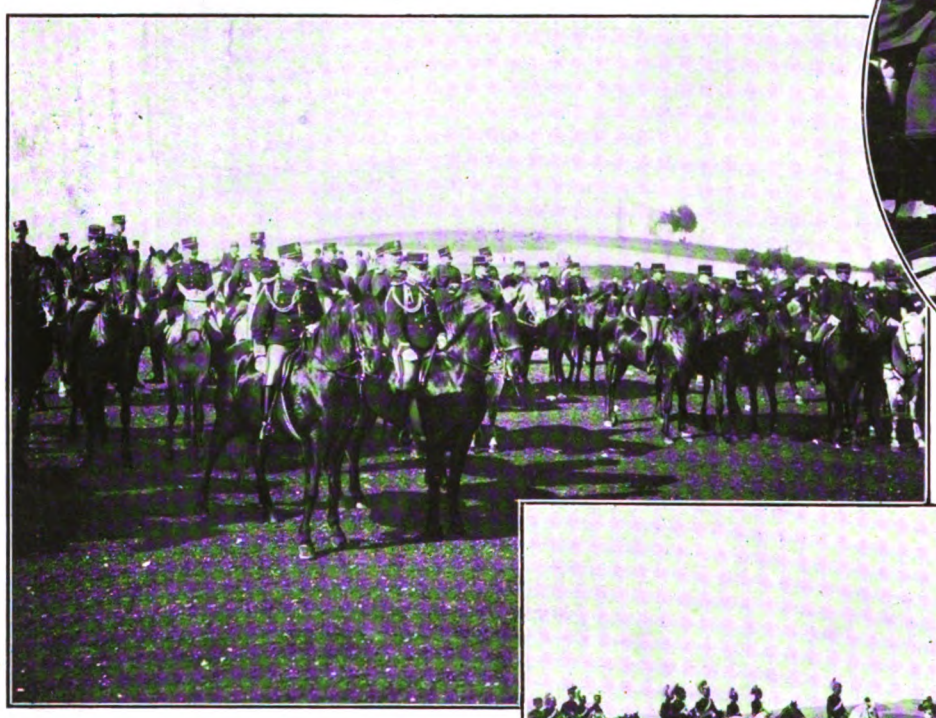
O Imperador Guilherme II da Alemanha, acompanhado do Rei D. Carlos, no coche «D. João V», a caminho do Palácio das Necessidades, vendo-se à estribeira o general Craveiro Lopes, comandante da Divisão.

Digitized by Google

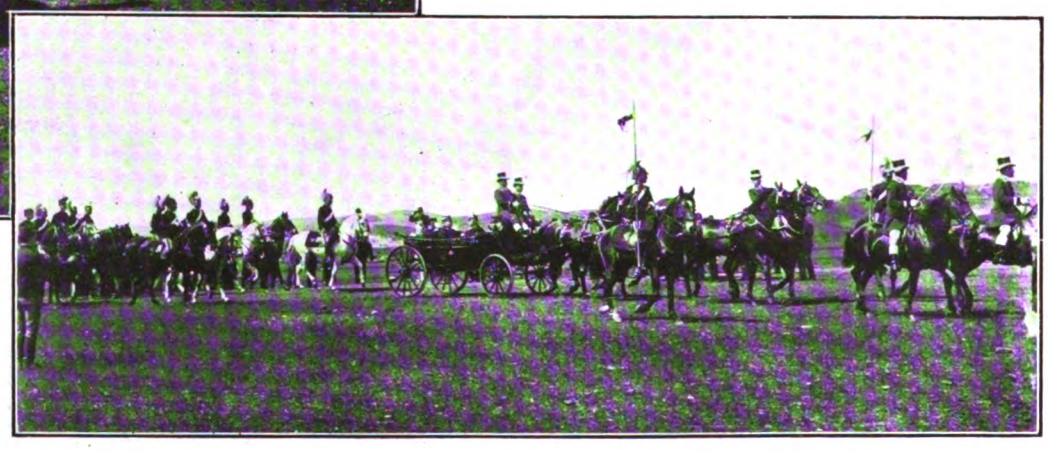
No alto: — Retrato a óleo de Guilherme II da Alemanha, por êle oferecido no dia 28 de Março de 1905 ao regimento de Lanceiros de El-Rei, de que era coronel honorário. *À direita:* — D. Carlos I e Guilherme II, fardado de coronel de Lanceiros, entrando no quartel de Cavalaria 4, na calçada da Ajuda. *Ao centro, no oval* — O Rei de Portugal e o régio visitante a caminho da Real Casa Pia de Lisboa. *Ao centro:* — O coronel António Costa, o Principe D. Luiz Filipe







FESTAS MILITARES EM HONRA DO IMPERADOR DA ALEMANHA



e mais oficialidade, à frente do Regimento de Cavalaria 4, no Hipódromo de Belém, em 28 de Março, de 1905. *Em baixo:* — A chegada dos soberanos ao Hipódromo de Belém, onde se realizaram exercicios militares em que tomaram parte Cavalaria 4, Caçadores 5 e Artelharia.

Digitized by Google

No Hipodromo de Belem

Março de 1905

O Imperador Guilherme e D. Carlos, assistindo às manobras militares realizadas em sua honra.

Digitized by Google

O KAISER EM SINTRA

Número obrigatório dos programas das visitas das altas personalidades era então, e é ainda hoje, o passeio e a visita a Sintra. Como não podia deixar de ser, também o Imperador da Alemanha visitou a ridente vila onde foi aclamado pela população.

Esteve ali em 29 de Março de 1905 acompanhado pelos soberanos de Portugal, pelo Príncipe Real e pelo Infante D. Manuel, estando estas visitas documentadas pelas fotografias que publicamos nesta página.

Em cima: — O «Kaiser», no momento de entrar no Palácio da Vila, admira a interessante arquitectura do famoso monumento.

Em baixo: — A Rainha D. Amélia com o «Kaiser», após a chegada a Sintra.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

A partida do Kaiser

(30 de Março de 1905)

Guilherme II, Imperador da Alemanha, no Cais das Colunas, no momento do embarque, vendo-se junto dêle as Rainhas D. Amélia, D. Maria Pia e o Marquês de Soveral. No segundo plano, à esquerda, o Principe D. Luiz Filipe, o Infante D. Afonso e outras altas personalidades da côrte.

Digitized by Google

Digitized by Google

O Imperador da Alemanha em Sintra

(Março de 1905)

Grupo tirado no Palácio de Sintra depois do almôço oferecido por D. Carlos a Guilherme II, vendo-se no primeiro plano as rainhas D. Amélia e D. Maria Pia e a Condessa de Alcáçovas e Marquesa de Unhão. Por detrás, de pé, estão os soberanos da Alemanha e de Portugal, o Príncipe D. Luiz Filipe, os infantes D. Afonso e D. Manuel, e alguns altos dignatários da Côrte, componentes das casas militar e civil de D. Carlos, como o Marquês de Soveral, Coronel Alfredo Albuquerque, Marqueses da Praia, de Monforte, Condes de Figueiró, Vitorino Frói:s, etc., etc..

Digitized by Google

Digitized by Google

REI DE SAXE

Também esteve em Lisboa, nessa época faustosa, o rei Frederico Augusto, da Saxónia, que no dia 7 de Março de 1907, desembarcou em Lisboa, de bordo do *Cap Ortegal*.

Organizou-se no Cais das Colunas um luzido cortejo, como convinha à categoria do ilustre visitante, que foi conduzido ao Paço das Necessidades, visitando depois a Legação do seu país; no dia seguinte percorreu a cidade, tendo estado na Praça da Figueira, na Ribeira Nova, em Alcântara, nos Jerónimos e nas ruas típicas da Mouraria. No dia 9 esteve na Tapada da Ajuda e assistiu a uma festa militar dada em sua honra no Hipódromo de Belém. Visitou a Tôrre de Belém, sendo-lhe oferecido um banquete no vetusto Palácio da Ajuda; no dia 10 foi a Cascais e no dia 11 a Sintra; no dia 12 realizou-se uma festa em sua honra na Legação da Saxónia, e no dia 13 esteve em Almada e depois na Batalha, Caldas da Raínha, Tôrres Vedras, etc., seguindo para o Norte do país no dia 14. Partiu do Pôrto para Espanha, no dia 18 do mesmo mês de Março.

Durante êsses dez dias que o Rei Frederico Augusto visitou Portugal do norte a sul, esteve nos locais mais pitorescos e populares, conviveu com o povo, recebeu sempre as mais altas provas de carinho e colheu da nossa hospitalidade a impressão mais lisonjeira e justificada. Foram dez dias em que se sucederam as festas, os passeios, os desfiles militares — em que se divertiu o povo e em que se divertiu a côrte, afirmando mais uma vez a galhardia portuguesa.

Digitized by Google

Digitized by Google

Os srs. Conde de Figueiró e General Sebastião Teles aguardando no Terreiro do Paço a chegada do Rei da Saxónia, vendo-se ao fundo o Pavilhão Real armado para o efeito.

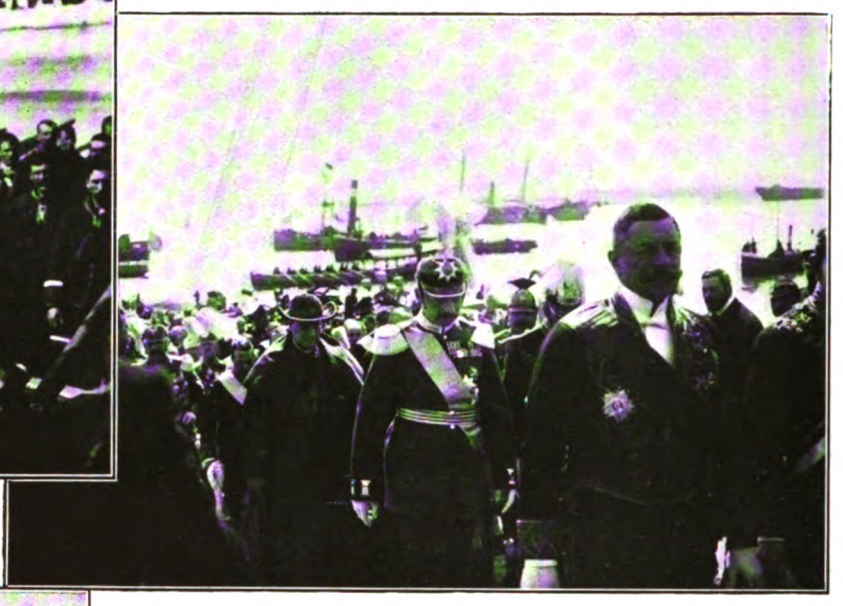
Os ministros das Obras Públicas, Justiça, Fazenda e o sr. Conde de Tarouca aguardando a chegada do Rei da Saxónia, junto ao Pavilhão do Terreiro do Paço, no dia 7 de Maio de 1907.

A vereação municipal de Lisboa, composta por Teodoro Ferreira Pinto Bastos, Carvalho Pessoa, Alves de Gouveia, Conde de Restelo, Mateus dos Santos, João Belo, Sabino de Sousa e Carvalho Proença, em nome da cidade dá as boas-vindas, no momento do desembarque, ao rei Frederico Augusto da Saxónia.

Digitized by Google

A chegada do Rei de Saxe

Aspecto das fôrças militares que fizeram a guarda de honra ao soberano.

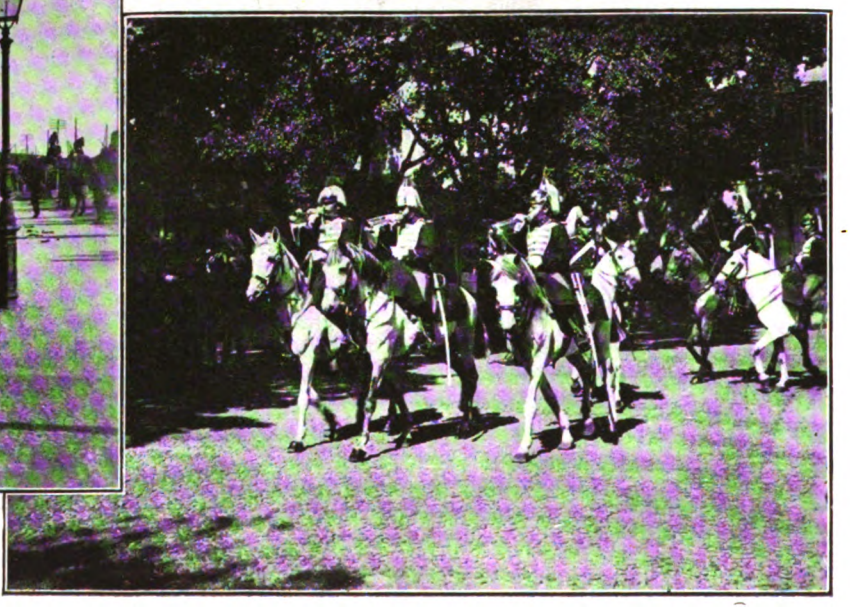


O Rei de Saxe desembarcando no Cais das Colunas.

No Terreiro do Paço o Rei de Saxe a caminho do Pavilhão.

D. Carlos e o Rei de Saxe entrando no coche que os conduziu a Belém.

Dois aspectos do cortejo: ao passar na rua 24 de Julho e na chegada a Belém.



Digitized by Google

O Rei de Saxe, em Lisboa

A caminho de Belém, o Rei de Saxe, D. Carlos e o Principe D. Luiz Filipe no Coche da Corôa, no dia da chegada do régio visitante, em 7 de Março de 1907.

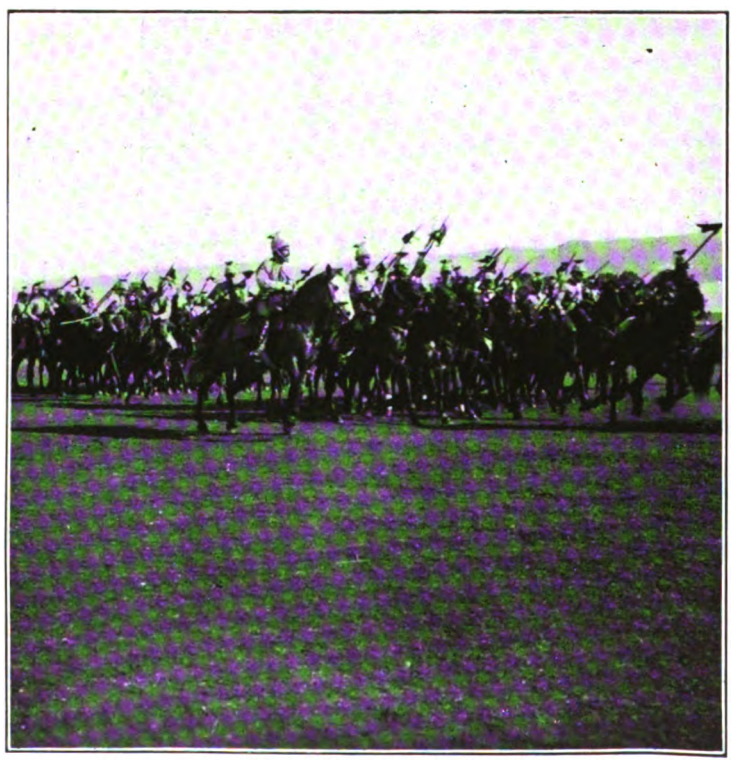
Arquivo Gráfico

Digitized by Google

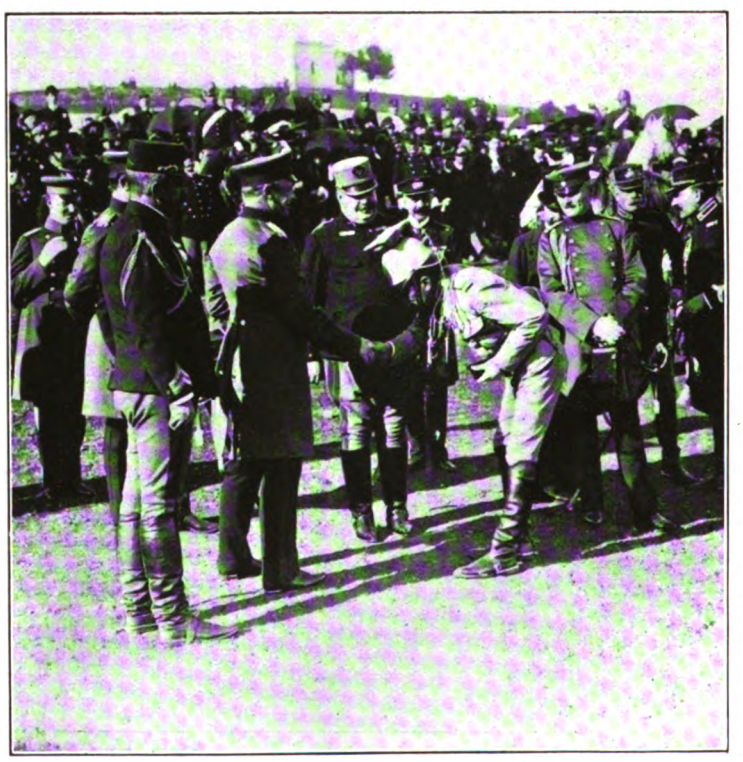
As manobras militares de Belem em honra do Rei de Saxe

(19 de Março de 1907)

No Hipódromo Militar de Belém, o Rei de Saxe, D. Carlos, coronel Vasconcelos Pôrto, ministro da Guerra, e outras autoridades militares, assistem às manobras militares realizadas em honra do régio visitante, e onde, mais uma vez, a tropa portuguesa se mostrou digna das tradições gloriosas do nosso Exército.



Aspecto duma carga de lanceiros.



O Rei de Saxe condecorando o Capitão Alvim.

Digitized by Google

A Rainha D. Amélia, o Rei da Saxónia e o Rei D. Carlos na visita ao Mosteiro dos Jerónimos, em 9 de Março de 1907.

O rei Frederico Augusto, da Saxónia, com a Rainha D. Amélia, na sua chegada a Sintra no dia 8 de Março de 1907.

O Rei de Saxe em Sintra.

No Paço de Sintra foi oferecido pela Rainha D. Maria Pia, um almôço ao soberano da Saxónia, ao qual assistiram a Rainha D. Amélia e vários altos dignitários, em 11 de Março de 1907, realizando-se o ágape depois de uma visita à vila e seus arredores.

Digitized by Google

Digitized by Google

A RAINHA ALEXANDRA

Na série sucessiva de soberanos estrangeiros que visitaram a côrte de Portugal, teve lugar predominante a visita da Raínha Alexandra, espôsa do rei Eduardo VII, de Inglaterra, que foi acompanhada pelo príncipe Cristiano da Dinamarca.

Foi curta a demora da Raínha de Inglaterra e do príncipe em Portugal. Chegados à capital no dia 22 de Março de 1905, a bordo do *Victoria and Albert*, depois duma tormentosa viagem, partiram no dia 25 do mesmo mês, tendo recebido as homenagens da côrte e das entidades oficiais e as aclamações da população.

Digitized by Google

Digitized by Google

A Rainha Alexandra em Lisboa

A Rainha Alexandra, de Inglaterra, a caminho do Paço das Necessidades, no dia da sua chegada a Lisboa, ao passar na Praça Duque da Terceira.

As Rainhas de Inglaterra e de Portugal acompanhadas pelo Rei D. Carlos e Príncipe Cristiano, da Dinamarca, no momento de sairem do Palácio das Necessidades para visitar a cidade.

Digitized by Google

A Rainha Alexandra em Sintra

As Rainhas de Inglaterra e de Portugal no momento da sua chegada a Sintra, em 24 de Março de 1906.

No Palácio de Sintra

Um almôço oferecido pela Rainha D. Maria Pia à Rainha de Inglaterra, ao qual assistiram, também, a família real portuguesa, o Príncipe Cristiano da Dinamarca e outras altas personalidades.

Digitized by Google

TRÊS RAÍNHAS

As Raínhas Alexandra, D. Amélia e D. Maria Pia. Grupo tirado em Sintra no dia 24 de Março de 1906.

Digitized by Google

No momento de deixar o nosso país, no dia 25 de Março de 1906, o Príncipe da Dinamarca estende a mão à Rainha Alexandra, auxiliando-a a embarcar na galeota real que a conduziu ao «Victoria and Albert» onde seguiu para Londres, por entre as galas da côrte e as manifestações da população.

Depois da partida da Rainha Alexandra, o Príncipe D. Afonso conduz a Rainha D. Amélia, vendo-se ao fundo a Duquesa de Palmela.

Contida a distância por cordões de polícia, vê-se a multidão, que tendo ovacionado os régios visitantes, estende as suas homenagens aos soberanos portugueses.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

Visita da Rainha Alexandra a Lisboa

(Maio 1906)

Na sua rápida visita à côrte de Portugal, a Rainha Alexandra, de Inglaterra, visitou Sintra onde foi tirado êste grupo, vendo-se a régia visitante, os soberanos de Portugal e alguns altos dignatários ingleses e portugueses.

Digitized by Google

Digitized by Google

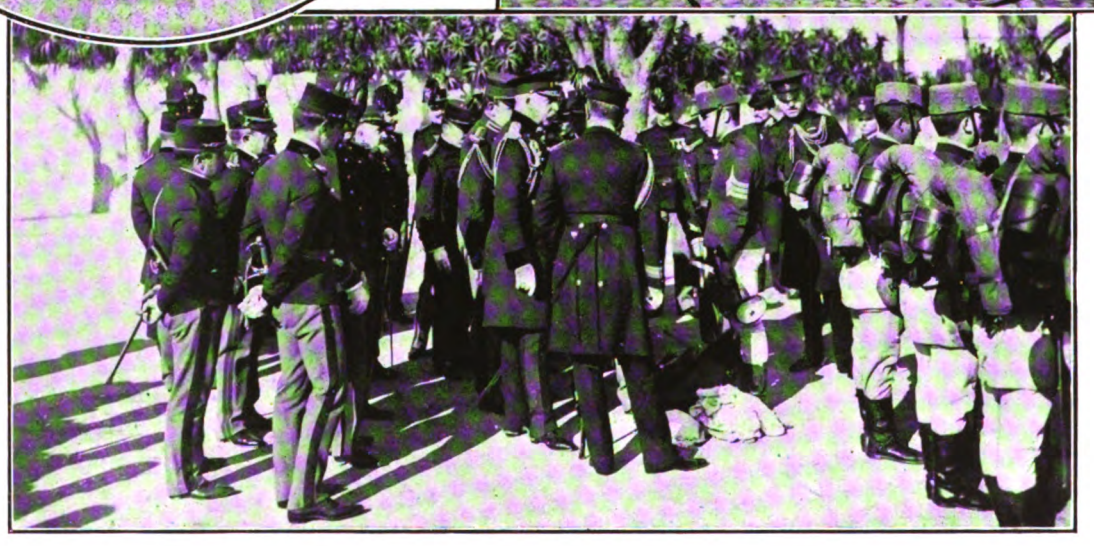
OS DUQUES DE CONNAUGHT

No dia 12 de Janeiro de 1905, chegaram a Lisboa, a bordo do couraçado britânico *Essex*, os Duques de Connaught, da família real inglesa, que eram acompanhados por suas filhas, as *ladies* Vitória Patricia e Margarida.

Visitaram Lisboa, estiveram na Escola Militar, disfrutaram o panorama do alto do Castelo de S. Jorge, deram recepções na Embaixada de Inglaterra, visitaram Sintra no dia 14, onde pelos Reis de Portugal lhes foi oferecido um almôço, e partiram no dia 15 de Janeiro de 1905, ainda no couraçado *Essex*, que deixou o Tejo às 6 horas da tarde, com rumo a Gibraltar.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google



Ao alto — S. A. R. o Duque de Connaught e o seu ajudante são recebidos pela oficialidade da Escola Militar.

No oval — O Duque de Connaught no Castelo de S. Jorge onde estava aquartelado Caçadores 5.

Os Duques de Connaught em Lisbôa

Ao lado — O augusto visitante ao chegar ao Museu de Artelharia.

Em baixo — O Duque de Connaught, no Castelo de S. Jorge, depois de assistir aos exercicios, ouve as explicações que lhe são prestadas pelos oficiais portugueses.

Digitized by Google

D. Vitória Patrícia, filha dos Duques de Connaught, acompanhada pela Rainha D. Amélia, subindo as escadarias do Paço de Sintra.

D. Margarida, filha dos Duques de Connaught, no Palácio de Sintra, vendo-se no grupo o Rei D. Carlos, o Príncipe D. Afonso, etc..

Os Duques de Connaught em Sintra

Grupo tirado no pátio do Esguicho do Palácio de Sintra, depois do almôço oferecido pela Rainha D. Amélia aos Duques de Connaught.

Vêem-se no primeiro plano o Príncipe D. Afonso, Princesa D. Vitória de Connaught, Duquesa de Connaught, Rainha D. Maria Pia, Princesa D. Margarida de Connaught, Duque de Connaught, Rainha D. Amélia e o Rei D. Carlos.

Digitized by Google

Digitized by Google

O PRINCIPE DE HOENZOLERN

E A

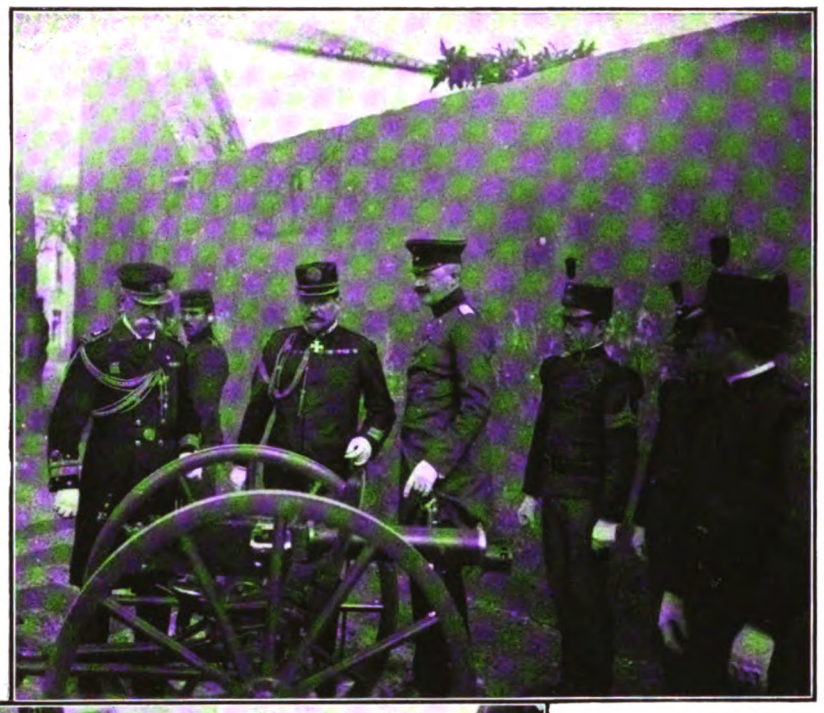
PRINCESA MATILDE

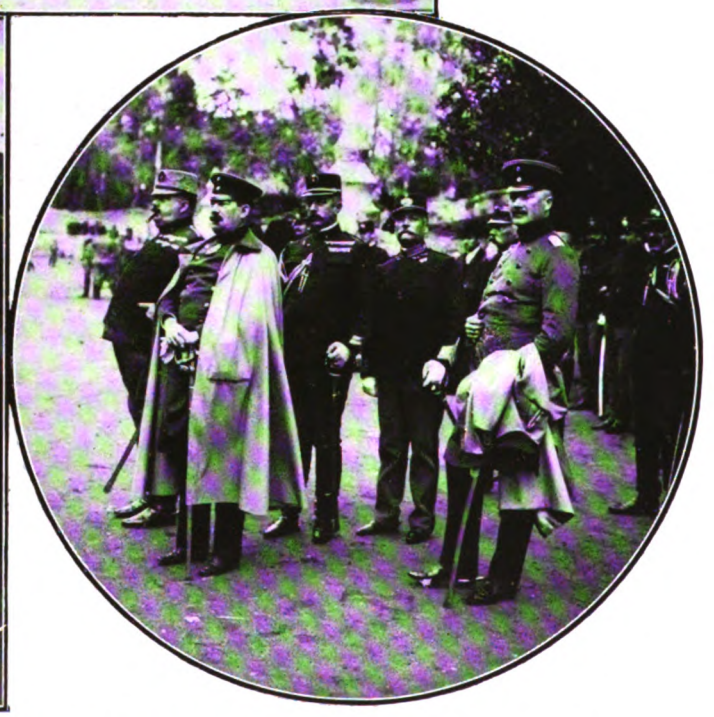
O Príncipe Guilherme Augusto de Hoenzolern chegou a Lisboa no dia 18 de Março de 1907 e depois de visitar minuciosamente tudo quanto um estrangeiro curioso pode visitar, partiu para o Norte — onde revelou a mesma curiosidade.

Quartéis, monumentos, igrejas, panoramas, museus, tudo foi visto em Lisboa, no Pôrto e em algumas localidades da província, com uma minuciosidade que não é vulgar em visitantes de tal categoria.

No dia 20 de Março, do mesmo ano, chegou a Lisboa a Princesa Matilde de Saxe que percorreu o país de norte a sul, tendo saído de Portugal dez dias depois.

Digitized by Google





O Príncipe Guilherme de Hoenzolern em Lisbôa

No redondo: — O Príncipe Guilherme de Hoenzolern verifica o equipamento dum recruta, em Caçadores 5, no Castelo de S. Jorge. *Ao lado:* — O mesmo ilustre visitante ouve as explicações que lhe são dadas pelo glorioso almirante Capelo, sôbre a aquisição de material para o Exército Português. *Ao centro:* — Na Escola Militar, recebendo os cumprimentos da oficialidade. *Em baixo:* — O Príncipe e D. Carlos e oficiais generais do nosso Exército na visita a Caçadores 5.

Digitized by Google

Almoço em Sintra

No Palácio da Pena, foi oferecido à Princesa Matilde e ao Príncipe de Hoenzolern um almôço, a que assistiram os Reis de Portugal e vários dignatários da Côrte.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

A princesa Matilde desembarcando no Posto Maritimo de Desinfecção após o seu passeio no Tejo

A Princesa Matilde no rebocador «Voador» que a conduziu ao Barreiro

A Princesa Matilde chegou a Lisboa no dia 20 de Março de 1907, e depois de ver tudo quanto um turista inteligente e culto pode ver: monumentos, igrejas, païsagens, museus, edificios públicos, foi de abalada pelos arredores, visitando as fortificações das «Linhas de Tôrres», o Bussaco, a Batalha, a campina do Ribatejo, o convento de Mafra, etc., seguindo depois para o Norte onde, como no Sul, viu também, tudo que é digno de ser visitado por um estrangeiro.

Depois, a 30 do mesmo mês, partiu para Espanha — no mesmo dia e no mesmo combóio em que seguiu o principe Guilerme Augusto de Hoenzolern, que a acompanhou em muitas visitas.

A Rainha D. Maria Pia com a Princesa Matilde e o Infante D. Afonso, em Sintra

A Princesa Matilde, no jardim de S. Pedro de Alcântara, admirando o panorama da cidade

Digitized by Google

II CAPITULO

VIAGEM DE D. CARLOS I A ESPANHA

A viagem dos Reis de Portugal a Madrid, que se realizou de 11 a 16 de Março, constituiu para D. Carlos mais um triunfo diplomático. Durante a sua estadia na côrte do país vizinho, receberam o Rei D. Carlos e a Raínha D. Amélia as maiores provas de estima pública e particular dos soberanos de Espanha: «tendo a fidalguia do Rei de Portugal e a expressão afável da Raínha D. Amélia conquistado todo o povo espanhol», — no dizer dum jornalista da época, que acompanhou os régios visitantes.

Banquetes, festas militares, visitas a museus e monumentos, cerimónias religiosas, festas mundanas e desportivas, constituiram o programa das festas com que em Madrid foram homenageados os Reis de Portugal, festas a que não faltou a alma vibrante das ruas aclamando no Chefe do Estado Português o nome de Portugal.

Digitized by Google

Digitized by Google

A chegada dos reis de Portugal a Madrid

12 de Março de 1906)

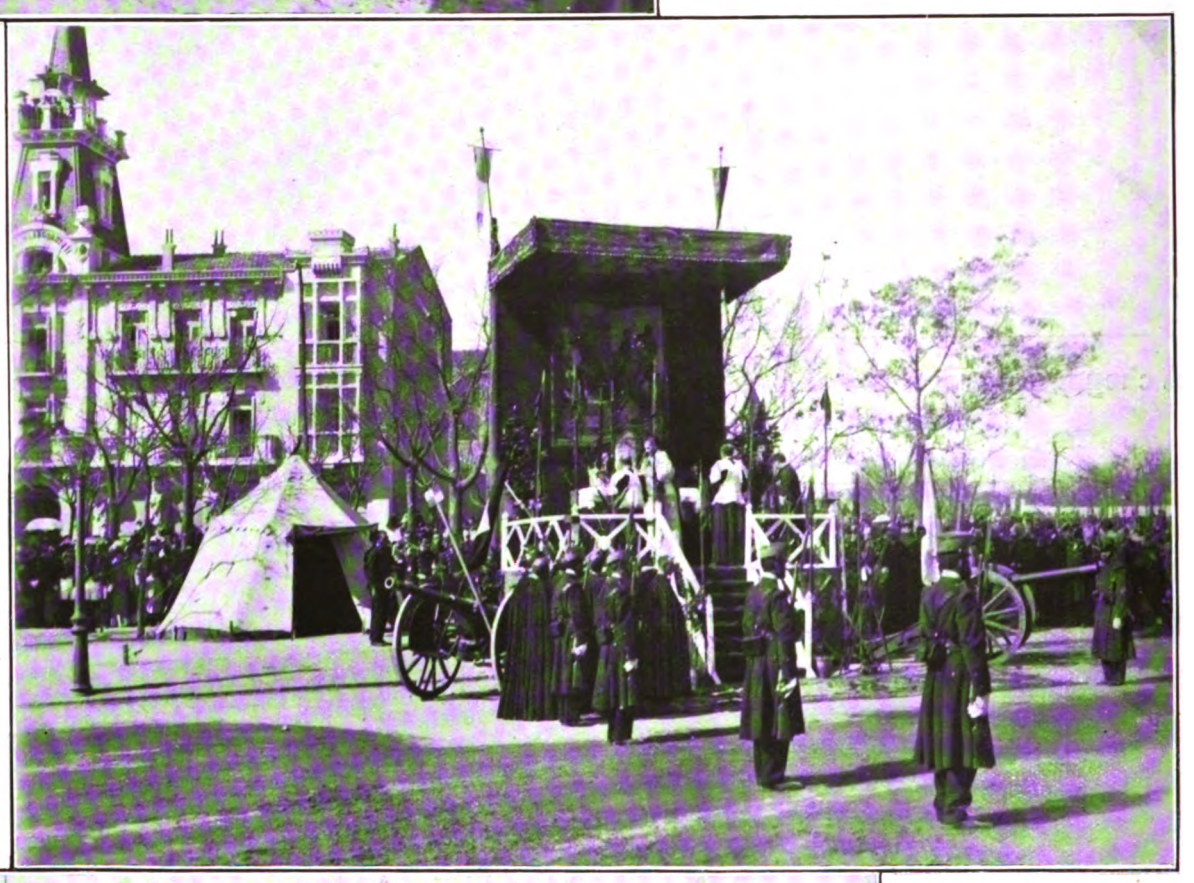
Os Reis de Portugal e de Espanha, com os respectivos estados maiores, momentos antes de se iniciar o desfile militar.

A Rainha D. Amélia e a Rainha Cristina de Espanha no cortejo que as conduziu ao Paço, onde a soberana portuguesa ficou hospedada.

Digitized by Google

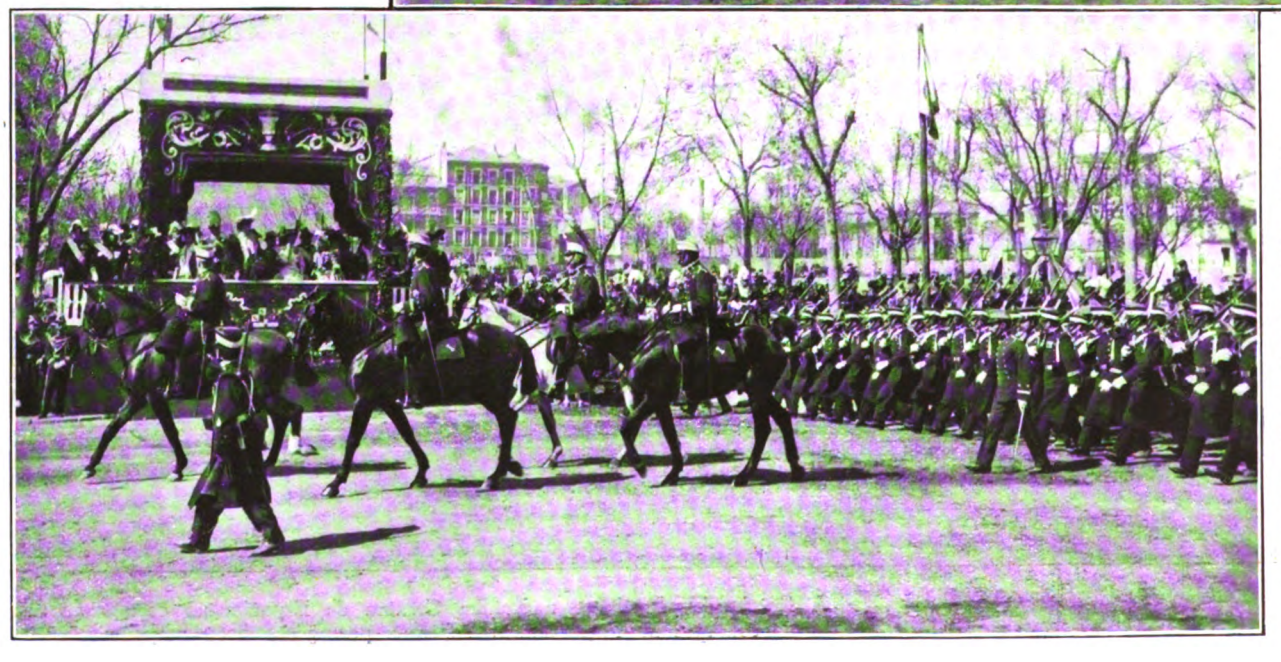
Festas militares em honra dos Reis de Portugal

(14 de Março de 1906)



Os números mais extraordinários dos programas das festas realizadas em Madrid, em honra dos soberanos portugueses foram, sem dúvida, as festas militares que na Castellana se realizaram no dia 14 de Março.

Depois da missa campal em que os régios visitantes assistiram duma tribuna, acompanhados pelos reis e infantes de Espanha e dos altos dignatários das côrtes portuguesa e espanhola, realizou-se a cerimónia da bênção das bandeiras, tão profundamente espanhola, a que se seguiu um desfile militar presenciado por milhares de pessoas.



Nesse dia foi o Rei D. Carlos nomeado coronel honorário do regimento de Cavalaria de Castela, recebendo como tal, as homenagens atribuídas a tão alto posto militar e a tão significativa distinção.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

Visita Régia a Madrid

(Março 1906)

SS. MM. El-Rei D. Carlos I e D. Affonso XIII assistindo à missa campal no Passeio da Castellana.

Digitized by Google

Digitized by Google

As Rainhas D. Amélia e D. Maria Cristina juntamente com as infantas D. Maria Isabel e D. Maria Tereza, assistem na tribuna de honra ao desfile de tropas dos Castelhanos.

D. Carlos de Portugal e Afonso XIII de Espanha, na passagem em frente do edifício do Congresso, no dia da chegada a Madrid.

Digitized by Google

Na casa de campo de Carabanchel

(Dia 13 de Março de 1906)

Em cima: — O Rei Afonso XIII de Espanha cumprimentando a Rainha de Portugal após a sua chegada à casa de campo de Carabanchel, onde, em honra dos régios visitantes, se realizou um torneio de tiro aos pombos.

Em baixo: — O Rei de Portugal no momento de se mostrar um atirador exímio, pois bateu todos os seus competidores, sem que isso tivesse sido uma reverência para a sua alta categoria — antes foi a prova do seu valor desportivo.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

O MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL

O movimento operário em Portugal foi até à proclamação do regime republicano, representado exclusivamente, pelos socialistas. Não quer dizer que no seio das massas operárias que José Fontana e Antero de Quental tinham conseguido organizar, acompanhando o movimento ideológico europeu, não fermentasse entre uma maioria, o idealismo anárquico. Mas a corrente preponderante, a que conseguia arrastar multidões e promover as grandiosas paradas de trabalhadores por ocasião das manifestações do 1.º de Maio, essa era indubitàvelmente a socialista. No movimento associativo do operariado português, a acção socialista era decisiva e marcante. As antigas Associações de Classe, mais tarde substituídas pelos «sindicatos», tinham como dirigentes e orientadores a camada que se seguira a Fontana ou que pegara na sua obra e a continuara com a mesma orientação e o mesmo espírito. O chefe e orientador incontestado dêsse período a que nos referimos era Azedo Gneco, habilíssimo operário gravador, duma larga cultura sociológica e duma actividade contínua e tenacíssima que se multiplicava.

A propaganda pela palavra, a acção organizadora, as lutas da Imprensa, em tôdas essas manifestações de actividade Azedo Gneco estava presente.

E que essa actividade não foi improfícua demonstra-o, além do movimento associativo e orgânico das classes trabalhadoras, uma série de instituïções de carácter operário e social que se criaram por êsse tempo, como a Caixa Económica Operária, a Sociedade «Voz do Operário», as cooperativas de produção, as Mutualidades, etc.

Ao lado de Gneco, contavam-se Manuel José da Silva e Luiz Soares do Pôrto, Manuel Luiz de Figueiredo, António Francisco Pereira, Fernandes Alves, César dos Santos, Teodoro Ribeiro e muitos mais, uns mortos, outros, vivos ainda.

A proximidade do advento do regime republicano, desviando o interêsse das multidões para a resolução imediata do problema político, enfraqueceu o entusiasmo socialista do povo operário. Os

Digitized by Google

socialistas tiveram que se defender dos republicanos que, ligados com os anarquistas e tendo conseguido chamar a si Ernesto da Silva, Sá Pereira, Alfredo Ladeira e outros elementos mais jóvens do socialismo, queriam que êste abdicasse da sua acção própria, para derrubar antes de tudo a monarquia. Mas os socialistas resistiam a tôdas as campanhas e continuvam a ter influência sôbre as massas. A sua acção era mais orgânica e construtiva que revolucionária. Caluniados, apresentados como agentes da política monárquica, êles, que de forma alguma se opunham à revolução republicana, como que tinham a visão dos acontecimentos futuros e continuavam isolados, combatendo e lutando em prol das suas reinvindicações. Mais tarde depois de 5 de Outubro de 1910, a acção dos anarquistas, a traïção nas suas fileiras, e a embriaguês popular das primeiras épocas do regime, trouxe como resultado, especialmente depois do Congresso do Partido Socialista de Tomar, a passagem dos socialistas para uma situação secundária e o primado operário dos anarquistas de feição sindical. À orientação reformista «Lassaliana» de Gneco e dos seus companheiros, substituíram-se outros processos.

São do tempo que antecede pròximamente o advento da República, as fotografias que o «Arquivo» publica. Basta considerar a mancha dessas fotografias, para ter a impressão visual da natureza do movimento socialista, em comparação com o que veio depois.

A imagem serve aqui como comentário elucidativo dos factos. O movimento socialista dêsse tempo, só teve no novo regime um homem público que o considerasse e interpretasse: Estevão de Vasconcelos.

Só mais tarde é que, com Augusto Dias da Silva, fugazmente, a tradição socialista se reatou. O resto já não é História e pertence à actualidade.

R. C.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

A mesa dum Comício Socialista
(1 de Maio de 1907)

Azedo Gneco (Eudóxio Cézar Azedo Gneco) Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Português, lendo a moção que o Comício aprovou. Vêem-se no grupo António Francisco Pereira, Fernandes Alves, Manuel Luiz de Figueiredo e outros militantes operários dêsse tempo.

Digitized by Google

Digitized by Google

A mesa do comício socialista do 1.º de Maio de 1907. Azedo Gneco (Eudóxio César Azedo Gneco), Presidente do Conselho Central do Partido Socialista Português, lendo a moção que o comício aprovou. Vêem-se no grupo António Francisco Pereira, Fernandes Alves, Manuel Luiz de Figueiredo e outros militantes operários dêsse tempo.

O caudilho socialista, já falecido, Fernandes Alves, discursando no comício do primeiro de Maio de 1907.

O operário João Graça, velho militante socialista, falando no mesmo comício.

Digitized by Google

Azedo Gneco discursando.

A mesa da imprensa no comício do 1.º de Maio de 1907, rodeada de alguns militantes socialistas.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

III CAPITULO

PROCISSÕES

Não passaram muitos anos sôbre estas fotografias, e já elas são precioso documento histórico. Joshua Benoliel aprendera na experiência do jornalismo diário que a história se não repete e procurava fixar cada hora do tempo, certo de que a actualidade de hoje pertence à história de àmanhã. A sua intuïção artística, mais ainda que as exigências dos jornais em que trabalhava, permitia-lhe escolher fàcilmente os assuntos de maior interêsse presente e futuro. E a sua alma abria-se à sugestão de beleza das cerimónias do culto católico, muito embora não partilhasse das nossas crenças.

Na catedral de Sevilha e em muitas igrejas da Bélgica, Benoliel quís servir-me de guia, para explicar certos pormenores arquitectónicos e os segredos artísticos de Murillo e Van Dyck. E entendíamo-nos perfeitamente. Dizia êle que só o tempo nos separava: um de nós era anterior e outro posterior à vinda de Cristo. Ligava-se pela amizade o Antigo ao Novo Testamento.

É, pois, com saüdade e comoção que escrevo estas palavras a emmoldurar os seus trabalhos fotográficos em que se fixaram aspectos religiosos duma Lisboa que eu já não conheci...

É a procissão dos Passos no agonizar do seu esplendor, a desfilar nas ruas já marcadas pelas «paralelas» dos carros eléctricos.

Abre o cortejo a cruz processional, logo seguida pelas sobrepelizes brancas do clero e dos seminaristas. Sob o pálio, o prior da frèguesia leva a relíquia do Santo Senhor e, ao lado, avançam com solenidade os mesários da Confraria, empunhando lanternas de prata e envergando capas alvejantes. «Anjinhos» alados, todos vestidos de seda e toucados de flores fazem côrte aos andores do Senhor dos Passos e da Virgem Dolorosa. A multidão assiste compungida e devota...

As fotografias de Benoliel permitem-nos reconstituir o quadro em todos os seus pormenores, desde a gravidade com que se desenrola a cerimónia litúrgica pelas ruas da cidade até ao próprio sentimento estampado no rosto dos assistentes.

Muitos encontrarão vivos, nestes grupos, amigos que há muito desapareceram. Alguns lembrarão o que foram, ou talvez se reco-

Digitized by Google

nheçam ainda nesses inocentes «anjinhos». Todos notarão nestes instantâneos o contraste de costumes e de sentimentos entre duas épocas separadas apenas por um quarto de século.

Já então os velhos recordavam saüdosos outras procissões mais luzidas, com mais andores e mais «anjinhos», e censuravam o luxo que estava gafando as meninas *modernas*. E ainda então as criadas se não envergonhavam de sair à rua sem chapéu e malinha, e só as damas de algo usavam na cabeça enormes cêstos floridos. As mulheres do povo não passavam do lenço ou mantilha. E os homens, quási todos com um friso ornamental no lábio superior, aproveitavam estas solenidades, para mostrar os colarinhos brancos gomados e arejar os seus chapéus de côco.

Num ou noutro grupo, aparece o tipo clássico do polícia, que hoje só vive nas «revistas», com cara de lua cheia, bigodes fartos, grandes olhos a espreitar de soslaio, sem saber onde pôr as mãos papudas para não sujar a luva branca. E as crianças seguem interessadas o desfile do cortejo, a invejar os vestidos e as asas dos «anjinhos» e a cubiçar a doçaria que os pais lhes vão dar, como prémio de não terem chorado na procissão...

* * *

Êsses coloridos e solenes cortejos religiosos, quem os quiser presencear tem de procurá-los hoje nas aldeias, porque o «progresso» decretou-lhes guerra de morte, em nome de certos princípios quási indiscutíveis. Diz-se que estão fora do ritmo da civilização que em breve obrigará os próprios mortos a estugar o passo... São espectáculos destoantes da actual gravidade e beleza do viver citadino... O perfume do incenso provocaria irritações perigosas nos pulmões habituados a respirar subtis essências de gasolina queimada... E, enfim, a vida moderna dos grandes centros urbanos compensa em mecânica o que nos tirou em poesia...

Quem se não curvar à evidência dêstes argumentos, pode buscar lenitivo à saüdade nestas lembranças daquela «Lisboa antiga» que Benoliel fixou para a história, prevendo até onde chegaria a lógica do progresso. E saiba que, fora da cidade, ainda há procissões com «anjinhos» e andores, a desfilar em ruas atapetadas de flores e de mirto, rescendentes a alfazema e rosmaninho. Há almas a quem não basta o progresso da mecânica e que só enchem a sua ânfora na fonte da poesia. E às vezes chega, uma gota de poesia para transfigurar a vida inteira!

P.e MIGUEL A. DE OLIVEIRA

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

O Senhor dos Passos da Graça

Das festas religiosas que no passado se realizaram em Lisboa, das mais notáveis sem dúvida, pela sua sumptuosidade, pela côr, pelo cenário e pelo entusiasmo vibrante da alma popular, eram as procissões dos Passos.

Nêsse dia o povo vinha todo para a rua admirar a imagem que aos ombros de fiéis, era transportada de S. Roque para a Graça. Para que seja feita uma ideia do relêvo que na vida da cidade tinham êsses acontecimentos religiosos, reportamo-nos à procissão do Senhor dos Passos da Graça, do dia 23 de Fevereiro de 1903, que fica bem como exemplo.

Logo de manhã, às 7 horas, os fiéis começaram a afluir à Igreja de S. Roque, rezando-se missas até ao meio dia. A imagem do Senhor dos Passos, que ficou coberta de flôres, era velada por pessoas da maior nobreza do reino, como o Marquês de Sousa Holstein, visconde de Santarém, Sampaio de Melo e Castro, Conde de Sampaio, Conde de Estarreja, Conde de Penafiel, D. José Passos e Lorena (Pombal), etc., etc.. A concorrência ao templo aumentava sempre, de modo que à 1 hora da tarde êle estava já replecto, — a-pesar das suas dimensões.

Às 2 horas prègou o sermão do Pretório o rev. P. Conceição Vieira, e um quarto de hora depois chegava o Infante D. Afonso, imponente na sua farda de general de divisão, acompanhado pelo Conde de Sabugosa.

Pouco depois chegavam os Reis. A sr.ª D. Amélia vestia de preto, como convinha à solenidade, e D. Carlos envergava o uniforme de marechal-general; o príncipe D. Luiz apresentava-se fardado de tenente de lanceiros e D. Manuel de aspirante de marinha.

Depois de oscularem a veneranda imagem, as pessoas reais deixaram a Igreja, sempre acompanhadas pelas honras inerentes às suas altas personalidades.

Às 4 horas organizava-se a procissão. Primeiro o guião, depois

Digitized by Google

as lanternas seguidas pelo pendão, a cruz da irmandade e os «anjinhos» conduzindo as insígnias da Paixão.

O andor do Senhor dos Passos, lindamente ornamentado com violetas, era conduzido aos ombros de pessoas da maior nobreza do reino assim como as lanternas e ceriais também eram conduzidos por fidalgos e irmãos da confraria do Senhor dos Passos.

Sob o pálio, conduzido também por pessoas da nobreza, seguia o sr. Arcebispo de Mitilene, e logo após a banda da Guarda Municipal e a guarda de honra de infantaria e cavalaria do mesmo corpo militar, e depois a mole imensa de povo, — homens e mulheres de tôdas as categorias sociais que sempre acompanhavam a procissão.

O itinerário percorrido era o seguinte: Largo de S. Roque, Duas Igrejas, Rua Garrett, Rossio, rua da Palma, rua de S. Vicente, largo da Mouraria, calçadas dos Cavaleiros, de Santo André e da Graça, até à Igreja.

Os «passos» onde a procissão parou, enquanto os cantores entoavam o «miserere», foram na igreja de S. Roque, Encarnação, Rossio, Terreirinho e Arco de Santo André e ainda na Igreja da Graça.

Digitized by Google

Senhor dos Passos da Graça

No momento de se organizar a procissão, no Largo de S. Roque.

Com a sua inocência, os anjos são uma nota curiosa na procissão.

Um anjo na procissão, conduzido entre dois irmãos.

Digitized by Google

Ao desfilar da procissão assiste uma multidão enorme que se comprime à beira dos passeios, entre a qual se vêem alguns tipos característicos da Lisboa de então — de tão longe e tão perto, ainda, da Lisboa dos nossos dias.

A cidade tinha nesses dias, em que as imagens conduzidas em procissão vinham à rua, uma vida especial que lhe era comunicada pelos milhares de fiéis que vinham assistir à sua passagem, as ruas ornamentadas com verdura, as colchas engalanando as janelas vistosamente.

Digitized by Google

Em tôdas as ruas do percurso se via a multidão presenceando o espectáculo, então tão vulgar e sempre novo, da pasagem da Procissão.

As gravuras acima mostram aspectos dessa multidão emocionada com a presença da Virgem que, aqui e além, recebia as homenagens dos fiéis.

As de lenço misturavam-se com as senhoras de chapéu, as pessoas de tôdas as categorias sociais confundiam-se no mesmo desejo ardorosamente manifestado — prestar homenagem à Virgem e elevar as suas preces ao Céu.

Digitized by Google

Senhor dos Passos da Graça

Um aspecto da procissão descendo a rua de S. Roque, no momento da passagem do andor.

Digitized by Google

O andor do Senhor dos Passos da Graça

A procissão voltando para o Largo das Duas Igrejas, onde se realizava o «passo»

Digitized by Google

Digitized by Google

A Procissão dos Ramos

A procissão dos Ramos que saía da Real Capela das Necessidades e dava a volta ao largo fronteiro, nesse dia juncado de flores e plantas, era a procissão da nobreza por excelência.

À frente seguia a irmandade de cruz alçada, conduzida por D. Rodrigo de Melo, nela se incorporando El-Rei, de grande uniforme de marechal-general, com a banda das três ordens e a Raínha, de mantilha, como determinava o protocolo para solenidade em que era necessário guardar tanto respeito e modéstia.

O príncipe Real e os infantes ostentavam também, nesse dia, as suas fardas de grande gala.

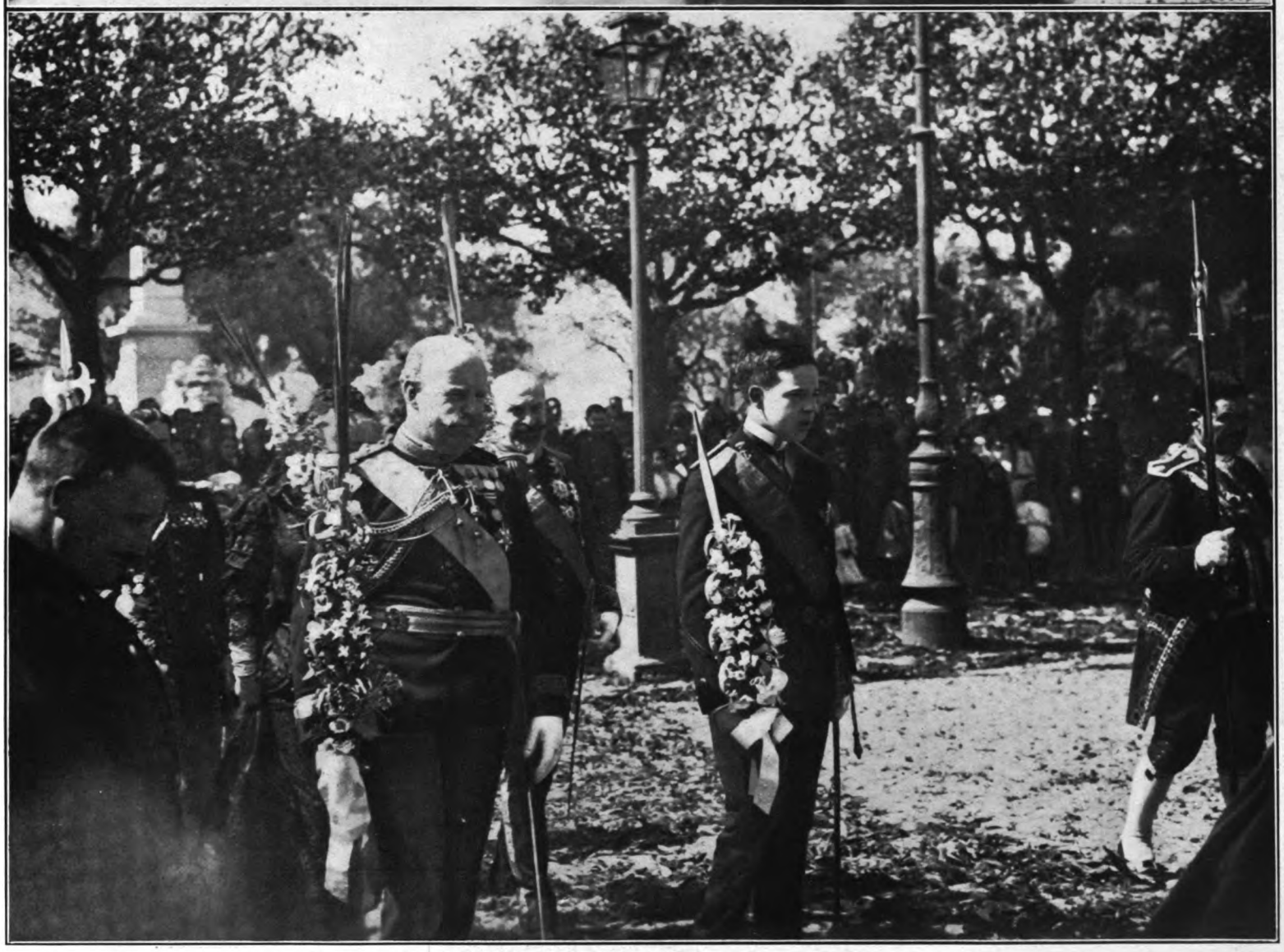
Fechava o cortejo, — majestoso nas fardas dos seus componentes, brilhante no seu aparato —, a guarda de archeiros com as suas vestes características e tão fora de uso.

A procissão dos Ramos, na Real Capela das Necessidades, era sem dúvida um dos mais aparatosos e típicos cortejos religiosos de quantos se realizavam em Lisboa.

Digitized by Google

Suas Majestades El-Rei D. Carlos, a Raínha D. Amélia, o Príncipe Real D. Luiz Felipe e os infantes D. Afonso e Manuel, passando entre alas de povo, seguidos do seu séquito, em frente do Palácio Real das Necessidades, incorporados na Procissão dos Ramos.

Digitized by Google



A Rainha D. Amélia e o Príncipe D. Luiz Felipe, na procissão dos Ramos, no Largo das Necessidades.

Os infantes D. Afonso e D. Manuel na mesma procissão, no momento da sua passagem em frente da Capela Real das Necessidades.

Digitized by Google

A Procissão dos Ramos

Em cima: A Família Real todos os anos se encorporava na Procissão dos Ramos, que organizada na Capela do Paço das Necessidades, dava a volta ao largo fronteiro.

Mais dois aspectos da mesma Procissão

O clero encorporado na procissão dos Ramos, no momento em que esta saía da capela do Palácio das Necessidades.

Altos dignatários da côrte, membros do Govêrno e da Casa do Rei, encorporados na procissão dos Ramos.

Digitized by Google

A Procissão do Entêrro

A procissão do Entêrro realizava-se nos vários bairros da cidade e cada um caprichava em se apresentar melhor que o vizinho. Do Carmo, do Destêrro, em Belém, em S. Roque, da Capelinha dos Navegantes saía a procissão que percorria as principais ruas das frèguesias perante o gáudio dos rapazes, o respeito dos indiferentes e a admiração dos fiéis — sem dúvidas o maior número.

O pendão, a cruz, o guião, as lanternas, o andor, eram conduzidos pelos primeiros irmãos que solenes, nas suas capas roxas, constituíam um tipo curioso da cidade há muito desaparecido mas que viverá permanentemente nas telas magníficas de Mestre Malhoa.

Nas margens do passeio a população aguardava a passagem do cortejo, ajoelhando à passagem dos andores, à passagem da cruz e do pálio, e depois encorporava-se no préstito, de forma que quando êle voltava à igreja de onde saíra, era tão grande já a mole de povo que acompanhava o cortejo que mal cabia na igreja.

Havia a saüdável alegria de viver e o povo ria e folgava, no hábito bem português, de misturar o profano com o religioso.

Digitized by Google

A Procissão do Entêrro

A cruz alçada e o pálio na procissão do Entêrro, no instante em que esta tendo descido a rua de S. Roque, voltava para o Largo das Duas Igrejas

Outro aspecto da procissão do Entêrro em que se vêem alguns irmãos com as características capas, e outros conduzindo as lanternas e ceriais.

Digitized by Google

Procissão do Entêrro

Ainda outro aspecto da imponente procissão do Entêrro, tirado no momento em que o pálio — sob o qual caminhava sempre um Principe da Igreja — passa no Largo de Camões.

Digitized by Google

O andor da Virgem na procissão do Entêrro, no momento da sua passagem no largo de Camões.

Digitized by Google

A Procissão da Saúde

A procissão da Senhora da Saúde, que em Lisboa se realizava todos os dias 8 de Abril, era das mais notáveis festividades religiosas da capital.

O característico e popular bairro da Mouraria tinha nesses momentos um certo ar de graça, os seus habitantes, nem sempre cheios de virtude, encontravam-se possuídos duma tal unção e dum determinado recolhimento, que tornavam sem dúvida a procissão da Senhora da Saúde num dos maiores expoentes de fé do bom povo de Lisboa, que, numa mistura pagã, sem irreverência, dava à Mouraria das guitarradas e dos fados um ar de festa, de candura e ingenuïdade, com as ruas atapetadas de verdura e os seus balcões floridos, — com as suas lindas raparigas em trajos domingueiros.

Às 16 horas organizava-se a procissão, que no nosso país se fazia desde o reinado de D. Sebastião, por motivo dum voto da população quando uma grande peste causou estragos consideráveis em Lisboa; desde então até 1910, todos os anos se realizava em Lisboa a procissão da Saúde.

Era a procissão militar por excelência, organizada pela Arma de Artelharia e nela se encorporava o Infante D. Afonso, sem dúvida o oficial de artelharia de maior categoria social, comandante da bateria independente de Queluz.

A procissão saía da popular capelinha da Saúde, muito branca, muito pequenina, muito vistosa, e sob a presidência do Arcebispo de Mitilene, percorria as principais ruas do bairro e as da baixa, dando a volta ao Rossio e voltava novamente à capela da Saúde, onde com o concurso enorme do povo que enchia o templo e pejava o fronteiro largo se realizavam várias solenidades religiosas.

No cortejo religioso encorporavam-se as tropas da guarnição, e a fechar seguia uma mole enorme de povo entoando cânticos religiosos — um espectáculo único que não se voltou a repetir.

Digitized by Google

A Procissão da Saúde

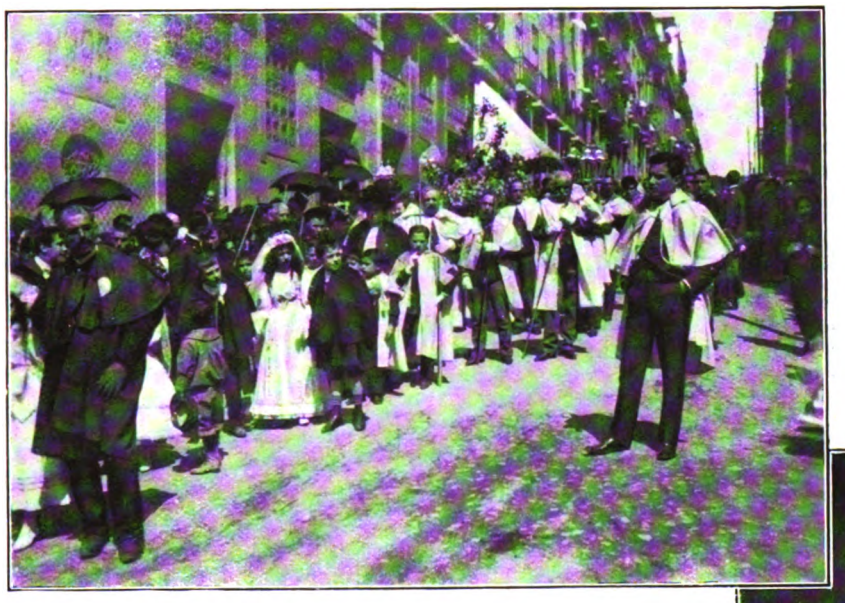
A Família Real saindo da capela da Saúde, na Mouraria, no momento da saída da popular procissão.

Alguns anjinhos na característica procissão, e o andor de N. S. da Saúde na sua passagem pela rua da Madalena.

Digitized by Google

A Procissão da Saúde

O Infante D. Afonso, como oficial mais categorizado da arma de artelharia, todos os anos se encorporava nesta procissão.



Os anjos, conduzidos pela mão dos irmãos, eram sempre motivo de curiosidade do público e punham nestas cerimónias uma nota de característica inocência.

Digitized by Google

Era motivo de regosijo ver passar o pendão da Confraria de Nossa Senhora da Saúde, todo branco, orlado de azul, com as armas reais ao centro — o que dava a esta procissão uma importância excepcional.

Quando a procissão passava no largo da Sé, a multidão ajoelhada fazia as suas preces à Virgem, conduzida aos ombros dos irmãos da Confraria da Nossa Senhora da Saúde.

Digitized by Google

IV CAPITULO

CASCAIS

Côrte de Saüdade

As terras têm, como os homens, um destino marcado. Há vilas tristes e aldeias alegres; cidades onde florescem génios e capitais onde a vida pára. Assim, Cascais tinha de ser côrte de reis e de príncipes, de fidalgos, de mulheres lindas. O fausto, a grandeza, o amor, a elegância, a inteligência, a beleza, tiveram na encantadora estância de verão a sua mais alta expressão.

Correram mundo, nas côrtes mais poderosas, as notícias perturbadoras da vida elegante em Cascais. No enquadramento admirável do mar, tão azul como o céu, da suavidade do clima, das moradias nobres, dos jardins e das matas luxuriantes, a côrte portuguesa cobrava, em três meses quentes, energia, vivacidade, ternura, para o resto do ano.

Côrte da Saüdade podia chamar-se, com inteira justiça, à vila de Cascais. Ainda hoje, no olhar azul dos pescadores, se descobrem vestígios da época dourada em que a côrte se divertia — a todos os passos aprazíveis ligando a ideia de uma nobre generosidade.

Vão longe as calças esticadas, os jequetões compridos, os colarinhos afogadores; e as saias pregueadas, de grandes rodas, os chapéus mal equilibrados em pequeninas cabeças, as sombrinhas de sêda. Mas perto fica, sempre, porque é uma tradição de beleza, a saüdade do tempo em que a côrte e os dignatários, a aristocracia, a finança, o alto funcionalismo, punham de banda os rigores do protocolo, e folgavam e se praziam em jogos desportivos, em concêrtos de música, em arraiais luzidos e bizarros.

Cascais — côrte da saüdade...

Digitized by Google

Digitized by Google

A Praia

Quem há vinte para trinta anos conheceu a praia de Cascais, justificava, certamente, o dito célebre de «uma vez a Cascais e muitas mais».

Era ali, na aristocrática praia de Cascais, que os elegantes e as elegantes de então — a nobreza e a alta burguesia — tinham os seus encontros, se organizavam as partidas, as regatas, as «ginkanas», que depois chamavam à praia e à vila pessoas dos quatro cantos de Portugal e até do estrangeiro.

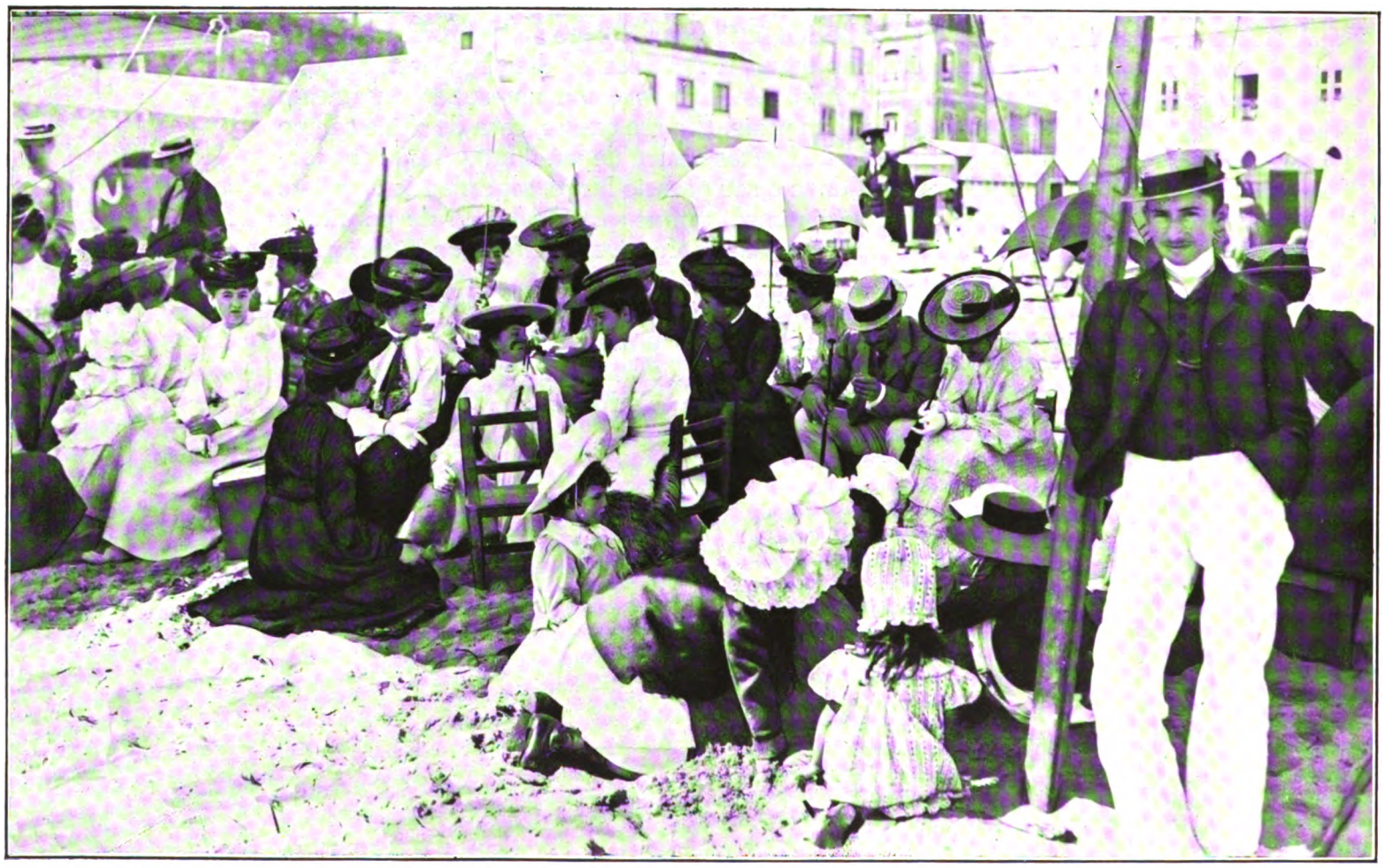
Ali, «onde o mar beijava constantemente as areias», na praia elegante por excelência, passearam as mais lindas mulheres de Portugal do seu tempo, e fidalgos de velhos pergaminhos bateram o fado — como êle era batido então por fidalgos e boémios.

E não admira que assim fôsse. Nesses dias fugitivos em que durava a época da praia, tão breves como um sonho raramente realizado, tudo se fazia na praia. Ela era casino, casa de chá e campo de desportos, e não poucas vezes centro de má língua. Tôdas as tardes, D. Carlos, por lá dava o seu passeio largo, segredando com êste e com aquele dos seus íntimos, tantas vezes falando de política e muitas outras inteirando-se das inofensivas intrigas da côrte, pelas quais era tão guloso...

Ir a Cascais, à praia, imprimia carácter e dava distinção. Não havia pessoa de sociedade ou que quisesse parecê-lo, homem ou mulher, que não fôsse veranear para Cascais e que, estando ali, não fôsse passar as tardes para a praia. Todos lá iam. Os que não iam para ver — iam para se mostrar...

Digitized by Google

À tarde, na praia, num grupo de elegantes conversa-se animadamente, discutindo aquelas preciosas futilidades que em todos os tempos e em tôdas as épocas sempre ocuparam o espírito das senhoras.



Um grupo gentil de senhoras da alta roda, que em 1907, veraneavam em Cascais, numa daquelas tardes luminosas de Setembro, frente ao oceano, passando uma tarde amena.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

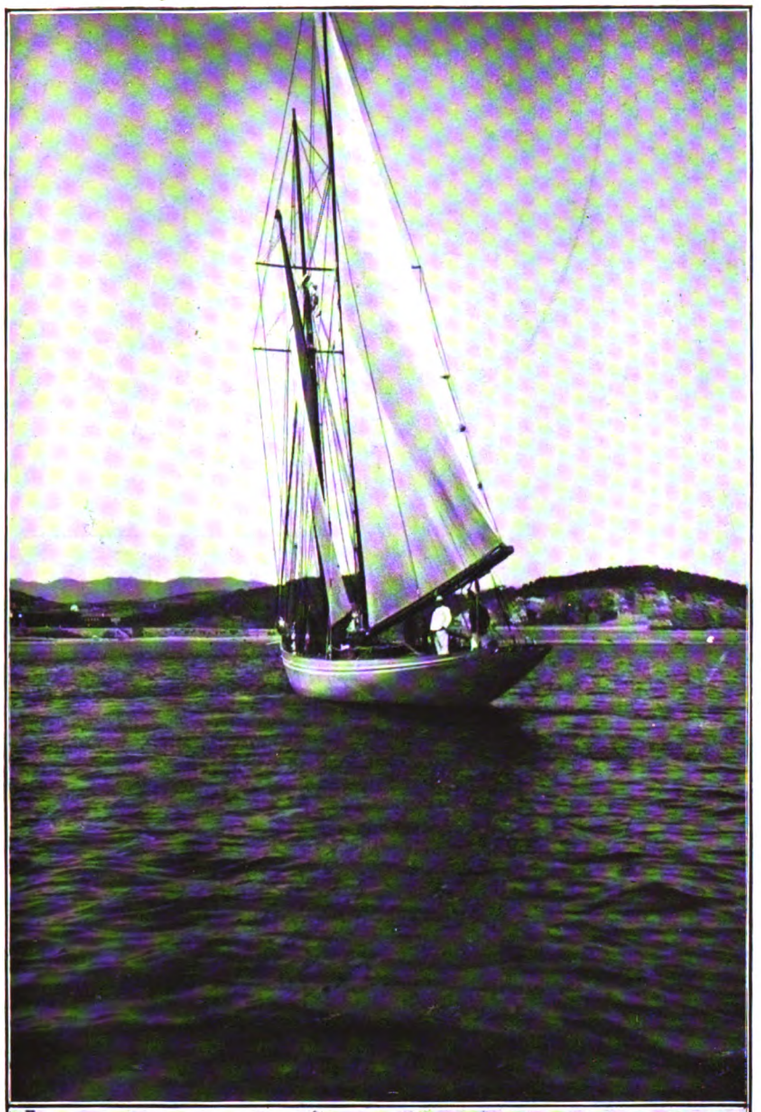
Vida Elegante

(Cascais)

S. M. R. D. Carlos com algumas senhoras da aristocracia de então, na Parada, em dia de festa elegante.

Digitized by Google

Digitized by Google



O «hiate» real «Maria Stella», onde o Rei D. Carlos praticava o seu desporto favorito, navegando ao largo de Cascais.

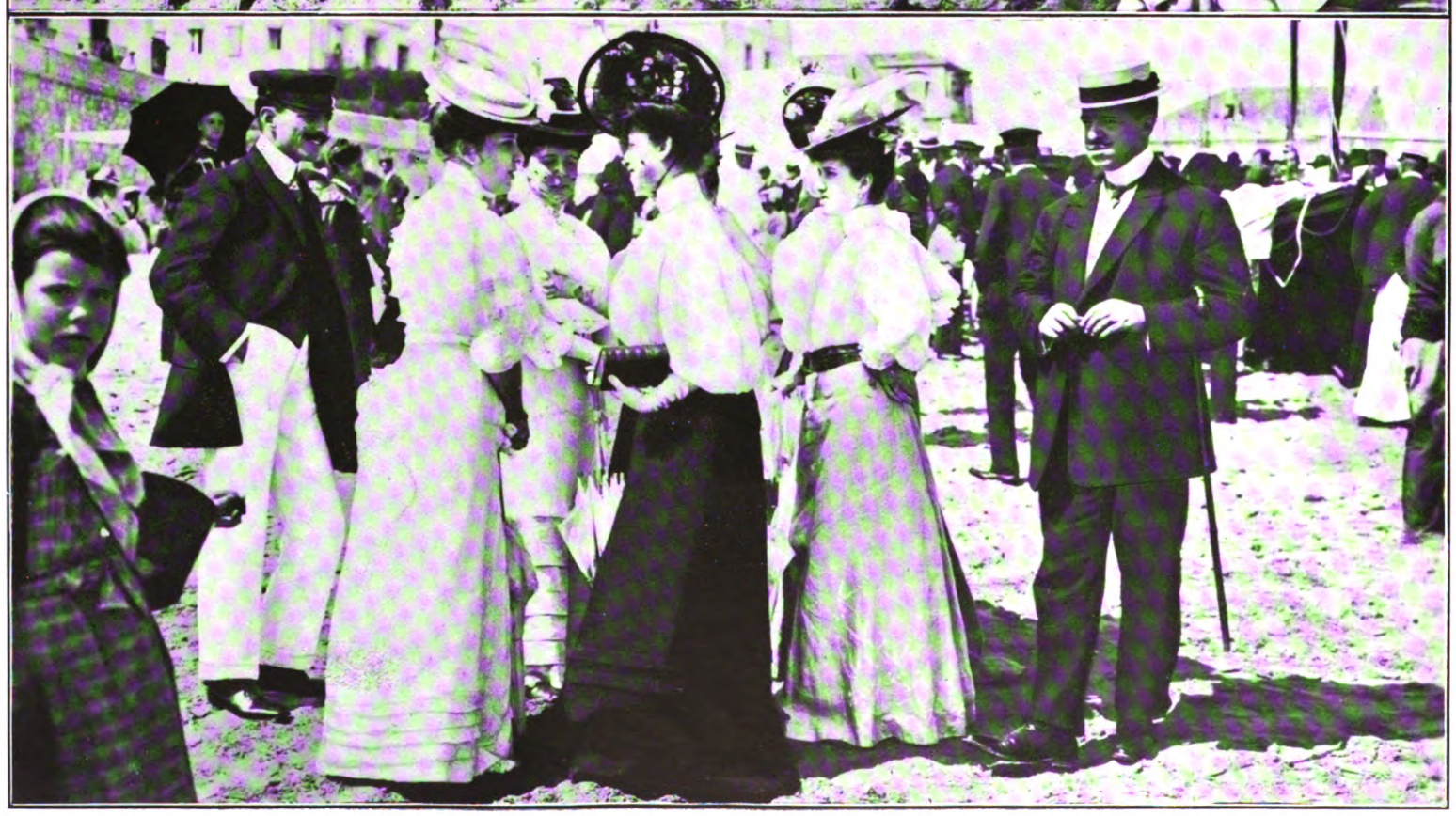
O Rei D. Carlos subindo as escadas que conduzem à cidadela, depois de desembarcar do seu «hiate». O soberano, que sempre se mostrava um eximio cultor das belas artes, — como o demonstravam os concêrtos em que tomava parte e as magnificas aguarelas que nos legou, — não desdenhava os «sports», e quer na caça, ou fazendo «tennis», ou ainda navegando, êle era sempre o primeiro.

Na praia, Fernando de Serpa cumprimenta Madame Francisco Figueira.

Um grupo de elegantes da época, vendo as provas náuticas que se realizam ao largo.

Digitized by Google

As três gravuras desta página representam aspectos flagrantes do que era então — já lá vão algumas dezenas de anos — a vida elegante de Cascais durante o verão, em que as pessoas da sociedade se reüniam diàriamente na praia, e ali passavam as tardes.



Digitized by Google

O Tiro aos Pombos e o "Tennis„

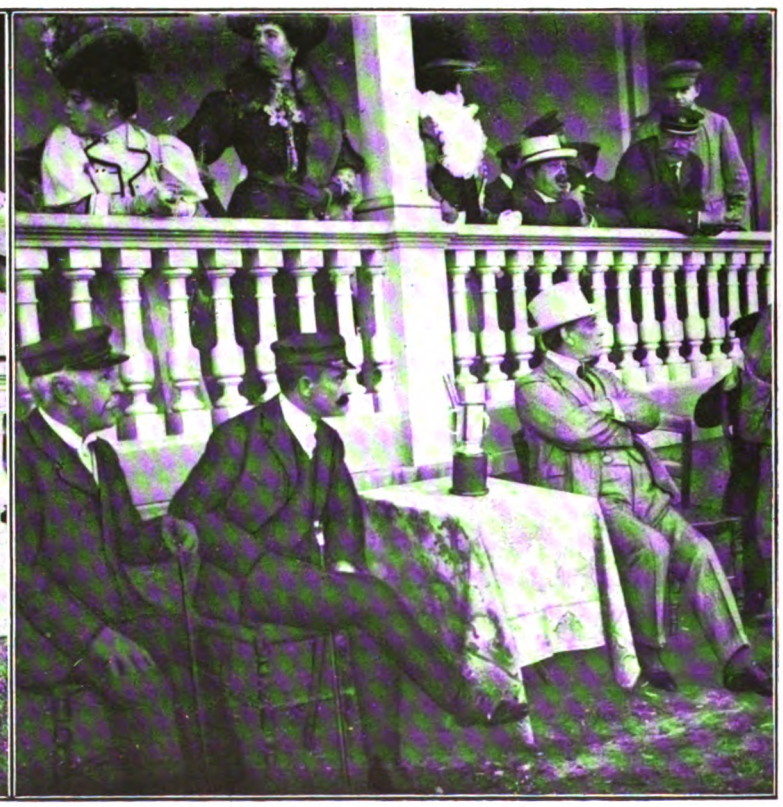
O desporto favorito da época, o desporto elegante, aquele que o Rei praticava mais amiüdadamente, e com maiores mostras de agrado, era então o tiro aos pombos. Êste facto bastou para que tôda a côrte o praticasse e achasse excelente, tornando-se assim o tiro aos pombos o desporto preferido pela côrte.

O Rei inscrevia-se e tomava parte nos torneios com verdadeiro interêsse, batendo-se por uma boa classificação, que sempre obtinha, tendo sido durante muitos anos o triunfador da «Taça Eduardo VII», e algumas vezes da «Taça Afonso XIII».

Estas óptimas classificações obtidas por D. Carlos, de modo algum representavam um favor ou gentileza para com o Rei. D. Carlos classificava-se em primeiro lugar porque, de facto, o merecia, o que de resto não admirava ninguém, pois todos sabiam que o soberano era um dos melhores atiradores do seu tempo.

Digitized by Google

As partidas de Tiro aos Pombos, em Cascais, foram sempre animadas e concorridas. Era nesse tempo o desporto favorito das pessoas de sociedade, e à disputa das provas assistia sempre o que havia de mais elegante.



Dois aspectos da assistência à disputa da «Taça Eduardo VII», durante o torneio de 1907, em que D. Carlos saiu vencedor

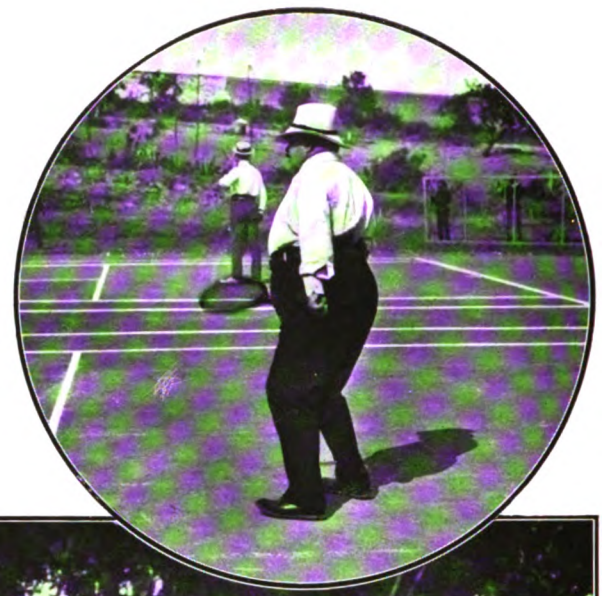
Digitized by Google

D. Carlos e outras pessoas da côrte, seguindo interessadas as várias fases de um torneio de tiro aos pombos.

Nos redondos: O principe D. Luiz Filipe, Mário Duarte e Brandão de Melo, entusiastas das provas de tiro.

D. Carlos apontando a um pombo

Digitized by Google



D. Carlos jogando o «tennis», desporto em que se mostrava um competidor de respeito.

Grupos de senhoras da primeira sociedade, surpreendidas no campo do Sporting.

Um aspecto curioso da assistência às provas de «tennis» no campo do Sporting.

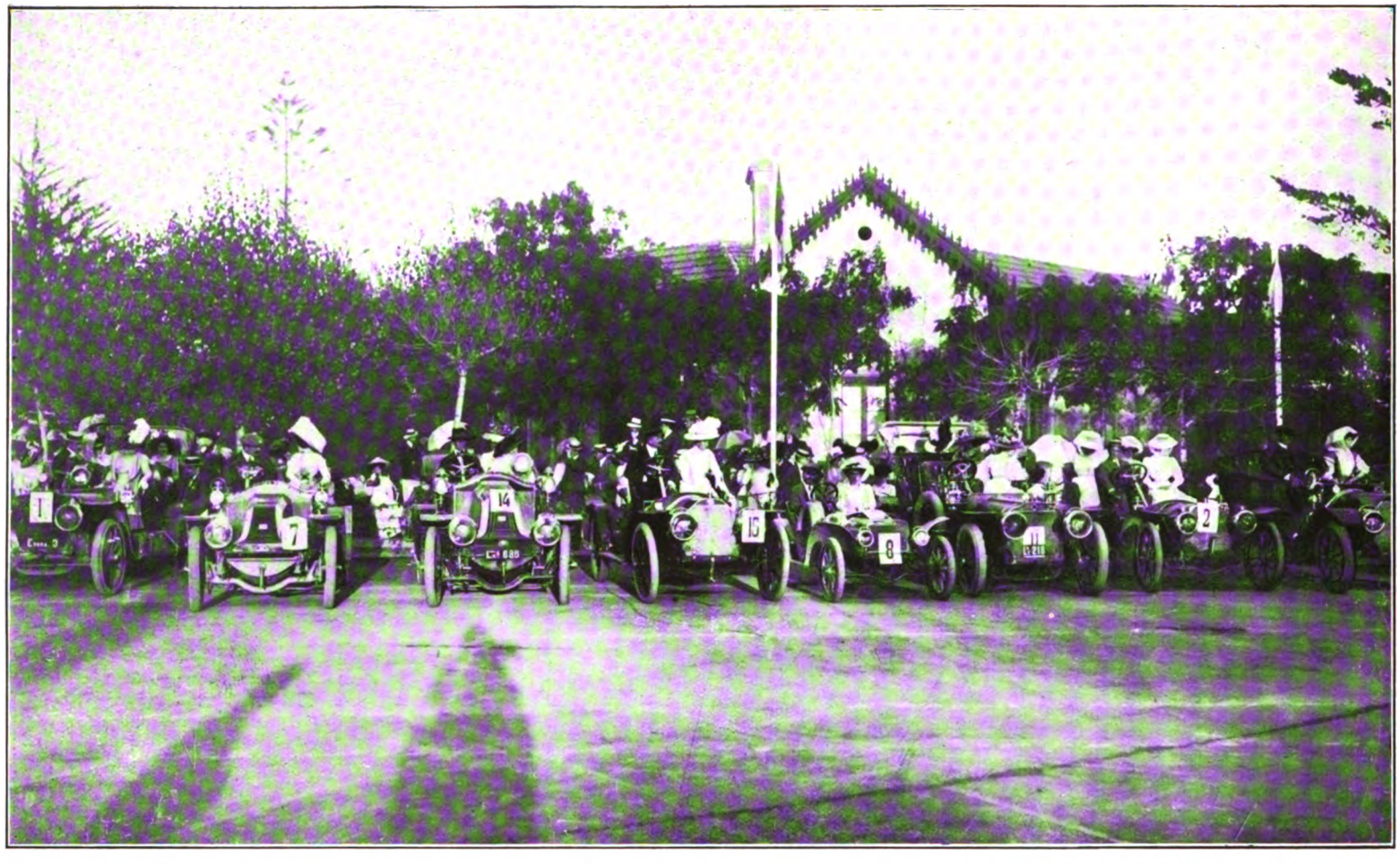
Digitized by Google

As "ginkanas„ de automóveis, na parada de Cascais

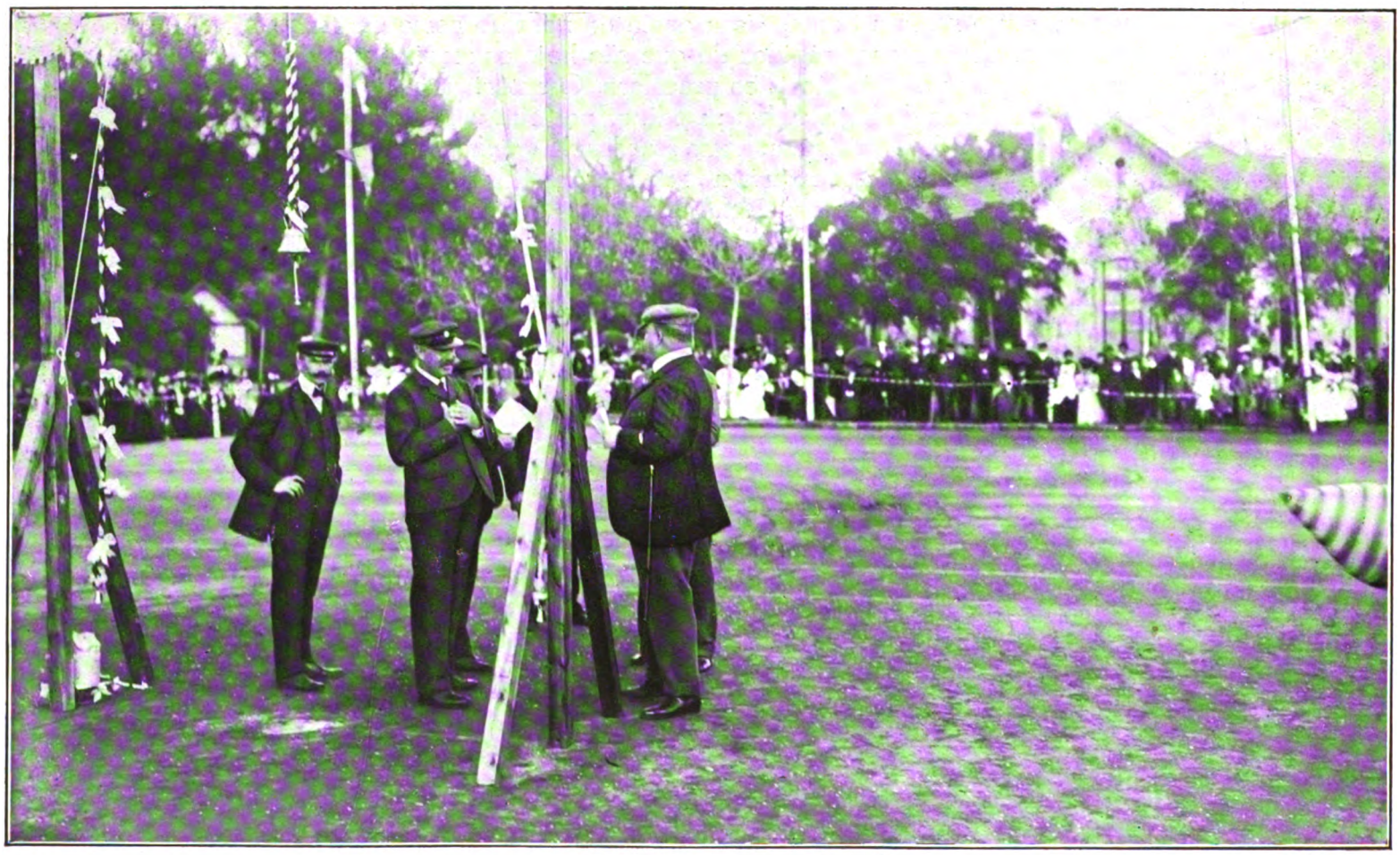
As primeiras «ginkanas» de automóveis fizeram-se em Cascais, ao impulso dessa portuguesíssima figura do Infante D. Afonso e de outros nobres titulares. Então, os avós das «limousines» de luxo eram umas caranguejolas inestéticas, ruïdosas, envoltas em fumo, que exigiam fôrça muscular para o manejo das alavancas e do volante. De agradável, tinham os bancos altos, onde, a-par do «chauffeur» real ou fidalgo, ia a dama da nobreza como em trono precioso. Eram menos rápidos do que são hoje os movimentos dos pares inscritos e mais fáceis os precalços. O entusiasmo, a alegria, eram iguais aos de hoje, embora medidos por outras regras.

A parada de Cascais era, nessas tardes de «ginkana», um armorial. O que de mais nobre havia no reino, as mulheres mais formosas, os nomes mais ilustres nas letras, nas artes e nas ciências, ali se reúniam. E ao cabo da noite, do espectáculo alacre, movimentado, feliz, restavam dezenas de mil réis para os pobres...

Digitized by Google



Um aspecto dos concorrentes à «ginkana» de automóveis de 1907, em Cascais, — precussora das actuais corridas de automóveis



D. Carlos e o Infante D. Afonso organizadores entusiastas das provas automobilistas de então — as «ginkanas» de automóveis

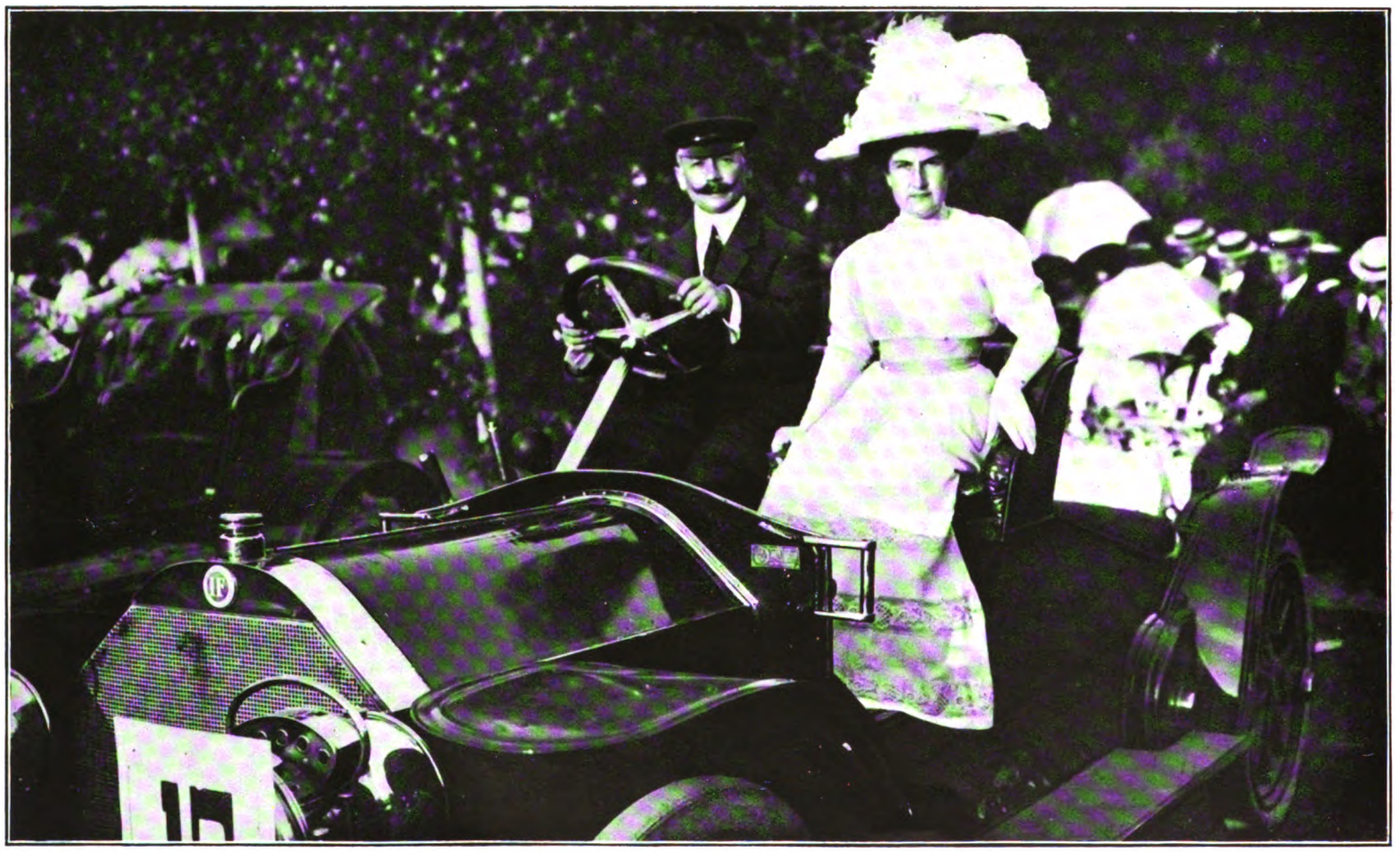
Digitized by Google

Henrique Anjos e a espôsa, no seu carro, — um dos primeiros que veio para o nosso país

D. António Herédia, outro entusiasta dos desportos, no carro n.º 13 das provas automobilísticas de Cascais no ano de 1907

Digitized by Google

George Bleck — um desportista duma geração de desportistas, — guiando o seu automóvel.



Outro aspecto da «ginkana»: Guilherme Bleck guiando o carro em que tomou parte nas provas.

Digitized by Google

V CAPITULO

Reinado de D. Carlos é a base onde assenta o moderno exército português

Os dezanove anos do reinado de D. Carlos I podem, sem que se incorra naquela falta de sentimento das proporções, tão vulgar entre nós, considerar-se afoitamente como um período de notável rejuvenescimento do nosso Exército.

Mais até: o início e a base, bem cimentada e válida do seu ressurgimento, de modo a pô-lo, muito em especial pela cultura técnica dos seus quadros de oficiais e de sargentos, sensìvelmente à altura do que fôram até 1914 as instituïções militares contemporâneas nos outros países.

O largo período de octaviana paz, que tinha sido o reinado de D. Luiz, havia levado a nossa tropa a uma situação de marasmo, e de apagamento de que, só talvez a Reorganização de 1885, de Fontes Pereira de Melo, com as correlativas aquisições de material moderno para a infantaria e para a artelharia, o haviam começado a arrancar.

Dormitava-se bastante nos Estados Maiores e na fileira, em matéria de instrução e de preparação guerreira, — esta era a verdade — e os regimentos e batalhões quási se achavam reduzidos ao papel de alinharem os efectivos nas ruas, em guardas de honra, ou de marchar *em grave* atrás de Procissões...

O resto do tempo — e então o soldado ainda passava na fileira 7 e depois, 5 e, por fim 3 anos — estava absorvido pelo estopante e estiolador serviço de guarnição, com as soturnas guardas à *Principal,* do Terreiro do Paço, aos Paços Reais e até às Cadeias Civis — e por uma tremenda e meticulosa *papelada* de escrituração de secretaria e de conselho administrativo, que a Fazenda Nacional impunha para, até ao último real, zelar os seus interêsses.

Era o tempo em que tôda a preocupação do Comando estava na *brilhantura:* metais amarelos como oiro, ou brancos como prata, correâme encerado a luzir como polimento, ou caiado de branco, a cegar a vista, calças brancas repuxadas a goma-crúa, e a limpeza do armamento levada a detalhes inverosímeis e até prejudiciais para a sua conservação e utilização, como instrumentos de guerra...

Não se julgue, todavia, que não houvesse quem pretendesse sair da rotina. Para não citar mais, o Coronel António José da Cunha Salgado, de cavalaria, oficial distintíssimo, disciplinador, e ilustrado, escritor elegante e conhecedor do que se praticava lá fora, no estrangeiro, por lá ter ido várias vezes, em missão.

E como êle muitos outros, em particular das camadas novas. Mas Cunha Salgado fôra um incompreendido e um guerreado pela massa geral e rotineira, que não queria passar do ramerrão e dispensava inovações.

Digitized by Google

Os longos períodos de paz... Só conhecemos, é bom dizer, êste Exército por tradição e a geração anterior à nossa, que anda agora pelas alturas do generalato, tampouco o conheceu, por via de regra, também...

* * *

Mas, a partir de 1889 começaram as coisas a mudar de aspecto.

O Rei, novo, com 26 anos, ao subir ao trono, entusiasta por tudo quanto fôsse militar, inteligentíssimo e com uma ilustração muito acima do vulgar, resolvera meter ombros à grande obra de renovação e de arejamento, indispensável para se poder ir para diante.

Tinha conhecido bem a *fileira* em Príncipe, pois quisera ser, de *verdad*, comandante dum esquadrão de lanceiros, e fizera, como qualquer outro e durante muito tempo, o *serviço efectivo* na unidade a que pertencia, como, depois, na *Escola de Torpedos* se dedicou com o maior interêsse a êsse ramo de serviço do Exército.

Estava, pois, de há muito, em contacto com o Exército, e ao par das suas necessidades e do que se torna preciso fazer, e contava com verdadeiras amisades, que o seguiram até à morte, entre os seus camaradas.

E, passadas as primeiras e graves dificuldades do *Ultimatum* e do *31 de Janeiro*, encontrou logo a secundá-lo um núcleo de oficiais como colaboradores inteligentes e cheios de actividade.

Não havia, até então, *limites de idade* e, por conseqüência, verdadeiras relíquias, embora venerandas mas mumificadas, continuavam no *activo* até que Deus Nosso Senhor aprouvesse fazer-lhes soar aos ouvidos o *Toque de recolher*.

E veio a lei dos *limites de idade*, para fazer entrar tôdas essas inutilidades na bem merecida inactividade da reforma. Muito guerreada a lei, é claro, mas salutar e indispensável!

Não havia, até essa época, provas de aptidão para a ascensão aos postos superiores e ao generalato, ou, se as havia, eram dum rudimentarismo de *taboleiro*, que chegava ao pueril...

Pois criaram-se os exames para major e para general, depois sucessivamente aperfeiçoados e *apertados* nas provas pelos diversos diplomas publicados, até se chegar ao que são na actualidade.

Vieram com o andar do tempo e o correr dos anos, os estágios obrigatórios de tirocínio de tenentes, de capitãis, de oficiais superiores nas Escolas Práticas das Armas, de modo a suprir as deficiências originadas nos efectivos esqueléticos que os magros orçamentos do Ministério da Guerra permitiam.

E, a par disto, os *exercícios de quadros*, começados logo em 1893, por iniciativa de Pimentel Pinto e anualmente repetidos pelo País fora, nas cêrcas das diversas divisões e serviços do Exército.

Pouco a pouco, duma forma gradual e paralelamente (dentro das nossas possibilidades) com o que se fazia nos principais exércitos estrangeiros, se foi procurando familiarizar o corpo de oficiais com a resolução dos problemas de especialidade, sôbre a carta e no terreno, estabelecendo a ligação de conjunto entre as diferentes armas. Até se chegar ao que hoje se pratica, e ao que, ainda no reinado de D. Carlos, se alcançou com a viagem do Estado Maior, sendo ministro da Guerra Vasconcelos Pôrto, para estudo da célebre posição das Talhadas, em Sabreira Formosa, e onde, sob a superior direcção do General Sebastião Telles, competência de todos reconhecida, operaram os quadros superiores e Quartéis Generais dêsse grupo de divisões, se não estamos em êrro.

Digitized by Google

A Escola do Exército era, no comêço do reinado apenas uma Escola, como qualquer outra superior, *com externato*, onde se aprendiam ciências militares.

Faltava-lhe o *internato* para inoculação e apuramento da disciplina e do espírito militar; faltava-lhe o *uniforme único*, em vez de um uniforme para cada corpo, a que o aluno pertencesse, como era até então.

Pois, com Pimentel Pinto, remodelou-se a organização da Escola, criou-se o *Corpo de Alunos* e o *internato* e, sem dúvida que a preparação e educação militares dos candidatos a oficial melhoraram consideràvelmente, sob todos os aspectos, tranformando-os nos *Cadetes de Bemposta*, do nosso tempo, como o público os designava e não se cansou de aplaudir, quando um dos 2.os Comandantes da Escola, que foi um oficial de artelharia de grande nome — Jaime de Castro — entendeu, e bem, começar a trazê-los à rua, para os incorporar nas formaturas gerais da Divisão em ocasiões solenes. Quem, dêsse tempo, não se recorda, da forma impecável, como a Escola do Exército marchou, por exemplo, pela Baixa fora, direita ao Terreiro do Paço, para ir fazer a guarda de honra à Raínha Alexandra de Inglaterra quando aqui esteve?

À frente, com a banda do 11 de infantaria em testa de coluna, e comandando a companhia, Rêgo Chaves, que é hoje coronel de Engenharia e já foi ministro e governador geral de Angola.

E, depois, num tinir formidável de esporas — com rosetas de cobre, para fazer mais barulho... — o desfile cheio de «crânerie» de 200 e tantos alunos por secções, alinhadas como se fôssem traçadas à régua, as espadas perfiladas, a bandoleira branca cruzando o dolmen curto, de guarnições vermelhas, as 4 largas divisas de 1.º sargento, berrantes e cruzadas, em diagonal, pelo gabão de ouro *de cadete*, a bota alta de salto de prateleira, bem esticada até ao joelho sôbre um calção de malha repuxado e justo à côxa, a rebentar!...

Era assim o *chic* dêsse tempo.

Quantos namoros, quantas *conquistas* se forjaram nêsse dia!

Já lá vão tantos anos!

Os *Cadetes-Don Juans* dessa época, nos tempos que vão correndo, de há muito que *peinan las canas*, aí de major para cima e *elas*, as *vampes* de então, de chapelinho de pandeireta, trazido à cabeça e *jupe cloche* não devem andar muito longe dos *40 e muitos*, como costumava dizer o almirante Policarpo de Azevedo...

Mas adiante...

Como se verificasse que o ensino na Escola do Exército tinha de ser essencialmente teórico faltando *ao aspirante a oficial* (pôsto intermédio também criado no reinado de D. Carlos) o *saber de experiências feito*, do contacto com o soldado e com os detalhes do serviço de fileira, fôram remodeladas e aperfeiçoadas as Escolas Práticas das Armas com tal objectivo, e, no fim do curso para se pôr o 1.º galão de hierarquia de oficial, tinha o candidato de ir completar a sua aprendizagem, num período intensivo de 8 meses, ou em Mafra, ou em Tôrres Novas, ou em Tancos ou Vendas Novas.

Os tempos de verão, nessas Escolas Práticas eram além disso, também, períodos de grande concorrência de oficiais de tôdas as armas e o Rei nunca faltava aos seus trabalhos finais.

Por sua banda, a Escola Central de Sargentos, de Mafra, (outra criação do reinado de D. Carlos) ministrava uma sólida instrução à classe, que vinha da fileira e ia formando óptimos e ilustrados oficiais. Foi a digna precursora da actual Escola de Águeda, que nos dizem modelar.

Digitized by Google

* * *

Progrediu-se, pois, palpàvelmente, de ano para ano, em todo o sentido e em todos os ramos de vida militar— é indiscutível.

Evolucionava-se e manobrava-se, talvez duma forma que o *Post-Guerra* faça parecer hoje infantil, mas que era, no fim de contas, como indicavam os Regulamentos de então e, *se manobrava* lá fora, antes de 1914.

De resto, com a criação em todos os regimentos e serviços das Bibliotecas Militares, devida em 1892 à iniciativa do Ministro da Guerra João Crisóstomo de Abreu e Sousa, onde as melhores e mais consagradas obras da especialidade se passaram a encontrar, para estudo do nosso Corpo de oficiais, e ainda com as repetidas visitas ao estrangeiro de missões militares nossas, com o fim de estudar o funcionamento das suas escolas, percorrer aquartelamentos e assistir a manobras, o nosso Exército estava por completo a par dos progressos contemporâneos.

Criou-se e desenvolveu-se uma verdadeira literatura militar, pela publicação regular de revistas da especialidade para tôdas as armas, e onde colaboravam não poucos oficiais, alguns com notável brilho e competência, como Sebastião Teles, João Martins de Carvalho, Morais Sarmento, Garcia Rosado, Sinel de Cordes, Aires de Ornelas, Vitoriano César, Taveira, Matias Nunes, Teixeira Botelho, Mendonça e Matos, Eduado Pellen, Alberto Silveira, Nunes Gonçalves, Duval Teles, Carlos Bocage, Craveiro Lopes de Oliveira, Domingos Correia, Honorato de Mendonça, Xavier Machado, Baracho, Bento da França, Fernando Maia, Fragoso Carmona, Sá Chaves, Adriano Beça, Rodrigues da Silva, Pacheco Simões, Soarsfield, David Rodrigues, Guedes Vaz e tantos outros.

Dois oficiais portugueses, um de artelharia, Nunes Gonçalves, e outro de infantaria, Alberto Vergueiro, introduziram notáveis e eficazes modificações nas culatras do material de campanha adoptado para nosso rearmamento: no canhão de 7^{cm},5 Canet, e na espingarda Mauser, modêlo 1904, ainda hoje em serviço.

Na cavalaria, Damasceno Rosado, Alfredo de Albuquerque, Domingos de Oliveira, Rocha e Sá, Ilharco, e Leopoldo Soares, em especial, dedicaram-se com afinco ao estudo das raças cavalares e aperfeiçoamento do nosso serviço de remonta, com exposições de gado na Tapada da Ajuda, marchas de resistência através do País, concursos hípicos, etc.

Uma numerosa pleiade de cavaleiros de concurso — Álvaro de Mendonça, António Calheiros, Martins de Lima, André Reis, Manuel Latino, Marquês de Bucelas, Joaquim Beltrão, Carlos Veloso, Jara de Carvalho, Casal Ribeiro, Calado, Lusiquem de Azevedo, Silveira Ramos, Solano de Almeida, Delfim Maia, etc. — em montadas de qualidade inferior, conseguiam notabilizar-se e ganhar prémios nos concursos de Espanha, de França e de Itália e, mais tarde, reproduzir, correctas e aumentadas, não poucas vezes, na Escola de Tôrres Novas, as proêsas eqüestres dos seus camaradas italianos de *Torre di Quinto* e de *Pinerolo*.

A própria instrução individual do soldado, nas unidades das diversas armas, foi progressivamente, sendo mais cuidada, de modo a poderem obter-se, principalmente se se atender ao tempo de serviço cada vez mais reduzido na fileira, verdadeiros prodígios, como êsses que fôram com soldados mal saídos de recruta, as evoluções no Hipodromo, em presença do Kaiser e, depois do Rei de Saxe.

Entendeu-se, por esta ocasião, e bem, *não armar em espectáculo para alemão ver*, mas simplesmente, e com pequenas unidades, mostrar-lhes, como se ministrava a instrução prática preparatória em Portugal.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

A rapidez nas deslocações e na *volta em combate* para tomar posição, do Grupo a Cavalo, de José Lôbo de Vasconcelos, uma das vezes e, na outra, da bataria do 1, do Capitão Chagas Parreira, a esplêndida *dressage* do esquadrão de cavalaria e a precisão de movimentos da companhia de infantaria, fôram seguidos, creiam, com a maior das atenções pelos soberanos alemãis e pelas suas *suites* militares, que, entusiasmados, até bateram palmas, quando o grupo a cavalo numa frente de duas baterias, e subindo todo o Hipodromo a galope, veio galgar num arranco soberbo o barranco, que lhe fica no alto, *meteu em posição*, atirou uma *rajada* de não sei quantos tiros, e engatando novamente, desceu numa velocidade vertiginosa outra vez o obstáculo para executar uma larga conversão, que enchia todo o campo.

Não fazemos frases, nem exageramos, porque foi assim mesmo...

Contou-nos um dia um dos ajudantes de campo de D. Carlos, que um dos oficiais alemãis, nêsse momento, se voltou para êle, e como profissional, que era, *batido na fileira*, inquirira, apontando para os nossos soldados:

— Quanto tempo de praça?

— Quanto muito, 6 meses...

O alemão esboçou um sorriso, incrédulo, num ligeiro cumprimento.

Não acreditava — e todavia era a pura verdade...

Progrediu-se, pois, e muito.

E de tal modo se aperfeiçoou o nosso corpo de oficiais que, ao entrarmos em beligerância na Grande Guerra, não foi certamente a sua competência técnica — e a maioria fôra educada no reinado de D. Carlos — que faltou.

Ninguém iguala a fama e consideração de que gozaram, por exemplo, entre os nossos aliados ingleses, os oficiais da artelharia portuguesa.

Um nome basta citar: Bernardo de Faria, que fôra o dilecto ajudante de campo de Vasconcelos Pôrto.

Pois tôda esta impulsão se deveu ao eco que encontrara na alma do Rei quanto dissese respeito ao Exército e sem dúvida também à acção patriótica e inteligente dos seus colaboradores.

Dêles, três a destacar, que fôram Ministros da Guerra: Pimentel Pinto, homem com os defeitos que lhe provinham da sua filiação partidária, mas com grandes qualidades e iniciativas de Chefe; Sebastião Teles, uma verdadeira e notável competência militar e um grande nome do nosso Estado Maior; Vasconcelos Pôrto, sem dúvida o maior dos que passaram pelo Ministério da Guerra, durante a Monarquia Constitucional, pelas suas qualidades de trabalho, pela sua clara visão das realidades das coisas, pelo seu método e espírito e seqüência e também pela gente de que se soube cercar.

A êle se ficou devendo o início da aquisição das viaturas para mobilização das divisões do Exército, segundo os mais aperfeiçoados modêlos de então.

A 4.ª divisão, de Évora, e que se estendia, pelo Alentejo até ao Algarve, foi mesmo completamente mobilizada, devendo continuar essa dotação sucessivamente, pelas restantes, de modo que tôdas as unidades, num futuro mais ou menos próximo, ficassem munidas do material preciso para entrar em campanha.

*

* *

Mas, como aliás sucedia a todos os Exércitos do *Avant-Guerre*, ao nosso faltou até certa altura o prestígio guerreiro...

As Campanhas Coloniais lho vieram dar!

A actual geração não pode compreender o alto renome, interno e externo, que *de um salto*, o Exército Português adquiriu, após a Campanha de 1895,

Digitized by Google

com as vitórias de Marraquene, de Coolela, de Maque e de Munjacase, e com a audácia inteligente do feito imorredoiro de Chaimite!

E tudo se tinha feito, com 3 exíguos batalhões de infantaria, uma ou duas batarias de montanha e o esquadrão de Mousinho!

Cinqüenta praças haviam bastado para terminar com um remate épico a campanha gloriosa em que destruíramos o poderio dos «Vátuas», e ainda o maior império indígena e guerreiro da África do Sul!

O País sentiu então, nas aclamações com que, de Norte a Sul, recebeu Galhardo e Mousinho, e na forma como se passou a interessar, pelo que lhe vinha de África, com renome europeu, — o alto serviço que o Exército e a Armada lhe tinham prestado — *salvando Moçambique!*

E não se ficou por aqui, nas operações de domínio e pacificação dos nossos territórios ultramarinos: foi, depois, Mousinho, nos Namarrais; João de Azevedo Coutinho, no Barué e na Zambézia; o Infante D. Afonso e Garcia Rosado, dominando a revolta dos rames e maharathas da Índia; a célebre marcha de Sousa Machado, aos territórios de Mataka, e que foi das mais árduas operações congéneres, que se têm efectuado em África; Celestino da Silva dominando e pacificando Timor; Veríssimo Sarmento, depois seguido na sua obra da ocupação efectiva da Lunda, por Azevedo Lôbo e Almeida Teixeira; a campanha do Bailundo, com Massano de Amorim, e a dos Dembos, com João de Almeida; a da Guiné com Jorge Camacho e Musanty, e, finalmente, a do Cuamato, para vingar o desastre de 1905, junto ao Cunéne e ocupar o território para sul do rio.

Como corolário de tôda essa actividade guerreira e civilizadora, vinha a Lei de 1901, abrindo uma grande porta ao Exército da metrópole, para o serviço nas Colónias, tornando-o até certo ponto obrigatório — um verdadeiro *roulement* onde se tem vindo formando sucessivas camadas e gerações de coloniais, distintíssimos e carregados de serviços à Pátria.

Desde o primeiro escalão, com António Ennes, Mousinho, Freire de Andrade, Paiva Couceiro, João Coutinho, Aires de Ornelas, Gomes da Costa, João Gaivão, Eduardo Costa — grandes governadores, grandes soldados, grandes marinheiros e grandes portugueses! — quanto não têm feito essa gente, que lhe tem seguido na esteira, em sucessivas gerações, pela grandeza de Portugal!

Mas o *ponto inicial* do Ressurgimento Colonial — escusam de o buscar: está no Reinado de D. Carlos!

*
* *

Pois, é curioso observar, que num reinado, *tão militar*, poucas fôram, afinal, as paradas gerais, de Grande Gala, e de pura ostentação que nêle se realizaram...

Apenas, em 1889, a da aclamação do Soberano, desfilando as tropas pela Rua do Ouro, Rossio, e Avenida, com o Rei à frente — e esta do Hipodromo de Pedrouços, dezóito anos passados, em 1907, para Missa Campal, seguida de Juramento de Bandeiras, dos recrutas dêsse contingente e desfile em continência de tôda a guarnição da capital e campo entrincheirado.

Pela primeira vez, no mesmo dia e à mesma hora, em tôdas as localidades do País, onde havia guarnição militar, as tropas se concentraram para se cumprir, com igual solenidade, êsse Preceito Regulamentar, fundamental na vida do Soldado.

Só estas duas paradas gerais em 19 anos, se não estamos em êrro...

Formaturas gerais, ou por contingentes representando as respectivas uni-

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

dades, essas, sim, houve-as de sobejo, para chegadas de Chefes de Estado estrangeiros, aberturas do Parlamento em 2 de Janeiro de cada ano, funerais de grandes personagens civis e militares, etc.

Mas paradas espectaculosas de grande uniforme, como tinha sido, noutros tempos a do *24 de Julho*, consideravam-se a nosso ver, sem razão, como *tendo passado de moda*...

Para ver desfiles, mais ou menos numerosos, de tropas, (se exceptuarmos as formaturas anuais, de primavera, das brigadas de Lisboa para provas de instrução no Hipodromo de Pedrouços) tinha-se de ir assistir fora da cidade, no campo, aos exercícios das unidades que concorriam, com reservistas incorporados ou sem êles, e, em geral, no efectivo duma divisão, às *manobras do Outono*, como fôram as da Beira, em 1894 e 95, as de Trajonce e do planalto do Catão, perto de Sintra e as do Norte em 1902 e 1903 e, no ano seguinte, as do Bussaco, em que tomou parte a 5.ª divisão.

É claro que aí não havia a esperar o decorativo, o reluzente e o vistoso duma grande parada de *Cidade*, mas, simplesmente, a *ordem de marcha*, às vezes aligeirada com o jaleco de brim, em vez da jaqueta de pano, e que, com a cobertura *fôlha morta* dos capacetes e barretinas ou *képis*, era então o *uniforme de campanha;* o calçado e o correame empoeirado ou barrado de lama, a uniforme terroso, do arrastar nos bivaques e nos deslocamentos exigidos pelo desenvolvoimento táctico dos temas.

Nada de decorativo, como se vê, nêsses desfiles finais de manobras, a que D. Carlos e a Raínha nunca faltavam, fizesse sol ardente, ventasse ou chovesse.

As fotografias que seguem e, onde D. Carlos nos surge, *em flagrante*, como nós o víamos diàriamente, modesto e simples no seu dolman de flanela, bem o demonstram.

*

* *

Pois esta Parada do Hipodromo de Pedrouços, de 20 de Janeiro de 1907, foi, sem dúvida, sumamente brilhante.

Ali se concentraram uns 8 a 9.000 homens: as duas brigadas de infantaria, que então se aquartelavam na capital, com Caçadores 2, infantaria 1 e 2, na 1.ª ou «Sector 2», e Caçadores5 e infantaria 5 e 16, na 2.ª; a brigada de cavalaria, com lanceiros e Cavalaria 4, artelharia 1, Grupo a Cavalo, Corpo de Marinheiros, unidades de Engenharia e artelharia de guarnição do Campo Entrincheirado, Serviços de Administração Militar e Saúde, etc.

Trage de Grande Gala, é evidente.

Não era já (diziam-no os antigos de tropa de então) aquele aspecto variado e multicolor dos uniformes, que duravam até 1885, em que cada corpo tinha a sua côr distintiva nas golas, nos penachos e nos canhões das fardas, e os Caçadores, êsse tom sombrio, côr de pinhão, com guarnições verdes e rugras, que os tornaram conhecidos pela Europa fora — mas, ainda assim, para o gôsto da época (e nisto de uniformes também há modas e figurinos importados...) o atavio da nossa tropa, em grande uniforme, era elegante e sóbrio.

Sôbre o tom azul do uniforme, com uma gradação mais clara no *tricot* do calção, as guarnições vermelhas de infantaria e negras ou azuladas dos Caçadores; as largas *crinières* vermelhas dos capacetes de artelharia, negros nos de engenharia e brancos na cavalaria e lanceiros, produziam um magnífico efeito de conjunto, onde, aqui e além esvoaçavam os *plumets* azuis e brancos dos generais.

A artelharia com o seu material Canet de 7^{cm},5; a infantaria armada com

Digitized by Google

a Mauser-Vergueiro e os Caçadores apresentando, pela primeira vez, as suas companhias de metralhadoras Vickers-Maxim.

Com o Estandarte de Lanceiros o Príncipe Real, D. Luiz Filipe, alto, loiro e esbelto, com a habitual gravidade, que sempre se lhe notava no rosto sério. Com a Bandeira da Escola Naval, e ainda numa descuidosa adolescência, o então Infante D. Manuel, que pouco mais dum ano passado ascenderia ao Trono...

E foi a esta tropa que D. Carlos, depois de assumir o comando superior das fôrças em parada, passou revista, precedido pelos quatro ajudantes de campo, em batedores, e seguido de Vasconcelos Pôrto, então Ministro da Guerra e do General Craveiro Lopes, comandante da 1.ª divisão e pai do que é hoje Governador Geral da Índia.

Era o D. Carlos das grandes ocasiões!

Solene, militar desde as pontas das botas ao bico do capacete, a larga envergadura do tronco cruzada pela banda azul da Tôrre e Espada, erecto e cheio de majestade sôbre o cavalo negro, que avançava a passo, rente à frente de Marcha de continência e as bandas enchiam o ar com os acordes do Hino bandeiras das colunas cerradas de infantaria, enquanto os clarins entoavam a Nacional e Real de então, e a artelharia salvava!

E a cada espada abatida, que o saüdava, a cada pelotão, esquadrão ou bataria, que atingia no seu avanço vagaroso e que apresentava armas ou levantava as lanças ou espadas em continência — D. Carlos correspondia num largo e brusco abater da sua espada de Generalíssimo, — a lâmina a cintilar ao sol, vinda do alto, desde que a trazia da altura dos lábios, até apontar ao solo, para a voltar, com rapidez, a perfilar como oficial, que era e que a sabia manejar sem hesitações.

Era bem o REI!

A quarenta, a cinqüenta, a cem mil homens, que fôssem os que ali estivessem em formatura, em vez dos escassos 10.000, que eram, ninguém — nem mesmo o Kaizer! — os passaria em revista, com tanta e tão adequada imponência e consciência da sua suprema hierarquia militar!

...Aquela fibra, aquele desvanecimento *de ser tropa,* que fazia com que raro envergasse outro traje, que não fôsse o militar e, que o faziam proferir — e num tom de voz inesquecível, de vibrante e emocionado que foi! — aquelas admiráveis palavras, da Sala do Risco do Arsenal de Marinha, por ocasião da recepção triunfal que foi tributada, em Lisboa, aos que vinham com Roçadas, com Eduardo Marques, Sepúlveda, Francelino, Martins de Lima e Montez, cobertos de glória, da Campanha do Cuamato, quando lhes distribuiu as medalhas da Raínha D. Amélia das Campanhas de África.

Era em Dezembro de 1907 e D. Carlos, evocando a si a representação da *Grande Família Militar, de que se orgulhava de ser o Chefe,* dizia-lhes:

«Que o vosso exemplo sirva de ensinamento!

«Unâmo-nos todos, para engrandecer ainda mais e manter o nome de Portugal, que há-de ser sempre grande, enquanto tiver soldados, como vós, para o defender!».

.....

.....

Um mês depois: o Regicídio...

Lisboa, Novembro de 1934.

SATÚRIO PIRES

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Visita Real
à Escola Militar

Constituía sempre um acontecimento a visita anual de El-Rei à Escola Militar — visita que, quando se realizou em 1907, no dia 30 de Outubro, impressionou bastante pelo brilhantismo, maior que o dos anos anteriores, e pelas afirmações que ali se fizeram.

Lendo a oração de *sapientia*, o professor, sr. coronel Veiga, referiu-se com verdade e desassombro à falta de apetrechamento do nosso Exército onde então só existia — como hoje ainda existem igualmente — os bons soldados de Portugal.

O Rei D. Carlos respondeu com um discurso que ficou célebre, pois mostrou o conhecimento que o soberano tinha das realidades — e da forma de remediar o mal existente.

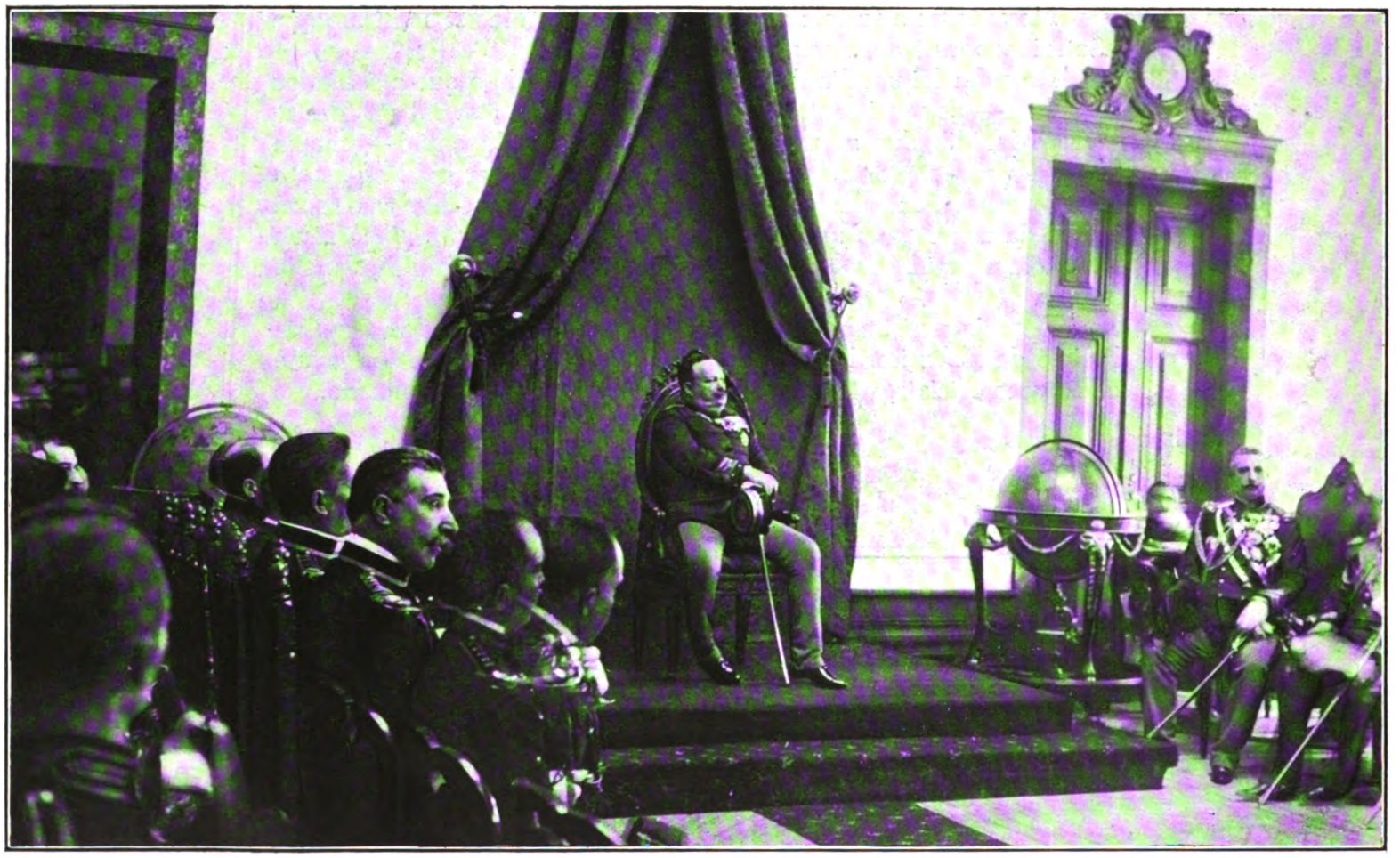
No entanto a festa, naquele ano, teve grande brilhantismo que não foi menor ao dos anos anteriores.

Êsse dia foi um dia de festa na cidade. Tudo o que a soldados se refere,— as vestimentas vistosas, o seu porte marcial na formatura, o luzidio dos amarelos das suas fardas de então — chama sempre a atenção do nosso povo que se junta a ver os desfiles e a gozar o espectáculo das continências e evoluções. Se, dêste modo, as festas da tropa eram um motivo de encanto popular, a visita régia à Escola referida era, por sua vez. uma festa da grande família militar.

Recebia a visita do seu Chefe Supremo — D. Carlos, generalíssimo do Exército de Portugal, — a academia onde se formavam os futuros oficiais, os continuadores da gloriosa obra realizada.

Digitized by Google

D. Carlos, seguido pelo general comandante da Escola Militar, no momento de dar entrada no edifício, quando em 30 de Outubro de 1907 assistiu à abertura dos trabalhos escolares.

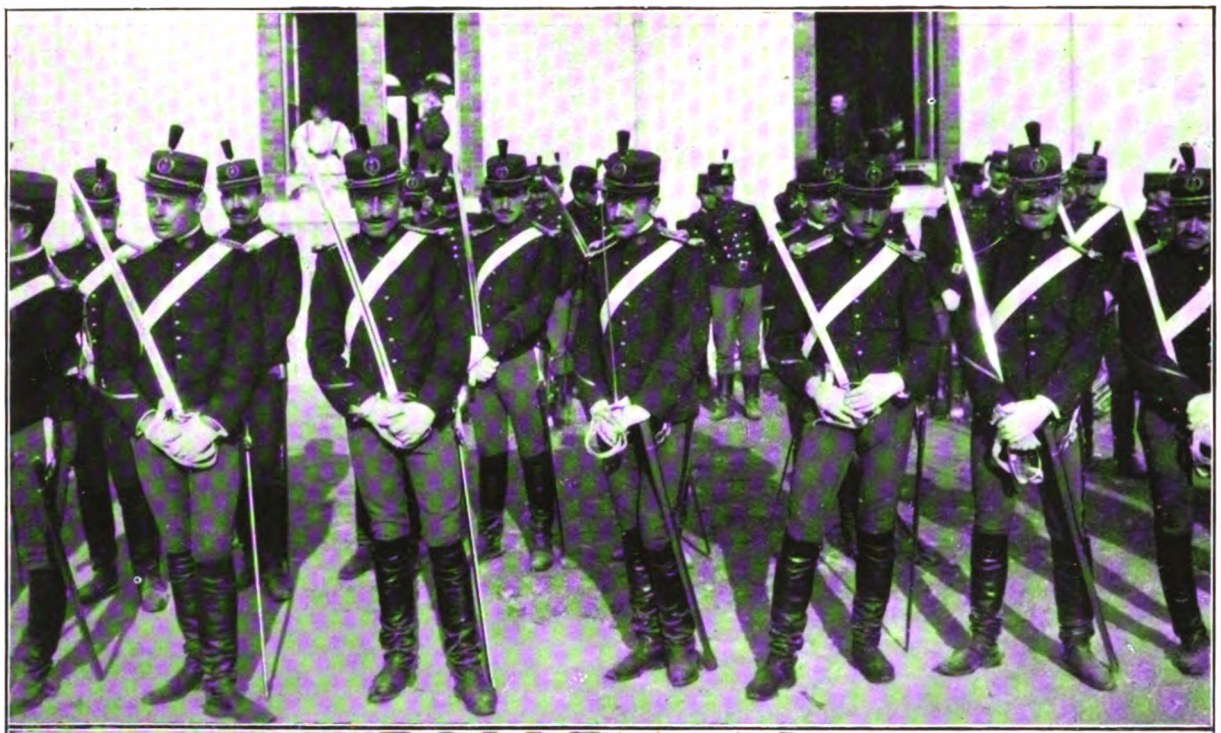


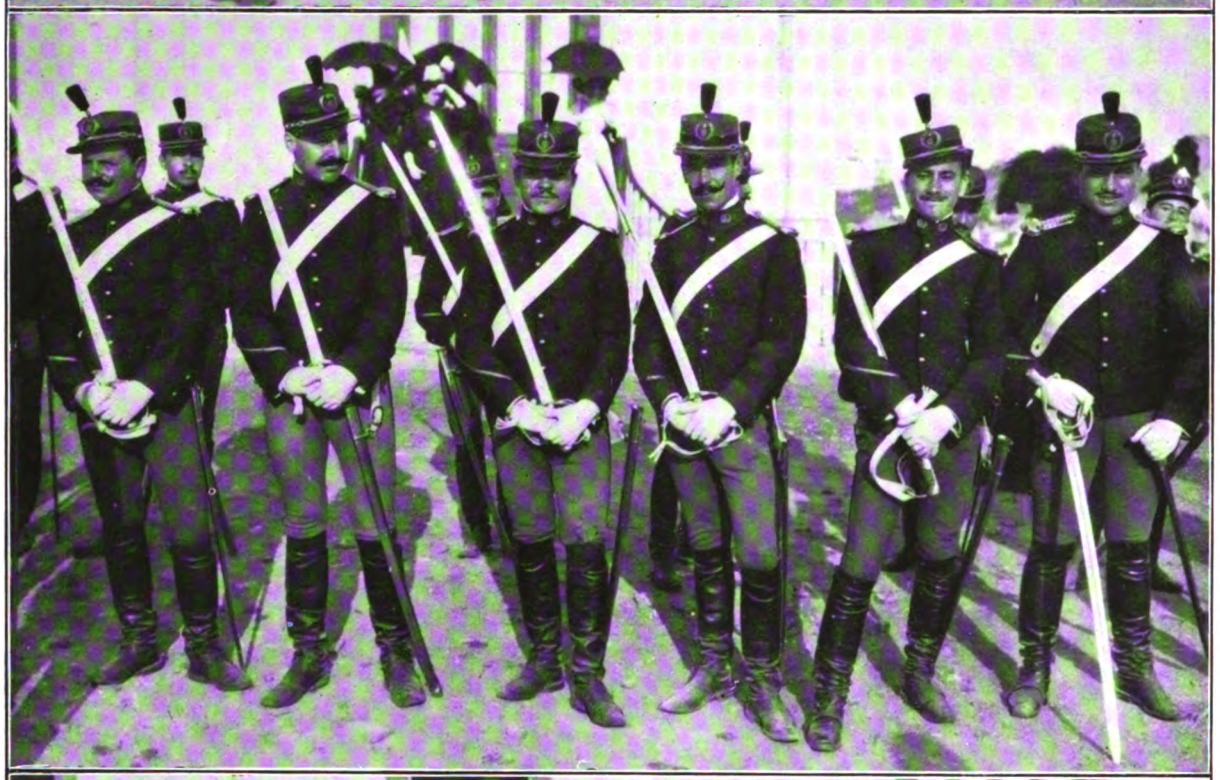
Na sala do trono o Rei presidindo à inauguração dos trabalhos escolares, tendo à direita o Ministro da Guerra e à esquerda o corpo docente e oficiais que na Escola Militar prestavam serviço.

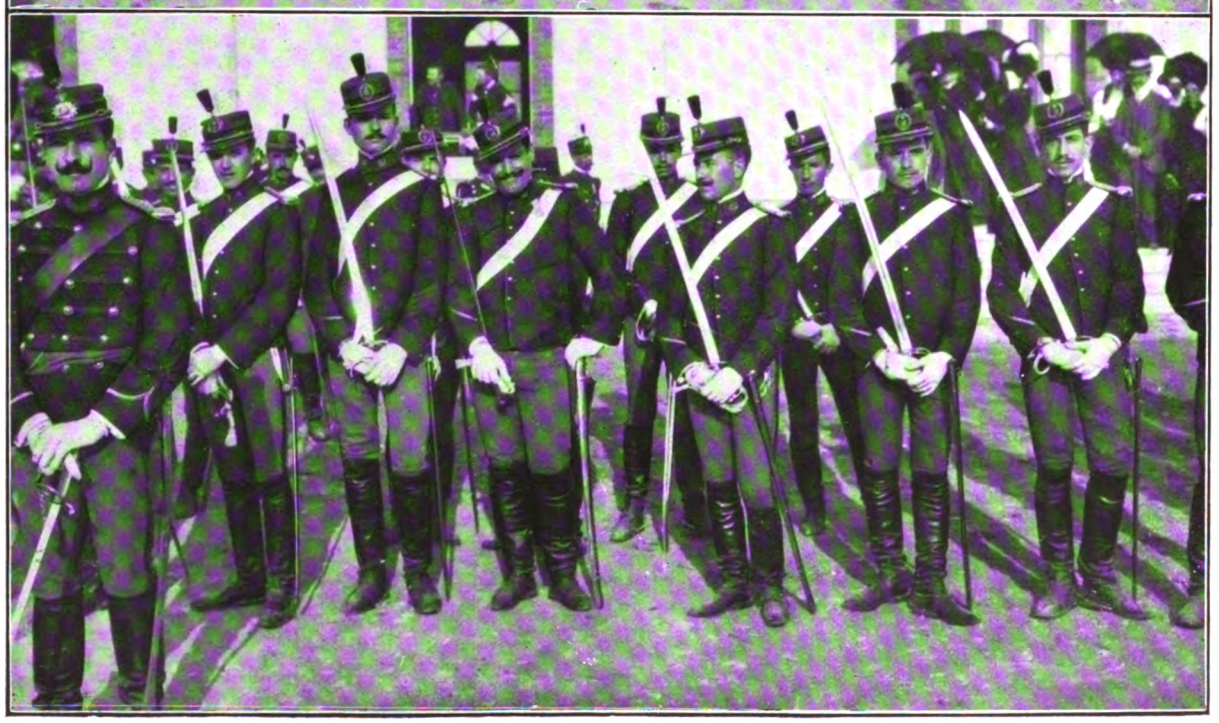
Digitized by Google

O porta-estandarte e a guarda de honra que na visita do Rei D. Carlos lhe prestaram as homenagens inerentes ao seu alto cargo.

Digitized by Google



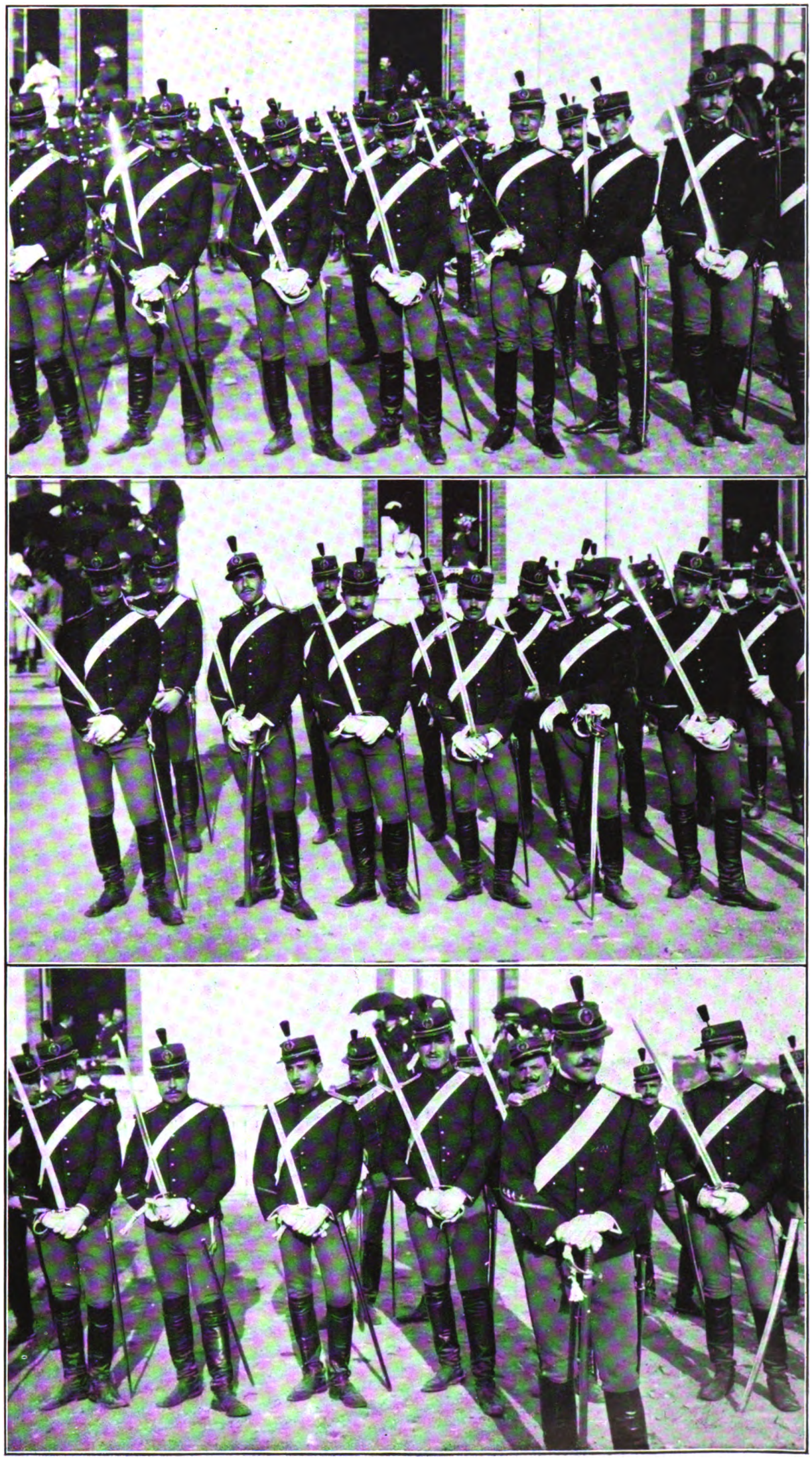




Na Escola Militar de tão honrosas tradições, — a nossa Academia do exército, por excelência — têm passado sucessivas gerações de alunos que depois formam as nossas «élites» militares — de onde têm saído políticos notáveis, homens de letras, ministros e até Chefes de Estado.

Nas duas gravuras vêem-se algumas das pessoas que no ano escolar de 1907-1908 compunham o Corpo de Alunos. Pena é que não nos tivessse sido possível registar os seus nomes, pois é natural — é quási certo — que encon-

Digitized by Google



traríamos alguns nomes que, pela nomeada obtida pelos anos adiante, nos fôssem familiares. Que admira que assim seja? É esta a tradição, felizmente ainda não interrompida, do Colégio Militar.

Outro encanto tem esta página. Os velhos coronéis do nosso tempo, dos dias de hoje, uns ao efectivo, outros colocados em situações diferentes, devem sentir ternura ao recordar êsse tempo distante, em que eram simples cadetes, recordarem os seus companheiros de curso — amigos fiéis de tôda a vida, alguns certamente já desaparecidos.

Digitized by Google

Os alunos que na festa do dia 20 de Outubro de 1907, receberam os prémios, que lhes foram pessoalmente entregues por D. Carlos, por entre as aclamações vibrantes dos seus camaradas e as homenagens sinceras de todos quantos assistiram à interessante festa que os jornais de então realçaram, como uma das mais notáveis festas militares da época.

No momento de abandonar o edifício da Escola Militar, D. Carlos recebe os cumprimentos do general comandante da mesma Escola, depois de lhe significar o seu contentamento por tudo quanto vira. De facto, então como agora, a Escola Militar continuava as suas gloriosas tradições de Academia militar — o melhor e o maior estabelecimento do seu género do país.

Digitized by Google

A Revista Militar no Hipódromo de Belém

Nessa época já longíqua, mas que é de ontem, ainda, realizaram-se várias notáveis festas militares que tinham por fim fazer acordar os sentimentos patrióticos da nossa gente e criar a opinião necessária para a realização duma eficaz reforma do nosso Exército que só muito mais tarde foi feita.

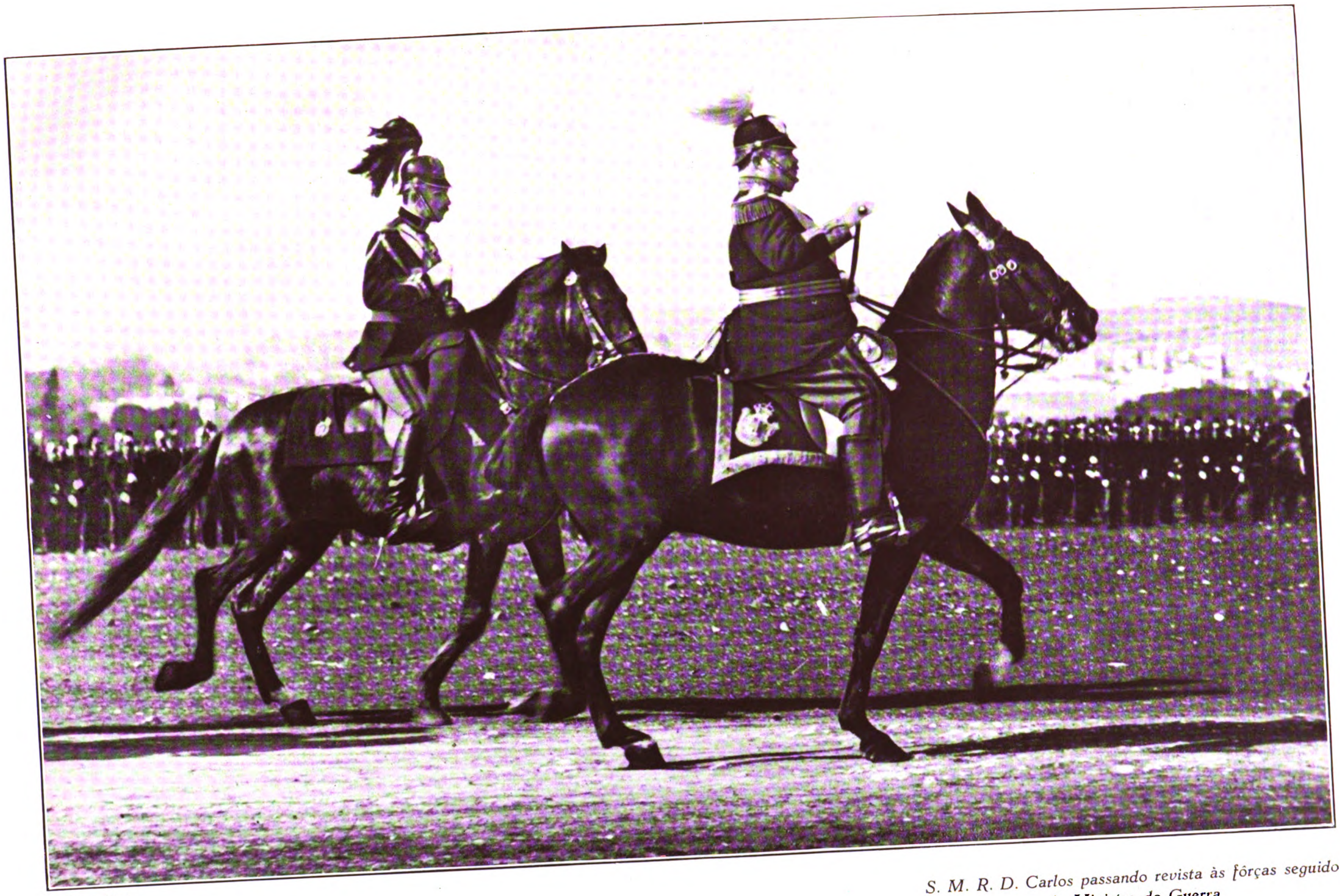
A revista militar do Hipódromo de Belém, realizada em 20 de Janeiro de 1907, obedeceu também a êsse alto e patriótico objectivo.

As campanhas de África, a nossa tradição guerreira e militar, o porte marcial dos nossos soldados, tudo obrigava a chamar a atenção para o nosso Exército — a tropa portuguesa tantas vezes gloriosa — e a olhar com a atenção e carinho pelos problemas que lhe diziam respeito.

Então, nessa época, uma revista militar era sempre um acontecimento que interessava a população, que acorria em massa, formando multidão, para acarinhar e homenagear os bravos soldados de Portugal.

Digitized by Google

Digitized by Google



S. M. R. D. Carlos passando revista às fôrças seguido do Ministro da Guerra

Arquivo Gráfico

Juramento de Bandeira
no Hipodromo de Belem
(1907)

Digitized by Google

Digitized by Google

Juramento de Bandeiras no Hipodromo de Belem

(20 de Janeiro de 1907)

Arquivo Gráfico

S. A. R. o Principe D. Luiz Filipe, porta-estandarte do Regimento de Lanceiros da Rainha, desfilando em frente das tribunas

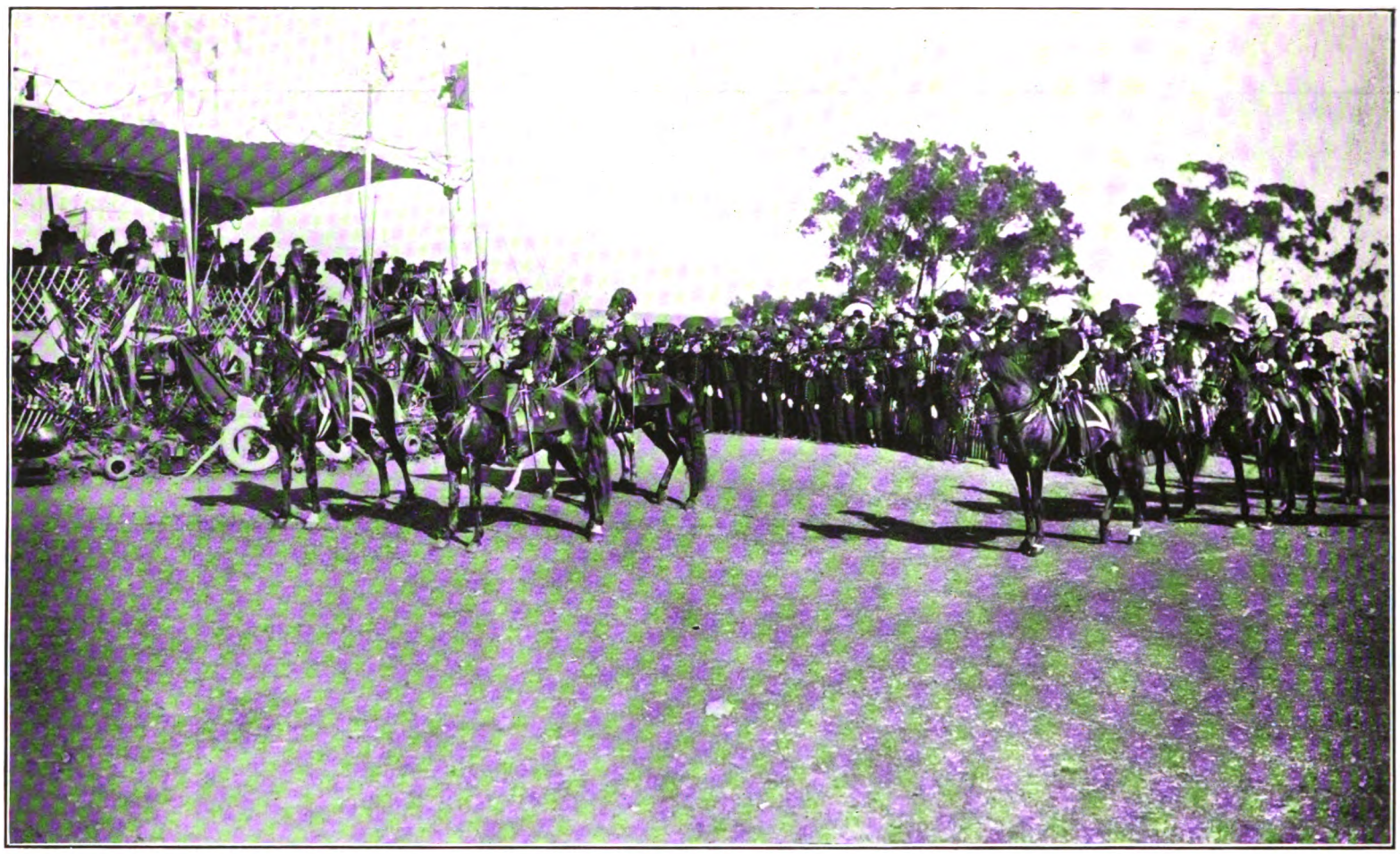
Digitized by Google

Digitized by Google

A revista militar de 1907

O Rei D. Carlos, o Ministro da Guerra e o general Craveiro Lopes, comandante da Divisão, passando revista às tropas quando em parada, no hipódromo de Belem, na manhã de 20 de Janeiro de 1907.

Digitized by Google



D. Carlos junto da tribuna de honra, onde se encontravam a Raínha, o Corpo Diplomático e outras altas individualidades da côrte.

«Lanceiros 2» desfilando, em continência, perante o Rei D. Carlos e o seu luzido Estado Maior.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

A visita de D. Carlos ao Quartel de Marinheiros

Em Julho de 1907, no dia 12, o Rei D. Carlos, o Príncipe Real D. Luiz Filipe e o Presidente do Conselho, João Franco, visitaram o Quartel do Corpo de Marinheiros, em Alcântara, onde o Chefe do Estado assistiu, acompanhado pelas altas patentes da Armada, aos exercícios que então se realizaram, sendo recebido com as honras e distinções inerentes ao seu alto cargo.

A heroica Armada Portuguesa, — os «camisas de alcache», como então entre os populares eram conhecidos os marinheiros — tiveram nesse dia a sua melhor festa e a sua apoteose a que o mais alto magistrado da Nação quis dar especial significado com a sua presença.

Foi um dia de festa, êsse, que muitas «praças velhas» ainda hoje recordam com saüdade, e os oficiais de então não esqueceram jamais. O Rei, garbosamente, orgulhoso dos seus marinheiros, onde melhor se depositam as maiores tradições da História Pátria e da Raça, passou-os em revista.

Depois, acompanhou-os na sua festa durante todo o dia, acarinhou-os. interessando-se pela sua vida, procurando reagir contra a má vontade que na Marinha já então reinava contra a Monarquia.

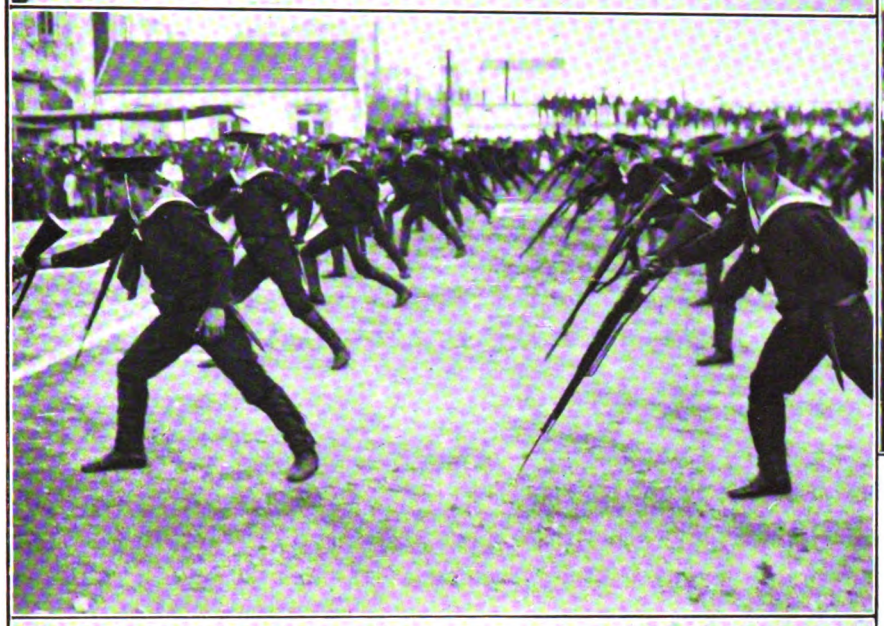
Andava bastante conturbado o momento político entre nós, e a Marinha de Guerra ocupava, já nesse momento, um papel preponderante, que mais se acentuou depois, e teve o seu epílogo na histórica madrugada de 5 de Outubro de 1910.

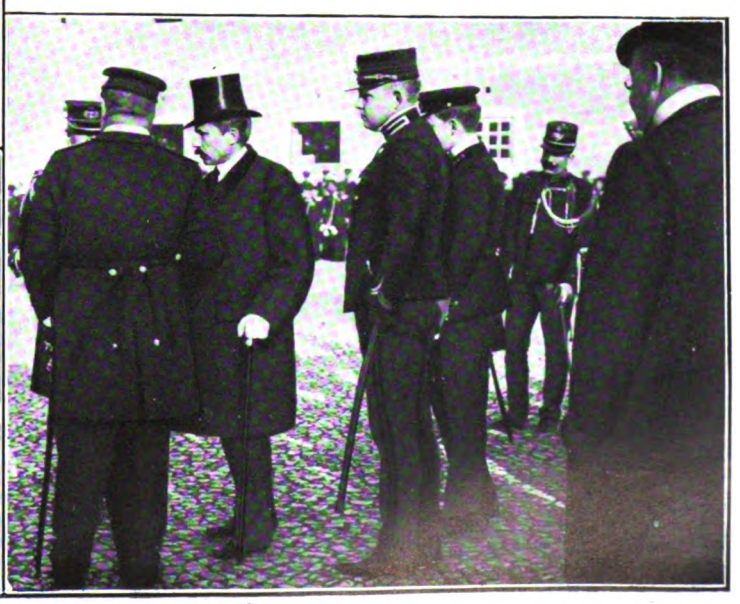
No entanto D. Carlos — a quem a História já fêz justiça — apaixonado por coisas de Marinha, êle próprio marinheiro, rendeu homenagem às qualidades dos heróicos marinheiros que tantas vezes, principalmente nas plagas africanas, tinham oferecido o seu sacrifício em holocausto à Pátria.

E então, como agora, a Marinha de Guerra ostentava com orgulho o seu lema significativo: — «Honrai a Pátria que a Pátria vos contempla».

Digitized by Google

Digitized by Google



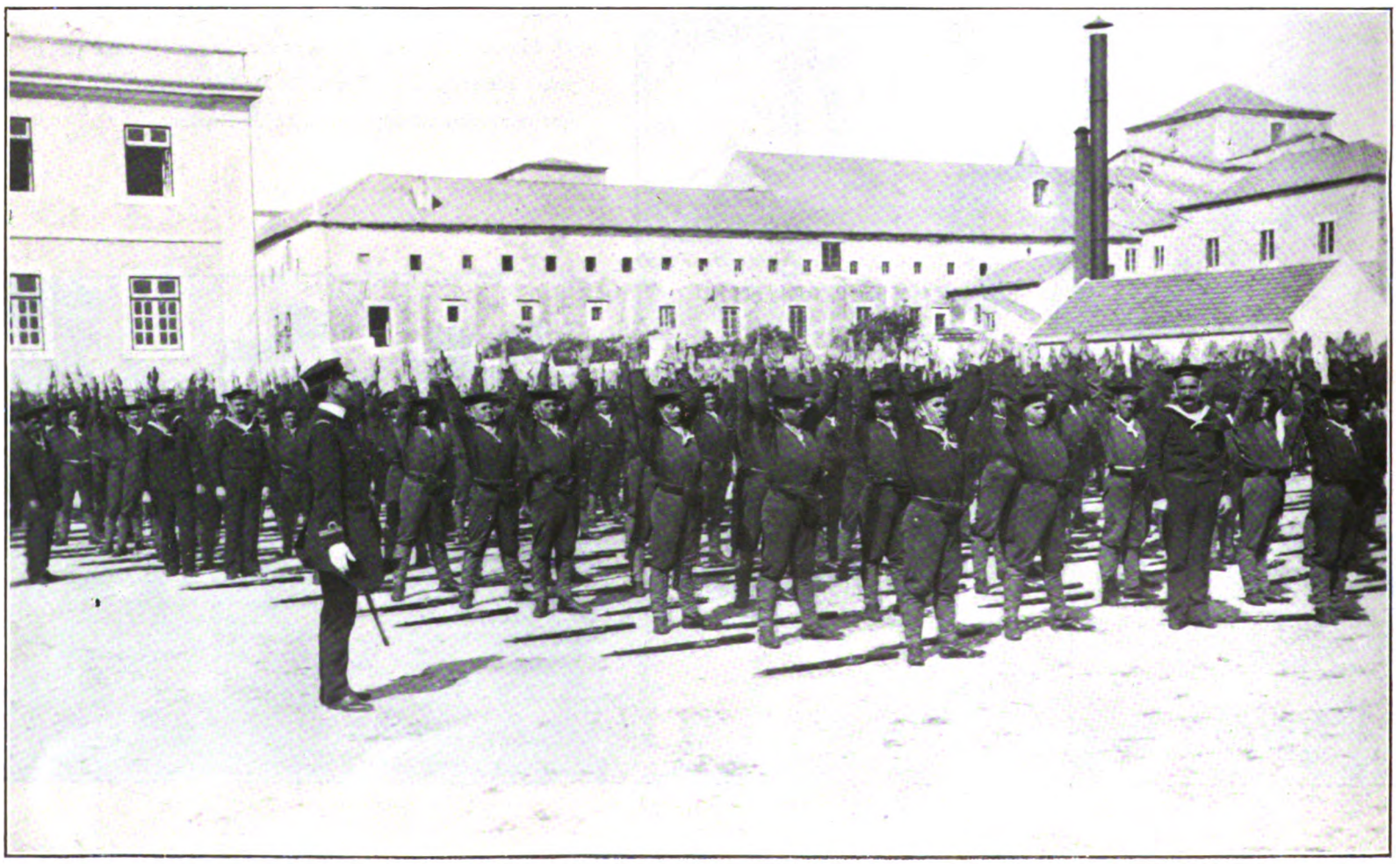


D. CARLOS NO QUARTEL DE MARINHEIROS. — Fotografias de alguns dos exercícios de esgrima de baioneta, provas de destreza, marchas e evoluções que se realizaram no Quartel de Alcântara, vendo-se em algumas delas o Rei, D. Luiz Filipe e D. Manuel, João Franco e o contra-almirante Viana, então comandante do Corpo de Marinheiros — lugar que conservou até à proclamação da República.

Digitized by Google

O Rei D. Carlos no Quartel de Marinheiros

Os bravos «camisas de alcache» realizaram perante o Chefe do Estado, várias demonstrações do manejo de arma, afirmando o grau da sua cultura física, em exercícios de gimnástica, que então se começavam a praticar entre nós, nas unidades militares.



Digitized by Google

VÁRIOS ASPECTOS DOS EXERCÍCIOS REALIZADOS NA PARADA DO QUARTEL DE MARINHEIROS

Na fotografia de cima: Esgrima de baioneta.

Nas duas fotografias de baixo: Armação de bivaques.

Digitized by Google

Digitized by Google

Constituição do Conselho de Defesa Nacional

No grande impulso dado à organização militar do país no reinado de D. Carlos I, foram criados vários organismos superiores que tinham a seu cargo a organização da defesa nacional.

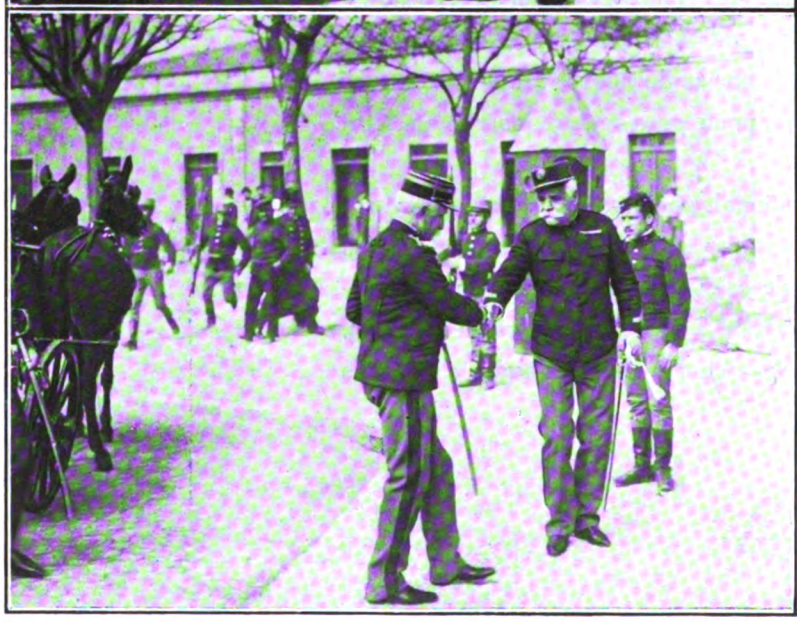
Um dêsses organismos, o que estava colocado mais alto na hierarquia militar e que era presidido pelo Rei, na sua qualidade de generalíssimo, comandante em chefe dos exércitos de Terra e Mar, denominava-se Conselho de Defesa Nacional.

Dêle faziam parte, também, o Presidente do Conselho, João Franco, os Ministros da Guerra e da Marinha, respectivamente general Sebastião Teles e Aires de Ornelas, e altas patentes do Exército e da Armada, realizando-se as reüniões no edifício do Museu de Artilharia.

A sua primeira reünião revestiu desusado brilhantismo, como o demonstram as reportagens da época, publicadas em todos os diários, e ao qual assistiram, como adiante se documenta, os maiores nomes da nossa vida militar, generais e almirantes, alguns como Capêlo, com o nome para sempre inscrito em letra de ouro na História da Pátria.

Da acção do Conselho de Defesa Nacional, por motivos vários, pouco resultou, mais por culpa, talvez, das pessoas que o compunham do que daquelas que o fundaram, pois que da necessidade de existência dum organismo coordenador da acção de todos os elementos que teem a seu cargo a defesa nacional, é prova a fundação recente dum organismo com o mesmo nome e funções semelhantes.

Digitized by Google



A primeira reünião do Conselho de Defeza Nacional, realizada no Museu de Artilharia, na Sala da Guerra Peninsular; entre as pessoas que assistiram a essa reünião, vêem-se: o Rei, João Franco, Aires de Ornelas, generais Morais Sarmento, Vasconcelos Pôrto, Craveiro Lopes, Sebastião Teles, Montalvão e Campêlo de Andrade; almirantes Augusto Castilho e Guilherme Capêlo; capitão de Mar e Guerra D. Fernando Serpa, etc.

Nas outras gravuras, da direita para a esquerda: o Ministro da Guerra, general Sebastião Teles, à chegada ao Museu de Artilharia; João Franco, generais Vasconcelos Pôrto e Craveiro Lopes, à saída; a chegada do general Montalvão, e na última fotografia o almirante Antunes Moreira e o general Craveiro Lopes, cumprimentando-se.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

ASPECTOS DA CHEGADA DAS VÁRIAS INDIVIDUALIDADES AO CONSELHO DE DEFESA NACIONAL (de cima para baixo): General Campelo de Andrade; general Morais Sarmento; capitão de Mar e Guerra D. Fernando Serpa; general Vasconcelos Pôrto e o seu ajudante, o então tenente Bernardo de Faria; general Pimentel Pinto e um ajudante de campo; almirante Antunes Moreira; na última fotografia vêem-se o almirante Augusto Castilho, o então capitão Bernardo de Faria, ajudante de Vasconcelos Pôrto, e o capitão Sobral, ajudante de Craveiro Lopes.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Digitized by Google

Novas viaturas militares do nosso Exército

Prosseguindo na modernização do nosso Exército, foram então, naquele ano de 1907, inauguradas as novas viaturas militares, hoje já velhíssimas mas que ainda se encontram, muitas delas, ao serviço activo.

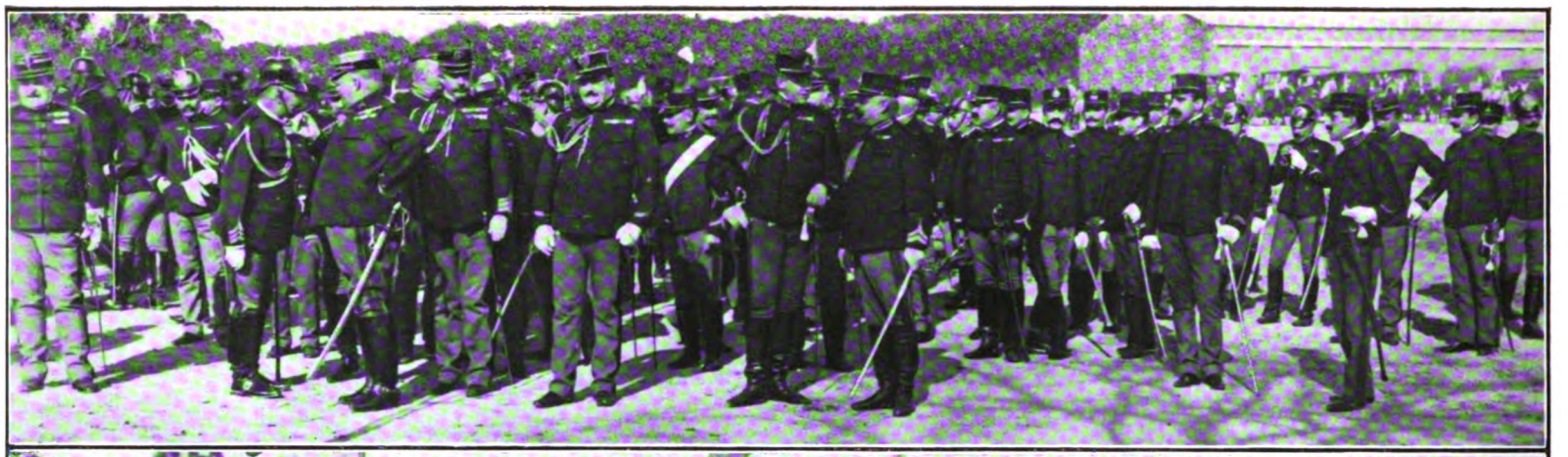
Vinha longe, ainda, o emprêgo do transporte automóvel, raramente usado na vida civil e particular e que Exércitos de nações mais poderosas e progressivas pouco utilizavam ainda, e por isso os nossos carros hipomóveis adaptados aos mais variados serviços militares, de administração e abastecimento, engenharia e saúde, causaram legítimo sucesso e verdadeira admiração na população quando lhes foi dado admirá-los, tanto mais que havia a acrescentar o facto bastante honroso de que todos êles tinham sido construídos em Portugal, por operários portugueses e sob o risco de técnicos também portugueses.

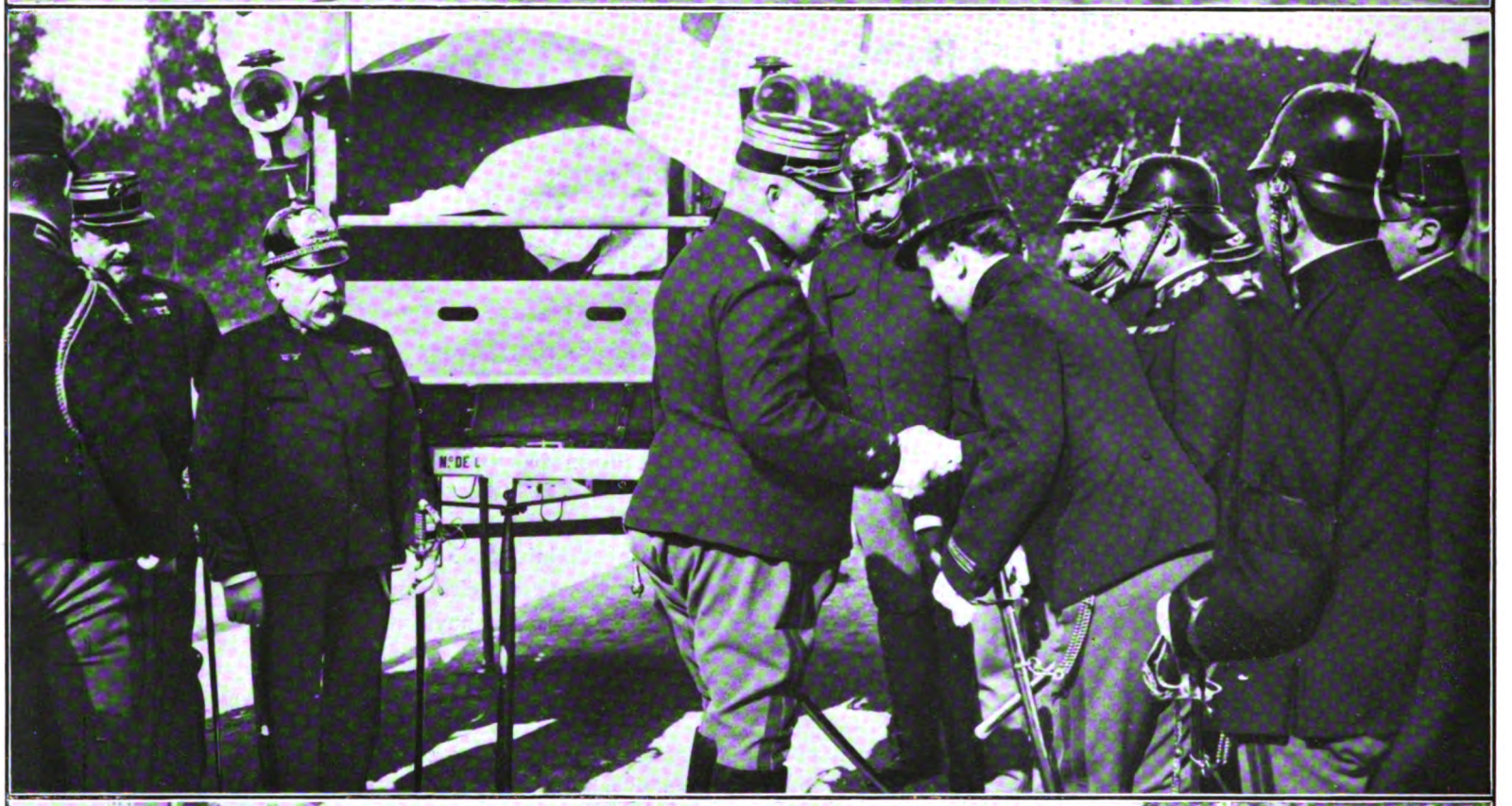
Muitos dêsses carros, acentuamos, a-pesar-das várias reformas porque o nosso Exército tem passado, continuam a prestar magníficos serviços, sendo ainda hoje utilizados, a-pesar-dos melhoramentos porque tem passado ùltimamente a arte militar, e dos grandes progressos revelados pela Grande Guerra.

As novas viaturas estiveram expostas e desfilaram em parada na cêrca do Quartel de Artilharia 1, no Alto da Rotunda, onde hoje está o Quartel de Artilharia Pesada n.º 3, perante o Chefe do Estado, membros do Govêrno e altas patentes do Exército e vários palacianos, vendo-se entre as pessoas que então acorreram a presencear o espectáculo — motivo de orgulho para o nosso Exército e para a nossa Pátria — algumas das que se encontram nas fotografias que adiante publicamos, e que depois tomaram por bem diversos caminhos na política, — como Júlio Dantas, então tenente médico do nosso Exército, e André Brun, o falecido escritor humorístico que tanta popularidade alcançou, e que se cobriu de glória nos campos da Flandres durante a Grande Guerra.

A êsse grande acontecimento militar — que o foi para a época em que se realizou — assistiram os principais elementos e os mais reputados técnicos de assuntos militares, todos sendo unânimes em considerar — e com êles a Imprensa de então — as novas viaturas da nossa tropa como as mais progressivas dos exércitos modernos, colocando-nos, ao menos nêsse campo, em pé de igualdade com os países de categoria e armamento semelhante ao nosso.

Digitized by Google





APRESENTAÇÃO DAS NOVAS VIATURAS MILITARES. — O Rei e o Príncipe Real, assistem, no quartel de Artilharia 1, na Rotunda, à apresentação das novas viaturas militares, vendo-se, no grupo, Vasconcelos Pôrto, Aires de Ornelas, Charters de Azevedo, Leote Tavares, Júlio Dantas e André Brun. *Ao centro:* o Capitão-médico dr. Júlio Dantas beija a mão de El-Rei D. Carlos, vendo-se no grupo o Príncipe D. Luiz Filipe, Vasconcelos Pôrto, Pereira Bastos, Elvas Cardeira, Josate Caldeira, etc. *Em baixo:* D. Carlos acompanhado por alguns dos oficiais referidos, junto dum carro dos serviços de saúde.

Digitized by Google

Algumas das novas viaturas: — carros dos serviços de abastecimentos, de saúde, manutenção militar, engenharia, ambulâncias e telegrafistas.

Digitized by Google

Digitized by Google

De regresso do Cuamato

Foi em 1907 que o facto se deu e encheu de júbilo o bom povo português: Alves Roçadas, à frente de soldados e marinheiros de Portugal, obtivera a grande vitória do Cuamato que serviu para melhor e definitivamente marcar a nossa soberania em África, e para juntar mais alguns louros à acção civilizadora dos nossos soldados em terras do continente negro.

A chegada a Lisboa dêsses bravos portugueses foi motivo de regosijo geral e de grandes apoteoses aos exércitos de terra e mar, numa onda alta de patriotismo em que comungaram portugueses de todos os credos políticos. As festas que então se realizaram, as solenidades em que todos os portugueses, desde o Rei ao mais humilde dos seus subditos, tomaram parte, demonstram que a célebre campanha de África calou fundo na alma do povo português, e só assim, de resto, se justifica que tôda a população da cidade tivesse vindo para a rua aclamar os heróis no seu regresso das plagas africanas — onde tão bem se tinham sabido bater pela glória da Pátria.

As gravuras que publicamos adiante dão-nos aspectos do facto memorável da nossa história contemporânea.

Digitized by Google

Digitized by Google

A FAMÍLIA REAL AGUARDA A CHEGADA DOS HERÓIS: À janela da Superintendência da Armada, no Arsenal de Marinha, D. Carlos, D. Luiz Filipe, a Rainha D. Amélia, o almirante Hermenegildo Capelo, general Malaquias de Lemos, Aires de Ornelas, Charters de Azevedo e outras altas personalidades, aguardam o desembarque de Roçadas e dos seus soldados.

Na ponte do Arsenal de Marinha a mulher e os filhos de Alves Roçadas, com outras pessoas de família, aguardam a chegada do herói. — Roçadas com Aires de Ornelas e Vasconcelos Pôrto, ministros da Marinha e da Guerra, que o foram receber a bordo do barco que trouxe de África o grande cabo de guerra.

Digitized by Google

Aspecto da recepção feita no Tejo ao paquete «Peninsular», da Mala Real Portuguesa, que trouxe à Metrópole os bravos combatentes de África. Na vedeta que os trouxe para terra, Roçadas com Vasconcelos Pôrto e Aires de Ornelas, então ministros da Guerra e Marinha, respectivamente.

Digitized by Google

Heróis do Cuamato

No impressionante momento da chegada. João Franco, Presidente do Conselho, felicita em Roçadas, os heróis de África. — Os vencedores do Cuamato dirigem-se para a Sala do Risco, onde vão receber a medalha «Rainha D. Amélia», comemorativa da gloriosa campanha.

Digitized by Google

HERÓIS DE ÁFRICA. — A companhia de infantaria 12 que fêz a campanha do Cuamato, tendo à frente o seu comandante, tenente Francelino Pimentel. — A companhia de Marinha, tendo à frente o 1.º tenente Sepulveda. — A companhia de infantaria 12, formada no Arsenal de Marinha.

Digitized by Google

Regresso dos Heroes

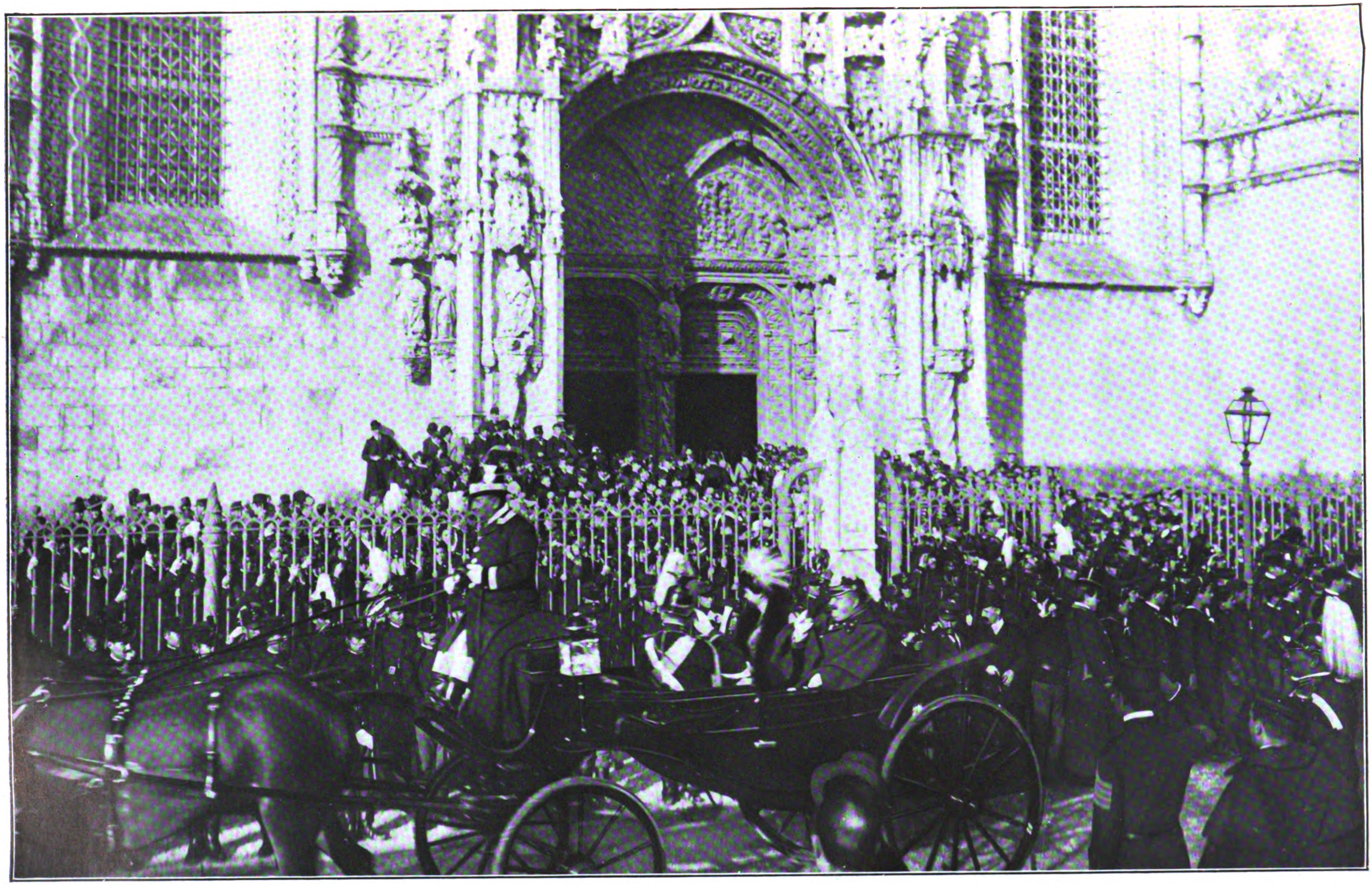
A Marinha e Infantaria 12 a caminho do Mosteiro dos Jerónimos, onde se realizou um solene «Te-Deum» em acção de graças pela magnifica vitória dos soldados portugueses no Cuamato.

Digitized by Google

Herois de África

Junto da igreja dos Jerónimos, a multidão aclama entusiàsticamente os bravos heróis do Cuamato no momento da sua entrada no templo.

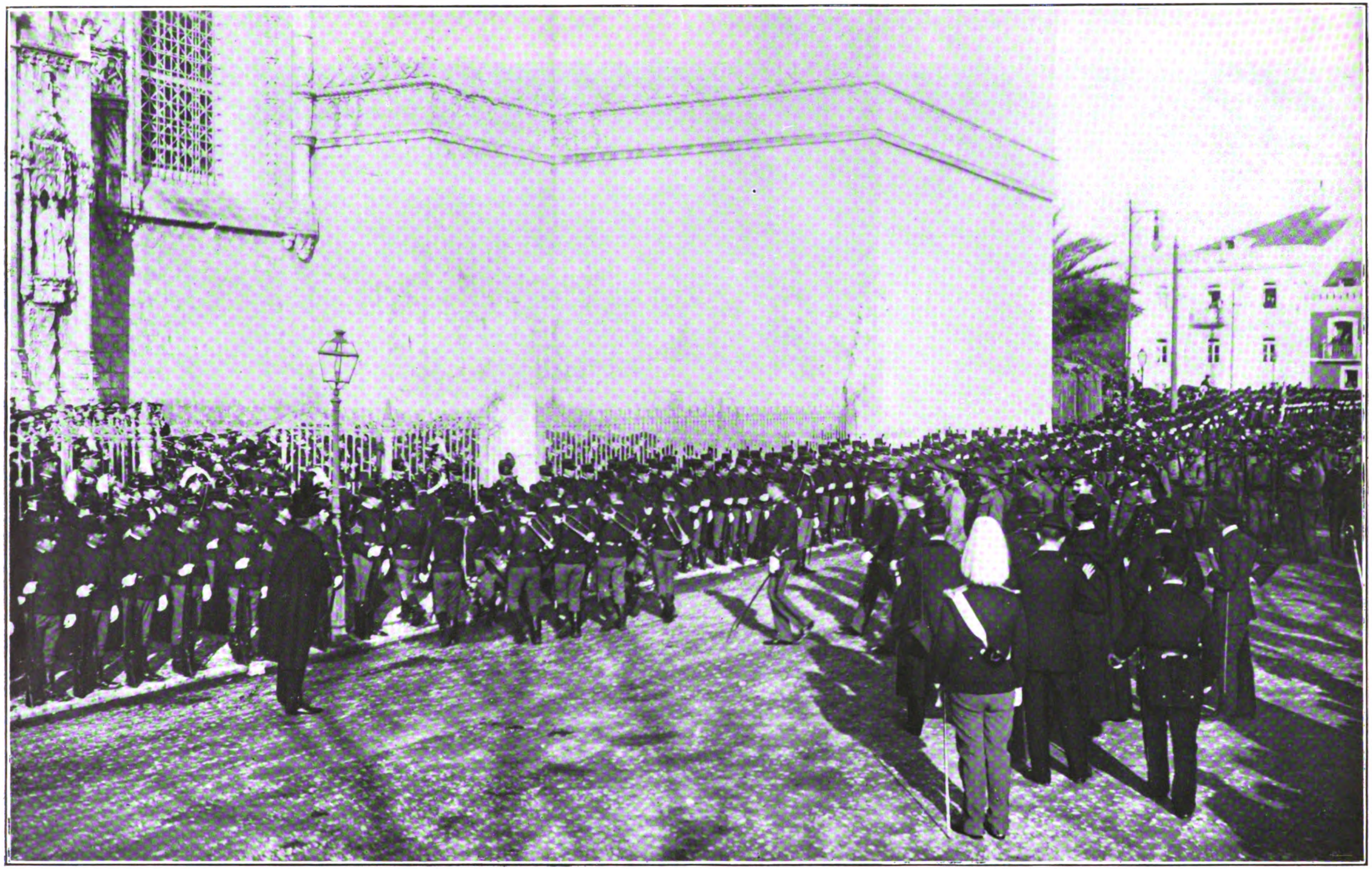
Digitized by Google



Heróis de África

A chegada da Família Real ao templo dos Jerónimos, em Belém, onde se realizaram solenes cerimónias quando do regresso de África dos soldados comandados por Alves Roçadas.

Digitized by Google



O regresso dos soldados do Cuamato

O regimento de infantaria 1 faz a guarda de honra junto do templo dos Jerónimos.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Manobras militares no Bussaco e em Tôrres Vedras

Nos dias 26, 27 e 28 de Agôsto de 1904 e nos dias 5 e 6 de Setembro do mesmo ano, realizou o nosso Exército espectaculosas manobras e exercícios militares no Bussaco e no planalto do Catão, as quais, além de servirem para melhor adestrarem os nossos soldados, tiveram ainda o grande condão de interessarem a população civil pelas coisas da tropa, ajudando a formar o espírito colectivo necessário ao progresso da defesa nacional.

Realizaram-se as manobras do Bussaco no mesmo local pisado pelos soldados de Wellington, tendo assistido a Família Real, os membros do Govêrno e as mais altas patentes do Exército, ficando célebre o «combate do Valongo» com que finalizaram os exercícios em que todos os objectivos previstos foram atingidos.

Nos dias 27 e 28 de Setembro de 1904, foi a prestação de provas pelos alunos da Escola Prática de Cavalaria, que ainda hoje funciona em Tôrres Novas, realizadas com grande êxito, tendo assistido o Rei e o Príncipe D. Luiz Filipe, etc.

Estas manobras, que foram assistidas de grande número de oficiais do nosso Exército, e dos adidos militares estrangeiros, tanto umas como outras, tiveram o condão de mostrar que já nessa época, bastante conturbada para a política do mundo, os bravos soldados de Portugal se encontravam então, como hoje, como sempre, aptos a cumprirem a sua missão, aptos a defenderem, em caso de necessidade, o sagrado solo da Pátria e a dignidade da Nação.

Digitized by Google

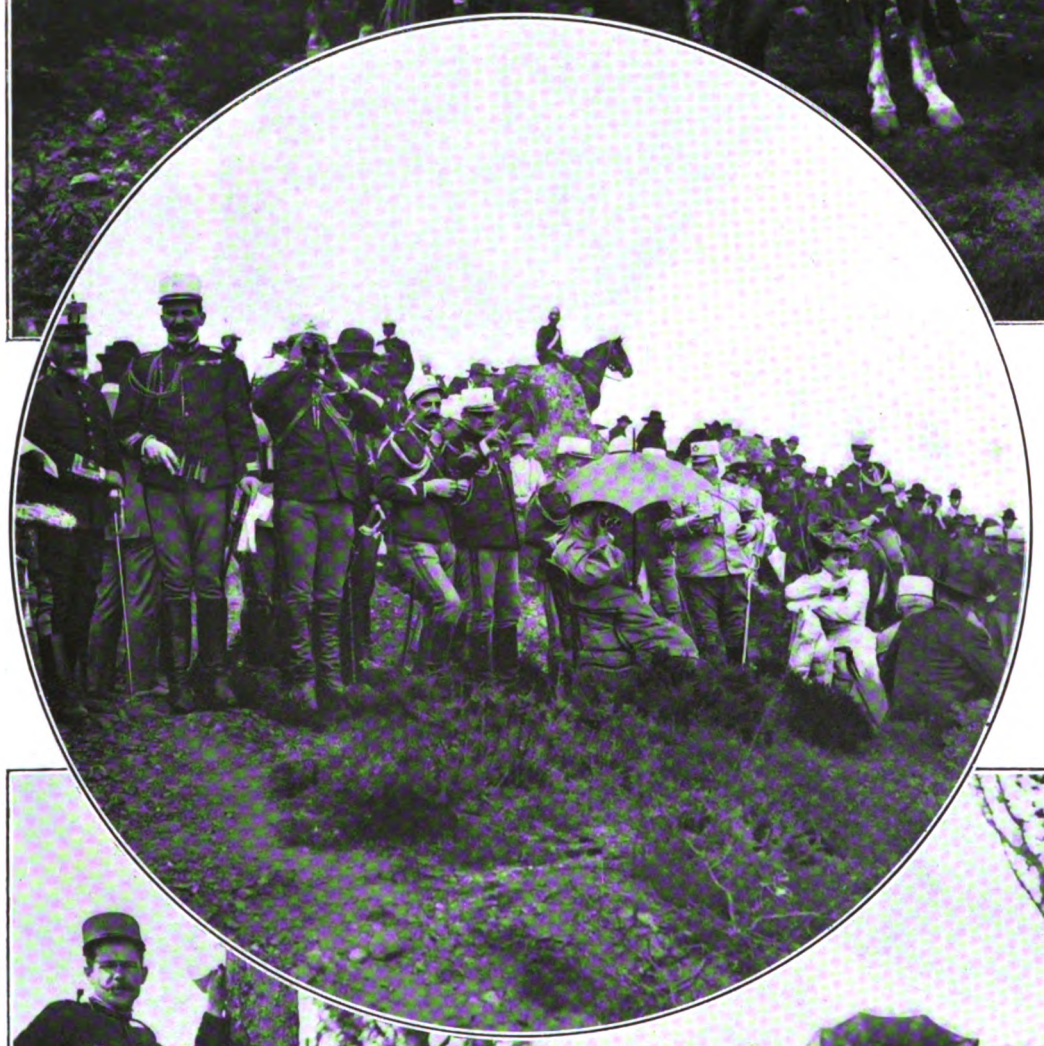
Digitized by Google

MANOBRAS DO BUSSACO: — Marcha de infantaria, e a artilharia toma posições em Moinho de Sula.

MANOBRAS DO BUSSACO: — D. Carlos, o Infante D. Afonso, generais Pimentel Pinto e Lencastre e Menezes; coroneis Alfredo Albuquerque e Rodrigo Ribeiro com outros oficiais.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google



MANOBRAS DO BUSSACO. — Os árbitros dos exercícios: coronel Rodrigo Ribeiro, tenentes Roberto Baptista e Freiria, e alferes Ferreira do Amaral, o último acendendo um cigarro. — D. Carlos, a Rainha D. Amélia e D. Isabel Ponte, assistindo ao decorrer dos exercícios.

Em baixo: Vários oficiais num bivaque de infantaria 1, quando dos exercícios no planalto de Catão.

Digitized by Google

BUSSACO. EM 1907. — A infantaria em posição de combate.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Digitized by Google

EXERCÍCIOS EM TÔRRES NOVAS. — D. Carlos I, o Príncipe Real D. Luiz Filipe, o Ministro da Guerra e outros oficiais, assistem a várias fases de provas na Escola Prática de Cavalaria.

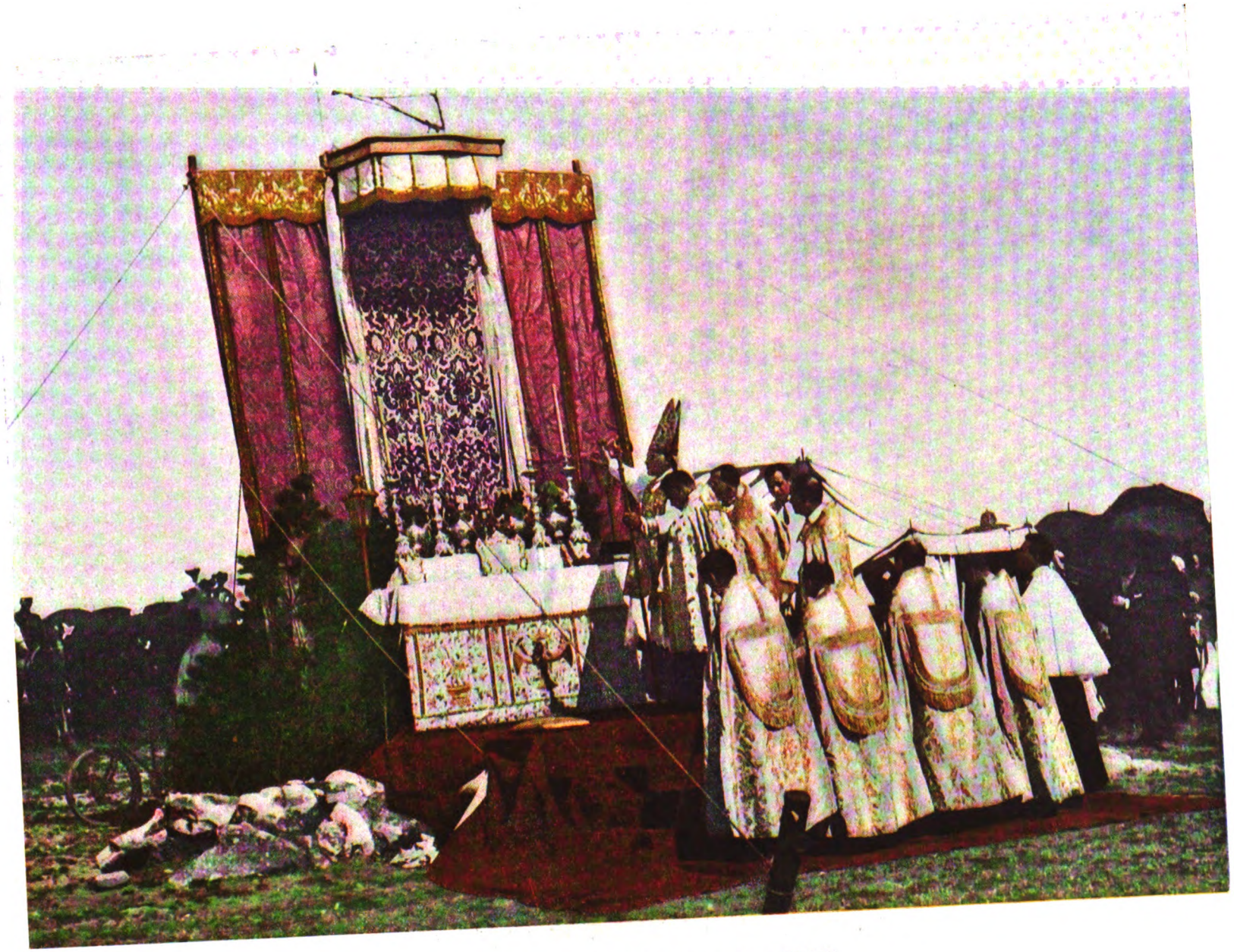
Em baixo: MANOBRAS DO BUSSACO. — Uma bateria de artilharia, no momento de entrar em acção.

Digitized by Google

MANOBRAS DO BUSSACO: Soldados preparando o rancho. — O adido militar espanhol, D. Luiz Verdad, assistindo aos exercicios.

Uma secção de ponteneiros cooperando nas importantes manobras.

Digitized by Google



Arquivo Gráfico

As manobras do Bussaco em 1905

O sr. D. Manuel de Bastos Pinto, Bispo Conde de Coimbra, celebrando a missa campal a que assistiram tôdas as tropas em operações, a Família Real, altas individualidades militares e membros do Govêrno.

Digitized by Google

Digitized by Google

MANOBRAS DO BUSSACO. — Infantaria defende uma posição. — O sr. Bispo Conde de Coimbra na missa campal.

Em baixo: MANOBRAS DO BUSSACO. — A Rainha D. Amélia e o Infante assistiram, interessados, ao desenrolar dos espectaculosos exercícios.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO VI

A revolta do cruzador "D. Carlos,,

No dia 8 de Abril de 1906 Lisboa, alarmada, soube da revolta do cruzador *D. Carlos*. Desde 31 de Janeiro de 1891 que não se deflagravam as mais simples sedições militares em Portugal, e por isso houve pasmo e receio. Era tímida e excessivamente burguesa a índole nacional. Gastavam-se as cóleras em discursos e conversas.

A revolta daquela unidade naval produziu a maior sensação, sobretudo porque os marinheiros apoderando-se do navio, sob pretexto de não quererem obedecer ao comandante, capitão de mar e guerra Vasco de Carvalho, tinham exercido coação sôbre o oficial de serviço, tenente Teixeira Machado, que pretendendo opôr-se aos propósitos da guarnição, fôra metido numa balieira e conduzido a terra.

Estava no poder o gabinete Hintze Ribeiro, do qual era ministro da Marinha o Dr. António de Azevedo Castelo Branco, poeta, calmo, jurisconsulto, mas ignorante das coisas do mar. Trasmontano e valente, inquiriu, com firmeza, dos acontecimentos, e soube que, realmente, o novo comandante do cruzador tentara impedir certo número de abusos, como o das praças gozarem sucessivas licenças para pernoitar em terra, a maioria em casas suspeitas; recebiam a bordo visitas pouco recomendáveis, tocavam guitarras e cantavam fados, tornando o rancho da prôa uma verdadeira sucursal de adega arrabaldina. Ficava a bordo só um oficial de serviço.

Constava, porém, que havia ramificações do movimento noutros navios, e embora os insurrectos se conservassem em atitude de espectativa, a revolta existia. Podiam bombardear Lisboa. Falava-se em movimento politico, mas os regeneradores preferiram dar ao acontecimento o aspecto de sedição.

O major-general da Armada, Ferreira do Amaral, foi chamado ao gabinete do ministro, que o encarregou de ir a bordo aplacar os revoltosos. O oficial, a-pesar-da sua fama de enérgico, hesitou; pretendeu escapar-se à missão, e foi necessário que o titular da pasta lhe impusesse terminantemente o cumprimento do seu dever.

Os marinheiros receberam-no muito bem. Gostavam do feitio liberalão do major-general, cujo renome mais provinha de seu pai do que da sua acção militar.

Comandavam a revolta no cruzador o marinheiro Alamilho, «O Espanhol», Martins Ribeiro, Gomes de Sousa, fogueiros, e o cabo Pinto.

Ferreira do Amaral prometeu a sua protecção aos rebeldes, que se entregaram confiadamente; o navio foi mandado fundear defronte de S. José de

Digitized by Google

Ribamar; apertou-se a vigilância a bordo de outras unidades, que a oficialidade não abandonava nem de dia nem de noite.

No dia 13, do mesmo mês, esboçou-se outra sedição a bordo do *Vasco da Gama*, e começou a atentar-se mais ponderadamente naqueles factos. Havia política na insurrecção. Os poderes públicos ignoravam que a Carbonária já conseguira introduzir na Armada os seus adeptos. Os revoltosos foram encarcerados nas casamatas de S. Julião da Barra, e julgados num tribunal presidido pelo contra-almirante Boto.

No decorrer da audiência apareceram nos autos uma espécie de cotas com as iniciais U. N., que, segundo os marinheiros diziam, significavam a *União Naval*, associação de Socorros Mutuos.

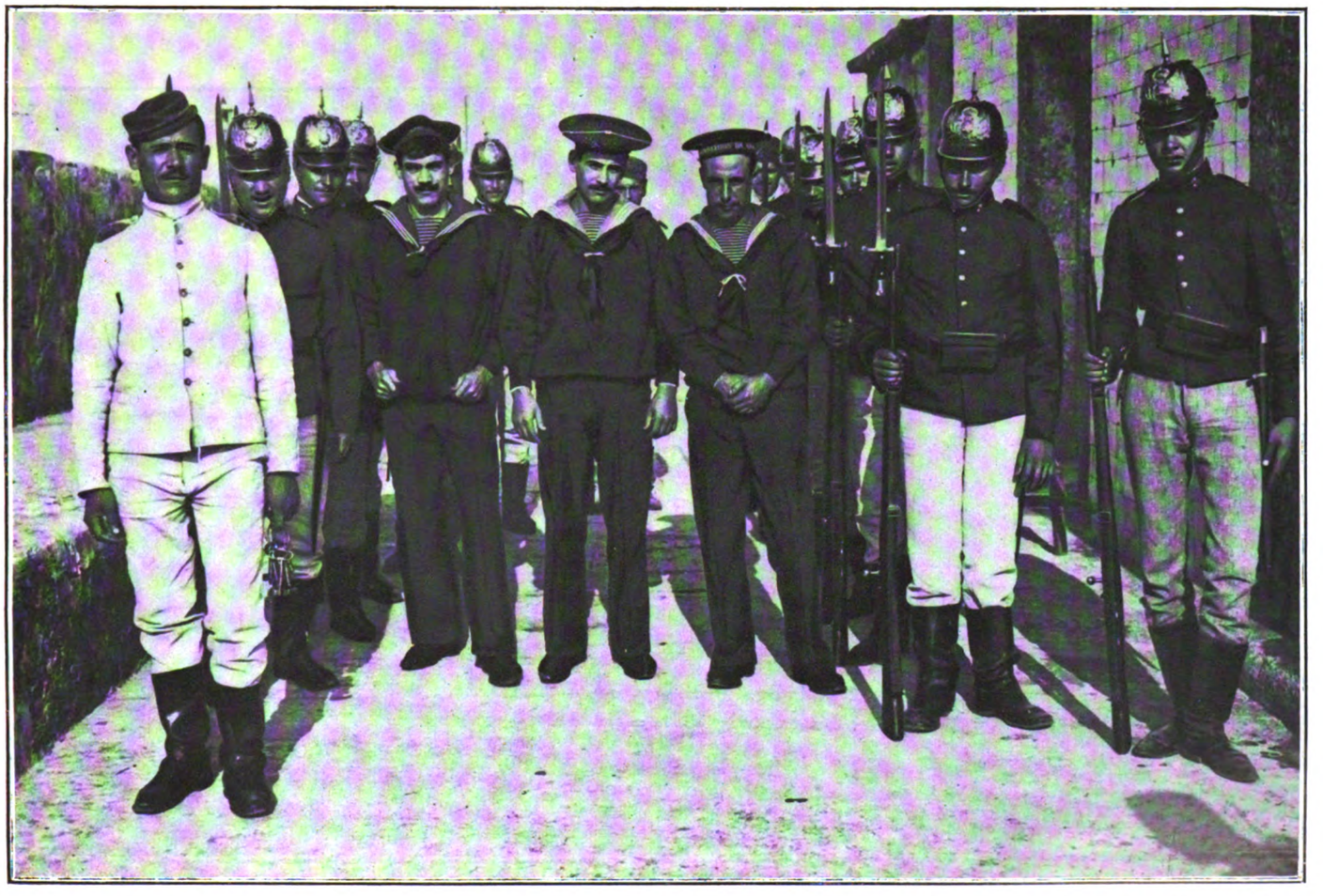
Julgados ràpidamente, mas com tôda a observância da lei, os chefes foram condenados a degrêdo, bem como alguns dos seus camaradas mais comprometidos.

No reinado de D. Manuel II houve um movimento favorável ao perdão dos marinheiros; o monarca atendeu-o e às famílias dos condenados. Recebeu-as no Paço das Necessidades, onde foram acompanhadas pelos advogados que se tinham encarregado de obter a régia clemência.

Digitized by Google

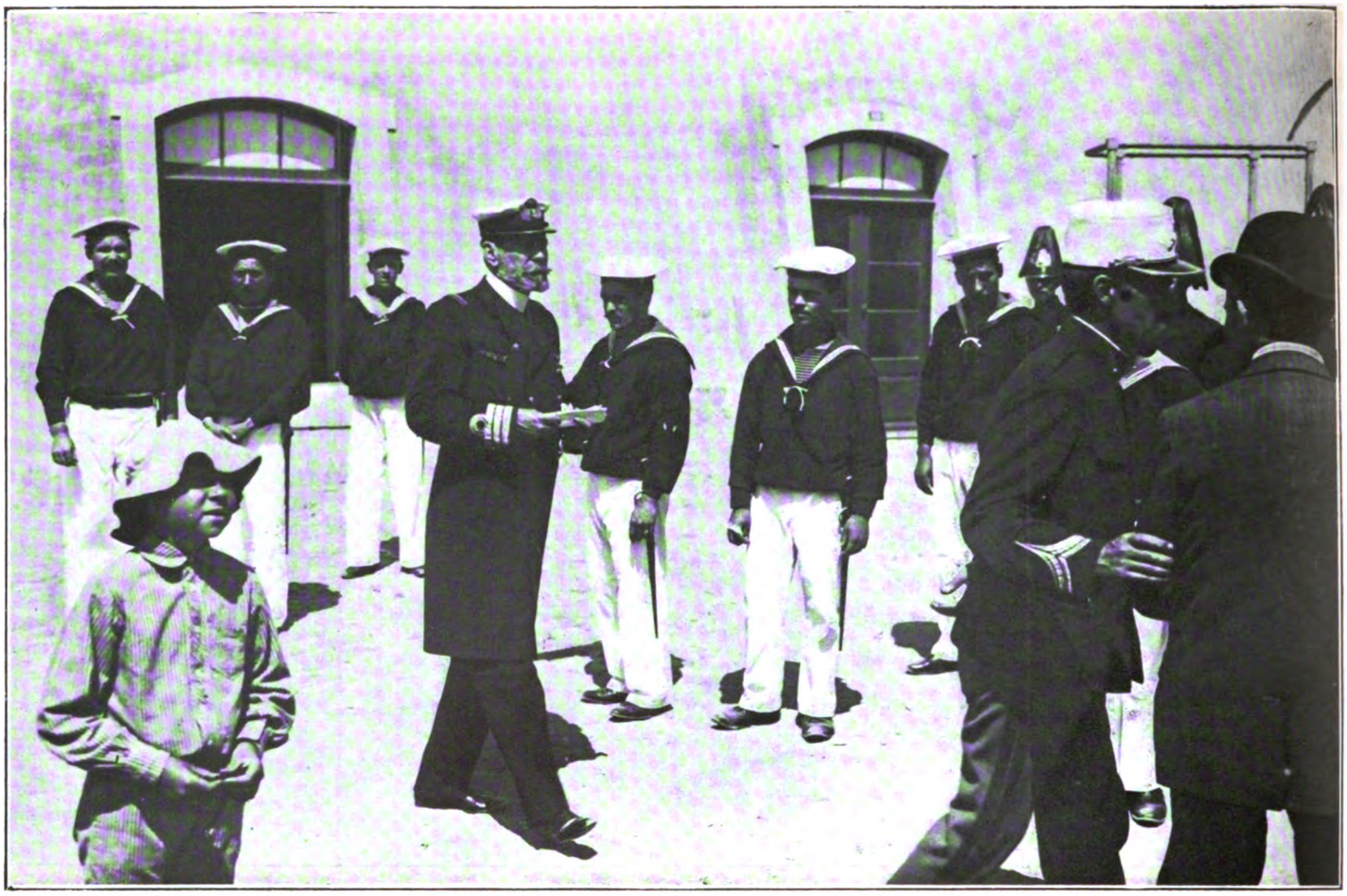
Em S. Julião da Barra

O 2.º artelheiro, António Alegria Rabaça, absolvido; o 2.º marinheiro, José António Gomes, condenado a 6 anos de presídio e Francisco Patrício Correia, absolvido, conduzidos debaixo de escolta à sala do tribunal que os julgou.



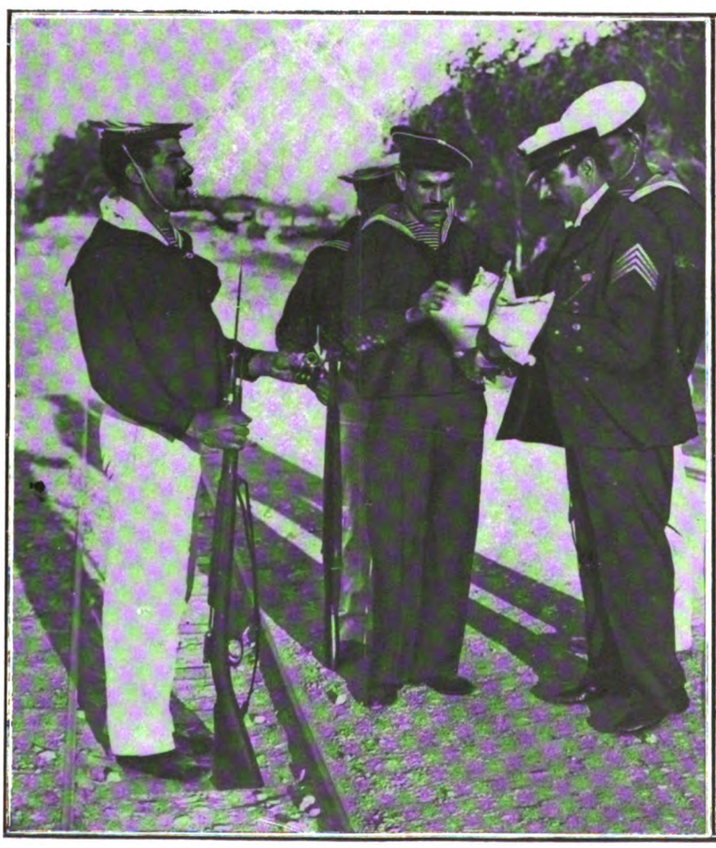
A caminho do tribunal: (da esquerda para a direita), António Henriques Pinho, absolvido; Sebastião dos Anjos, condenado em 16 anos de reclusão e Serafim da Silva Perdigão, condenado a 6 anos e 6 meses de presídio militar.

Digitized by Google

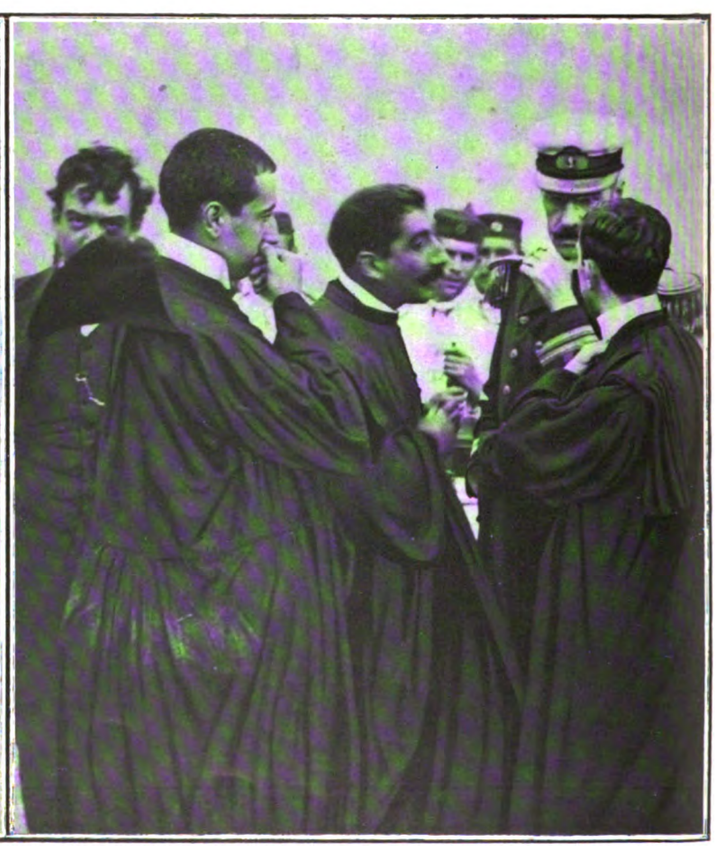


No forte de S. Julião da Barra

O sr. capitão de mar e guerra João Boto, o presidente do conselho de guerra da marinha, que julgou os insurretos, a caminho da sala do tribunal.



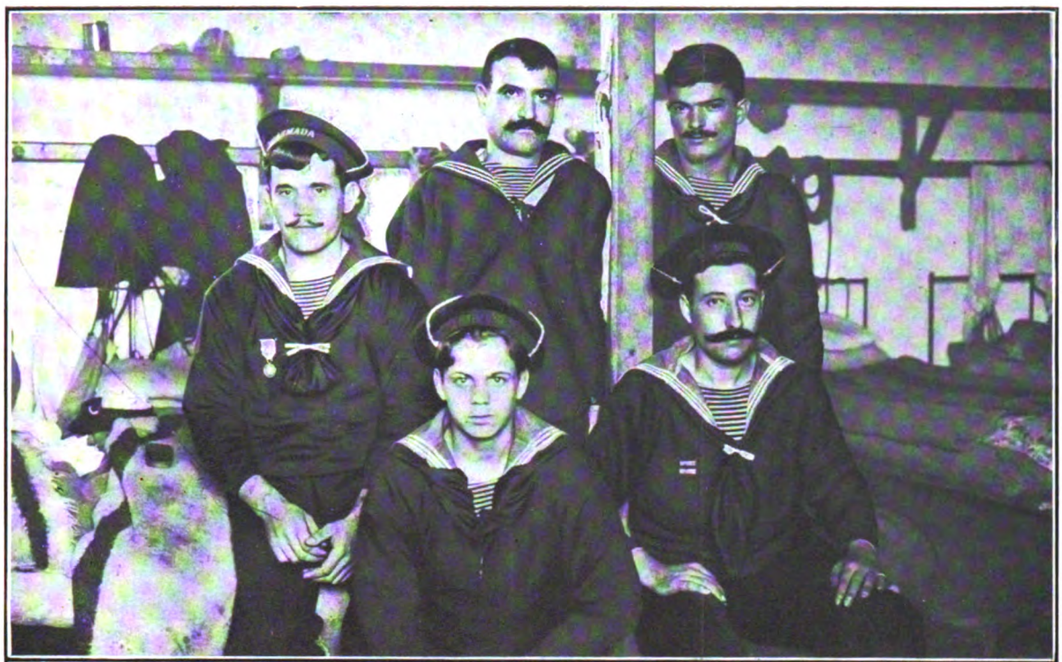
O 1.º artilheiro, António Amorosa, recebendo a intimação para responder por crime de revolta.

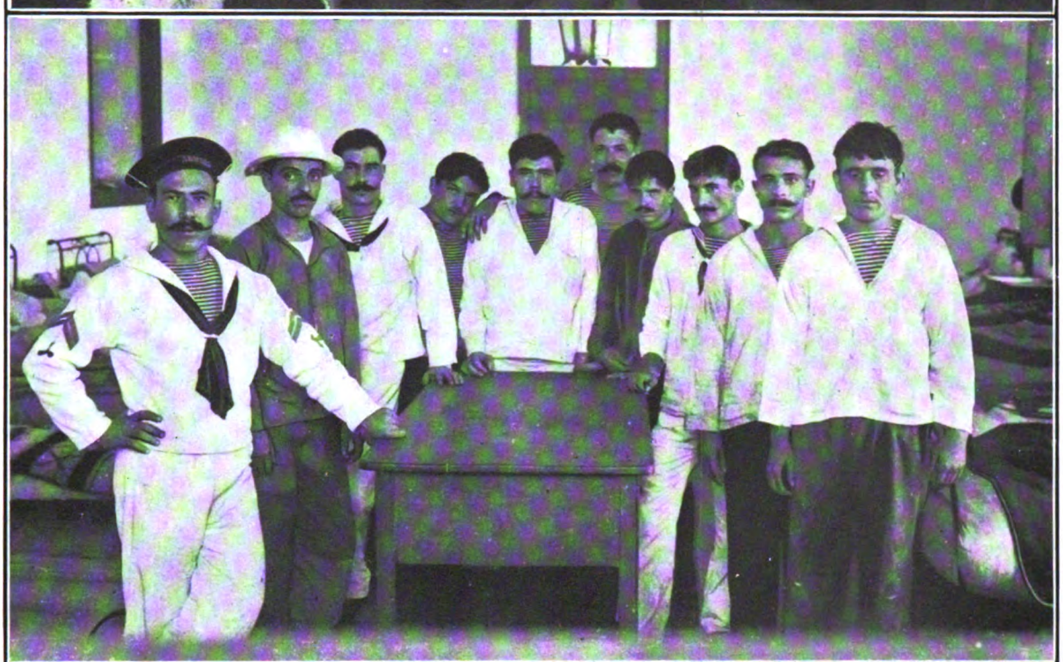


Drs. António Osório e Borges de Sousa, conversando com o sr. capitão de Fragata, Augusto Mota e Sousa, promotor da justiça.

Digitized by Google

Na enfermaria da prisão de S. Julião da Barra



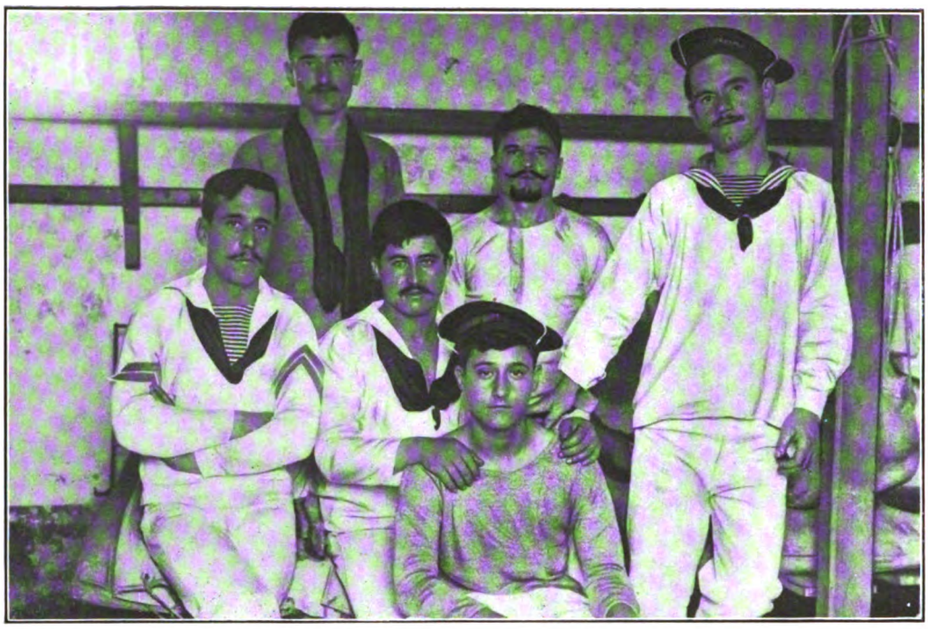


Um grupo de marinheiros da *Tejo*, vendo-se, à esquerda, Deodato Soares de Azevedo, condecorado com a medalha de salvação, condenado a 15 anos de reclusão.

Um grupo de marinheiros do cruzador «Vasco da Gama».

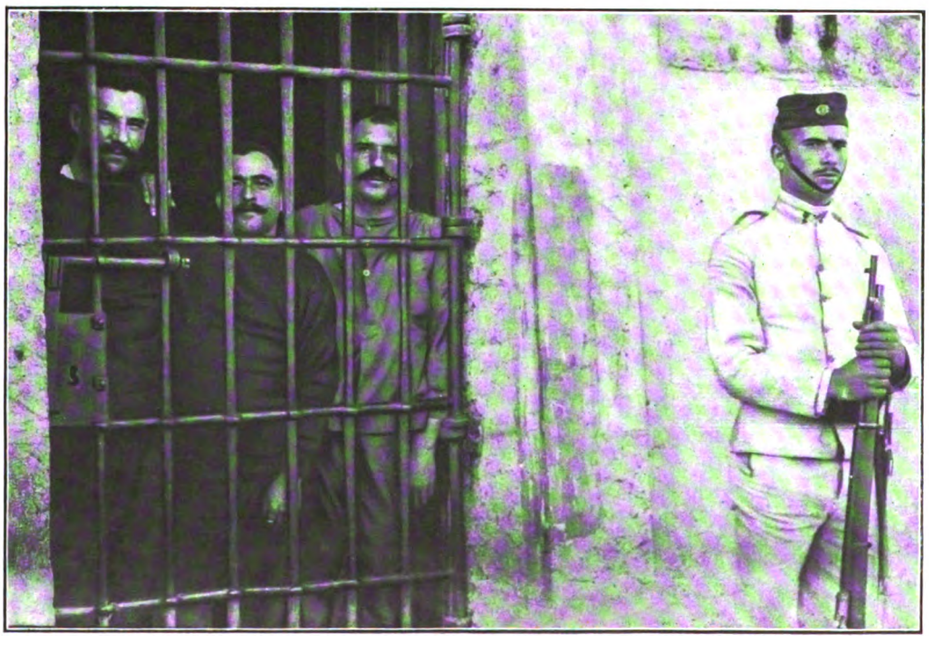
Outro grupo de insurretos, entre os quais se vê, o 1.º grumete Joaquim Paulo Correia, de 16 anos de idade.

Digitized by Google



Na enfermaria da prisão de S. Julião da Barra: — Um grupo de marinheiros da canhoneira «Tejo».

O advogado Dr. Nobre de Melo, prestando esclarecimentos aos jornalistas Rocha Martins, Mariano Algéos e Adelino Mendes.



Os três cabeças de motim, José Gomes e Sousa, condenado em 15 anos de reclusão; Eduardo Ventura Alamilo, o «Espanhol», condenado em 18 anos de reclusão; e António Martins Ribeiro, condenado em 20 anos de igual pena, encarcerados na antiga prisão Gomes Freire.

Digitized by Google

CAPITULO VII

As obras de assistência iniciadas pela Raínha Senhora D. Amélia

Perduram as obras de caridade da rainha senhora D. Amélia e, sobretudo, a da Assistência Nacional aos Tuberculosos, com seus Dispensários.

No dia 11 de Junho de 1899, na Sala do Conselho de Estado, no Ministério do Reino, foram inaugurados os trabalhos daquela instituïção sob a presidência da soberana, que convidou numerosas pessoas da nobreza e do capitalismo para coadjuvarem a sua iniciativa.

A comissão directiva ficou composta pelos senhores Marquês da Praia, e de Monforte, e José Maria dos Santos, o abastado lavrador na qualidade de presidente e primeiro vice-presidente; conselheiros dr. Silva Amado e Pereira de Miranda, Carlos de Bocage e Silva Jones, e dr. D. António de Lencastre, secretário geral. Foi a rainha a verdadeira alma daquele organismo, que auxiliaria os desditosos.

O govêrno associou-se à cruzada que se iniciava sob tão bons auspícios, e depois de levado ao Parlamento o respectivo projecto de lei, foi votado o subsídio de vinte contos de réis mensalmente para juntar às dádivas particulares, que tinham rendido desde logo perto de oitenta contos.

Formou-se a Comissão de propaganda composta pelos conselheiros Curry Cabral, dr. Alfredo Luiz Lopes e Frederico Palha. A rainha tornara-se a animadora dos trabalhos sem par na assistência portuguesa. Não se tratava de exibições, mas de positivo e formal propósito de atenuar, quanto possível, nas classes pobres, os horrores da devastação do terrível flagelo. Fizeram-se esforços de superior envergadura; penetrou-se até nos bairros mais miseráveis, e era a própria soberana que os visitava como uma irmã de caridade peritente e dedicada à sua obra meritória. Influia nos espíritos, atraia os ricos para que socorressem os desgraçados, e a Assistência Nacional aos Tuberculosos desenvolveu-se. Além da sede, que se edificou na Rua 24 de Julho, construíram-se Dispensários em Alcântara e no Caminho de Ferro, os Sanatórios do Outão e da Guarda, projectaram-se os hospitais suburbanos em Coimbra, Braga e Portalegre. Foram inaugurados postos em Bragança, Viana do Castelo e Faro, formando um campo de combate ao mal devastador; acudia-se à infância, socorriam-se as famílias necessitadas de tratamento. Médicos cheios de boa von-

Digitized by Google

tade, trabalhando gratuitamente, fizeram verdadeiro apostolado em volta da iniciativa da rainha, que jamais a desamparou.

Os resultados da acção desenvolvida, foram aparecendo pouco a pouco. A vasta propaganda profiláxica contribuiu para aniqüilar as tendências desprezadoras da higiene; os pequenitos tiveram acolhimento carinhoso nos Sanatórios, e a assistência foi aumentando, sendo cada vez maior o número de subscritores, o que permitia fundar novos estabelecimentos e melhorar os então existentes para dar combate à doença, que equivale a uma guerra na devastação de vidas.

Mesmo depois de exilada, a senhora D. Amélia, tem pensado na Assistência Nacional aos Tuberculosos e ainda há pouco enviou importantes donativos não só da sua bôlsa mas também angariados com a venda do seu álbum artístico cujo produto foi integralmente destinado a auxiliar a benemérita instituïção.

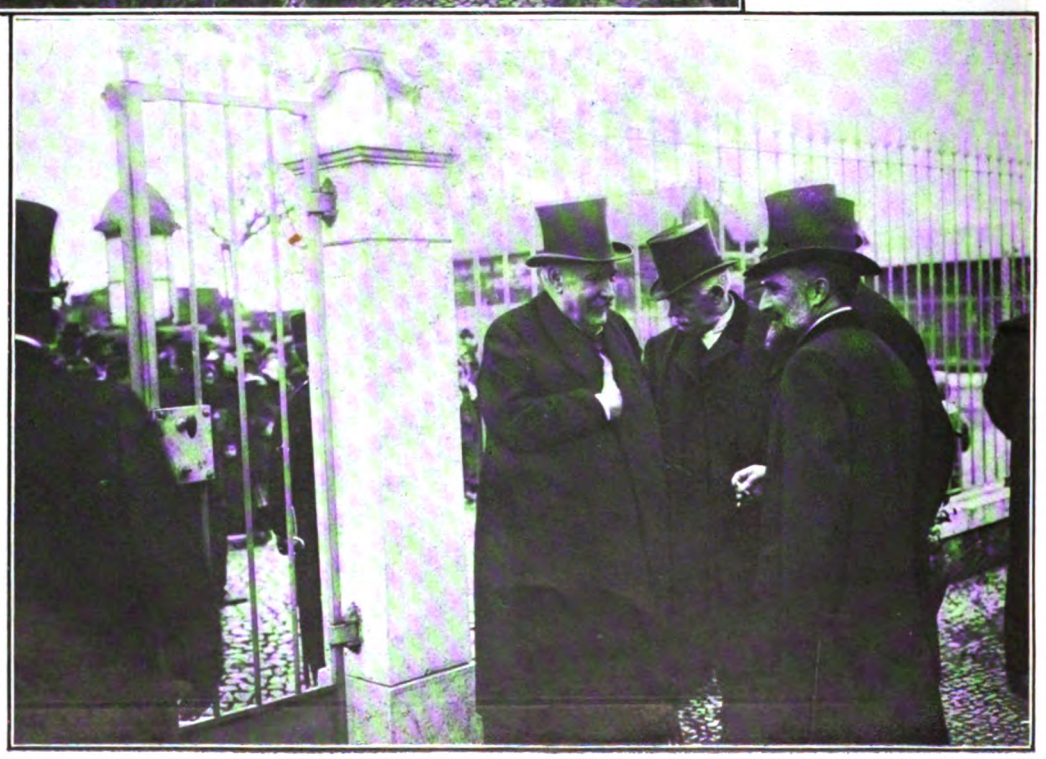
Digitized by Google

Na Associação Protectora da Primeira Infancia

S. M. a Rainha D. Amélia, presidindo à distribuição anual de prémios e enxovais, levada a efeito por esta benemérita associação.

Digitized by Google

Na Associação Protectora da Primeira Infancia



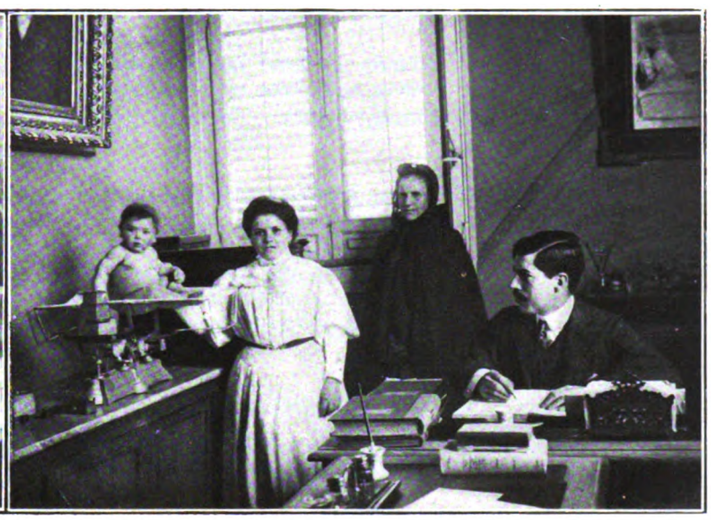
A chegada de S. M. a Rainha D. Amélia, ao lactário de S. Bento.

O Dr. Jorge Cid, rodeado de um grupo de mãis premiadas, a quem foram distribuidos enxovais.

Os srs. José Maria dos Santos e General Morais Sarmento, dois grandes beneméritos desta associação, esperando a chegada de S. M. a Rainha.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google



O edifício da Associação Protectora da Primeira Infância, no Largo do Museu de Artilharia.

O interior da farmácia do posto do Museu de Artilharia — A pesagem de uma criança protegida desta Associação, após o exame clínico, feito pelo Dr. Jorge Cid.

No Dispensário da Rainha (em Alcantara)

Os srs. Drs. Silva Carvalho e Teixeira Diniz e a chefe das enfermeiras, a Madre Superior Domenicana, D. Maria José Soares de Albergaria, procedendo à admissão de uma criança.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO VIII

Os "intransigentes„ de 1907

Há horas na vida que ninguém pode descrever. Résam-se.

Porque são sempre orações, cheias da máxima unção espiritual, as páginas do passado que, evocando a juventude, provocam a saüdade.

E, assim, desnecessário se torna dizer que julgamos um tanto ou quanto impossível dar uma ideia, ainda que pálida, do que foi êsse audacioso movimento académico que passou à história com a designação de: — *Intransigência de 1907*.

Teve o seu início em Coimbra.

E, como todos os grandes acontecimentos, os que maior repercussão alcançam, depois, no andar dos tempos, para não fugir à regra, foi o que se pode chamar de nascimento modesto no noticiário da imprensa.

É em *O Século* de 28 de Fevereiro de 1907, que vamos encontrar, quási escondida, nas notícias de Coimbra, esta informação que constituiu o mais poderoso rastilho da formidável explosão que se deu, sem tardança, em tôdas as escolas do país:

> «*Principiou hoje a defesa de tese, na Faculdade de Direito, o dr. José Eugénio Ferreira.*
>
> *A concorrência a êste acto foi grande, enchendo-se, por completo, a Sala dos Capêlos, e ficando fora muitas pessoas, por não terem, ali, lugar.*
>
> *Quando o laureado académico saiu, o público que estava no pátio da Universidade fêz-lhe uma ruidosa manifestação de simpatia*».

E fêz. Porque existia, de há muito, um ódio latente, nos estudantes, contra a figura do professor, do *lente* de então, símbolo sombrio e vívido de uma opressão constante e de um sistema anacrónico de ensino que já não era justo nem lógico suportar.

José Eugénio Ferreira realizava, em tal momento, a esperança de uma nova directriz, pois corria, sem rufos de tambor, o pregão verdadeiro de que se tratava de um espírito culto, desempoeirado e moderno.

A sua ascensão ao professorado representava, portanto, uma vitória das hostes descontentes.

Não o entendeu, porém, assim, o velho feitio universitário, e tudo preparou para o sacudir, de vez, cerrando-lhe as portas que êle buscava abrir, de par em par, para actualizar o ensino, tocando-o de uma luz, clara e forte.

A cerimónia, sempre excepcional, vistosa e solene, naquele velho ambiente que os *doutorais* emolduravam, teve, pois, o condão de atrair as atenções de tôda uma geração que foi, sem dúvida, a mais vibrante, brilhante, patriótica e eficaz do início da primeira metade dêste século.

Era belo, cheio de côr, o quadro da assistência, na qual sobressaía, em tal momento, pela figura imponente, pela simpatia que irradiava, pelo prestígio do

Digitized by Google

seu nome, pelas venéras que ostentava, o paraninfo que José Eugénio, forçado a obedecer às velhas praxes, havia escolhido para êsse fim.

O seu padrinho eleito era o dr. Fortunato Vieira das Neves, nosso padrinho de baptismo (razão porque nos chamamos Fortunato), o médico ilustre, o famoso par do reino cuja influência política nas Beiras se tornou deveras memorável.

Em 1 de Março do mesmo ano já os jornais noticiavam o que na véspera se havia passado em Coimbra, e ficou sabendo o país inteiro que a academia, sem distinção de crédos políticos, após a reprovação do inteligente candidato à cátedra universitária, o acompanhára em longo e ruidoso cortejo, a pé, desde a Universidade, lá no alto da cidade, até ao distante e excêntrico bairro da Arregaça, onde José Eugénio modestamente vivia.

O primeiro discurso incendiário a essa infindável bicha negra de capas e batinas, então obrigatórias, foi pronunciado, de uma varanda das oficinas do antigo França Amado, a velha livraria dos *lentes*, na rua Ferreira Borges, pelo estudante Campos Lima.

Defronte da residência de José Eugénio, que agradeceu, sinceramente comovido, a espontânea manifestação de que fôra alvo, falaram os estudantes Campos Lima e José Montez, que alvitrou uma sindicância rigorosa e urgente à proclamada injustiça, ao que se acabava de assistir na Sala dos Capêlos.

Correu logo, de bôca em bôca, a necessidade da gréve geral a iniciar-se no dia seguinte, como protesto enérgico contra os «processos» arcaicos da Universidade aproveitando-se o ensejo como fundamento precioso de muitas reclamações a fazer.

Tratou-se, imediatamente, da requisição de um combóio especial, a-fim-de, no domingo seguinte, quarenta e oito horas depois, a academia se dirigir a Lisboa com o fim, aliás prudente, de conferenciar com o Govêrno.

Entretanto, nessa mesma noite, era apupado um *lente*, na rua Ferreira Borges, ao passo que, às sete horas, na velha igreja da Trindade, então Gimnásio Académico, eram eleitas, por aclamação, duas comissões com carácter de urgência e investidas de plenos poderes.

A primeira, a encarregada de solicitar a sindicância, compunha-se dos seguintes académicos: — António Granjo, Joaquim de Oliveira, José Montez, Ramada Curto e Campos Lima. Mas, a pedido da Academia, foram agregados: — Vicente Pindela (Arnoso) e Lobo de Ávila, «para tirar à comissão qualquer ideia partidária».

Para dirigir os destinos da greve e manter o prestigio do protesto levantado, foi eleito o «Comité Central», do qual faziam parte: — Mário Monteiro, quintanista de Direito, na presidência, Bissaia Barreto, Henrique Braz, Joaquim Tavares, Lacerda Forjaz, Costa Cabedo, Pestana Júnior, Alfredo França e Alfredo Pimenta.

O que se passou daí em diante nunca poderá ser relatado em grosso volume, quanto mais em tão poucas linhas como estas de que dispomos.

Todavia, diremos, em resumo, que, desafiando a oposição dos estudantes, o reitor da Universidade, dr. Santos Viegas, propôs ao Govêrno um encerramento, o que foi feito pelo decreto de 2 de Março, e fôrças militares marcharam para Coimbra, ocupando parte delas aquele estabelecimento de ensino, azedando, cada vez mais, os ânimos da mocidade grèvista.

Foram proïbidas as conferências de Manuel de Arriaga e Alexandre Braga, na Escola Livre, e o conde de Paçô Vieira e Afonso Costa interpelaram o chefe do Govêrno, João Franco, em pleno parlamento.

Cunha e Costa faz uma conferência — *A Universidade* — na Sociedade de Geografia de Lisboa, e Bernardino Machado, acusado de cumplicidade política (?!) com os estudantes, é chamado a dar explicações ao Conselho de Decanos da Universidade, que o tinha entre os seus mais ilustres professores.

A Academia resolveu mandar à capital uma delegação especial composta por Mário Monteiro, Cautela Júnior e Cunha Dias, à qual se agregaram, depois e expontâneamente, vários elementos académicos em destaque.

Teófilo Braga realiza, a pedido, no pátio do Ateneu Comercial de Lisboa,

Digitized by Google

uma lição de Direito, com larga assistência de alunos de muitas escolas do país.

Presidiram a essa reünião Cautela Júnior, Mário Monteiro e Joaquim Tavares.

As mais gradas figuras na política e nas letras, sem distinção de côres partidárias, receberam convite para assistir a um comício monstro realizado no teatro da Rua dos Condes, em 5 de Abril.

A êsse tempo, já tôdas as escolas superiores e liceus do país faziam causa comum com os seus colegas de Coimbra, e nós desafiámos, pela imprensa, para duelo, o padre Francisco Garcez, do campo contrário.

Teófilo Braga publicou uma carta dirigida a José Eugénio, atacando, a fundo, os velhos métodos universitários, e António Granjo responsabilizou o Govêrno pelo que viesse a acontecer.

De facto, houve, depois, tumultos e conflitos sangrentos entre a polícia e os estudantes, tanto em Coimbra como no Pôrto e em Lisboa, chegando até a ser prêso, por engano, o «académico honorário», o fotógrafo amigo Joshua Benoliel.

O rancor dos julgadores, que eram alguns dos próprios e suspeitos lentes alvejados, resolveram a expulsão de Campos Lima, Ramada Curto e Carlos Olavo, declarando isentos de culpas os também indiciados: Carneiro Franco, Adelino Furtado, Vasco Rocha, Sousa e Melo, Júlio Dias da Costa Pinto, Pestana Júnior e Afonso Henriques de Vasconcelos.

A Comissão que, acompanhada por 500 estudantes, dos 6.000 em gréve, veio a Lisboa, em combóio especial, conferenciar com o Govêrno e com o parlamento, e entregar-lhes as mensagens com as respectivas reclamacões, datadas de 2 de Março em Coimbra, era formada por António Granjo, Campos Lima, Mário Monteiro, Verde de Oliveira, Santiago Prezado, Carlos Olavo, Ramada Curto, Henrique Trindade Coelho e José Montez.

O Govêrno quis fazer ouvidos de mercador, mas João Franco, assediado pelas constantes interpelações de vários deputados, teve de responder à voz, sempre escutada com encanto, de António José de Almeida.

Enquanto os estudantes grèvistas puderam permanecer em Coimbra, as reüniões, sempre calorosas, realizaram-se na Rua do Quebra-Costas, em casa do chefe da repartição técnica da Câmara Municipal, Joaquim Maria Monteiro de Figueiredo (de quem somos filho), figura de relêvo, de invulgar inteligência, a quem Coimbra ficou devendo o impulso inicial do seu acentuado modernismo, e a cuja memória os estudantes de agora já resolveram prestar uma justa homenagem.

Quando o Comité Central recebeu ordem de se afastar de Coimbra, alguns dos seus membros foram fundar o célebre *Cenáculo dos Intransigentes*, na Figueira da Foz, que chegou a ter um hino — *Hino da Gréve* — composto pelo maestro Dias Costa, irmão do grande camilianista do mesmo nome.

E quando João Franco regressava do Pôrto, no famoso 18 de Junho, acompanhado por Aníbal Soares, saltámos, em Alfarelos, à carruagem onde êle viajava, entregando-lhe a *Carta a D. Quixote*, que havíamos escrito em seu desabôno, e que já nos tinha conseguido uma prisão.

Voltámos, então, a caír sob a acção do tenente-coronel Dias, mas fômos libertados pelo povo da Figueira da Foz.

Foi êste o derradeiro lampejo do movimento que agitou a mocidade escolar de todo o país em frémitos de energia, dignidade e entusiasmo.

Com o nosso acto final, de formatura, em 31 de Outubro de 1907, acto êsse que foi o último, findou o chamado «período transitório».

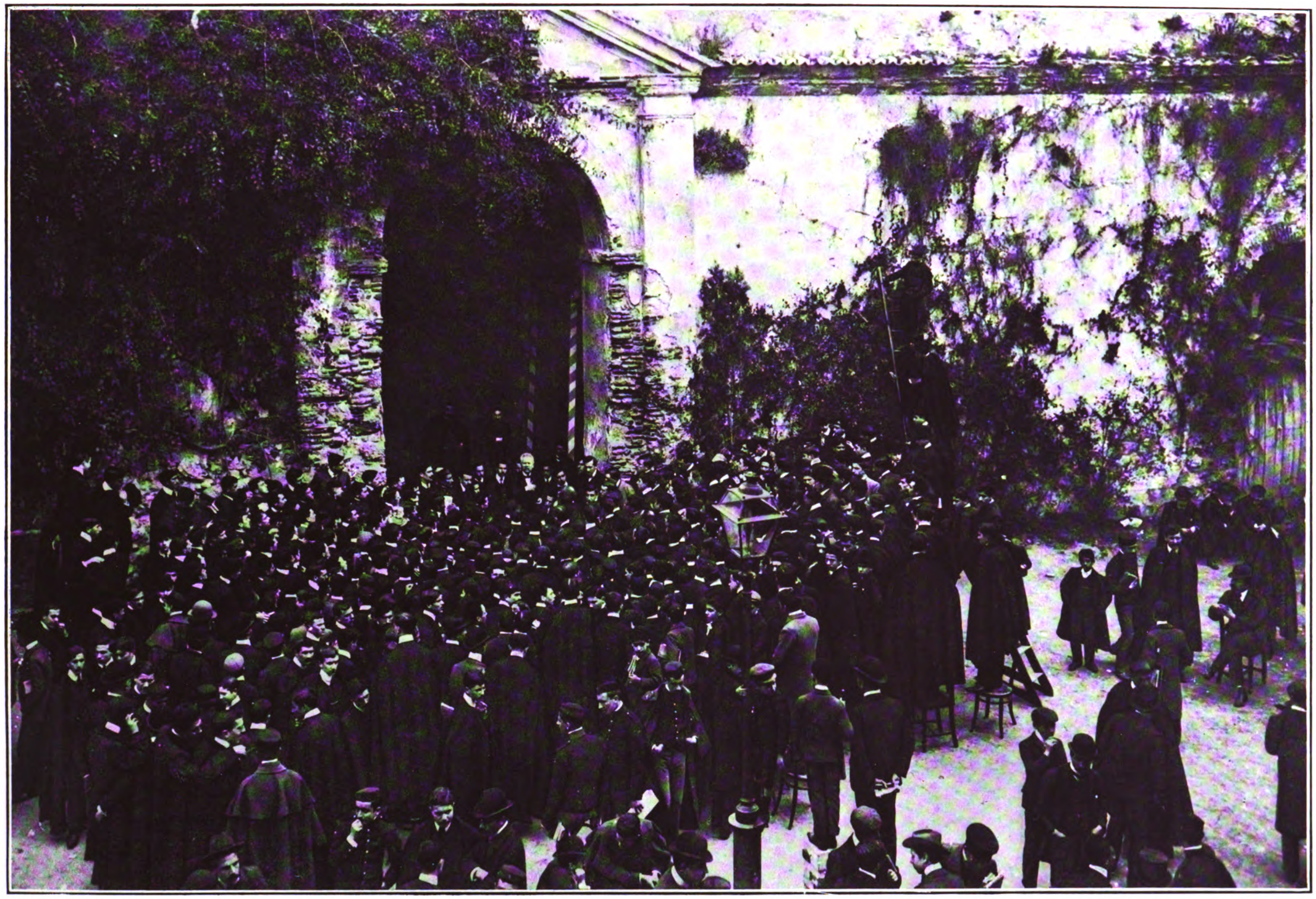
A seguir, entrou em vigor a Nova Reforma, que constituiu a resultante lógica da atitude e reclamações dos *Intransigentes*, abolindo velharias pombalinas que já se não coadunavam com o espírito moderno.

Na geração académica de 1907 foram a República, proclamada em 1910, e o país, encontrar a maioria dos seus melhores, mais activos, mais inteligentes e mais leais servidores, além de a monarquia lhes ficar devendo uma nova orientação nas praxes e no ensino.

MARIO MONTEIRO.

Digitized by Google

Digitized by Google



Arquivo Gráfico

No pateo do Atheneu Comercial de Lisboa

A conferência do Dr. Teófilo Braga — Os académicos de Lisboa e Coimbra ouvindo a lição do Mestre

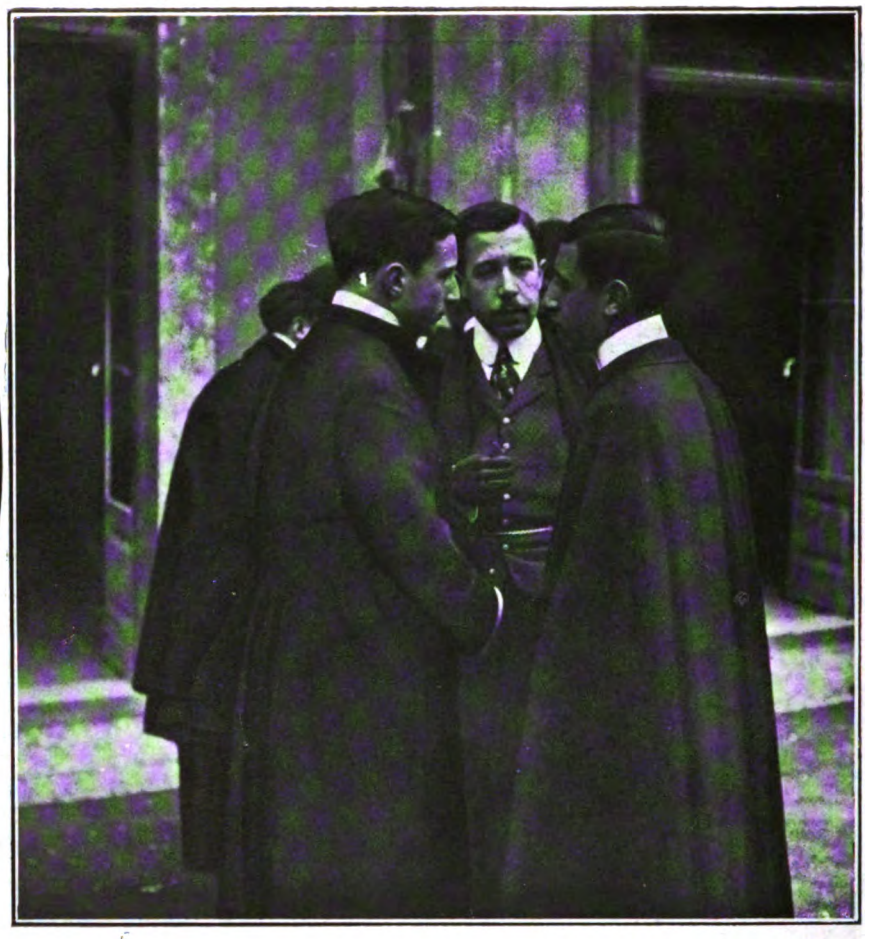
Digitized by Google

Digitized by Google

No Atheneu Comercial de Lisboa

O Dr. Teófilo Braga, falando aos estudantes de Lisboa e às delegações das outras academias do país.

Digitized by Google



No pateo do Atheneu Comercial de Lisboa

Esperando o início da conferência do Dr. Teófilo Braga.

Dois académicos de Lisboa ouvem atentamente as explicações de um seu colega de Coimbra.

— Assim, como assim, para a frente é que é o caminho. Entre outros vêem-se neste grupo os Drs. Justino Campos Cardoso, Carlos Barbosa, António Joaquim Cautela Júnior, Camilo Castelo Branco, Eduardo Augusto Miranda e Francisco Cordeiro Blanco. — Todos falam, todos dizem cousas, mas o govêrno não cede... O Dr. Justino Campos Cardoso e Aníbal Melo Leitão, esperam o comêço da conferência.

Digitized by Google

No pateo do Atheneu Comercial de Lisboa

As delegações das academias do país ouvem o discurso do Dr. Teófilo Braga

Digitized by Google

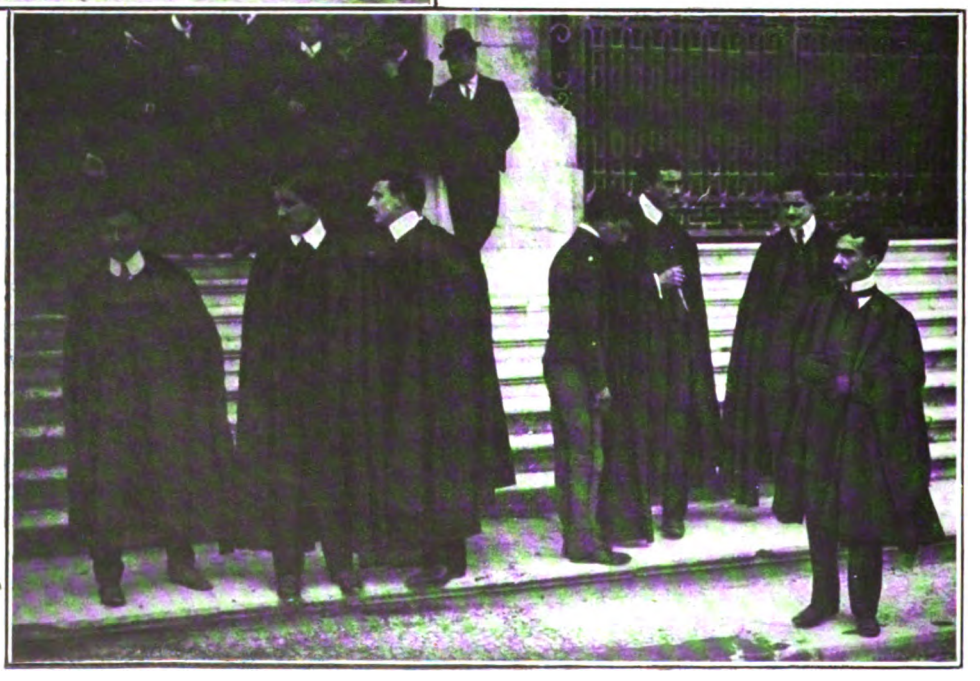
OS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

A chegada ao largo das Côrtes dos estudantes de Coimbra que acompanhavam a comissão que foi entregar ao Parlamento as reclamações da Academia contra o velho sistema universitário.

Um grupo de estudantes de Coimbra no Rossio, após a sua chegada a Lisboa.

Os estudantes de Coimbra aguardam junto à estátua de José Estêvão e à porta das Côrtes, o regresso do comité que subira para entregar a mensagem.

Junto à estátua, vêem-se entre outros, os Drs. Isidro Aranha, Alberto da Cunha Rocha Saraiva, Carlos Barbosa, Aquiles Gonçalves, Anibal de Melo Leitão e Ávila de Melo.



Digitized by Google

A apresentação ao Parlamento das reclamações académicas

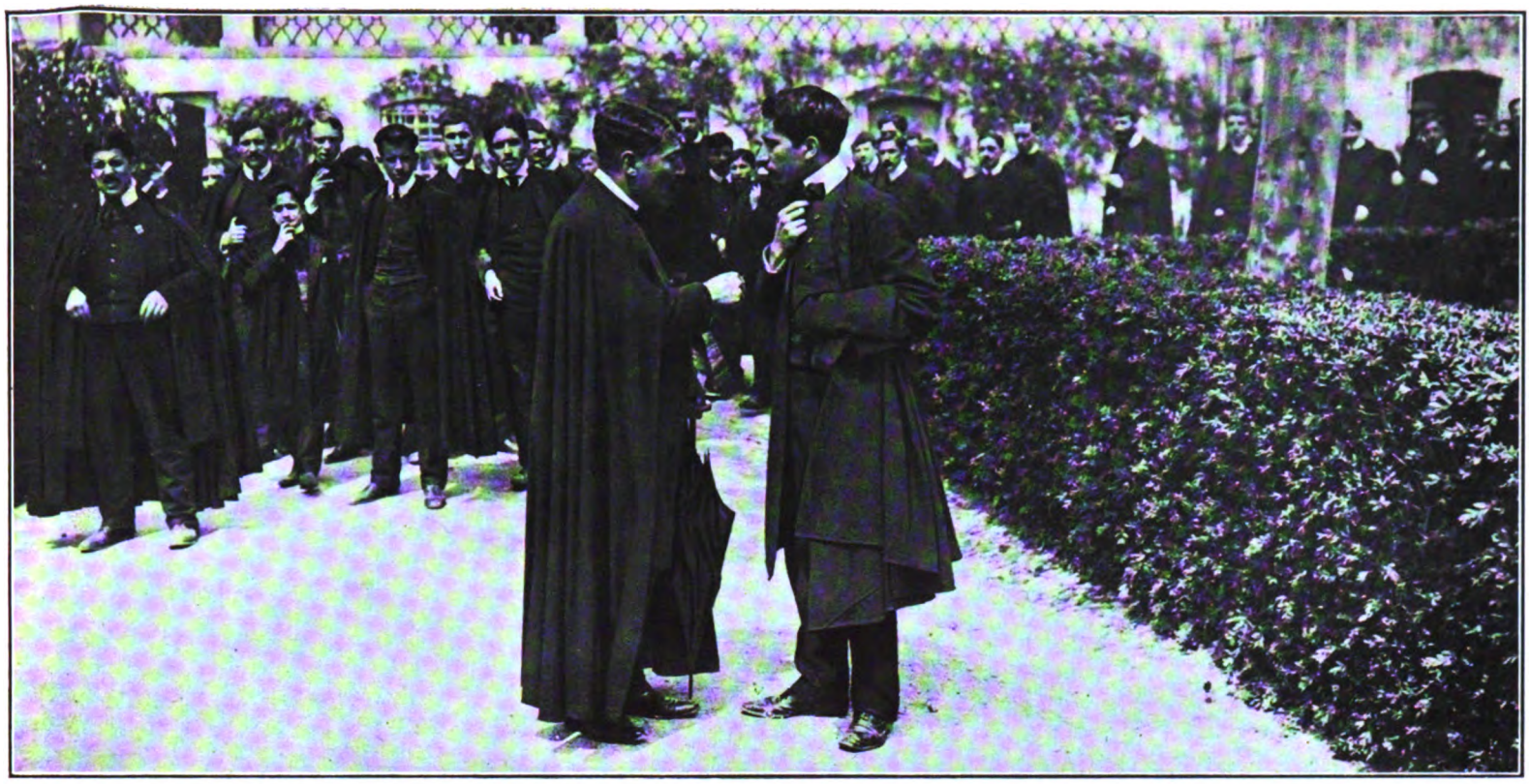
A chegada ao Largo das Côrtes, dos estudantes de Coimbra, que foram entregar ao parlamento a mensagem com as reclamações da academia. Além dos Drs. Henrique Trindade Coelho, Mário Monteiro, António Granjo, Ramada Curto, Carlos Olavo e Santiago Prezado que faziam parte da Comissão, vêem-se os Drs. Justino Campos Cardoso, Eduardo Augusto Miranda, Cunha Dias, Bianch, Adriano de Sousa e Melo e Carneiro Franco.

Digitized by Google

O julgamento dos «Discolos»

Três estudantes expulsos: — Campos Lima, Ramada Curto e Carlos Olavo.
Os estudantes absolvidos: — Carneiro Franco, Adelino Furtado, Vasco Rocha, Sousa e Melo, Júlio Dias da Costa Pinto, Pestana Júnior e Afonso Henriques de Carvalho.

Digitized by Google



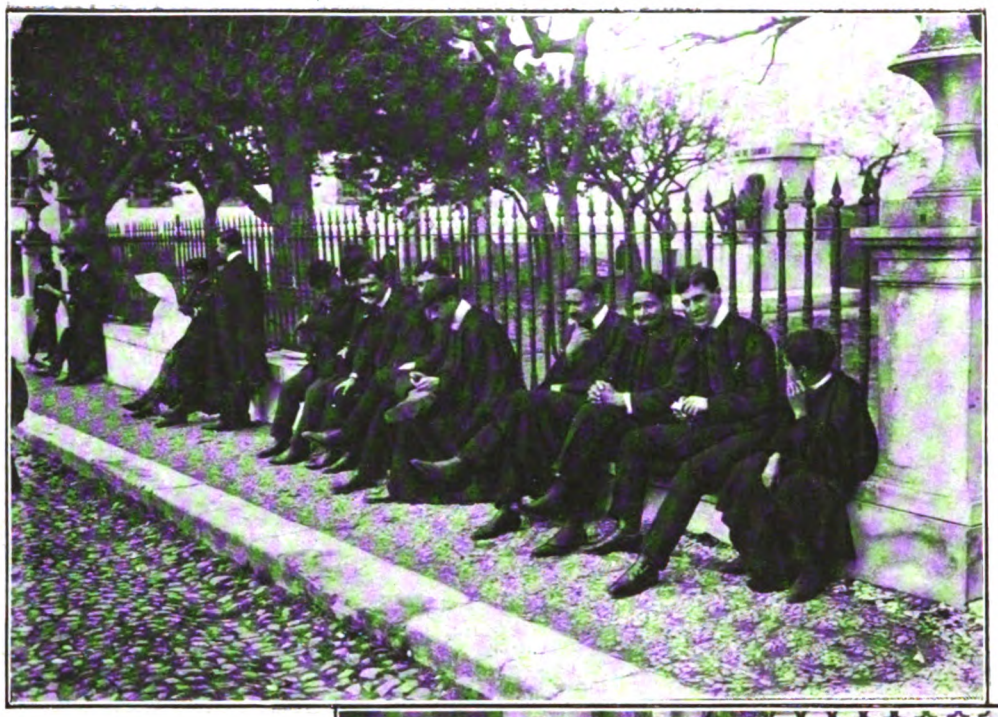
O quintanista Mário Monteiro, ouve do seu colega, Carlos de Sousa, a explicação dos motivos que o forçaram a ir às aulas.

Os que "furaram„ a greve

O célebre estudante Girão, que não se solidarizou com os seus colegas, subindo as escadas da Universidade, acompanhado pelo seu colega Correia.
Dois alunos de teologia que foram às aulas.
Os estudantes militares, cadetes Duarte Silva e Freitas, cuja situação os obrigou a «furar» a greve.
O estudante Peixoto, levado às aulas por seu pai, oficial do Exército.

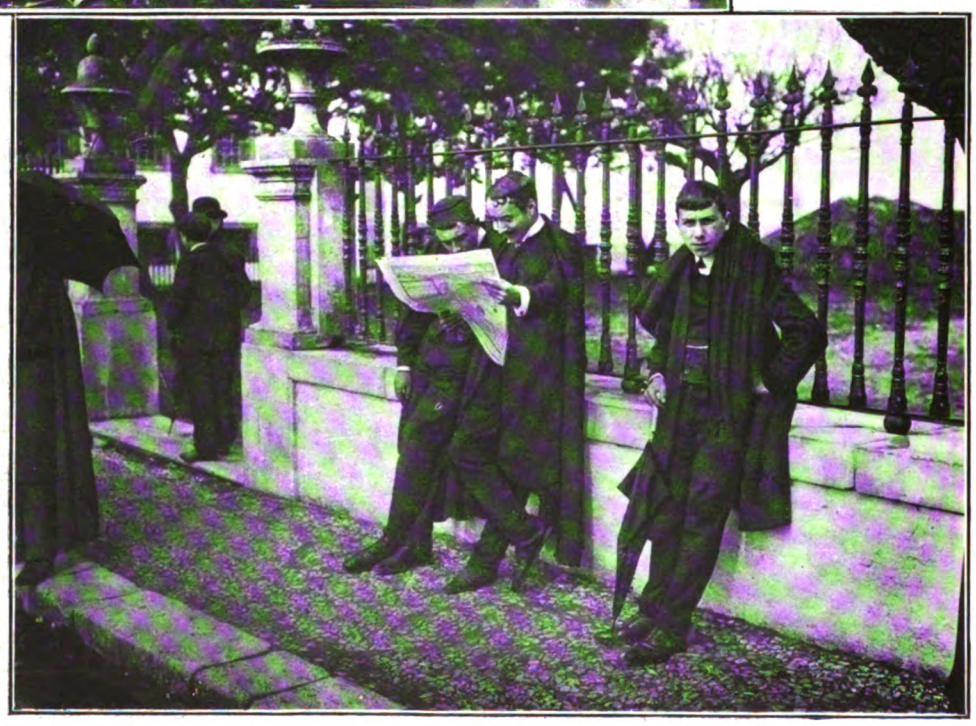
Digitized by Google

NAS HORAS CALMAS DA GREVE



Em frente do monumento a Camões, esperando os acontecimentos.

Alguns grevistas, à porta da Sala dos Capêlos, na Via Latina da Universidade de Coimbra.



Lendo as notícias da greve, publicadas nos jornais de Lisboa.

Digitized by Google

Arquivo Gráfico

Na *Porta-Férrea:* — Aguardando, sob a vigilância da polícia, a hora da marcha para a grande reünião no Gimnásio Académico (antiga igreja da Trindade).

Nos primeiros dias da greve

Digitized by Google

Digitized by Google

Nas horas calmas da greve

Junto à Porta Férrea um grupo de «grevistas», entre os quais se vêem os Drs. Deodoro de Castro Carneiro, Vergílio Correia Pinto da Fonseca, Luiz Baldaque Guimarães, Ladislau Patrício, João da Costa Cabedo, Henrique Braz e António Granjo, esperam pacificamente o desenrolar dos acontecimentos

Digitized by Google

OS LENTES E A GREVE

O Dr. Oliveira Guimarãis, conversando com o Guarda-Mór da Universidade, àcêrca dos acontecimentos.

O bedél Perdigão, esperando à Porta Férrea, a entrada dos... que não entram.

O estudante Francisco Ficalho (o *Quico*), falando com o *lente* Dr. Ruy Ulrich.

O famoso *lente* Dr. Calixto, de aspecto militar e alma grande para os estudantes.

Os *lentes*, Drs. Caeiro da Mata e Pedro Martins, saindo a «Porta Férrea».

Digitized by Google

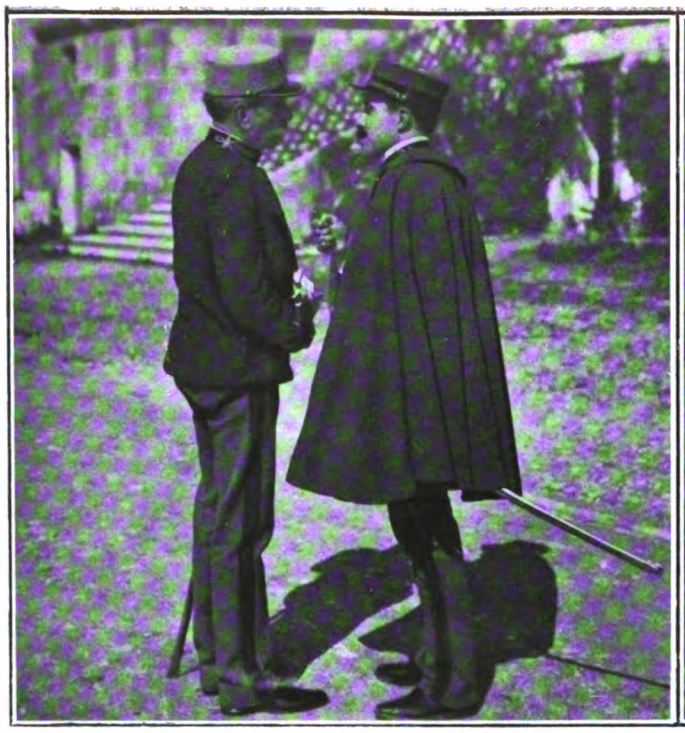
Os «terríveis» *lentes* de Direito, Drs. Manuel Dias da Silva e Guilherme Moreira.

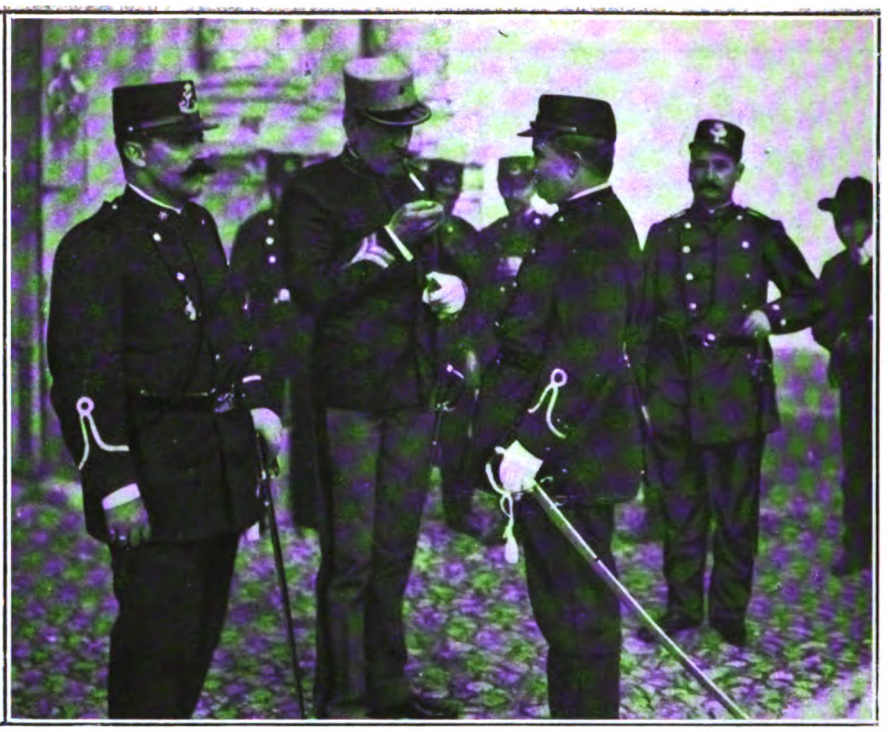
O Guarda-Mór da Universidade, Donato, conversando com dois estudantes de teologia.

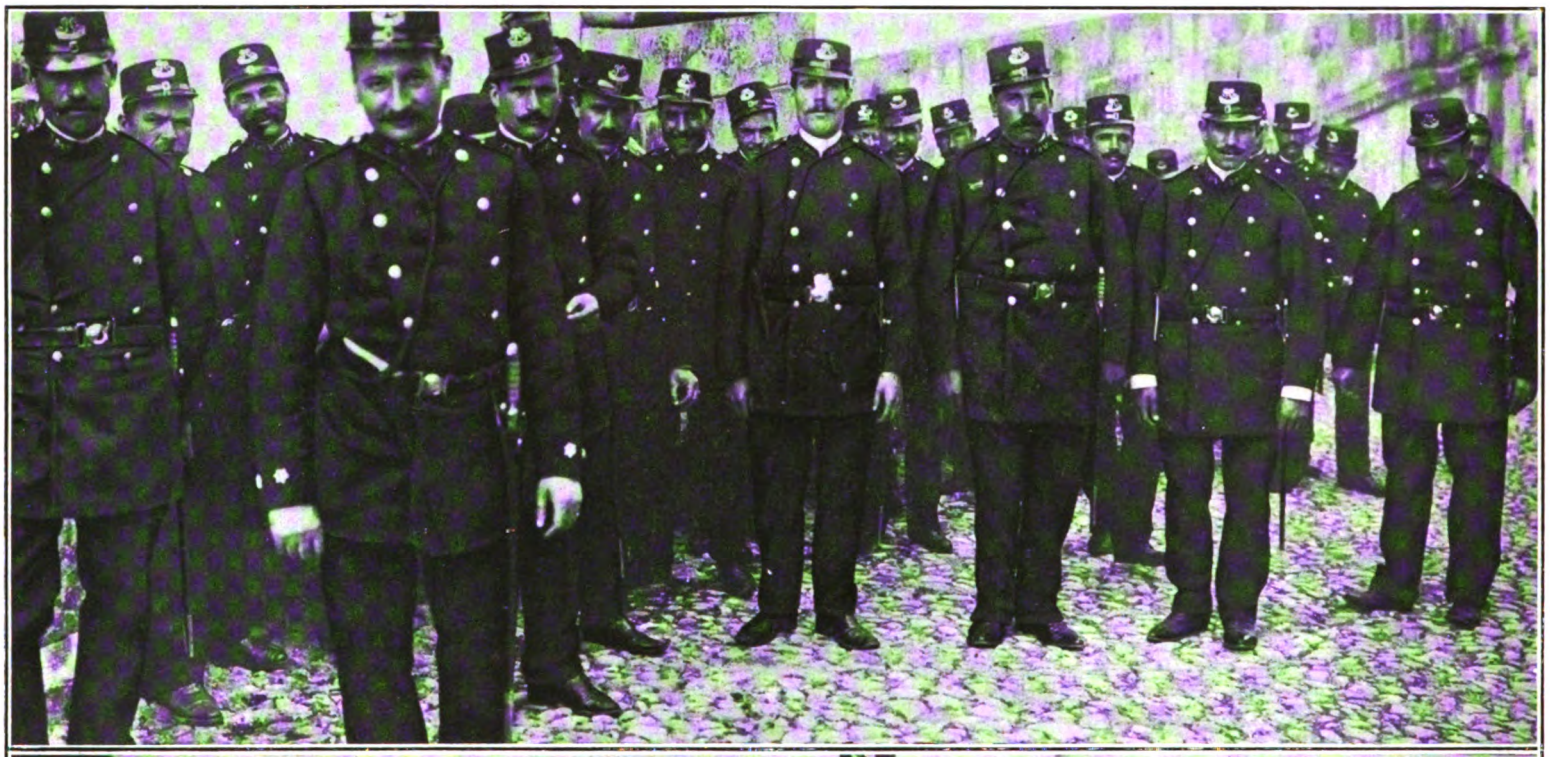
No círculo — Os lentes Drs. Araújo Gama e Costa Lobo, trocando impressões sôbre a greve.

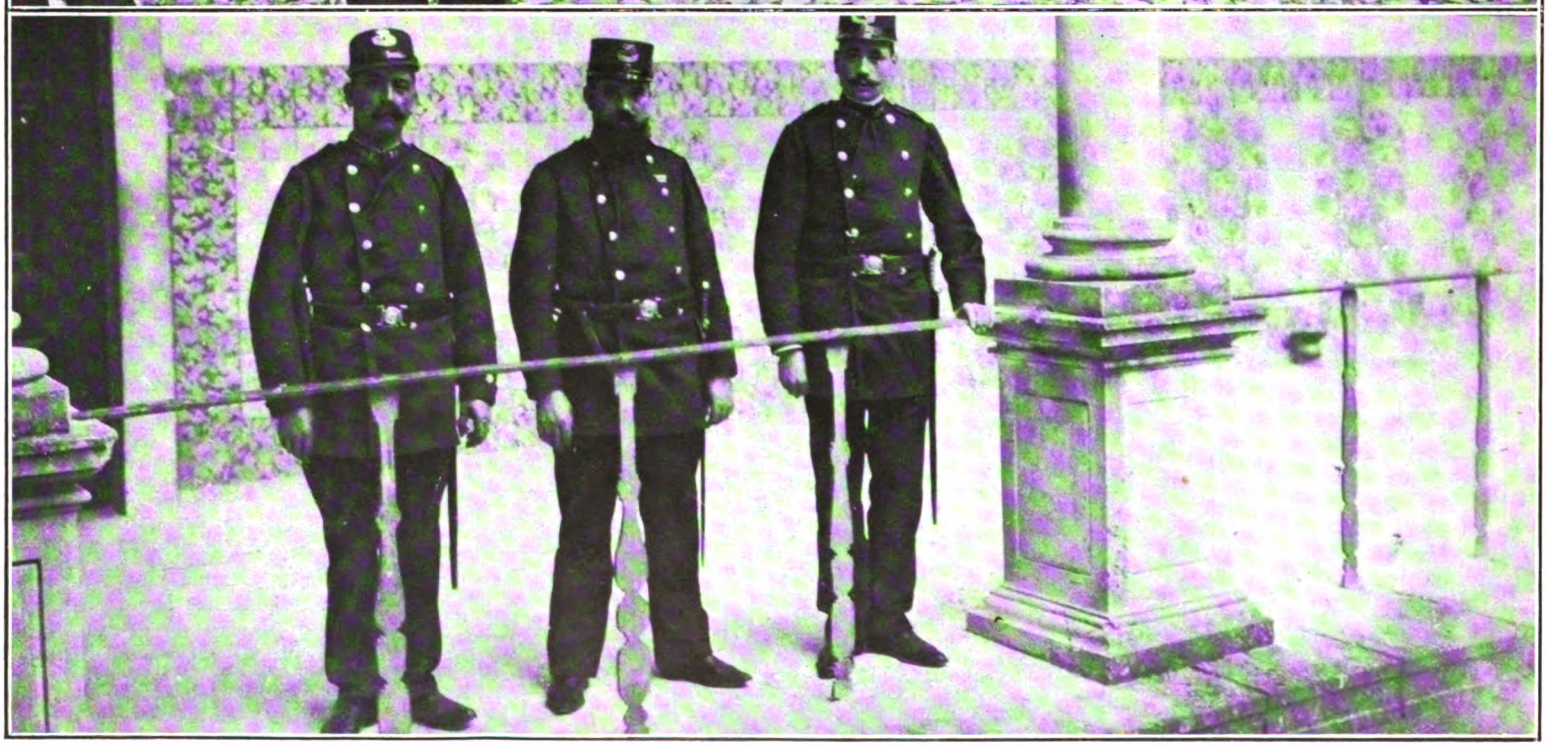
Arquivo Gráfico

Digitized by Google









O Major Dias, Comandante da Polícia de Lisboa, conversando com o estudante militar, o Dr. Alvaro de Castro.

O Major Dias, trocando impressões com os chefes da polícia de Lisboa, que foram para Coimbra manter a ordem.

Um grupo de polícias de Lisboa, junto à porta férrea da Universidade, esperam os acontecimentos.

Três mantenedores da ordem na Galeria dos *Gerais*.

Digitized by Google

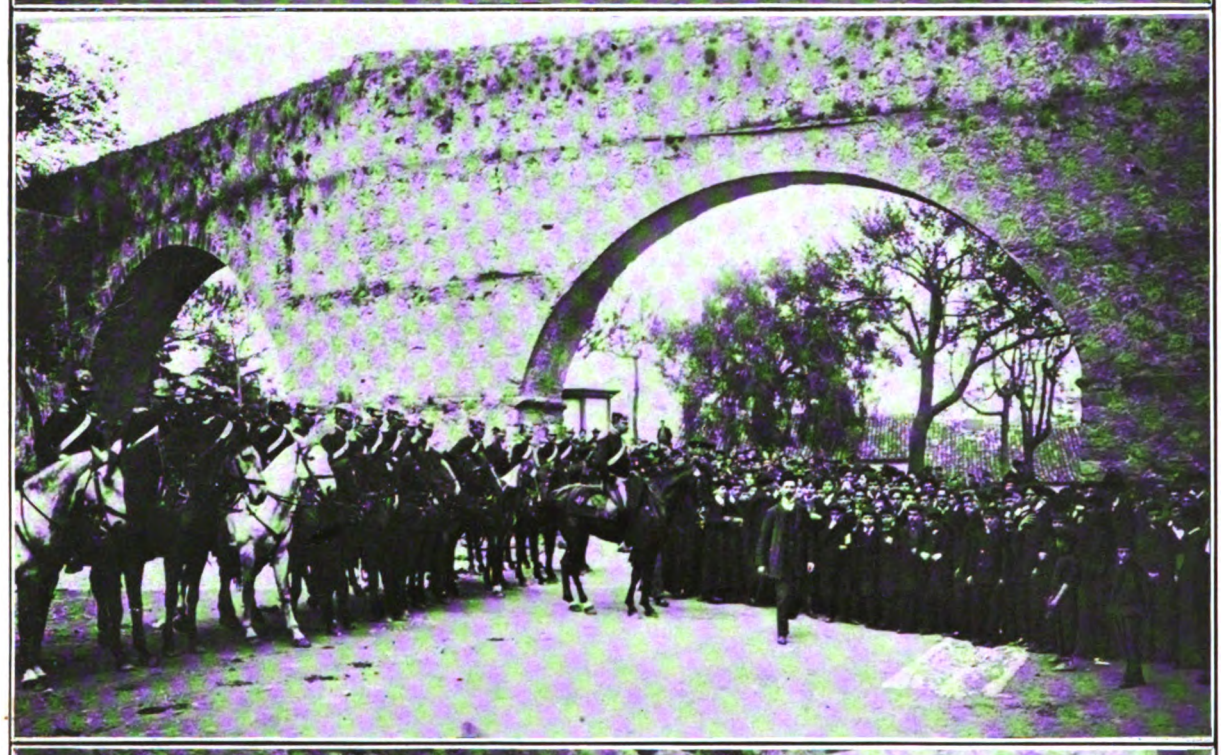
Na estação de Coimbra-B

Os Drs. Bissaia Barreto, Mário Monteiro, Alfredo França, Vasco Fernandes e António Granjo, com o Dr. Jaime Cortesão, após a chegada dêste a Coimbra, onde veio em nome da comissão académica do Pôrto.

O quintanista de Direito, Mário Monteiro, acompanhado do seu colega de Medicina Bissaia Barreto, despede-se de Pinto Quartin, expulso de Coimbra.

Digitized by Google

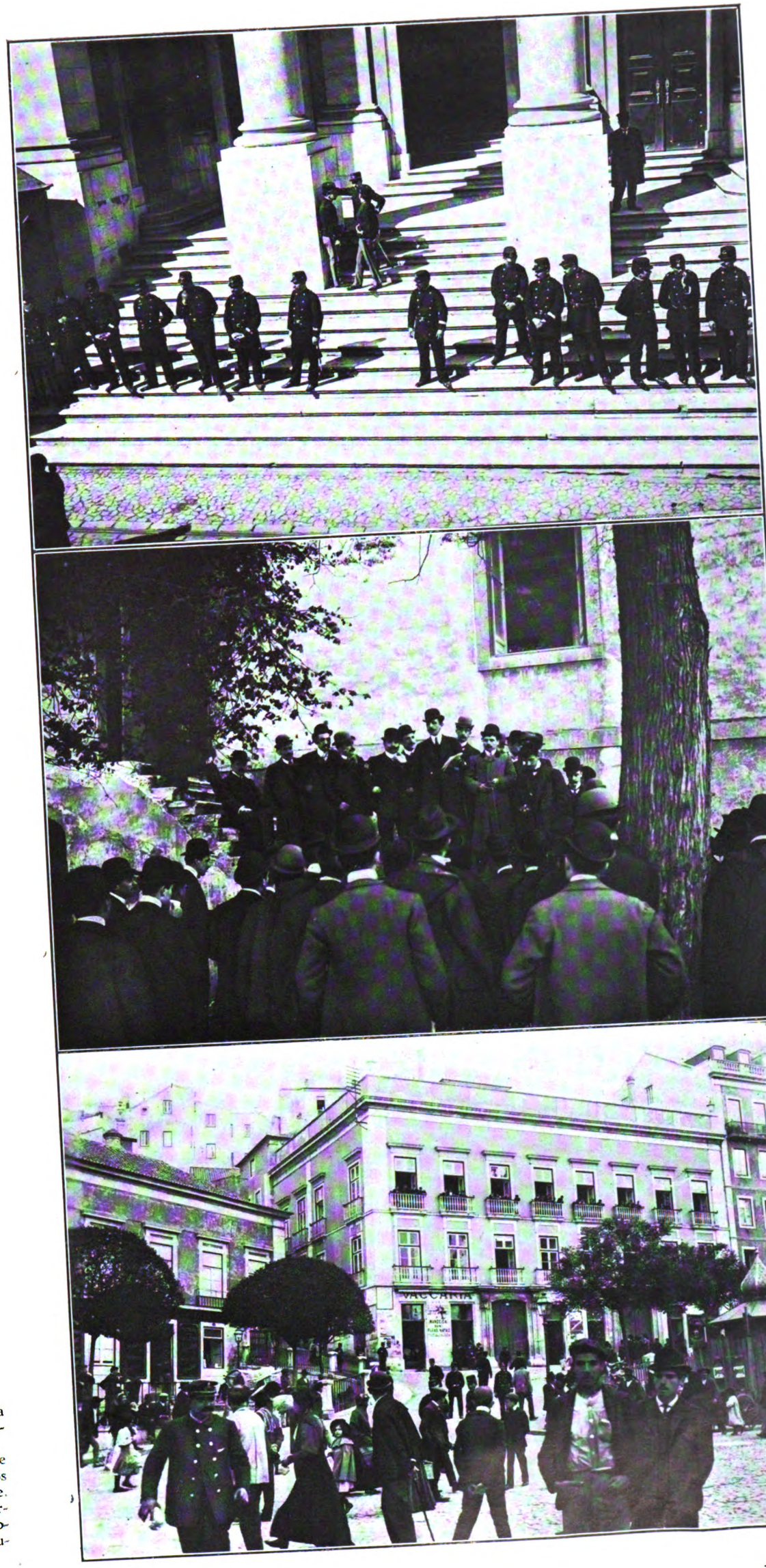
A greve no liceu de Coimbra



Aspectos da greve académica nos Arcos do Jardim — A fôrça militar contém os «Bichos» como, então, eram designados, os alunos do liceu, instalado no velho Mosteiro de S. Bento.

Digitized by Google

A greve nas escolas de Lisboa



Na Faculdade de Ciências — A polícia guardando a entrada da Escola Politécnica.
Na Escola Médica — Um estudante de Medicina, expondo aos seus colegas os motivos porque deviam aderir à greve.
No Liceu da Lapa — A polícia guardando o edifício do Liceu em S. Domingos, onde se encontravam os estudantes grevistas.

Arquivo Gráfico

Digitized by Google

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE OUTUBRO DE 1910

N.º 281

Centenario da Guerra Peninsular

A batalha do Bussaco

(Reproducção d'uma antiga gravura)

Digitized by Google

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE OUTUBRO DE 1910 N.º 281

Centenario da Guerra Peninsular

A batalha do Bussaco

(Reproducção d'uma antiga gravura)

Digitized by Google

Uma festa hippica no campo dos Seteaes, em Cintra

Um aspecto da assistencia — *A rainha Senhora D. Maria Pia, El-Rei, o Principe Real*

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Em férias. Praias, thermas, campos, montanhas e lagos. O que por lá se faz. Como se descança. Civilisação, a quanto obrigas! Os sports, *o caminho de ferro, o automovel. As terriveis fadigas do descanço. Golpe de vista retrospectivo. A leitura. — A commemoração da batalha do Bussaco. — O concurso hippico em Cintra. — As córtes. Abriram e fecharam. Uma missa funebre. Com trez mezes de avanço...*

Toda a gente está agora em férias. E nada mais curioso, n'esta época, do que observar a quantidade de occupações dos que gosam essas férias.

Se Horacio resuscitasse pasmaria da nossa maneira de descançar. Precisamente, nos mezes consagrados ao repouso, é que a vida é mais canceirosa. Por pouco que se cuide da saude com methodos scientificos, é actualmente impossivel escapar a um tratamento de aguas em algumas thermas celebres. Depois o mar, a montanha, os lagos, os bosques, reclamam successivamente, cada um em seu praso proprio, aquelles que não teem para permanecer em um unico sitio a desculpa de não serem bastante ricos. E como as thermas ficam distantes da praia, a praia da montanha, a montanha dos lagos e os lagos dos bosques, e a época de férias é curta, succede que a maior parte d'esta quadra consagrada ao descanço é passada a despejar e a encher malas, a correr para estações de caminho de ferro e a perder noites e dias em comboios.

Cada uma d'essas curtas estações, nas thermas, nas praias, nos campos, são agitadas. Em toda a parte ha excursões a fazer, monumentos historicos a visitar. Um homem moderno deve vêr tudo: o que lhe interessa e o que não lhe interessa. Antes, a difficuldade de communicações podia servir de desculpa a quem quizesse poupar-se a esta roda-viva. Mas hoje, quem tem dinheiro está condemnado irremediavelmente ao movimento perpetuo pelo automovel. E os que pela modestia da sua fortuna estão livres do tyranno machimbombo de gasolina, não escapam ás companhias de caminhos de ferro que lhes organisam comboios de recreio, os atraem com reducções de preços, os seduzem com um reclamo obstinado e habil.

As férias, por outro lado, são a parte do anno em que toda a gente que se presa deve sacrificar ao deus da época: o *sport*. Actualmente, qual é o homem ou a senhora que não se apaixona por um genero de *sport* e não lhe dedica uma parte consideravel dos seus ocios? Depois, o numero de *sports* augmenta de anno para anno. O verão, por exemplo, é a estação propria para os homens-passaros executarem no espaço as suas maravilhosas façanhas, e muito brevemente toda a gente se julgará obrigado a ir, de dois em dois ou de trez em trez annos, ao estrangeiro, verificar com os proprios olhos os surprehendentes progressos da aviação.

Uma festa hippica no campo dos Seteaes, em Cintra

El-Rei D. Manuel conversando com sua augusta avó

(*Clichés* de J. Benoliel).

Digitized by Google

Uma festa hippica no campo dos Seteaes, em Cintra
A Rainha Senhora D. Maria Pia, El-Rei, o Principe Real
(*Cliché* de J. Benoliel).

Para as pessoas cultas as férias são, tambem, a época destinada á leitura. Durante o anno amontoam-se a um canto livros e revistas e vae-se dizendo á abotoadura: «isto é para lêr em julho ou em agosto ou em setembro, com o preciso socego». Porque não se perde a esperança de encontrar a tranquillidade necessaria a uma leitura attenta, n'um hotel de thermas ou n'uma casinhola da praia. Infelizmente, em toda a parte, e cada vez mais, ha que disputar o tempo ás distracções da cidade, que perseguem o desgraçado que foge para longe no intuito de repousar das fadigas e das dissipações cidadãs.

Assim se passa uma grande parte das férias, n'uma agitação continua. Até que chega o momento de regressar á cidade, ao trabalho methodico, á nossa casinha, á vida normal, emfim ao goso de uma tranquillidade absolutamente indispensavel a quem soffreu todas as fadigas... do descanço.

Ha uns dois mezes, Abel Bounard publicou no *Figaro* um delicioso artigo sobre as férias. N'esse periodo, dizia o espiritual poeta, deveriamos «*viver apenas para nós mesmos*». Mas quantos comprehendem e executam o programma resumido n'essas poucas palavras? Se a nossa civilisação concedeu aos homens muitas liberdades, tende, em compensação, e cada vez mais, a restringir-nos a liberdade de escolha dos nossos prazeres e das nossas distracções, de limitar as nossas necessidades e o luxo que cada um de nós tenha de gosar. Tal é a lei fatal e a grande fraqueza de uma civilisação que obriga o homem a augmentar sem treguas, rapidamente, a riqueza.

Evidentemente, é inutil produzir se não se consome. Mas tambem é necessario um esforço do espirito, mesmo para consumir a riqueza, comquanto este esforço seja differente do necessario para produzil-a, e o homem não é, naturalmente, tão impulsionado á actividade que prefira sempre este esforço ao repouso e á abstinencia. Não sem profundas razões psycologicas, todas as religiões, todas as litteraturas, idealisaram a simplicidade de costumes, a vida tranquilla, a prudencia, que com pouco se contenta.

E' necessario, pois, obrigar o homem a consumir o mais que possa, multiplicando e sobreexcitando os apetites... Em nenhuma época, como na nossa, foi obrigatorio, em todas as classes, o desbarato de uma quantidade enorme de riqueza. Um historiador, sentir-se-ia talvez tentado a reconhecer, em tão curioso phenomeno, uma differença essencial, a mais importante, porventura, entre a civilisação actual e as civilisações muito mais pobres que a precederam. Então, apenas uma pequena *élite* era obrigada a viver com relativo luxo, que era inherente aos privilegios de que gosava, e chegava, por vezes, a ser um encargo pesado.

Em Athenas, como em Roma, como nas republicas italianas da Edade Media e nos grandes e pequenos estados europeus, antes da revolução, o mesmo phenomeno repete-se: multidões de grandes familias arruinam-se por não renunciarem ao luxo, que só aproveita e dá prazer aos outros. A nossa época de democracia, comquanto tenha diminuido a influencia social d'essas *élites*, deu-lhes um pouco mais de liberdade no que diz respeito ao emprego da fortuna; mas obrigou, em compensação, a viverem com certo fausto, mais ou menos dispendioso, as classes medias e ainda algumas classes populares, que antes viviam como queriam.

As diversões tendem cada vez mais a integrar-se n'esse luxo que a sociedade moderna impõe a todas as classes.

O *otium*, tão amado dos latinos, já não existe; quando não trabalhamos, divertimo-nos; quero dizer, andamos n'uma dobadoira, gastando, gastando, gastando... A' época dos caminhos de ferro, da navegação a vapor e do automovel não quadram nem os prazeres sedentarios nem os baratos. E talvez por esta rasão que a leitura, distracção favorita de outros tempos, em certos meios, está hoje em decadencia. E' verdade que n'este regimen de mobilidade perpetua, as férias não representam para muitas pessoas, ao cabo de uma semana ou de uma quinzena, mais do que um cansaço differente d'aquelle de que se é victima nas cidades durante o resto do anno — para peor. Mas a maioria sente-se feliz seguindo a tendencia do seu tempo, acompanhando os progressos da civilisação tanto em janeiro como em agosto. E lá diz o outro que quem corre por gosto não cança...

... Emfim, cada época tem a sua maneira de agir pela felicidade do homem; e em boa verdade é inutil discutil-a. Mas além d'isso, a da época que atravessamos é tão original e tão curiosa, e o nosso irmão em Jesus Christo parece estar tão satisfeito com ella, que desisto de algumas considerações que as suas contradições e excessos naturalmente suggerem. Mas ao lembrar-me da febre de prazeres complicados, extranhos e excitantes que atormenta os nossos dias, não posso deixar de pensar no deleite que proporciona a leitura de um bom livro, sob a copa d'uma arvore amiga, n'um remançoso parque. Este velho prazer tão esquecido tem todas as vantagens que deixam de concorrer nos prazeres modernos e não enferma de nenhum dos seus muitos inconvenientes. Talvez por esta rasão é um prazer verdadeiro; e talvez por isso mesmo ninguem use nem abuse d'elle...

Ora pois, como hoje é dia feriado, vou até ao Jardim Botanico com o meu Virgilio debaixo do braço. *Habent sua fata libelli*, como

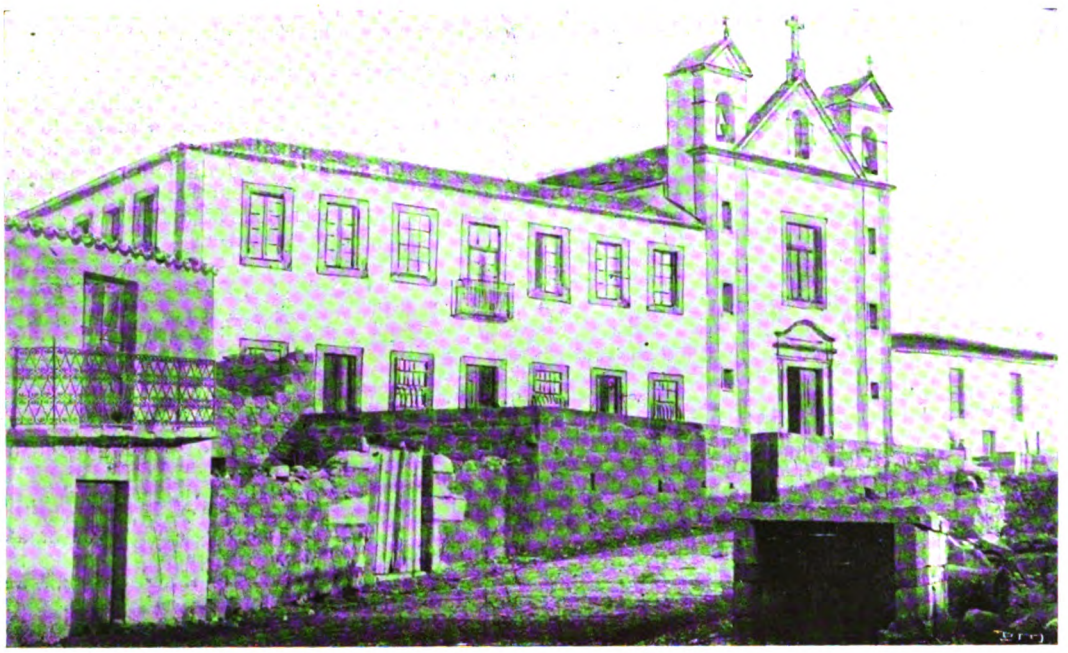
Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Pedro IV

No atrio da Sé — *Os srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas aguardando a chegada do Senhor D. Manuel*

Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Pedro IV
Depois das exequias — *Sahindo da Sé — El-Rei e o Senhor D. Affonso, seguindo-se-lhes os srs. conselheiros Teixeira de Sousa, Pimentel Pinto e Azevedo Castello Branco*
(*Clichés* de A. C. Lima).

Digitized by Google

Os acontecimentos do Sabugal



Fachada do Collegio de Aldeia da Ponte no concelho do Sabugal

sentenciosamente dizia o poeta grammatico Terenciano Mauro, que a sabia toda...

* * *

Não foram muito brilhantes as festas commemorativas do primeiro centenario da batalha do Bussaco, mas na sua relativa simplicidade revestiram certa imponencia. Em tres partes se dividiram: religiosa, militar e popular, e em todas ellas se evidenciou o patriotico esforço da commissão executiva do centenario da guerra peninsular, á frente da qual se acha o illustre general João Carlos Rodrigues da Costa.

Os leitores conhecem, pela leitura das folhas diarias, nos seus detalhes, a commemoração, a que se associaram Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel e Sua Alteza Real o Principe D. Affonso, que partiram para o Bussaco em 26, encontrando-se com lord Wellington, neto do glorioso vencedor da batalha que marcou o inicio dos desastres napoleonicos, que veiu a Portugal expressamente para assistir á commemoração.

Pela reportagem artistica do *Brasil-Portugal* farão os leitores ideia precisa dos festejos que, repetimos, não foram de um excepcional brilhantismo, mas nem por isso deixaram de corresponder ao brioso e patriotico esforço da commissão executiva do centenario da guerra peninsular.

* * *

No terreiro de Seteaes, em Cintra, realisou-se no dia 12 um — mais um! — concurso hippico em que tomaram parte vinte e dois cavalleiros. A famosa estancia, de brilhantes tradições, pois alli se realisaram desde largos annos, sumptuosos torneios e outras festas, foi armada para o effeito: n'ella se levantaram obstaculos e muros, plantaram sebes e cavaram rias para os saltos da aguerrida cavallaria.

Em redor uma multidão enorme, muito interessada no resultado do torneio, avultando as familias de distincção que costumam veranear na lindissima villa.

El-Rei e o Principe D. Affonso assistiram ao concurso, acompanhando Sua Augusta Avó e Mãe, Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, que pela primeira vez, depois da tragica morte de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe, assistiu a uma diversão publica.

Foram disputados tres premios, um dos quaes a Taça Cintra offerecida pelo Chefe do Estado, que foi ganha pelo tenente sr. Passos Callado, o primeiro concorrente classificado pelo jury.

* * *

Com o cerimonial do estylo abriram as Côrtes no dia 23, lendo Sua Magestade El-Rei o discurso inaugural apenas aos dignos pares e senhores deputados affectos ao governo porque os pares e deputados da opposição não compareceram á sessão real para darem um cheque... em si proprios.

Dois dias depois e em virtude do numero insufficiente de deputados com eleição validada pelo respectivo tribunal, foram as Côrtes addiadas para 12 de dezembro.

Uma nota curiosa: á missa do Espirito Santo que se realisa na Patriarchal ás dez horas da manhã do dia em que as Côrtes abrem, assistiu d'esta vez apenas um deputado que ao entrar no Templo foi surprehendido pelo aspecto funebre da grande nave, forrada de alto a baixo de preto, com um grande catafalco ladeado de tocheiros. Eram os preparativos para as exequias de D. Pedro IV que se realisavam no dia immediato.

Foi no meio d'esta pompa funebre que o pobre deputado implorou a graça do Espirito Santo para si e para os seus collegas da camara... com uma antecipação de tres mezes!

CAMARA LIMA.

Os acontecimentos do Sabugal e a Associação do Collegio de Aldeia da Ponte

Em nenhuma outra região do paiz se deram, por occasião do recente acto eleitoral, acontecimentos tão sensacionaes como no concelho do Sabugal, na provincia da Beira Baixa, fornecendo-nos o facto ensejo para a publicação d'uma serie de gravuras representando aspectos d'aquella pittoresca villa, onde esteve concentrada numerosa força armada, tanto de infantaria como de cavallaria, afim de evitar maior perturbação da ordem publica, dando-se ainda assim casos de gravidade, principalmente na povoação de Santo Estevão.

Como culpados de taes acontecimentos foram apontados os frades hespanhoes ha muitos annos estabecidos em Aldeia da Ponte, importante freguezia que dista 30 kilometros da séde do concelho e fica quasi situada na raia hespanhola. Claro está que, assim como houve quem os accusasse de serem os incitadores dos tumultos, por terem appoiado o chamado bloco eleitoral, não faltou tambem quem sustentasse que elles foram em absoluto extranhos á questão politica que no concelho se debateu, pois que, alem de residirem a cerca de 40 kilometros de Santo Estevão, nunca se haviam mettido em assumptos de tal ordem, occupando-se apenas dos seus misteres religiosos.

Reservando-se sempre a mais completa imparcialidade, o *Brasil-Portugal* limita-se simplesmente a registar os principaes factos que agitam a vida portugueza, colligindo, como no caso presente, alguns apontamentos para acompanhar as gravuras que illustram as suas paginas.

E' innegavel que os frades mariannos tinham grande influencia em todo o concelho do Sabugal, designadamente nas freguezias de Nave, Alfaiates e Villa de Touro, em algumas do concelho de Almeida e até no da Guarda, havendo um logarejo d'este ultimo, Valle Mourisco, entre a Guarda e o Sabugal, que, segundo consta, deu nos ultimos annos uma dezena de noviços para as missões do Espirito Santo.

Os frades mariannos estavam ha muitos annos estabelecidos em Aldeia da Ponte, em casa propria por elles construida.

A residencia conventual, ensombrada de copado arvoredo, é bastante ampla, embora, como se vê pela gravura que publicamos, não passe d'um edificio de linhas banaes, sem elegancia e sem caracter.

Os padres hespanhoes formavam uma associação denominada Associação do Collegio d'Aldeia da Ponte, a qual tinha os estatutos approvados por portaria de 18 de outubro de 1901, publicados no *Diario do Governo* de 21 do mesmo mez.

Segundo esses estatutos a associação tinha por fins principaes

Vista geral do Sabugal

Digitized by Google

Sabugal — *Um trecho pittoresco do rio Côa*

exercer a caridade, ministrar gratuitamente o ensino primario e montar escolas de artes e officios, quando para isso tivesse recursos sufficientes, ficando o estabelecimento de ensino sujeito á tutela e inspecção das auctoridades administrativas, nos termos que regulam a legislação commum e as leis de instrucção primaria.

Depois de alguns annos de existencia começou a espalhar-se que a Associação era um centro de missionarios jesuitas hespanhoes, que alli se recolhiam ás temporadas, para depois irradiarem para differentes pontos do paiz e de Hespanha, prestando-se a isso a situação especial de Aldeia da Ponte. Ao mesmo tempo dizia-se que os frades hespanhoes não exerciam a caridade, pois não davam a mais insignificante esmola, que o estabelecimento de ensino poucos mezes estivera aberto e que além d'estas muitas outras irregularidades commettiam com manifesto desprezo pela letra dos seus estatutos, entre as quaes se notava a de no seu livro das actas não figurar o registo da eleição periodica do presidente, como a lei determina.

Em consequencia d'isto o administrador do concelho do Sabugal, sr. Luiz Telles de Vasconcellos, procedeu, em 1908, a um inquerito, provando-se que as accusações acima eram verdadeiras, pois que os frades apenas se entregavam á vida contemplativa, deixando assim de cumprir os estatutos que lhes garantiam existencia legal, não se habilitavam com o orçamento no praso estipulado, não prestavam contas da sua gerencia nem escripturavam devidamente os seus livros, alguns dos quaes nem mesmo existiam. O resultado d'este inquerito foi remettido ao dr. João Abel da Fonseca, então governador civil da Guarda, que em 8 de dezembro de 1908 apresentou ao governo o seu relatorio acompanhando diversas propostas.

Ultimamente, em virtude dos acontecimentos politicos que se deram no concelho do Sabugal por causa das eleições, o capitão França, da policia de Lisboa, foi encarregado de proceder a uma syndicancia relativa a esses acontecimentos, recebendo pouco depois ordem para seguir para Aldeia da Ponte, afim de esperar pelos delegados do governo, para com elles proceder a um novo inquerito aos frades d'esta povoação. O resto é sabido e consta dos jornaes diarios, sendo em vista dos factos apurados que o governo mandou publicar a portaria de 12 do mez findo pela qual é dissolvida a Associação do Collegio de Aldeia da Ponte, considerando-se os seus associados em flagrante delicto de desobediencia se voltarem a reunir-se n'aquella localidade ou em outro logar do reino, seja qual fôr o fim que digam ter em vista.

No Sabugal — *Uma procissão da primeira communhão*

A difficuldade não é desenhar um olho, é pintar o olhar.

A arte assassinada pela geometria, eis a architectura moderna.

Em amor, vale mais enganar, que ser enganado.

Dr. Pedro de Castro

Dr. Pedro de Castro
Juiz auxiliar de instrucção criminal

E' um magistrado de valor e um homem de bem. Mais de uma vez teem sido reconhecidos e galardoados os seus serviços. Sendo ministro da justiça o sr. Campos Henriques, firmou uma portaria, honrosa para ambos, louvando o actual juiz ajudante de instrucção criminal, que ao tempo era delegado do procuradôr regio em Trancoso, por ser dos primeiros magistrados que na sua comarca installou os serviços anthropometricos. Presidiu á camara municipal de Figueira de Castello Rodrigo, terra em que nasceu, foi administrador d'esse concelho, em Torres Vedras exerceu tambem as funcções de delegado, onde conquistou como n'outras localidades, a estima e o respeito, em 1908 foi promovido a juiz de direito, e ao juizo de instrucção, onde ha seis mezes exerce as funcções de juiz ajudante, foi buscal-o o actual governo para lhe confiar a delicada missão de proceder a um inquerito sobre o modo como teem sido cumpridos os regulamentos das associações de caracter religioso.

Folgamos em prestar justiça ás qualidades que caracterisam este recto magistrado.

Incendio na egreja do Loreto

No dia 29 de março de 1651, pelas 8 horas da manhã, Lisboa foi sobresaltada pelo pavoroso incendio que se manifestou n'esta egreja, propriedade da colonia italiana, que era então uma das mais ricas que existia na capital.

O fogo tomou tal incremento, que em um instante reduziu a cinzas todo o templo; altares, imagens, retabulos, sacristia, ornamentos riquissimos, nada escapou á ferocidade das chammas.

Com muito custo se salvou o vaso das particulas sagradas.

A perda foi avaliada em mais de seiscentos mil cruzados.

Annos depois, os italianos reedificaram a sua egreja, com a sumptuosidade com que ainda hoje se vê.

No Sabugal — *Sob um colossal castanheiro*

Digitized by Google

Centenario da Guerra Peninsular

COMMEMORANDO

O exercito portuguez tomando a parte mais activa na saudosa consagração prestada aos heroes guerreiros de ha cem annos satisfaz um desejo de legitimo orgulho e realisa um dos seus mais sympathicos deveres.

Porque um exercito não é só um aggregado de certas unidades sociaes em cujo ambiente a austeridade disciplinar e os principios da sciencia bellica preparam legiões de valentes que se comprazem no tinir das armas, como um echo retumbante que annuncia ao estrangeiro uma garantia segura de integridade patria; é tambem uma sociedade docil, uma familia amoravel, que no tempo da paz impulsiona o progredimento moral, pela manutenção da ordem, e edifica os seus irmãos, por exemplos de civismo.

O exercito, como familia que é, tem os seus ascendentes, os seus brazões, as suas tradições, as suas glorias, e, como os heroes medievos, sabe escolher, nas panoplias dos seus maiores, uma espada que lhe dê fogo ás mãos, uma farda que lhe aqueça o peito, e, nos escudos, decifra, com alegria, as legendas de um triumpho que lhe inflamma a alma nos enthusiasmos de um brio marcial.

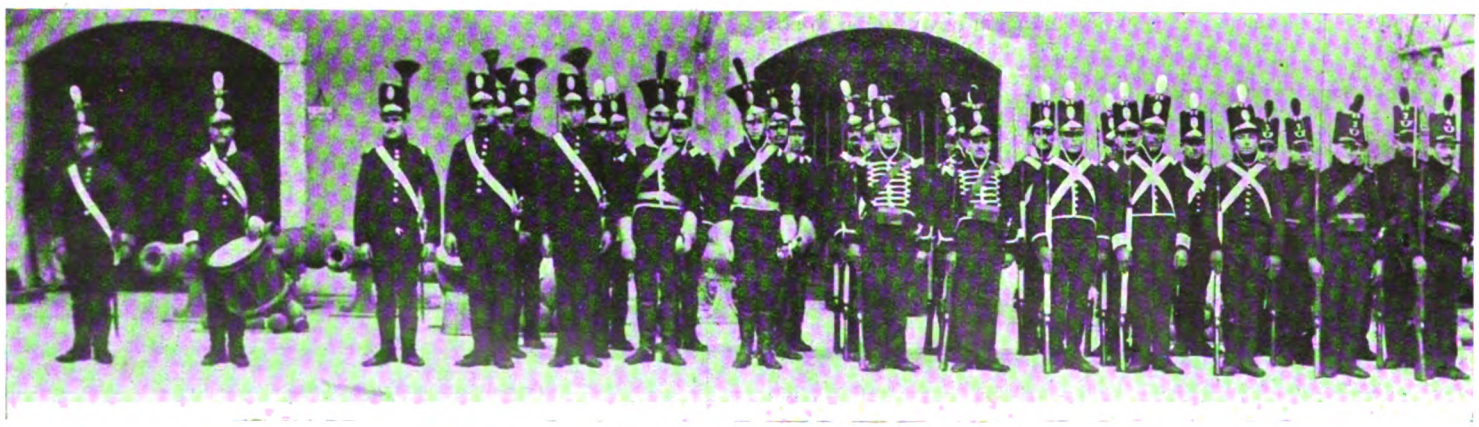
Lord Wellington
General em chefe do exercito luso-britannico

O imperador Napoleão I

Mas não é só nos membros do exercito que a commemoração da guerra peninsular enche de brio ardoroso, porque o brio militar não é, nos portuguezes, uma força, um sentimento profissional, nascido no momento de envergar uma farda; é, porventura, uma força atavica, vinda dos tempos heroicos, é uma energia que o sangue dos batalhadores deixa nas veias dos seus descendentes, é uma chamma ardente que a nevrose do heroismo derrama no ambiente da patria.

O brio do cidadão portuguez não é o brio do cidadão britannico que batalha e vence systematicamente, contando os cartuchos, espe-

Centenario da Guerra Peninsular



O pelotão que figurou na commemoração da batalha do Bussaco vestindo uniformes segundo o modelo dos usados pelas tropas portuguezas em 1810

(Cliché de J. Benoliel).

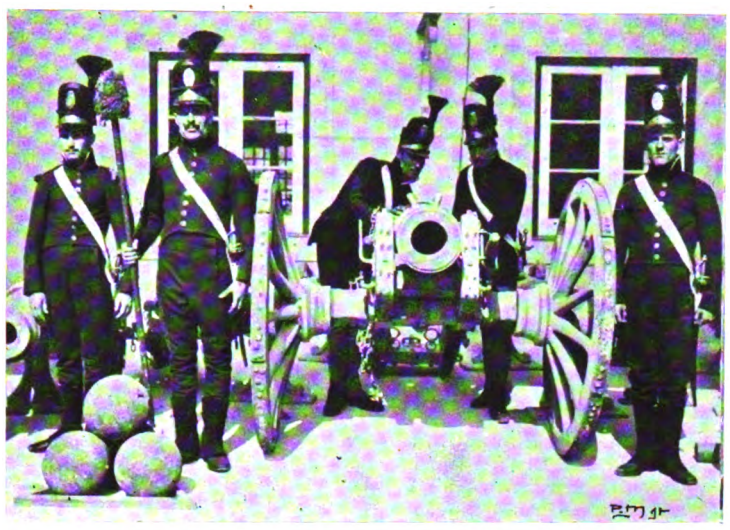
Digitized by Google

rando a hora da paz para usufruir as riquezas do povo submettido ou do alliado victorioso.

Não é o brio do cidadão da Russia que abandona o lar, queimando-o na retirada. Não é o brio do prussiano que se alliança para a glorificação de um cezarismo esmagador.

O brio portuguez é o clarão que allumia e crystallisa as ondas espessas dos mares tenebrosos, é a sombra que amedronta o Adamastor, é o raio que desce em Aljubarrota a illuminar dois exercitos; os portuguezes ajoelhados á voz do Condestavel em posição de resistencia militar; os castelhanos prosternados de pavor, rogando a S. Thiago que viesse combater os homens do Mestre d'Aviz.

Foi contra a muralha d'este brio que Napoleão atirou, de



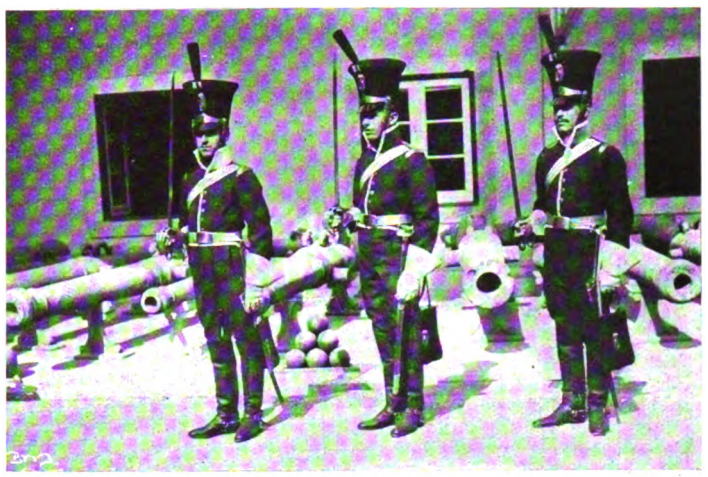
Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de artilharia

mentos, o brio nacional. Mas, Napoleão illudia-se. Elle que, no dizer d'alguem, jogava as corôas dos reis, fazendo do mappa europeu um taboleiro de xadrez, podia jogar a corôa de D. João VI, o que não podia ganhar era a corôa de Portugal — a soberania do povo.

Não tardou que o imperador francez visse a esmaecer no Occidente, quasi a afogar-se no Atlantico, a estrella das suas innumeras victorias. Parecia que a aguia gauleza perdera a acuidade de visão, ao ver os reflexos das montanhas de Veriato.

Em 1810, ainda Massena, o filho dilecto da victoria, quiz reaccender essa estrella com os fulgores da sua espada, mas a derrota do Bussaco e as linhas de Torres Vedras, não o deixaram approximar-se do mar, e a estrella afogou-se no mar dos portuguezes.

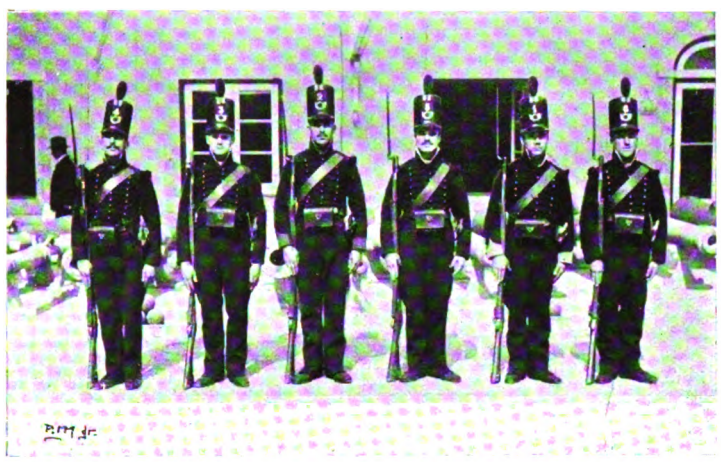
Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de infantaria



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de cavallaria

Berlim o bloqueio continental. O povo, então em doce paz, tendo o aspecto cançado e indolente de um heroe reformado, não sabia ler este decreto, e os dirigentes, pusilanimes, executaram-n'o vergonhosamente.

De quando em quando, os ventos dos Peryneus traziam a Portugal o canhoneio da artilharia de Bonaparte, e o povo estremecia, de ancia nervosa, pela approximação do gigante. O povo acordou uma



Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes de caçadores

madrugada com o porto de Lisboa fechado pelo obstaculo de um navio real que se revolvia, febril e medroso, esperando, com ancia, a entrada no mar largo, a caminho do Brasil. Este navio deu o signal da partida quando o ex-sargento de Toulon, o *sabreur* Andoche Junot chegava a Lisboa, seguido de 27:000 homens esfarrapados.

O ruido barbaro d'este exercito desmoralisado estonteou, por mo-

Portugal tornou-se, então, a selva tenebrosa d'onde Massena apenas desejava fugir, na frente dos exercitos colligados, que o perseguiam através dos fumos de Fuentes de Oñoro, Vittoria, Peryneus, Nivelle, Nive e Tolosa.

N'esta derrota que fazia lembrar a marcha impetuosa do general de Carthago, a aguia napoleonica não voava, rastejava, deixando uma estrada de sangue que o fulgor das armas alliadas esmaltava de luz.

E depois de quinze batalhas, de tresentos combates, cercos, assaltos, bloqueios e escaramuças, os filhos de Portugal voltaram a abraçar as familias, mal refeitas das selvaticas proezas de Kellerman e Loison.

Aos homens rudes da Beira, por muitos annos lhes ficou nos ouvidos o galopar do estado maior de Massena, seguindo o caminho de Mortagua. Pela esquerda do Bussaco, sentiam o estrepito dos batalhões de Ney, o heroe de Austerlitz e Wagram; pela direita, Reynier, um dos valentes das Pyramides, e, ao longe, como sussurrar vago de uma tempestade longinqua, o corpo de reserva de Andoche Junot.

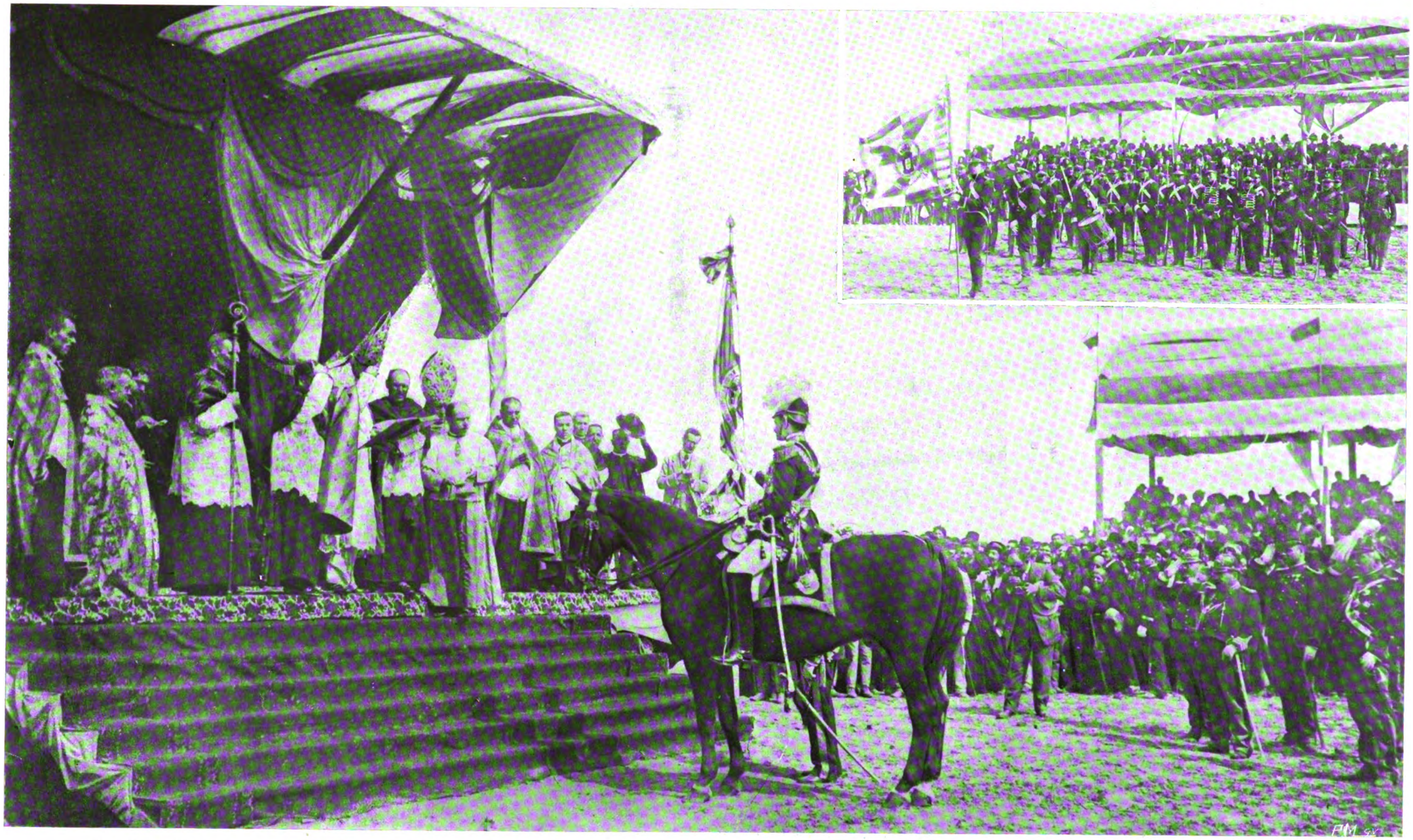
Por muito tempo, os velhos e as mulheres sentiram o despenhar do 19 de infantaria, de bayoneta calada, sobre a divisão do general Marchand. A terra tremia ainda agitada pelas cargas brilhantes de infantaria 8 e caçadores 3.

E ainda hoje, nos lares beirões, se rememoram, frequentemente, os feitos dos bisavós, contando-se desgraças e valentias, mi-

Centenario da Guerra Peninsular
O pelotão historico — Uniformes da Leal Legião Luzitana
(*Clichés* de A. C. Lima).

Digitized by Google

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR



O pelotão historico assistindo á missa campal — El-Rei empunhando a bandeira commemorativa do centenario, emquanto o reverendissimo Bispo-Conde procedia á cerimonia da benção

(Cliché de J. Benoliel).

Digitized by Google

serias e heroismos, n'uma benção de jubilo eterno, n'uma admiração de enternecido louvor.

Padre Alvares de Almeida.

Noticia da batalha do Bussaco

27 de setembro de 1810

O exercito francez, que Napoleão puzera á disposição do insigne marechal Massena para invadir Portugal em 1810, tendo entrado pela fronteira de Almeida, e avançado pelo valle do Mondego em direcção a Vizeu e Coimbra, fez alto, nos dias 25 e 26 de setembro, no terreno entre Mortagua e a serra do Bussaco, onde lord Wellington, commandante em chefe do exercito anglo-luso, se dispuzera a dar-lhe batalha.

Compunha-se o exercito de Massena de tres corpos de exercito, commandados por generaes de grande pericia, e as suas tropas eram valentes, aguerridas e experimentadas nas campanhas do norte da Europa.

Entravam n'elle o 2.º corpo do commando de Reynier, o 6.º de Ney e o 8.º de Junot. Tinha mais uma divisão de cavallaria de reserva ás ordens de Montbrun. O seu effectivo total nas vesperas da batalha montava a cerca de 62:000 homens e 14:000 cavallos.

Massena, não obstante a grande força natural da posição dominante que tinha deante de si e apesar de ignorar o effectivo e o valor das tropas que a occupavam, decidiu-se a atacal-a de frente, para o que deu as suas ordens na tarde do dia 26, de maneira a penetrar em ambas as alas da posição. O general Reynier foi incumbido de tomar o caminho de Santo Antonio do Cantaro na ala direita, devendo quando chegasse á cumeada marchar ao longo d'ella para junto da matta do Bussaco. O marechal Ney foi encarregado de tomar a estrada de Coimbra na ala esquerda, devendo começar o ataque só quando Reynier fosse senhor das alturas e esperar quando chegasse proximo do convento os movimentos ulteriores do exercito. Junot ficaria em reserva atraz de Moura, assim como Montbrun com a sua cavallaria, que mal podia operar no accidentado terreno da serra.

Na manhã do mesmo dia 26 de setembro, em que a divisão Hill passou da posição que havia occupado junto á ponte da Murcella para a posição do Bussaco, todas as tropas anglo-portuguezas, á excepção da cavallaria britannica que estava para os lados da Mealhada e da cavallaria portugueza apoiada por uma brigada de infantaria que ficou na Murcella, achavam-se dispostas em linha de batalha sobre toda a cumeada do Bussaco, de maneira a poderem defender fortemente os pontos mais accessiveis.

Com effeito, na altura da Senhora do Monte Alto, dominando o caminho de Mortagua a Penacova junto á margem direita do Mondego, collocou-se meio batalhão da legião lusitana e duas peças de artilharia.

Seguia-se sobre a cumeada da serra, constituindo a extrema direita, a 2.ª divisão do general Hill, composta de 2 brigadas portuguezas do commando de Archibald Campbell (inf. 4 e 10), de Fonseca (inf. 2 e 14), e de 3 brigadas inglezas as ordens de Stewart, Wilson e Inglis, na força total de 10:000 bayonetas. Tinha duas baterias do nosso regimento de artilharia 1 ás ordens do general Dikson.

Para a sua esquerda, na cumeada cheia de rochedos, foram estabelecidas, formando a ala direita:

1.º Entre a portella da Oliveira e a de Santo Antonio do Cantaro, a 5.ª divisão do general Leith, composta da brigada Barne, que ficou junto áquella primeira portella, da legião lusitana e da brigada portugueza ás ordens de Spry (inf. 3 e 15) ao centro com intervallos, e do nosso regimento de infantaria 8 junto á outra portella mencionada.

2.º Parte da 3.ª divisão do general Picton, a cavalleiro sobre o caminho accessivel a viaturas na referida portella de Santo Antonio, comprehendendo os regimentos britannicos 45.º e 74.º, a nossa brigada (inf. 9 e 21) de Champalimaud, e duas baterias do regimento de artilharia 2, sob o commando do major Arentschild.

3.º A outra parte da divisão Picton sobre a portella proxima á encosta da principal altura da serra, constando do regimento 88.º inglez, a brigada Lightburne e a bateria britannica de Tompson.

A ala direita tinha assim 10:000 bayonetas ao todo, como a extrema direita, podendo soccorrer-se mutuamente.

Ficava em seguida o centro da linha de batalha, sobre a cumeada do principal massiço da serra em que está a matta e o antigo convento.

Era constituido pela 1.ª divisão do general Spencer, composta pelas brigadas Stopford, Packenham e Blantyr, e a bateria allemã ás ordens de Rettberg tendo ainda o regimento 4.º de dragões ligeiro na sua retaguarda, unica cavallaria que ficou na serra. Havia apenas 5:000 bayonetas n'esta parte da linha onde o terreno era mais inacessivel pela frente.

A ala esquerda era constituida pela brigada portugueza de Pack (inf. 1, 16 e caç. 4) que se collocou na encosta adeante da porta de Sulla, e pela divisão ligeira de Craufurd, cujos regimentos 43.º e 52.º bem como o nosso batalhão de caçadores 1 e a artilharia ingleza de Ross, se estabeleceram sobre a volta da estrada a leste dos muros da matta, tendo por avançadas o batalhão de caçadores 3 e o regimento 95.º na ravina entre as aldeias de Moura e Sulla. O numero de bayonetas andaria ahi por 6:500.

(*Cliché* de J. Benoliel).

Centenario da Guerra Peninsular

Caçadores n.º 3 de posse da bandeira de honra, no momento da continencia

Digitized by Google

A extrema esquerda occupava o contraforte do Ninho d'Aguia, e era formada pela 4.ª divisão do general Cole, composta pelas brigadas de Alexandre Campbell e de Kemmis e pela nossa brigada (inf. 11 e 23) ás ordens de Collins: 7:000 bayonetas.

Ficaram em reserva geral sobre a estrada principal, por onde a subida era mais accessivel no terreno entre Monte Nôvo e a capella das Almas do Encarnadouro junto a matta, a brigada allemã de Lowe com a bateria Cleeves e as brigadas portuguezas de A. Campbell (inf. 6, 18 e caç. 6) e de Coleman (inf. 7, 19, e caç. 2) com uma bateria do nosso regimento de artilharia 4 commandada pelo capitão Antonio de Sousa Passos. Andava esta reserva por 7:500 bayonetas.

Sommando os referidos numeros de bayonetas temos ao todo 46:000, a que se devem juntar os numeros de todos os officiaes do exercito e dos soldados das outras armas e serviços para termos o effectivo total do exercito assim disposto em linha de batalha, o qual era de 52:000 homens. Na artilharia contavam-se ao todo 60 bocas de fogo, metade das quaes eram portuguezas.

Vejamos agora como se travou a lucta.

Das 4 para ás 5 horas da manhã do memoravel dia 27 de setembro de 1810, ainda mal rompia a aurora e já as tropas defensivas, segundo a pratica consagrada por Wellington, se achavam em armas sobre a linha de batalha.

Porém, em consequencia d'uma espessa nevoa que de noite se tinha levantado por todos os valles da serra, não conseguiram avistar os movimentos que os francezes pelo mesmo tempo começaram a fazer, como preparação dos seus ataques.

Na conformidade da ordem de Massena, o general Reynier, tomando por objectivo dos ataques do segundo corpo a portella de Santo Antonio do Cantaro, que estava em frente de si, determinou que cada uma das suas divisões subisse a montanha pelas encostas e ao longo do caminho que ia dar a esse ponto, ambas precedidas por atiradores; em reserva ficaria só um regimento de infantaria e a cavallaria (Soult) que não podia manobrar no terreno accidentado da serra; a artilharia recebeu ordem de tomar posição a meia encosta adiante da aldeia de Santo Antonio, para preparar o ataque da infantaria como pudesse e avançar depois para a crista da montanha.

A divisão Merle, depois de ter formado os seus tres regimentos em columnas de batalhões e cada um d'estes em columnas cerradas de companhias, começou a mover-se das 6 para ás 7 horas da manhã, obliquando para a direita do caminho, e foi trepando com muito custo pela ingreme encosta da serra em escalão de columnas; ia na direita o regimento 36.º, ao centro o 2.º ligeiro e á esquerda o 4.º ligeiro. Ao todo onze batalhões na força de 6:500 homens.

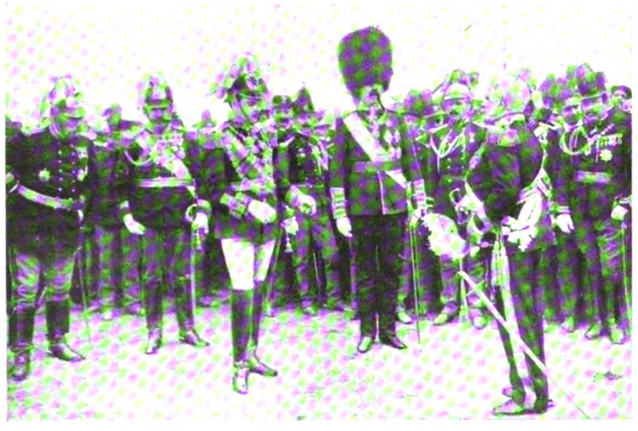
A divisão Heudelet avançou quasi ao mesmo tempo pelo caminho com o 31.º ligeiro na frente, apoiado pela brigada Foy (17.º ligeiro e o 70.º de linha), e deixou o regimento 47.º em reserva na aldeia. Total quinze batalhões (incluindo a reserva) com o effectivo de 8:000 homens.

Centenario da Guerra Peninsular

No momento da inauguração da corôa commemorativa que foi deposta no monumento ao exercito luso-britannico

Centenario da Guerra Peninsular

A corôa commemorativa que foi deposta no monumento do Bussaco



Centenario da Guerra Peninsular

Junto ao monumento do Bussaco — El-Rei, lord Wellington, neto do glorioso general em chefe do exercito luso-britannico, e o sr. general Rodrigues da Costa, presidente da commissão executiva do centenario

(Clichés de J. Benoliel).

O avanço das tres columnas de Merle foi muito lento em virtude da aspereza das encostas e dos mattagaes que embaraçavam a marcha dos soldados. Além d'isso não se podendo orientar por causa do nevoeiro, descaiu a mais d'um kilometro para a direita da portella, não conseguindo assim o intento de chegar ao objectivo marcado. D'esta maneira os seus atiradores que precediam as testas das columnas foram encontrar-se com os do regimento 88.º inglez.

Ouvindo o tiroteio que logo se estabeleceu entre uns e outros, o general Picton, ainda que não podia distinguir o que se passava por causa do nevoeiro, tratou de reforçar aquelle regimento, enviando-lhe o 8.º portuguez e meio batalhão do 45.º inglez, ficando as outras forças a postos no caminho da portella de Santo Antonio, sobre a qual já se approximavam muito os atiradores do 31.º ligeiro francez.

Precisamente n'este momento começa a levantar-se o nevoeiro e a artilharia de Arentschild rompe o seu fogo de metralha sobre os quatro batalhões d'esse regimento que avista na sua frente, o qual vae comtudo avançando sempre debaixo d'esse fogo e d'um chuveiro de balas que os regimentos 74.º e o 21.º portuguez começam tambem a lançar sobre elles, até que parte do 31.º francez conseguiu entrar e abrigar-se na cumeada rochosa, extremamente fatigada e em grande desordem.

Pelo mesmo tempo approximava-se da crista a testa da columna do 36.º, em egual extenuamento e confusão, proximo do local occupado pelo 88.º inglez, que com o opportuno reforço enviado por Picton os foi dizimando com descargas successivas sobre a sua frente e flancos, concorrendo tambem para isso duas peças da artilharia de Tompson, que estava perto d'aquellas forças.

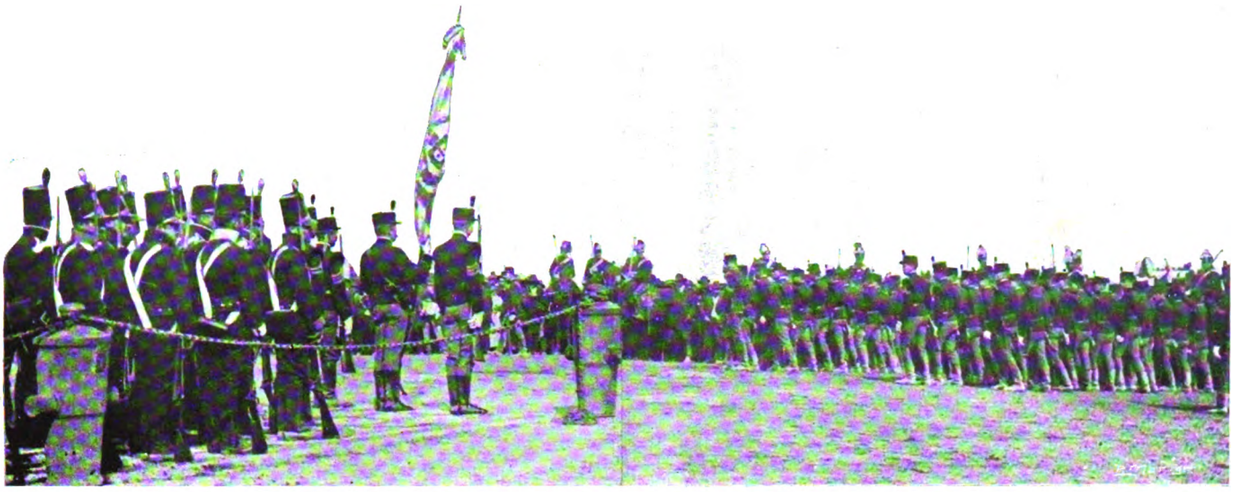
Foi então que o coronel Wallace, commandante do 88.º, mal dando tempo ao inimigo de conhecer a diminuta força que lhe era opposta, dirige sobre elle uma impetuosa carga á bayoneta, que teve o excellente resultado de fazer com que as tres columnas cerradas de Merle se atropellassem mutuamente, e fossem resvalando pela vertente abaixo, até ás faldas da montanha. N'esta retirada os francezes foram protegidos pela sua artilharia fazendo fogo sobre as tropas da defeza que os perseguiam, voltando então estas para as suas primitivas posições na cumeada.

Emquanto a divisão Merle vinha assim retirando, Reynier faz avançar ao ataque a brigada de Foy, que logo começou a galgar a encosta, na mesma ordem compacta das outras columnas de ataque, vindo o 17.º ligeiro na direita, e o 70.º de linha em escalão na sua esquerda, no effectivo approximado de 3:700 homens.

O objectivo escolhido para este ataque foi o ponto mais baixo da cumeada rochosa, proximo á portella de Santo Antonio, sobre a qual cumeada se achavam o 8.º portuguez e o meio batalhão do 45.º inglez, que tinham retirado depois da perseguição a Merle, e que Picton mandou reforçar por um batalhão do 9 tambem portuguez e pelo batalhão de milicias de Thomar, montando tudo a cerca de 2:300 homens.

O ataque de Foy chegou a ser perigoso: não obstante a esca-

Digitized by Google



Centenario da Guerra Peninsular. — *Os contingentes dos diversos corpos desfilando em continencia ao monumento que no Bussaco commemora as victorias do exercito luso-britannico*

lada da encosta ter sido feita debaixo d'um continuado fogo dos referidos batalhões inglezes e portuguezes, as columnas atacantes chegaram á orla da cumeada, abrigaram-se nos rochedos e repelliram aquellas forças da defeza para a vertente occidental da serra.

Felizmente graças á previdencia de Wellington, a divisão Leith tinha recebido ordem para unir á direita da divisão Picton, se não visse tropas inimigas na sua frente para os lados da portella da Oliveira. Como Reynier não tivesse de facto mandado para ahi tropa alguma, Leith deslocou a sua divisão em direcção á portella de Santo Antonio, onde chegou ao tempo em que o ataque de Foy repellia as nossas tropas. Tratou logo de o atacar de flanco com o batalhão do 9.º inglez, o qual se portou muito bem, dando boas descargas á queima-roupa, respondendo-lhe com custo o inimigo, que parecia inteiramente desconcertado pelo apparecimento d'esta nova força. Quando o 9.º chegou a cêrca de vinte metros do adversario, calou bayonetas e preparou-se para a carga, mas n'esse momento estabeleceu-se a desordem nos batalhões francezes, sem que Foy pudesse remedial-a, e correram rapidamente pela encosta abaixo, repetindo-se o revez já experimentado pela divisão Merle.

Ficou assim terminado este combate junto a Santo Antonio de Cantaro, em que foram empenhados com uma grande bravura e audacia 22 batalhões do 2.º corpo francez. Mas viram-se impotentes contra a firmeza e valor dos 11 batalhões inglezes e portuguezes, que os receberam condignamente na forte posição que occupavam, infligindo-lhes uma perda consideravel de 2:023 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, nos quaes se inclue uma grande percentagem dos officiaes. As perdas dos defensores andaram por 587 homens ou seja a quarta parte d'aquelles.

Emquanto o general Reynier ficava assim derrotado n'este combate sobre a portella de Santo Antonio, o marechal Ney teve identica sorte no combate em que se empenhou para os lados de Sulla, que foi inteiramente independente d'aquelle.

Cumprindo á risca a ordem de Massena na parte que lhe dizia respeito, deixou uma das suas tres divisões em reserva (a de Mermet) á retaguarda de Moura, e mandou avançar as outras duas á direita e á esquerda da estrada que vae d'essa aldeia para o Convento do Bussaco. O movimento d'estas divisões foi iniciado sómente quando Ney, depois de dissipada a nebrina, avistou do alto de Moura as columnas da divisão Merle no cimo da encosta para os lados de Santo Antonio, isto é, pouco mais ou menos pelas oito horas da manhã.

A divisão de Loison, composta de 6 batalhões da brigada Simon

(*Clichés* de J. Benoliel). Centenario da Guerra Peninsular. — *O banquete militar no Bussaco*

Digitized by Google

(3:300 homens) e de outros 6 da brigada Ferey (3:400 homens), é que foi encarregada de trepar á direita da estrada pela encosta, coberta de pinhaes, onde está a aldeia de Sulla, de onde chegou a repellir os nossos atiradores. Mas d'ahi por deante a encosta é mais aspera e descoberta, de sorte que só com um grande esforço e muita perda de gente, que durante essa subida esteve sempre exposta ao fogo da artilharia e do batalhão de caçadores numero 1 enviado em apoio dos nossos atiradores, é que as columnas de Loison conseguiram chegar proximo da artilharia postada sobre a estrada.

Aproveitando esse momento, Craufurd, que tinha estado junto ao moinho de Sulla a observar as phases do combate, faz desenvolver em linha os regimentos 43.º e 52.º, que deram descargas a dez passos sobre as testas das columnas francezas, occasionando-lhes um grande numero de baixas e ficando ferido o proprio general Simon, e depois prisioneiro. Em seguida algumas companhias de cada um d'esses regimentos rodam sobre os flancos dos francezes, mettendo-os d'esse modo dentro de um circulo de fogo, a que não puderam resistir, e começaram a resvalar pela encosta em desordem. A divisão ligeira carregou então com todas as suas forças sobre elles até Sulla, e para além d'esta aldeia, não parando emquanto os homens de Loison não conseguiram abrigar-se nos pinhaes, auxiliados pela artilharia de Ney, que começou a atirar sobre os seus perseguidores.

Houve, porém, um batalhão de brigada Ferey — o 32.º ligeiro — que, tendo subido á esquerda da ravina separadamente das outras columnas, conseguiu chegar perto da bateria de Cleeves: mas logo sahiu ao seu encontro o 1.º batalhão do regimento de infantaria numero 19 da brigada Coleman que o fez recuar para a encosta por onde desceu até ir juntar-se á sua divisão, a qual ficou assim inteiramente fóra de combate.

A divisão Marchand, enviada por Ney ao ataque da posição pela esquerda da estrada, partiu um pouco depois da sahida de Loison, atravessando a povoação de Moura. Os cinco batalhões da brigada de Maucune (3:000 homens) avançaram debaixo de um terrivel fogo das tres baterias de artilharia ás ordens de Lawson, de Passos e de Cleeves, que se estabeleceram á direita de Craufurd, em vista do que os francezes procuraram abrigar-se no pinhal proximo da crista da serra, á esquerda da estrada.

Mas o brigadeiro Pack tinha para ahi mandado o nosso batalhão de caçadores 4, que dirigiu sobre elles um mortifero fogo, até ser obrigado a recuar para a cumeada. Indo aquella brigada em seu seguimento, teve de sustentar um desesperado duello de fuzilaria com os 4 batalhões de infantaria 1 e 16 da mesma brigada Pack (2:000 homens), que occuparam o terreno em frente d'ella. Tiveram por fim de desistir, recuando para o pinhal, e o seu brigadeiro Maucune ficou ferido.

A outra brigada da mesma divisão, isto é, a de Marcognet, avançou em seguimento d'aquella, tambem á esquerda da estrada, mas fez alto, quando chegou ao alcance das referidas baterias de artilharia, ás quaes ainda se foi juntar a de Ross, quando cessou de atirar sobre a divisão Loison.

Por fim, Ney, vendo que este tinha sido derrotado, que Marchand não conseguira abrir caminho, e que o 2.º corpo Reynier fôra mal succedido na sua empreza, não chegando a ser senhor das alturas como queria Massena, fez recuar todas as suas tropas para junto de Moura, ficando d'esta maneira egualmente mallogrado o seu objectivo de tomar o alto proximo da matta do Bussaco.

Centenario da Guerra Peninsular

A commemoração da batalha do Bussaco em Cascaes — Aspecto do cortejo civico-militar, levando á frente a banda da guarda-municipal

N'este combate os francezes perderam approximadamente 2:400 homens, e os anglo-portuguezes 350, ou seja a setima parte d'aquelles.

O commandante em chefe francez ainda tinha cerca de 20:000 homens frescos para continuar os ataques sobre a posição do Bussaco, porque a divisão de Mermet e as do 8.º corpo de Junot não tinham entrado em fogo.

Mas, recusou-se a perder mais vidas inutilmente, no que foi prudente, porque o generalissimo britannico tinha ainda 33:000 homens no mesmo caso.

Consequentemente Massena ordenou pelas 10 horas da manhã que as divisões retirassem para os seus acantonamentos e bivaques, permittindo comtudo as escaramuças dos atiradores ao longo da frente da serra, o que durou até ao cahir da tarde do mesmo dia. N'essas pequenas acções é que tomaram parte os nossos batalhões de caçadores 2 e 6 das brigadas de reserva, além dos outros.

A perda total dos francezes n'este dia foi de 4:500 homens, sendo a proporção dos officiaes para os soldados de 1 para 16, quando a média em geral regula de 1 para 22. No exercito luso-britannico a perda total foi de 1:252 homens, dando-se a coincidencia singular de serem metade (626) inglezes e metade portuguezes.

Durante a batalha comportaram-se os nossos soldados com grande heroismo. Apesar de quasi todos serem recrutas, mostraram-se possuidos de notavel valor, firmeza e disciplina, rivalisando com as tropas inglezas, segundo o testemunho insuspeito do proprio Wellington e do marechal Beresford, que em suas participações officiaes exaltam o seu comportamento e lhes tributam subidos elogios.

No dia immediato ao da batalha houve ainda fogo entre os atiradores de parte a parte, principalmente de tarde, para até certo ponto mascarar o movimento torneante, que foi ordenado por Massena na direcção de Boialvo para ir tomar a estrada do Porto a Coimbra. Não conseguiu, porém, surprehender Wellington, que no dia 28 tivera conhecimento de que o desfiladeiro de Boialvo não fôra occupado como havia ordenado, por circumstancias alheias á sua vontade, e, pela meia noite de 28 para 29 operou uma prompta retirada para as formidaveis linhas de Torres Vedras, que mandara levantar e que foram uma barreira invencivel, deante da qual o inimigo estacou attonito, vendo impotentes os meios de que dispunha para se abalançar a atacal-as.

Passados seis mezes de inacção, a esperar soccorros que não vieram, resolveu-se finalmente a retirar para a fronteira de onde partira ao entrar no nosso territorio, ficando assim Portugal livre pela terceira e ultima vez das invasões francezas, embora continuasse bem accesa a guerra até 1814, em que teve logar a paz geral.

Centenario da Guerra Peninsular

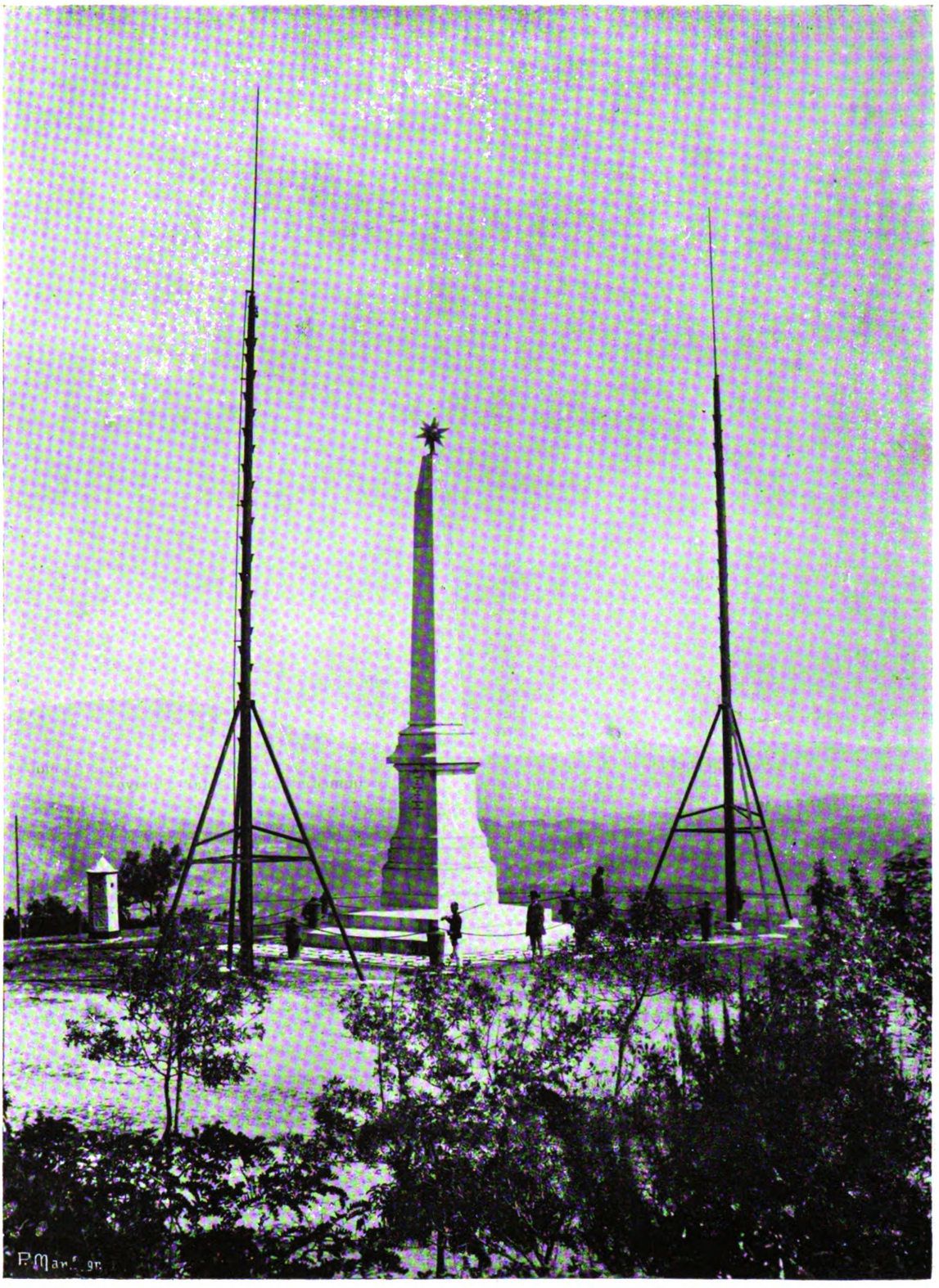
Imagem de Santo Antonio que acompanhou sempre durante toda a campanha o regimento de infantaria n.º 19, de Cascaes, e pela qual os soldados professavam a mais entranhada devoção

Centenario da Guerra Peninsular

A commemoração da batalha do Bussaco em Cascaes — O major Escrivanis, governador da cidadella, empunhando a bandeira do antigo regimento d'infantaria n.º 19, de Cascaes, que tanto se distinguiu durante a guerra peninsular

(*Clichés* de A. C. Lima).

Digitized by Google



Centenario da Guerra Peninsular
No Bussaco. — *Monumento ao exercito luso-britannico*

A Liga nacional polaca, e internacional dos amigos da Polonia

Em fevereiro de 1908 esta Revista publicou um artigo sob o titulo = A solução do problema polaco = no qual se apresentava o ideal da Liga, que consiste n'uma confederação da Polonia, sob a protecção das tres potencias que a partilharam em 17 de setembro de 1772, sendo d'aquella forma resolvido o problema polaco, sem prejuizo das tres potencias protectoras, e no espirito de justiça a que tem direito um povo notavel pela sua illustração e patriotismo, e cessando a oppressão e a escravidão de que elle tem sido injustamente victima, e que representa um *verdadeiro crime, perante a Humanidade.*

Aquelle artigo mereceu a sympathia da Liga, tanto que foi transcripto n'um opusculo que o seu illustre presidente, o principe polaco Pawel Ibawca-Reidelski, dirigiu ás diversas chancellarias, appellando para os sentimentos de justiça dos tres imperadores, e de solidariedade dos povos da Europa e dos Estados-Unidos da America.

E ainda recentemente o signatario do artigo recebeu de Stanislaw, Galicia austriaca, uma interessante carta de agradecimento da Delegação dos antigos combatentes da insurreição de 1863.

Os trabalhos da sympathica Liga para a conquista do seu ideal teem progredido, tendo em 15 de julho ultimo sido resolvida a fundação de um jornal, em defesa das suas legitimas aspirações, jornal, cujo primeiro numero acaba de ser publicado com o titulo de = *Glos Ploski*, ou a *Voz da Polonia*, jornal escripto em polaco, francez e inglez, e que é impresso em Liverpool.

Digitized by Google

Centenario da Guerra Peninsular
No Bussaco. — *Oliveira plantada pelo duque de Wellington*

MERINA

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a allemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gaz dá noites de ballada;

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegancia, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingenua e delicada.

Cesario Verde.

ORIGEM DO AMOR

Que o amor é filho de Venus
Ensina a mythologia;
Mas historias! Não é tal.
Sobre a questão ouvi sabios,
Consultei bons alfarrabios,
E conheci afinal
Que a mãe d'elle, a verdadeira,
Aqui baixinho... E' a asneira.

Conde de Mesquita.

Digitized by Google

Centenario da Guerra Peninsular

Distribuição do alimento que se repartia no Cruzeiro de Arroyos aos emigrados que deixaram as suas terras assoladas pelo exercito francez na invasão de Outubro de 1810

(Quadro de Domingos Antonio de Sequeira, Lusitano).

Digitized by Google

(*Cliché*) de A. C. Lima.

Scena final do ultimo acto

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50. — Lisboa.

16 DE OUTUBRO DE 1910 N.º 282

Republica Portugueza

Dr. Theophilo Braga
Presidente do governo provisorio

Digitized by Google

Republica Portugueza

OS MEMBROS DO GOVERNO PROVISORIO

Dr. Affonso Costa
Ministro da justiça

Dr. Antonio José de Almeida
Ministro do interior

Dr. Bernardino Machado
Ministro dos negocios extrangeiros

Coronel Barreto
Ministro da guerra

Antonio Luiz Gomes
Ministro do fomento

Azevedo Gomes
Ministro da marinha

José Relvas
Ministro das finanças

Digitized by Google

Republica Portugueza

Creou-se entre este e o ultimo numero da nossa Illustração uma patria nova. Do Portugal de nove seculos fizeram os revolucionarios triumphantes o *jovem Portugal*. Assim, com processos diversos e sob outras fórmas politicas, se fez no oriente a *jovem Turquia* e ao sul da Europa a *jovem Italia*.

Não tem, nunca teve politica de fações ou de partidos o *Brasil-Portugal*. Disse-o ha doze annos no seu programma, cumpriu-o invariavelmente no curso da sua existencia, repete-o hoje, sem alteração de uma virgula. A politica nacional é a sua unica politica. Aquella que desejamos que vingue, que estamos promptos a seguir e a defender, por todas as fórmas de que dispõe a arte, a litteratura e a critica, é aquella que tenha por unico objectivo: a Patria.

Doze dias apenas nos separam do historico dia 5 de outubro, mas estes bastam para nos indicar toda a orientação do governo constituido, que se alicerça e fixa n'estas duas bases capitaes: Ordem, Tolerancia. Ordem no progresso, que era a divisa suprema de Gambetta, tolerancia para os vencidos, que é a primeira entre as qualidades gloriosas dos vencedores. A' orientação dos que governam tem até agora correspondido a indole admiravel do povo portuguez, dando-se o caso unico na historia de todos os paizes: consolidar-se em dias uma instituição nova sem sobresaltos, sem excessos populares, que de uso resultavam em assaltos, em saques, em assassinatos, em represalias, em anarchia.

N'estas condições uma esperança invade os corações d'onde tinham desertado todas as esperanças de redempção da patria. Os governos da monarchia, sobretudo desde a morte do rei até á morte do regimen, pareciam apostados, n'um lastimavel conflicto de ambições, de vaidades, de intrigas, de odios, e de mesquinhos interesses, n'uma lucta sem treguas, sem honra e sem nobreza, em cavar a ruina da nação, que em mais ditosas épocas se engrandecera pelas virtudes, pelos heroismos, pela abnegação dos seus filhos dilectos. O dia 5 é grande e memoravel porque foi por assim dizer o dynamometro onde se experimentou o pulso da raça portugueza: a mesma alma épica de Aljubarrota, de Montes Claros, das guerras da Peninsula. E a consolação de que setenta annos de inercia e de frouxidão, não affrouxaram os musculos, nem arrefeceram a alma nacional, compensa de todos os desanimos havidos e de todos os dissabores experimentados.

Portanto, se a Republica, que traz sangue novo, ideias novas, traz, como parece, processos honestos, se a Republica conseguir redimir a Patria, bem vinda seja a Republica.

Republica Portugueza
Dr. Euzebio Leão
Governador civil do districto de Lisboa

O governo provisorio

Doutor Theophilo Braga

Presidente

O grande escriptor estava naturalmente indicado para assumir a mais alta magistratura no regimen nascente. A fama da sua vasta erudição e da sua honestidade pessoal, e ainda a circumstancia de estar á frente do directorio do partido republicano, por tal fórma o recommendavam para a presidencia do governo provisorio, que o seu nome bastou para garantia de lealdade, de superioridade, de competencia.

Republica Portugueza
General Antonio do Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho
Commandante da 1.ª divisão militar

Doutor Antonio José d'Almeida

Ministro do interior

Era o orador da Republica, prestigioso, arrebatador, suggestivo. Com a sua palavra quente, impetuosa, dominava as multidões. Medico, queriam-lhe os pobres como a um pae, e no maior ardor das refregas, nunca deixou de prestar desinteressados serviços clinicos a quem lh'os reclamava. Em S. Thomé deixou um nome sempre recordado com saudade.

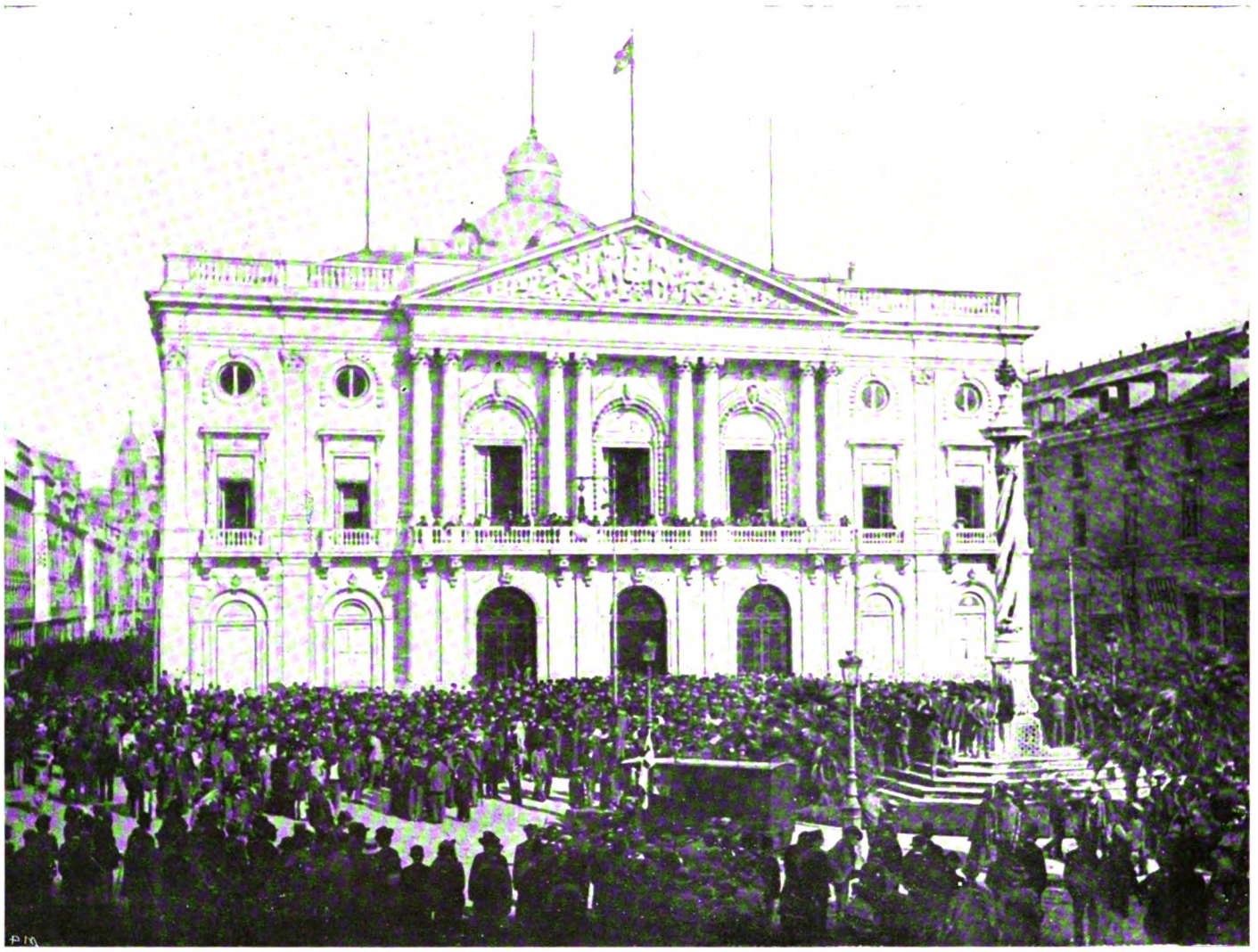
Doutor Affonso Costa

Ministro da justiça

Sobre isto não havia discrepancias: em pleno regimen monarchico o primeiro parlamentar da camara era elle. Jurisconsulto abalisado, antigo professor da Universidade, a sua sciencia de direito serve-lhe á maravilha para a administração dos negocios politicos. Orador de polpa, vence e convence pela força dos argumentos, pela solidez dos raciocinios. De uma actividade prodigiosa, tornava-se, pela reunião de tantas faculdades, um elemento indispensavel na formação do primeiro governo republicano.

Digitized by Google

Revolução republicana em Lisboa



Na Camara Municipal. — *A proclamação da republica*

José Relvas

Ministro das finanças

Filho de um dos homens mais distinctos e illustres que teve a sociedade portugueza herdou de seu pae a qualidade n'elle predominante: o amor da arte. A sua residencia, a par da riqueza que ostenta, revela um gosto *raffiné*, um conhecimento profundo das artes decorativas, e um culto religioso pela arte do passado. Economista, agricultor, caracter sem mancha, de uma educação esmerada, o novo ministro das finanças é, sem duvida, uma das forças em que se baseia a nova instituição.

Correia Barreto

Ministro da guerra

E' um militar illustrado, de ha muito conhecido pelo seu espirito inventivo. Auctor da *Polvora Barreto* — polvora sem fumo — este descobrimento notabilisou-lhe o nome. Coronel de artilharia, versado em assumptos militares, sobretudo os da sua arma, tinha entre os seus camaradas grande prestigio.

Azevedo Gomes

Ministro da marinha

Quem escreve estas linhas foi condiscipulo, no Lyceu de Lisboa, d'aquelle que está hoje á frente dos negocios da marinha e do ultramar. Viu-o seguir sempre pela vida adiante com hombridade, com singeleza, com rectidão, sem nunca desmentir o valor nos primeiros annos revelado. Capitão de mar e guerra, tendo exercido importantes commissões de serviço, foi escolhido pela lealdade com que sempre defendeu a sua causa, para assumir a pasta da marinha.

Revolução republicana em Lisboa
Fallando ao povo — O sr. José Relvas na varanda da Camara Municipal de Lisboa proclamando a republica e declarando abolida a monarchia
(*Clichés* de J. Benoliel).

Digitized by Google

Revolução republicana em Lisboa

Algumas das pessoas que estavam na Camara Municipal por occasião da proclamação da republica e entre ellas Marinha de Campos, José Barbosa, dr. Eusebio Leão, José Relvas, Malva do Valle e Innocencio Camacho

Doutor Bernardino Machado

Ministro dos extrangeiros

E' dos actuaes membros do governo o unico que foi ministro no regimen extincto. D'elle se divorciou por discordar em absoluto dos processos da monarchia, e d'ahi em deante foi dos mais intrepidos, dos mais bravos, dos mais incançaveis batalhadores da Republica. Lente de philosophia da Universidade, deixou por uma imposição da honra pessoal esse cargo honroso e todos os proventos que d'elle resultavam. Publicista, orador moderno, de uma educação primorosa, é uma das figuras de destaque da Republica Portugueza.

Doutor Antonio Luiz Gomes

Ministro das obras publicas

Quatro doutores de capello conta o governo provisorio. Um d'elles é o actual ministro das obras publicas, que, a pertencer ao corpo docente da Universidade, preferiu o estudo theorico das questões financeiras, e até o pratico, porque muito moço foi ao Brasil, Rio Grande do Sul, onde seu irmão era negociante, e com elle trabalhou e adquiriu relativa independencia. Este facto basta para demonstrar a energia da vontade. O doutor Antonio Luiz Gomes tem na pasta que dirige materia vasta em que pode fazer realçar as suas faculdades.

(*Clichés* de J. Benoliel).

Revolução republicana em Lisboa

O povo acclamando a republica defronte do Quartel General na manhã de 5

Digitized by Google

Henrique de Paiva Couceiro
O heroico commandante da bateria de Queluz

Revolução republicana em Lisboa
Tropas fieis á monarchia — *O coronel de cavallaria n.° 4 com o seu estado maior, na tarde de 4, no Rocio*

Cruzeiros no Kinga

Nome de bem poucos conhecido; rio que nem os roteiros mencionam: o Kinga.

No emtanto, quem, navegando no canal de Moçambique, der vista das avermelhadas ribas do *Sangage* e seguir na volta do norte umas boas 6 milhas, poderá descobrir o estreito canalsinho, a cortar o debrum arenoso da beira-mar, onde as alvas rebentações se vão quebrar.

Estreito e pouco profundo na entrada, logo se vae perdendo pelos dedalos do mangal, volteando entre tufos inextricaveis de ramarias verdes, que espi-

Revolução republicana em Lisboa
Tropas fieis á monarchia — *Caçadores n.° 5, no Rocio, com uma metralhadora*

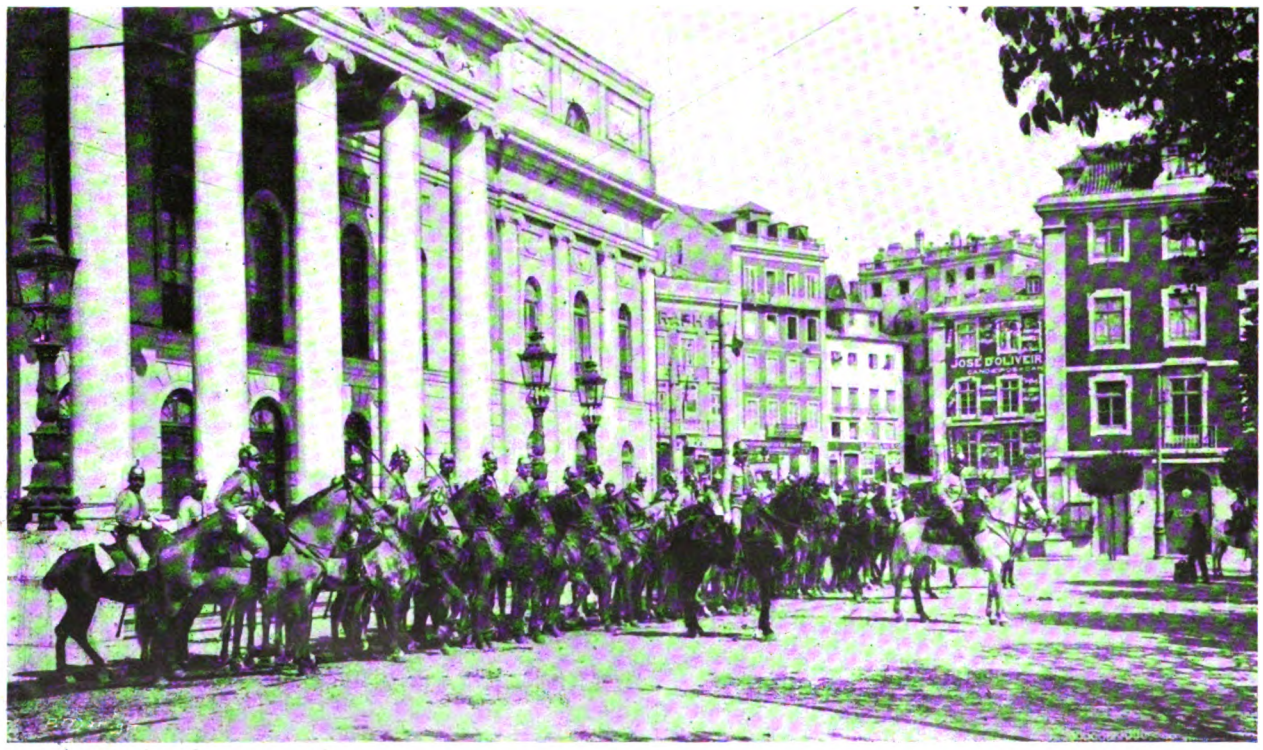
nheiros, casuarinas e mangueiras copadas debruçam sobre as suas aguas.

Mas, por isso mesmo e porque arredadas demoravam as primeiras sombras d'auctoridade portugueza, o Kinga era ninho predilecto de negreiros, que, para d'elle afastar a navegação costeira, lá tem o vizinho *Barracouta*, o temeroso baixo, que a muitas naus de viagem da carreira das Indias serviu de sepultura.

*
* *

No dia 12 de fevereiro de 1868, costeando de perto o littoral, entre a terra e as ilhas de Angoche, navegavam de conserva, para o norte, a canhoneira *Zaire* e o pequeno vapor *Auxiliar*, da armada real.

Reinava, ainda então, no ca-



(Clichés de J. Benoliel).

Revolução republicana em Lisboa
Tropas fieis á monarchia — *Guarda municipal junto ao antigo theatro de D. Maria II*

Digitized by Google

nal a monsão de nordeste, succedendo-se bonançosos os terraes e virações do mar.

Findo o cruzeiro ao sul e a visita aos aparcellados rios em que a beira-mar ali se recorta, vinham agora demandar o Kinga, onde houvera denuncia de se acoitar embarcação suspeita.

A *Zaire* era então um navio novo e de boa marcha, que, no garboso porte dos seus homens e afinação esmerada do arvoredo e casco, bem mostrava ter cavalleiro de fama. Commandava-a o capitão-tenente Vianna.

O *Auxiliar*, o *glorioso veterano*, como lhe chamou Antonio Ennes, já por esse tempo arrastava a custo as suas 120 toneladas e uns bons 20 annos de vida: vida tragica, vida de triumphos, em que muitos officiaes crearam nome e saber.

Triumphos, ora das arremettidas traiçoeiras do Canal, ora das temerosas arrebentações, no rolo de alguma vaga gigante a florear espumas e areias do fundo, na entrada, por cima de toda a folha, de quanto riacho, de quanta enseada borda aquella costa.

Terror da negraria, poude contar muitas refregas, de que se sahiu sempre com gloria, é certo, mas não sem mossas.

Era então seu commandante o 2.º tenente Silva Ribeiro, unico official a bordo, além do machinista.

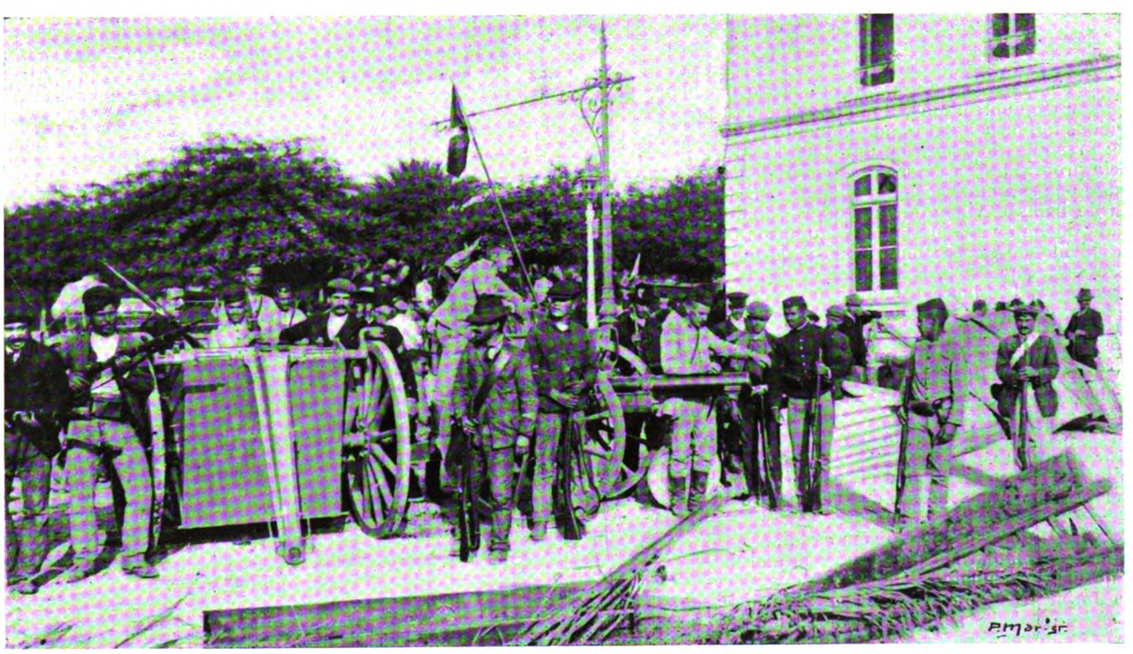
* * *

Pelas 5 horas da tarde, contornando mais de perto o littoral, onde se alinham palmeiras, em renques interminaveis e paralellos, deu emfim com o Kinga a pequena divisão, mas não facilmente. Porque, se é sempre difficil descobril-o, agora, ao entardecer, a luz diffusa do sol poente projectava sobre o areal vasta sombra de arvoredos e montes sobranceiros e n'essa sombra se perdia o rio.

O homem do prumo cantára as *8*, as *7* e logo as *6 braças*, *fundo*

Antonio Maria de Azevedo Machado Santos
O heroe da revolução

Revolução republicana em Lisboa. — *Forças revolucionarias na Rotunda da Avenida Uma metralhadora apontada para a Avenida Fontes Pereira de Mello*
(*Cliché* de A. C. Lima).



(*Cliché* de J. Benoliel). **Revolução republicana em Lisboa.** — *Artilharia n.º 1 no acampamento da Rotunda*

Digitized by Google

Revolução republicana em Lisboa. — *O acampamento da Rotunda visto da Avenida*

de areia. E por mais não esperaram as ancoras, tombando n'agua a espadanar salseiros. Mas logo indigenas armados se mostraram em grupos pela praia, em decidido tom de guerra.

Não restava duvida: estava ali pangaio negreiro — que agora não sahiria senão depois de apresado e de ensinados os insolentes. E para isso se aprestou logo o *Auxiliar*. Recebeu armas, cartuchos, metralhadoras, marinheiros e um tenente; mas, emquanto o naviosinho assim se vestia com os aprestos de guerreiro, o rodizio da *Zaire* não cessou de rouquejar. As granadas lá iam; mas perdiam-se nas dunas, fazendo redemoinhar nuvens de areia. E os atrevidos *macuas*, com as suas alvas vestes, á moda arabe, sumiam-se a cada tiro, para logo se mostrarem, com ar de zombaria, mais divertidos que amedrontados.

A madrugada do dia 15 surgira limpida e serena; o brando terral, repassado de aromas acres dos mangaes, deixava o mar sem rugas e calmoso. Em terra tudo silencio; a praia deserta.

E logo que o sol se ergueu illuminando a sertaneja paisagem, vagarosamente se moveu e se encaminhou para a barra o valente vaporzinho.

A bordo tudo a postos, na ancia de descobrir o pangaio e já sonhando em quebrar forquilhas e correntes dos miseros escravos. Armas aperradas, metralhadoras prenhes de cartuchos, binoculos assestados, prumo na mão: *3 braças, 2 braças, braça e meia...*

* * *

Já ficavam pela pôpa as restingas da entrada e ousadamente o *Auxiliar* caminhou rio dentro. Mas, tanto que 100 metros foram percorridos, faltou a agua repentinamente e o navio ficou preso: preso dos lodos e com um rombo no fundo, rasgado pela propria ancora, por onde o mar lesto repuxou, invadindo paioes, munições e mantimentos. E logo uma saraivada de balas enviada dos matagaes bateu em cheio no costado do impavido prisioneiro, que promptamente foi agradecida de bordo; mas umas após outras as descargas se seguiram.

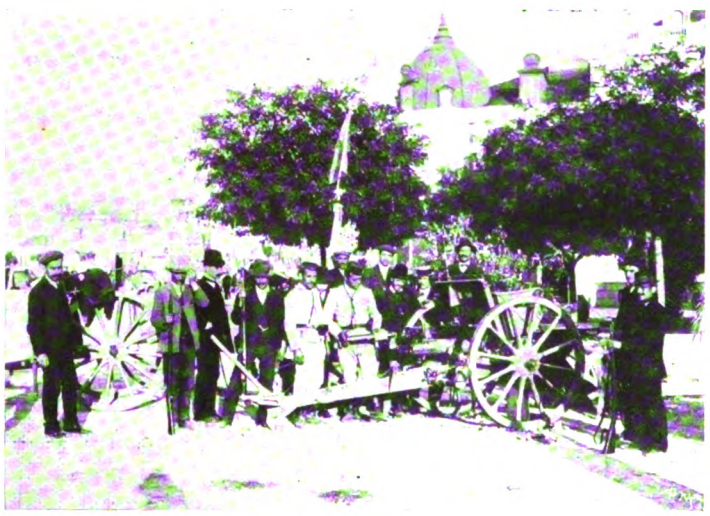
Longas e amarguradas horas foram essas, em que, sob um sol de fogo, se procurou vedar o rombo, que, afinal pela tarde, de novo se abriu, logo que apontou impetuosa a invasora enchente e de novo o navio se inundou.

Durava havia muito a faina, mas era preciso safar de vez o navio e livral-o d'aquelles velhacos, que, na frequencia das descargas e na insolencia com que vinham, quasi a pé enxuto, até á borda, bem mostravam que o tinham já agora por presa certa.

Viera a noite, e nas suas trevas aterradoras tudo se confundiu: a terra, o mar, as sombras das arvores e o naviosinho.

Poude então ver-se um espectaculo sem egual.

A' luz vacillante de lanternas que a aragem mal deixava accesas, ao clarão azulado de labaredas que se erguiam de uma forja, tres homens, ora em volta d'ella, ora junto ao rombo, atolados no lameiro do leito descoberto, cortavam, forjavam e batiam. E, tão serenos como n'uma officina, tão tranquillamente, como se o tempo lhes sobrasse, absortos na faina, entregues ao seu dever, nem sequer sentiram que a enchente já lhes marinhava os corpos; nem ao menos se apercebiam de que, por sobre as suas cabeças, rugiam canhões, metralhando as trevas e de que em volta d'elles, n'um circulo cada vez mais estreito, centenares de negros, ora rojando-se pela lama, ora dissimulando-se nos meandros do arvoredo, vinham desfechar as escopetas sobre o costado inerte e descoberto, apontando de preferencia sobre elles que ali estavam, sem armas, a peito descoberto e privados do prazer de combater.



Revolução republicana em Lisboa
O acampamento da Rotunda — Carregando uma peça

Quando pela madrugada o navio fluctuou emfim e se perderam nas serras os eccos das ultimas descargas — porque os negros tambem cançaram —; quando, após 20 horas de amargurados receios, não pela vida, mas pelo successo do emprehendimento, os fatigados corpos puderam emfim procurar repouso, alguem a bordo recordou que se estava em quarta feira de cinzas!

Na verdade, bem mal tinha sido festejada a terça feira de carnaval!

* * *

Mais tarde, sahira a corveta *Mindello* de Moçambique para o sul; e, após um fatigante cruzeiro, veiu encontrar-se, agua aberta com o Kinga, onde fundeou para vigiar o esconderijo.

Mas agora a monsão do sul fazia rolar desabridamente a corveta, aos empuxões da levadia, que ia quebrar-se na praia em duas linhas de fragorosas rebentações.

Assim se passaram alguns dias, em sacudidelas sem treguas, que mais vinham aggravar a monotonia do cruzeiro, roubando a todos o somno e o repouso, sem que fosse possivel pensar-se em mandar es-

Revolução republicana em Lisboa. — *No acampamento — Machaao Santos e os seus ajudantes alferes Cabrita e tenente Azevedo*

(*Clichés* de A. C. Lima).

Digitized by Google

caleres ao Kinga. Mas, ao menos, não sahiriam os negreiros, se lá estivessem acoitados.

Uma bella manhã, porém, a vigia deu parte de *embarcação á vista*. E effectivamente lá vinha surgindo o quer que fosse, destacando-se, como um ponto negro, ora sumindo-se, ora erguendo-se, por um segundo, nas cristas da vaga, avançando sempre aos zig-zags; até que mais de perto se poude reconhecer que era uma leve piroga, tão pequena como um esquife, trazida, com a velocidade de uma sétta, ás pagaiadas, por um espadaudo e vigoroso negro.

Revolução republicana em Lisboa

(*Cliché* de A. C. Lima). *Um batalhão de populares*

Quem era e a que vinha o destemido visitante? Muito resoluto se amarrou á borda e entrou pelo portaló dentro; elle e um gallo. E que bello gallo!

O homem vinha a negocio! Mas de pangaios que estivessem no rio nada sabia.

Viu o navio, viu a machina, viu as camaras, mais amedrontado do que curioso, e elle que se mostrava marinheiro intrepido, trazendo o barquinho por sobre as ondas com pericia incomparavel, cahia no convés da corveta a cada balanço, rolava pelas escadas, agarrava-se pelo chão. Mas comeu e enfardelou muita bolacha; recebeu dinheiro, valor de muitos gallos e bebeu. E depois de beber, falou; e tanto falou que veiu a contar a historia de um pangaio que, havia pouco, entrara ali no Kinga, e que lá estava, com muita gente dentro, promptinho, esperando apenas, para se escapulir, que viesse o bom tempo e que a corveta se safasse.

A todos de bordo alegrou a visita: a todos, menos ao commissario. Pois se o homem do gallo quasi lhe trouxe a morte! E que morte: morte com arma de fogo que era a unica que elle temia!

Fôra o caso que, estando alguem a explicar ao negro o funccionamento de uma arma, esta se disparou e o prudente commissario, que se recolhera logo que a explicação começou, viu passar a um palmo da cabeça uma bala que, depois de lhe atravessar o camarote, por pouco não vae ainda matar o medico de bordo.

Revolução republicana em Lisboa

No Rocio — Um automovel com revolucionarios

(*Cliché* de J. Benoliel).

No dia seguinte, por bom acaso, espelhou-se o mar e logo escaleres, armados em guerra, metteram-se audazes pelo Kinga.

De bordo, os oculos seguiam-lhes anciosamente os movimentos e espreitavam o areal e os arvoredos. E póde bem imaginar-se como foram angustiosas e longas as longas horas que decorreram desde que os escaleres se perderam nas primeiras dobras do mangal, até que, pela tarde, de voga arrancada, surdiram incolumes.

Um pangaio lá estava effectivamente, mas com o cavername em chammas, occulto n'um berço de lodo e mangal, queimado pelos proprios negreiros, depois de lhe tirarem o cobre e os pregos para servirem n'outro pangaio. Mas d'elles e do homem do gallo nem sombra.

Quando no dia seguinte, de manhã, a corveta entrou em Moçambique, no primeiro escaler que aferrou á terra, uma ordenança foi levar ao chefe da estação um officio e um volumoso embrulho de fórma circular. Era o relatorio do cruzeiro e a roda do leme do pangaio do Kinga, que por muitos annos figurou depois na residencia da divisão como trophéu glorioso e humanitario.

Revolução republicana em Lisboa

Como ficou um predio da Avenida em virtude do incendio

(*Cliché* de J. Benoliel). *produzido por uma granada*

*
* *

Outros navios da armada real foram mais tarde ao Kinga.

A *Quanza*, a *Liberal*, a *Chaimite* e o *Neves Ferreira* muitas vezes lhe vigiaram a barra. E Mousinho de Albuquerque não perdeu nunca de vista o já celebre valhacouto.

Mas, em um dia de fevereiro que passou, nas proximidades da lua nova, quem estivesse no Kinga, ao alvorecer da madrugada, poderia ter visto, caminhando cautelosos e cosidos com a terra, tres alterosos pangaios, de velas descommunaes. Na pôpa um farrapo vermelho: o pavilhão da moirama; mas de subito viraram em roda e fizeram-se na volta do mar, quando iam puxando para a barra; já as compridas fateixas se baloiçavam na pròa, prestes a afferrar nos lodos do rio, e sobre a ondulação alterosa do banco as acastelladas pôpas começavam a arfar longamente.

Revolução republicana em Lisboa

Estragos produzidos exteriormente no Paço das Necessidades

(*Cliché* de J. Benoliel).

E' que n'essa terra que os negreiros consideravam sua, n'esse

Digitized by Google

covil onde impunemente, desde seculos, elles exerceram o seu nefando commercio, erguia-se já então altiva a bandeira das quinas portuguezas sobre uma palhota que outr'ora servira talvez para empilhar escravos. E foi essa bandeira azul e branca, glorioso padrão desfraldado ao vento, cujas côres mais se avivavam ali sobre os massiços do agreste arvoredo, que poz em fuga os pangaios negreiros.

Fugiram e nunca mais voltaram, e os cruzeiros no Kinga acabaram.

LEOTTE DO REGO.

A lingua

Bom conselho era o teu, mas vem já tarde,
Que está o mundo tal, que não melhora,
Folgo de ver na lingua algum covarde.

D'isso se queixa o sengo, e d'isso chora,
Todos de alheios erros fazem praça,
E os dos seus calando-os ficam-lhe a defóra.

Cuidam que o dizer mal lhes cae em graça,
Passe a noite, o dia, o mez e o anno,
Não ha quem de fallar os satisfaça.

Cortam largo vestir de pouco panno,
Nenhuma falta propria os envergonha,
Que a peçonha a si propria não faz damno.

Dizes bem, que mór mal? que mór peçonha
Que a lingua descomposta, vil, maligna,
Que das vidas alheias tracta e sonha,

Todo o mal busca, nenhum mal se inclina,
Mata ao mais escondido, e mais seguro,
E' grossa á vista, mas no corte é fina.

Bem viu a natureza o mal futuro,
Poz-lhe os beiços diante, e poz-lhe os dentes,
Duas portas cerradas e o seu muro.

Deu-nos os mais sentidos differentes,
Os braços, mãos, os pés, olhos e ouvidos,
Para poder obrar mais diligentes,

Revolução republicana em Lisboa
O cruzador S. Raphael, um dos navios que bombardearam o Paço das Necessidades

Mas uma lingua só entre os sentidos,
E' esta a medida nossa, a mais pequena,
Que deu aos animaes cá conhecidos.

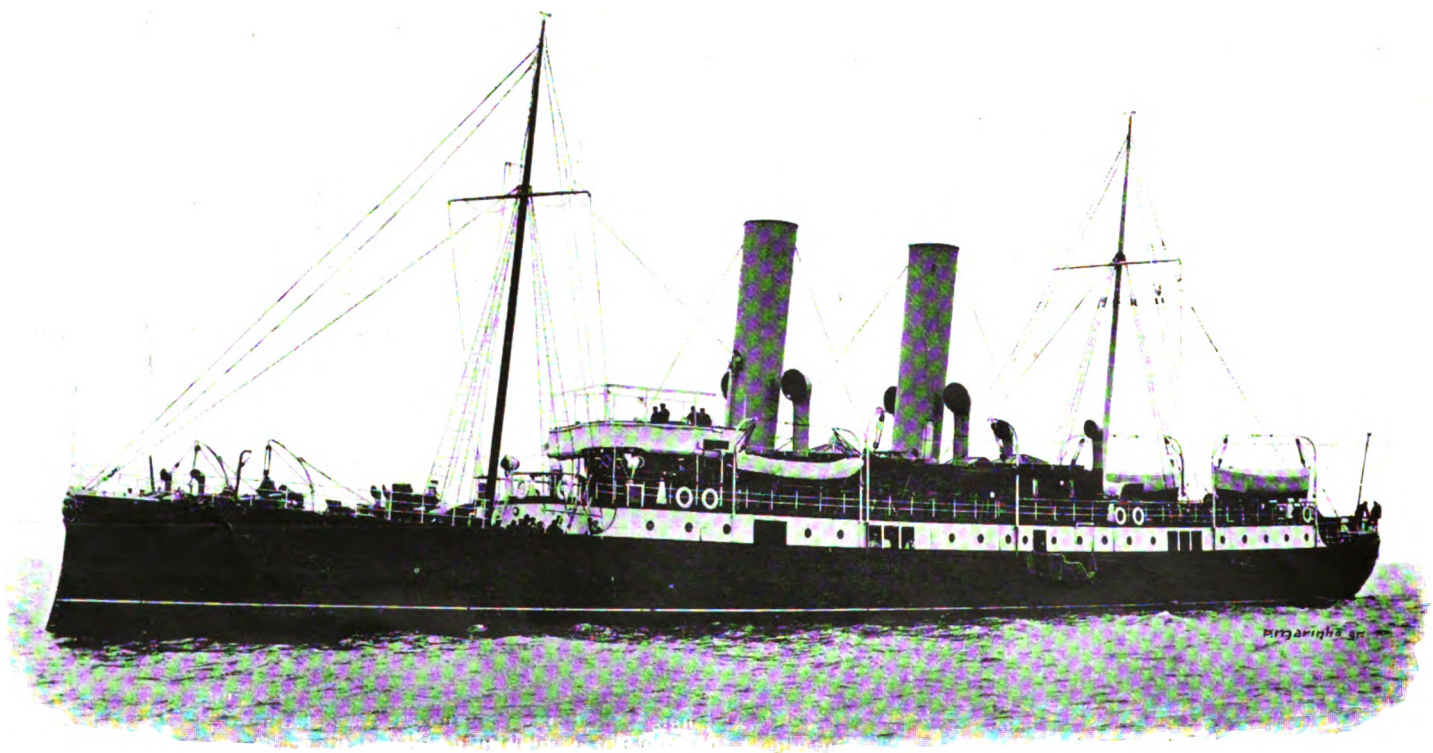
A lagarta, a ferrugem come o trigo,
E cada fruito que produz a terra,
Tambem cria entre si outro inimigo.

A lingua é como a lança, e nenhum erra,
Que nasceu d'entre nós, e á similhança,
Se fizeram as lanças para a guerra.

Quem lhe pode fugir, se a tudo alcança?
E mais ao longe fére, e ao direito,
Do que setta, arcabuz, espada e lança.

Quanto damno nos faz! quanto tem feito?
Nos montes, nas aldeias, nos logares,
Seu interesse, gosto, e sem respeito?

(Seculos XVI-XVII) F. RODRIGUES LOBO.



Revolução republicana em Lisboa. — *O «yacht» Amelia que conduziu ao exilio a familia real portugueza*

Digitized by Google

Dr. Miguel Bombarda

Com muita magua inserimos n'esta pagina o retrato do dr. Bombarda, que honrara com artigos seus, a redacção do *Brasil-Portugal*, onde contava amigos devotados e admiradores sinceros.

Quem estas linhas escreve privou de perto com o infeliz assassinado e teve ensejo de apreciar o que havia de probidade e de bondade inexgotavel na sua alma, a par de uma lhaneza pouco vulgar. O revólver de um allucinado roubou á sciencia um dos seus mais bellos ornamentos, ao paiz um dos homens que mais serviços tem prestado como clinico, como organisador methodico, como propagandista do nome portuguez, o que bem evidenciou por occasião do congresso de medicina de 1906.

Contava o morto illustre, que ha pouco tempo se filiara no partido republicano, 59 annos. Nasceu no Rio de Janeiro em 6 de março de 1851 e veiu com seu pae para Portugal aos 7 annos. Aqui optou pela nacionalidade portugueza: tinha então 19 annos. Em 1877 terminou o curso de medicina pela Escola de Lisboa. Era medico do hospital de S. José desde 1879. Em 92 foi nomeado director do hospital de Rilhafolles, cujos serviços hospitalares melhorou consideravelmente. Era, ha 27 annos, director da *Medicina Contemporanea*, em que publicou notabilissimos artigos, sobretudo sobre psychiatria.

Era medico do Laboratorio de Hygiene de Lisboa, delegado da Escola Medica ao Conselho Superior de Hygiene, membro do conselho medico legal de Lisboa, secretario da Liga Nacional Contra a Tuberculose, prisidente da commissão dos interesses geraes da Associação dos Medicos Portuguezes e tinha a grã cruz de S. Thiago, que lhe foi conferida por occasião do Congresso de Medicina de Lisboa.

*

O dr. Miguel Bombarda foi assassinado pelo tenente de estado-maior, Apparicio Rebello Santos, filho de um proprietario no Rio de Janeiro, que tendo dado em tempo indicios de alienação mental, foi recolhido, ha poucos mezes a Rilhafolles, de onde saiu 60 dias depois a pedido, parece, do pae, que o levou ao extrangeiro para consulta a medicos celebres.

O *Brasil-Portugal* envia á consternada familia do illustre finado a expressão da sua magua.

Dr. Miguel Bombarda
(† a 3 de outubro de 1910)

Vice-Almirante Carlos Candido dos Reis

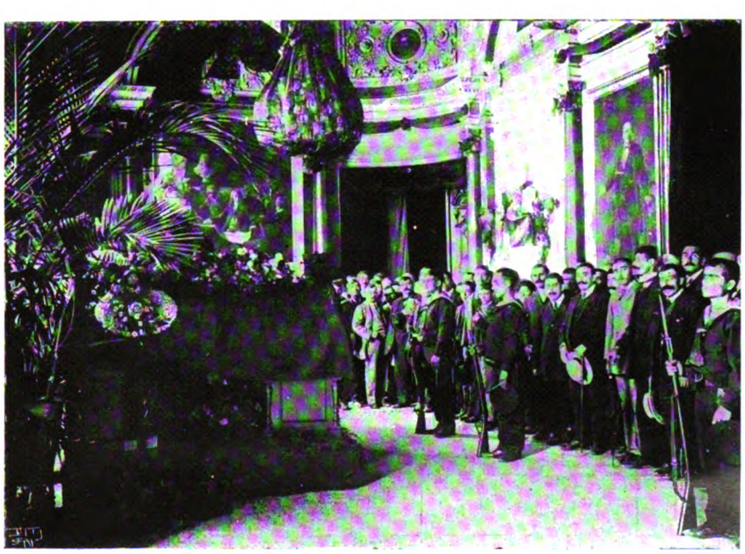
Paira um mysterio sobre a morte d'este official de marinha, um dos mais salientes organisadores da revolta na madrugada de 4, encontrado em Arroyos pelos populares. E' opinião corrente que o mallogrado militar se suicidou quando, faltando-lhe elementos valiosos com que contava, julgou completamente perdida a causa da revolução.

O vice-almirante Candido dos Reis contava pouco mais de 58 annos, pois que nasceu em 16 de janeiro de 1852. Assentando praça aos 17 annos, foi promovido a guarda-marinha em outubro de 1870, a 2.º tenente em outubro do anno seguinte, a 1.º tenente em julho de 1871, a capitão-tenente em dezembro de 92, e a capitão de mar e guerra em dezembro de 1901. Em 9 de julho do anno passado foi reformado no posto de vice-almirante. Era commendador de Aviz e da Torre e Espada, e foi commandante das canhoneiras *Bengo* e *Quanza*, da Escola d'Alumnos Marinheiros do Porto, da Escola de Torpedos Fixos e da 2.ª e da 4.ª divisão do corpo de marinheiros. Foi tambem instructor da Escola Pratica de Artilharia Naval e encarregado de leccionar a aula profissional da mesma escola, vogal das commissões de aperfeiçoamento de artilharia naval, etc.

Muito considerado pelo seu merito, pela sua prudencia e pela sua bravura, teve a seu cargo a execução do plano de antemão preparado, mas que não logrou ver realizado. Candido dos Reis, ou victima de um crime, ou victima de uma allucinação de momento, expirou quando nas ruas da cidade soavam as primeiras descargas dos revoltosos. Durma em paz o valente caudilho que preferiu a morte á derrota que teria julgado imminente.

Vice-almirante Carlos Candido dos Reis
(† a 4 de outubro de 1910)

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Carlos Candido dos Reis



Na Camara Municipal de Lisboa
A camara ardente
(*Cliché* do A. C. Lima).

CANTARES

Eu não sei que mais comova
um coração desgraçado:
se perder um grande amor,
se nunca o ter encontrado.

Tristezas, quando a cantal-as
me ponho para as calar,
deixo as cantigas em meio
e acabo sempre a chorar.

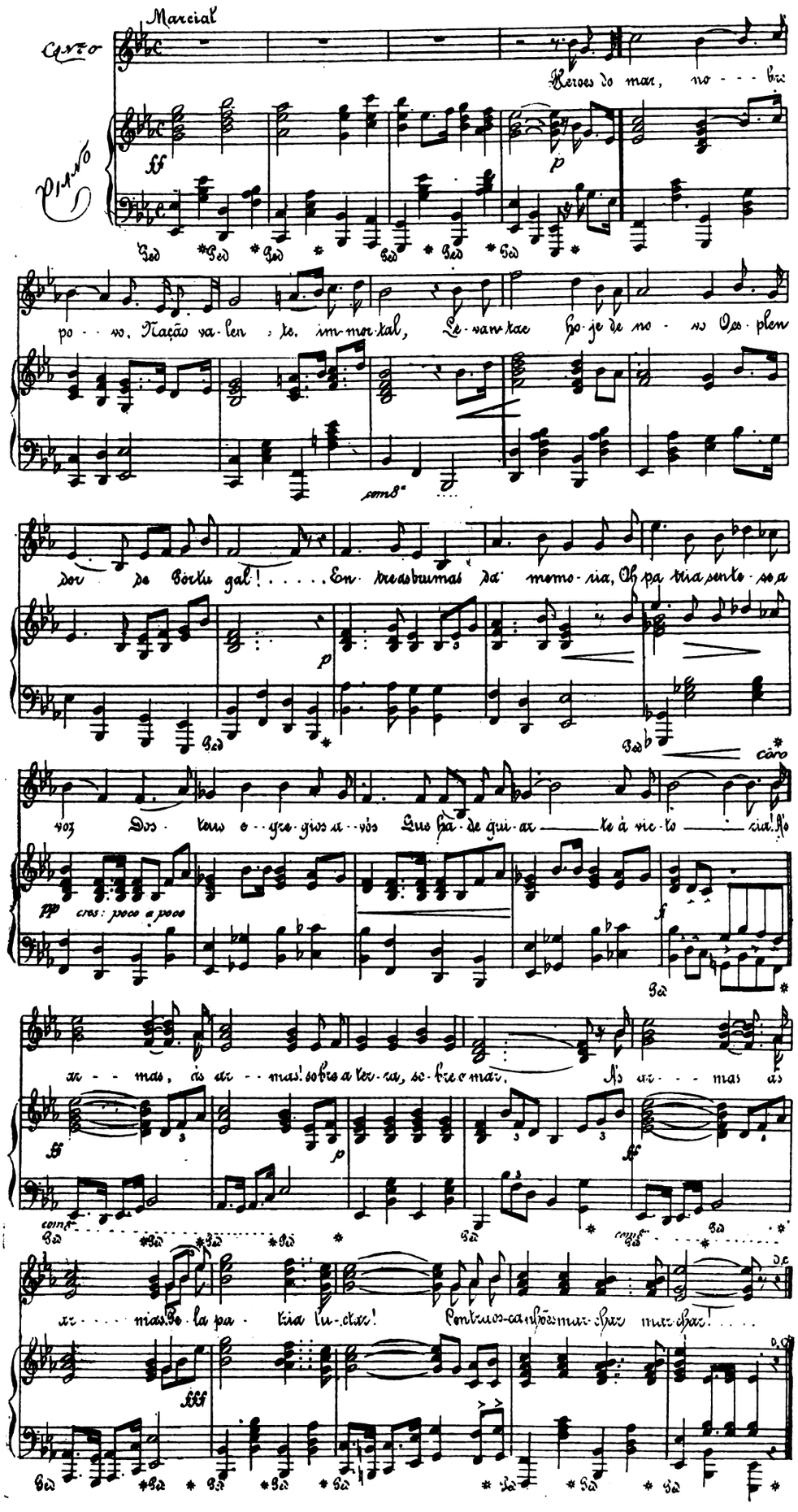
Mario Salgueiro.

Digitized by Google

A PORTUGUEZA

Hymno republicano portuguez

Musica de Alfredo Keil — **Marcha** — Poesia de Lopes de Mendonça



I

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levantae hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

II

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu ceu,
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O oceano, a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

A's armas! sobre a terra, sobre o mar
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

III

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir:
Seja o echo d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como os beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem
Contra as injurias da sorte.

A's armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

Digitized by Google

Alfredo Keil

Auctor do hymno «A Portugueza», consagrado pela republica como hymno nacional

A força das theorias

No seu estudo elegantemente feminil, Tecla pintava uma formosa cabeça de creança, não resistindo de quando em quando a dar um beijo no gentil modêlo. A pouca distancia do cavalete a velha viscondessa de Monsós folheava uma revista estrangeira lançando a espaços, por cima dos oculos, um olhar complacente ao retrato da neta que pela sua quietação, tão rara em creanças, causava grande pasmo á joven pintora.

— Por hoje basta, disse Tecla pousando a palleta e os pinceis. Já deves estar cansada. Se a Avó permitte, vaes até ao jardim. E, offerecendo-lhe um saco de *bonbons*, abriu-lhe a porta, logo que a viscondessa esboçou um gesto de acquiescencia. Depois veio sentar-se em frente da velha senhora e perguntou familiarmente:

— Que está lendo?

— Não tenho lido nada. Pensava. A revista era um fingimento de distracção para que não se occupassem de mim e estivessem mais á vontade.

— Vi-a tão attenta que julguei...

— As apparencias illudem. Olhe, Tecla, vou-lhe dizer em que occupava o pensamento e verá que nem só o passado prende os olhos dos velhos: ás vezes o futuro tambem os entretem.

— E' natural. A imaginação humana não se conforma nem acceita a ideia do nada, mesmo... que elle seja fatal.

A viscondessa sorriu com tristeza e tocando levemente a face da sua gentil interlocutora com a ponta do leque, disse:

— Mudemos de conversa, Tecla; não a seguirei por essa vereda. Os velhos precisam de Deus mais do que os outros, e como se não deve tirar a um doente, por grave que seja o seu estado, a ideia da cura, tambem aos que estão pela idade ás portas da morte se não deve retirar a esperança d'uma vida melhor.

Tecla ruborisou-se e acudiu apressada:

— Mas, senhora viscondessa, eu não tentava...

— Bem sei, bem sei. O meu intento era apenas dizer-lhe que, felizmente para a minha velhice, as crenças que bebi com o leite ainda cá estão, e que no fim de todas as philosophias e *certezas* não deixei nunca de ver brilhar o eterno ponto de interrogação. Mas já nos desviamos do assumpto: Sabe em que eu pensava?

— V. Ex.ª ainda o não disse...

— Na razão porque a Tecla rejeitou o pedido de casamento do Vasco. Meu sobrinho não é positivamente um bello homem, mas tem excellente caracter, um grande talento e ama-a de todo o coração A sua recusa causou-lhe vivo desgosto.

— Passará depressa.

— Julga?

— Tenho a certeza.

— Não me diz porque o não ama?

— Eu não disse que o não amava: disse que me não queria casar.

— Mas porquê?

— E' um pouco longo de contar e muito intimo; porém á senhora viscondessa não posso recusar a verdade.

Como mulher experiente a illustre titular ageitou-se commodamente na cadeira e fixou os olhos garços e vivos no rosto intelligente da pintora, disposta a não lhe perder a mais leve expressão.

— Conhece-me de pequena e sabe perfeitamente que pouco tempo tive mãe. Morta ella meu pae tornou a casar com uma senhora muito doente que succumbiu em breves mezes aos desgostos que, mais forte, minha mãe supportara durante annos. Casou ainda terceira vez meu pae e ainda a infeliz creatura a que elle se ligou pagou com a vida o seu mal empregado amor.

Amei muito minha mãe, estimei sinceramente as duas pobres mulheres que vi morrer. A impressão penosa d'estas vidas de agonia tornou-me precocemente observadora. Olhei em roda... e que vi? A mulher destinada a soffrer, o homem a gozar. Muitas amigas minhas casaram por amor e a breve trecho a indifferença entrou no seu lar: seguiu-a a desharmonia, a separação ou talvez a paz armada, a tolerancia mutua pela indissolubilidade do matrimonio .. feliz, feliz, não vi ninguem. Não nego que os haja, é natural que sim, mas eu não os conheço. Analysei então, procurei as causas... Julguei tê-las encontrado, e sentindo-me fraca, impotente, para luctar com ellas, resolvi ficar solteira.

A viscondessa abanou a cabeça com ar de reprovação e murmurou:

— E' porque não conhece o amôr, Tecla, é porque nunca o sentiu.

— Engana-se, minha senhora, amo Vasco até á loucura e é por isso que o rejeito.

— Não comprehendo.

— E' facilimo. Embora se não diga, está admittida pelo uso a infidelidade do homem. Quando muito apaixonado só naufraga depois d'um anno de casado; se farto de conhecer a vida, foi cauteloso e previdente, a mulher nunca teve nem terá perto de si um amigo sincero: tem um socio que a engana sem escrupulo desde o primeiro dia; se foi sincero, a breve trecho ella nota que a amizade substituiu o amôr, etc., etc. Isso não me serve. Eu entendo que a mentira é inimiga da paz e do amôr. Eu não poderia amar quem me trahisse. Tenho uma unica aspiração: não ser infeliz. Contento-me por isso com pouco. O que sei em theoria da vida deu-me o horror de viver; prefiro vegetar.

— Mas . se Vasco fôsse uma excepção...?

— Não ha excepções. Demais tudo convida os homens á loucura... o vicio tenta-os a todas as esquinas... os companheiros mesmo, quando os não arrastam, dão-lhes os peiores exemplos. Emfim, minha querida amiga, a mulher só é mulher quando a namoram; depois .. é tudo que convem que seja. Nunca me resignarei a esse papel.

Com olhar infinitamente travesso a viscondessa de Monsós, dando á voz uma expressão de magua, lamentou:

— Está então a minha querida Tecla destinada a ignorar as doçuras da maternidade?

— De modo algum. Não ha tantas creanças sem mãe? Logo que as minhas finanças o permittam adoptarei uma e, se essa maternidade me agradar, alarga-la-hei até aos limites dos meus rendimentos.

— Crê que nunca terá pena de ter fechado o seu coração ao amor?

— Mas eu não tenciono fecha-lo, nem posso. Contento-me de o governar.

— E está certa de que elle lhe obedecerá?

— Não tem outro remedio.

Durante esta longa conversa a viscondessa lançava de quando em quando uma vista furtiva ao biombo que envolvia a entrada do *atelier*, mas Tecla, de cabeça baixa para evitar que o olhar agudo da sua interlocutora descesse ao intimo da sua alma, não o notava.

— E' uma mulher forte, Tecla, mas não a invejo. E' certo que tive desillusões na vida e que as chorei; comtudo, se pudesse reviver a minha mocidade, não renunciaria ao amor.

— E' natural. Mas creia, minha amiga, não ha nunca mérito em se renunciar áquillo que se não conhece.

— Leu isso em qualquer parte?

— Não. Mas habituei-me a julgar as grandes cousas da vida que

Lopes de Mendonça

Auctor da letra d'«A Portugueza»

Digitized by Google

O marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito do Brasil, em Lisboa

Sahindo do Arsenal — O marechal Hermes da Fonseca, o sr. Costa Motta, ministro do Brasil e o sr. Teixeira de Souza, ultimo presidente do conselho da monarchia

(*Cliché* de **A. C. Lima**).

O presidente eleito do Brasil, marechal Hermes da Fonseca, chegou a Lisboa no dia 1 d'este mez, poucas horas antes de rebentar o movimento revolucionario que fez alluir a instituição monarchica. Da sua curta permanencia em Lisboa, o illustre marechal terá levado recordações inapagaveis do carinho com que o povo portuguez o recebeu, e da energia, coragem e generosidade d'esse mesmo povo nos dias tragicos da revolta.

No ultimo numero do Brasil-Portugal, *que coincidiu com a chegada ao Tejo do* S. Paulo, *não nos foi dado o prazer de saudar o representante de um paiz a que nos ligam tantos laços de amizade. Embora tarde, vimos apresentar hoje as nossas saudações ao hospede de poucos dias e ao Brasil hospitaleiro onde tantos milhares de portuguezes encontraram uma segunda patria.*

O marechal Hermes da Fonseca foi recebido com grandes manifestações de regosijo por parte de todo o elemento official e representantes de todas as classes, entre as quaes se destacou a Associação Commercial, a cuja iniciativa se deve o banquete na Sala do Risco do Arsenal de Marinha. Hospedou-se no paço de Belem. Assistiu a um banquete dado em sua honra nas Necessidades. Foi convidado para um almoço no castello da Pena. Recebeu a bordo do S. Paulo *a visita do chefe de estado. Foi alvo de calorosas ovações de grandes ondas populares em frente do paço de Belem. De todas essas espontaneas manifestações de sympathia se haverá firmado no seu espirito observador a convicção da funda estima e admiração que o velho Portugal consagra á nação gloriosa em que se falla a mesma lingua.*

O Brasil-Portugal *insere cinco instantaneos curiosos e felizes que marcam a passagem do illustre viajante, passagem curta que abrangeu os ultimos momentos de um regimen velho e os primeiros vagidos de um regimen novo.*

ignoro pelas pequenas, que conheço. Este raciocinio devo-o á couve-flor.

— A' couve-flor?!!

— Sim. Eu nunca a tinha provado, era-me um legume extremamente antipathico á vista. Um dia em que fui jantar a casa do meu mestre, elle e a mulher, rindo de que eu aos vinte e cinco annos nunca o tivesse comido, teimaram de tal maneira para que o provasse que tive de ceder. Gostei immenso, mas não se dá com o meu estomago. Não tinha sido melhor não ter provado?

— Talvez, talvez tenha razão.

A porta abriu-se violentamente e Néni entrou correndo com um ramo de flores na mão.

— O' Néni! quem lhe deu licença de apanhar flores? disse a viscondessa reprehensiva. Peça já desculpa a Tecla e ponha o seu chapéo, que são horas.

— A Tecla é amiga, dá sempre flores.

— E como ella costuma dar, a menina apanhou-as?

— Pois!

E punha-se petulantemente em bicos de pés para lh'as dar a cheirar.

Despediram-se amigavelmente e Tecla quiz acompanha-las á porta.

— Não, não. Está muito constipada, menina, não consinto. E obrigou Tecla a sentar-se de novo.

A pintora ergueu-se logo que a viscondessa se apartou e, antes que sahisse, fez-lhe um amavel e affectuoso cumprimento, pedindo-lhe:

— Segredo, sim?

A porta do *atelier* fechou-se pesadamente e Tecla, deixando-se cahir sobre a pelle de tigre estendida em frente do sophá, começou monologando:

— Só! E' triste viver só... Nunca vi uma mulher apoiada confiadamente ao braço de um homem que não sentisse immediatamente com magua que ao meu todo faltava uma parte. E' bem estupida a vida!...

— Posso entrar?

Tecla poz-se de pé n'um salto e córada, um pouco confusa, perguntou a Vasco Martins que se adiantava para ella de mão estendida:

— Como entrou?

— Pela porta: estava aberta.

— E' que ficou fechada em falso. Sua tia sahiu agora.

— Bem sei. Encontrei-a.

(*Cliché* de **J. Benoliel**). **O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa**

Em frente do palacio de Belem — O povo de Lisboa manifestando a sua sympathia pelo presidente eleito do Brasil

Digitized by Google

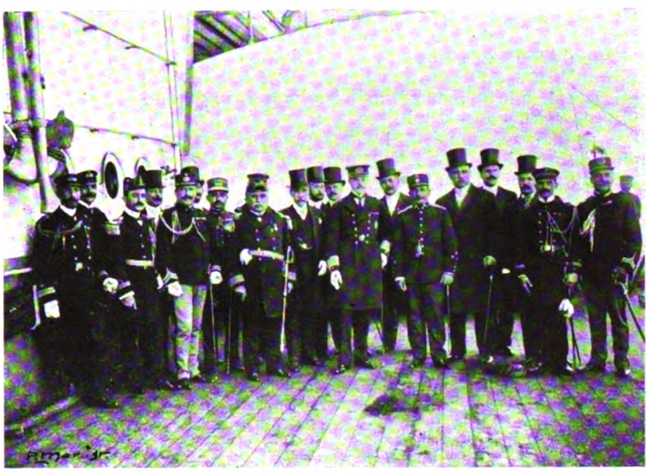
— A que devo o gosto da sua visita? perguntou Tecla affectando uma serenidade que não tinha.

— Não lh'o posso dizer já. Permitta primeiro que appelle da sua sentença.

Tecla sorriu:

— Pelos termos de que se serve conhece-se logo que é advogado.

— Não zombe, Tecla, oiça-me... E Vasco falou-lhe longamente de amôr, a meia voz, n'um tom melifluo e enlanguecedor cheio de promessas e triumphos, quasi confidencial, muito parecido com aquelle que as grandes modistas tomam enunciando as vantagens de qualquer trajo cujo preço parece exagerado á fregueza, mas de que



O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa

A visita do Senhor D. Manuel a bordo do couraçado «S. Paulo»

(*Cliché* de A. C. Lima).

ellas fazem sobresahir os mil aspectos a ponto tal que a exorbitancia chega a converter-se em medida economica.

Tecla era mulher. Deixara-o falar por curiosidade e começava a sentir os effeitos capitosos das palavras de amôr.

Quiz recobrar-se e aventurou-se a dizer n'uma voz commovida que a trahiu completamente:

— Falemos d'outra cousa, quer?

Vasco tomou-lhe a mão, que ella não teve força de retirar, sentou-se junto d'ella, falou-lhe mais baixo. Depois animou-se pouco a pouco e por fim passou-lhe a bocca nos labios com todo o ardor de uma sede infinita...

Pancadas repetidas resoaram na porta do *atelier*. Vasco apressou-se a abrir. A viscondessa de Monsós entrou afogueada, olhou-os a ambos afflicta e voltando-se a Vasco reprehensiva disse:

— Andei depressa, mas pelo que supponho, cheguei tarde.

— Não, tia, não. Chegou mesmo a proposito de pedir a Tecla que mude de resolução.

— Então, menina, que responde a Vasco?

A pintora estendeu-lhe a mão em silencio.

— E é bem de vontade? perguntou a viscondessa sorrindo.

— De vontade não. E' do coração: loucura que a razão condemna, mas que não posso vencer.

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa

O Senhor D. Manuel e o marechal Hermes da Fonseca

(*Cliché* de A. C. Lima).

— Ai! o valor das theorias! commentou a viscondessa com um sorriso entre ironico e satisfeito.

— Não, tia, não. Diga antes o valor das informações. Se me não tivesse proporcionado o meio, nunca eu teria ouvido a historia da couve-flor.

— Ah! tornou a viscondessa receiando comprehender de mais.

— Não, não. Tomei o conselho do poeta:

(*Cliché* de J. Benolicl).

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa

A assistencia ao banquete promovido por diversas collectividades em honra do presidente eleito do Brasil e realisado na sala do Risco do Arsenal

Digitized by Google

E se em resistir teimar
Co'os labios nos seus collados
Até os sete peccados
A farás adivinhar.
Não julgues a dóse pouca
No teu furor de paixão
Pois só um beijo na bocca
Salva ou perde um coração.

A viscondessa riu. Tecla, que continuava confusa e retrahida, ergueu a cabeça e fitando Vasco, disse-lhe em tom aspero, quasi hostil:

— No dia em que me constar a sua primeira infidelidade voltarei para o meu *atelier*. Conserva-lo-hei para isso.

Elle acreditou-a, e, pelo menos na apparencia, a sua conducta dá razão ao dictado: *O medo guarda a vinha.*

MARIA O'NEILL.

Coronel Joaquim Vieira de Miranda

As mais justas homenagens são aquellas que hoje se tributam aos que venceram e triumpharam após uma longa vida de esforço e de trabalho, conquistando um nome illustre e a consagração do meio em que exerceram a sua actividade e onde a sua intelligencia se evidenciou impondo-se á sympathia publica.

Pertence a esta categoria de homens o coronel Joaquim Vieira de Miranda. E' dotado de raro valor, de excepcionaes qualidades de caracter e nobreza de sentimentos, occupando um logar de singular

Coronel Joaquim Vieira de Miranda

destaque no estado do Pará, onde é muito respeitado e onde o seu nome está envolvido n'uma auréola da mais justificada consideração publica.

Tem a glorifical-o o maior titulo de honra que um homem póde apresentar á sociedade: fez-se pelo seu esforço, luctou com a sua propria energia, attingindo um dos primeiros logares que só conseguem aquelles a quem a escola da adversidade dá o estimulo para a lucta de grandes emprehendimentos. Foi um grande luctador esse homem benemerito que ha pouco mais de trinta annos seguiu de Portugal para o Estado do Pará, indo para essa terra florescente e amiga empregar a sua actividade. Para lá seguiu como tantos outros, sem uma recommendação affectuosa, sem relações algumas que o lançassem nos primeiros embates da vida.

Durante quinze annos todos em Portugal ignoravam o seu destino. Ninguem, absolutamente ninguem, conseguira obter noticias de Joaquim Vieira de Miranda.

Elle, porém, vivia, ou para melhor dizer, luctava para iniciar os seus emprehendimentos de trabalho e cimentava os alicerces do seu grande edificio. Socio da casa commercial Gonçalves de Brito & C.ª, passou depois a ser o chefe da importante firma Miranda, Silva & C.ª, dando o maior impulso a esta casa que occupa hoje no Pará um logar honroso entre o grande commercio da capital do estado paraense, girando sob a razão social de Cortez, Coelho & C.ta

O coronel Vieira de Miranda sentindo-se fatigado de tão activa vida commercial, desligou-se da sociedade, ficando commanditario d'essa importante casa, que, graças aos seus actuaes solidarios Henrique Pereira Cortez e Arnaldo de Mello Coelho, continua a seguir a orientação do antigo chefe Joaquim Vieira de Miranda, affirmando-se cada vez mais no seu elemento commercial.

Durante a vida activa do coronel Miranda o Estado do Pará deu-lhe deferencias honrosas ás quaes tambem o governo da Republica se associou pela forma mais digna e brilhante como no Brasil se revela o apreço pelos homens que se tornam crédores das homenagens officiaes. Assim, pelo decreto de 25 de julho de 1904 foi concedida pelo presidente da Republica ao sr. Joaquim Vieira de Miranda a patente de tenente-coronel, commandante do 2.º batalhão de artilheria de posição, da guarda nacional, do Estado do Pará.

Naturalisado cidadão brasileiro ha quinze annos, foi o seu nome indicado para cargos publicos, sendo eleito pela segunda vez vogal do conselho municipal de Belem, que ainda hoje occupa. Foi deputado á Junta Commercial do Pará, onde prestou serviços relevantes pela sua sensata orientação e pelo seu elevado criterio.

Occupa tambem o sr. coronel Miranda o logar de vice-consul da Republica Argentina, com jurisdicção no Pará e Maranhão.

Apesar de ligado ao Brasil pela familia, pela naturalisação e pelas honras, o sr. Joaquim Vieira de Miranda não esquece nunca que teve por berço a poetica villa de Marco de Canavezes, tendo tomado a iniciativa de muitos melhoramentos e beneficios para a sua terra, contribuindo tambem com actos de generosidade e bizarria que por um sentimento de modestia occultamos, pois bem sabemos quanto tem de grande e de nobre esse primoroso caracter e homem de bem.

O *Brasil Portugal* que prima sempre em prestar homenagem aos que se consagram pelo trabalho e pelo merito, honra-se exaltando hoje nas suas columnas o coronel Joaquim Vieira de Miranda, saudando n'elle o esforço intelligente e a coragem para a lucta que tornam dignos os homens que se enalteceram pelo seu esforço e que tiveram a honra por melhor titulo de nobreza.

J. FRANCISCO GRILLO.

O ultimo rei da Hollanda

Em 1870 o ultimo rei da Hollanda estava muito resolvido a declarar guerra á Prussia e a juntar-se aos francezes. Muitos o acompanhavam n'essa idéa, mas os homens politicos mais importantes, reconhecendo o absurdo da resolução, e a gravidade que podia ter, tremiam de que tal se fizesse, e estavam tanto mais preoccupados com isso quanto sabiam que o rei trazia na algibeira a declaração de guerra, prompto a communical-a, no primeiro ensejo, ao ministro da Prussia, e sabiam tambem que em Berlim já se tinha conhecimento das manias bellicosas do rei de Hollanda.

Conheciam, porém, o terrivel genio do rei, e temiam que, se lhe dissessem alguma cousa, não apressasse a explosão. Foi então que o celebre estadista hollandez Thorbecke deliberou intervir.

Thorbecke foi professor em Utrecht, e o rei não o tratava senão por «sr. professor». Não gostava d'elle, não só pela frieza do seu temperamento mas tambem pelo seu modo secco de fallar, e até pela sua altura, que fazia com que Thorbecke, quando fallava com o rei, fallasse para elle de cima para baixo.

Thorbecke, pois, entrou no quarto do rei, e este franziu as sobrancelhas quando o viu.

— Então, sr. professor, disse-lhe elle, que ha de novo?

— Nada! Ahi na Haya dizem-se muitas tolices.

— A respeito dos meus ministros?

— Tambem a respeito de Vossa Magestade.

— A meu respeito? Então que dizem?

— Não me atrevo a repetil-o.

— Diga! Quero saber.

— Bem! Dizem que Vossa Magestade está doido.

O rei perdeu a cabeça, e, agarrando n'um bonito tinteiro de prata que estava em cima da meza, ia atiral-o á cara do ministro. Mas o tinteiro embaraçou-se no tapete da meza, e o rei poude conter-se a tempo.

— Meu senhor, acudiu Thorbecke friamente e desempenando a sua alta estatura, se Vossa Magestade me atirasse esse tinteiro, não faria senão confirmar-se em Haya.

E, aproveitando o ensejo, expoz com energia ao rei as razões politicas que se oppunham a que a Hollanda interviesse na guerra que se preparava. O rei, envergonhado do movimento irreflectido que tivera, ouviu-o com attenção, e na presença d'elle rasgou a declaração de guerra.

Fragmento de um dialogo, apanhado no curso de animada conversação:

— Sempre sou muito tolo em discutir com o senhor... porque afinal, vejo que não é aguia nenhuma.

— Ah! diz bem; e a prova, é que estive perto d'uma hora sem perceber que o senhor era um perfeito imbecil.

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

1 DE NOVEMBRO DE 1910 N.º 283

Funeraes do dr. Miguel Bombarda

e do

vice-almirante Carlos Candido dos Reis

(*Cliché* de J. Benoliel). *O cortejo funebre passando no Rocio*

Digitized by Google

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta sobre os ultimos aconteeimentos

Ex.ma Sr.a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Casa de V. Ex.a, em Lisboa.

Ex ma Sr.a D. Dorothea e Senhora do meu maior respeito:

... Sim, minha senhora, é um facto. Não tenha duvidas. Nem duvidas, nem receios. E' um facto consummado, a Republica. E consummado em circumstancias taes que v. ex.a nada tem a temer. Nem o assassinio, nem o saque, nem o incendio. A sua vida está garantida, garantida a sua fortuna. Digo-lh'o eu, que tendo visto «muito mundo» nunca vi uma coisa assim. Nem eu, nem v. ex.a, nem ninguem. A Republica foi proclamada ás nove horas da manhã. Pois ás onze toda a gente tratava da vida porque a morte continua a ser certa, pelo menos até á separação da Egreja e do Estado. Entretanto a cidade estava — e está — sem policia e a guarda era confiada aos proprios cidadãos. E então houve muito quem suppuzesse que a fusilaria de poucas horas antes matara todos os gatunos e faquistas de Lisboa por esta razão suprema: porque não appareceu ninguem a queixar-se de um roubo, de ter levado uma facada, uma bengalada, de ter soffrido um insulto ou um enxovalho.

Ficou provado que não ha maneira mais efficaz de bem policiar Lisboa como prender a policia no Governo Civil. V. ex.a ri? Pois creia que lhe falo com o coração nas mãos. E' assim mesmo.

Oh D. Dorothea, que povo, que grande povo, que admiravel povo! Que gente, esta nossa, senhora minha! E como eu me penitencio de o ter julgado, em meu intimo, muito differente do que elle é.

A senhora póde lá imaginar! A senhora pode lá fazer ideia! Bateram-se como leões, offerecendo o peito, não vá julgar que ás balas do famoso logar commum, mas á metralha, á bala de artilharia, á granada! Diga v. ex.a isto ao famoso José Reynaldo, da Villariça, que é o maior pensador d'esses sitios e que um dia affirmou, n'um brilhante sarau litterario, nas nobres salas do solar de v. ex.a, que o portuguez era uma creatura singular que batia as palmas a um toiro e fugia deante de um policia. Diga-lh'o e mande logo servir-lhe um copo d'agua para o pobre homem não se engasgar. E creia v. ex.a que se o sr. José Reynaldo ficar com fala — o que Deus permittirá — adhere á Republica. Adhere, minha senhora, adhere. Mau, não insista! Eu já disse a v. ex.a que elle adhere, porque sei muito bem que elle adhere! Então, que tal está a historia!...

* * *

E sabe v. ex.a por que o José Reynaldo adhere, elle que ainda a estas horas é mais monarchico que todas as notas do hymno da Carta? Porque adheriu tudo, minha senhora. Tudo! Foi mais facil fazer adherir esta gente á Republica do que descolal-a da Monarchia.

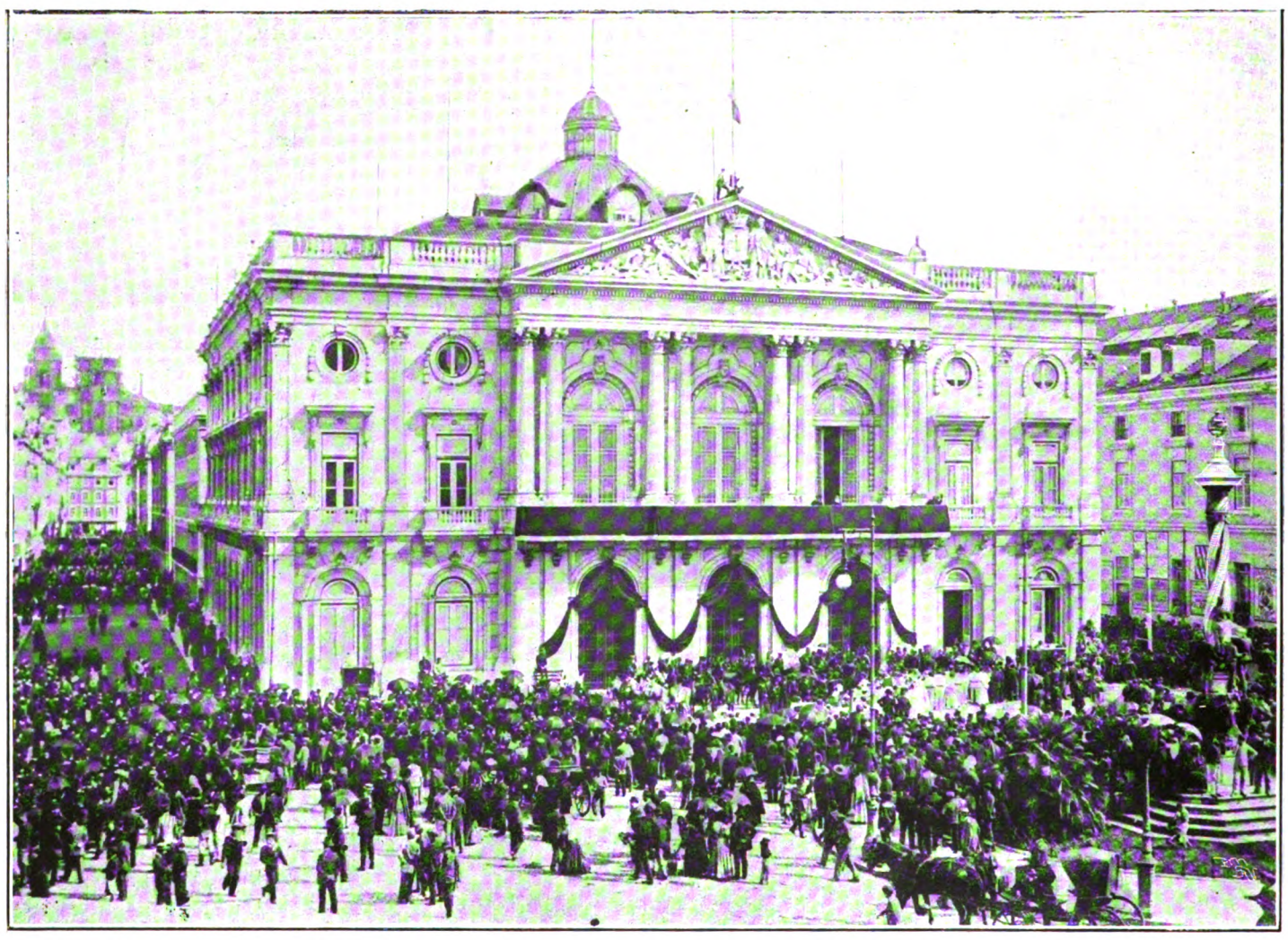
Adheriram todos, desde o ex-conselheiro sr. José Maria de Alpoim até ao sr. padre José Lourenço de Mattos, que defendeu até á ultima a Monarchia com tal convicção e amor que em seus artigos vibrantissimos separava sempre o sujeito do verbo por uma virgula.

Todos!

* * *

... Eu?! Pois v. ex.a pergunta-me se eu adheri?... Oh D. Dorothea, D. Dorothea! Valha-nos Nossa Senhora! Então v. ex.a quer que toda a gente supponha que eu, com quarenta e tres annos de edade, com uma vida de sacrificio, de trabalho, de torturas moraes, pretendo andar á lambuge da Republica, eu, que nada pedi, que nada fiquei devendo á Monarchia? Eu que nunca fui politico, que sou o

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Carlos Candido dos Reis



(*Cliché* de J. Benoliel). *Aspecto da Praça do Municipio no momento da sahida dos funeraes*

Digitized by Google

mais indigno dos cidadãos, pois nunca votei, uma vez, sequer? Eu, que nunca me interessei por isto, que deixei sempre isto correr á revelia, auxiliando os maus politicos na sua tarefa com a minha criminosa indifferença, com o meu censuravel desleixo, sem um gesto de protesto, sem uma palavra de indignação?

Para que, minha senhora, para que havia eu de adherir? Para continuar, na Republica, sendo o mau cidadão que fui na Monarchia? Não, D. Dorothea, não. Era indigno de mim, esse acto, e a propria Republica não m'o perdoaria, tanto mais que ella não precisa de mim — nem eu d'ella.

Vejo-a com sympathia, respeito-a, acato-a. Se fosse possivel a Republica exigir-me um sacrificio, eu fal-o-ia. E v. ex.ª sabe bem que eu o faria porque muito bem sabe que eu sou sincero. Mas ir por ahi abaixo á cata do sr. dr. Antonio José de Almeida, roubar-lhe o seu precioso tempo para lhe disparar á queima-roupa — «meu caro doutor, cá estou, não sei como isto foi, mas cá estou. Venho a deitar os bofes pela bocca fóra para não demorar este acto solemne: eu tambem sou — ou eu sempre fui — ou eu espero vir a sel-o em breve...» — oh D. Dorothea, o pobre dr. Antonio José de Almeida ainda teria estomago para supportar mais um, mas eu é que não o tenho para bambochata tão pesada.

Fiquemos, pois, n'isto. Eu, que sempre fui, por indole, um conservador, não posso mudar de indole como quem muda de camisa e continuo conservador. Dentro da Republica, está bem de ver, porque a Republica é o governo por que o povo se bateu e que elle aqui acclamou com applauso do paiz inteiro. Eu vou servir a Republica com o mesmo honrado desinteresse com que servi a Monarchia, e se a uma nada pedi, nada pedirei á outra. Cumpro um dever de homem de bem e de homem de juizo. Percebeu a minha querida amiga? Como sabe, tenho amigos muito velhos, muito intimos e muito valiosos na Republica. Pois ainda não lhes mandei um cartão, sequer. Nem mando. Elles são muito meus amigos e conhecem sufficientemente o meu caracter para esperarem esse cartão. No entanto sabem que se qualquer d'elles ámanhã batesse á minha porta e gritasse: «Conspiram contra a Republica!» — eu responderia: «Estou quasi cego, não lhe posso acudir. Mas aqui tem o meu revólver e aproveite-o bem.»

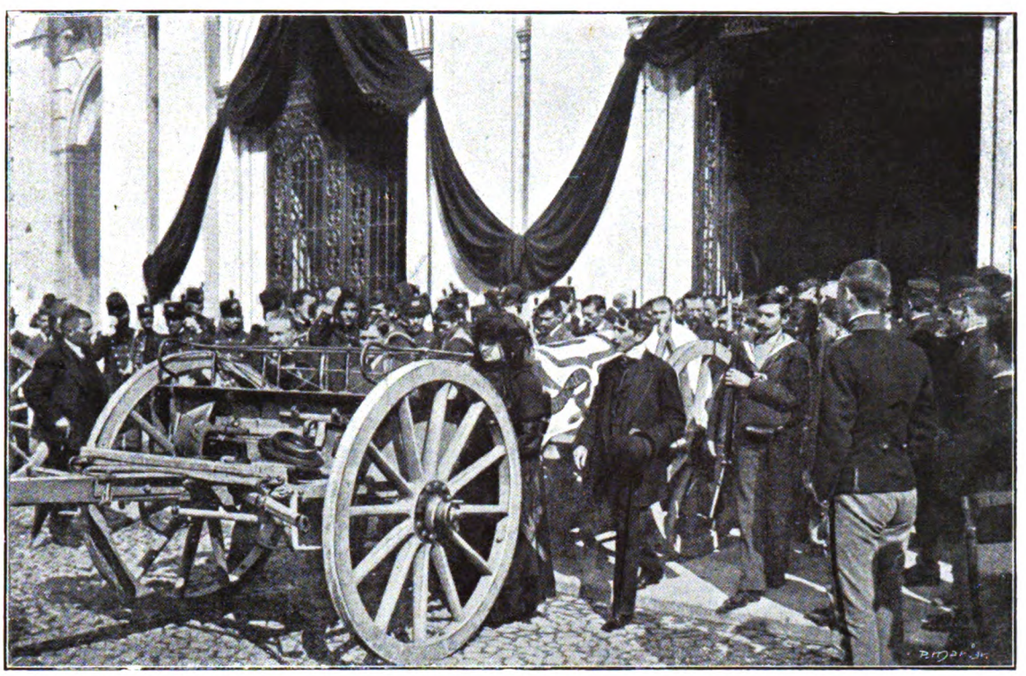
Porque não faltaria mais nada, D. Dorothea, senão que os monarchicos depois de terem por seus meritos e mais partes, como se dizia antes no *Diario do Governo*, tornado a Republica uma necessidade nacional, se virassem contra ella.

***

Quantos perderam a vida n'essa sangrenta jornada de 5 de outubro? Quantos?... Quem o poderá dizer, minha querida amiga! Sabe que tenho pensado muito n'elles. E com esta minha doentia sensibilidade, no meio do jubilo geral, eu sinto-me ás vezes triste, muito triste, recordando que portuguezes mataram portuguezes.

Este povo!... Ah D. Dorothea, se a senhora presenceasse esse espectaculo unico que foram os funeraes do dr. Bombarda e do vice-almirante Reis! Se a senhora visse, a par da imponencia, da magestade d'esse cortejo, a compostura, a cordura, a gentileza, a admiravel harmonia d'essa multidão que formava alas n'um percurso enorme, n'uma massa compacta de mais de duzentas mil pessoas, sem que occorresse o menor incidente, sem policiamento, sem instrucções da auctoridade, trezentas mil creaturas entregues á guarda da sua propria dignidade — se a senhora tal visse sentiria, como eu, como toda a creatura de coração e mediana intelligencia, orgulho de fazer parte d'esta collectividade sobre a qual incidem n'este momento, pasmos, os olhos do mundo inteiro. O luziada resuscitou, D. Dorothea, n'esses soldados que se bateram como heroes, n'esse pobre povo que n'um momento nos appareceu o mais fidalgo, o mais gentil, o mais nobre povo do mundo!

Era vel-o por essas ruas armado — povo soberano a valer — armado até aos dentes, custodiando policias e municipaes, os seus velhos e figadaes inimigos que tantas vezes e tão desapiedadamente o trataram, sem exercer a menor violencia, sem uma palavra de furor ou de vingança, com uma generosidade inexcedivel. Era vel-o em formidaveis magotes, percorrendo as ruas da capital, appellando



Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *O feretro de Candido dos Reis sahindo da Camara Municipal*

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *O cortejo seguindo para o Terreiro do Paço*

(*Cliché* de J. P. Cardoso — Foz do Douro).

Digitized by Google

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *Familia do dr. Miguel Bombarda e o corpo docente da Escola Medica acompanhando o feretro*

(*Cliché* de C. P. Cardoso — Foz do Douro).

para a caridade publica em bandos precatorios, na ancia de soccorrer as victimas sobreviventes da revolução, enxugando lagrimas de dôr e provocando lagrimas do mais legitimo dos orgulhos — o orgulho de se pertencer a tal raça!

Grande, admiravel povo!

* * *

Mas esta já vae longa e ainda não respondi á parte capital da sua carta, quando é certo que antes de mais nada eu deveria ter acudido com as minhas fracas luzes a desfazer as aterradas suspeitas de v. ex.ª relativamente áquillo que v. ex.ª tão impropriamente chama «questão religiosa.»

Não ha tal questão religiosa nenhuma, minha senhora. Ahi anda confusão do attribulado espirito de v. ex.ª e tolice do padre Simões. Ah! isso é que anda! O padre Simões é que lhe metteu essas caraminholas na cabeça. E' bom homem, mas ás vezes, muitas vezes mesmo, dá-lhe para ser tolo. Não lhe queiramos mal por essa pecha que aliás afflige muita boa gente.

A verdade, minha senhora, é que o governo vae separar a Egreja do Estado, ou melhor dizendo, vae separar o Estado da Egreja. Este divorcio estava ha muito consignado no programm do Partido Republicano e creia v. ex.ª que nenhuma pessoa de criterio fará beicinho á sua execução.

V. Ex.ª é que está imaginando, pela cabeça de avellã do padre Simões, que a Republica a quer metter no inferno e que o sr. dr. Affonso Costa a mandará castigar com açoites se v. ex.ª fôr encontrada a rezar o seu Terço. Não, senhora minha. A Republica ficará até muito satisfeita sabendo que v. ex.ª passa os seus lazeres encommendando a sua alma a Deus, que é tudo quanto resta a fazer ás pessoas inuteis para a grande obra da regeneração do paiz.

Tranquillise-se. Reze o seu terço, jogue o seu *bridge*, com os seus soberbos covilhetes de marmelada. E tranquillise tambem o padre Simões cuja indignação por causa da lei do divorcio não comprehendo, visto como elle não quiz esperar por ella para se divorciar do bom senso.

Recebi os marmellos e a massa de tomate, que agradeço. As latinhas ahi irão ter logo que haja portador.

De V. Ex.ª

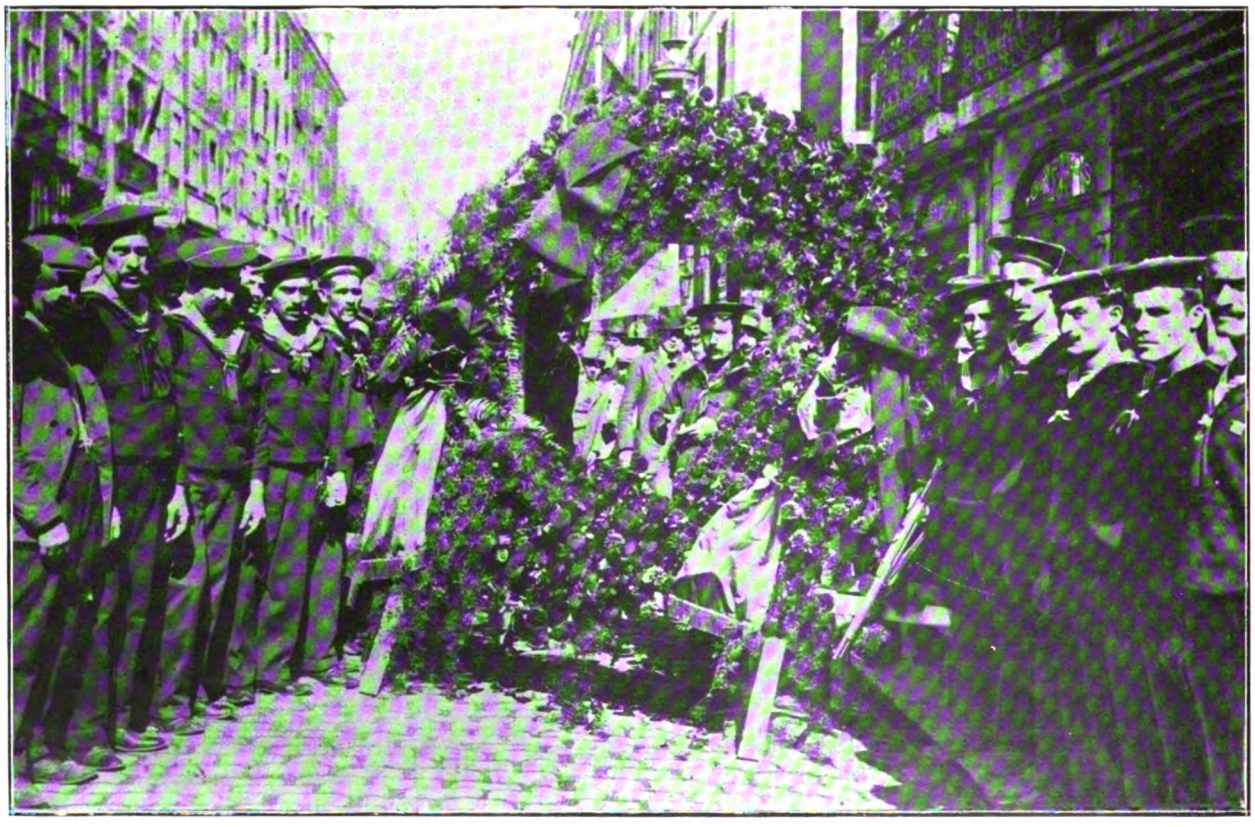
Adm.or e cr.º grato

CAMARA LIMA.

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis

Officialidade de marinha e familia do vice-almirante Candido dos Reis acompanhando o feretro

(*Cliché* de C. P. Cardoso — Foz do Douro).



Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis

A grande corôa offerecida pela marinha

(*Cliché* de J. Benoliel).

Digitized by Google

A alveloa e o falcão

Nas escarpas mais elevadas d'estas arribas de mar abundam os falcões. Ha-os de varios generos.

Os mais altaneiros, entre nós, são os nebris. Cabeça chata, olho brilhante e penetrador, lingua carnuda, azas esguias, garra adunca e poderosa, pernas musculosas, pennas aleonadas.

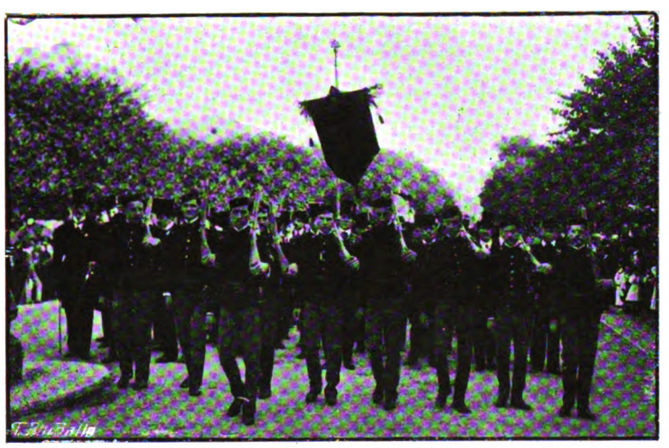
Na ferocidade carnivora não querem senão a presa viva, as carnes palpitantes, o sangue arterial espadanando. Das imminencias, im-

Funeraes do dr. Miguel Rombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *O ministerio*
(Cliché de A. C. Lima).

moveis como se estivessem em terreno firme, fecham as azas, precipitando-se e cahindo sobre a pomba mansa ou a perdiz bravia, para despedaçal-a nas sombras, saciando a gula cruel. A elegancia e rapidez dos pairos não tem rival. O relancear dos olhos e o alcance da pupilla dão-lhes quasi sempre a victoria. Os gritos teem o que quer que seja de sangrento e marcial, quando acaso lhes escapa uma presa ou quando lhes resistem os quadrados temerosos de milhares e milhares de estorninhos.

Em 1901, n'uma manhã dos principios de novembro, veiu revolutear uma alveola á ventana do meu quarto, que diz para o sul e onde batem as refregas da invernia; por isso lhe chamei ventana, á antiga.

O dia era crystal prismatico; dos dias como só conheço no inverno do meu paiz. A alveloa soberbo exemplar. O dr. João Barrei-



Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *Os estudantes militares*
(Cliché de J. Benoliel)

ra, como de familia n'esta casa, viu-a e admirou-lhe muitas vezes os movimentos e a graça.

Que bem pintada! Peito de oiro pallido, lombo e azas de um verde acinzentado como a folha da oliveira, cauda longa e estreita, bico fino e levemente curvo, os olhos dois brilhantinhos negros, as patitas altas, escuras e mal tocando o solo; a cabeça airosa e o collo esbelto nos meneios horizontaes, que são uma tentação de Lucifer no collo e na cabeça de certas mulheres. Ao orvalho dos vidros da nossa janella vinha prear insectos e na caçada aerea a elegancia dos giros trinantes sempre variada e sempre imprevista. Passarito encantador!

Todos os dias, principalmente emquanto cahia orvalho ou geada, era certa a bicar nos vidros da janella. Uma manhã, um amigo, ou antes um irmão, um poeta e jornalista que á veia fecunda, á graça unica, alliava as faculdades de um cerebro poderoso, que a cada

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *O feretro de Candido dos Reis seguido pelo comité revolucionario e por uma das combatentes que estiveram no acampamento da Rotunda*
(Cliché de C. P. Cardoso — Foz do Douro).

passo dava luzes e conselhos aos nossos mais notaveis estadistas, homem que deixou no coração de quantos o amavam — e foram muitos! — nodoa tão funda que jámais se desvanecerá, Urbano de Castro, n'uma palavra, dormia n'um quarto contiguo ao nosso, e sentiu o revoar da alveloa. Como o zanganilho soprava cortante, cuidou que o passarito quizesse agasalho, e, com a sua alma tão grande e tão boa como o talento, levantou-se da cama e foi abrir-lhe a janella. A alveloasita entrou muito senhora de si e de sua casa, revoando a tri-

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *A academia*
(Cliché de J. Benoliel).

nar e sahindo quando lhe aprouve. Pensámos em lhe pôr um annel, para ver se voltava no anno seguinte; mas nem Urbano, nem João Barreira, nem eu, lográmos deitar-lhe a mão.

Veiu o outono de 1902. A alveloa arribou novamente, mas o solicito amigo que lhe abria a janella não poude vêl-a, porque no dia

Digitized by Google

6 de novembro abriu-se-lhe a elle subitamente a cova, onde se abysmou na força da intelligencia e na sua grande estatura de homem de bem.

N'esse anno nefasto estavamos um dia á mesa, fins de dezembro, tempo magnifico. A forasteira ora vinha á janella do nosso quarto, ora á da casa de jantar, onde a convidavam umas trepadeiras de madre-silva. De repente sentimos uma pancada que parecia estalar todos os vidros, e ao mesmo passo um grito estrangulado sahindo da garganta de um passarito. Um falcão primaz, n'um abrir e fechar de olhos, empolgou a alveloa e levou-a na garra para devoral-a n'umas balseiras do cannavial proximo.

Com o morrer da tarde, a viração fria levantava umas pennas tenues da nossa companheirita e lá iam — talvez, quem sabe! — para se unirem na transformação da vida universal áquelle que no seu amor immaculado por todos os infortunios, para abrigal-a dos gelos do inverno, lhe dera uma prova de sympathia!

BULHÃO PATO.

D. Francisco de Almeida jogava, uma vez, com uma senhora, por quem estava apaixonado. Tinha posto sobre a mesa de jogo uma caixa de rapé, uma esplendida caixa de esmaltes. A dama em questão fartou-se de a gabar, a vêr se D. Francisco lh'a dava de presente, mas, percebendo que elle não se resolvia a tal, entendeu que o melhor era deitar-lhe a mão, muito sorrateiramente. D. Francisco de Almeida, que dera pela manobra, voltou-se para a senhora e disse: — «Perdão, minha senhora. Se não a levar pelo *sexto*, pelo *setimo* não m'a leva.»

A morte do bebedo

Junto á cabeceira da moribunda estava um homem de pé; em volta do leito, os filhinhos, de joelhos, diziam entre soluços as suas innocentes orações. A mobilia da triste alcova não podia ser mais pobre; e bastava relancear os olhos á misera creatura emaciada e livida prestes a exhalar o ultimo alento, para comprehender até que ponto os desgostos, as privações, os trabalhos lhe tinham dilacerado o coração durante largos e amargurados annos. Outra mulher já velha, com a cara lavada em lagrimas, amparava com o braço a cabeça da moribunda que era sua filha. Mas não era para ella que a agonisante tinha a cara voltada, não era a sua mão que apertavam os dedos tremulos e gelados, era sim o marido quem a pobre procurava, em quem fitava os olhos prestes a cerrarem-se para sempre; e elle baixava os seus, como se não pudesse supportar aquelle olhar.

O misero tinha o fato em completo desalinho, cheio de lama e de nodoas, as faces afogueadas, os olhos pisados e com laivos sanguineos. Fôra arrancado a uma orgia para vir assistir ao triste fim da sua companheira.

Um pequeno candeeiro com seu quebra-luz collocado junto ao leito projectava uma baça claridade sobre os assistentes, deixando o resto da alcova n'uma profunda escuridão. Lá fóra tudo parecia immerso no silencio da noite, e a immobilidade da morte começava de invadir o quarto.

O tic-tac de um relogio pendurado no painel da chaminé era o unico ruido que quebrava o remanso absoluto, solemne; e todos que se achavam presentes, e que ouviam aquelle lugubre som, sabiam que não passaria uma hora sem que o ponteiro indicasse o instante em que a pobre alma libraria o vôo.

Por fim os dedos da moribunda distenderam-se, e os seus olhos deixaram de contemplar os filhos para se fixarem no pae. A infeliz diligenciou em vão falar, caiu outra vez sobre o travesseiro, e ficou tão socegada, tão serena que parecia dormir um somno profundo. Elles debruçaram-se sobre o leito, chamaram-na pelo seu nome, primeiramente muito baixinho, depois mais alto, e, por fim, gritando com a entonação do desespero. Mas não obtiveram resposta. Quizeram ver se respirava: não sentiram o mais leve bafo. Apalparam-lhe o coração: não pulsava. O coração estava despedaçado, e a pobre era cadaver!

O marido deixou-se cahir n'uma cadeira, e levou impetuosamente as mãos convulsas á fronte esbrazeada; depois olhou para cada um dos assistentes, e quando os seus olhos rasos d'agua encontraram os da filha estremeceu. Aos seus ouvidos não echoou uma unica palavra consoladora; os seus olhos debalde procuraram um gesto de commiseração. Todos se afastavam d'elle, todos se lhe esquivavam; e quando emfim elle sahiu cambaleando, ninguem pensava em detel-o, em acompanhal-o, em lhe dirigir uma palavra de condolencia.

Passaram annos; os quatros filhos que a mulher lhe dei-

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *No largo de Camões*

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis
O cortejo na Rotunda
(*Clichés* de J. Benoliel).

Digitized by Google

Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis
Chegando á Rotunda — Carretas d'artilharia conduzindo os feretros
(*Cliché* de A. C. Lima.)

as côres que uma aturada exposição ao ar, á chuva, á humidade, podem dar a edificios originariamente construidos com os materiaes mais ordinarios. Os vidros das janellas achavam-se pela maior parte substituidos por papeis ou por trapos nojentos; não se viam por toda a parte senão páus de todos os tamanhos com suas cordas para enxugar roupa, e não havia casa onde se não ouvisse o alarido de rancorosas disputas motivadas as mais d'ellas pela embriaguez.

O homem que acompanhámos a este antro continuava a caminhar ás escuras, ora pelo meio da enxurrada, ora atolando-se nos montes de immundicie formados pela chuva, até que chegou emfim á ultima casa cuja porta meio desconjunctada estava sempre aberta de par em par para commodidade dos numerosos inquilinos. Este a que nos referimos tratou de se orientar ás apalpadellas na ingreme escada, cujos degraus ameaçavam completa ruina e assim foi subindo até ás aguas-furtadas.

Estava a dois passos do seu quarto quando a porta se abriu dando passagem a uma rapariga, de aspecto miseravel e cuja lividez só podia comparar-se á da vella que trazia na mão.

— E' o pae? disse ella olhando para baixo com manifesta inquietação.

— Pois quem havia de ser? respondeu elle com máu modo. Que estás tu a tremer? Eu hoje não tive quasi nada para beber, porque para beber é preciso que haja dinheiro, e não ha dinheiro sem trabalho. Que diabo tens tu, rapariga?

— Estou doente, muito doente, respondeu ella prorompendo em soluços.

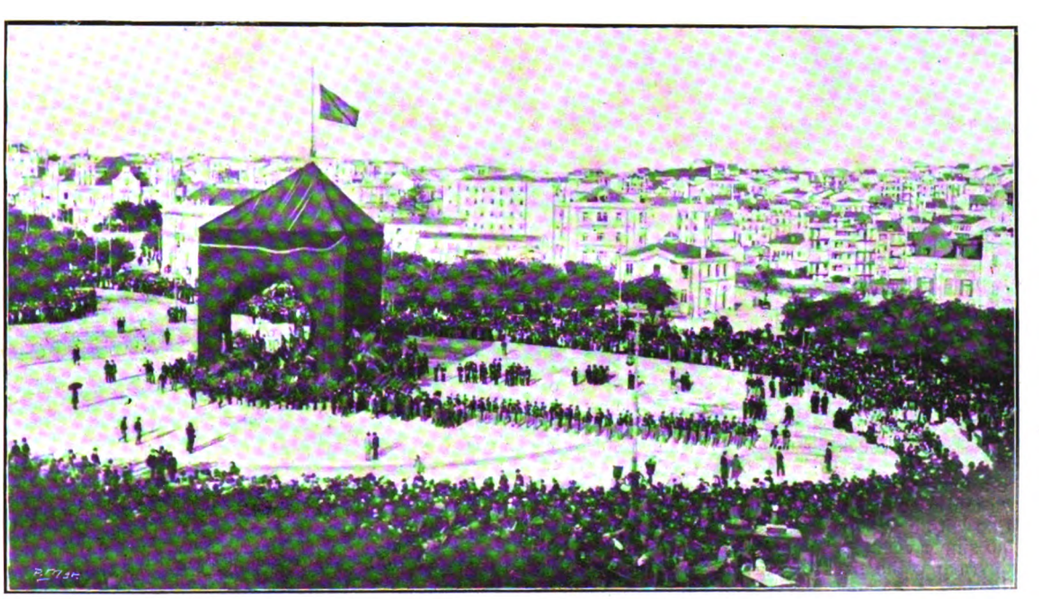
xara cresceram, e não tardou que deixassem de ser creanças. O pae, esse continuou a ser o que era: cada vez mais pobre, mais sordido, mais abjecto, e sempre o mesmo beberrão inveterado e incorrigivel. Os filhos tinham-n'o de ha muito deixado para se entregarem á vadiagem; só a filha ficara com elle, mas trabalhava como uma negra, e não havia palavras nem tractos a que elle não recorresse para a obrigar a alimentar-lhe o vicio ou a dar-lhe dinheiro que elle ia gastar na taberna.

Uma noite, seriam dez horas — a filha estivera doente e, por conseguinte, não tinha podido dar-lhe dinheiro para beber — uma noite, vinhamos dizendo, recolhia elle para casa pensando que se ella tivesse podido ganhar alguma cousa, não teria necessidade de chamar o medico da parochia ou de se dar ao incommodo de lhe perguntar o que tinha, porque até áquella hora não lhe importara semelhante cousa. Era em dezembro, o vento soprava rijo, trespassando o fato e gelando os membros; a chuva cahia em torrentes.

O desgraçado extendeu a mão a um transeunte, e, como quer que este lhe desse um troco, comprou um pão pequeno — porque tinha interesse em não deixar morrer a filha — e estugou o passo quanto o vento e a chuva lh'o permittiam.

Por detraz de Fleet-Street e entre esta rua e o Tamisa, ha um dedalo de ruas estreitas e de má nomeada que fazem parte do districto de Whitefriars. Foi para lá que elle dirigiu os seus passos.

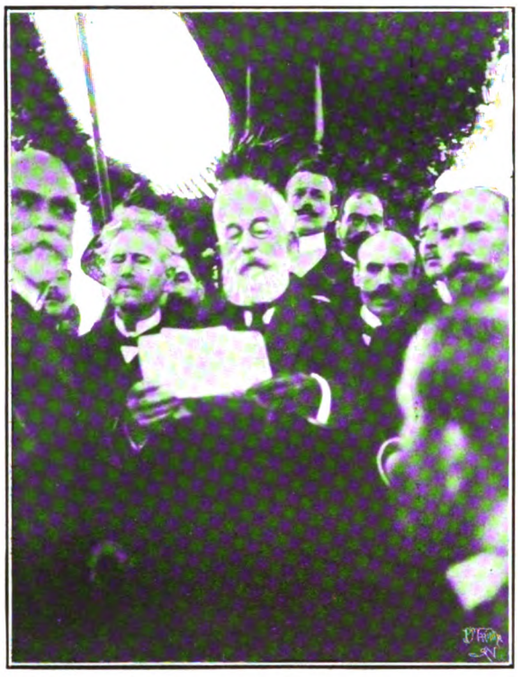
A viella em que entrou podia, no tocante a immundicie e a miseria, rivalisar com os recessos mais sombrios d'este antigo bairro, na sua época mais famosa em sordidez e em emprezas criminosas. As casas, variando em altura de dois a quatro andares, offereciam todas



Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis
O pavilhão armado na Rotunda e onde foram proferidos os discursos
(*Cliché* de J. Benoliel).

Digitized by Google

— Diabo! respondeu elle como quem se via obrigado a admittir um facto perante o qual preferiria fechar os olhos se pudesse. Devias fazer a diligencia por melhorar, porque precisamos de dinheiro. Vae ter com o medico da parochia, que logo te dá um remedio. Que diabo, é para isso que se lhes paga! Mas para que estás tu a guardar a porta? Deixa-me entrar.



Funeraes do dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido dos Reis — *No catafalco da Rotunda — O sr. Anselmo Braancamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa, lendo o seu discurso, tendo junto de si alguns dos membros do governo provisorio*

(*Cliché* de A. C. Lima).

— Pae, disse a rapariga em voz baixa puxando a porta para si e ficando no patamar, o Guilherme está ahi.

— Quem? perguntou elle estremecendo.

— Fale baixo, respondeu ella, o mano Guilherme está cá.

— E que quer elle? volveu o pae contendo-se a custo. Dinheiro? pão? cerveja? Vem em má occasião. Dá-me a luz, — dá-me a luz, pateta. Eu não lhe faço mal.

E, arrebatando-lhe a vella da mão, entrou em casa.

Guilherme que, ao tempo teria vinte e dois annos, estava assentado em uma velha mala, com a cabeça entre as mãos, olhando fixamente para uma braza que fumegava na chaminé. Trajava um velho jaquetão de panno ordinario e uma calça no fio. Quando sentiu entrar o pae levantou a cabeça.

— Fecha a porta á chave, Maria, disse elle vivamente. Fecha a porta á chave. O pae olha para mim como se me não conhecesse. Effectivamente, foi ha tanto tempo que me poz fóra, que não é para admirar que já me não conheça.

— Que vens tu cá fazer? perguntou o pae assentando-se n'um escabello. — Que pretendes?

— Um abrigo! respondeu o filho. A policia anda á minha procura, escuso dizer mais. Se me apanham serei enforcado. Ora, não ficando aqui, é mais que certo deitarem-me a unha. Tudo tem um termo.

— Queres dizer que roubaste, que assassinaste?

— Tal qual. Admira-se?

E, dizendo, encarou fixamente o pae que baixou os olhos.

— Onde estão teus irmãos? perguntou o miseravel após uma grande pausa.

— Estão onde o não podem incommodar. O João partiu para a America e o Henrique morreu.

— Morreu! exclamou o pae estremecendo involuntariamente.

— E' verdade, morreu-me nos braços. Matou-o um couteiro com um tiro, como quem mata um cão. Deu dois passos para traz, cambaleando; eu amparei-o. O sangue sahia-lhe em jorro da ferida, e alagava-me todo. Não tardou que começasse a desfallecer e a perturbar-se-lhe a vista. Ainda assim deixou-se cahir de joelhos e pediu a Deus que attendesse as preces da mãe, que tinha no céo, a pedir-lhe o perdão do filho mais novo. «Eu era o seu predilecto, Guilherme, e consola-me a lembrança de que, quando ella morreu, comquanto eu ainda fôsse muito novo, julguei que se me partia o coração, ajoelhei á beira do leito e agradeci a Deus o ter-me permittido amar aquella santa tão sinceramente que nunca pratiquei uma acção nem proferi uma palavra que lhe fizesse chorar uma lagrima. Oh! Guilherme! porque havia ella de morrer e ficar nosso pae!» Foram as suas ultimas palavras, disse Guilherme. O pae tinha-o esbofeteado n'um accesso de embriaguez, no dia em que sahimos de casa, e ahi tem o resultado.

A rapariga soluçava. O pae pendera a cabeça sobre os joelhos, e balouçava-se sem falar.

— Se me apanham, proseguiu Guilherme, levam-me para a terra onde matei esse homem e enforcam-me. Aqui não é facil descobrirem-me, a não ser que o pae dê com a lingua nos dentes. Sei que póde entregar-me a justiça, mas se o não fizer, poderei ficar aqui até se proporcionar occasião de fugir.

Durante tres dias conservaram-se na estreita e infecta trapeira sem pôr pé na rua.

No terceiro, porém, a pequena peiorou e os poucos alimentos que havia estavam absorvidos. Tornou-se pois indispensavel sahir, para os renovar, e como a filha estava muito fraca e doente, foi o pae quem se encarregou da expedição ao cahir da noite.

Deram-lhe medicamentos para a filha e uma pequena quantia a titulo de soccorro pecuniario.

A' volta ganhou seis pences a segurar um cavallo, de modo que trazia o bastante para occorrer ás necessidades mais urgentes durante dois ou tres dias. Ao passar pela taberna hesitou um instante, deu alguns passos, voltou atraz, hesitou outra vez, e entrou por fim.

Dois homens que elle não tinha visto estavam á espreita e pensavam já em renunciar ás suas pesquizas quando viram approximar o pae de Guilherme. As evoluções d'este ultimo causaram-lhes ex-

Dr. Augusto de Vasconcellos

Recentemente nomeado enfermeiro-mór dos hospitaes civis

E' um velho amigo do Brasil-Portugal, *que nunca deixou de prestar a devida justiça ás faculdades da sua intelligencia e aos primores do seu caracter.*

Republicano de velha data, tendo terçado com o seu sempre chorado companheiro Dr. Hygino de Sousa, as primeiras armas de jornalista na Patria, *jornal que sahiu á estacada, em defesa das novas ideias, com um vigor, com um brio, que lhe deu logo na imprensa diaria um logar de destaque, de então até hoje, Augusto de Vasconcellos serviu sempre com tanta lealdade e com tal aprumo as suas crenças politicas e o partido que as representava, que o governo provisorio, mal assumiu o poder, investiu o illustre clinico e professor da escola medica, no alto cargo de enfermeiro-mór dos hospitaes.*

E' ao medico illustre e ao amigo provado que o Brasil-Portugal *presta com a maior justiça e a maior sinceridade esta modestissima homenagem.*

Digitized by Google

tranheza, e quando o viram entrar na baiuca, foram-lhe no encalço.

— Ha de beber commigo, disse um d'elles offerecendo-lhe um copo de aguardente.

— E commigo, apontou o outro enchendo-lhe o copo que elle despejara de um trago.

O homem pensou na filha doente e no filho em perigo, mas o bebedo não queria saber de nenhum d'elles; começou a beber e não tardou que perdesse o tino.

— Está uma noite bastante humida, lhe disse um dos homens ao ouvido quando elle fazia menção de sahir, depois de ter gasto em aguardente o bastante para prolongar talvez por alguns dias a existencia da filha.

— Uma noite boa para os que precisam esconder-se, Warden, disse o outro no mesmo tom.

— Assente-se aqui, disse o que tinha falado em primeiro logar, levando-o para um canto; nós procuravamos o rapaz, queriamos dizer-lhe que não ha de que ter medo, e não temos podido encontral-o por falta de indicação exacta. Mas não nos admira isso, porque não é de crer que elle se lembrasse de vir para estes sitios ao chegar a Londres.

— Não, elle não tinha tenção, respondeu o pae.

Os dois homens trocaram um olhar de intelligencia.

— No rio está fundeado um navio que ha de levantar ferro á meia noite, na enchente. volveu o primeiro, e nós vamos pol-o a bordo. Conseguimos inscrevel-o com outro nome, e, pagámos-lhe a passagem, o que é mais alguma cousa. Foi bom que o encontrassemos agora. O amigo teve sorte.

— De certo, confirmou o segundo.

— Sorte de enforcado, volveu o outro, fazendo um signal ao companheiro.

— E' verdade, de enforcado, respondeu este com um gesto ironico.

— Vá lá mais uma golada, disse o primeiro.

E cinco minutos depois entregava o pae o seu proprio filho nas mãos do carrasco.

Na miseravel mansarda os minutos pareciam seculos.

Os dois irmãos esperavam, de ouvido á escuta, n'uma anciedade indizivel. Por fim sentiram passos pesados na escada, e pouco depois entrava o pae aos bordos.

A filha, vendo que elle vinha bebedo, pegou na luz e foi direita á porta. Subito, porém, parou, soltou um grito e cahiu sem sentidos no meio da casa. E' que tinha visto dois vultos no patamar. Os dois esbirros entraram de chofre, e Guilherme viu-se algemado n'um abrir e fechar de olhos.

— A diligencia não levou muito tempo! Foi uma fortuna que encontrassemos este velho beberrão. Levanta a pequena, Thomaz. Para que é chorar, minha menina? Isto é negocio sabido. Aqui não ha remissão.

Guilherme inclinou-se para a irmã, e seguidamente fixou um olhar flammejante e terrivel no pae que, encostado á parede, contemplava aquella scena com o pasmo da embriaguez.

— Ouve, pae, disse elle com uma expressão de voz que fez estremecer o bebedo, o meu sangue e o de meu irmão hão de recahir sobre a tua cabeça. Tu nunca tiveste um olhar, uma palavra carinhosa para mim, e n'esta vida ou na outra jámais te perdoarei. Onde e como quer que morras ver-me-has a teu lado. Falo-te como se já não fôra d'este mundo, e previno-te que no dia em que appareceres deante do teu creador, os teus filhos apresentar-se-hão ambos de mãos dadas a accusar-te perante elle.

Disse e, erguendo as mãos algemadas com gesto ameaçador, cravou os olhos no bebedo e sahiu lentamente. Foi a ultima vez que a irmã e o pae o viram n'este mundo.

A datar d'esse dia, este viveu da mendicidade. Cada penny que poude extorquir á compaixão ou á credulidade d'aquelles a quem extendia a mão foi gasto como d'antes. Assim decorreu um anno. O unico tecto que durante alguns mezes lhe serviu de abrigo foi o da cadeia. Dormia debaixo das pontes, nos fornos de coser tijollo, em toda a parte onde podia encontrar um pouco de calor, um refugio contra o frio e contra a chuva. Mas, até n'esta extrema abjecção da miseria, posto que doente e vagabundo, não deixou de embriagar-se.

Por fim, uma noite, cahiu sem sentidos junto de uma porta. O vicio e a crápula haviam-n'o extenuado completamente. Tinha as faces maceradas e lividas, os olhos encovados, a vista embaciada, mal podia suster-se de pé, sentia percorrer-lhe o corpo um calafrio de morte.

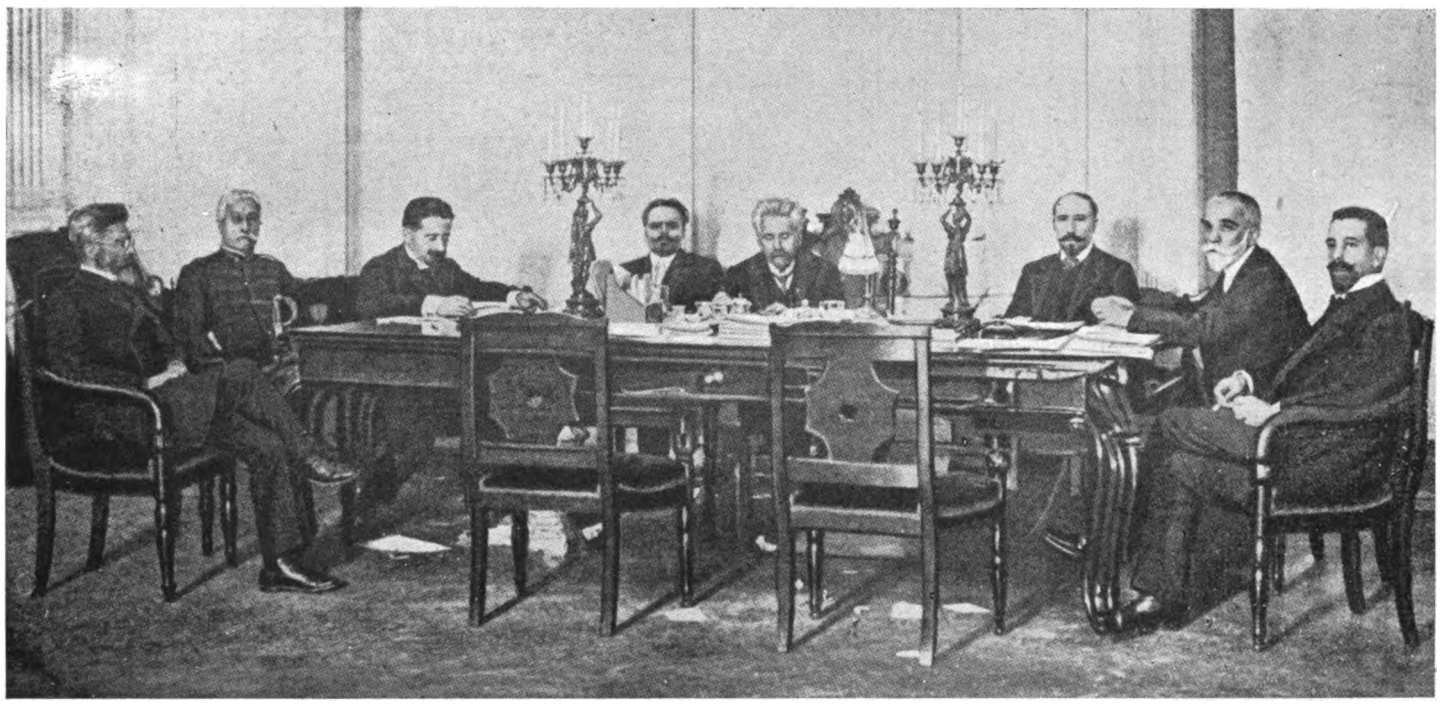
O miseravel ergueu-se a custo e arrastou-se um pouco mais para deante. A rua estava silenciosa e deserta; os raros transeuntes que se avistavam áquellas horas desappareciam rapidamente e a sua voz tremula foi abafada pelo rodar das ultimas carruagens. O calafrio recomeçou; parecia que o sangue se lhe gelava nas veias. Foi assim que se enroscou ao canto de um portal na esperança de conciliar o somno.

Subito levantou-se n'um impeto, acommettido de estranho terror. Ouvira a sua propria voz no meio do silencio da noite, sem saber como nem porque gritára. N'esse momento soltou como que um surdo rugido, os sentidos abandonaram-n'o, os seus labios proferiram palavras incoherentes, cravou as unhas no peito como se quizesse arrancar de lá o coração. Era o começo da loucura. O desgraçado quiz gritar por soccorro, mas não poude.

Ergueu então a cabeça, e, alongando os olhos pela extensa rua sinistra, lembrou-se de que outros desherdados, proscriptos como elle da vida e condemnados a vaguear noite e dia por aquellas lugubres encruzilhadas, tinham perdido a razão ao verem-se em semelhante isolamento. Lembrou-se de ter ouvido dizer, havia muitos annos, que um miseravel vagabundo fôra encontrado um dia a aguçar uma faca cheia de ferrugem, apanhada n'um monturo, no intuito de se apunhalar com ella, porque preferia a morte áquelle eterno caminhar sem esperança.

Subito, tomou uma resolução, os seus membros tinham recu-

O governo provisorio da Republica Portugueza



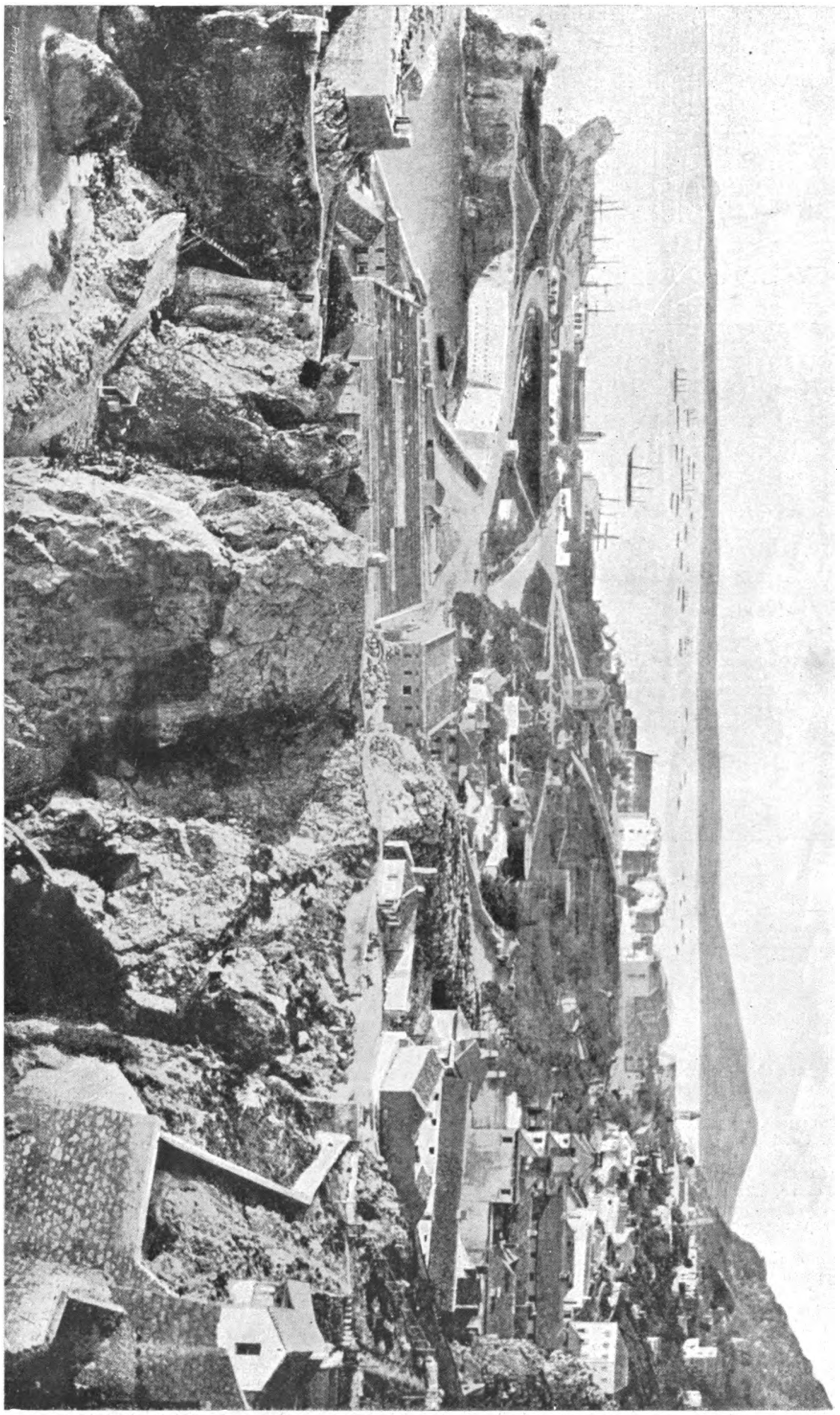
Um conselho de ministros

Da esquerda para a direita — *Amaro de Azevedo, ministro da marinha; Coronel Barreto, ministro da guerra; dr. Affonso Costa, ministro da justiça; dr. Antonio José de Almeida, ministro do interior; dr. Theophilo Braga, presidente do governo provisorio; dr. Antonio Luiz Gomes, ministro do fomento; dr. Bernardino Machado, ministro dos negocios extrangeiros; José Relvas, ministro das finanças.*

Digitized by Google

perado a elasticidade; deitou a correr e só parou á beira do Tamisa.

Instantes depois descia a escada que conduz da Ponte de Waterloo á beira do rio e escondia-se a um canto, sustendo a respiração com medo de ser presentido pela patrulha que passava n'essa occasião. Jámais um prisioneiro prestes a evadir-se sentiu palpitar-lhe o coração com tanta violencia á approximação da liberdade e perante a esperança de voltar á vida, como Warden sentia palpitar o seu á approximação e perante a esperança da morte. Os soldados passaram junto d'elle sem o ver. Warden esperou que elles se afastassem e, quando o ruido dos seus passos se extinguiu de todo, desceu cautelosamente a escadaria e achou-se debaixo do arco da ponte, junto do rio.



Vista geral da cidade: primeira terra do exilio onde desembarcou a familia real

Gibraltar

A maré vasava e a agua corria-lhe aos pés. A chuva cessara, o vento deixara de soprar, e tudo se achava então immerso n'um silencio tão absoluto que Warden ouvia distinctamente o marulhar da agua de encontro aos barcos amarrados na outra margem.

O rio rolava languidamente as suas ondas preguiçosas. Ao lume

Digitized by Google

Os ultimos acontecimentos

Em Gibraltar — *O Senhor D. Manuel sahindo da igreja de Santa Maria depois de ouvir missa*

Digitized by Google

da agua surgiam formas extranhas e phantasticas a acenar-lhe que se approximasse; fitavam-n'o olhos negros e brilhantes que parecia escarnecerem das suas hesitações, e detraz bradavam-lhe surdas vozes que avançasse. Elle recuou alguns passos para dar balanço ao corpo e mergulhou no Tamisa.

Eram apenas volvidos cinco segundos, voltou ao de cima da agua. Mas em tão breve lapso, que mudança se operára em suas idéas e em seus sentimentos! A vida! exclamou elle, a vida seja como fôr! A pobreza, a miseria, a fome, tudo excepto a morte! E luctava com as ondas que se lhe accumulavam sobre a cabeça, e soltava gritos de terror e de agonia. A maldição do filho echoou a seus ouvidos.

O caes estava alli ao pé, a duas braças de distancia, quasi ao alcance da mão. Warden continuava a luctar. Era o combate supremo pela vida. Um instante, um breve instante, avistou distinctamente as casas que se erguiam á beira do rio, os candeeiros da ponte, as nuvens que perpassavam no céo impellidas pelo vento. Tornou a mergulhar, tornou a vir ao de cima. N'esse instante supremo todas as recordações da sua vida dissoluta se lhe agruparam em tumulto no espirito. Lembrou-se do tempo em que tinha uma familia, um lar alegre e feliz; pensou na sua pobre companheira prostrada pelas privações e pelos desgostos; no filho assassinado pelo couteiro, na filha que desapparecera. Guilherme, o enforcado, contemplava-o com um olhar sinistro; e nos ultimos paroxismos da agonia parecia-lhe ver enormes labaredas que subiam até ao céo e tremulavam nos ares ao passo que as aguas do rio zumbindo aos seus ouvidos de um modo atroador lhe abalavam o cerebro com os seus rugidos medonhos.

Passados dias o corpo de Warden era encontrado a boiar algumas milhas a montante da ponte de Waterloo e trazido para a praia. Era uma massa informe, horripilante. Ninguem reconheceu o afogado, ninguem se compadeceu; enterraram-n'o em uma cova onde ha muito jaz desfeito em pó.

CARLOS DICKENS.

ANECDOTA

Falla-se a respeito da condessa X., que brilhou muito nos salões lisbonenses no tempo da rainha D. Maria II, mas que lucta desesperadamente contra as injurias da edade.

— «Ella, agora tem uma apparencia de mumia...»

— «Com effeito, responde uma dama: está muito bem conservada. Fez-se embalsamar ha vinte annos...»

Os ultimos acontecimentos — A expulsão das ordens religiosas

Em Campolide — Soldados protegendo um padre jesuita contra a ira dos populares que o queriam aggredir, julgando partirem de elle os tiros disparados do interior do convento

Soneto

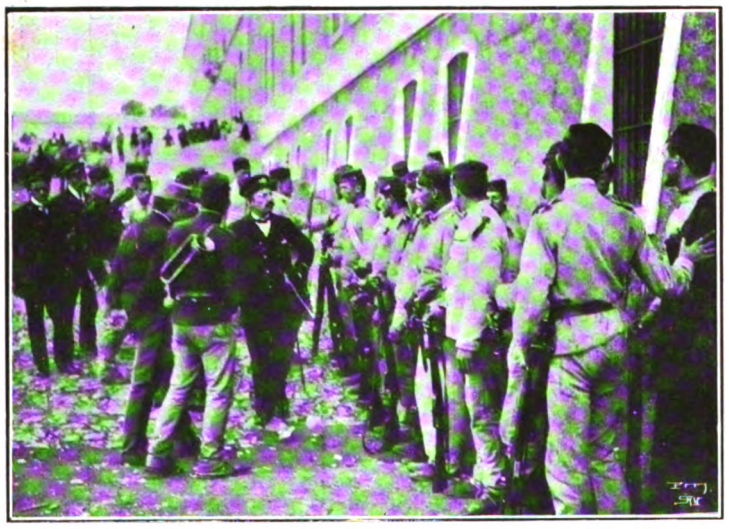
Que poderei do mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desfavor,
E morte, emfim; que mais não pode ser?

Pois me não farta a vida de viver.
Pois já sei que não mata grande dôr,
Se houver coisa que mágoa dê maior
Eu a verei; que tudo posso vêr.

A morte, a meu pesar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou,
Parece-me que para isto só nasci.

(Seculo XVI) LUIZ DE CAMÕES.



Os ultimos acontecimentos — A expulsão das ordens religiosas
Machado dos Santos dando instrucções á força de artilharia que ficou de guarda ao collegio de Campolide

Os ultimos acontecimentos — A expulsão das ordens religiosas
Forças militares retirando do collegio de Campolide
(*Clichés* de A. C. Lima)

Digitized by Google

O fadista

O fadista não trabalha nem possue capitaes que representem uma accumulação de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu proximo. Faz-se sustentar, de ordinario, por uma mulher publica, que elle espanca systematicamente. Não tem domicilio certo. Habita successivamente na taberna, na batota, no chinquilho, no bordel ou na esquadra de policia. Está inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do alcool. E' um anemico, um covarde e um estupido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é concavo, os braços são frageis, as pernas cambadas, as mãos finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e enegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fetida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha.

A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um *santo christo*, que assim chamam technicamente á grande navalha de ponta e triplice calco na mola. E' habitado por uma molestia secreta e por varios parasitas da epiderme. Um homem de constituição normal desconjuntar-lhe-hia o esqueleto, arrombal-o-hia com um socco. Elle sente isso e é traiçoeiro pelo instincto de inferioridade. Não ataca de frente, como o espadachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas com uma agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular — as *escovinhas*.

Os ultimos acontecimentos — Bandos precatorios em favor das victimas da revolução — *Um estudante militar recebendo o obulo d'uma creança, na Avenida Candido dos Reis*

(*Cliché* de A. C. Lima)

Não ha senão uma defeza para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando esta seja manejada por um jogador extremamente dextro.

A guitarra debaixo do braço substitue n'elle a espada á cinta, por meio da qual se acamaradavam com a nobreza os pimpões seus ascendentes do seculo XVI. E' pela prenda de guitarrista que elle entra de gorra com os fidalgos, acompanhando-os ainda hoje nas feiras, nas toiradas da Alhandra e da Aldeia-Gallega, e, uma ou outra vez, nas ceias da Mouraria, onde depois da meia noite se vae comer o prato de *desfeita*, acepipe composto de bacalhau e grão de bico polvilhados de vermelho por uma camada de colorau picante.

Por effeito da tradição na orientação mental da sua classe, elle procura ainda hoje, como ha duzentos annos, parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que são levantados bebedos dos beccos mal afamados, que falam em calão e que fazem troças no Collete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compõe-se hoje principalmente de jovens burguezes fabricantes, filhos de honestos lojistas ou de pacientes alfaiates, desencabrestados da rotina paterna pela educação do lyceu e do collegio nacional, escalavrados pelo alcoolismo e pelo mercurio, profundamente corrompidos, profundamente bestialisados. O fadista imita esses senhores na escolha que elles fazem dos seus trajes de pandega. Usa como elles a bota fina de tacão apiorrado ou o salto de prateleira, a calça estrangulada no joelho e apolainada até o bico do pé, a cinta, a jaleca de astrakan e o chapéo arremessado para a nuca pelo dedo pollegar, com o gesto classico do grande estylo canalha.

Os ultimos acontecimentos

Bandos precatorios em favor das victimas da revolução

No largo da Esperança
O bando precatorio promovido por estudantes militares e civis

A guitarra, seu instrumento de industria e de amor, dedilha-a elle com um desfastio impavido, deixando pender o cigarro do canto do beiço pegajoso, gretado e descahido; com um olho fechado ao fumo do tabaco e outro aberto, mas apagado, dormente, perdido no vago em uma contemplação imbecil; o tronco do corpo cahido mollemente para cima do quadril; a perna encurvada com o bico do pé para fóra; o *cachucho* da amante reluzindo na mão pallida e escura. Tambem canta, algumas vezes, apoiando a mão na ilharga, suspendendo o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando as cordovcias do pescoço e entoando as melopeias do fado, em que se descrevem crimes, toiradas, amores obscenos e devoções religiosas á Virgem Maria, com uma voz soluçada, quebrada na larynge, acompanhada da expressão physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel.

De resto, o fadista não tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco, que lhe foi vista na algibeira cebosa do collete. Na batota concilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condições especiaes em que ama e é

Os ultimos acontecimentos —Bandos precatorios em favor das victimas da revolução — *Um gracioso instantaneo. Exercendo a caridade com um sorriso nos labios .. e no olhar*

(*Cliché* de A. C. Lima.)

Digitized by Google

amado acabam por dissolver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal, para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

RAMALHO ORTIGÃO.

Feitiços

Feitiço é o sortilegio, a fascinação, o olhado. É-se victima de qualquer mal, e soffrem-se as consequencias ignorando as causas — sem outra culpa ás vezes senão a de desejar muito, muito, alguma coisa.

Espera-se um bem, falta por que se aspirou a elle: receia-se um mal, chega porque o attraimos.

O pulsar inquieto e ancioso do coração é uma especie de bulha de passos que faz com que fuja a creatura ou a coisa a que se quer bem.

Dá a sorte pão duro a quem tem sede, e agua a quem tem fome; vivem na abundancia os que estão fartos, e quem fôr só rico de appetite — pede esmola.

Vae a saraiva embirrar com as seáras que o sol tisnou, e derrete-se a neve das moutas por cima dos valles que a chuva inundou já...

Feitiços!

O ir boiando contra a maré pelo rio do tempo adiante.

A Psyche queria tornar a ver o amante, e ao inclinar a lampada, o amante acordou e fugiu...

Voltou-se Orpheu para ver Eurydice, e a adorada creatura caiu logo outra vez no inferno.

O feitiço é um demonio pequeno com um grande archote nas mãos, levantando-o entre as pessoas e o objecto que as seduz: dá-lhes claridade, dá-lhes fulgor, e, á proporção que se está mais perto, principia o demonio a pernear, salta d'aqui, salta d'alli, dando luz a outros objectos que estejam mais distantes, e tornando em sombra o que tinha sido, havia momentos, uma apparição scintillante!

A imaginação popular precisa de casos extraordinarios para se entreter, e não gosta senão do que fôr maravilha, do que estiver superior á humanidade, do que ella não entender...

Não se vê na *Iliada* andarem sempre os deuses a fazer costas aos heroes? Assim é na vida.

Tem cada qual um auxilio sobrenatural a que recorre.

Um uma estrella, outro um oraculo; — este as romagens á Senhora do Cabo, da Nazareth, da Bonança, de Porto Salvo ou da Guia: mas a uma d'ellas de sua feição, e não a outra, porque o que acredita na Senhora da Guia, não dá nada pela do Cabo; aquelle, em perdendo coisa, não ha fazer com que a procure sem resar um responso a Santo Antonio.

O maior dos feitiços, porém, ó leitoras! o feitiço mais arriscado, ó morenas, — o feitiço mais perigoso, ó loiras, é o amor, — sois vós! Aquella de quem uma pessoa gosta, e aquella que gostar de nós!

Julio Cesar Machado.

Os ultimos acontecimentos
Bandos precatorios em favor das victimas da revolução
O bando promovido pelos sargentos do ultramar, passando na rua de Santo Antão

Os ultimos acontecimentos
Bandos precatorios em favor das victimas da revolução
O bando promovido pelos sargentos do ultramar passando no largo de S. Domingos

(Clichés de A. C. Lima.)

Digitized by Google

Frederico Pinheiro Chagas

Com funda magua pômos n'esta pagina o retrato d'este galhardo moço que deixou um nome honrado nas fileiras da marinha portugueza. Coherente com os seus principios, preferiu fazer saltar os miolos a entregar-se sem resistencia no dia tragico da revolta triumphante.

E fêl-o sem uma hesitação, friamente, serenamente, com toda a grandeza da simplicidade.

Durma na tranquillidade da morte o desgraçado rapaz que tantos

Frederico Pinheiro Chagas
2.º tenente da armada
† a 5 de outubro de 1910

olhos amigos ficaram chorando, e curvemo-nos nós sobre a sua sepultura com muito respeito e muita piedade.

*

O unico jornal que narrou, commovidamente, com pormenores, o seu suicidio, em Valle de Zebro, foi o *Correio da Manhã*, que reappareceu em 17 de outubro. Eis as suas palavras, que reproduzimos:

«O maior elogio que se pode fazer a Frederico Pinheiro Chagas, tenente da Armada Real Portugueza, é contar-lhe a morte.

Foi assim.

Como lhe repugnava ficar inactivo e como lhe parecesse que do Arsenal lhe davam noticias desencontradas, Frederico Pinheiro Chagas foi apresentar-se ao Ministro da Marinha, que o mandou para a Majoria, o que o Frederico cumpriu.

Quando o primeiro tenente Almeida Henriques, um official por quem Frederico Chagas tinha muita consideração, desde que fôra seu immediato no *Adamastor*, recebeu ordem para ir a Valle de Zebro buscar os torpedeiros, Frederico pediu licença para ir tambem.

Apesar de lhe não caber ir, como era uma missão de honra, deram-lhe a licença pedida.

Chegados a Valle de Zebro, Frederico Pinheiro Chagas escreveu para casa uma carta em que contava a sua partida para o Valle, onde desejava vêl-os a todos, porque estariam bem mais seguros do que em casa.

E sem desanimos, sem presentimentos, sem negrumes, Frederico era, como sempre, amavel, chamando os irmãos um por um, pelo seu nome sempre carinhosamente adjectivado, até que terminava por lhes mandar, como se estivesse a muitos mezes e muitas milhas de distancia, muitas saudades e muitos beijos, muitas, muitas, muitas, muitas.

Depois, é o tenente Almeida Henriques, um homem de bem, quem conta: a marinhagem revoltou-se; os officiaes consideraram-se prisioneiros das suas praças.

Frederico Pinheiro Chagas parlamentou com os officiaes fieis:

— E' cedo para os officiaes se renderem. E' provavel que d'entre os marinheiros alguns queiram conservar-se fieis e acompanhar-nos.

— Nada, nada, contra a força não ha resistencia. Nós consideramo-nos prisioneiros —, responderam os officiaes.

Frederico Pinheiro Chagas, ao lado de Almeida Henriques, d'ahi por deante, só dizia, de olhos no chão:

— Pois, sim, mas eu não me rendo!... Eu não me rendo!... Render-me, não!... Não me rendo!...

A marinhagem começou a desfilar, e quando o ultimo a marchar se havia afastado alguns passos, sentíram tres tiros: era o Frederico que desfechara o revólver contra o coração, e déra elle mesmo na cabeça mais dois tiros de misericordia.

A ULTIMA CONTINENCIA

Os marinheiros estacaram, viram-o já agonisante, e, descobrindo-se, os mesmos revoltosos retrocederam para desfilar em continencia pelo corpo do official, exclamando:

— Este, sim, foi um bravo!»

Archivamos n'esta pagina a phrase simples da marinhagem revoltada, descobrindo-se perante o brioso militar — foi um bravo!

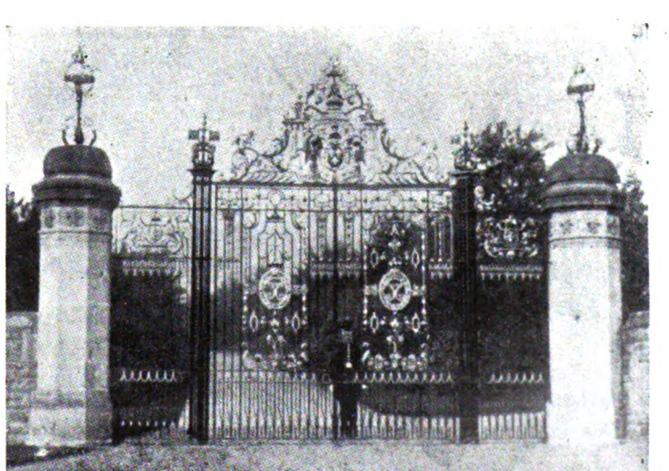
Epitaphio eloquente digno de ser gravado na campa de Frederico Pinheiro Chagas.

Vaidade e orgulho

Definição de Schopenhauer:

«A differença entre a vaidade e o orgulho está em que este é uma convicção bem segura da nossa superioridade em todas as cousas; pelo contrario a vaidade é o desejo de incutir nos outros esta persuasão com uma secreta esperança de se deixar, com o tempo, convencer a si mesmo. O orgulho tem, pois, a sua origem n'uma convicção interior e directa que cada um tem do seu proprio valor; e a vaidade busca um apoio na opinião dos outros para chegar á estima de si mesma. A vaidade torna as pessoas palradoras: o orgulho torna-as silenciosas. Mas o homem vaidoso deveria saber que a alta opinião dos outros, objecto dos seus esforços, se obtem muito mais facilmente por um silencio continuo do que pela palavra, ainda mesmo que haja para dizer as mais bellas cousas. Quem aspira não é orgulhoso; e, quando muito, póde simular um orgulho que, todavia, como todas as cousas convencionaes, não saberá sustentar-se até ao fim porque unicamente a convicção firme, profunda, inabalavel que cada um tem de possuir qualidades superiores e excepcionaes é que póde causar o orgulho. Embora essa convicção seja erronea, ou apenas repouse sobre vantagens exteriores e de convenção, se é séria e sin-

Fachada principal do palacio de Wood-Norton, residencia do Duque e Orléans, onde actualmente habita o Senhor D. Manuel



Uma das portas do palacio de Wood-Norton

Digitized by Google

cera, em nada prejudica isso o sentimento do orgulho — porque o orgulho tem as suas raizes na nossa convicção e, exactamente como qualquer outro conhecimento, não depende da nossa vontade. O seu peor inimigo, o seu maior obstaculo, é a vaidade que busca os applausos dos outros sómente para crear uma alta opinião de si mesma emquanto que o orgulho faz suppôr que esse sentimento já está em nós inteiramente arraigado.

Muitas pessoas censuram e criticam o orgulho. Essas, sem duvida, nada teem em si por que possam tornar-se orgulhosas.»

Egrejas, mosteiros e capellas

Rio de Janeiro. — *Egreja de S. Francisco de Paula*

Theatros

Nacional. — Republica. — Gymnasio. — Trindade. Apollo. — Avenida. — Colyseu

Estão abertos quasi todos os theatros de Lisboa. No pouco tempo decorrido já algumas peças novas teem sido acolhidas com agrado, o que, avolumado com as promessas de alguns emprezarios, faz prever que deve ser brilhante e cheia de attractivos a presente época theatral.

O **Nacional** — creio que o leitor estará já ao corrente da chrisma applicada a alguns dos nossos theatros — inaugurou a época com o *Burguez Fidalgo*, de Molière, que constituiu um legitimo successo no inverno passado, e que manteve agora os seus créditos, mercê da sua *verve* e do bom desempenho por parte de todos os artistas. Deu-nos a seguir a obra do grande dramaturgo italiano Roberto Bracco, *Perdidos nas trevas*, peça de grande intensidade dramatica, sem complicações de enredo; um estudo de typos, a que nós os portuguezes usamos appellidar de *falhados:* são os que não teem a coragem de arrostar com a vida, tal ella se lhes apresenta. Uns *descem* esbanjando quantias loucas em orgias que os levam á miseria, outros, aviltam-se para possuir o dinheiro que lhes pague o luxo que ambicionam, — são todos uns *perdidos* n'este valle de lagrimas da vida — *treva* eterna. Fez a empreza acompanhar esta interessante peça com a comedia *Como se escolhe um genro*, um acto que é um verdadeiro successo de gargalhada. Em *reprise* tivemos depois o *Marido Ideal*, de Oscar Wilde, e para breve annuncia-se a *Lei do Divorcio*, de Augusto de Lacerda.

No **Republica,** que conseguiu reunir este anno na sua companhia, já de si excellente, numerosos elementos de valor, que andavam dispersos, como Adelina Abranches, Ferreira da Silva e Eduardo Brazão, assistimos no dia 29 á inauguração da temporada com a peça *A primeira causa*, de Bisson, traducção de Cunha e Costa, que apenas dera duas representações na ultima época, continuando a mostrar os seus muito recursos. Angela Pinto, Augusto Rosa e Azevedo. No mesmo theatro subirão á scena este anno dois originaes do grande dramaturgo Marcellino Mesquita e um outro de Julio Dantas, além de outras peças portuguezas do antigo repertorio do **Nacional.**

Lucinda Simões e Christiano de Sousa, que actualmente dirigem a companhia que trabalha no **Gymnasio,** puzeram em scena com grande exito duas traducções do francez — *O Filho de Coralia* e *Paixões passageiras*, de generos completamente differentes: a primeira dramatica e a segunda com situações comicas, mais no genero preferido pelo publico d'aquelle theatro. Os dois grandes artistas tomaram parte no desempenho de ambas as peças, em papeis que foram verdadeiras creações, sendo secundados pelo trabalho valioso dos restantes artistas, entre os quaes se encontram alguns de valor, como Judith de Mello, Lucilia, Cardoso e Telmo.

No **Trindade,** a companhia Alves da Silva tem feito representar o *Rei maldito*, de Marcellino Mesquita, *O marquez de Pombal*, *Vida de um rapaz pobre*, *Grande industrial*, *Conselho de guerra*, *Filha do mar*, e ultimamente, em recita dedicada ao Governo da Republica, a peça de grande espectaculo *Tomada da Bastilha*, traducção de Salvador Marques, que foi um verdadeiro exito. Tem sido tão extraordinario o agrado obtido pela companhia, que o seu emprezario resolveu alugar o theatro da **Rua dos Condes,** para ahi fazer a temporada de inverno, em virtude de não poder continuar os seus espectaculos no **Trindade,** pelo motivo do proximo regresso da companhia Taveira, que fez carreira no Brasil.

O Major Magnesia, *A luva branca*, e o *Sol e sombra*, teem dado enchentes seguidas ao theatro **Apollo** que para breve prepara uma revista, de que nos dizem maravilhas.

O **Avenida** tem-se limitado a passar o repertorio antigo, que é excellente, promettendo-nos para breve grandes novidades.

No **Colyseu** continua em pleno successo, com grande affluencia de publico, a companhia de variedades contractada pelo intelligente emprezario Antonio Santos.

E... saude e fraternidade.

RUY.

A proposito do Centenario da Guerra Peninsular

Composição allusiva á batalha do Bussaco

Copia d'uma aguarella do nosso collaborador dr. Valle e Sousa, na qual avultam duas balas de ferro que foram achadas no campo onde se deu a batalha, vendo-se na parte inferior do desenho, um trecho da esplanada junto da qual se eleva a capellinha de Nossa Senhora da Victoria e das Almas, tambem denominada do Encarnadouro, *memoravel por ter servido de hospital de sangue na occasião da batalha que se feriu nas suas visinhanças.*

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa

16 DE NOVEMBRO DE 1910 N.º 284

Republica Portugueza

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto — *O sr. dr. Antonio José de Almeida, ministro do interior, agradecendo as acclamações da academia*
(*Clichê* de A. C. Lima).

Digitized by Google

REPUBLICA PORTUGUEZA

A primeira viagem ministerial ao norte

No Porto. — *Na praça da Liberdade (antiga praça de D. Pedro) — O povo aguardando a chegada dos ministros do interior e da guerra*

(*Clichés* de J. Benoliel). **Republica Portugueza.** — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

A chegada dos ministros do interior e da guerra ao Porto — Commissões e associações com os seus estandartes

Digitized by Google

Republica Portugueza. — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — *No quartel da Guarda Nacional Republicana — A officialidade e ao centro, no primeiro plano, os srs. dr. Paulo Falcão, governador civil do Porto, coronel Barreto, ministro da guerra, dr. Antonio José de Almeida, ministro do interior, e general Pimenta de Castro*

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Abdel-Hazis-Ben-el-Hassan em Lisboa. Um ex-sultão que sabe levar a vida. — Os povos de Santarem e Abrantes veem a Lisboa cumprimentar o governo provisorio e auctoridades. Piedosa romagem ás sepulturas do almirante Reis e dr. Bombarda. — A primeira viagem ministerial ao Norte foi um verdadeiro triumpho. — Pelas victimas da revolução. Um bando precatorio de senhoras. — Uma festa de creanças. A matinée *do Colyseu. Uma tarde inolvidavel.*

A interessante e emocionante fita cinematographica que tem sido as ultimas semanas da vida lisboeta, teve ha dias uma passagem curiosa: a chegada de uma singular personagem.

No dia 3 e pelo *sud-express*, chegou a Lisboa o ex-sultão de Marrocos Muley-Abdel-Azis-Ben-el-Hassan, vindo de Sevilha, onde terminara uma missão diplomatica, segundo leio nas gazetas e creio, comquanto não perceba que negocios diplomaticos possam ser tratados em Sevilha.

O ex-sultão é uma figura singular. Não conseguiu interessar a multidão, n'este momento preoccupada com os importantes acontecimentos internos; no entanto a sua curta passagem em Lisboa foi uma nota destacante de exotico no meio dos acontecimentos politicos.

Abdel Azis é de elevada estatura, muito moreno, barba negra em bico, olhar penetrante. Vestiu sempre o seu trajo especial: ampla tunica branca com albornoz da mesma côr. Na cabeça um turbante egualmente branco e côr de rosa. Babuchas e meias de seda. Acompanhava-o o secretario, um mouro que parecia andar em bicos de pés, alheio a tudo, attento apenas aos menores gestos do seu illustre senhor e amo. Este vestia o gibão azul, que é uniforme marroquino que nunca soffre alteração e o tradicional barrete vermelho.

Abdel Azis, que tem umas poucas de esposas authenticas e algumas honorarias, todas de se lhes tirar o chapéu, chegou a Lisboa quando o governo dava a ultima demão na lei do divorcio, que fez luzir o olho maroto da augusta personagem, naturalmente avessa á escravidão do matrimonio com uma só. Como todo o estrangeiro que se presa, visitou o museu de artilharia, o dos coches reaes e os Jeronymos. Comeu os tenros bifes do Hotel Central, bebeu a demorados golos o seu calice do Porto estendendo o ardente olhar pelo Tejo de crystal e sem espalhafato poz-se ao fresco. ao que parece a caminho da Belgica, onde tem a educar alguns quarteirões de filhos. Vi-o na estação do Rocio, escoando-se como uma aventesma de ballada. Parecia muito satisfeito. Ainda bem.

Que faça uma feliz viagem.

* * *

De Santarem e Abrantes vieram ultimamente a Lisboa cumprimentar os membros do governo provisorio, a auctoridade administrativa, camara municipal, directorio republicano, etc., alguns milhares de pessoas.

As duas excursões politicas foram imponentissimas, mórmente a abrantina. N'esta tomaram parte mil e quatrocentas pessoas que foram recebidas com grande enthusiasmo por uma enorme multidão, que a acompanhou ao cemiterio do Alto de S. João em visita piedosa ás sepulturas do vice-almirante Candido dos Reis e dr. Miguel Bombarda. A manifestação revestiu extraordinaria imponencia. Os covaes dos illustres democratas desappareciam sob montões de flores depostas pelos abrantinos, mórmente pelo elemento feminino que se fez representar largamente. Houve sentidos discursos, após os quaes os representantes do povo de Abrantes, sempre seguidos por grande multidão, foram cumprimentar os membros do governo e mais auctoridades.

* * *

A primeira viagem ministerial ao Norte foi um verdadeiro triumpho para a Republica. Os ministros do interior e guerra, dr. Antonio José de Almeida e coronel Correia Barreto, partiram para o Porto no rapido da manhã de 6 em visita á capital do norte e a alguns estabelecimentos de instrucção e militares.

A visita dos dois ministros teve uma alta significação politica, porquanto, além de constituir uma deferencia merecidamente dis-

Republica Portugueza. — A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — *No quartel da Guarda Nacional Republicana O sr. ministro do interior falando aos soldados*

(*Clichés* do J. Benoliel).

Digitized by Google

(*Cliché* de J. Benoliel). **Republica Portugueza**

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — *Os srs. ministros da guerra e do interior dirigindo-se á Camara Municipal*

pensada aos povos do norte pelo novo regimen, foi a primeira de caracter official que o governo effectuou.

Foi, como dissemos, um verdadeiro triumpho, essa viagem. Tanto nas estações do percurso como no Porto, os dois membros do governo foram victoriadissimos, recebendo as mais inequivocas demonstrações de apreço e affecto por parte de todas as classes sociaes, que todas se fizeram representar nas diversas estações de caminho de ferro e na capital do norte.

Em Alhandra, na Azambuja, na Figueira, em Coimbra, Aveiro, Espinho e Gaya a multidão apinhava-se nas estações e proximidades fazendo manifestações extraordinarias aos ministros. Em alguns pontos foi um verdadeiro delirio, segundo o relato dos telegrammas para os jornaes.

No Porto as demonstrações de affecto ao novo regimen nas pessoas dos seus representantes excederam tudo o que se possa imaginar. Uma verdadeira apotheose.

* * *

A imprensa, alguns gremios e simples particulares proseguem na acção benemerente de soccorrerem as victimas sobreviventes da revolução. As subscripções abertas nos jornaes e estabelecimentos publicos attingem cifras elevadas e dão bom rendimento os espectaculos realisados com tão humanitario fim.

Os bandos precatorios succedem-se, com resultados magnificos. A alguns d'elles me referi, de passagem, na chronica anterior. Outros, depois d'essa data, se realisaram. Um, porém, destacou d'entre elles: o organisado por um grupo de senhoras e que a despeito do mau tempo se realisou na manhã de 6 do corrente, dando, ainda assim resultados apreciaveis. Pena foi que a intemperie não permittisse que o bando percorresse todo o itinerario marcado, porque os resultados seriam sem duvida excellentes.

* * *

As Juntas de Parochia de Lisboa coroaram soberbamente a sympathica obra a que se teem vindo consagrando, de dar banhos do mar, gratuitos, ás creanças pobres das diversas freguezias, realisando no domingo, 7, uma festa encantadora no Colyseu dos Recreios.

Perto de cinco mil creanças, que se deram *rendez-vous* no Terreiro do Paço, seguiram n'uma alegria doida, em cortejo bem organisado, da vasta praça até á rua de Santo Antão. Foi um espectaculo lindo, tocante, o d'esses milhares de pequenitos cantando n'um enthusiamo que não se descreve a *Portugueza*.

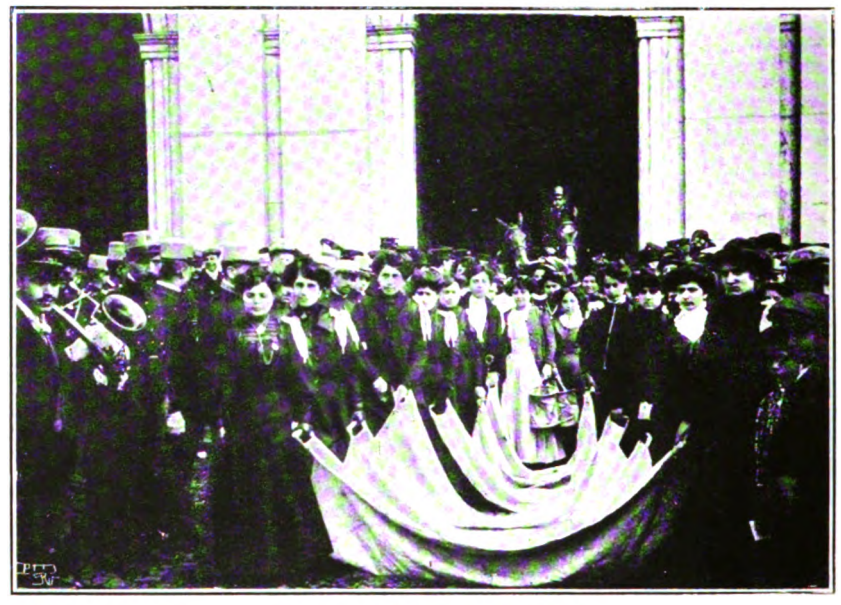
A's duas horas e meia da tarde o aspecto do magnifico amphitheatro era surprehendente. Toda aquella petizada, afora muitas outras creanças que aguardavam no circo o espectaculo, invadiram as galerias, a geral, os camarotes, a plateia, até o amphitheatro armado em palco, n'uma alegria, n'um enthusiasmo que se não descreve.

Não se imagina o que foi esse espectaculo. Durante duas horas todos os numeros foram delirantemente applaudidos pelos pequeninos espectadores. Os palhaços tiveram, certamente, as maiores ovações que teem ouvido. Era de ver, toda aquella petizada, suffocada de riso, d'este são, despejado, irreprimivel riso que só se tem n'aquellas edades, palmeando, gritando, barafustando... Quando a orchestra tocava a *Portugueza* ou a *Maria da Fonte* milhares de vozes cantavam esses hymnos patrioticos no meio de manifestações imponentissimas. Uma d'estas, verdadeiramente commovente, foi feita pelas creanças ao emprezario do Colyseu, sr. Antonio Santos, a quem os petizes demonstraram a sua gratidão com palmas, vivas e flores.

Uma tarde inolvidavel, essa.

CAMARA LIMA.

Um bando precatorio promovido por senhoras em favor das victimas da revolução



(*Cliché* de A. C. Lima). *A' porta da Camara Municipal*

(*Cliché* de J. Benoliel). **Republica Portugueza**

A PRIMEIRA VIAGEM MINISTERIAL AO NORTE

No Porto. — *O sr. ministro do interior, acompanhado do governador civil, descendo a calçada de Monchique afim de visitar uma escola official*

1851 — A lucta em Paris

N'este momento agitado da vida nacional que vamos atravessando não vem fóra de proposito o recordar quanto as gerações, que antecederam a presente, luctaram pela liberdade, nas assembléas, nos comicios, nos campos de batalha.

Por isso tem interesse de actualidade o palpitante episodio d'aquella refrega, abaixo transcripto, traçado por Victor Hugo, o grande pensador, que soube personificar com toda a força do genio e todas as energias da vontade as aspirações liberaes do seu tempo.

Pena foi que, após tanto sangue, tantas lagrimas, tanto luto se fosse ostentar sobre um throno essa corôa imperial, manchada de

Digitized by Google

A expulsão das ordens religiosas

Do forte de Caxias para o Limoeiro

Chegada dos jesuitas dos collegios do Barro e de Campolide á estação do Caes do Sodré

(*Cliché* de A. C. Lima).

tanto lodo, que mais tarde ignominiosamente se despenhou no abysmo de Sédan.

A barricada da rua Meslay

A primeira barricada da rua Saint-Martin foi construida á altura da rua Meslay.

Uma carroça grande é virada e atravessada na rua, arrancam-se as pedras do pavimento e algumas lages do passeio.

Esta barricada, parapeito de defeza de toda a rua insurgida, não póde ser senão um obstaculo momentaneo.

O monte de pedras em parte alguma excedia a altura de um homem e n'um terço da barricada nem sequer dava pelo joelho.

— Isto é bom para morrermos todos aqui, diz um garoto que anda rebolando pedras.

Cem combatentes tomaram posição atraz. Pelas nove horas o movimento de tropas annunciava o combate. As testas de columna da brigada Marulaz occupam o angulo da rua do lado do *boulevard*. Uma peça é posta em bateria deante da porta Saint-Martin no enfiamento da rua.

A tropa com o ameaçador canhão e a barricada com as suas espingardas ficam-se observando mutuamente no silencio triste que precede o choque. Bem depressa é dada ordem de ataque geral. O fogo começa. A primeira bala passa por cima da barricada e vae ferir em pleno peito uma mulher a uns vinte passos atraz. Cae com o ventre aberto. O fogo torna-se vivo sem damnificar muito a barricada. A peça está perto; as balas passam alto.

Os combatentes que ainda não perderam um homem, recebem todas as balas ao grito de: Viva a Republica! mas sem atirarem.

Ha poucos cartuchos e é preciso poupal-os. De repente o regimento 49 desemboca em columna cerrada.

A barricada faz fogo.

O fumo que encheu a rua, dissipa-se deixando a descoberto uma dezena de homens sobre o pavimento, e os soldados em desordem ao longo das casas.

O chefe da barricada grita: perdem terreno, fogo! não percam uma bala!

A rua fica algum tempo deserta. A peça continúa o fogo. De dois em dois minutos vem uma bala que não acerta no alvo.

Um homem, que tem uma espingarda de caça, approxima-se do chefe e diz-lhe:

— Desmontemos a peça, matemos os artilheiros.

— Porquê? pergunta o chefe sorridente. Elles não nos fazem mal, não lh'o façamos tambem.

Entretanto ouve-se distinctamente o clarim do outro lado do massiço de casas que encobrem as tropas, postadas no quadrado Saint-Martin; novo ataque se prepara.

Este ataque será necessariamente encarniçado.

Se destroem a barricada, a rua toda é varrida á bayoneta. As outras barricadas são ainda mais fracas que a primeira e menos defendidas. Os burguezes deram as suas armas e metteram-se em casa.

E', pois, preciso sustentar a barricada o maior tempo possivel. Mas que fazer e como resistir?

Ha apenas dois cartuchos por homem.

Um abastecimento inesperado lhes vem.

Um homem moço — posso nomeal-o, porque morreu, — Pierre Tissié, que era operario e tambem poeta, trabalhou uma parte da manhã na barricada e, no mais vivo do combate, sae allegando que não lhe dão espingarda.

Dizem os companheiros: eis um que tem medo.

Pierre Tissié não tem medo. Deixa a barricada, e como traz comsigo só uma faca catalã, abre-a e segue á ventura.

Ao sair da rua Saint-Sauveur encontra á esquina de uma ruasita deserta, em que todas as janellas estão fechadas, uma vedeta decerto postada ali por qualquer força pouco distante.

O soldado estava com a espingarda ao alto prompto a disparar. Ouviu os passos de Pierre Tissié e grita:

— Quem vem lá?

— A morte! responde Pierre Tissié.

O soldado desfecha, mas não alveja Tissié, que salta sobre elle e o abate com um golpe da sua faca.

O ferido cae deitando sangue pela bôca.

— Não sabia falar tão bem, murmura Pierre Tissié.

E accrescenta: A' ambulancia!

Carrega com o soldado ás costas, levanta a espingarda, que tinha caido por terra e volta á barricada.

— Trago um ferido, disse.

— Um morto, lhe respondem.

Com effeito o soldado acaba de expirar.

— Infame Bonaparte! exclama Tissié. Pobre soldado!

E' o mesmo, tenho uma espingarda.

Despejam a mochila e a cartucheira do morto.

Dividem entre si os cartuchos, que eram em numero de cento e cincoenta. Apparecem duas moedas de ouro de dez francos, paga de dois dias desde 2 de dezembro.

Lançam-nas no chão; ninguem as quiz.

Distribuem os cartuchos aos gritos de: Viva a Republica!

Entretanto os assaltantes collocam um obuz ao lado da peça.

Mal se tinha acabado a distribuição dos cartuchos, quando apparece a infanteria, que se precipita com as bayonetas sobre a barricada. O segundo ataque, como se previa, é acerbo. Repellem-no. Por duas vezes a infanteria volta á carga, duas vezes recúa deixando a rua juncada de mortos.

No intervallo dos assaltos um obuz fura e desmantela a barricada. O canhão metralha.

A situação é desesperada; os cartuchos estão esgotados.

Alguns começam a retirar-se deixando as espingardas. Para se escaparem não ha senão a rua Saint-Sauveur, e para attingir a esquina d'ella é preciso transpor a parte mais baixa da barricada, onde ficam quasi completamente descobertos. Ahi chovem balas incessantemente.

Tres ou quatro ficam mortos, um dos quaes, como Baudin, com uma bala n'um olho. O chefe da barricada acha-se só com Pierre Tissié e uma creança de quatorze annos, a mesma que tinha rebolado tantas pedras. Annuncia-se terceiro ataque, e os soldados começam avançando ao longo das casas.

— Vamo-nos, diz o chefe da barricada.

— Eu fico, diz Pierre Tissié.

— E eu tambem, diz o rapaz, e accrescenta: — Não tenho pae nem mãe, tanto se me dá.

O chefe dispara o ultimo tiro e retira-se, como os outros, pela parte baixa da barricada.

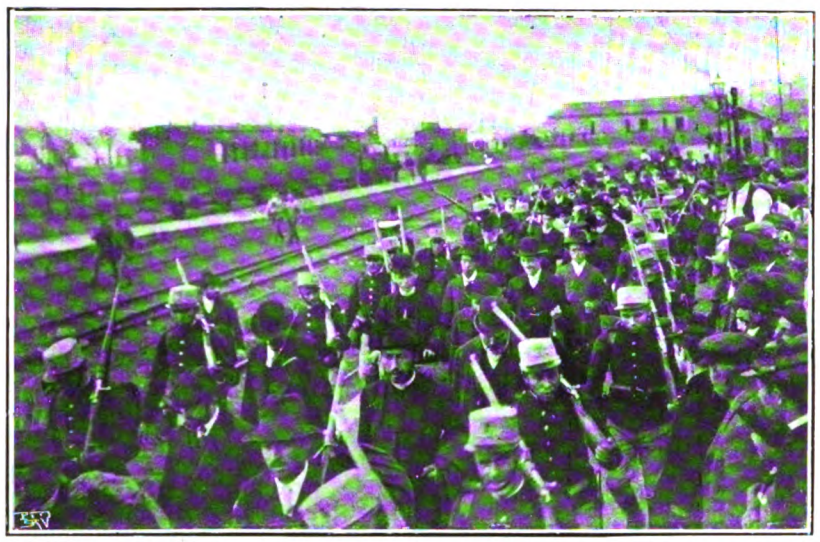
Uma descarga deita-lhe o chapéu a terra; abaixa-se e apanha-o.

A expulsão das ordens religiosas

Do forte de Caxias para o Limoeiro. — *Os jesuitas saindo da estação do Caes do Sodré*

(*Cliché* de J. Benoliel).

Digitized by Google



A expulsão das ordens religiosas

Do forte de Caxias para o Limoeiro. — *Na estação do Caes do Sodré*
Os jesuitas no meio da força armada

Os soldados não estão a mais de vinte passos. Grita aos dois que ficam:

— Vinde!

— Não, diz Pierre Tissié.

— Não, diz o rapaz.

Alguns instantes depois os soldados escalavam a barricada já meio derruida. Tissié e o garoto foram mortos á bayonetada.

Abandonaram n'esta barricada umas vinte espingardas.

Victor Hugo — *(Histoire d'un Crime.)*

Trad. de Eduardo V. Marrecas Ferreira.

A bandeira portugueza

Tem a maior opportunidade o seguinte artigo que sobre este assumpto publica *O Paiz* e que com a devida venia vamos transcrever, accrescentando-lhe no final algumas observações que a sua leitura nos suggeriu:

O vandalismo irrepublicano

«Em certo congresso republicano propoz um congressista que a futura bandeira da republica fosse *encarnada côr de sangue* e *verde côr de salsa*. O congresso, não ligando ao caso maior importancia, approvou isso, como outras cousas incompativeis com uma republica, em que a estabilidade e a ordem se harmonisam com o progresso.

Feita a republica no espirito e no coração do povo portuguez, faltava varrer por um acto violento a monarchia constituida.

A força *(bando)* republicana tinha de distinguir-se da monarchia e adoptar uma *bandeira* differencial: e foi adoptada a *vermelha e verde* votada no tal congresso.

Ao cabo de trinta horas de lucta venceu a republica.

Eis que os congressistas do *vermelho e verde* e alguns combatentes querem que a *bandeira da nação portugueza* seja *vermelha e verde* em vez de *azul e branca*, como tem sido desde épocas prehistoricas até ao presente.

Os partidarios da santa madre egreja e da divina realeza querem estampado no centro do *vermelho e verde* o escudo das quinas.

Não querem os livres pensadores o escudo das quinas, e propõem que seja substituido pela *esphera armillar*, symbolo das glorias do povo portuguez, alcançada nos descobrimentos geographicos.

O governo nomeia uma commissão para resolver o assumpto, e ella, para não ficar mal com Deus nem com o diabo, enfeixa no vermelho e verde o escudo das quinas sobre e asphera armillar; só o

(Clichés de J. Benoliel). **A expulsão das ordens religiosas.** — Do forte de Caxias para o Limoeiro

Os jesuitas do Barro e de Campolide a caminho do Limoeiro, protegidos por forças de infantaria e cavallaria

Digitized by Google

A expulsão das ordens religiosas

Grupo de padres e alumnos dos collegios do Barro e de Campolide tirado no forte de Caxias

(*Cliché* de J. Benoliel).

azul e branco, representante dos roubos e torpezas da monarchia constitucional, é banido.

Ora a bandeira *azul e branca* é ha cerca de um seculo conhecida em todo o mundo como representante do povo portuguez, e os vinte milhões de habitantes das colonias portuguezas por ella distinguem o *portuguez*, a que chamam *branco*, do *inglez*, *francez*, e *allemão*, que frequentemente ahi se querem introduzir com damno no dominio portuguez.

Achamos inutil circumstanciar o prejuizo financeiro, economico e politico trazido pela mudança radical de bandeira.

Ha diversas especies de *bandos* (associações), e, consequentemente, variadas especies de *bandeiras*. A bandeira *nacional* representa um povo ou raças. Assim como os individuos teem predilecção por certas côres, tambem os povos teem as suas côres favoritas.

A côr predilecta do lusitano (portuguez) é a *azul e branca*.

Os chefes lusitanos, nossos antepassados, usavam grandes collares de bagas (contas grossas) de uma especie de porcelana *branca* esmaltada de *azul;* e estimavam-nos tanto que nas suas disposições testamentarias determinavam querer leval-os para a sepultura.

Quando o conde Henrique de Borgonha foi investido no condado portucalense, situado no centro da Lusitania, adoptou no seu escudo as côres *azul e branca* usadas pelos chefes lusitanos.

Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, usou no escudo, como o de seu pae, uma cruz azul em campo branco.

Com o labaro *azul e branco* foram os musulmanos expulsos da parte da Lusitania, em que se fundou o reino de Portugal; e mais tarde, no primeiro quartel do seculo XIX, sob a bandeira *azul e branca*, se libertaram os portuguezes do dominio inglez, a que os entregara D. João VI.

Sob esta insinuante bandeira, em que se reflecte o céo e o sol da bella Lusitania, foram pelas côrtes de 21 e 22 proclamados os direitos do homem e os principios da liberdade moderna; ella presidiu á *soberania popular*, representada n'aquellas côrtes, que fecharam, para todo o sempre, as portas infernaes da nefanda inquisição e lhe apagaram as fogueiras homicidas.

Santa bandeira aquella que franqueou a agua das fontes publicas, vendida aos pobres pelos senhores, a que os reis haviam enfeudado vidas e cidades.

Em 1834 a bandeira *azul e branca* eliminou os jesuitas e extinguiu as congregações religiosas, socialisando as propriedades açambarcadas pelos frades e freiras, imprimiu rapidamente á nossa população um crescimento avultado, ampliou o commercio e a industria e trouxe a elegancia, a alegria e a abundancia á sociedade portugueza depauperada por tantas associações parasitarias.

A' sombra d'essa malefica bandeira se crearam as escolas polytechnicas, se ampliaram as de medicina, se instituiram as de bellas artes e as industriaes.

Malefica bandeira essa sob a qual se aboliu a pena de morte e foram queimados os patibulos.

Sob essa bandeira côr de sol e côr do céo foram extinctos os morgados, enriquecida e socialisada a terra.

Sob ella, a maldita, foi estabelecido um suffragio universal razoavel e instaurada a representação das minorias administrativas e parlamentares.

Sob essa bandeira côr do céo e côr do sol se crearam ministros, escriptores e sabios de primeira grandeza — historiadores, naturalistas, anthropologos, archeologos, exploradores africanos, poetas, dramaturgos, romancistas e geologos.

Sob a tal nefanda bandeira *azul e branca*, se poude crear e desenvolver o partido republicano, que no fim de quarenta annos libertara o povo portuguez da superstição dos padres e da avareza cruel dos reis.

A bandeira azul e branca é pois o estandarte gentilico e glorioso do povo portuguez; á sombra d'ella se constituiu em Portugal uma civilização ainda não attingida pela Inglaterra e até pela propria França.

* * *

Nas côres nacionaes *azul e branco*, ha que estampar a *esphera armillar*, symbolo dos descobrimentos geographicos realizados pelos portuguezes nos seculos XV e XVI, porque esses descobrimentos são a base da civilização moderna, e trouxeram á Europa da edade média, obscurante, faminta e sanguinaria, a paz, a instrucção e a abundancia.

* * *

Da bandeira azul e branca ha só que eliminar o escudo, symbolo da realeza, da superstição e de um dominio inexacto.

Visita do sr. ministro da justiça á Casa de Correcção de Caxias

Da esquerda para a direita: *Dr. Affonso Costa, padre Antonio de Oliveira, sub-director da Casa de Correcção, e dr. Eusebio Leão, governador civil de Lisboa*

(*Cliché* de A. C. Lima).

Digitized by Google

Os republicanos de Abrantes em Lisboa

No cemiterio do Alto de S. João
Prestando homenagem a Miguel Bombarda e a Candido dos Reis

O que no escudo chamamos *quinas* é, como clara e incontestavelmente se prova pelas moedas dos primeiros reis de Portugal, uma cruz formada por cinco escudetas gutiformes com um numero variavel de anneis similhando os olhos das chagas...

Nas moedas de Sancho II a cruz das chagas é substituida algumas vezes por uma cruz regular e inteiriça, tendo entre os quatro angulos dos braços quatro cravos com o bico para dentro.

Tanto a cruz das chagas como a do lenho são clara allegoria da religião christã adoptada pelos primeiros reis contra o islamismo dos arabes e mouros.

Oh! querem conservar na bandeira republicana esse symbolo de embrutecimento, de espoliação, de torturas e de morte?

Isso que armou a mão do assassino de Miguel Bombarda e de Candido dos Reis, que matou de miserias Heliodoro Salgado e Felizardo de Lima; que durante a inquisição emparedou, atormentou, queimou e roubou centos de milhares de victimas; que de 1828 a 1833 encheu de patibulos a nossa boa terra para gaudio da curia romana; isso não pode figurar na bandeira republicana do povo portuguez.

Os sete castellos representando as antigas sete provincias de Portugal não teem razão de ser; as provincias de Portugal são actualmente oito na Europa e dez por esses mares afóra; ao todo dezoito que podem ser representadas por um rectangulo no canto superior do azul perto da haste por dezoito estrellas de ouro.

Temos assim que a bandeira nacional da republica portugueza seria um *estandarte azul e branco;* no centro a *esphera armillar* com fundo vermelho e arcos amarellos; no canto superior do azul dezoito estrellas de ouro representantes dos dezoito estados *unidos* da nossa republica federal portugueza.

* * *

E a bandeira *vermelha e verde*, labaro dos guerreiros que esmagaram a monarchia?

Fica sendo a bandeira de guerra usada pelas unidades militares da republica portugueza. Não é cousa estranha; outras nações teem tambem duas bandeiras — uma civica e outra de guerra. Tudo é logico e conciliavel, excepto o absurdo.»

João Bonança.

* * *

Estamos perfeitamente d'accordo com o illustre escriptor no que respeita ás côres da bandeira portugueza. Não se póde dizer mais nem melhor em favor da bandeira azul e branca e, depois do que dito fica, todos os argumentos produzidos em prol da bandeira encarnada e verde não são senão outras tantas razões para a não adoptar como insignia nacional porque todos elles tendem a demonstrar que foram essas as côres escolhidas pelo partido republicano para á sombra d'ellas derrubar as instituições monarchicas. E' pois a bandeira de um partido e como tal não póde ser a insignia da nação. A bandeira da patria não deve ter politica e só deve servir para apagar resentimentos. Impôr ao paiz uma bandeira nova o mesmo é que lembrar-lhe luctas sangrentas que devem esquecer para que todos unidos possamos trabalhar pela maior grandeza da patria que é de todos os portuguezes. Não se imponha aos vencidos a bandeira dos vencedores porque isso faria lembrar as antigas guerras em que havia senhores e escravos.

Não, não se divida a nação em dois grupos. E' má politica. Aqui não deve haver vencidos nem vencedores. Aqui só existem portuguezes — os descendentes dos velhos lusitanos — para quem eram sagradas as côres azul e branca.

Acatem-se as palavras de João Bonança que além de ser um mestre, é um republicano sincero, de velha data. Respeite-se a opinião de Guerra Junqueiro que além de republicano *sente* como poeta que é. Tenha-se emfim em consideração a opinião de José Bruno e de tantos outros que sinceramente amam o seu paiz e que não são nem eram monarchicos.

O artigo de João Bonança é uma lição de historia e de patriotismo da qual só discordamos no que se refere ao escudo, aos castellos e ás quinas que nunca considerámos como emblema da realeza mas simplesmente como insignia guerreira e nacional devendo como tal conservar-se pelas mesmas razões apontadas em favor do azul e branco.

A' sombra da bandeira das quinas, não o esqueçamos nunca, Portugal teve dias épicos de grandeza!

ANECDOTAS

No theatro de S. Carlos:

Um critico conversa com o director.

— «Ah! exclama este. Haverá alguma coisa mais insupportavel que as pretensões dos grandes artistas?»

— «Sim senhor, responde o critico. As dos pequenos!»

No Chiado:

— «Quem é aquella senhora que tu acabas de cumprimentar?»

— «E' a mulher de... dois dos meus amigos.»

Um bohemio vê-se ao espelho de uma *montre* da rua do Oiro, e suspira melancholicamente:

— «Camisa preta e cabellos brancos... Se pudesse ser o contrario!...»

Os republicanos de Abrantes em Lisboa — No cemiterio do Alto de S. João — *O sr. João Martins Junior, organisador da excursão, discursando junto das campas de Miguel Bombarda e Candido dos Reis*
(Clichés de A. C. Lima).

Digitized by Google

No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de Janeiro

O governador civil do Porto, dr. Paulo Falcão, entregando ao 2.º sargento Pires, da Guarda Fiscal, a bandeira que foi hasteada em 31 de janeiro

Os instantaneos que illustram esta pagina referem-se á manifestação funebre de homenagem ás victimas do 31 de Janeiro, realisada na cidade do Porto, no dia de Todos os Santos.

O cortejo foi organisado da rua da Alfandega e tomaram parte n'elle officiaes e soldados da guarda republicana, a banda de infantaria 18, as escolas dos centros republicanos e varias associações com as respectivas bandeiras.

O cortejo foi até ao cemiterio do Prado, onde se pronunciaram varios discursos, sendo deposta uma corôa de bronze no monumento levantado á memoria das victimas da revolta de 31 de janeiro.

No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro
O monumento á memoria das victimas no cemiterio do Prado

Os sapatos encarnados

Era uma vez uma pequenita delicadinha e devéras encantadora. No verão andava sempre descalça, porque sua mãe, que era uma pobre viuva, não podia comprar-lhe sapatos; no inverno trazia tamancos muito grossos; mas estes não lhe resguardavam os pésinhos, que se faziam encarnados com o frio.

No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro
O cortejo desfilando deante da Camara Municipal

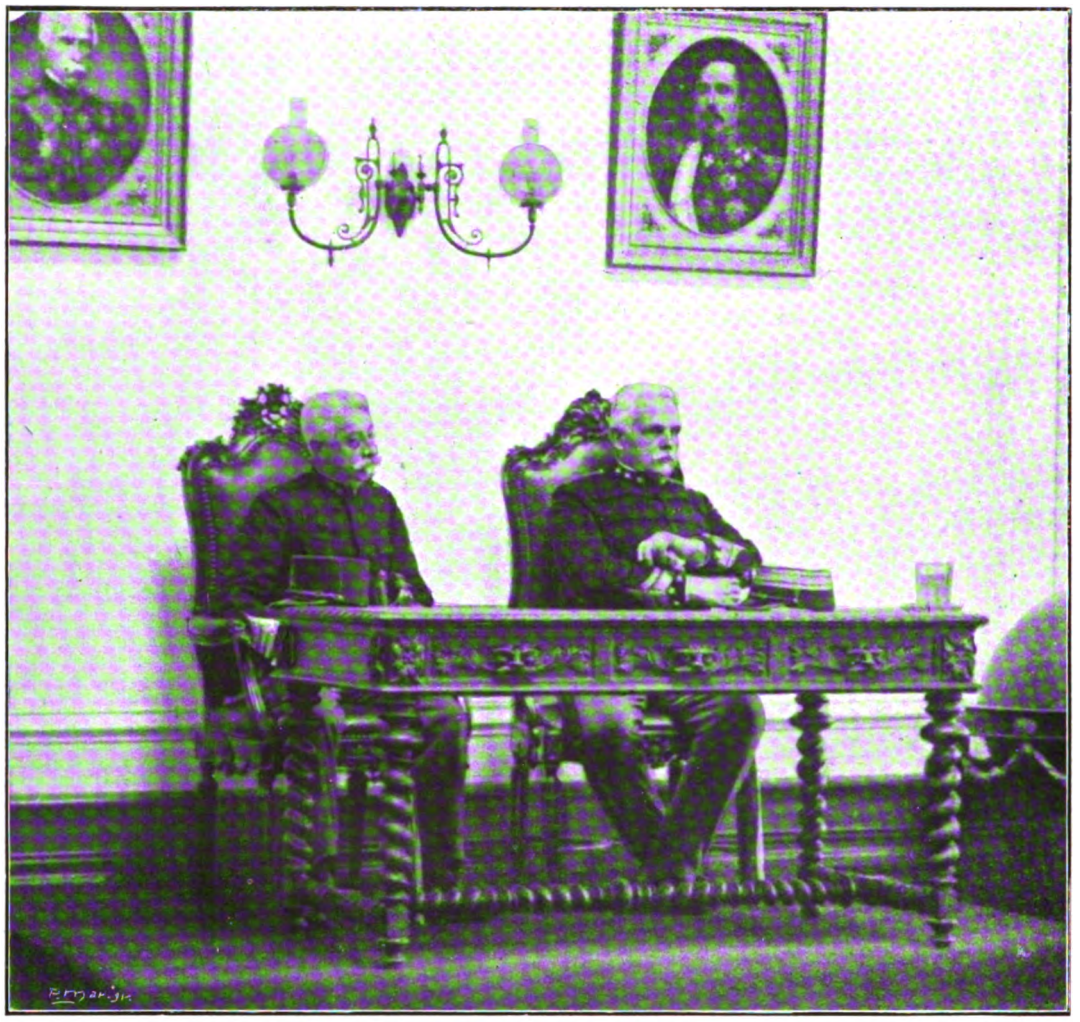
Uma senhora já velha, que vivia na aldeia, compadeceu-se da pobre Karen; era este o nome da pequena. Juntou uns restos de panno encarnado, arranjou-os, coseu-os como poude, e fez d'elles

No Porto — Homenagem ás victimas da revolta de 31 de janeiro
A multidão ouvindo os discursos no cemiterio do Prado
(Clichés de C. P. Cardoso — Foz do Douro.

Digitized by Google

Na Escola do Exercito

A cerimonia da abertura das aulas



(*Cliché* de J. Benoliel). **Presidindo á sessão solemne de abertura**

O coronel Barreto, ministro da guerra, e o general Moraes Sarmento, director da Escola do Exercito

uns sapatos. A obra não era lá das mais elegantes: a velhita já não via bem, e tinha as mãos trémulas; comtudo, offereceu, muito satisfeita, os taes sapatos a Karen, que ficou maravilhada.

Ora, n'esse mesmo dia, a mãe da pequenita morreu. Os sapatos encarnados não eram de luto; mas a pobre Karen, coitada, não tinha outros e calçou-os para ir ao enterro.

Caminhava, banhada em lagrimas, atraz do caixão, quando passou junto d'ella uma carruagem antiga onde ia sentada uma senhora edosa. Esta viu Karen soluçando, e teve dó da pobre orphã. «Deixe-me levar a creança, disse ao cura, encarrego-me d'ella.»

Ao principio, Karen imaginou que tinha agradado á sua protectora por causa dos sapatos encarnados; mas a boa senhora declarou que os achava horrorosos, e mandou deital-os fóra. A pequenita foi vestida de lavado; deram-lhe vestidos novos; aprendeu a ler, a escrever, a coser; e todos a achavam engraçada. Ella, então, começou a ver-se ao espelho, que lhe disse: «E's muito mais que engraçada, és bella.»

Passado algum tempo, o rei, a rainha e a princeza, sua filha, chegaram á cidade proxima; toda a gente dos arredores correu para lá, juntando-se no largo, defronte do theatro, para ver Suas Magestades. Karen tambem lá estava, e viu, na galeria, a princezinha, toda vestida de setim branco, admirada pela multidão; não tinha corôa, nem vestido de cauda, mas calçava uns sapatos de marroquim encarnado, uns sapatinhos lindos.

Como eram differentes dos que a boa sapateira déra a Karen!

A pouco e pouco, chegou a occasião de Karen receber o chrisma. A boa senhora que a protegia mandou-lhe fazer um vestido branco e sapatos novos; foi com ella ao melhor sapateiro da cidade e Karen extendeu o pésinho para elle tomar medida. Entretanto, ia olhando para as cousas que estavam na loja e viu no mostrador uns sapatinhos de um encarnado muito vivo, exactamente como os que levava a princezinha. Que belleza! — «E' isto que eu quero, exclamou Karen, vejamos se me servem.»— Foram feitos para a filha de um conde, disse o sapateiro, mas estavam muito pequenos, e tive de ficar com elles.— E' marroquim, não é verdade? perguntou a boa senhora, que já tinha a vista muito fraca; parece que brilham.— Brilham, brilham, disse o sapateiro, são mesmo uns espelhos.»

Como os sapatos ficavam ás mil maravilhas no pé delicado de Karen, a boa senhora comprou-os; não sabia, porém, que eram encarnados; se o soubesse, não consentia, decerto, que a sua protegida fosse ao chrisma com sapatos de côr.

Comtudo, foi o que succedeu; e toda a gente olhava para os sapatos, e abanava a cabeça. Quando Karen entrou na egreja, pareceu-lhe que todas as personagens dos quadros que ornavam as paredes, tinham os olhos fixos nos seus sapatos; mas, em vez de se envergonhar, ia satisfeitissima e cheia de orgulho. O cura falou-lhe, em tom affectuoso, dos deveres que tinha a cumprir, por já estar em edade de razão e ir entrar de todo na communidade dos christãos. O orgão

Na Escola do Exercito. — A CERIMONIA DA ABERTURA DAS AULAS

O curso de cavallaria do 2.º anno

(*Cliché* de A. C. Lima).

Digitized by Google

resoava e enchia o sanctuario com a sua grave sonoridade; os cantores e os meninos do côro entoavam um cantico suave: Karen não dava attenção a nada, não pensava senão n'uma cousa, na felicidade de ter uns sapatos tão bonitos como os da filha do rei.

De tarde, a protectora de Karen soube pelo rumor publico o escandalo que esta tinha dado; e explicou á rapariguinha como tinha sido inconveniente o seu procedimento, como era feio, da sua parte, ter calçado aquelles sapatos para uma cerimonia tão grave. D'ahi em deante, aconselhou, quando fosse á egreja, Karen devia ir sempre de sapatos pretos, ainda que fossem velhos e esfarrapados.

No domingo seguinte, Karen tinha que ir á communhão; contemplou os sapatos pretos, que tambem eram novos, depois deitou um olhar rapido para os encarnados, tornou a olhar para os pretos e em seguida, bruscamente, pegou nos encarnados e calçou-os.

O tempo estava magnifico; antes de ir á egreja, a boa senhora, afim de gosar o sol, deu uma volta pelos atalhos, e tiveram que passar por sitios pedregosos. A' porta da egreja estava um velho inválido encostado a uma muleta; o velho tinha grandes barbas grisalhas. Inclinando-se em frente da senhora, perguntou-lhe se não queria que elle lhe tirasse a poeira que lhe cobria os sapatos. A boa senhora disse que sim, e Karen extendeu tambem os pésinhos para o inválido os escovar. «Oh! que bonitos sapatos de dança!» disse o velho; e, tocando-lhes com a muleta, accrescentou: «Firme-se bem e não caia, quando dançar.»

A boa senhora deu ao inválido uma moedinha de prata pelo seu trabalho, e entrou na egreja com Karen. Todos os assistentes abriram os olhos, ainda mais admirados que da primeira vez, por causa dos sapatos encarnados, e as personagens dos quadros cravavam n'elles os seus olhares. A propria Karen contemplava-os ás escondidas, e achava-os cada vez mais bellos; chegou a esquecer-se de um cantico, e não se lembrou de rezar um padre-nosso; quando recebeu a communhão, estava distrahida de todo; não pensava senão na côr deslumbrante dos sapatos, que lhe ficavam tão bem, e que todos lhe invejavam, segundo ella imaginava.

A' sahida da egreja, a boa senhora entrou na carruagem que tinha mandado ir para a volta. Karen levantou o pé para entrar tambem; n'esse momento o inválido viu-a e disse: «Hein! que bonitos sapatos de dança!»

Karen sentia-se attrahida, e, sem que ella podesse impedil-o, as pernas começaram a mover-se-lhe cadencialmente, e poz-se a dançar e a saltar sem descanço. O cocheiro agarrou-a e metteu-a, á força, dentro da carruagem; mas, ahi, as pernas continuaram a mexer e deram muitos pontapés na pobre senhora. Afinal, chegaram a casa; foi preciso levar Karen ao collo, porque, não sendo assim, recomeçava a dança; a creada de quarto tirou-lhe os sapatos malditos, e os pobres pésinhos descançaram, emfim.

Os sapatos foram fechados á chave n'um armario envidraçado, onde Karen ia admiral-os novamente dez vezes por dia.

Mas, de repente, a boa senhora adoeceu e o medico receiou que ella não tornasse a levantar-se. Era necessario, portanto, ter os maiores cuidados com a doente; era, principalmente, esse o dever de Karen. Mas na cidade havia um grande baile para o qual ella tinha sido convidada; teve, por momentos, a idéa de ficar fazendo companhia á sua bemfeitora; mas passou-lhe pelo espirito a imagem dos sapatos encarnados. «Ora, disse ella, a pobre senhora já não se cura; para que servem tantos cuidados?»— E, pegando na chave do armario, tirou os sapatos e calçou-os. «D'esta vez, pensou ella, não é peccado ir com estes sapatos tão bonitos, visto ser para um baile.»

E partiu para a cidade. Logo que poz os pés na rua, começou a dançar sem querer, e a dar pulos, para a direita e para a esquerda. Isto não lhe desagradava ao principio, porque sabia que era graciosa dançando, e as pessoas que passavam detinham-se para admirar. Sempre dançando e saltando, chegou á casa onde se dava o baile; mas já estava cançada e não tinha força para se dominar. Teve que seguir os sapatos que a fizeram atravessar umas poucas de ruas, e sahir da cidade, levando-a para a floresta sombria. No extremo d'esta, ao luar, Karen viu o velho inválido: «Olá, muito boas noites, disse elle. Que bonitos sapatos de dança!»

Então apoderou-se d'ella um grande terror; comprehendeu que havia um encanto nos sapatos, quiz tiral-os depressa, mas não o poude conseguir; parecia que estavam aparafusados nos pés, e,

A partida de Marinha de Campos para Cabo Verde onde foi assumir o cargo de governador da provincia

(*Cliché* de (A. C. Lima). **Um grupo tirado a bordo do «Cazengo»**

Marinha de Campos entre varios amigos, tendo á direita o dr. José de Abreu e á esquerda o visconde da Ribeira Brava

Digitized by Google

Os republicanos de Santarem em Lisboa

Na rua de S. Roque, em frente da casa do dr. Magalhães Lima, cumprimentando o illustre tribuno

obrigada a um movimento continuo, não podia sentar-se para os tirar com as mãos.

Atravessou, dançando, os bosques, os campos e os prados. O sol começava a apparecer; ella esperava que o poder magico que a impellia sem tréguas nem descanço, cessasse com a noite; nem um momento de repouso, nem um minuto para respirar. Desencadeou-se, de repente, uma tempestade horrivel; Karen continuava a saltar, a girar, no meio do graniso, da chuva e dos relampagos.

Foi declinando o dia, voltou a noite. Karen achou-se á entrada do cemiterio. «Os mortos não podem dançar, disse ella; aqui é o si-

UMA FESTA DE CREANÇAS

As creanças que tomaram banhos na Trafaria formadas no Terreiro do Paço, antes de seguirem para a festa que o Colyseu dos Recreios lhes dedicou

(Clichés de A. C. Lima.)

Digitized by Google

A Familia Real no exilio

Chegada do Senhor D. Manuel e da Senhora D. Amelia ao palacio de Wood Norton (Inglaterra), onde actualmente estão residindo

tio do descanço.» E agarrou-se a um tumulo, com a esperança de parar; mas o poder infernal que a fazia mover, arrancou-a d'alli e impelliu-a para deante.

Approximando-se da egreja, viu a porta aberta; quiz refugiar-se no sanctuario e implorar a misericordia de Deus, a quem tinha offendido. Mas á entrada estava um anjo, cujas azas brancas tocavam no chão. Tinha o rosto severo, e brandia uma espada enorme e reluzente. «Dança, disse elle, dança com os teus sapatos encarnados, que adoraste primeiro que tudo; dança até que os ossos se te unam á pelle, semelhante a pergaminho, e que te tornes um esqueleto ambulante. Dança pelo mundo todo; quando passares por alguma casa onde estejam creanças com propensões para a vaidade, bate na porta, para que te vejam e saibam até onde póde levar o vicio e o orgulho.

«Piedade, piedade!» exclamou Karen; mas não poude ouvir a resposta do anjo, porque os sapatos já a tinham arrastado para muito longe.

No dia seguinte Karen passou junto de uma casa bem conhecida para ella: ouvia rezar as orações dos finados, e viu alguns homens vestidos de preto que traziam para a rua um caixão coberto de flores. Era a sua bemfeitora, que ella deixara doente, para ir ao baile, e que tinha morrido. Então Karen sentiu-se abandonada de todos na terra, condemnada no céo.

Os sapatos levaram-n'a para as montanhas, pelo meio dos espinhos e das silvas, que lhe arranharam o bonito rosto. Chegou á charneca, defronte de uma casinha solitaria; era alli que morava o carrasco; ella sabia-o perfeitamente. Bateu nos vidros e gritou: «Depressa, depressa, accudam-me. Não posso entrar, tenho que dançar sem descanço.» — O carrasco veiu á porta e disse: «Não sabes, decerto, quem eu sou: sou o que corta as cabeças dos maus. E senti agora o meu cutello estremecer: é porque vou ter trabalho.

— Sim, respondeu Karen. Mas não me cortes a cabeça; d'essa maneira não poderei expiar as minhas culpas. Corta-me os pés e estes sapatos encarnados.

E confessou a sua vaidade excessiva; o carrasco segurou-a, e, de um golpe, cortou-lhe os pés pequeninos, que fugiram, levados pelos sapatos encarnados, dançando e girando, e desappareceram, afinal, na floresta.

A mulher do carrasco tratou as feridas de Karen com um unguento que as curou; o carrasco fez-lhe umas muletas, e ensinou-lhe os psalmos da penitencia. Ella repetia-os sem cessar, e, depois de ter beijado a mão ao carrasco que brandira o cutello abençoado, deixou a charneca dizendo comsigo mesma: Agora, já tenho soffrido bastante por causa d'aquelles malditos sapatos encarnados. Vou á egreja, para verem que Deus já me perdoou.

— Mas, ao approximar-se da porta, vê de repente os seus pobres pés dançando defronte d'ella, dentro dos sapatos encarnados; cheia de terror, fugiu, o mais depressa que poude.

Viveu algum tempo nas estradas como uma mendiga, sustentando-se com o que lhe davam as almas caridosas; minava-a o pesar, e derramava torrentes de lagrimas amargas. Passada uma semana disse: «D'esta vez, já soffri bastantes torturas; a minha penitencia deve estar acabada, e valho agora tanto como as que estão na egreja satisfeitas, rezando.» E tornou a dirigir-se para a egreja; mas a um canto do cemiterio, appareceram-lhe, pela segunda vez, os sapatos encarnados, pulando e dançando com uma rapidez espantosa. Karen sentiu o coração opprimido, e reconheceu, finalmente, toda a extensão do seu erro; não entrou na egreja, mas foi ao presbyterio onde pediu que a tomassem por creada, offerecendo-se para todos os serviços que pudesse prestar sem se mexer muito, e não querendo nenhuma paga pelo seu trabalho.

A familia do cura compadeceu-se d'ella e deixou-a ficar.

Karen encheu-se de coragem e boa vontade, e trabalhava o mais que podia. Andava sempre pensativa e silenciosa; quando o cura lia a Biblia, á noite, para todos ouvirem, ella escutava com a maior attenção. Posto que não falasse quasi nada, as creanças gostavam

Emma Jervis Freire de Andrade

O retrato que n'esta pagina inserimos é o de Emma de Andrade, uma illustre compatriota nossa, cantora distincta, que actualmente se encontra na Republica Argentina. Como soprano lyrico, tem feito sensação em Buenos Ayres, onde o publico a consagrou, e onde os jornaes lhe tem dedicado artigos deveras elogiosos.

Felicitamos a artista pelo apreço em que é tida no estrangeiro.

Digitized by Google

d'ella; mas quando gabavam a belleza de uma ou o vestido enfeitado d'outra, ella abanava a cabeça, dizendo que essas cousas não eram mais do que frivolidades vãs.

N'um dia de grande festa, foi toda a gente para a egreja; perguntaram a Karen se queria ir; mas era já muito tarde, e, andando devagar, encostada á muleta, não podia chegar a tempo. Com os olhos cheios de lagrimas, viu partir os outros, que iam ouvir a palavra de Deus: foi, então, para o seu quarto, e sentou-se para ler no seu livro de orações.

No meio da reza, o vento fez-lhe ouvir os sons do orgão; ella ergueu para o céo o rosto banhado em lagrimas, dizendo: «Oh! meu Deus, soccorrei-me!»

E n'isto, envolveu-a uma luz, mais viva do que a do sol; deante d'ella estava um anjo, o mesmo que a vira em frente da egreja. Já não trazia espada; em logar d'esta empunhava um magnifico ramo coberto de rosas; bateu com elle no tecto, que desappareceu, as paredes afastaram-se e Karen achou-se transportada ao meio da egreja. O orgão resoava, e, quando acabou o cantico, o cura viu-a, e disse-lhe: «Fizeste bem em vir.» — Foi Deus, respondeu ella, que me concedeu o seu perdão.

Ouviu-se novamente o orgão, e as creanças, com voz suave e penetrante, começaram um cantico. Um raio de sol, que entrou pelas vidraças, foi illuminar Karen; o coração da pobre rapariga estava tão cheio de alegria e arrebatamento, que se partiu, e a alma, envolta nos raios do sol, voou para Deus; alli já não havia ninguem que lhe fizesse lembrar os sapatos encarnados.

ANDERSEN.

Abdel Aziz

Ex-imperador de Marrocos

A taberna

(De François Coppée)

Afogando no vinho as illusões doridas;
Cheio de tedio, vil, triste, desesperado,
Abria a boca alvar, estupido e cançado,
Como um boi que rumina as hervas ingeridas.

As moscas a zumbir, teimosas, insofridas,
Voam na mórna luz que corta o ar pesado
Com uma faxa de sol. Entorna-se a seu lado
O copo. Na meza suja ha restos de bebidas.

Que grande peso oprime um cerebro doente
Que a sua ideia fixa agita sem cessar,
Grão de chumbo a girar em guizo reluzente!

D'elle me aproximei prevendo o seu pezar,
E vi que n'esse vinho, a sua mão tremente,
Um nome de mulher traçava devagar.

J. de Oliveira Simões.

Os prodigos não pensam nunca no dinheiro que teem, e ainda menos no dinheiro que devem.

ANATOLE FRANCE.

Abdel Aziz em Lisboa

(Cliché de J. Benoliel).

A' entrada do Museu Ethnologico, em Belem

Abdel Aziz, Batalha de Freitas e Alfredo Soares, sub-director da Casa Pia

Digitized by Google

Augusto de Santa Rita

Um poeta

Mais um poeta novo que vem enfileirar ao lado d'aquelles que já nas letras portuguezas conquistaram um nome.

Nos versos de Augusto de Santa Rita ha mais que originalidade, ha imprevisto, ha o que quer que seja que dá a impressão do inédito.

Quem os não leia com alma de poeta e attenção de critico poderá encontrar-lhes uma feição nephelibática, que desagrade aos mais exigentes e meticulosos, aos puros cultores da fórma pura. Mas terá impressão contraria e incondicionalmente favoravel ao moço poeta quem, lendo-os com olhos de ver e coração de artista, encontre nessas rimas a vibração de um sentimento fundo e um vago idealismo que, desde logo revela que *alguem* palpita, vive, anceia dentro de uma fórma bizarra.

Se dér esta impressão aos leitores do *Brasil-Portugal* a nova musa a que hoje nesta columna abrimos espaço, felicitar-nos-hemos de tê-la pressentido.

O canteiro e a Dôr

Do poema em preparação: – A PSYCHOLOGIA DO GRITO

(Inédito)

Passa quasi um dia inteiro,
Um canteiro
Empunhando:
N'uma das mãos um escôpro
E n'outra mão um martello...
Martellando,
Tressuando,
Trabalhando...

E' vêl-o:
A cada forte sôpro
Do martello no escôpro,
Por sobre um blóco enorme
De cantaria,
— Imperfeito e disfórme —
Transmittindo a harmonia
Das linhas do modêlo
Que o Génio — Creação,
Da Tréva do Imperfeito á Luz da Perfeição,
Faz transpor
Com amôr
E o rigôr
De pericia, encanto e zêlo,
N'um gesto bello
Com o escalpêlo
Da orientação,
N'um suave apêllo
De seducção!

E' vêl-o
N'aquella árdua lucta,
Pela qual Deus ha-de bemdizel-o,
— Pois que luctar é ter da Vida Humana a nórma!
Entre a Ideia subtil, clára, etherea e astuta
E entre a pesada fórma!

E que prazer é vêl-o
Enchendo d'harmonia,
Aquella pedra bruta,
— A rude cantaria
Enórme —
Tôsca e disforme
E angular e fria.
.....
O' victimas do Amôr...

Degredado infeliz que sobre o tombadilho
D'um sinistro vapôr,
A soluçar soltais:
O doloroso adeus, talvez o derradeiro!
A uma mãe, a uma irmã, a uma esposa, a um filho
Enlutados no Cáes!...

O' pobres corações!...
O' rôto maltrapilho!...
O' presos nas prisões! ..

O' cheios de Intelligencia
— Nascidos sôbre o Entulho —
Escravos da Opulencia,
Que abafais a altivez
E recalcais o Orgulho!...

Pervertidos que a Lei atira p'rás Galés,
E que vos dá em vez da Escola de Moral
Uma grilhêta... aos pés!
Glorificando o Mal...

O' Engeitado inf'liz!...
— Rebento do Peccado —

O' loira meretriz!...
— A flôr no lamaçal,
Christal embaciado,
Avesita sem ninho... ó pomba sem pombal,
Desdémona sem côr! ..—
O' louco visionario!...
O' orphãs sem dinheiro
E cheias de pudôr!

O' gente para quem a vida é um horrôr,
Um supplicio, um viveiro
De amargura e de magua; um continuo clamor
Ou é: — de soffrimento um lindo poema inteiro:

— Apprendei a chorar sobre o cóllo do Amôr —
— «A Dôr é um canteiro!» —
— «E nós a cantaria em que martélla a Dôr!» —

A Dôr que em nós procura sem cessar
O conjuncto ideal...
As linhas ideais que hão de formar:
— A Estátua da Belleza Espiritual! —

1910 — S. João do Estoril.

Augusto de Santa Rita.

Digitized by Google

Theatros

Nacional — *A Lei do Divorcio*, peça em 4 actos, de Augusto de Lacerda. ***Gymnasio*** — *Filha e Sogra*, comedia em 3 actos, imitação de Sousa Bastos. ***Apollo*** — *A Luva Branca*, vaudeville em 3 actos de Hannequin e Weber, traducção de Marçal Vaz.

A questão do *divorcio* tem sido uma das grandes fontes de inspiração de muitos escriptores francezes, que a teem apresentado sob todas as fórmas e aspectos e em todos os generos de theatro, desde o drama e alta comedia ao *vaudeville*, e se no theatro portuguez, em virtude da nossa organisação social, até hoje elle não encontrou echo, para o futuro pouco poderá interessar-nos, pois temos-lhe saboreado os prós e contras em innumeras traduções francezas que teem sido representadas nos nossos palcos, podendo affirmar-se que nada mais de novo ha a fazer sôbre o assumpto.

A peça *A Lei do Divorcio*, do sr. Augusto de Lacerda, foge um pouco á rotina das suas congeneres francezas, porque a sua acção decorre ainda n'uma época em que a lei não existia. Hoje que o divorcio está na ordem do dia, o titulo é suggestivo, um achado de mão cheia para o cartaz, o que em giria theatral se chama um *bom tiro;* e o caso é que na primeira representação cumpriu á risca o seu fim, conseguindo encher por completo a sala do **Nacional,** que até parecia desempoeirado, despido d'aquelle seu todo archaico e pesado, mostrando-se antes muito alegre, assim com modos de quem *adheriu*, orgulhoso por ver as correntezas dos seus camarotes engalanadas de *toilettes* vistosas, de variadas côres, desenhando corpos gentis, coroados por lindas e airosas cabeças. Ha muito que o não viamos assim: tão folgazão, tão vivo, tão remoçado.

Tocou-se a *Portugueza*, apenas tomaram logar no seu camarote os srs. Drs. Affonso Costa e Bernardino Machado, que representavam o governo, e no meio de um profundo silencio e de uma religiosa attenção começou a desenrolar-se toda aquella fita da *Lei do Divorcio*, em que resalta, como é de prever, uma série de casos de gente que se ama, mas que, presos a outros pelos laços indissoluveis do casamento, apenas separados de pessoas e bens, teem que calar o seu amor sob pena de verem calcada aos pés a sua honestidade.

Ha um que sendo casado, mas loucamente apaixonado por uma mulher solteira, resolve pôr termo á vida mettendo uma bala no peito, da qual escapa milagrosamente. Duas mulheres, tambem casadas, esperam que a morte dos maridos as liberte, para se ligarem áquelles que amam. O tempo, porém, vae passando, a morte salvadora não chega e ellas, impacientes, resolvem atirar com os preconceitos pela janella fóra e dar largas á sua sensualidade. Uma, por fim, enviuva, fica livre; e a outra consegue tambem legitimar o seu amor criminoso, mercê de um processo escandaloso, artimanha de um advogado, ex-padre, que lhe dá por nullo o casamento quando ella já está gravida do futuro marido. E' um *truc*, como vêem, bastante escabroso, que devia ter feito passar um mau quarto de hora ao auctor, no decorrer do terceiro acto, em que o seu trabalho esteve prestes a afundar-se, contribuindo bastante para isso o desempenho da actriz Maria Pia que se deleitou em frisar bem — sublinhando-as para o publico — todas as escabrosidades que o auctor lhe distribuiu, e que o iam altamente compromettendo. E' defeito este muito commum nos nossos actores, até certo ponto desculpavel na farça, mas nunca em peças d'esta natureza. E, por ultimo, até a Celeste, — a unica virtuosa da peça até aqui que tem a fatalidade de se apaixonar por um homem casado, — e a unica que bastava para a these da peça, aquella que seria a martyr das convenções sociaes, até essa, invejosa da *felicidade* dos outros, resolve entregar-se ao seu apaixonado.

Mas então para que é precisa a lei do divorcio, se esta gente despresa todas as outras e se mostra o menos respeitadora d'ellas possivel, resolvendo tudo como melhor lhe convem, saltando por cima da moralidade e da propria honra? O sr. Augusto de Lacerda não pretendeu, decerto, na sua peça mostrar a iniquidade da lei do divorcio; visou, com certeza, o contrario. Temos, porém, o desgosto de lhe dizer que os seus calculos falharam e do que vimos apenas se pode deprehender a apologia do amor livre, o qual está em completa contradicção com a lei do divorcio que tem um fim de moralidade. E depois aquellas mulheres não são de muita confiança. Nada nos garante que ellas ámanhã não se aborreçam d'estes maridos e encontrem logo outros que fariam a sua felicidade; mas não se preoccupe o leitor com isso, que ellas resolverão a cousa pela fórma que mais lhes agradar.

E sabem afinal quem pede a almejada lei? — Um tio da rapariga; não para que ella legalise a sua situação, mas para evitar o escandalo!...

A peça que é escripta em boa linguagem, abundante de phrases de effeito seguro para o publico, tem algumas situações interessantes, conseguindo o auctor applausos nos finaes d'acto. O desempenho excellente por parte de Adelia Pereira, Augusta Cordeiro, Augusto de Mello, Pato Moniz, Joaquim Costa, Maria Pia e Carlos Santos, conduzindo-se os demais por fórma a não desmancharem o conjuncto.

— Em festa da actriz Jesuina Marques subiu no dia 10 á scena no **Gymnasio,** a comedia em tres actos *Filha e Sogra,* uma fabrica de gargalhadas, cheia de situações complicadissimas em que colheram fartos applausos a beneficiada e os actores Telmo, Alegrim, Cesar de Lima e outros.

— *A luva branca*, peça que no inverno passado subiu á scena em Paris, dando mais de trezentas representações a seguir, foi adaptada ao palco portuguez pelo applaudido escriptor Marçal Vaz, sendo optimamente desempenhada pela companhia do **Apollo.**

No desempenho merecem referencias especiaes Lucinda do Carmo, Amelia Pereira, Antonio Pinheiro, Lopes, Arthur Rodrigues e o actor Julio Guimarães, que sustentou um excellente typo, optimo de observação.

RUY.

THEATROS. — Rua dos Condes — *Conselho de Guerra*

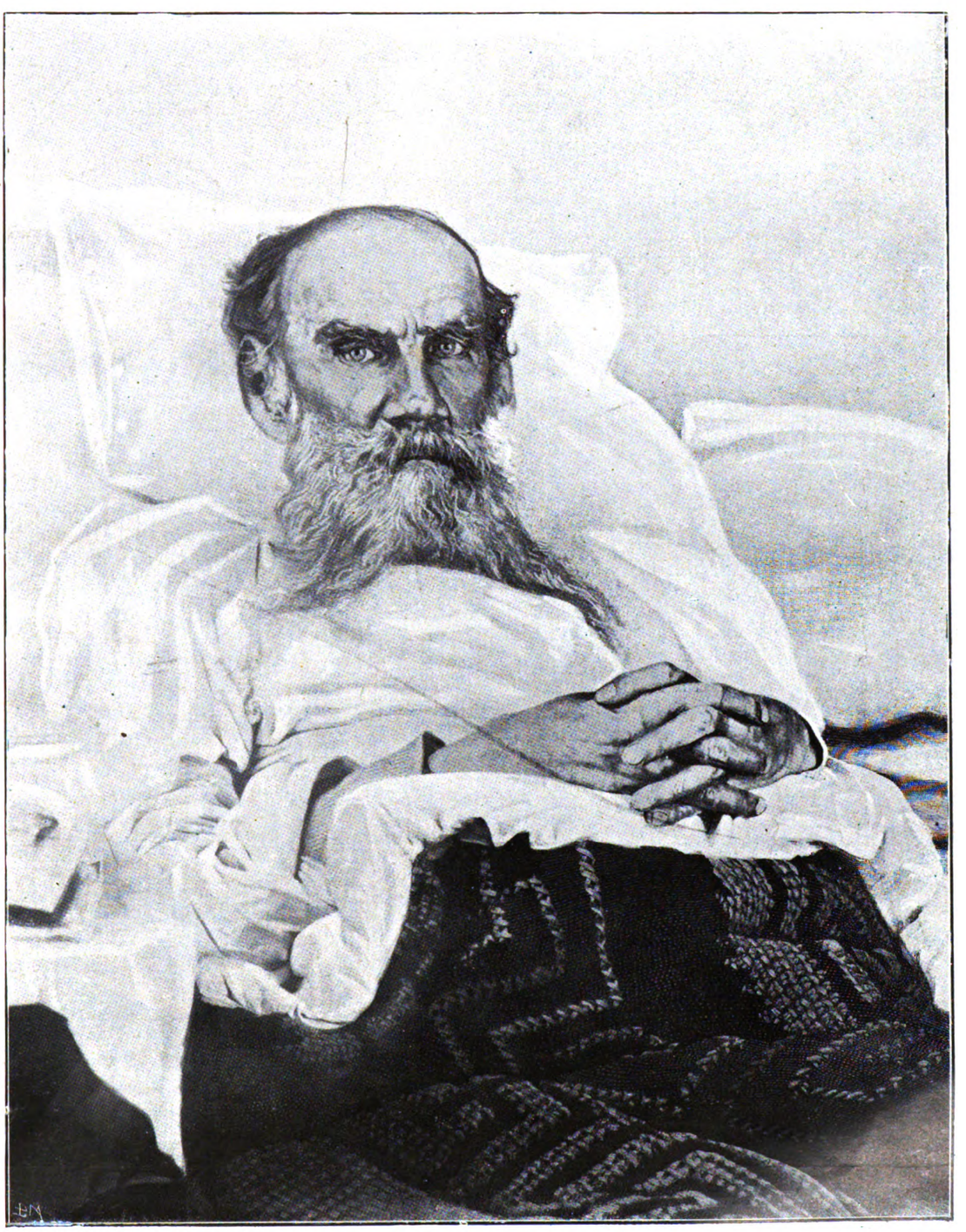
(*Cliché* de A. C. Lima). *Scena final*

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE DEZEMBRO DE 1910 N.º 285



Leão Tolstoï
(† a 20 de novembro de 1910)

Digitized by Google

Leão Tolstoï

A morte do grande escriptor russo foi um acontecimento mundial. E' que o conde Leão Tolstoï enchera a sua epoca com a fama do seu nome. Na *Resurreição*, na *Morte*, em tantos livros maravilhosos, o romancista, o pensador, o artista, attingira a culminancia litteraria, envolvendo o pensamento alto e puro na fórma mais brilhante e suggestiva, e creára tão solida reputação que em todo o mundo culto, os seus livros occupavam nas estantes dos letrados, dos artistas, dos estudiosos, um logar de honra.

O phantasista, o evocador, o narrador prodigioso da vida russa, da sociedade do seu tempo, o reivindicador de todos os direitos, o propagandista eloquente das grandes acções e da liberdade de pensar, tão restringida no seu paiz, converteu-se no doce e terno philosopho, que creou uma doutrina de paz e de amor, que proclamou a egualdade nas suas fórmas mais simples e primitivas, que foi um protesto vivo, em toda a parte escutado, contra a escravidão do espirito, e contra a pressão das consciencias.

Os ultimos dias que precederam a sua morte foram dignos da sua vida.

Ao chegar ao termo do seu apostolado, escreveu um dos ultimos biographos de Tolstoï, a favor da vida humilde transportada ás suas rudes e sãs origens, depois de ter, por tanto tempo, com o seu genio, glorificado a fraternidade dos homens na miseria e pela miseria, de ter fanatisado discipulos e chegado a crear como que uma egreja, contra a qual veio a erguer-se o Santo Synodo, Tolstoï quizera fugir definitivamente ao luxo relativo, em que a vida de familia o retinha, e ir partilhar com os mais humildes a vida primitiva e aspera ordenada pelo seu ensino.

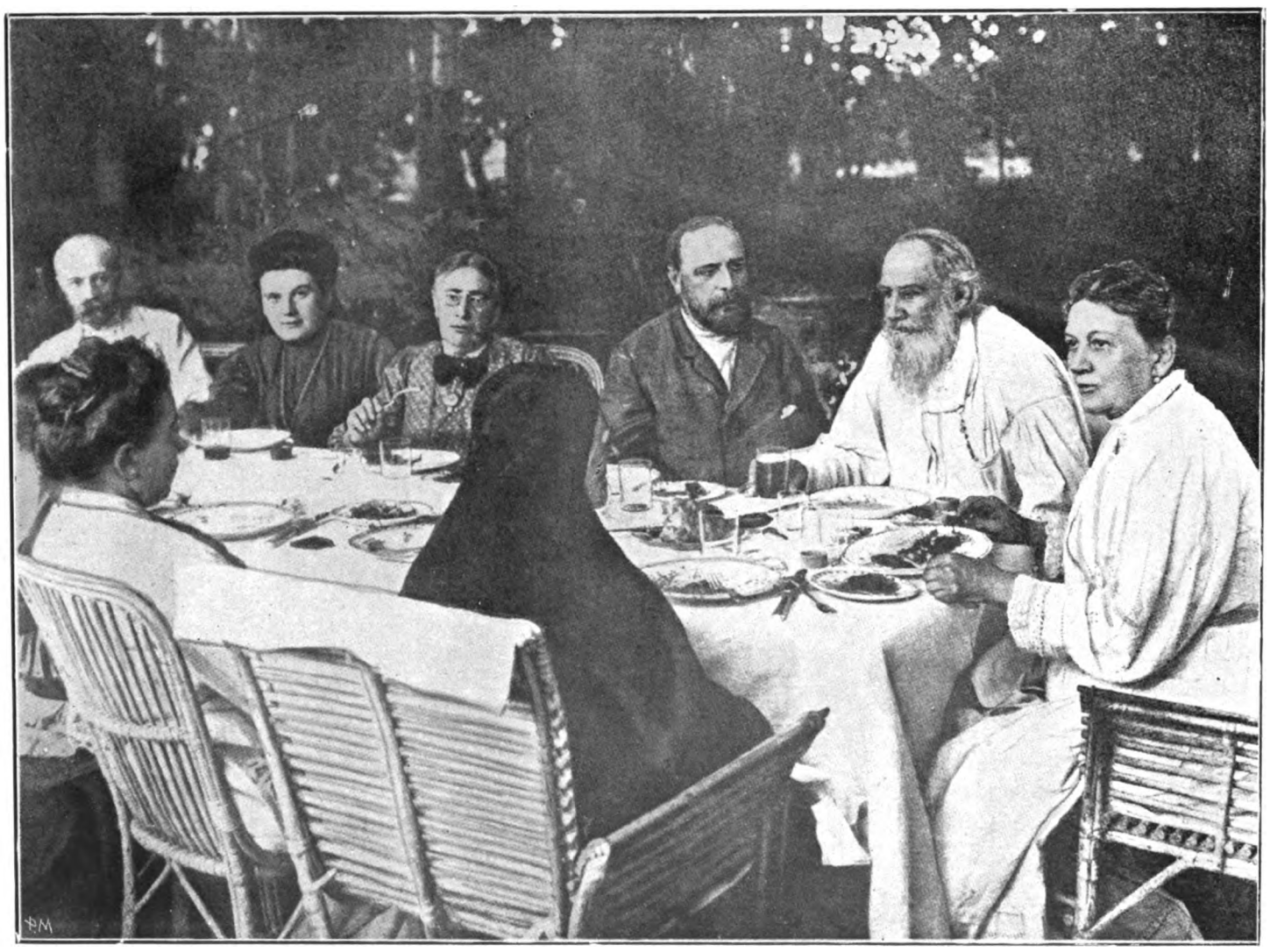
Com effeito, no dia seguinte á sua fuga de Yasmaia Poliana, recebia a condessa Tolstoï, sua esposa amantissima, um curto bilhete em que o portentoso escriptor, que attingira a edade dos patriarchas, lhe dizia não poder supportar mais a mentira do mundo, o ruido, as visitas, as solicitações, a existencia confortavel, que, contra vontade sua, lhe era imposta.

Acabar os seus dias n'um mosteiro, juntar-se aos seus discipulos amados, e rematar a existencia gloriosa na singeleza do austero viver que apostolisára, fóra a derradeira, a nobre e estoica aspiração d'esse grande espirito. A fadiga e a febre não o deixaram proseguir, e a familia desolada foi encontra-lo a meio caminho, n'uma *gare* de caminho de ferro.

Poucos dias sobreviveu ao desgosto de não realisar a sua vontade, sempre vencedora, e antes que se lhe apagasse a vida a imprensa do mundo inteiro noticiou a sua morte. As horas que decorreram entre o boato falso e a verdade pungente não foram longas. Confirmava-se, afinal a morte de Leão Tolstoï e todas as nações do mundo partilhavam a dôr da Russia que acabava de perder a sua figura luminosa e culminante.

JAYME VICTOR.

Tolstoï jogando o xadrez



Uma refeição na residencia do grande escriptor, em Yasmaïa-Poliana

Da esquerda para a direita: *Dr. Makovitzki, Alexandra Tolstoï, filha do grande escriptor, mademoiselle Igoumnova, W. Tchertkoff, Leão Tolstoï, a condessa, sua esposa, a princeza Obolenski e a religiosa Maria Nicolaievna, respectivamente filha e irmã do fallecido*

Digitized by Google

A primeira entrega de credenciaes depois da proclamação da Republica

(Cliché de A. C. Lima.)

O dr. Costa Motta, ministro do Brasil em Lisboa, a caminho do Palacio de Belem afim de fazer entrega das suas credenciaes ao Governo Provisorio da Republica Portugueza

A entrega de credenciaes do ministro do Brasil ao presidente do governo provisorio da Republica Portugueza foi o primeiro grande acto official do novo regimen.

O governo quiz que essa cerimonia fosse revestida de toda a pompa, não só porque queria por essa fórma honrar officialmente a Republica Brasileira, mas tambem porque pretendia manifestar-lhe de uma forma inilludivel o reconhecimento da nação por ser o Brasil, d'entre todos os paizes, o primeiro a reconhecer a nova instituição republicana.

Entre o representante do governo brasileiro e o chefe do governo portuguez, rodeado de todos os ministros, trocaram se palavras tão amistosas e tão cheias de confiança que traduziam plenamente os sentimentos de confraternidade que animavam os altos representantes das duas nações hoje irmanadas, além de tudo, pela solidariedade das mesmas ideias politicas.

Dr. Antonio Luiz Gomes

Ex-ministro do fomento, recentemente nomeado ministro de Portugal no Rio de Janeiro]

Dr. Brito Camacho

Actual ministro do fomento

O primeiro deixou agora a pasta do fomento que passou a ser gerida pelo segundo. Marechaes ambos elles no novo regimen politico, ergueu-os a esse alto logar a lista de serviços que na opposição prestaram ao partido revolucionario.

O dr. Antonio Luiz Gomes vae representar-nos no Brasil, e todos os nossos votos são para que elle consiga com a sua intelligencia provada, a sua muita illustração, e o seu fino criterio, desfazer attrictos que no seu caminho encontre e congraçar os portuguezes que lá vivem, que pelo trabalho se nobilitam e elevam, no mesmo interesse patriotico, na mesma aspiração de desenvolvimento e progresso para a patria distante, acabando de vez com malquerenças que separam e scisões que nunca podem ser proveitosas, nem para elles, nem para a terra que os viu nascer.

O dr. Brito Camacho é um jornalista de folego, homem de ponderação e de largos recursos de intelligencia e de vontade. Versou no parlamento e na imprensa questões que prendem com os mais variados ramos da administração. Oxalá que seja util e fecunda a sua passagem pela pasta do fomento.

Digitized by Google

ASSUMPTOS DE MARINHA. — O lançamento ao mar da canhoneira «Ibo»

Aspecto do arsenal no momento da cerimonia

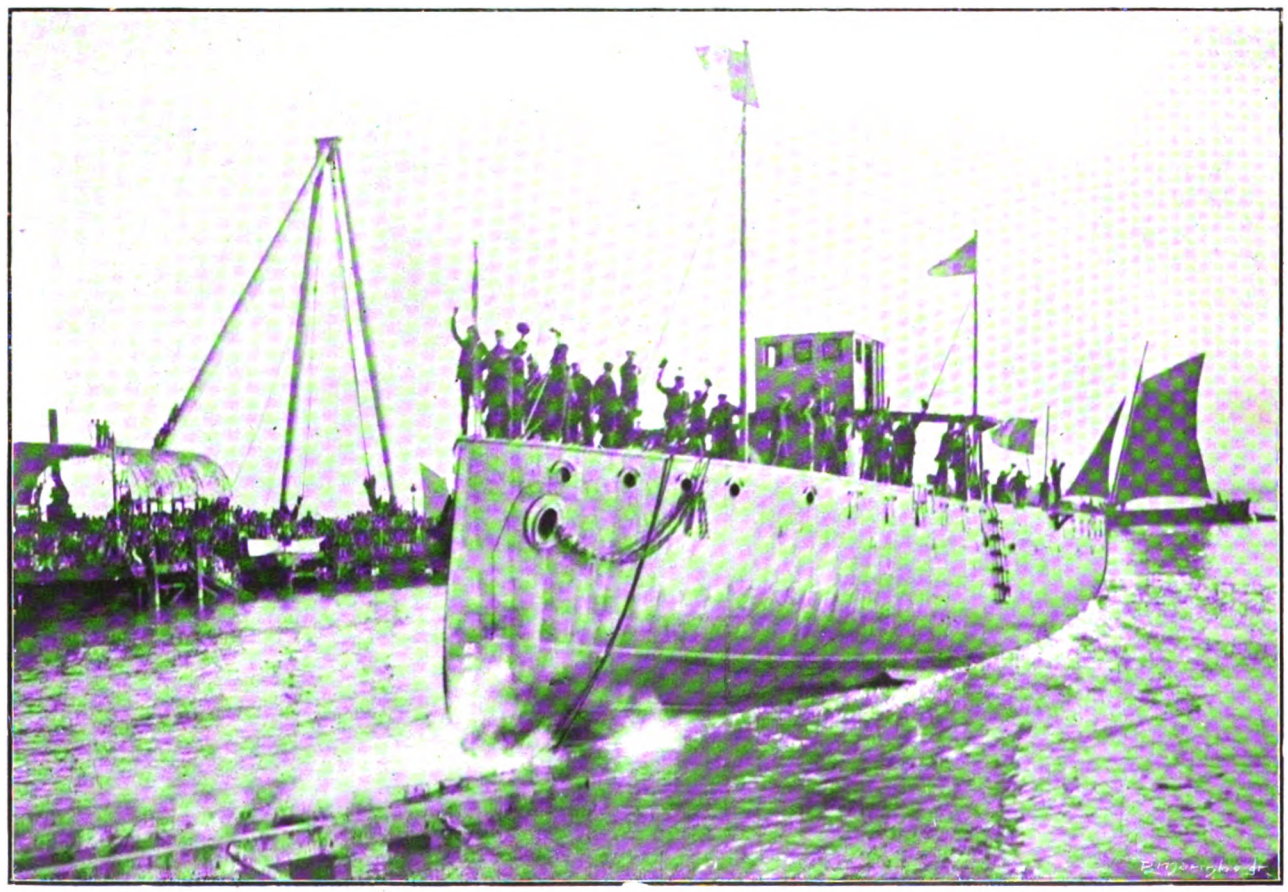
O lançamento ao mar da canhoneira Ibo *realisado em 18 do mez findo, com a assistencia dos srs. ministros do interior e da marinha, foi a primeira cerimonia d'este genero realisada depois da implantação do regimen republicano em Portugal.*

O novo navio de guerra portuguez, que se destina aos serviços da fiscalisação da pesca, tem as seguintes caracteristicas: comprimento entre perpendiculares, 45m; bocca, 8m,3; immersão maxima á ré, 2m,14; deslocamento, 400 toneladas; potencia, 700 cavallos indicados; 2 machinas de triplice expansão e 2 caldeiras cylindricas; pressão de regimen, 13 kilogrammas; velocidade, 13 milhas; raio de acção á velocidade economica, 3:600 milhas.

A respectiva guarnição será constituida por 5 officiaes do estado maior, 9 do estado menor e 60 praças.

A Ibo *é armada com duas peças Hotchkiss de 47 millimetros, tiro rapido, possuindo tambem um projector electrico e tendo as seguintes embarcações: um escaler de remos, um escaler a petroleo, duas baleeiras e um bote.*

Além da referida guarnição, a canhoneira poderá transportar uma companhia de guerra ou vinte toneladas de carga.



ASSUMPTOS DE MARINHA. — O lançamento ao mar da canhoneira «Ibo»

Clichés de A. C. Lima). *A canhoneira entrando na agua*

Digitized by Google

A chegada do major Coelho ao Porto

A sahida da estação de S. Bento

O major Coelho teve no Porto, como era de esperar, uma recepção carinhosa, dando a nossa gravura um aspecto da enorme multidão que se accumulara á sahida da estação de S. Bento para saudar o heroico vencido da revolta de 31 de Janeiro. O povo, tomando de assalto a carruagem-salão em que viajava o major Coelho, conduziu-o em triumpho para fora da estação, organizando-se depois um brilhante cortejo no qual tomaram parte varias aggremiações e muitos dos revoltosos do Porto que serviram com o então tenente Coelho por occasião do movimento de 31 de Janeiro.

Bando precatorio promovido pelos alumnos e alumnas da Escola Normal em favor das victimas da revolução

(Cliché do J. Benoliel) *O bando passando no Largo do Carmo, em frente do antigo quartel da Guarda Municipal*

Digitized by Google

A manifestação de agradecimento ao sr. ministro da justiça, dr. Affonso Costa, pela promulgação da nova lei do inquilinato

(*Cliché* do A. C. Lima). *Os manifestantes descendo a Avenida da Liberdade*

A manifestação de agradecimento ao sr. ministro da justiça pela promulgação da nova lei do inquilinato

No Terreiro do Paço — Os srs. drs. Affonso Costa e Bernardino Machado, n'uma das janellas do ministerio da justiça, saudando os manifestantes

(*Cliché* de J. Benoliel).

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

CARTA ABERTA

Sobre as novas leis, as «grèves» e varias miudezas

Ex.ma Sr.a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.ma Amiga e Senhora do meu maior respeito:

Ha tres dias que digo logo de manhãsinha aos meus botões: «hoje é que eu escrevo, pela certa, á D. Dorothea.» Mas ha sempre empecilhos, obra do mafarrico, que me desviam d'este grato e indeclinavel dever. Felizmente, hoje ha uma abertasinha na minha pensionada e triste vida. É aqui me tem a aproveital-a, escrevendo-lhe ás pressas para apanhar o correio.

Muito e muito obrigado pela sua cartinha de 19, que me deu uma grande alegria. Muito me regosija saber que v. ex.ª está conformada com os acontecimentos e espera da incommensuravel benignidade do Senhor o necessario perdão para os herejes que estão virando tudo isto de pernas para o ar, salvo seja. Sim, minha senhora, Deus ha de perdoar aos oito dictadores o mal que lhe fazem com a sua obra radical pelo bem que lhe ha de saber o não ouvir as missas do sr. padre José Lourenço de Mattos. Tanto mais, que o Senhor não tem tanto a perdoar quanto a v. ex.ª se lhe afigura. V. ex.ª exagera, minha querida senhora. Exagera mesmo muito. Assim v. ex.ª julga que o Eterno Cidadão está altamente encolerisado com a annunciada separação da Egreja e do Estado. Não está tal, minha senhora, não está tal. Em frente d'esse facto, que a v. ex.ª se afligura anormal em

Digitized by Google

Saudações ao Governo Provisorio

Os republicanos de Villa Viçosa em Lisboa

O partido republicano de differentes terras da provincia continua a promover excursões á capital com o fim de cumprimentar os membros do governo provisorio. Na quinzena finda realisaram-se, entre outras, duas d'essas excursões — a de Villa Viçosa, composta de cerca de 300 pessoas acompanhadas de duas bandas de musica e a de Sacavem que contava umas 600 pessoas que se faziam acompanhar pela banda dos operarins da fabrica de louça d'aquella localidade.

demasia, o Todo Poderoso encolhe os hombros e como aquella celebre personagem da *Dame chez Maxime*, tem um desdenhoso *pff!...*

Ao Senhor tanto se lhe dá como se lhe deu o assumpto. O Senhor, que tudo vê, sabe bem que vive nas almas crentes e que só n'ellas encontra o sagrado altar em que lhe celebram o sacrificio que é do seu agrado. Isso lhe basta — porque lhe bastou, sempre.

Pelo proprio respeito que devemos a Deus, minha querida amiga, alheemol-o de assumptos a que elle não é chamado. Assim, comece v. ex.ª por varrer do seu espirito o pensamento de que os oito homens que compõem o ministerio são oito *herejes*, como v. ex.ª diz. V. ex.ª chamando-lhes herejes quer dizer na sua que elles não acreditam em Deus, não é verdade? Pois, minha senhora, comquanto eu não tenha procuração bastante de nenhum dos ministros para os representar n'este caso especial, sou a dizer a v. ex.ª que se engana. O sr. dr. Theophilo Braga, meu patricio, meu mestre e pessoa crédora da maior devoção por parte de quem quer que uma vez o trate, é homem de ideias tão avançadas que quasi não conhecem limites. Pois bem, querida amiga, o grande poeta da *Visão dos tempos* comquanto não mantenha relações de intimidade com o Altissimo, tem sido surprehendido, por vezes, a enviar-lhe cartões de visita de relativa cordealidade com deferentes cumprimentos que terminam sempre por um pedido de «recados ao nosso Comte.»

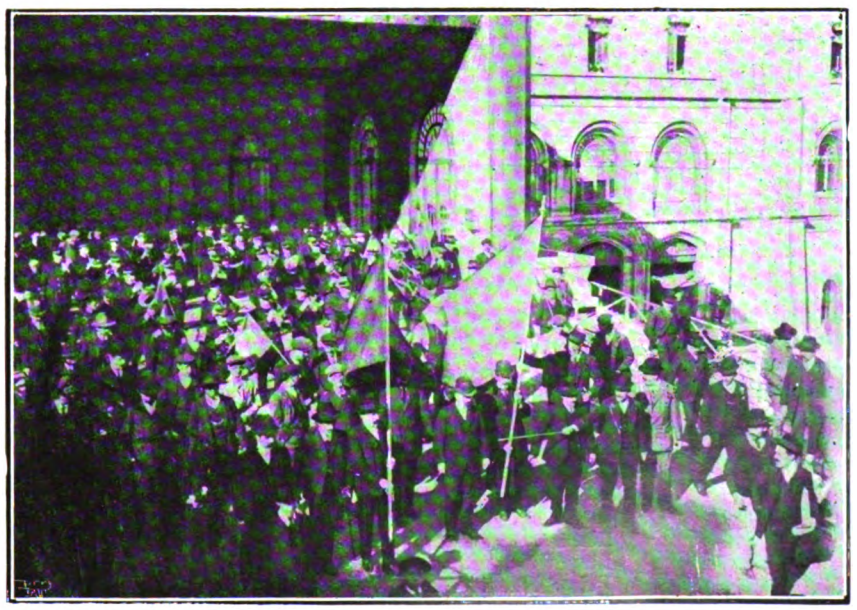
Eu sei, eu bem sei... Não diga, que eu bem sei o que me vae dizer: que não é o sr. Theophilo Braga o hereje, que o hereje é o sr. dr. Affonso Costa. Ora, ora, não dizia eu?... Mas para que ha de o padre Simões insistir na mania de desorientar v. ex.ª e encher-lhe de carapetões a credula cabecinha? Porque essa sua convicção é obra de tão descompassada alimaria, está bem de vêr. E', é, para que ha de a senhora desculpal-o? Pois se eu sei que é, se eu sei que foi elle que lhe insinuou essa parvoiçada!...

O padre Simões confunde tudo, minha senhora, confunde tudo deploravelmente. Assim, elle não vê que o sr. dr. Affonso Costa é apenas levado de todos os diabos, o que não quer dizer que elle é hereje. Faz muita differença. Elle não tem, como v. ex.ª julga, o Inimigo no corpo: o que elle tem é bichos carpinteiros. Anda tudo pelo pó do gato com elle. Magistrados, senhorios, jesuitas, as mulheres, os maridos, os outrós... Agora toca a vez aos padres. Vão vêr uma bruxa com elle, isso é dos livros; mas não imagine v. ex.ª que o sr. ministro da justiça vae mandar assar no espeto os conegos da Sé ou fazer em tigellada os meninos do côro. Elle não se parece nada com uma fera; pelo contrario, pela generosidade de que tem dado sobejas provas, parece-se com uma creança — muito buliçosa. Lá que elle tenha vontadinha de escangalhar um bispo para ver o que elle tem dentro, não duvido; mas não escangalha. Póde deixal-o sósinho com um bispo um dia inteiro que elle não o parte, o que não quer dizer que logo que o bispo apanhe uma porta aberta se não safe como um gato assanhado.

Agora mesmo estou a vel-o, por traz de uma porta, com uma grande vassoura alçada, á espera de uma legião de agiotas que vae passar. Ai minha rica senhora, parece-me estar já a vel-os trepar pelas paredes...

Eu sei que v. ex.ª tem a sua engatilhada, eu sei. E' a lei do divorcio, hein? Pois é, é... D'accordo, minha senhora, d'accordo... Eu tambem não gostei, eu tambem entristeci ao ler esse diploma, comquanto, mais que nenhum outro, elle provoque a minha admiração pelo admiravel talento do estadista. Para que negal-o, minha amiga? Para que não dizel-o abertamente? E' de arripiar!

Não vá agora julgar que eu me compadeço dos conjuges, seja qual fôr a situação que um ou os dois criem, accidentalmente ou de



(*Clichés* de J. Benoliel). **Saudações ao Governo Provisorio**

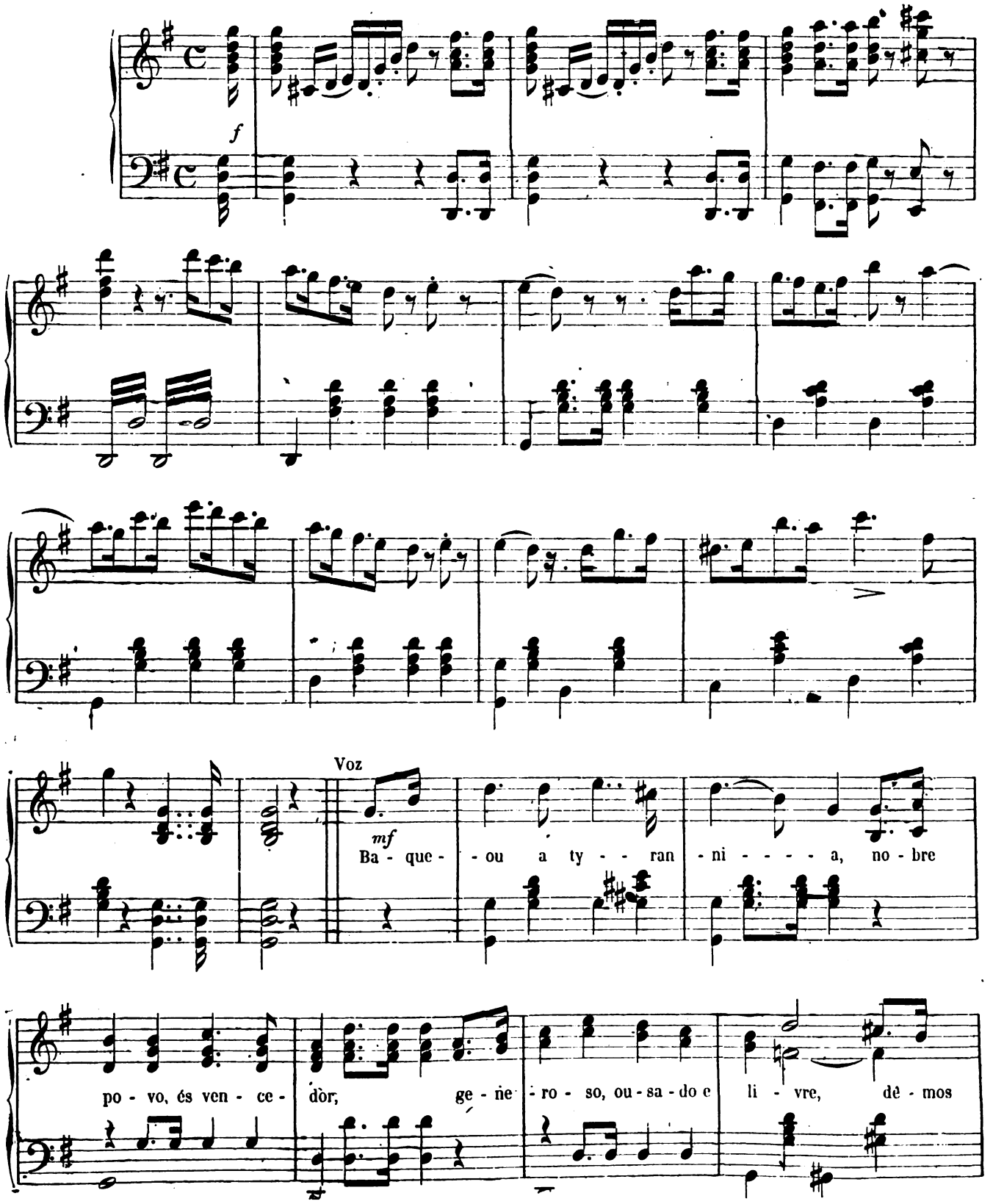
Os republicanos de Sacavem em Lisboa

Digitized by Google

HYMNO DO MINHO (*)

(Vulgarmente chamado da Maria da Fonte)

Musica de FRONDONI — Letra de PAULO MIDOSI



(*) O hymno da Maria da Fonte foi sempre muito querido do povo portuguez, tendo sido aproveitado em varias epocas da nossa historia, de 1846 para cá, como affirmação altiva de liberdade, patriotismo e independencia. Os recentes acontecimentos mais uma vez lhe deram actualidade, havendo até muitas pessoas, e entre ellas o sr. João Arroyo, que o preferem á «Portugueza» como hymno nacional.

A sua letra é a seguinte:

Baqueou a tyrannia,
Nobre povo, és vencedor.
Generoso, ousado e livre,
Dêmos gloria ao teu valor.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante! Não temer!
Pela Santa liberdade
Triumphar ou perecer!

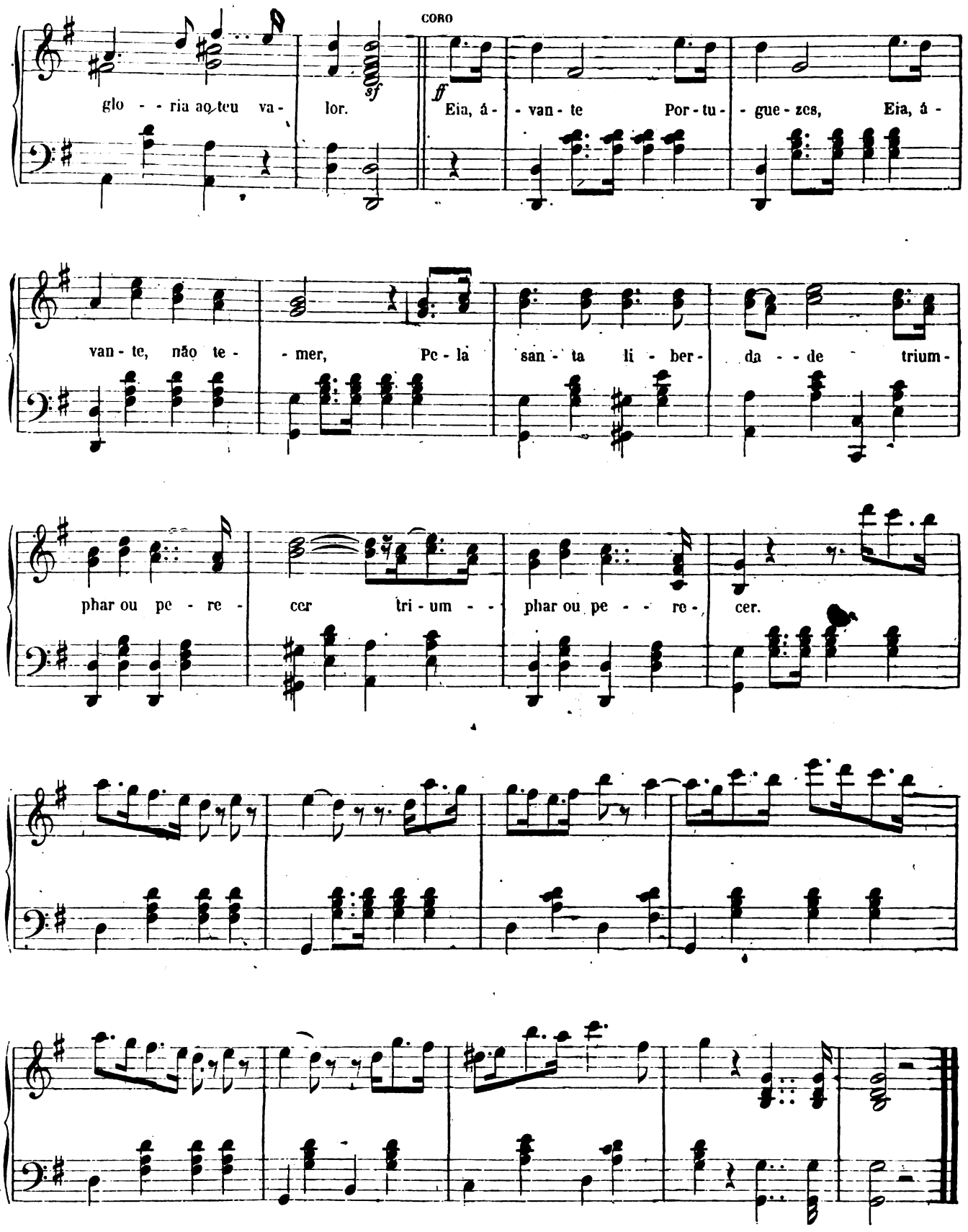
Algemada era a nação,
Mas é livre ainda uma vez;
Ora, e sempre, é caro á Patria
O heroismo portuguez.
Eia, ávante, etc.

Lá raiou a liberdade,
Que a nação ha de additar!
Gloria ao Minho, que primeiro
O seu grito fez soar.
Eia, ávante, etc.

Segue, oh povo, o bello exemplo
De tamanha heroicidade.
Nunca mais deixes tyrannos
Ameaçar a liberdade.
Eia, ávante, etc.

Fugi, despotas, fugi,
Vós, algozes da nação!
Livre, a Patria vos repulsa!
Terminou a escravidão.
Eia, ávante, etc.

Digitized by Google



O hymno da Maria da Fonte foi tambem aproveitado como canção guerreira pelo partido miguelista, attribuindo-se á sua inspiração os seguintes versos:

Temos um rei estrangeiro,
Estrangeirada facção,
A rainha estrangeirada,
Só portugueza a nação!

Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante d'uma vez,
Nós não queremos que governe
Senão um rei portuguez.

Tendo entrado no Porto o general Povoas, do exercito miguelista, organisou-se no dia 22 de fevereiro de 1847 um espectaculo de gala no theatro de S. João, em que se cantou o hymno com a seguinte letra:

Fulgiu hontem sobre o Porto
Um meteóro de gloria:
Chegou Povoas, e com elle
Chegou o deus da victoria.

Armas! ferro! guerra! guerra!
Tremulem novos pendões.
Contra a vil horda d'escravos
Marchae, livres, batalhões.

Digitized by Google

rixa velha e caso pensado para se verem livres um do outro. Mas ao attentar na maneira como por esse diploma se facilita a dissolução da familia, eu que tenho filhos, lembro-me dos filhos dos outros, d'esses sobre quem fica suspensa por um tenuissimo fio a catastrophe mais tremenda.

Mas socegue, tranquillise-se. O dictador não se julga perfeito nem julga inatacavel a sua lei. Elle sujeita-a á sancção do parlamento. No entanto, d'aqui até lá... E' de arripiar, é! Ha tanta mulher com vontade de se ver livre do marido e tanto marido com vontade de se ver livre da mulher, e tanta mulher e tanto homem com vontade de sahirem de uma armadilha para se metterem n'uma ratoeira, que eu receio que quando a lei chegar a ser discutida no parlamento só venha a aproveitar á proxima futura geração. Não se imagina a quantidade de acções de divorcio apresentadas em juizo desde a apparição do celebre diploma. Logo no proprio dia da publicação duzias de casaes se abraçaram pela ultima vez, como nas despedidas nos caes ou nas *gares*, com fundos *ais!* de alivio e desejos de boa viagem — e feliz encontro...

Mas compensando, como se diz na walsa dos *Sinos de Corneville*, a má impressão causada em espiritos conservadores pela lei do divorcio, aqui tem v. ex.ª outro diploma emanado tambem de secretaria da justiça que foi recebido com applauso geral ou quasi geral: a lei do inquilinato. A nova providencia a que o sr. Affonso Costa ligou o seu nome veiu beneficiar muitos milhares de familias. Eu que o diga, minha senhora. O sr. Affonso Costa livrou-nos, a todos, da mais desaforada das agiotagens — a usura do senhorio, que cobrava com sete mezes e dez dias de antecedencia a renda das más habitações em que por nossa desgraça vivemos.

E' claro que os senhorios gritaram. Pudera! Mas os inquilinos bateram palmas e como estes são mais que aquelles, succedeu o que não podia deixar de succeder: a peça agradou. Agradou e pegou, creia v. ex.ª, porque apesar de tambem este diploma estar sujeito á sancção parlamentar, ninguem lhe bulirá na parte essencial. Em pequenos e pouco interessantes detalhes, sim. Isso tambem não soffre duvida. A lei sahiu ás pressas. E tanto ás pressas que ninguem a entendia. Foi preciso esclarecel-a por outro decreto. Tudo isso, lei, decreto esclarecedor, titulos de arrendamento, se vende pelas ruas. E com exito. Creio mesmo que o unico commercio que actualmente vive com desafogo é esse.

Ainda agora subia eu o Chiado e ouvi varios garotos apregoarem:

— Cá está a nova explicação da lei do inquilinato!

... Oh D. Dorothea, elle ainda vale a pena viver, hein? A's vezes vale.

Como deve de ter lido nas gazetas houve *grèves* por uma pá velha. Houve e ha e parece que haverá. Isto de *grèves* é como o comer e o coçar: tudo está em começar.

A epoca é de reivindicações, minha querida senhora. E não se está com meias medidas. Reivindica tudo, minha gente! Carroceiros, pessoal dos electricos, sapateiros... Os homens do gaz ameaçam-nos com o quarto escuro se a companhia não lhes der para alli mais tanto e os da companhia das aguas estão tambem com ares de quem diz: não comam muito peixe salgado para não terem sêde. Os corticeiros levantam-se em massa, os soldadores largam as latas e tentam chegar a brasa ás sardinhas... dos patrões, o demonio, o vivo demonio!

Isto tinha de ser, fatalmente. Por felicidade de nós todos, o prestigio dos *meneurs* da multidão, que são precisamente alguns dos homens que estão no poder, os ministros do interior, justiça e estrangeiros, tem conseguido deitar agua na fervura, sendo notavel de serenidade, firmeza e bom senso a attitude de Antonio José de Almeida na grave conjunctura da *grève* do pessoal dos electricos. Ainda bem, ainda bem. Mas, oh D. Dorothea, tinha sido bem melhor não reconhecer o direito á *grève* n'esta melindrosa conjunctura. Mesmo para deixar ao parlamento a iniciativa de algumas leis sympathicas. O desprestigio do parlamentarismo entre nós — entre nós, entre vós e entre elles, graças a Deus! — é tal e tão grande, que bom seria a República levantal-o á sympathia e respeito do paiz pela promulgação de leis que do parlamento sahissem.

Mas, emfim, isso não é commigo. Commigo é esta moedeira terrivel no joanete, que se me aggravou com a humidade, e umas dôres nas cruzes que me vejo e desejo.

Adeus, querida amiga. Nosso Senhor tenha em sua graça a D. Dorothea Meyrelles, como é mister e não me desampare, pobre e impenitente peccador.

Recados ao padre Simões e as minhas homenagens á fidalga de Adorijo, E permitta v. ex.ª que lhe beije a mão o seu

Adm.or m.to am.o e cr.o grato

CAMARA LIMA.

Viajantes illustres

Desembarca em Lisboa o ministro dos negocios extrangeiros da Argentina, dr. Ernesto Bosch

Da esquerda para a direita: — *Os srs. Batalha de Freitas, dr. Ernesto Bosch e sua filha, e D. Baldomero Garcia de Sagastume, ministro da Republica Argentina em Lisboa*

(*Cliché* de J. Benoliel).

De passagem para a Argentina, paiz que mantem com o nosso as mais cordeaes relações de amizade, desembarcou em Lisboa, em 23 do mez findo, o sr. dr. Ernesto Bosch, ministro dos negocios extrangeiros d'aquella nação, sendo cumprimentado pelo sr. Batalha de Freitas em nome do governo portuguez. O illustre ministro depois d'um almoço na legação argentina, ao qual assistiram entre outras pessoas o sr. dr. Bernardino Machado e D. Baldomero Garcia de Sagastume, deu um pequeno passeio pela cidade e voltou a embarcar a bordo do Guilherme II, *tendo antes d'isso cumprimentado o sr. dr. Theophilo Braga, presidente do governo provisorio.*

Digitized by Google

A nossa bandeira

O grande poeta Guerra Junqueiro, que tão patrioticamente tem pugnado pela conservação da bandeira azul e branca, publicou ha dias no nosso collega «A Lucta», com o titulo que encima esta pagina, o seguinte artigo que com a devida venia vamos transcrever:

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza differente. A primeira é acção biologica, ou antes bio-chimica. Tal côr na ordem biologica, agrada-nos ou desagrada-nos, porque nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espiritual, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psichica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em braza, quando absorvido n'uma dôr sem esperança ou n'um enthusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E' mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. N'alguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de colera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse mono-ideismo duradoiro, essa unidade psichica tão forte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, physica, chimica, biologica e psicologica. Ninguem é identico a si mesmo em dois instantes successivos. E, apesar da continua differenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que determinam o seu temperamento e o seu caracter. A cada temperamento ou caracter corresponde, na ordem visual, a preferencia harmonica de certas côres. E os povos, embora constituidos por muitos milhões de homens de natureza diversa, possuem, como elles, um caracter, um temperamento de raça e de his-

Guerra Junqueiro

Digitized by Google

toria, que se não confunde. De modo que ha côres nacionaes, traduzindo biologica e psichicamente a idealidade dos povos.

Mas certas côres, que são em geral, as mais harmonicas para os nossos olhos e o nosso espirito, tornar-se-nos-hão odiosas e odiadas, vendo-as nascer n'uma bandeira filha do crime, que viveu na baixeza e acabou na deshonra. Então as côres que amamos de preferencia, por se casarem melhor aos nossos sentimentos, hostilisam um d'elles, o da patria, gravado na face da bandeira. De modo que as côres do estandarte, para serem absolutamente nacionaes, hão de exprimir, ao mesmo tempo, a idealidade da raça na ordem biologica, na ordem esthetica e na ordem politica. Só n'esse caso ha harmonia integral.

Duque de Palmella

(† 24 de novembro de 1910)

Na sociedade portugueza, tão falta de caracteres, era uma individualidade predominante.

Foi um valente official de marinha, foi um homem da sociedade, e, acima de tudo, foi um patriota.

Constellaram-lhe o peito as mais altas condecorações de Portugal, da Hespanha, da França, da Belgica, da Prussia, da Saxonia e da Italia. Mas nenhuma lhe era tão querida como essa medalha do Baltico, que attestava o seu valor de marinheiro e representava o premio honorifico concedido pela Inglaterra aos serviços que elle voluntariamente lhe prestára na guerra com a Russia. Pois foi essa medalha preciosa, ganha em batalha, de que elle se despojou, devolvendo-a ao governo inglez por occasião do ultimatum, *o que lhe valeu de toda a nação portugueza um sentido, profundo e notorio reconhecimento.*

Pouco sobreviveu á illustre senhora a quem teve ligados os seus destinos n'um largo periodo de 47 annos. Modesto na vida, foi modesto na morte, e o seu funeral teve a grandeza da simplicidade extrema que elle recommendou e que sua filha e seu genro, os nobres marquezes de Fayal, religiosamente cumpriram.

Paz á sua alma e do Brasil-Portugal *as mais sentidas condolencias á enlutada familia.*

A alma da nação traduz-se na bandeira, mas a alma em festa, a alma ovante, clamando gloria, radiando esperança.

O genio portuguez, mavioso e affectuoso, sonhador e simples, é um hymno lirico matinal, cantado de joelhos e de mãos postas. E' meigo, mas tambem é robusto, e, exaltado na acção, ergue-se de chofre, em vôo d'aguia, ás eminencias épicas. O nosso estandarte ha de dizer, — candura, ternura, vigor, denodo, nobreza, heroismo.

Tinha quatro côres. O azul e o branco no fundo e nas quinas, o vermelho no escudo, o oiro na corôa e nos castellos.

A luz branca é a luz habitual em que vivemos, aquella a que o nosso organismo se amoldou. As diversas côres, socialisando, fraternisando, dão o branco. E por isso a côr branca agrada geralmente a todos os olhos, é o fundo em que a vida se desenvolve, o fundo em que as outras côres se projectam, se agrupam e se distinguem.

Olhando através de um vidro azul ou escarlate, todos os objectos nos apparecem azues ou escarlates. Mas, se o vidro fôr branco, destacam-se um a um, nitidamente, na sua côr natural. Por isso o branco significa primeiro a clareza, a verdade, a evidencia, e depois, como ideias associadas, a candura, a pureza perfeita, a virtude sem mancha.

Se através de um cristal bem rubro olharmos com demora, sentiremos uma exaltação visual immediata, que se transforma em exaltação ideologica equivalente. Estando abatidos ou com somno, creamos impeto e despertamos. O vermelho é um excitante da vida, dá-lhe ardor, impelle á acção, provoca á lucta. E' vermelha a aurora, é vermelho o sangue, da côr da manhã é o sorriso dos noivos, e de purpura ardente a voz soberba dos clarins.

O azul tranquillisa-nos, apazigua-nos. Dá serenidade, bondade, graça ingenua, alegria candida. No céu e no mar não tem limites...

O oiro radiante offusca e deslumbra. E' gloria, victoria, triumpho, extase, apotheose. Circumdam-se d'oiro as fontes divinas dos Eleitos.

Completam a luminosa lingua do estandarte os emblemas essenciaes, evocando em imagens, n'um resumo instantaneo, a historia patria. Os emblemas traduzem ideias, mas falam-nos tambem aos olhos pelo desenho e pela côr.

E', pois, o estandarte um organismo vivo, que brota e se desenvolve parallelamente á alma da nação.

Estudemos a nossa bandeira na sua genese, na sua historia evolutiva.

A bandeira de D. Henrique foi uma cruz azul em campo branco. Porque adoptou a cruz azul e não a vermelha da Ordem de Christo? A sua empreza era uma cruzada, mas quiz naturalmente dar-lhe um caracter distincto, uma feição individual. Manteve a cruz, mas n'outra côr, em azul. Porque o azul exprimia a natureza meiga e affectuosa da raça lusitana, ou porque era essa uma das côres do seu escudo da casa de Borgonha? Talvez, quem sabe, pelos dois motivos. O que é certo é que já no estandarte de D. Henrique os emblemas e as côres se harmonisam admiravelmente com a psicologia portugueza. Falta-lhe ainda o vermelho, a nota rubra, clamando a energia bellica do tempo. Mas essa lacuna, que expliquei, não tardará a desvanecer-se.

A bandeira de Affonso Henriques foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um. Portanto os besantes não pódem

Funeral do duque de Palmella

(*Cliché* de A. C. Lima)

O funeral chegando ao cemiterio dos Prazeres

Digitized by Google

referir-se de maneira alguma aos cinco maravedis. Os besantes significavam soberania, o direito regio de cunhar moeda. São onze, desde D. Sancho até D. Affonso III. Nos escudos das rainhas e dos filhos bastardos do rei é que apparecem cinco, em vez dos onze. Assim no escudo da rainha Santa Isabel e de D. Leonor Telles e no de D. Maria Affonses, filha bastarda de D. Diniz, vêem-se cinco besantes em cada um, e não os onze do brazão real. O numero onze de besantes o que exprimia? Ignoro-o. E o numero cinco dos escudetes o que é que realmente significava? Apenas o meio mecanico indispensavel para distribuir os cincoenta e cinco besantes em cinco grupos? Julgo que não. Na cruz unida podiam formar-se tambem os cinco agrupamentos. Acodem-me duas explicações, e ambas verosimeis. A primeira é que os cinco escudetes alludem, em quantidade, aos cinco maravedis. Os besantes dentro dos escudetes representam, como disse, a autonomia, o direito soberano de cunhar moeda. A essa ideia, figurada nos besantes, allia-se naturalmente a dos cinco maravedis, que vem abonal-a e completal-a.

Mas a segunda explicação é egualmente logica. Os cinco escudetes lembrariam as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenham a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas. Nada mais espontaneo do que ligar á imagem da cruz a das chagas de Christo. E então a lenda do milagre d'Ourique, que a Egreja forjou no seculo XV, teria a amparal-a e a basear-lhe o credito um simbolo vivo e nacional. Inclino-me muito a esta hypothese.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brasão, que continuou assim até aos nossos dias. Porque os manteve e se conservaram depois? Manteve-os naturalmente por orgulho e conservaram-se por habito. Mas é possivel que date d'essa época, depois de Aljubarrota, a creação do milagre d'Ourique, e então os cinco besantes ficariam simbolisando as cinco chagas. E' uma hypothese.

No reinado de Affonso III, com a conquista do Algarve, modificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparecem n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando. O oiro da gloria e a purpura ardente das batalhas irrompem, com vehemencia, do fundo lyrico e celeste. E' bello.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes. E depois da conquista, correndo os annos, as suas armas são d'oiro em campo esquartelado, tendo no primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com os castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e da victoria. Foi isso talvez e mais uma coisa: o matrimonio do rei com a filha de Fernando III de Castella. As armas castelhanas eram como hoje, de castellos de oiro sobre fundo vermelho.

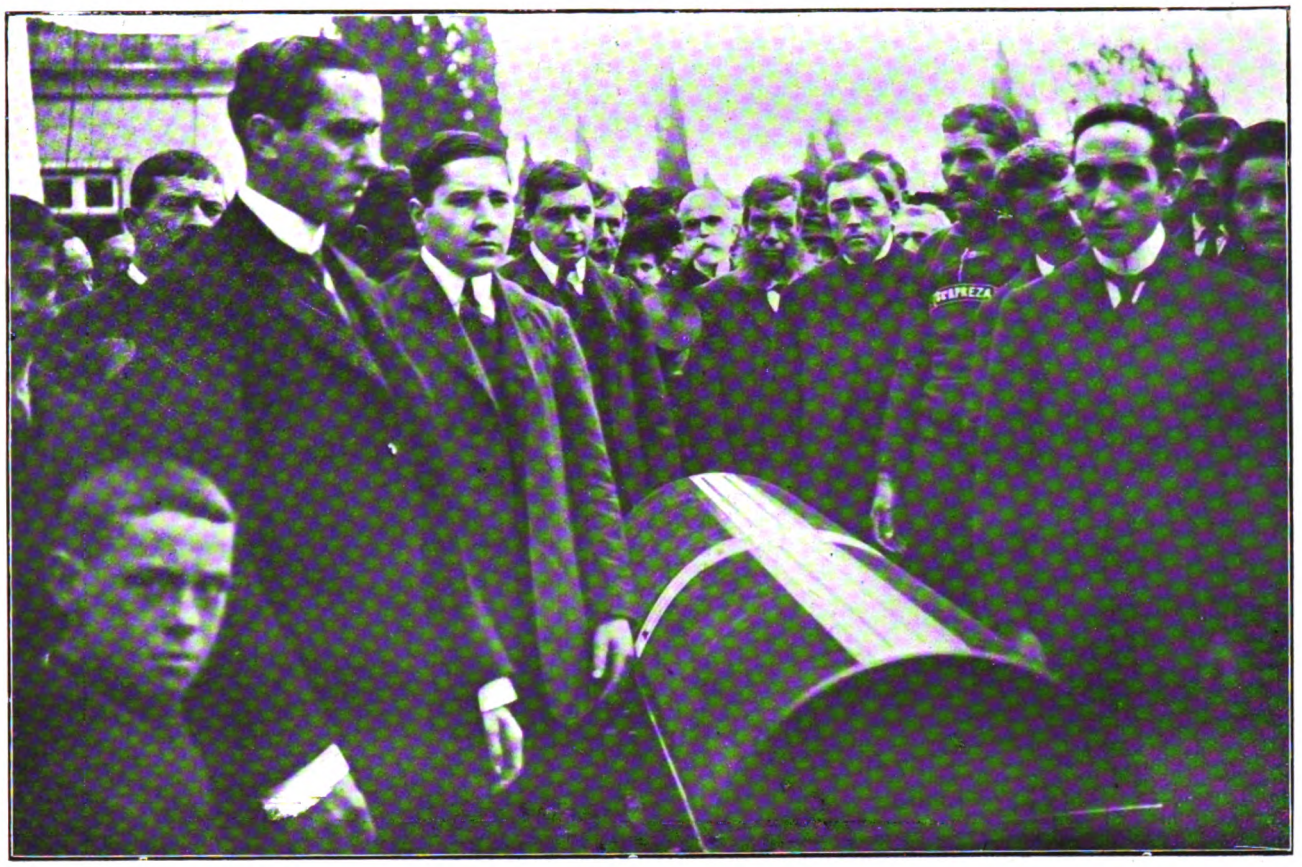
De todos os modos, o estandarte nacional adquiriu com D. Affonso III a quasi plenitude simbolica das qualidades da raça. E' já a flamula ovante d'um lirismo épico.

E, chegando á maravilhosa edade das descobertas, a febre triumphal nas almas e nas bandeiras incendeia-se então vertiginosamente. O estandarte de D. Manuel é, n'um campo d'alvura e de purpura, a esphera celeste, o simbolo cosmico, dardejando em oiro. E' o estandarte de apotheose que arvoraram as naus das Indias, juntamente com o de Christo, o de fundo de neve e cruz em brasa. N'este estandarte rutilo da Cruz a purpura, dominadora, esmaga o fundo de innocencia,

E no topo dos mastros as flamulas ebrias, azues e vermelhas, ondeiam e cantam, como linguas accesas de relampagos.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Vem depois o Bragança, e a bandeira ajesuita-se, é molle, mesquinha, hypocrita, adocicada. O escudo deita-se no chão, de rastos, a dormir, e no vérso, em triumpho, calcando o globo, d'azul e branco, diademada d'estrellas, a Rainha dos anjos, a Padroeira do Reino. E' a Purissima. A Mãe de Jesus? Não. A mãe do jesuita, a mãe-escrava de Loyola.



(*Cliché* de A. C. Lima).

Funeral do duque de Palmella

No cemiterio dos Prazeres — A primeira paragem

O estandarte da Ordem de Christo fluctua ainda, mas a cruz encolheu, emagreceu, — indigente, exangue, quasi filiforme.

Apparecem tambem as curiosas bandeiras das missões, com monges em extase, d'olhos em alvo, cathequisando e traficando.

O estandarte de D. Pedro II é um horror. Em campo inestetico, de faixas brancas, vermelhas e amarellas, projecta-se, monstruosa, de lado a lado, uma cruz negra de cemiterio. Debaixo d'ella dorme um povo...

E nas flamulas das naus extingue-se tambem o cantico da aurora, e o hymno épico estridente amortece e desfallece n'uma elegia de crepusculo.

E a esphera do seculo XV, — visão, aventura, sonho, deslumbramento, rebaixou-se, degradou-se, chatinou pelo mundo. Perdida a India, explorou o Brasil, constellou-se a ultima vez d'esmeraldas, topasios e diamantes. No reinado de D. João VI, o escudo de Portugal assenta sobre a esphera, isto é, sobre as minas, sobre os thesoiros do Brasil. As minas exgotaram-se, o Brasil separou-se, e a esphera de D. Manuel ficou nas armas do novo reino.

Com a invasão franceza a nação desperta. O rei foge, a aristocracia enlameia-se, o clero avilta-se. O povo abandonado resurge, defende heroicamente o seu lar, a sua alma, a sua patria. Combateu, venceu e ficou prisioneiro. De quem? Do desertor e do poltrão, do Bragança obeso e do jesuita livido. Reage, sonha em revolta. Enforcam-n'o. Mas tres annos depois a Liberdade, que subira ao cadafalso com Gomes Freire, levanta-se em pé, victoriosa, com Fernandes Thomaz. Surgem então no laço nacional as duas côres da revolta, o azul e o branco, para substituir as que se usavam, o azul e o vermelho, da libré do rei. A revolução não bania o monarcha, mas já antepunha,

Digitized by Google

soberanamente os direitos do povo aos direitos da corôa. O mandante era o povo, e o rei o mandatario. Porém, a Liberdade foi mais uma vez estrangulada pela dynastia, as côres da revolta não passaram da fita popular para o estandarte da nação.

Só nos dias heroicos da Terceira é que finalmente os castellos e as quinas pousaram em campo azul e branco, em campo novo de liberdade. E, detalhe curioso, o estandarte do imperador na hora do triumpho é a bandeira ovante de D. Affonso III, com a orla de purpura mais simples e mais ignea e os sete castellos mais altivos. E esta bandeira ufana hiperbolisa-se ainda depois n'um segundo modelo, o campo todo rubro, os castellos em oiro e, ao centro as quinas diminuidas, em fundo branco muito exiguo. A nota épica, que devia gravar-se, por direito, no estandarte do Povo, monopolisou-a, gongoricamente e orgulhosamente o estandarte do rei.

O povo verteu o sangue, e o rei illuminou com elle a sua purpura. E em paga que lhe deu o *Dador?* Escarros e chicotadas, burlas e traições, embustes e mentiras. Deu-lhe D. Maria II, D. Luiz, D. Carlos, D. Manuel (1). Deu-lhe peçonha, deu-lhe infamia, deu-lhe deshonra, deu-lhe morte.

E não morreu. O genio immortal d'esta grande patria acaba de erguer-se, luminoso e livre, de um captiveiro de seculos. O Jesuita e o Bragança, os dois verdugos, já lhe não acorrentam o corpo nem lhe envenenam o coração. O nosso patriotismo de hontem, a Saudade, voltava os olhos humidos ás glorias longinquas, como um velho decrépito aos dias da adolescencia, aos annos fortes e fecundos da clara e nobre juventude. Resuscitámos. Hoje, á memoria do passado, junta-se a fé no presente e a confiança altiva no futuro.

Resuscitámos para tornar a viver, para amar, para gerar, para crear. Animaremos de trabalho, de albergues felizes, de riqueza, de nupcias, de canções, as montanhas desertas. Aos campos incultos deitaremos sementes, nas almas nocturnas floriremos estrellas. Crearemos Verdade, crearemos Justiça, crearemos Belleza. Reataremos o seculo XV ao seculo XX, lançando com animo egual as frotas do nosso genio ás ondas da existencia, mas em busca de luz para os espiritos e de fraterno amor para os corações Resurgindo em Patria, resurgiremos em Deus, em Natureza, em Humanidade.

Uma patria livre quer uma bandeira victoriosa. Expulsa a realesa, cahiu da bandeira, inerte, o diadema real. Só o diadema? E as côres? O azul e o branco não se evolaram tambem?

O pendão da Rotunda era verde e vermelho, verde de esperança até á fé, vermelho de sangue até á morte. O verde clama esperança, a esperança jocunda na colheita, na verdura do trigo, na verdura da vinha, na verdura da arvore. A esperança protesta contra a má fortuna, contra a lezão, a doença, o aniquilamento. E a vida mais inferior é a que mais protesta, é a que mais quer viver, é a que mais se reproduz. O grão de trigo, germinando, deitou uma haste. A haste murchou, seccou, mas cahiram d'ella, para renascer, duzias e duzias de grãos de trigo. A verdura é a vitalidade e fecundidade, a indomita e continua creação de fructos e de flores.

O pendão do 31 de janeiro illuminou-se, como o da Rotunda, de vermelho e verde. O odio á monarchia, á farça sinistra do constitucionalismo, depoz o azul e branco. Inteiramente? Não. Ao proclamar-se a Republica das varandas da casa do municipio, ladeavam o estandarte vermelho e verde duas bandeiras azues e brancas. Este detalhe, na apparencia casual, mostra a differença do espirito revolucionario em duas épocas, A animadversão profunda contra o existente não chegara ainda, nem por sombras, ao furioso rancor exasperado e allucinado, á raiva sem tregoas, ao odio sem termo, á colera em brasa, á paixão implacavel, inexoravel, formidavel d'estes ultimos annos.

Hontem, a alma da revolução ardia em esperança e crepitava louca em lavaredas. A bandeira radiante e verdejante incendiou-se, como ella, em madrugadas de purpura. Verde e vermelha, de fé e de lucta, de riso immortal da natureza, de sangue d'estoicos e de heroes!

A clara e meiga melodia do azul e branco, com a sua voz de sonho e de luar, não agradava naturalmente em horas de febre e de peleja, aos olhos de chama da revolta. Nas vanguardas marciaes não soluçam violinos, clangoram heroicamente as boccas fulvas das trombetas.

E a cruz das quinas e os sete castellos onde estão? Farto de castellos e de cruzes, de carceres e de dôres, andava o povo escravo, o povo martyr. E por isso no estandarte da revolução não ha emblemas, para quê? Bastam-lhe as duas côres, o verde e o vermelho, gritando fé, clamando esperança! E a fé heroica d'esses homens remiu a patria, libertou-nos a todos.

E, insuflando á patria uma nova alma, deve dar-lhe o estandarte que a viu gerar?

Os sete seculos da nossa historia não os dissolveu o esplendor esbraseado da manhã da Rotunda. Purificou-os, illuminou-os, não os varreu, nem destruiu. Evaporaram-se sombras, exhumaram-se estatuas, e um clarão de alleluia ungiu d'amor o firmamento. Nasceu e morreu alguma coisa. Morreram vergonhas e miserias, nasceu ideal, nasceram astros. Glorifiquemos com elles, sobre a pureza do azul e branco, os nossos castellos valorosos e as nossas quinas immortaes. Integremos o instante de luz nos seculos fulgentes, a Rotunda na Historia, a marcha heroica na epopeia.

A alma da revolução cristalisou n'um sentimento: vencer ou morrer, a liberdade ou a morte! E os que respiram ainda o brazeiro da lucta, o ardor da victoria, não querem, não podem amar outro estandarte. Vibram-lhes ainda nos olhos de fogo as mesmas chammas do coração.

E' natural. Mas essa idealidade bellica e brilhante não lhes deixa sentir, nem avaliar os thesouros de affectos e ternuras, de que desce o lyrismo ingenuo, a graça maviosa e meiga do temperamento portuguez.

E' d'esse fundo sonhador e candido, cheio de singeleza e suavividade, que se levanta nas horas rudes o nosso esforço de epopeia, como abeto de bronze erguendo-se titanico d'entre giestas, madresilvas e malmequeres. Não ha povo nenhum que cante o amor e a dôr com tal doçura, e defenda o seu lar, a sua terra, com tamanho denodo e valentia. E' o primeiro dos lyricos, e, na acção e no drama, um combatente heroico e formidavel. Chama-se Bernardim Ribeiro e chama-se Albuquerque Crisfal e Nunalvares, Ignez e D. Duarte d'Almeida, Soror Mariana e Fernando de Magalhães, Bartholomeu Dias e João de Deus. Camões resume tudo: o amor, a dôr, a saudade, a graça, a aventura, o arrojo sereno, a nobreza épica.

E toda essa escala de emoções e de sentimentos, que vae desde os gorgeios de luar ceruleo da frauta pastoril ás rutilancias estridentes da tuba épica, ha de inscrever-se em musicas de luz na face ovante da bandeira.

Estudemol-a:

O campo azul e branco permanece indelevel. E' o firmamento, o mar, o luar, o sonho dos nossos olhos, o extase eterno das nossas almas.

Os castellos continuam em pé, inabalaveis, d'oiro de gloria n'um fundo de sangue ardente e generoso. Exprimiram batalha, exprimiram conquista. Hoje converteram-se de reductos minazes em sentinellas calmas e vigilantes. Não hostilisam, guardam. Não acommettem, defendem-nos.

A cruz do calvario, a das cinco chagas essa não morre, é o abraço divino, é o abraço immortal. As chagas christãs não cicatrisam, são ulceras eternas, vertendo eternamente sobre a dôr humana eternas lagrimas de amor. Choram sangue, choram misericordia infinita sobre a infinita angustia da natureza. O christianismo é anterior a Christo, ligado á existencia, imanente á vida. Nenhum emblema, como o de Jesus, santificaria o peito ao nosso escudo.

A corôa do rei, corôa de vergonhas, já o não envilece e o não deslustra. No brasão dos sete castellos e das quinas erga-se de novo, como vaso de luz, a esphera armilar da nossa gloria. Religiosamente lembrará o passado, magnificamente annunciará o porvir. Cantando as descobertas chimericas, indicará o futuro distante nas terras virgens d'além-mar.

E o symbolo augusto do nosso genio ardente e aventuroso coroemol-o emfim de cinco estrellas em diadema, dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperança e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Porto, 14 de novembro de 1910.

GUERRA JUNQUEIRO.

(1) O nobre Pedro V viveu como um ai, passou como um relampago.

Dr. Azevedo e Silva

Novo presidente da Junta do Credito Publico

Temos a convicção antecipada de que vamos ferir a sua modestia, por muito pouco que digâmos. E' que esta corre parelhas com o seu valor e para perturbal-a basta que esse valor tentemos registal-o em publico.

Acima d'estas considerações, porém, um dever se levanta: o da justiça, que á penna de jornalista faz imposições e exigencias a que elle não póde furtar-se. E como não fazer justiça a quem a merece é injustiça, incorrer n'essa falta seria pesado de mais para as nossas forças. Accresce que áquelle dever um outro se junta: um dever de consciencia, de velha estima, mas tão recto e justo que não prejudica a verdade.

Dr. Azevedo e Silva

Acaba de ser collocado na presidencia da Junta do Credito Publico o dr. José Francisco d'Azevedo e Silva. Quer dizer: o governo provisorio da Republica escolheu para um dos cargos de maior responsabilidade um dos seus homens de maior competencia. Competencia adquirida numa existencia, que já não é curta, de trabalho, de saber, de lealdade, de coherencia e de honradez pessoal. Pela somma d'estes predicados deve impôr-se á confiança dos crédores de Portugal o nome d'aquelle que hoje preside á administração da divida publica.

Advogado, conquistou no fôro, e principalmente no commercial, um nome respeitado, pela ponderação, pelos conhecimentos juridicos, pela firmeza e segurança do conselho. Honra, portanto a sua classe, como honrou a Associação dos Advogados, que reorganisou

Digitized by Google

juntamente com o sr. Beirão, tendo sido este o presidente e elle o secretario. O seu commentario ao Codigo Commercial d'aquelle estadista dá a medida do seu valor de jurisconsulto.

Pelo que toca ao politico, no longo sentido da palavra, se a politica é a firmeza das opiniões, a coherencia dos principios, o trabalhar largos annos por uma ideia, a isenção, o desprendimento e a lealdade, se é isso, nunca o teve mais digno nem mais nobre o partido republicano. Azevedo e Silva serviu-o sempre com a mesma fé, a mesma confiança, a mesma rectidão de processos, e, o que é mais raro, com a mesma fleugma inalteravel, a mesma perseverante serenidade. Esta qualidade que nuns é nativa, noutros a resultante de uma orientação methodica, e noutros ainda uma idiosyncrasia, nelle foi talvez tudo isto.

O que é certo é que elle pertence á mais velha guarda do seu partido, que é hoje o que foi sempre, e que quando, estudante do lyceu, publicava e redigia um jornal republicano, tinha na sua causa a mesma fé que sempre teve ao vêl-a perseguida, que teve no dia 5 de outubro ao vel-a triumphar. E seja qual fôr o regimen victorioso, a firmeza constante dos principios é sempre um alto exemplo, porque depura no mesmo cadinho o pensamento e o caracter.

Brilhavam na Universidade, quando Azevedo e Silva a cursou, Carlos Valbom, João Arroyo, Jacintho Candido, Eduardo d'Abreu, o conde de Paçô Vieira e outros que na politica e nas letras conquistaram um nome. Ao seu curso pertenciam Alfredo da Cunha, Trindade Coelho, Fidelio de Freitas Branco, Cruz Vieira, muitos que a morte já levou, outros que foram ou são figuras de destaque na imprensa, na magistratura e na politica.

Discipulo dos drs. Laranjo e Assis Teixeira, no periodo juvenil em que o cerebro acceita e assimila de prompto as ideias mais avançadas, mordido como nunca até ahi pela tarantula republicana, impregnado do positivismo de Comte, e irritado pelos velhos processos d'ensino d'aquelles professores, elle e dois condiscipulos, Falcão e Gomes Palma, lembraram-se de fazer um jornal, que por signal se chamou *A Evolução*, em que criticavam, atacando-os, esses methodos de ensino.

Para serem processados pelo fôro academico e expulsos por dois annos da Universidade não foi preciso mais nada. E isso bastou tambem para que em torno d'elles se creasse um movimento de protesto de tal ordem, que nem um academico deixou de tomar parte n'elle. Iniciou-o Eduardo d'Abreu que com Carlos Valbom e outros conseguiram a readmissão dos tres... rebeldes.

A entrada d'elles em Coimbra foi triumphal. Coincidia com a procissão dos Passos, que percorria as ruas da velha cidade, e que o povo abandonou para se juntar aos academicos, esperando e acompanhando Azevedo e Silva e os seus dois companheiros até á alameda da Universidade, onde se descobriu o monumento a Camões, velado de crepes por Eduardo d'Abreu no dia da expulsão pelo conselho de decanos.

Essa readmissão ordenou-a em portaria o ministro do reino d'então, Thomaz Ribeiro, dando-se até um incidente digno de nota. Vieram a Lisboa pedi-la ao ministro Eduardo d'Abreu, Carlos Valbom e outros. Thomaz Ribeiro titubeava, hesitava, acabando por indeferir o pedido dos academicos, receoso de ferir o conselho de decanos. Então, n'um rapto indignado e eloquente, que já fazia prever as fogosas objurgatorias do futuro orador de S. Bento, Eduardo d'Abreu, encrespando-se deante de Thomaz Ribeiro, largou-lhe esta á queima-roupa: «Os ministros passam, e a academia fica. Pois ella um dia lhe tomará contas, senhor ministro.»

— Venha cá, venha cá, chamou Thomaz Ribeiro um pouco desconcertado quando Abreu transpunha a porta do gabinete ministerial, e, como se costuma dizer, passando-lhe a mão pelo lombo, accrescentou, já resoluto:

— Os rapazes vão ser readmittidos. E' isto que deseja?

E foram-n'o. Positivamente Eduardo d'Abreu era a carbonaria d'aquelle tempo.

Foi este triumpho que a academia e a população de Coimbra acclamaram.

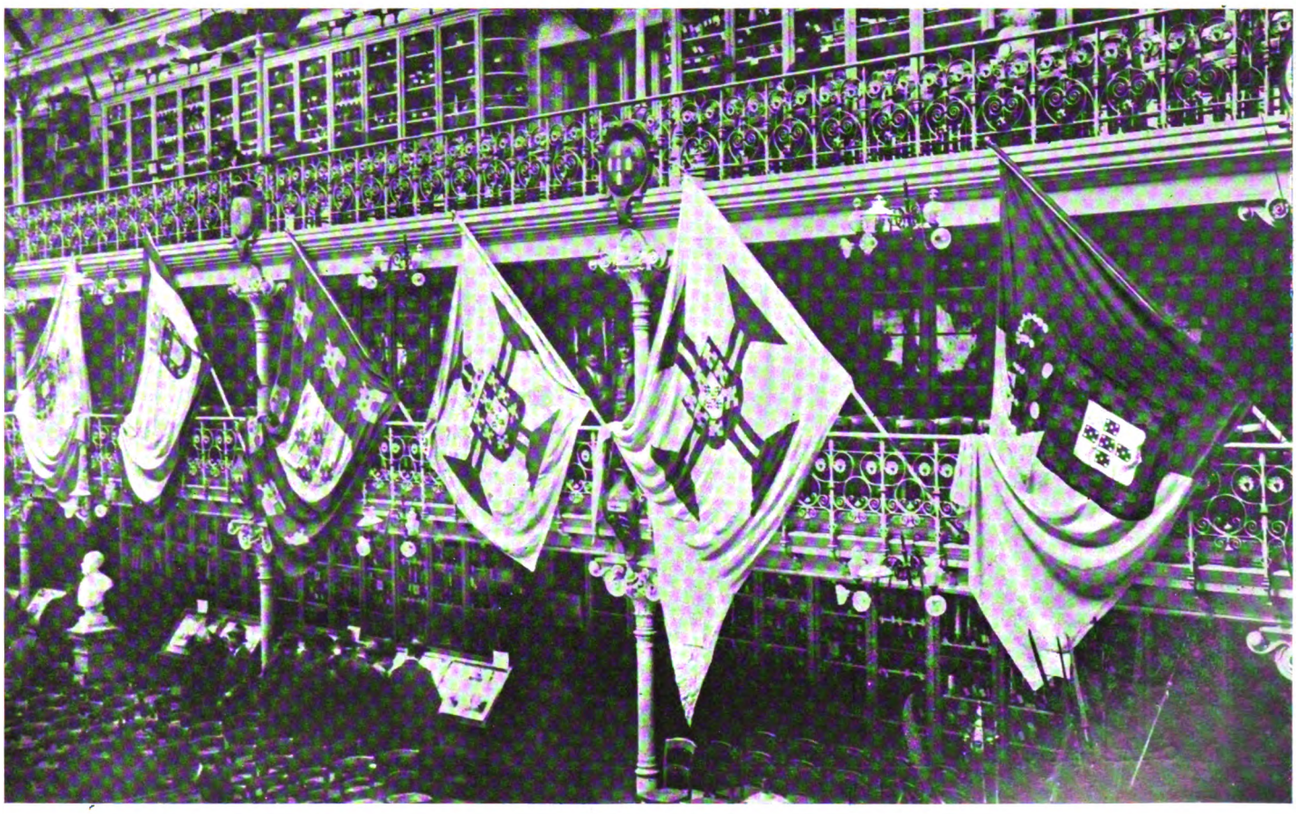
Esquecia dizer que a sentença dos decanos condemnára tambem os tres iconoclastas a 15 dias de detenção na cadeia academica, d'onde sahiam todos os dias para irem ás aulas. E um dos condiscipulos mais ladinos, Pedroso de Lima, ia todas as tardes, como protesto, ao toque da cabra — que Deus haja! — deitar meia duzia de foguetes á porta da velha cadeia da Rua dos Loyos, respondendo ao estalar das bombas as gargalhadas dos rapazes da academia, as quaes não estouravam com menos ruido hilariante.

Tal victoria e tanta troça não podiam os lentes levar á paciencia, e vingaram-se em não abonar as faltas aos readmittidos. Pois de novo voltou a Lisboa a commissão, e lá arrancou a Thomaz Ribeiro outra portaria mandando que as faltas fossem abonadas.

Estes episodios da vida academica não os contariamos se não fossem um traço biographico de subido valor.

Formado, Azevedo e Silva veio para Lisboa, fez jornalismo politico, escreveu na *Era Nova* de Silva Lisboa, e numa revista republicana, abriu escriptorio de advogado com Fidelio de Freitas Branco e D. Luiz da Costa de Macedo, creou, como dissémos, um nome no fôro, serviu com hombridade a politica do seu partido, foi membro do directorio presidido por Theophilo, e hoje advogado de nome, partidario desinteressado, chefe exemplar de uma grande familia, ao acceitar a presidencia da Junta, prestou á Republica um dos serviços mais valiosos.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA. — Exposição de bandeiras historicas



(*Cliché* do A. C. Lima). *Um aspecto*

As bandeiras que figuram na exposição são as seguintes:

Bandeira heraldica portugueza, insignia real de D. João II a D. Sebastião: orla encarnada com os sete castellos do Algarve e centro branco com as quinas em azul.

Digitized by Google

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topes dos mastros, D. Manuel I a D. Sebastião: branco, orlado de encarnado, tendo junto á tralha as quinas em azul.

Estandarte dos navios de commercio, D. João II a D. Sebastião: azul com as quinas em branco.

Estandartes que os navios de alto bordo arvoravam nos topes dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: branco com a cruz de Christo e as quinas.

Insignia portugueza, D. Manuel: branca e encarnada em disposição triangular, tendo ao centro a esphera armillar.

Bandeira das armadas da India: branca com a cruz de Christo.

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topes dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: vermelho com as quinas em branco.

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topes dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: triangular branco com orla vermelha e as quinas em azul.

Bandeira da armada real, desde 1580 a 1646 e desde 1641 a 1833. Branca com o escudo e corôa.

Bandeira da frota do commercio de 1641 até D. João VI. Branca e verde ás riscas em comprimento.

Bandeira dos galeões da India, D. Pedro II: branca com a cruz de Christo e sobre ella as armas reaes.

Bandeira do commercio do reino, D. Pedro II: branca com a cruz de Christo.

Bandeira do commercio do Brasil, D. Pedro II a D. Maria I: branca com a esphera armillar encimada pela cruz de Christo.

Bandeira ordinaria de D. Pedro II: faixas diagonaes azues, encarnadas e brancas tudo sobreposto por uma cruz negra vendo-se no canto superior uma cruz branca.

Bandeira do reino unido de Portugal e Brasil, 1815 a 1825: branca, com a esphera armillar, tendo sobreposto o escudo das quinas encarnado e coroa real.

Jack nacional, branco, orlado de vermelho com as armas reaes.

Estandarte imperial de D. Pedro IV: vermelho com o escudo branco ao centro e as quinas. Na orla vermelha os sete castellos.

Distinctivo de officiaes generaes da armada da India de D. Pedro II e D. José: a cruz de Christo em fundo branco tendo sobreposto o escudo das quinas e as armas reaes.

Bandeira nacional desde 1833 até 5 de outubro findo.

Estandarte real, desde D. Maria até D. Manuel II.

LIVROS

Problemas resolvidos e manipulações chimicas

E' o titulo de um livro, que se tornava de uma absoluta necessidade no ensino da chimica pratica em Portugal. Todos que teem passado pelos bancos das escolas prestam o seu mais caloroso apoio a esta importante obra, de que é auctor o illustrado capitão Correia dos Santos, professor do collegio militar e antigo collaborador do

Capitão João Correia dos Santos

Brasil-Portugal. O primeiro volume, destinado ás primeiras classes dos lyceus, escolas normaes e escolas industriaes, acaba de apparecer no mercado, illustrado com cem gravuras e com uma fina encadernação. E' uma obra absolutamente pratica e que desce aos mais insignificantes pormenores seguidos nas manipulações de chimica.

Contos vagabundos

D'entre os livros de versos que com frequencia apparecem destaca-se este. E o nome que o firma, Eugenio Vieira, não mais fugirá da memoria d'aquelles que o leram, porque hão de recordar com affecto algumas das paginas mais vividas, mais lyricas, ou mais pensadas, dos *Contos Vagabundos*. Hão de ter sentido uma original e delicada emoção através d'esses versos que se chamam *Lévinha, Fria, Mães sem casa, Ai dos vencidos, ai dos tyrannos! Historia de um coração*, e tantos outros em que vibra uma verdadeira alma de poeta, pelos quaes perpassa uma larga inspiração de artista.

Contos vagabundos é um livro que deve ler-se, Eugenio Vieira um nome que deve guardar-se no intimo das nossas recordações, porque além de muitos predicados litterarios se sente que um sopro de bondade perpassa por essa obra poetica, em que se adivinha um coração que vibra sob a desgraça alheia, e um espirito que se abre a todas as esperanças e a todas as clemencias.

Em resumo: *Contos vagabundos* é um bom livro e uma boa acção. E se alguem que não leu o precioso volume, que acabam de dar á publicidade os editores Guimarães & C.ª, quer ver n'estas palavras um reclamo, certificar-se-ha, lendo os versos, de que nunca o houve nem mais desinteressado, nem mais imparcial, nem mais justo.

Machado d'Assis e Cyro d'Azevedo

Os conhecidos livreiros-editores de Paris, Garnier Frères, estão prestando ás letras portuguezas um incalculavel serviço. Attestam-no de uma fórma brilhante os quatro volumes que tão gentilmente acabam de offerecer ao *Brasil-Portugal*, dois de Machado d'Assis e dois de Cyro d'Azevedo. São as traducções em lingua franceza de livros de contos e romances firmados por esses illustres escriptores do Brasil.

A edição formosa e nitida e a versão primorosa e fiel veem confirmar os creditos da afamada casa editora.

Theatros

Republica, *O Convertido*, peça em 4 actos de M. Hennequin e F. Duquesnel, traducção de Accacio de Paiva. — **Gymnasio,** *Seraphina*, peça em 5 actos de V. Sardou, traducção de Furtado Coelho. — **Avenida,** *Amor de principe*, opereta em 3 actos de Vigotto, musica de E. Eysler, traducção de Luiz Galhardo. — **Trindade.**

Patachon, que sob o titulo *Convertido* e numa esplendida traducção de Accacio de Paiva nos foi dado ouvir excellentemente representado pela companhia do **Republica,** é uma peça de sabor genuinamente francez, vivendo da graciosidade do dialogo, de um espirito delicado, que o traductor soube respeitar. *Patachon*, é um *borga*, que está separado da mulher, senhora muito religiosa, que vive n'uma pequena terra de provincia entregue a obras religiosas, de um genio completamente opposto ao do marido, que se diverte em Paris entre cocottes e artistas. Ha d'este casal uma filha que é o enlevo de ambos, e que passa oito mezes do anno com a mãe entre rezas e sermões, e os quatro mezes restantes em Paris com o pae n'um divertimento pegado, frequentando theatros, bailes, concertos etc. etc. Todo o empenho d'esta sympatica creatura é conciliar os paes, e tal é a sua boa vontade, que declara terminantemente a um rapaz de quem gosta, que não casará sem conseguir o seu fim. O pae, sabedor d'esta resulução, finge-se *convertido;* vae para casa da mulher, leva um mez a ouvir missas e terços, e mal que a filha casa resolve voltar á sua vida antiga, ao que por fim renuncia, a muitos rogos da filha e tambem porque os cabellos vão branqueando, a gotta approxima-se... emfim, é tempo de ter juizo. Augusto Rosa, realisou este typo com o talento que todos lhe reconhecem, havendo que especialisar ainda Adelina Abranches e Chaby Pinheiro.

A *Seraphina* de Sardou, que já ha muitos annos foi representada tambem no **Gymnasio** com grande exito, foi escolhida pelo actor Telmo, que n'ella teve um optimo trabalho n'um dos principaes papeis, para a sua festa artistica. A peça, que se ressente um pouco da antiguidade, gira sob uma lucta de ideias religiosas, tendo situações intensamente dramaticas a par de ditos de muito espirito, tudo aquillo muito bem baralhado com a mestria usual e conhecida do seu auctor.

O desempenho foi correctissimo por parte de Lucinda, Judith, Christiano, Cardoso e Alegrim, merecendo referencias especiaes todo o quarto acto, que é o mais intenso da peça.

Amor de principe é uma interessante operetta allemã, no genero da *Viuva Alegre* e do *Sonho de Valsa*, porém melhor ainda do que estas, não só em graciosidade, como na belleza da musica, que é encantadora. O motivo da acção baseia-se em dois principes a quem casaram em creanças, separando-os em seguida, segundo o uso do seu paiz, para mais tarde os reunirem, O principe, porém, vae para Paris, levando ahi uma vida de completa orgia, esquecendo-se dos seus deveres como esposo, o que muito desgosta a joven princesa. Emfim, depois de varias peripecias, tudo acaba em bem e adivinha-se que... hão de vir a ser muito felizes.

O desempenho muito bom, especialisando Cremilda, Auzenda, Armando de Vasconcellos e Gomes.

O *Paiz do Vinho* voltou agora á **Trindade** completamente remodelado, com referencias a assumptos da actualidade e novas apotheoses, o que nos leva a crer que ainda terá uma longa carreira.

No proximo numero nos referiremos á peça o *Fado*, ultimamente representada no **Apollo.**

RUY.

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE DEZEMBRO DE 1910 N.º 286

O presepio da Sé de Lisboa

Esculptura de Machado de Castro

Digitized by Google

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

CARTA ABERTA

Sobre assumptos que ao deante se verão

Ex.ma Sr.a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Ex.ma D. Dorothea e Senhora do meu maior respeito:

De posse da carta de V. Ex.a, que aqui chegou com um grande atrazo, certamente devido ás cheias que vão por esse mundo de Christo, pois de toda a parte chegam pavorosas noticias de inundações: de França, de Hespanha, d'esta pobre terra em que nascemos e que oxalá nos consuma como terra portugueza de lei.

Eu esperava fazer-lhe uma surpreza, indo passar o dia de Natal com V. Ex.a, o padre Simões, o Barradas e a Victorina. Ha dois mezes que, por assim dizer, vivia do ante-goso d'esse prazer. Mas o tempo veiu transtornar tudo de principio a fim. Aqui as chuvas e humidades teem sido continuas, aggravando os meus achaques horrivelmente: o rheumatismo e a «choradeira dos olhos», como lhe chama o Barradas. Mas, mesmo que eu tivesse posses e saude para me ir de abalada por ahi fora, penso que os caminhos devem estar uma peste. Deus sabe o que seria de comboio até o Pinhão; mas então do Pinhão para cima, Deus meu, nem me quero lembrar. Se é que ha diligencia, com este pavor de tempo, que deve ter posto as estradas n'um verdadeiro horror.

Não irei. Paciencia. Não assistirei, como ha 3 annos, á missa do gallo na capellinha da Candosa, ouvindo a voz do sino — a mais linda voz do sino que tenho ouvido — repercutir-se de quebrada em quebrada, tembrando ás almas simples e boas da santa gente que ahi vive o mysterio do nascimento do Menino Deus. Não estarei, de joelhos, ao seu lado esquerdo, com os olhos postos no retabulo da Virgem, ouvindo a voz abarytonada do padre Simões elevar-se, entre a luz esguia dos ciriaes para a penumbra mysteriosa da abobada, celebrando. Não verei, por entre as negras columnas de carvalho macisso da tribuna, as cabeças brancas da sua creadagem, curvadas para o chão, n'um extase de almas puras, ouvindo a palavra sagrada do ministro do Senhor dita no unico livro que não mente... Não vou, não irei... Paciencia. E talvez não vá mais, talvez nunca mais ahi torne... Paciencia, paciencia!

O dia de Natal, ahi, no solar de Candosa! O dia de Natal e o de Nossa Senhora da Conceição!... Oh meus pobres olhos que nem chorar podeis! Que recordações, que saudades, que infinita tristeza!...

Nunca me hei-de esquecer, querida amiga, da celebração d'essas duas festas, na Candosa. Nunca, por mil annos que eu viva. Que doce, santa e pura alegria! Quanta piedade, quanta caridade, quanta bondade n'esses dias inolvidaveis. A festa da Padroeira na Candosa! Só quem a viu...

Quizeram acabar com ella, sabe? Se sabe!... Mas não acabaram, D. Dorothea, não acabaram. Com uma pennada pode-se riscar uma rubrica de calendario; nada mais facil. Mas com esse simples traço não se eliminam das almas as puras crenças arreigadas. Isso...

Aqui, em Lisboa, a Immaculada foi festejada como talvez nunca o fosse. Nos templos, nos lares. A' capucha? Sim, é verdade. A' capucha. Estamos n'uma epoca em que é vergonha ter crenças religiosas. Tem-se medo de ser surprehendido n'uma manifestação de espirito religioso, como se tem receio, um grande receio, de que os outros saibam que a gente não pensa como elles. Covardia. E' verdade, D. Dorothea, covardia. Muita covardia, mesmo.

Ora, pois, o padre Simões não terá competidor na devastação dos lombos de porco, das grandes e gordas gallinhas afogadas em arroz, nas preciosas fatias doiradas que constituem a razão de ser da boa Victorina. V. Ex.a não terá a seu lado, á sua hospitaleira mesa, o devotado amigo de tantos annos, tocando com o seu o calice de V. Ex.a trasbordando do precioso *Primordial* — pelas prosperidades da nossa querida terra. Passarão, todos, bem sem mim. Eu é que aqui ficarei triste, muito triste, ausente da vossa dedicada amizade, do carinho de todos, que a todos devo amizade e carinho como a parentes bem chegados.

* * *

Que lhe direi eu d'aqui que ahi não seja novidade, minha excellente amiga? O que por cá vae, vae ahi, tambem, e muito aggravado. Um temporal desfeito. De todo o Ribatejo, do Alemtejo, por essa Extremadura fora, rios e ribeiros engrossam enormemente trasbordando para os campos, destruindo plantações e semeaduras, tudo devastando, tudo arrastando, alluindo os casebres dos pobres, arrastando moinhos, destruindo, levando a angustia, a miseria, o pavor a milhares de almas. Do proprio Porto, chegam más novas; a cheia, tal-

NOITE DE NATAL

Quadro de Correggio

Digitized by Google

qualmente o anno passado, foi devastadora comquanto fizesse sentir este anno muito menos os seus terriveis effeitos.

Mas no Porto e aqui ha recursos. Melhor ou peor tudo se remedeia. Que diremos porém d'essas pequenas terras encravadas em montanhas onde tudo escasseia para combater tamanho flagello? Que dizer de tantos infelizes que em horas da mais cruel dôr teem visto desapparecer toda a sua riqueza, o negro pão grangeado com o trabalho derrancador da terra, de sol a sol, á intemperie? Que dizer d'esses desgraçadinhos, rodeados de filhos? Tanto lar sem uma acha, tanta arca sem um pedaço de pão... O frio, a fome as lagrimas... E a onda tremenda, horrivel, crescendo, crescendo sempre, implacavel, violentamente, devastadora, assolando tudo, tudo arrastando na sua passagem: os plantios, as habitações, o gado, a creação, tudo, tudo...

O que por ahi vae é o que por cá succede. A desventura é a mesma, mais ou menos aggravada.

Mas aqui, mercê das circumstancias, a vida continua correndo normalmente. Deve v. ex.ª entender por normalmente, sem novidade de maior.

No dia 1.º de dezembro realisou-se a annunciada festa da bandeira. Não revestiu o brilho que se esperava já porque o tempo o não permittiu, já porque uma grande parte, a maioria da população lisboeta, não gosta do pendão, que é verde e encarnado. Ah! não se pode dizer que a Revolução seja esthetal! Não, não. Chamem-lhe redemptora, chamem-lhe luminosa, chamem-lhe o que quizerem. Mas senso artistico, bom gosto, isso não tem ella, D. Dorothea. Não tem.

O pendão vermelho e verde foi adoptado após mil locubrações de uma commissão que se sahiu com um relatorio que v. ex.ª já deve ter lido nas gazetas. Por esse documento ficou a gente sabendo que o vermelho é a côr do riso (e eu a julgar que era o amarello!) e que o verde é sempre para quem d'elle gosta, o que não offerece novidade por ahi alem.

Mas o nosso Guerra Junqueiro é que não está pelos ajustes e quebra lanças por uma linda bandeira, projecto do grande poeta, das côres azul e branca. A nossa linda, a nossa amoravel, a nossa adorada bandeira!

Escuso de lhe dizer que ao lado do extraordinario poeta estão todas as pessoas de bom gosto e mais aquellas em cujos corações a revolução não obliterou o culto da tradição. E é de crer, minha boa amiga, que por fim seja adoptada a bandeira azul e branca.

Como lhe disse o tempo não permittiu que a festa revestisse brilhantismo. De um céo plumbeo, sem restea de sol, a chuva cahiu constantemente, como um pranto sentido de nobre dôr que só assim desabafa. A procissão civica que veiu da Rotunda — a historica Rotunda — até o monumento dos Restauradores, apresentava um aspecto estranho: toda a gente veiu de guarda-chuva aberto. Toda aquella gente que a meio da jornada não dispersou pelas ruas transversaes, fugindo a uma molha tremenda. Houve discursos, houve continencias, houve solemnidade official, emfim. Mas não erro dizendo-lhe que não houve grande enthusiasmo.

Emfim, bandeira já nós temos.

* * *

A epidemia das *grèves* decresce. Um regulamento da lavra do novo ministro do fomento cortou-lhes as voadeiras. Veiu a tempo, esse diploma. Isto passava das marcas em materia de *grève*. Imagine v. ex.ª que se chega a falar n'uma *grève* de parteiras!...

Ahi para o norte os ferro-viarios e os gazomistas molharam a sua sopa a tempo. O Porto, segundo leio nas gazetas, viu-se e desejou-se com esses dois movimentos grevistas, ambos importantes. A cidade chegou a estar ás escuras e sem communicação com as provincias do Norte. Imagine.

Como disse, porém, o novo regulamento veiu metter isto nos eixos. O governo continua reconhecendo o direito á *grève* mas em taes e taes condições. Apertou-se a tarraxa e ainda bem. D'aqui por deante quem quizer reivindicar ha de saber como reivindica ou então saberá quanto lhe custa não reivindicar em termos.

Permitta Deus que por tão sabia medida possa a gente reivindicar o socego, a tranquillidade, que tão necessarios estão sendo, ao governo, para trabalhar desassombrada e livremente, ao paiz, para se repôr do tremendo abalo da revolução que tão graves consequencias trouxe ao commercio, á industria e á propria fortuna particular.

* * *

Não sei se sabe, D. Dorothea, que a China vae reconhecer a joven Republica. Pois é como lhe digo. Não tarda ahi um homem de rabicho a apresentar os seus cumprimentos ao sr. dr. Bernardino Machado. A China está com pressa de decidir aquillo de Macau. E nós tambem. Ou sim ou arroz — visto que os chinezes não usam sopas.

Ha dias realisou-se a entrega de credenciaes do representante da Republica Argentina, D. Garcia Sagastume. A cerimonia realisou-se no palacio de Belem, com o mesmo cerimonial da entrega de credenciaes do representante do Brasil. D'esta vez, porém, não foi o sr. dr. Theophilo Braga, chefe do governo provisorio, quem recebeu o diplomata. Não sei porque foi o illustre ministro dos estrangeiros quem se encarregou d'essa alta missão.

E por hoje nada mais, querida amiga. Muita saude, muita paz na sua alma lhe desejo. Recados a todos e não esqueçam o

Velho amigo muito dedicado

CAMARA LIMA.

Nossa Senhora da Conceição

Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas

A bandeira nacional

Quando no dia 5 de Outubro, logo a seguir á proclamação da republica, a bandeira verde e encarnada começou a apparecer hasteada nos edificios do Estado, houve muita gente, mesmo muita, que sentiu uma forte impressão de tristeza, como quando nos morre um ente querido e, olhando em volta de nós, só vemos a solidão que sempre produz a falta d'um affecto que julgamos insubstituivel.

Saudades da monarchia constitucional que acabava de morrer depois d'uma vida curta, agitada e ingloria?! Não, porque essa impressão foi sentida por muitos que, não fazendo da politica occupação e collocando acima de tudo os interesses da patria, acataram o novo regimen, fundando n'elle as suas esperanças d'um melhor futuro para o paiz. Succedia, porém, que, coincidindo com a queda da monarchia, desapparecia tambem uma cousa sagrada — a bandeira azul e branca e o escudo das quinas — bandeira que ainda dias antes todos reverenciavam quando algum regimento atravessava as ruas da capital. Succedia, que em seu logar, se hasteava uma outra bandeira, para muitos desconhecida, cujas duas côres, que ao longe parecem uma só côr indefinida, tinham um aspecto estranho, muito embora a todo o momento e como consolação o raciocinio nos dissesse que os vencedores eram irmãos nossos, não obstante professarem um credo politico que não era o de todos os portuguezes, que a insignia verde e vermelha era apenas um signal provisorio de posse, sendo de esperar que, muito em breve, a republica havia de identificar-se com o sentimento nacional, não impondo a sua bandeira mas sim adoptando a da nação, aquella que era de todos, aquella que estava consagrada pelo uso e pela tradição.

*

Foi passando tempo e a saudade, cada vez mais viva, começou a

Digitized by Google

manifestar-se por muitas formas diversas, por meio de muitas cartas enviadas aos jornaes e em varios projectos expostos nas montras dos estabelecimentos, todos ou quasi todos defendendo a conservação das côres azul e branca, bastando este simples facto para se conhecer que a bandeira nacional, excluida a corôa, era alheia ás luctas politicas e que muita gente via nas côres verde e encarnada apenas um distinctivo partidario.

Desde então o assumpto tem sido largamente discutido, figurando entre os partidarios do azul e branco muitos dos homens mais cotados do paiz pela sua intelligencia, pelo seu saber e alguns até pela sua fidelidade aos principios republicanos. Pode dizer-se mesmo que, excluida uma pequena maioria, a parte intellectual da nação manifesta-se, sem distincção de partidos, a favor da conservação da antiga bandeira, destacando-se na frente d'esta cruzada, que se nos affigura altamente patriotica, a personalidade de Guerra Junqueiro.

No entanto, por um lado, ainda nem tudo está dito e por outro não é demais tudo quanto se diga porque o assumpto é d'aquelles que reclamam a maior attenção. Vamos, pois, tambem expôr o nosso modo de ver e fazendo-o bom é frisar desde já que não é nosso intento melindrar os partidarios da bandeira verde e encarnada, bandeira que aliás respeitamos, como não podia deixar de ser, visto que n'ella figura o escudo de Portugal.

*

O assumpto tem sido e pode ser encarado sob dois aspectos:

a) as côres da bandeira;

b) os seus symbolos ou ornamentos.

Acerca das côres mantivemos durante muito tempo a opinião de que ellas deviam ser reduzidas a uma só, a branca, por ser a bandeira branca aquella que maiores glorias conquistou para o nosso paiz, aquella que tinhamos como tradicional, considerando portanto a azul e branca como insignia do constitucionalismo e por isso insignia partidaria.

Ultimamente, porém, comquanto a bandeira branca nos mereça as maiores sympathias, a nossa opinião modificou-se um pouco, concorrendo para esse resultado os motivos que vamos expôr e tambem o facto de serem só dois os campos em que actualmente está dividida a opinião publica — *azul e branco e verde e encarnado.*

E' certo que o uso da bandeira azul e branca data da implantação do regimen constitucional, mas certo é tambem que com ella nascemos, que o azul entra desde os tempos mais antigos, pelo menos como *enfeite,* em todas as nossas bandeiras, que o escudo de D. Affonso Henriques era branco como uma cruz azul e que, segundo nos ensinou João Bonança, n'aquelle seu admiravel artigo que aqui transcrevemos, as duas côres eram estimadissimas pelos nossos antepassados — os luzitanos — tão estimadas, que o nosso primeiro rei se julgou no dever de as adoptar. São pois côres verdadeiramente nacionaes e democraticas. Não nos foram impostas por nenhum rei nem por qualquer presidente da republica, pelo contrario, foram adoptadas pelo fundador da monarchia, certamente para agradar ao seu povo. Adoptando-as, o constitucionalismo não produziu uma novidade, não fez uma invenção, fez mas foi uma reconstituição historica.

O mesmo se não pode dizer da bandeira encarnada e verde, especialmente em relação á ultima das duas côres.

Sobre o assumpto diz-nos o sr. Theophilo Braga:

«Para justificar as côres republicanas temos a côr *vermelha* da conquista do Algarve, em que se integrou o territorio portuguez, e a côr *verde* do pendão vencedor em Aljubarrota, que reivindicou a autonomia de Portugal.»

Isto é uma justificação que só a boa vontade e o talento do sr. Theophilo Braga poderiam produzir. Estamos certos de que o illustre presidente do governo provisorio seria tambem capaz de justificar o amarello, o preto, o azul e todas as côres conhecidas.

Não se trata, porém, de justificar uma bandeira qualquer com quaesquer côres. Trata-se mas é do seguinte: — é que a bandeira da patria deve ser aquella que já esteja justificada e consagrada por muitos e muitos seculos. Trata-se de não desprezar o que os nossos antepassados nos legaram, o que tantos actos de heroismo lhes inspirou, a bandeira que atravessando todos os mares e todos os continentes foi deixando atraz de si respeitado e temido o nome de Portugal.

A bandeira verde appareceu em Aljubarrota?!

Mas que importancia tem isso para o caso?

Se o feudalismo tivesse creado entre nós grandes raizes é possivel e provavel que em vez d'uma bandeira verde lá apparecessem bandeiras de todas as côres, mas simples insignias *particulares* como era a da Ala dos Namorados.

Porque não passou logo a côr verde para o estandarte da nação? Naturalmente porque houve o bom senso de não abater a bandeira da patria, triumphante em tantas batalhas, perante o estandarte d'um grupo de homens, embora valentes, triumphante n'uma só.

Como é então que se pretende ir agora buscar essa côr para a introduzir na bandeira do paiz?

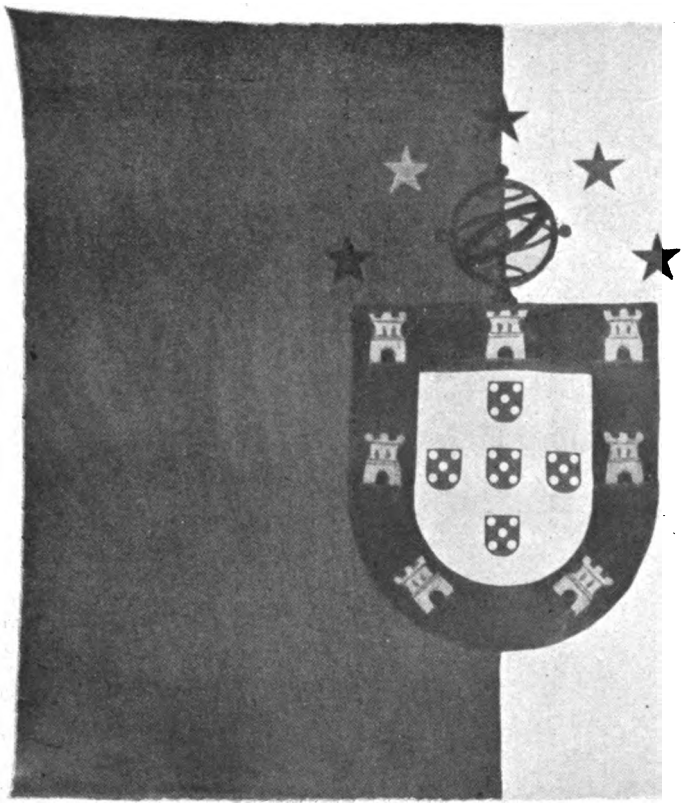
De resto, entre duas côres gloriosas, manda o bom senso escolher aquella que maior somma de glorias traduz. Portanto, qual vale mais — o *verde* de Aljubarrota ou o *branco* de todas as nossas descobertas maritimas?

Accresce ainda que, provavelmente, as pessoas que primeiro se lembraram de crear a bandeira verde e encarnada para distinguir o partido republicano, só se lembraram de que o verde é esperança e o encarnado guerra. Sendo assim, não tendo essas pessoas em vista fazer uma reconstituição historica, para que se quer agora arranjar um fundamento historico?

Por seu lado e á falta de melhor argumento a commissão encarregada de estudar a bandeira nacional diz no seu relatorio que a côr verde é, segundo Augusto Comte, a que «mais convem aos homens do porvir».

Achamos mau ir buscar opiniões extrangeiras para justificar uma bandeira nacional. E' pouco para tão grande assumpto, parecendo-nos alem d'isso que Augusto Comte não tem razão.

A bandeira portugueza



(*Cliché* de A. C. Lima). *Projecto de Guerra Junqueiro*

Digitized by Google

Os homens do porvir serão de certo ainda mais civilisados do que os do presente e tudo indica que quanto maior é a civilisação menor é a predilecção pelas côres garridas. O facto pode já verificar-se hoje comparando o vestuario das camponezas com o das senhoras das cidades. Ver-se-ha que, emquanto as primeiras adoram o encarnado bem vivo, o azul, o verde, etc., as segundas gostam de côres menos fortes, mais esbatidas.

O pessoal que trabalhou na bandeira de Guerra Junqueiro

Tambem ultimamente, acerca das côres da bandeira, lemos um artigo do sr. Nobre França o qual, defendendo a bandeira verde e encarnada, diz referindo-se ao branco:

«Primitivamente todas as bandeiras seriam brancas... visto que antes do descobrimento das tinturarias industriaes não seriam conhecidos processos para extrahir dos vegetaes e mineraes quantidades sufficientes de materias corantes para tingirem muito panno branco».

E' um aspecto novo para a questão. E' possivel que assim tenha acontecido, mas n'esse caso occorre tambem perguntar:

Porque é que, depois de descobertos os processos de tinturaria, houve nações que conservaram o branco nas suas bandeiras e outras que o puzeram de parte?

Porque é que em Portugal durante tantos seculos se conservou branco todo o fundo da bandeira?

Não demonstrará isto uma predilecção especial da nossa raça? Não será bastante para dar a essa côr uma significação historica, nacional?

*

O outro aspecto da questão são os symbolos da bandeira.

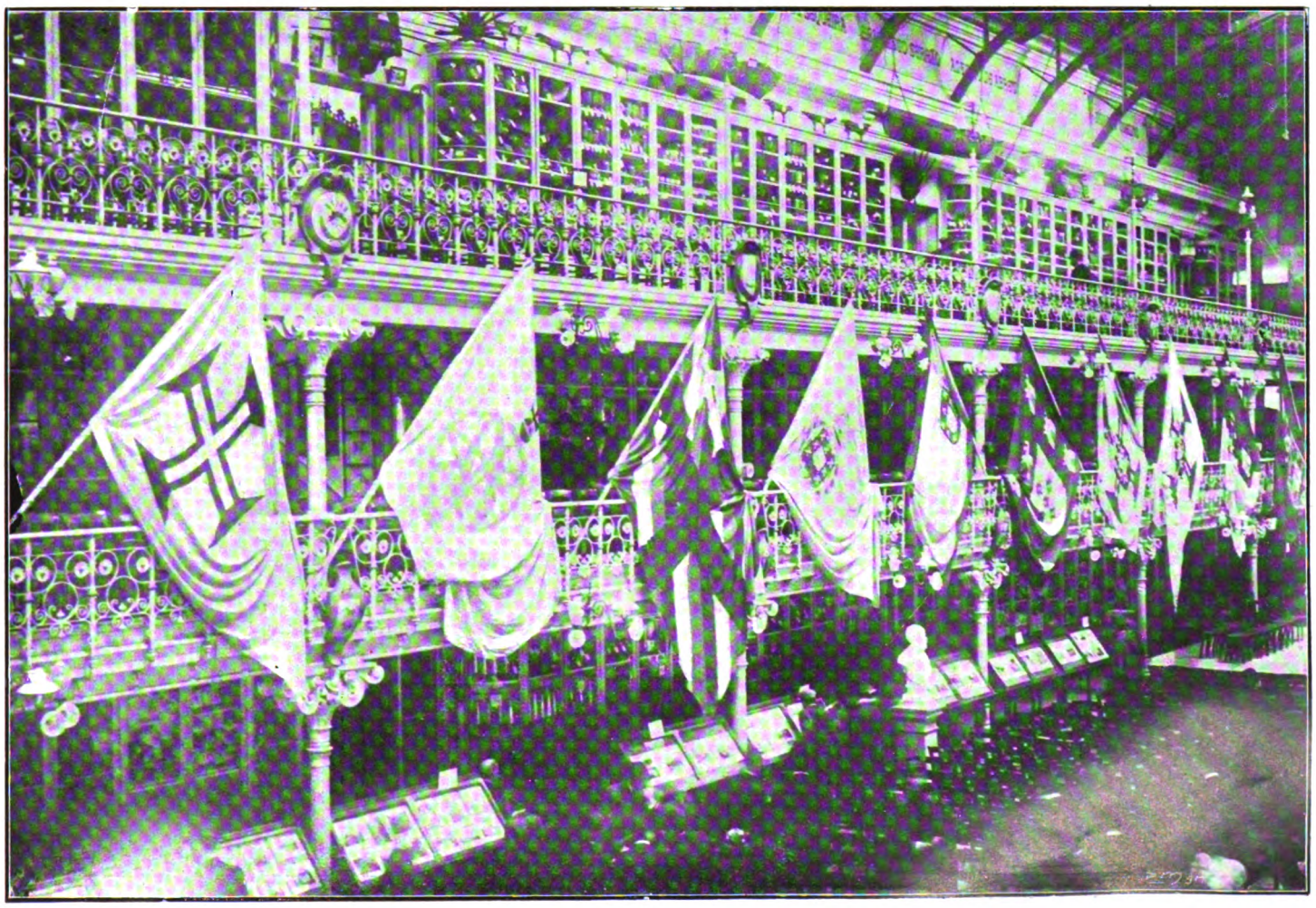
A este respeito devemos dizer que tudo nos serve desde que o escudo da nação não seja posto de parte. Achamos mais bonito o pensamento de Guerra Junqueiro mas não estamos descontentes com o da commissão. Embora verde e encarnada a bandeira inaugurada no dia 1 do corrente sempre é a bandeira das quinas. Devemos até dizer que a preferimos a qualquer bandeira azul e branca em que não entrem as armas da nação. Vem isto a proposito de uns artigos do sr. Alexandre Fontes, publicados no *Imparcial*, nos quaes se defende calorosamente a bandeira azul e branca mas sem qualquer symbolo ou então com uma simples esphera armilar.

Não estamos d'accordo e achamos que o melhor é votar pura e simplesmente a favor da bandeira de Guerra Junqueiro, não produzindo mais complicações.

O escudo da nação não é coisa que se deite fóra. São as armas de Portugal e não, como se pretende, o symbolo da realeza. O escudo e os castellos são emblemas guerreiros e não monarchicos. Houve de certo escudos antes de haver reis e os castellos tambem tanto serviam para defender monarchias como republicas. Portugal, nação guerreira desde a mais remota antiguidade, não pode pôr de parte o escudo glorioso que lhe serviu em tantos combates.

Quanto ás quinas, que o mesmo sr. rejeita por serem emblema religioso e não quer por isso offender as crenças de quaesquer portuguezes que não professem a religião christã, diremos que o melhor é não lembrar uma questão religiosa onde ella não existe. Os portuguezes na sua quasi totalidade ou são christãos e n'esse caso adoram a cruz, ou são atheus e então tambem se não sentem offendidos nem com esse nem com qualquer outro symbolo religioso, sendo até de prever que prefiram a cruz porque, naturalmente, não negam que com o christianismo deu o mundo um grande passo no caminho da civilisação.

Exposição de bandeiras historicas na Sociedade de Geographia



(*Clichés* do A. C. Lima).

Um aspecto da sala

Digitized by Google

Que outras religiões se professam entre nós? Temos mahometanos, adeptos de Confucio, crentes da religião hebraica? Apenas os ultimos e em pequena quantidade, não nos constando que alguma vez vissem com maus olhos a bandeira portugueza. Pelo contrario, sabemos que, quando no tempo de D. Manuel I d'aqui foram expulsos, abandonaram com tristeza a patria onde fluctuava a bandeira das quinas.

De resto quem nos diz que elles dão ás quinas uma significação religiosa? Talvez pensem como o sr. Theophilo Braga:

«Por isso na bandeira *branca* de D. Affonso Henriques a *cruz azul* transformou-se na representação dos *cinco maravedis*, symbolo audaz da independencia contra o imperialismo de Castella.»

Quanto ao mais estamos plenamente d'accordo. Conserve-se a bandeira verde e encarnada como pavilhão da republica e seja a bandeira azul e branca a bandeira da patria.

J. Nunes de Freitas.

O BEIJO

I

Quando uma parte do exercito francez se apoderou, no principio d'este seculo, da historica Toledo, os seus chefes, que não ignoravam o perigo a que se expunham nas povoações hespanholas, disseminando-se por alojamentos separados, principiaram por arranjar para quarteis os maiores e os melhores edificios da cidade.

Depois de se occupar o sumptuoso alcaçar de Carlos V, deitou-se a mão á casa da camara, e, quando esta não poude conter mais gente, começaram a invadir o asylo das communidades religiosas, acabando afinal por transformar em quarteis até as egrejas consagradas ao culto. N'esta conformidade se encontravam as cousas na povoação em que se passou o successo que vou referir, quando uma noite, já a horas bastante adiantadas, envoltos nos seus escuros capotes de campanha e ensurdecendo as estreitas e solitarias ruas que vão da Porta do Sol a Zocodover, com o tinir das armas e o ruidoso bater das ferraduras dos seus corceis, que arrancavam faiscas ás pedras, entravam na cidade uns cem dragões, d'aquelles altos, arrogantes e robustos, de que ainda nos falam com admiração as nossas avós.

Commandava a força um official bastante novo, que ia a uns trinta passos da sua gente, falando a meia voz com outro homem, tambem militar, como se podia ver pelo seu uniforme. Este, que caminhava a pé adiante do seu interlocutor, levando na mão uma lanterna, parecia servir-lhe de guia por entre aquelle labyrintho de ruas escuras e emmaranhadas.

— Na verdade, dizia o official de dragões, se o alojamento que se nos prepara é como o pintas, quasi que melhor seria acamparmos no meio de uma praça.

— Que quer, meu capitão? respondeu o guia, que era effectivamente um furriel, — no alcaçar não cabe já um alfinete quanto mais um homem; em S. João dos Reis não falemos, porque ha cella de frades em que dormem quinze hussards. O convento aonde o levo não era mau, mas ha cousa de tres ou quatro dias que nos cahiu ahi das nuvens uma das columnas volantes que percorrem a provincia, e o que pudemos conseguir foi que se amontoassem nos claustros deixando livre a egreja.

— Emfim, exclamou o official depois de curto silencio, e como que resignando-se ao extranho alojamento que o acaso lhe deparava, antes isso que nada. Se chover, estamos a coberto.

Interrompida a conversação n'este ponto, os dragões precedidos

No dia 1.° de dezembro

A FESTA DA BANDEIRA

(*Clichés* de J. Benoliel). **No largo do Municipio**
A guarda de honra conduzindo a bandeira da Republica

Na Avenida da Liberdade
A nova bandeira tremulando no Monumento dos Restauradores

Digitized by Google

A festa da bandeira. — *O cortejo de homenagem á nova bandeira, descendo a Avenida da Liberdade — O Collegio Militar*

pelo guia seguiram para diante, até chegarem a uma praça, em cujo fundo se destacava o negro perfil do convento com a sua torre mourisca, a sua cupula ogival e os seus telhados de cristas deseguaes e escuras.

— Aqui está o seu alojamento, disse o furriel ao vel-o e dirigindo-se ao capitão, que, depois de mandar fazer alto á tropa, se apeou, tirou a lanterna das mãos do guia e dirigiu-se para o ponto que este lhe indicava.

Como a egreja do convento estava completamente desmantelada, os soldados, que occupavam o resto do edificio, tinham entendido que as portas lhe eram inuteis e hoje uma taboa, ámanhã outra, tinham-nas ido arrancando pedaço a pedaço para fazerem fogueiras com que se aquecessem á noite.

O nosso joven official não teve pois, nem de dar volta ás chaves, nem de correr ferrolhos para penetrar no interior do templo.

A' luz da lanterna, cuja duvidosa claridade se perdia nas espessas sombras das naves e debuxava com gigantescas proporções na parede a phantastica sombra do furriel que o ia precedendo, percorreu a egreja de cima até abaixo e esquadrinhou a uma e uma as suas desertas capellas, até que, escolhido o local, mandou apear a sua gente e lá a foi accommodando como poude, indo de embrulhada os homens e os cavallos.

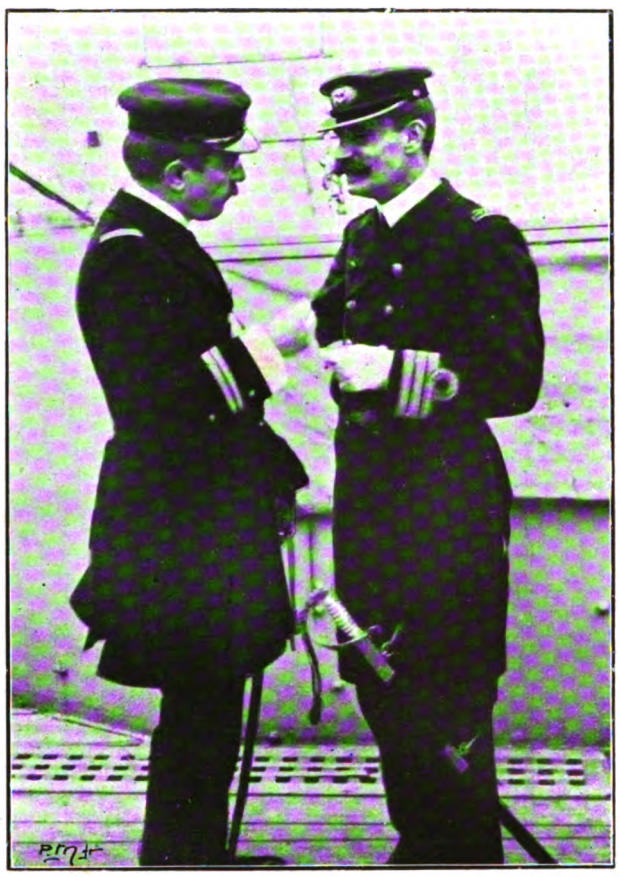
Segundo deixamos dito, a egreja estava completamente desmantelada: no altar-mór pendiam ainda das altas cornijas os rotos pedaços do véu com que o tinham encoberto os religiosos ao abandonar aquelle recinto; disseminados pelas naves viam-se alguns retabulos encostados ás paredes, mas já sem as imagens; no côro debuxavam-se com uma fimbria de luz os extranhos perfis das escuras cadeiras de pau santo; no pavimento, arrombado em varios sitios, distinguiam-se ainda grandes lousas sepulcraes cheias de timbres,

(*Clichés* de J. Benoliel). **A festa da bandeira.** — *O cortejo de homenagem á nova bandeira — A academia*

Digitized by Google

No dia 1.º de Dezembro

A bordo do "D. Carlos". — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis"

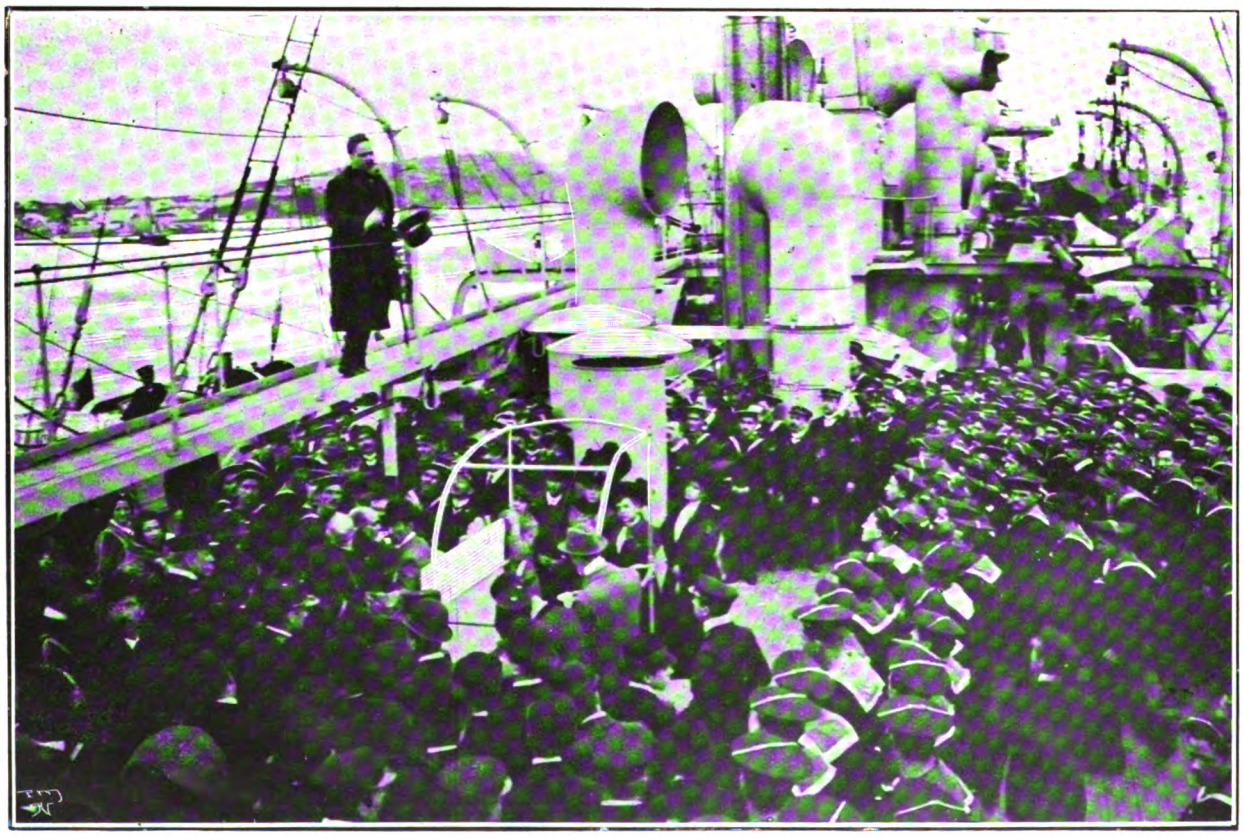


Dois officiaes revolucionarios — Machado dos Santos e Ladislau Parreira

(Cliché de A. C. Lima)

A bordo do "D. Carlos" — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis". — *O descerrar da placa*

(Cliché de J. Benoliel).



A bordo do "D. Carlos" — Inauguração da placa dando ao cruzador o nome de "Almirante Reis".

(Cliché de A. C. Lima). *O ministro do interior, dr. Antonio José de Almeida, falando á marinhagem*

Digitized by Google

Republica portugueza

A entrega de credenciaes do ministro da Argentina

O sr. D. Baldomero Garcia de Sagastume sahindo do palacio de Belem
(*Cliché* de J. Benoliel).

escudos e grandes inscripções gothicas; e ao longe, ao fundo das silenciosas capellas, e ao longo do cruzeiro, destacavam-se confusamente entre a escuridão, similhantes a brancos e immoveis phantasmas, as estatuas de pedra, que, umas deitadas, outras de joelhos sobre o marmore dos seus tumulos, pareciam ser os unicos habitantes do arruinado edificio.

A qualquer outro menos fatigado do que o official dos dragões, que tinha no corpo uma jornada de 14 leguas, ou menos costumado a considerar estes sacrilegios como a cousa mais natural d'este mundo, bastavam dois dedos de imaginação para não poder pregar olho em toda a noite n'aquelle escuro e imponente recinto, onde as blasphemias dos soldados que se queixavam em alta voz do improvisado quartel, o metallico tinir das esporas que resoavam sobre as lousas sepulcraes do pavimento, o ruido dos cavallos, que escarvavam o chão impacientes, fazendo tilintar as correntes com que estavam presos aos pilares, formavam um rumor estranho e temeroso, que se dilatava por todo o ambito da egreja e se reproduzia cada vez mais confuso, repetido de echo em echo nas suas altas abobadas.

Mas o nosso heroe, ainda que novo, estava já tão familiarisado com estas peripecias da vida de campanha, que, apenas accommodou a sua gente, mandou pôr um sacco de palha ao pé do degrau da capella-mór, e, embrulhando-se o melhor que poude no seu capote, e deitando a cabeça no degrau, resonava d'ahi a cinco minutos com mais tranquillidade do que o proprio rei José no seu palacio de Madrid.

Os soldados fazendo travesseiros dos sellins, imitaram o seu exemplo, e a pouco e pouco se foi apagando o murmurio das suas vozes.

D'ahi a meia hora só se ouviam os afogados gemidos do vento que entrava pelas partidas vidraças das ogivas do templo, o estonteado esvoaçar das aves nocturnas, que tinham os seus ninhos no docel de pedra das esculpturas dos muros e o cadenciado rumor dos passos da sentinella, que passeava envolta nas amplas dobras do seu capote ao longo do portal.

II

Na época em que se passa esta historia tão veridica como extraordinaria, para os que não sabiam apreciar as bellezas de arte que os seus muros encerram, a cidade de Toledo não era mais do que um povaréo desmanchado, antigo, arruinado e insupportavel.

Os officiaes do exercito francez, que, a julgar pelos actos de vandalismo com que n'ella deixaram triste e perduravel memoria da sua occupação, tudo seriam menos archeologos e artistas, é claro que se enfastiavam soberanamente na vetusta cidade dos Cesares.

N'esta situação de animo, a mais insignificante novidade que viesse interromper a monotona quietação d'aquelles dias eternos e eguaes, era acolhida com avidez pelos ociosos; assim, a promoção de alguns dos seus camaradas, a noticia do movimento estrategico de uma columna volante, a sahida de um correio de gabinete ou a chegada de uma força qualquer, tornavam-se thema fecundo de conversação e objecto de toda a especie de commentarios, até que outro incidente o vinha substituir, servindo de base a novas queixas, criticas e supposições.

Como era de esperar, entre os officiaes, que, segundo o costume foram no dia seguinte tomar sol e tagarellar um pedaço no Zocodover, não se falou n'outra cousa senão na chegada dos dragões, cujo chefe deixámos no capitulo antecedente dormindo a somno solto e descançando das fadigas da sua viagem. Havia uma hora que a conversação girava sobre este assumpto e já se começava a interpretar de diversos modos a ausencia do recemchegado, a quem um dos presentes, seu companheiro de collegio, déra para ponto de reunião o Zocodover, quando emfim appareceu na praça o nosso bello capitão com o seu capacete de metal de plumas brancas, farda azul de voltas vermelhas e magnifica espada de bainha de aço, que tilintava arrastando-se, á cadencia dos seus passos marciaes, e do tinir secco e agudo das suas esporas de ouro.

Apenas o seu camarada o viu, foi ao seu encontro e com elle todos os que alli estavam, e aos quaes tinham dado curiosidade e von-

A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — *A escolta de lanceiros que acompanhou o sr. ministro*
(*Cliché* de A. C. Lima).

Digitized by Google

tade de o conhecer os pormenores que já tinham ouvido referir do seu caracter original e extranho.

Depois dos apertados abraços do costume, das exclamações e perguntas de rigor n'estas entrevistas; depois de falarem largamente das novidades de Madrid, da varia fortuna da guerra, dos amigos mortos ou ausentes, passando de um para outro assumpto, a conversação veiu a parar no thema obrigado — fadigas do serviço, falta de distracções da cidade e incommodo dos alojamentos.

— E a proposito de alojamentos, disse um dos officiaes, como passou esta noite na sua egreja?

— Houve de tudo, porque, se é verdade que pouco dormi, mereceu a pena estar acordado. A insomnia junto de uma mulher bonita não é seguramente o peor dos males.

— Uma mulher! retorquiu o seu interlocutor espantado, isso é que se chama chegar e beijar o santo.

— Algum antigo amor da côrte que o seguiu a Toledo para lhe tornar mais supportavel o ostracismo, accrescentou outro do grupo.

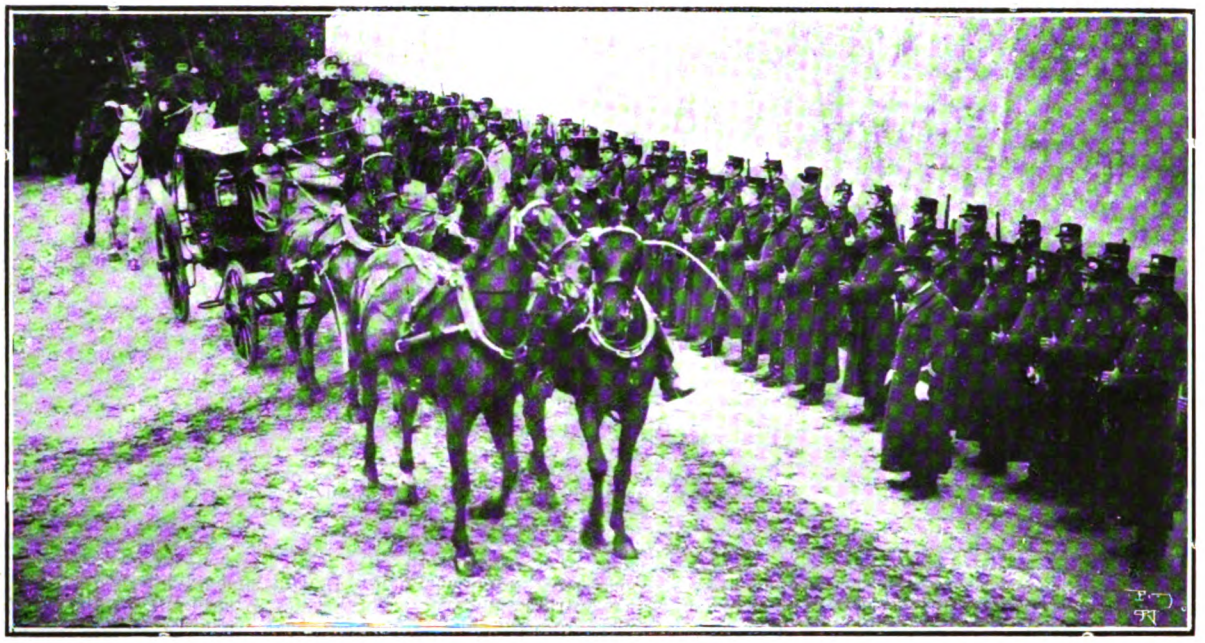
— Oh! nem por sombras! juro á fé de quem sou que não a conhecia, e que nunca imaginei achar tão gentil patrôa em tão incommodo alojamento. E' o que se pode chamar uma verdadeira aventura.

— Conte-a, conte-a, exclamaram em côro os officiaes.

— Dormia esta noite como pedra em poço, principiou o capitão sem se fazer rogado, quando no melhor do meu somno me fez despertar em sobresalto e levantar-me sobre o cotovello um estrondo horrivel, um estrondo tal, que por um instante me ensurdeceu para me deixar depois os ouvidos a zunir um minuto, como se estivesse um moscardo a cantar-me dentro da orelha.

Como podem imaginar, a causa do meu susto era a primeira badalada que ouvia d'esse maldito sino grande, que os conegos de Toledo puzeram na sua cathedral com o louvavel proposito de não deixar dormir quem precisa de descanço.

... Arrenegando do sino mais do sineiro, dispunha-me, apenas expirou aquelle insolito e temeroso rumor, a pegar de novo no somno, quando me feriu a imaginação e se offereceu aos meus olhos uma cousa extraordinaria.



A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — *O diplomata argentino retirando para o palacio da legação*

A' duvidosa luz da lua que entrava no templo pela alta janella da capella-mór, vi uma mulher ajoelhada ao pé do altar...

Os officiaes olharam-se com uma expressão entre assombrada e incredula; o capitão, sem attender ao effeito que produzia, continuou d'este modo:

— Não podem imaginar nada semelhante áquella nocturna e phantastica visão que se desenhava confusamente na penumbra da capella, como essas virgens pintadas que alguma vez terão visto destacar-se ao longe no fundo escuro das cathedraes.

... O seu rosto oval onde se via impresso o sello de uma leve e ascetica maceração, as suas feições harmoniosas cheias de suave e melancholica doçura, a sua intensa pallidez, as purissimas linhas do seu bello contorno, o seu porte sereno e nobre, o seu trajo branco e fluctuante traziam-me á memoria essas mulheres que eu sonhava quando era quasi uma creança. Castas e celestes imagens, chimerico objecto do vago amor da adolescencia!

... Julgava-me ludibrio de uma allucinação e, sem tirar d'ella os olhos, nem ousava respirar, temendo que um sopro desvanecesse o encanto.

... Ella permanecia immovel.

... Scismava, ao vêl-a tão diaphana e luminosa, que não podia ser uma creatura terreal, mas sim um espirito que, revestindo por um instante a fórma humana, descera n'um raio da lua, deixando no

A entrega de credenciaes do ministro da Argentina. — *A guarda de honra ao palacio de Belem, retirando*

(*Clichés* de A. C. Lima).

Digitized by Google

ar apoz si essa azulada esteira que vinha da alta janella cahir verticalmente no fundo do muro fronteiro, rasgando a negra sombra d'aquelle recinto lobrego e mysterioso.

— Mas, exclamou o seu camarada de collegio, como estava alli essa mulher? Não lhe disseste nada? Não te explicou a sua presença?

— Não me resolvi a falar-lhe porque tinha a certeza de que me não respondia, nem me via, nem me ouvia!

— Era surda?

— Era cega?

— Era muda?

— Era tudo isso ao mesmo tempo, exclamou emfim o capitão depois de um instante de pausa, porque era... de marmore!

Ao ouvirem o estupendo desenlace de tão extranha aventura, desataram todos uma gargalhada emquanto um d'elles dizia ao narrador da peregrina historia, que era o unico que permanecia calado e em grave attitude:

— Mulheres d'esse genero tenho eu mais de um milhar, um verdadeiro serralho em S. João dos Reis, serralho que desde já ponho á sua disposição já que, segundo parece, tanto se lhe dá que uma mulher seja de marmore como de carne.

— Oh não! disse o capitão sem se alterar com as gargalhadas dos seus companheiros, estou certo que não podem ser como a minha. A minha é uma verdadeira dama castelhana, que por um milagre de esculptura parece que não foi enterrada no seu sepulcro, mas que ainda permanece em corpo e alma de joelhos sobre a lousa que o cobre, submersa n'um extasi de mystico amor.

— De tal modo te explicas que acabarás por nos provar a verosimilhança da fabula de Galathea.

— Pela minha parte posso dizer-lhe que sempre a julguei uma loucura, mas que principio a comprehender a paixão do esculptor grego.

— Dadas as especiaes condições da tua nova dama, creio que não terás duvida em nos apresentares? Estou morto por ver essa maravilha. Mas que diacho é isso? parece que não estás muito resolvido, querem ver que tens ciumes!

— Ciumes... dos homens não... mas vejam onde chega a minha extravagancia. Junto da imagem d'essa mulher, tambem de marmore, grave e parecendo vivo como ella, ha um guerreiro... seu marido sem duvida... Pois bem! vou dizer-lhes tudo, ainda que zombem de mim. Se não receasse que me chamassem louco, parece-me que o teria despedaçado mil vezes.

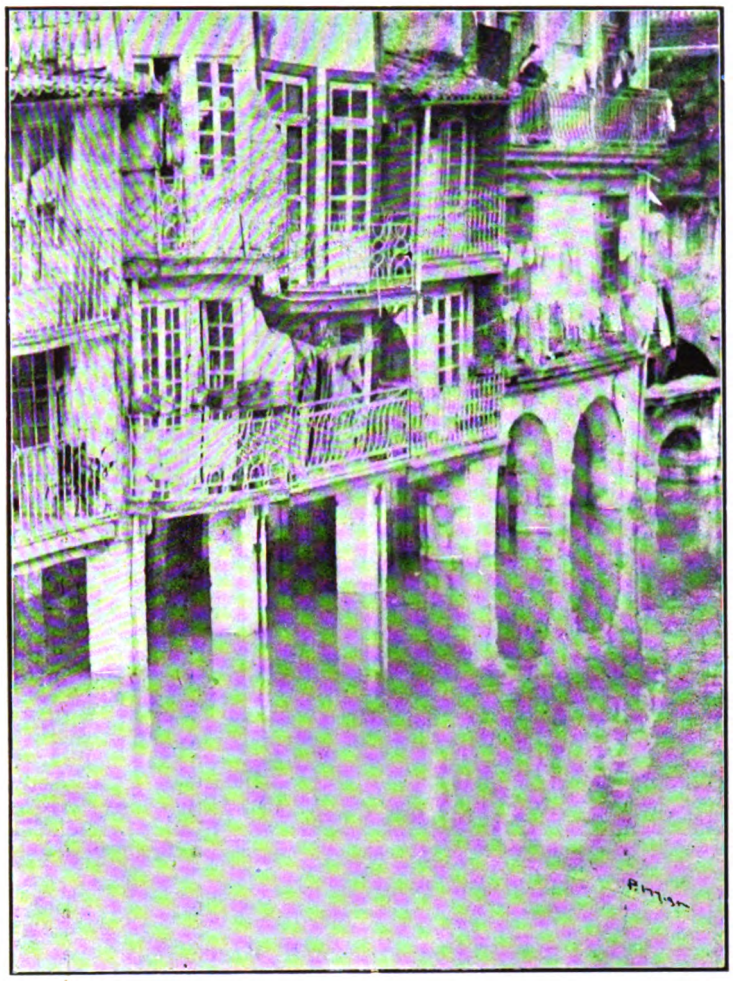
Nova e mais ruidosa gargalhada saudou esta original revelação do estrambotico namorado da dama de pedra.

— Nada, nada, é preciso vel-a, diziam uns.

— E' preciso saber se o objecto corresponde a tão alta paixão, acudiam outros.

— Quando podemos ir beber um copo de vinho á egreja onde está alojado? exclamaram os restantes.

— Esta noite se quizerem, respondeu sorrindo o joven capitão. Trouxe nas bagagens umas duas duzias de garrafas de Champagne,



As inundações no Porto. — *Aspecto do bairro de Miragaya*

resto de um presente dado ao nosso general de brigada que ainda é, como sabem, meu parente.

— Bravo! bravo! exclamaram os officiaes.

— Bebe se vinho da patria!

— E canta-se uma canção de Ronsard!

— E fala-se de mulheres a proposito da dama do amphitryão!

— Até á noite.

— Até á noite.

III

Havia muito que os pacificos habitantes de Toledo tinham fechado e trancado as pesadas portas dos seus antigos casarões; já no alto do alcaçar convertido em quartel se ouvia o ultimo toque de silencio dos clarins, quando dez ou doze officiaes que a pouco e pouco se tinham ido reunindo no Zocodover, se encaminhavam para o convento onde se alojava o capitão, animados mais pela esperança de esgotar as promettidas garrafas do que pelo desejo de conhecer a maravilhosa esculptura.

Cerrara-se a noite sombria e ameaçadora: o céo estava forrado de nuvens côr de chumbo; o vento, que zumbia encarcerado nas estreitas e tortuosas ruas, agitava a moribunda luz da lampada dos retabulos, ou fazia girar com um ranger agudo as grimpas de ferro dos campanarios.

Apenas os officiaes entraram na praça, veiu ao seu encontro o capitão que os aguardava impaciente, e, depois de trocarem algumas palavras a meia voz, entraram juntos na egreja, em cujo lobrego recinto a escassa claridade de uma lanterna luctava trabalhosamente com as negras e densissimas sombras.

— Por minha fé, exclamava um dos convidados, passeando em derredor a vista, o sitio é dos menos propicios para uma festa!

— Effectivamente querem mostrar-nos uma dama, e só com difficuldade vemos os dedos das nossas mãos!

— E sobretudo faz um frio que parece que estamos na Siberia!

— Soceguem, meus senhores, interrompeu o amphitryão, que tudo se remedeia. Eh! lá! rapaz! proseguiu dirigindo-se a um dos

Os ultimos temporaes

As inundações no Porto

Os habitantes de Miragaya abandonando as suas casas

(*Clichés* de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

Digitized by Google

As inundações no Porto. — *Povo observando a cheia no Caes da Ribeira*

seus soldados, procura para ahi uma pouca de lenha, e accende-nos uma boa fogueira na capella-mór.

O soldado, obedecendo ás ordens do seu capitão, começou a descarregar machadadas nas cadeiras do côro, e, depois de ter reunido uma grande quantidade de lenha que foi empilhando ao pé dos degraus da capella, agarrou na lanterna e dispoz-se a fazer um auto de fé com aquelles fragmentos recortados em riquissimos lavores, entre os quaes se via, aqui parte de um columnello salomonico, além a imagem de um santo abbade, o busto de uma mulher, ou a disforme cabeça de um gripho assomando entre folhagens.

D'ahi a minutos uma grande claridade, que de subito se derramou por todo o ambito da egreja, annunciou aos officiaes que chegara a hora de principiar o festim.

O capitão, que fazia as honras do seu alojamento com todo o cerimonial, disse para os convidados:

— Se querem, passemos ao buffete.

Os seus camaradas, affectando a maior gravidade, responderam ao convite com um cumprimento comico, e encaminharam-se para a capella-mór, precedidos pelo heroe da festa, que ao chegar aos degraus se deteve por um instante, e, extendendo a mão para o sitio em que estava o tumulo, lhes disse com a mais primorosa delicadeza:

— Tenho a honra de os apresentar á dama dos meus pensamentos. Creio que hão de concordar em que lhes não exaggerei a belleza.

Os officiaes voltaram os olhos para o sitio que o seu amigo lhes indicava, e uma exclamação de assombro irrompeu involuntariamente de todos os labios.

No fundo de um arco sepulcral revestido de marmores negros, ajoelhada deante de um genuflexorio, com as mãos postas e o rosto voltado para o altar, viram effectivamente a imagem de uma mulher tão bella, que nunca sahiu outra egual das mãos de um esculptor, nem o desejo a poude pintar, na phantasia, mais soberanamente formosa.

— E' na verdade um anjo! exclamou um d'elles.

— Que pena que seja de marmore! disse outro.

— E' certo que só a illusão de se achar uma pessoa perto de uma mulher d'este calibre é bastante para se não pregar olho em toda a noite.

— E não sabe quem ella é? perguntaram alguns dos que contemplavam a estatua, ao capitão que se sorria satisfeito do seu triumpho.

— Recordando um pouco o latim que soube na minha infancia, consegui com muito trabalho decifrar a inscripção do tumulo, respondeu o interpellado, e, segundo o que pude colligir, pertence a um titular de Castella, famoso guerreiro, que fez as campanhas do Grão-Capitão. Já me esqueceu o seu nome, mas sua esposa que alli vemos chama-se D. Elvira de Castanheda, e, por minha fé, se a copia se parece com o original, devia ser a mulher mais formosa do seu seculo.

Depois d'estas breves explicações, os convidados, que não perdiam de vista o principal objecto da reunião, trataram de desarrolhar algumas das garrafas, e, sentando-se á roda do lume, principiaram a fazer girar o vinho.

A' medida que as libações iam sendo mais numerosas e frequentes, e que o vapor do espumoso Champagne começava a transtornar as cabeças, crescia a animação, o ruido e a algazarra dos rapazes: uns arrojavam aos monges de granito encostados aos pilares as rolhas das garrafas vasias, outros cantavam a plena voz canções bacchicas e escandalosas, além prorompiam gargalhadas, davam-se palmas ou resoavam blasphemias e pragas.

O capitão bebia em silencio como um desesperado, e sem tirar os olhos da estatua de D. Elvira.

Illuminada pelo avermelhado esplendor da fogueira, e atravez do confuso véu que a embriaguez puzera na sua vista, parecia-lhe que a marmorea imagem se transformava ás vezes n'uma mulher real; parecia-lhe que entreabria os labios como que murmurando uma oração; que se lhe levantava o peito como que opprimido e soluçante; que cruzava as mãos com mais força; que as suas faces se coloriam emfim como que ruborisadas ante aquelle sacrilego e repugnante espectaculo.

Os officiaes, que repararam na taciturna tristeza do seu camarada, arrancaram-n'o do extasis em que estava immerso e, apresentando-lhe um copo, exclamaram em côro:

— Vamos, faça um brinde, que é o unico que ainda o não fez em toda a noite.

As inundações no Porto. — *Numeroso pessoal descarregando á pressa um navio carregado de bacalhau, na previsão de augmentar a cheia*

(*Clichés* de Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

Digitized by Google

O rapaz pegou no copo, e, pondo-se de pé e erguendo-o bem alto, disse encarando a estatua do guerreiro ajoelhado junto de D. Elvira:

— Brindo ao imperador, brindo á fortuna das suas armas, que fizeram com que pudessemos vir ao fundo de Castella, ao proprio tumulo de um vencedor de Cérignola, fazer-lhe a côrte á mulher!

Os militares acolheram o brinde com uma salva de applausos, e o capitão, cambaleando, deu alguns passos para o sepulcro.

— Não, proseguiu dirigindo-se sempre á estatua do guerreiro, e com esse sorriso estupido proprio da embriaguez, não creias que te odeio por ver em ti um rival; pelo contrario admiro-te como um marido paciente, exemplo de longanimidade e mansidão, e pela minha vez quero tambem ser generoso. Tu que foste soldado havias de ser bom bebedor; não se diga que te deixei morrer á sêde, vendo-nos esvasiar vinte garrafas... toma!

E dizendo isto levou o copo aos labios e, depois de os humedecer com o liquido que encerrava, atirou-lhe o resto á cara, soltando uma gargalhada estrepitosa, ao vêr como cahia o vinho sobre o tumulo, gotejando das barbas de pedra do immovel guerreiro.

— Não lhe dava o vinho, continuou o official entre as gargalhadas dos seus companheiros, se não soubesse que elle bebia ao menos o que lhe cahisse na bôcca. Oh! Não! Não creio como vocês que estas estatuas sejam um pedaço de marmore tão inerte hoje, como no dia em que o arrancaram da pedreira. Indubitavelmente o artista, que é quasi um deus, dá á sua obra um sopro de vida que não consegue fazer com que se mova e ande, mas que lhe infunde uma vida incomprehensivel e estranha, vida que não percebo bem, mas que sinto, sobretudo quando bebo de mais.

— Magnifico, exclamaram os seus camaradas, bebe e continua!

O official bebeu, e, cravando os olhos na imagem de D. Elvira, proseguiu com exaltação crescente:

— Olhem, olhem! Não veem esses cambiantes vermelhos das suas carnes morbidas e transparentes? Não parece que por baixo d'essa ligeira epiderme azulada e suave de alabastro circula um fluido de luz côr de rosa? Querem mais realidade?

— Oh! sim, seguramente, disse um dos que o escutavam, queriamos que fosse de carne e osso.

— Carne e osso! Podridão e miseria! exclamou o capitão. Senti n'uma orgia arderem-me os labios e a cabeça; senti este fogo que corre pelas veias fervente como a lava de um vulcão, cujos vapores caliginosos turvam e transtornam o cerebro e fazem ver visões estranhas. O beijo d'essas mulheres materiaes queimava como um ferro em braza; e apartava-as de mim com tédio, com horror, até com asco, porque então, como agora, necessitava de um sopro da brisa do mar para a minha testa que escaldava... queria beber gelo e queria beijar neve... Neve tingida de luz suave, neve córada por um dourado raio de sol... uma mulher branca, formosa e fria como essa mulher de pedra que parece incitar-me com a sua phantastica formosura, que parece que oscilla ao cadenciar das chammas, e me provoca, entreabrindo os seus labios e offerecendo-me um thesouro de amor...

Oh! sim, um beijo, só um beijo teu poderá acalmar o ardor que me consome!

— Capitão, exclamaram alguns dos officiaes, ao vel-o dirigir-se para a estatua como que fóra de si, com o olhar desvairado e passos incertos, que loucura vae fazer? basta de brincadeiras e deixe em paz os mortos!

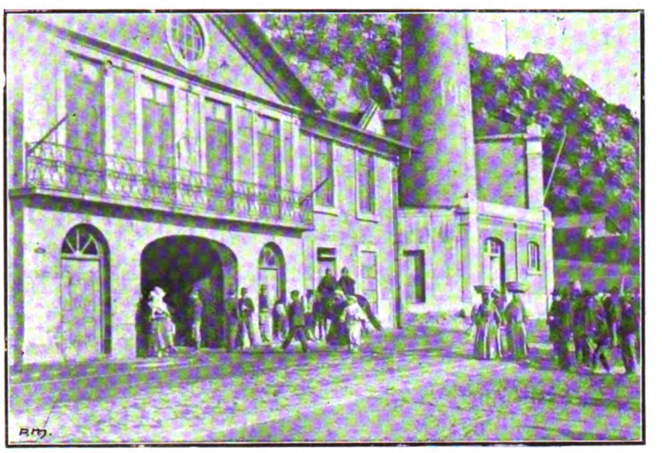
O capitão nem ouviu sequer as palavras dos seus amigos: cambaleando e como poude chegou ao tumulo e approximou-se da estatua, mas ao extender-lhe os braços resoou em todo o templo um grito de horror. Deitando sangue pelos olhos, pelo nariz e pela bôcca, cahira fulminado e com o rosto desfeito ao pé do sepulcro.

Os officiaes, mudos e espantados, nem se atreviam a dar um passo para lhe prestar soccorro.

No momento em que o seu camarada tentara approximar os labios ardentes dos labios de D. Elvira, tinham visto o immovel guerreiro levantar a mão, e derrubal-o com uma espantosa bofetada da sua manopla de pedra.

GUSTAVO BECQUER.

A "grève" dos gazomistas do Porto



Na fabrica de gaz do Ouro — Grevistas esperando receber as suas ferias

A "grève" dos gazomistas do Porto. — *Os bombeiros refazendo as forças para supportarem o durissimo trabalho de fogueiros*

(*Clichés* do Carlos Pereira Cardoso — Foz do Douro).

A "grève" dos gazomistas do Porto. — *Mulheres conduzindo carvão de pedra*

JESUS

Pater, demitte illis . . .

Na hora do supplicio tormentoso
De que eras Deus a maior prova déste,
Pois levantando ao céo o olhar piedoso:
«Não sabem o que fazem, — tu o disséste —

«Perdoae-lhes, Pae, perdoae-lhes.» — Já lá vão
Dois mil annos, e o Homem que remiste,
E que hoje a sciencia tem de quanto existe,
Dirige-te hoje insultos como então!

E tu — ó prova da piedade infinda!
Tu, como então, perdôas hoje ainda.

Jayme Victor.

Digitized by Google

Palestras navaes

III

Mais algumas palavras ainda a respeito da viagem de *Levrette* de que no artigo antecedente só esboçámos algumas palavras porque a nossa memoria nos não ajudou fielmente. Mas recorrendo a apontamentos tomados na occasião, que são bem mais fieis, podemos precisar com mais rigor certos pormenores.

Alem dos tres passageiros mencionados, os dois portuguezes e o alferes francez Merlaud, havia tambem o Dr. Charbonnier antigo medico da armada reformado, estabelecido com uma propriedade agricola em Nossi bi. Era um ruivo de seus 35 annos, magro e de não grande estatura e de conversação animada e colorida.

Largámos de Mahé, porto Victoria, no domingo 20 de Março ás 9h. a. m. em calma e com aragens loucas de diversos lados, e fomos a remos para sair para o N. dos recifes e tomar uma posição mais safa para velejar, e largámos ancora um pouco ao N W de Sant'Anna. A's 10h 30m p. m. fizemo-nos de vela e fomos contornando por E das ilhas de Sant'Anna e Mahé com vento S E brando, montámos a ponta S. de Mahé ou *du Capucin* e seguimos francamente para W sem mais estorvos visiveis.

Era ao abrigo da ilha Sant'Anna que se fazia a quarentena. Ali permanecemos 8 dias uma vez no vapor *Quilimane*, em sitio só relativamente abrigado e um pouco afrontados do mar e do balanço quando soprava a brisa fresca.

Os habitantes das Seychelles, que teem a fortuna de gosarem de um clima saluberrimo, são muito ciosos d'elle e obrigam os navios que veem de paizes suspeitos de qualquer epidemia aos maiores rigores de precauções. Durante a nossa forçada quarentena por virmos de Moçambique onde reinava a colera, não queriamos passar 8 dias sem dar carne fresca e pão á guarnição do navio, que requisitámos ao fornecedor. A' hora de vir a ração fresca mandavamos fundear a barlavento, 100 braças pela pròa fora, uma embarcação do navio e faziamos recolher a bordo a sua guarnição. Vinha então a embarcação de terra, atracava cautelosamente á nossa embarcação deserta, depositava dentro d'ella os generos e afastava-se rapidamente, Depois iamos lá buscar os generos e a embarcação e ficavam os empestados entregues á monotonia do seu triste viver.

*

Em 24 tinhamos o vento já mais fresco e d'aguaceiros, que de noite a nós, vagabundos sem domicilio certo, obrigou a varias visitas ao camarim do commandante e muito nos incommodou; e no dia seguinte, continuando o vento de S E. fresco com mar picado, viu-se a ilha da Providencia, observando-se claramente os seus extensos recifes do S. quebrando tumultuosamente a sotavento. Felizmente o vento alargou um pouco, fomos orçando e passámos a barlavento da Providencia e tendo pelo lado opposto o João da Nova que se não viu.

Foi sobre a Providencia que poucos annos depois naufragava um navio francez, que levava entre outros passageiros o nosso camarada João Carlos Adrião que ia render o commandante do *Quelimane*. Esse naufragio foi fertil em episodios chistosos. Estando a dita ilha fóra do caminho dos barcos a vapor só pode ser encontrada por quem lá vá de proposito ou por acaso por erro de rumo. Os naufragos ficaram pois alli vinte e tantos dias em uma ilha deserta, quasi sem vegetação e vivendo de latas de conservas salvas do navio. De um caixote com sementes tiraram as necessarias para fazer uma magnifica horta; mas quando appareceu o navio salvador que os ia procurar, o nosso Adrião, director da horta, apartou-se com verdadeira saudade das suas alfaces, hervilhas e rabanetes que estavam quasi em desenvolvimento de fazerem as delicias de um exigente sybarita. Como este episodio quantos outros poderiam contar os numerosos atols, baixios, e ilhas que se topam n'aquella longa serie de perigos!

Os marinheiros do navio naufragado encontraram entre os caixotes rojados á praia, um contendo luvas das mais finas e elegantes côres; e era comico ver como elles, de mãos ennegrecidas e gretadas pelo alcatrão, passeiavam no areal de luvas *gris-perle* ou de outra côr, contentes e ufanos, gosando da indisciplina mansa, creada pela egualdade niveladora das grandes desgraças. Outros fumavam optimos charutos que, com certeza, não haviam sido fabricados para labios tão rudes.

*

O dia 27 de Março amanheceu brusco e frescalhão tendo montado o Cabo d'Ambre e como a corrente a W foi consideravel estavamos em pessima posição para demandar Nossi bé n'essa bordada. Ficámos, porém, de capa toda a noite um pouco a SW das ilhas Gloriosas que alguns julgavam ter avistado da mastreação. Com essa manobra ficavamos quanto possivel estacionarios e evitavamos ser impellidos pela violenta corrente entre as Gloriosas e o Geyser; d'essa fórma só adiantavamos a corrente se a houvesse, e não varávamos Mayotta que era já agora em taes circumstancias o nosso provavel ponto de destino. Não seguimos com amuras a BB pelo Sul do Geyser porque receiámos que quando estivessemos na sua latitude o vento acalmasse e a corrente nos atirasse para cima d'elle.

Foi uma noite completamente em claro para o pobre commandante que não fazia senão vigiar a agulha e o horisonte com toda a cautella e prudente circumspecção, que em taes occasiões acende um sexto sentido providencial.

No dia seguinte o vento estava irregular em força e direcção mas quasi sempre bonançoso, e contra a nossa espectativa não houve corrente a W e á hora do ponto estavamos quasi na mesma posição da vespera á tarde. Estavamos felizmente algumas milhas ao S. e ao meio dia tinhamos Lat. 14.° 34' e Long. 45.° 30 a E de Paris o que com o vento que tinhamos na vela que era S: SSE e que depois das 8h a. m se chamou a E: ESE, permittia-nos demandar Nossi bé, como a principio desejaramos. De tarde iamos com pròa por barlavento do nosso destino que se descobriu bem.

Navegámos toda a noite cautelosamente a approximar da terra e no dia 29 estavamos perto d'ella. A viração veio do ONO e NO e ás 4h p. m. largavamos ancora no porto de Helville de Nossi bé. Alli soubemos que a escuna *Indienne* tinha sahido n'esse mesmo dia para Mahé. Estava fundeado em Helville o casco da antiga escuna a vapor *Labourdonay*, que serve de estacionario.

*

Helville é terra mais importante do que Zadzi, capital de Mayotta, apesar de ser esta a séde do commando superior.

Tem casas de pedra e outras de pau como se vêem na outra ilha. A natureza é rica em vegetação formosa.

A propriedade do Dr. Charbonnier é vasta, bem tratada e o melhor accesso a ella faz-se por meio de um riosinho que só se sobe com a agua alta, bordado de mangal denso onde se vêem muitos passaros de varias qualidades e plumagem de rico matiz. Muito montanhosa, recortada de regatos em varias direcções. Ha um tanque artificial onde existe um viveiro de salmões, o unico que temos visto nas colonias. A habitação fica n'um alto de um outeiro. Os trabalhadores eram pretos de Moçambique que viviam em uma aldeia de palhotas dentro da propriedade. Ha grandes plantações de café, palmares e arvores de fructa.

Alli nos mostraram uma velha peça de ferro forjado, trazida do continente de Madagascar ha annos pelo dr. Charbonnier e que era considerada como portugueza, mas que depois de observada com attenção ainda marcava na parte superior o symbolico emblema dos hollandezes que consiste em um V com um O e um C entrelaçados nos dois ramos da primeira letra.

*

O dia 21 de Março amanheceu bonito, calma até ao meio dia e depois viração de O: ONO regular até á noite. Velejámos ao meio dia e 30m e fomos fundear ao sul de Sakatiah ainda entre pontas. De noite veio outra vez a aragem e fizemo-nos outra vez de vela. Intensissimo calor. Esta viagem entre Nossi-bé e Mayotta, que póde ser feita em menos de doze horas, com um navio regular e bom vento, foi para nós um martyrio que durou nove dias. Não resistimos á tentação de conservar a esta descripção a forma monotona de diario, que lhe imprime todo o cunho caracteristico da occasião.

No dia 1 de abril estava o mesmo calor, mar estanhado e calma. Veio a viração muito ligeira de O.: ONO fazendo-se ás 4 horas o ponto de partida. No dia 2 calma de noite e de manhã viração branda de N: NNW. Ao nascer do dia ainda se via a terra. Observámos 21m de corrente ao NNE verdadeiro; depois das 3 h 30m refrescou o vento, ás 8 tornou a abonançar, e ás 11 h. 30m cahiu de ENE um aguaceiro com chuva e vento.

No dia 3 e 4 o mesmo tempo.

Em 5 magnifico tempo, calma podre, brandas aragens variaveis. Em 6 bom tempo, vento O. brando toda a noite e de manhã depois de um salseiro de S: SSW regular veio o vento a esse rumo. Dia 7 o mesmo tempo, Vento SO. regular dando 3m e 3m,5. Depois do meio dia abonançou o vento e ás 9 h. acalmou.

Em 8 com o romper do dia levantou-se uma aragemzinha de W. e avistou-se Mayotta primeiro depois e Anjohanne.

Mayotta apresentava-se como succede a quem a demanda pelo N: como se fossem 3 ilhas. A' esquerda a grande terra alta de Zambourou, e depois o resto da ilha dividido ao meio pela depressão do paiz. A's 6 h. fez-se o ponto de chegada pela marcação de Zambourou e o pico de Anjohanne. Bordejámos toda a tarde a demandar a passagem de NE, com vento S: SSW e ao pôr do sol entravamos pela passagem de Zambourou, indo largar ancora ao pé do recife da *Prévoyante*.

Dia 9 bom tempo. Calma até ás 8 h. 30m, depois viração do S. Suspendemos ainda de noite e fomos puchando para o S. a remos até chegarmos ao ancoradouro de Zaudzi do lado do N. por ser o mais conveniente n'esta estação, tendo assim terminado a nossa muito fastidiosa viagem. Desembarcámos e fomos installar-nos no hotel de Madame Peslot, casada em segundas nupcias com um sargento da armada. O primeiro marido d'esta senhora, Mr. Coulon, fundara e mantinha tambem o hotel. Era esta casa o ponto mais frequentado e favorito da pequena povoação e procurado pelos principaes empregados e habitantes.

Em outro artigo diremos o que passámos na ilha e o que passámos na viagem para Moçambique. Este já vae longo.

Augusto de Castilho.

N'uma estação de caminho de ferro o empregado, muito azafamado, fazendo entrar para o wagon uma creança que se está a despedir da mãe, uma galante senhora:

— Ande, menina! Suba, suba!

— Eu não posso subir sem beijar a mamã.

— Eu cá a beijo. Suba, suba!

Digitized by Google

Theatros

Republica — *A Promessa*, peça em 4 actos, original de Vasco de Mendonça Alves. ***Apollo*** — *O Fado*, operetta de costumes portuguezes em 4 actos, original de Bento Faria e João Bastos, musica de Filippe Duarte. ***Gymnasio. Salão Liberdade. Colyseus, dos Recreios*** e de ***Lisboa.***

Quando da representação dos *Filhos*, no **Garrett,** aqui deixámos registadas as nossas impressões sobre os excellentes dotes de dramaturgo do sr. Vasco de Mendonça, que logo no seu primeiro trabalho se revelaram por uma fórma pouco vulgar. Na *Promessa*, agora representada no **Republica,** continúa o seu auctor a affirmar talento e excellentes qualidades, pois produziu um trabalho são, honesto, que interessa e prende o espectador, tendo scenas habilmente detalhadas e situações empolgantes, mas tudo sem o minimo esforço, sem *trucs* nem *ficelles*, dando-nos a perfeita illusão da realidade, por uma fórma que maravilha. A linguagem, sem rendilhados nem phrases pretenciosas, mereceu tambem cuidado especial ao auctor, que, actualmente, dos novos, é a unica esperança do theatro portuguez, que tão maus tratos vem soffrendo ha uns tempos a esta parte.

Com esta peça reappareceu o grande actor Brazão no **Republica,** fazendo-lhe o publico á sua entrada em scena uma justa mani-

Theatro da Republica

COMPANHIA FRANCEZA

MONNA DELZA

Digitized by Google

festação de sympathia, manifestação que se tornou a repetir nos finaes dos actos, e da qual compartilharam tambem o auctor e os demais interpretes, dos quaes especialisaremos Adelina e Azevedo.

Vamos ter agora ahi a companhia franceza. É caso para dizer mais uma vez:

Cesse tudo o que a musa antiga canta.

Vamos ter no **Republica** actrizes como Blanche Dufrene, Marthe Mellot e Monna Delza, cujas figuras encantadoras illustram hoje estas paginas.

Amanhã estreia com *La Vierge Folle*, nas noites seguintes: *L'Aiglon*, *La Rampe*, *Mademoiselle Josette ma femme*, *Les Oiseaux*

Theatro da Republica. — Companhia franceza

Blanche Dufrene

de passage e *Le Rubicon*. Succeder-se-hão as enchentes, não ha que ver.

— Outra peça tambem portugueza, devida á penna de dois conhecidos comediographos, os srs. João Bastos e Bento Faria, ouvimos ultimamente no **Apollo,** intitulada o *Fado*. O assumpto não podia ser melhor escolhido. Quem ha que não se tenha uma vez enternecido ao ouvir a toada plangente de uma guitarra gemendo o *rigoroso* sob a pressão dos magros dedos afilados de um *faia* que ao mesmo tempo, vae, com voz pastosa e avinhada, atirando a cantiga n'uma dolencia cadenciada, entrecortando-a a espaços com *ais* arrastados, historiando, quasi sempre, amores malfadados, a vida desgraçada das mulheres faceis, toda a existencia da bohemia reles e viciosa? Ou então ouvindo o fado das salas, das praias, de Coimbra, o liró, todos os fados emfim aristocratisados, adulterados e pretenciosamente garganteados? Estou certo que nenhum portuguez terá escapado a essa sensação.

Pois no *Fado* os seus auctores dão-nos a impressão de toda essa vida de bohemia, fazendo-nos assistir no primeiro acto, que se passa no *Collete encarnado*, tasca celebre no Campo Grande no tempo das esperas de touros, a varias scenas interessantissimas pela muita graça que teem e pelo estudo dos costumes, fazendo desfilar á nossa vista todos os typos de então, desde o fidalgo aprumado, ao fadista, ao boleeiro e ao gallego; desde a filha de familia, reminiscencia da *sécia*, até á rameira do *Capellão*. Nos outros actos, que estão ligados por uma tenue, e, digamos francamente, já estafada intriga de amor, dão-nos tambem os auctores scenas de um pittoresco curioso, recheadas de graça, bem urdidas algumas e a que dá immenso realce a musica de Filippe Duarte, de um sabor verdadeiramente popular e de facil comprehensão, decalcada sobre motivos do fado.

Scenario, enscenação e desempenho optimos.

— Em beneficio de Antonio Sant'Anna, camaroteiro do **Gymnasio,** fez-se a *reprise* da peça *Vinte dias á sombra*, que tinha a novidade de ser o papel principal, até aqui feito pelo actor Albuquerque, desempenhado por Christiano de Sousa, que se houve magistralmente. Tambem subiu á scena uma interessante peça em um acto, imitação de Xavier da Silva, que agradou deveras, intitulada — *Das 3 ás 5*.

— Teem a palavra japonezes e europeus no Colyseu dos Recreios como a tem no Colyseu de Lisboa o illusionista Raymond.

No primeiro assiste todas as noites um publico numeroso e ávido de sensações ás luctas dos hercules, luctas *corps à corps*, com um furor, com um enthusiasmo, com uma valentia, que são o espanto e o jubilo de todos os que a ellas assistem, e em que, diga-se de passagem, levam a palma: os japonezes.

No Colyseu da Rua da Palma o famoso illusionista inglez prosegue as maravilhas, os *milagres* que em quatro noites deixaram atordoados os espectadores do Colyseu da Rua de Santo Antão.

E seria injusto concluir sem fazer uma referencia ao novo **Salão Liberdade,** na Avenida, que é nada mais nada menos que o antigo **Music-Hall**. Completamente transformado, vasto, elegante, exhibe todas as noites o melhor cinematographo de Lisboa, com uma tal variedade de fitas, que toda a população da cidade tem obrigação de ver e admirar.

Theatro da Republica. — Companhia franceza

Marthe Mellot

Ruy.

Digitized by Google

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE JANEIRO DE 1911 N.º 287

ILHA DA MADEIRA

Cruzinhas

Digitized by Google

A' beira do Jordão

Presepio
(Quadro de Murillo, existente no Vaticano)

Jesus, n'aquella tarde de sol, sentara-se, exhausto de prégar, sobre um cômoro de relva que se alteiava n'um descampado verde situado na margem esquerda do rio sagrado.

Estava no segundo anno da prégação, e a fama das suas parabolas, levadas a toda a parte pelos soldados romanos e pelos mercadores orientaes, chamava á Judeia ignorantes e philosophos, principes e mendigos, avidos de sciencia e de justiça.

N'essa tarde, reuniram-se em sua volta crentes de todas as theogonias e discipulos de todas as escolas.

Misturados e confusos, viam-se capacetes de legionarios romanos, faiscantes de aço polido; turbantes agarenos de sedas claras; *coffies* de linho branco fiado por labios de judias e mantos damasquinos tingidos na purpura por mãos de donzellas phenicias.

Velhos de calva e barbas brancas, desgrenhados, como videntes em extase; moços escravos de cabeça descoberta e cabellos cortados cerce, de olhos salientes, a faiscarem nas alegrias da revolução bemdita; mulheres de todas as classes ciciando palavras de benção; e á roda de Jesus, vestido de linho branco, como rosas á volta de um lyrio, as creancinhas fugidas aos apertos da multidão.

Finda a prégação, todos queriam saber, resumidamente, o que era preciso para chegar á perfeição e attingir a immortalidade.

«Mestre, que é preciso para chegar á Verdade?» perguntava alto um estrangeiro approximando-se do Rabbi.

Mas logo a multidão acotovelando-se, em redemoinhos o afastava sem ouvir resposta.

E a mesma pergunta era repetida em muitas linguas, desde o

Nascimento de Christo
(Quadro de Van Dyck)

monosyllabo guttural do syriaco ao vocabulo euphonico da lingua hellenica.

Discipulos de Socrates, lembrados da taça da cicuta, queriam discutir, com Jesus, as doutrinas do philosopho martyr e saber novas delle...

Pagãos bellos de Sparta, ostentando corpos perfeitos como esculpturas de Phidias, mostravam-se-lhe em frente, a perguntar-lhe, com a primeira duvida nos olhos, se a Verdade não era a belleza plastica da vida physica.

Persas de Zoroastro que, nas madrugadas, subiam com as mulheres ás lombas da serra para resarem ao sol nascente: O' Sol, faz que os nossos filhos nasçam brilhantes e gloriosos como tu, que a fama d'elles ande eternamente á volta do mundo, que a sua gloria encha o infinito e chegue a toda a parte como o oiro da tua luz.

Guerreiros latinos, valentes como Hercules, que ambicionavam a sua transformação em astros, e passavam as noites de sentinella a espiar o inimigo e a perscrutar, para depois da morte, um logar vago entre duas estrellas...

Emirs da Arabia, ricos de camêllos carregados de escravos, incenso e oiro, que vinham saber se o seu reino se abria a estas offerendas.

Filhos de Budha e de Confucio, de Abrahão e de Jupiter, estavam ali, n'aquella tarde, em roda de Jesus, d'esse Nazareno desarmado, vestido de linho branco, que derruia a fortaleza de todas as civilisações com o mel suavissimo da sua palavra.

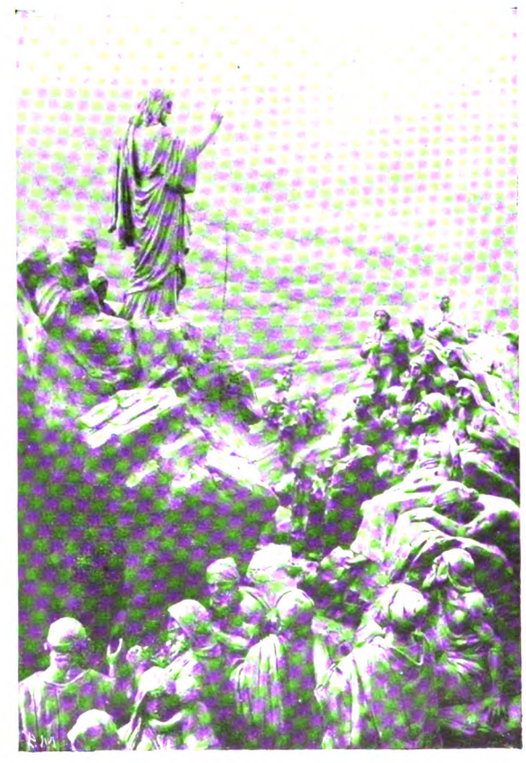
«Mestre! — clamavam todos com anciedade — que é preciso para alcançar a Gloria?»

Mas Jesus não respondia. Meditativo e concentrado, como se elle não fôra omnisciente, parecia recapitular toda a prégação, para a synthetisar n'uma resposta que fosse o resumo do seu Evangelho.

A multidão, anciosa, entristecia, porque o sol ia esmorecendo e a noite avisinhava-se.

Mas Jesus, n'um instante, erguera-se serenamente, branco, espiritual, sobre o cômoro de relva. Toda a multidão ajoelhou fazendo silencio, olhando-o avidamente.

O sol que a essa hora já mergulhara meio disco na aresta da



Jesus prégando na montanha

serra, estendera sobre os crentes a sombra como um veu largo de penitencia, e em toda a planicie só a fronte e o peito de Jesus se viam illuminados.

Foi então que Elle abrindo as mãos sobre as cabeças das crean-

Digitized by Google

ças que o rodeavam, disse aos crentes de todas as civilisações, sedentos de verdade e ventura:

«Em verdade vos digo que se não fordes como estas creancinhas, em verdade vos digo que não entrareis no reino do ceu.»

Padre Alvares d'Almeida.

O Natal de 1910

No largo de S. Domingos. — *Um acampamento de perús*

A MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Descia a passo e passo a escada estreita.

Com as flôres mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A fórma transitoria e imperfeita.

Como creanças, em lobrega jornada,
Que a mãe leva ao collo agazalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Anthero do Quental.

A Imprensão Regia

Fez no dia 24 do mez findo 142 annos que foi fundada a Imprensão Regia, hoje Imprensa Nacional, que começou a funccionar no anno de 1769 no palacio de D. Fernando Soares de Noronha, na antiga travessa do Pombal, hoje rua da Imprensa Nacional.

Juntou-se á Imprensão Regia uma fabrica de cartas de jogar, e uma aula de gravura, de que foram professores Joaquim Carneiro da Silva e Bartolozzi, ambos celebres n'esta arte.

Serviu de fundação á imprensa a officina typographica de Miguel Menescal da Costa, que foi o seu primeiro administrador.

No alvará de 24 de dezembro de 1768, lê-se a seguinte disposição: «Todas as obras que se mandarem imprimir pela Directoria Geral dos Estudos, pela Universidade de Coimbra, pelo Real Collegio dos Nobres e por outras quaesquer communidades ou pessoas particulares, pagarão á impressão os justos e moderados preços, que forem regulados em conferencia, sem alteração a grandes interesses; pois que o fim d'este estabelecimento é o de animar as letras, levantar uma impressão util pelas suas producções e dignas da capital d'estes reinos».

Este estabelecimento que estava em grande decadencia quando veiu o regimen liberal, engrandeceu-se depois, devido aos esforços dos administradores Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Liberato Freire de Carvalho, e mui principalmente a José Frederico Pereira Marecos; possue hoje todos os melhoramentos, e póde dizer-se que rivalisa com os melhores da Europa.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta a uma velha amiga

Ex.ma Sr.a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.ma Amiga e Senhora do meu maior respeito

A preguiça, ou melhor dizendo, a incapacidade para o trabalho, consequencia natural do meu estado achacoso, impediram-me de mais cedo cumprir o grato dever de responder á sua cartinha que aqui chegou generosamente acompanhada pelos quatro capões, o casal de perus, a cesta de fruta e os covilhetes de dôce com que v. ex.a quiz atenuar a tristeza das minhas festas. Não me tome por ingrato, para não ser injusta. Atribua o meu silencio á minha doença e concomitante tristeza e á minha pouca sorte.

Sim, D. Dorothea, á minha pouca sorte. Porque se eu tivesse escripto a V. Ex.a ha quarenta e oito horas, ter-lhe-ia contado muita, muita coisa que n'este momento já lhe não posso dizer... Não se espante nem julgue que estou brincando. E' assim mesmo.

Ha quarenta e oito horas eu poderia ter-lhe dito tudo quanto corre por aqui, coisas com visos de verdade, bernardices, sebastianismos... Encheria algumas laudas de papel que não teriam outro merecimento senão entretel-a por alguns minutos, mas teria satisfeito a sua curiosidade e cumprido o dever de acatar os seus desejos, que para mim são respeitadas ordens.

Agora... agora é impossivel.

Ainda não ha duas horas, li no *Diario do Governo* um decreto com força de lei cominando penas severissimas áquelles que sejam surpreendidos fazendo circular boatos e noticias tendenciosas, ou que possam prejudicar a regular marcha da coisa publica, sejam ou não verdadeiros. E digo sejam ou não verdadeiros porque nunca se pode averiguar se um boato é verdadeiro quando se tem por dever acreditar que tudo é falso.

N'estes termos, que fazer? Que lhe hei-de dizer? Por muito respeito que v. ex.a me mereça — e merece-me todo o respeito — eu, com franqueza, não estou disposto a malhar com os ossos tres mezes, pelo menos, no Limoeiro, com o contrapeso de uma avultada multa, para satisfazer a sua curiosidade, aliaz duas vezes justificada — a curiosidade d'uma senhora e d'uma senhora que vive longe de Lisboa, que no pensar de muita gente — é Portugal.

Ora attente v. ex.a no caso d'aquelle homem da alfandega... V. ex.a não sabe o que é o caso do homem da alfandega... Pois eu lhe digo: Trata-se de um homem, empregado menor da alfandega, creatura de poucos haveres, é claro. E como pessoa de fracos recur-

O Natal de 1910. — *Perús em poder do* inimigo
Ajustando a conducção dos prisioneiros
(Clichés de J. Benoliel).

Digitized by Google

Visita do ministro da justiça ás casas religiosas

No convento de Arroyos

O sr. dr. Affonso Costa conferenciando com o presidente da junta de parochia d'aquella freguezia

(*Cliché* de J. Benoliel)

sos tem difficuldade em se distrahir, porque não lhe sobram os dinheiros precisos para ir aos theatros tomar o fervido chá do adulterio francez, aos circos vêr matulões esbarrondando os focinhos e aos animatographos vêr Napoleão Bonaparte catando pulgas em Santa Helena.

De que se havia de lembrar o homem da alfandega para distrahir o espirito das apoquentações d'esta triste vida? De se divertir á custa alheia sem, todavia, entrar pela algibeira do proximo. Fez-se desfructador. Dizia a tres ou quatro populares que se conspirava aqui, alli e acolá, que em certos sitios solitarios havia conferencias de embuçados com policias, soldados e marujos... E contava aquillo com um grande ar de mysterio, aguçando a curiosidade dos populares, a quem convidava para um passeio a tal ou tal sitio d'onde se via tudo...

Iam por ahi fóra, elle e os parvos. Andavam, andavam, andavam... Os outros já davam ao diabo a cardada e amaldiçoavam a sua curiosidade. Por fim chegavam a um ponto qualquer. — E' aqui! dizia baixinho o da alfandega. Ainda não vieram, esperemos...

Esperavam e esperariam até á consumação dos seculos, se no espirito dos tolos, apesar da sua sabida pobreza, se não ferisse luz a certa altura:

— Este maroto esteve a caçoar comnosco!

O da alfandega soltava uma gargalhada e vinham todos por ahi abaixo, rindo da partida, bebendo seu decilitro onde calhava — isto é, em toda a parte onde havia vinho.

Um dia, porém, os convidados foram aos ares com a partida e no regresso trouxeram o homem da alfandega sob prisão, indo entregal-o ás auctoridades como propalador de boatos terroristas. E em tão má hora o fizeram para o desfructador, que este está entregue ao poder judicial para responder e pagar pela sua mania de caçoar com o proximo.

Ora eu vejo as barbas do homem da alfandega a arder, D. Dorothea, e peço licença a v. ex.ª para pôr as minhas de molho. De resto, palpita-me que o que corre por ahi — se é que corre alguma coisa que não seja agua-pé regadora de más castanhas, que este anno sahiram na mór parte podres — já chegou á Candosa e correcta e augmentada pela transmissão de boccas tolas para orelhas parvas e siga a dança...

E n'estas circumstancias... vós que sabeis e eu que sei, calae-vos vós que eu me calarei...

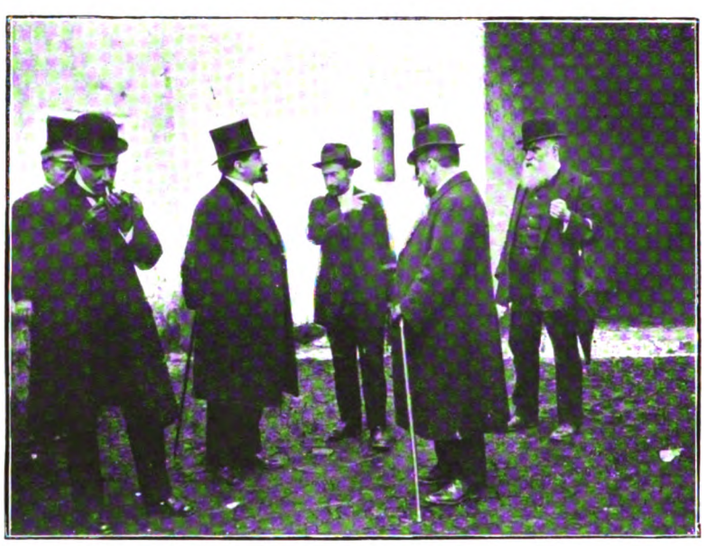
E' o melhor, D. Dorothea, é o melhor!

*
* *

Os dias teem estado lindos, lindos, minha querida amiga. O ceu muito lavado de nuvens, de um azul purissimo, sol brilhante e acariciador, e uma temperatura deliciosa. Um verdadeiro encanto. Tambem já era tempo. E por essas ruas vae uma animação extraordinaria. Vontade que esta gente tem de divertir-se? Hum!... Mas é que ha já muitos dias a população feminina não vinha á rua, nada disposta a encharcar as *toilettes* e a apanhar uma defluxeira mestra. Agora, com estes lindos dias, a desforra tem sido completa. Anda o poder do mundo no meio da rua. Ha horas em que chega a ser difficil o transito. Das 3 para as 5 na Avenida não se pode romper com madamismo catita e bicho homem para lá caminhando. E das 8 da manhã ás 8 da noite, a concorrencia de perus e consortes no largo de S. Domingos é coisa muito digna de vêr.

E agora por perus quero dizer-lhe uma coisa: se a D. Dorothea tem mandado cá para Lisboa os seus tinha feito uma continha calada. Estão pela hora da morte. Não percebo isto. Os cambios, que sempre são os cambios, mantiveram-se. Os perus, que afinal de contas não passam de umas reles aves, subiram de preço escandalosamente. Tanto, que eu não comeria raça d'esse bicho se a D. Dorothea não tivésse a lembrança de me mandar aquelle casal.

No dia de *anno-bom* marcham para a Eternidade com uma garrafinha de Collares. Se Deus quizer! Para esse effeito a Maria do Rosario embebeda-os ha uma semana, dando-lhes tres vezes por dia, como as boticadas da homeopathia, rações de agua-ardente.



Visita do ministro da justiça ás casas religiosas

O sr. dr. Affonso Costa visitando o convento do Sacramento em Alcantara

(*Cliché* de J. Benoliel).

O sr. ministro da justiça trabalhando nos negocios da sua pasta

(*Cliché* de A. C. Lima).

*
* *

De novo, e coisa que se possa dizer sem provocar engulhos, pouco, muito pouco ha, minha excellente amiga. O ramerrão de sempre.

O senhor Affonso Costa, sempre que a afanosa lide da pasta da justiça lh'o permitte, vae visitar conventos e outros edificios que albergaram congregações ou grupos dispersos de religiosos. Ha dias foi elle ver os conventos do Sacramento e Arroyos, que segundo ouvi vão ser aproveitados para o estabelecimento de escolas.

No dia 26 realisou-se a entrega do novo lyceu Passos Manuel, construido na cêrca do antigo convento de Jesus, ao reitor, Alfredo Ferreira Vidal. O edificio muito amplo e claro, obedece a todas as condições exigidas para estas construc-

Digitized by Google

Festa commemorativa do anniversario da Associação Protectora da Primeira Infancia

No Lactario de Lisboa. — *Algumas das creanças premiadas*

ções, mórmente as hygienicas. As aulas são muito amplas, arejadas e claras, providas de mobiliario elegante.

Commemorando o Natal e o anniversario da instituição, houve grande festa, no dia 25, na Associação Protectora da Primeira Infancia, vulgarmente conhecida por Lactario.

A' sessão solemne assistiram os ministros do interior e da guerra, representando o governo, fazendo o dr. Augusto Lobo Alves uma interessante conferencia sobre a obra meritoria da Associação.

Foram distribuidos enxovaes completos a 130 creanças soccorri-

(*Clichés* de A. C. Lima).

O lyceu Passos Manuel

O novo lyceu Passos Manuel, recentemente inaugurado, é, pode dizer-se, uma obra do sr. João Franco. Foi este estadista que subindo ao poder mandou dar incremento ás obras que para tal fim se andavam fazendo na cerca do antigo convento de Jesus, obras que nunca haviam passado dos alicerces e que importavam já em quasi 300 contos. O edificio foi construido com a maior economia, importando em 200 contos, isto é, menos 100 do que tinham custado só os alicerces.

E' no entanto um estabelecimento modelar no seu genero.

As janellas são rasgadas e altas, o ar e a luz entram a jorros, os pateos e jardins de recreio e gymnastica são largos e tudo concorre para nos deixar a melhor das impressões.

O numero d'aulas excede trinta, havendo ainda divisões para o conselho escolar, para o reitor, vestiario, etc.

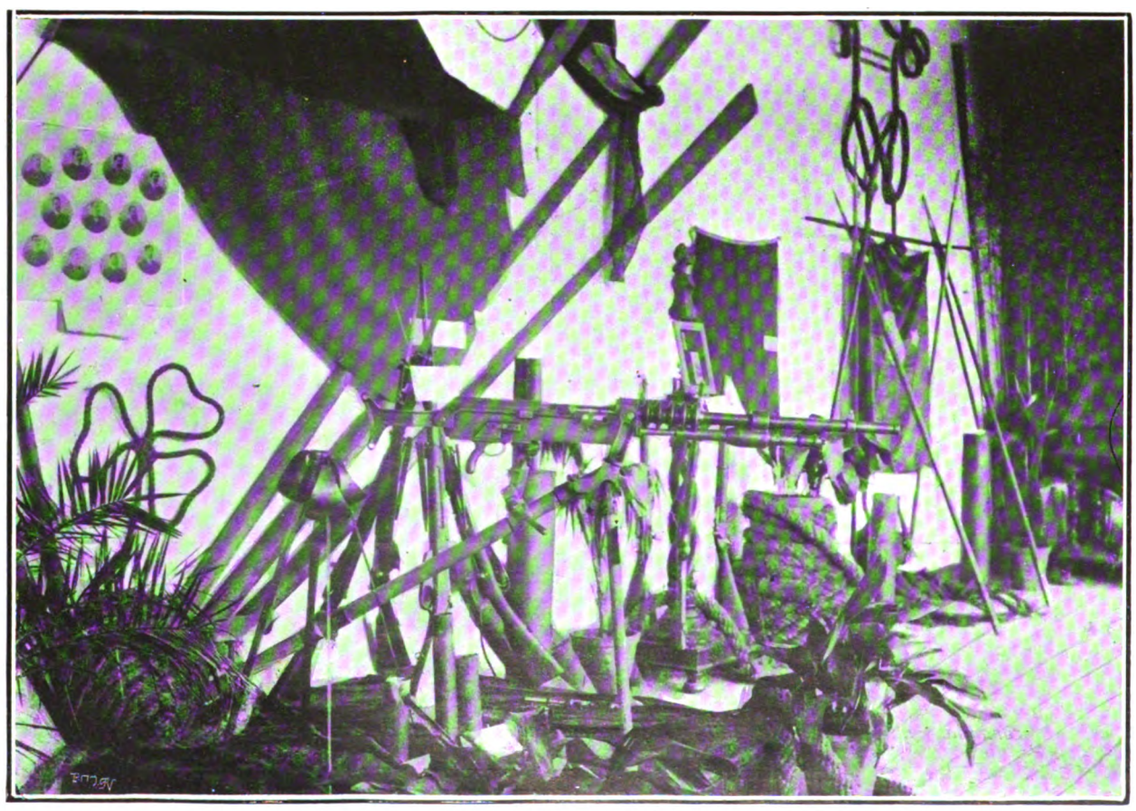
A poucos metros de distancia do edificio escolar, junto do qual passam duas novas ruas, ergue-se a habitação do reitor, um gracioso e elegante palacete, composto de rez-do-chão e primeiro andar, que contém onze divisões, além das casas de lavagens, etc. No mesmo edificio fica a habitação do guarda do lyceu.

Digitized by Google

O Museu da Revolução

Vitrine onde se acham expostas bombas de varios modelos e granadas de artilharia

O Museu da Revolução foi inaugurado no dia 29 do mez findo. Como o nome indica, serve para guardar e expôr ao publico muitos dos objectos de que se serviram os revolucionarios para a implantação da republica em Portugal. Entre esses objectos destaca-se a chamada artilharia civil *ou sejam as bombas de diversos systemas que de ha muito se estavam fabricando em Lisboa afim de serem utilisadas quando rebentasse a revolução. Tambem alli se vê a farda do vice-almirante Candido dos Reis, a sua espada e o chapeu armado, as bandeiras com que infantaria 16 e artilharia 1 sahiram dos respectivos quarteis na madrugada de 4 d'outubro, varias granadas rebentadas, etc., etc.*



(*Clichés* de A. C. Lima). O Museu da Revolução. — *Armas diversas de que se serviram os revolucionarios*

Digitized by Google

das pelo Lactario e bem assim brinquedos de uma linda Arvore do Natal ás creanças presentes.

Uma festa tocante.

E por hoje nada mais.

Beija-lhe reconhecidamente as mãos o seu amigo, admirador e creado

Camara Lima.

O capitão de fragata Henrique Fliss

Commandante da "Presidente Sarmiento"

E' um dos ornamentos da marinha de guerra argentina. Prova-o o facto de ser elle o commandante da Presidente Sarmiento, *navio escola onde se educam os marinheiros da florescente republica do sul da America. A publicação do seu retrato n'esta pagina é, portanto, uma prova da muita consideração que temos pelo distincto official que ainda ha pouco foi nosso hospede, ao mesmo tempo que representa uma homenagem ao bello paiz onde os nossos compatriotas recebem tão generoso acolhimento e que de ha muito vem manifestando desejo de comnosco se approximar cada vez mais.*

Não fujas, amor, de mim,
Quando te sentires assim
chorar.
Seja em casa, ou na rua,
Quem chora assim continua
a amar.

Se me amas eu tambem
A amar continuarei,
verás.
Pois és toda a vida minha
E jamais esquecidinha
serás.

Não me esqueço do passado
E vivo acorrentado
a ti.
Da valsa lenta, pausada,
Que dançavas abraçada
A mim.

D'esse mar que *tudo* viu
E envergonhado fugiu
a medo.
Batia contra os escolhos
E depois baixava os olhos...
Segredo!?

E quando o branco luar
Resvalava pelo mar
em prata,
Sentado *n'aquelle banco*
Sonhava n'um corpo branco
Que mata.

O que lá vae, sonhos idos,
Dispersos e tão s'quecidos,
já são.
As lindas tardes d'agosto,
De vermelho sol posto,
lá vão!

Lisboa, 19-12-910.

Antonio Lopes Quaresma.

Um orador que renuncia á tribuna é como uma mulher bonita que renuncia ao mundo.

Duque de Broglie.

Muitas vezes as cousas falam quando os homens se calam.

Paul Bourget.

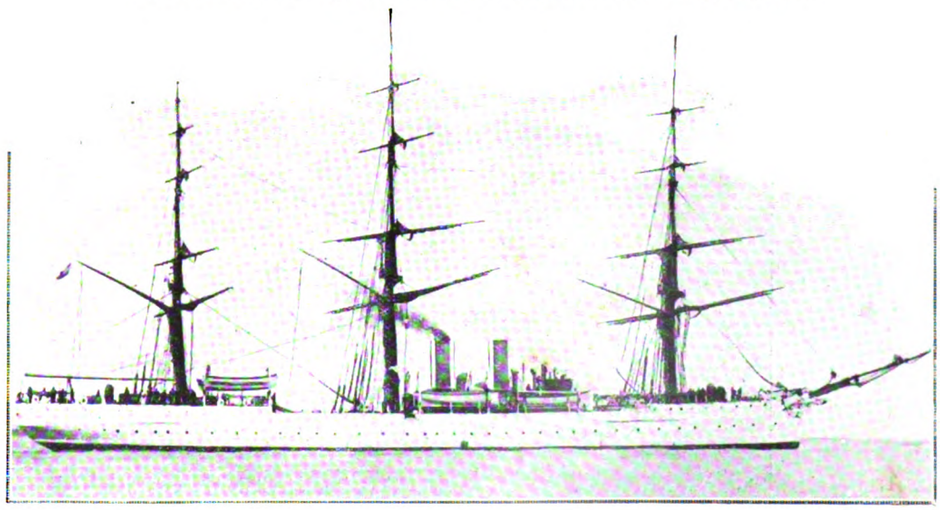
Recordando...

Choraste hontem n'Avenida,
Quem sabe, se arrependida
seria?
Olha, filha, não garanto,
Mas co'a causa do teu pranto
daria.

Choraste, sim, de saudade,
E por vezes a crueldade
d'alguem
Em matar o amor louco
Que nos démos, pouco a pouco
eu sei.

Dize-me porque fugiste,
Assim chorosa, tão triste,
amor?
Eu não rio, eu lamento
As causas do teu tormento
e dôr.

Marinha de guerra da Republica Argentina

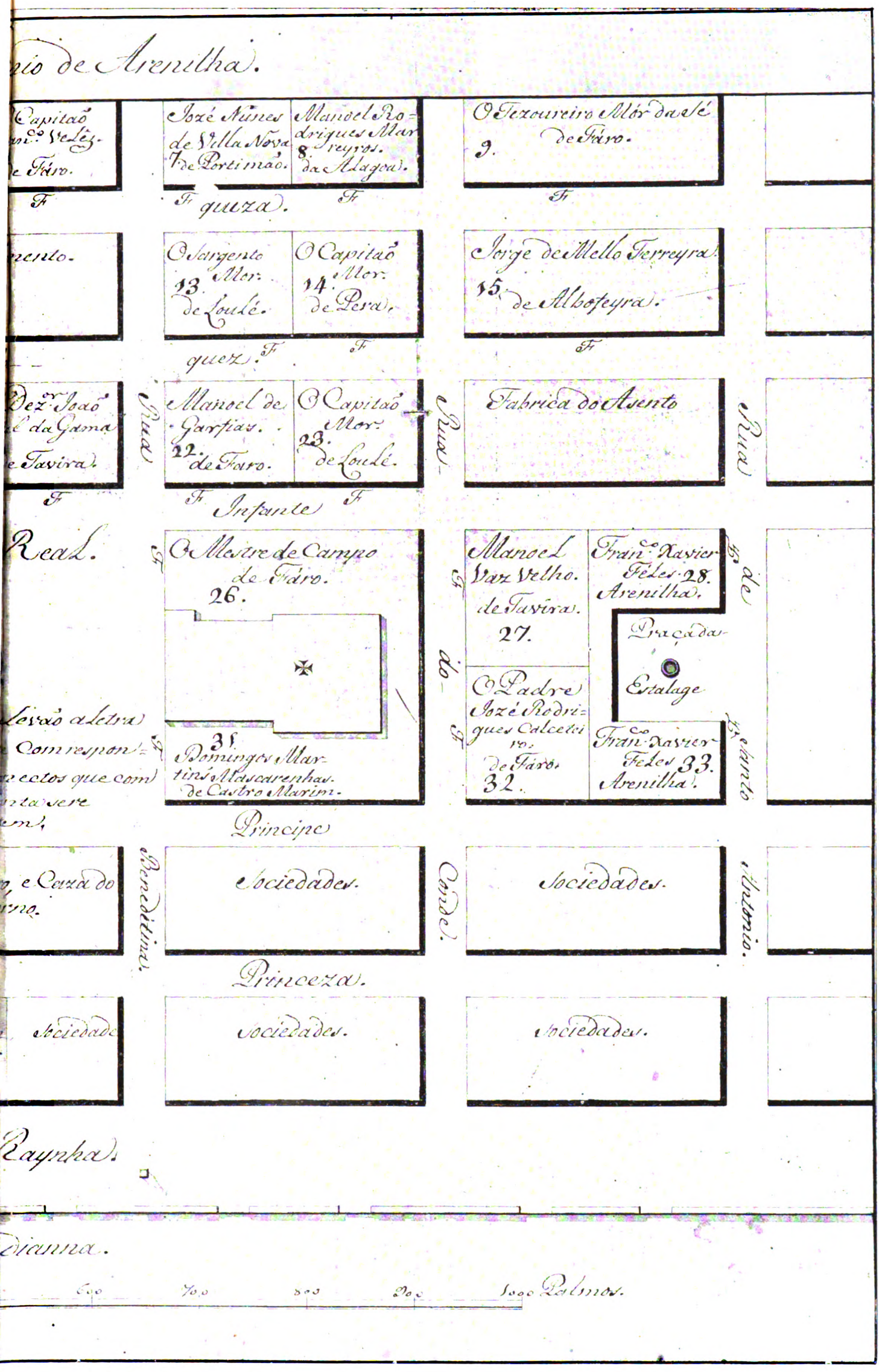


A corveta escola «Presidente Sarmiento»

Digitized by Google

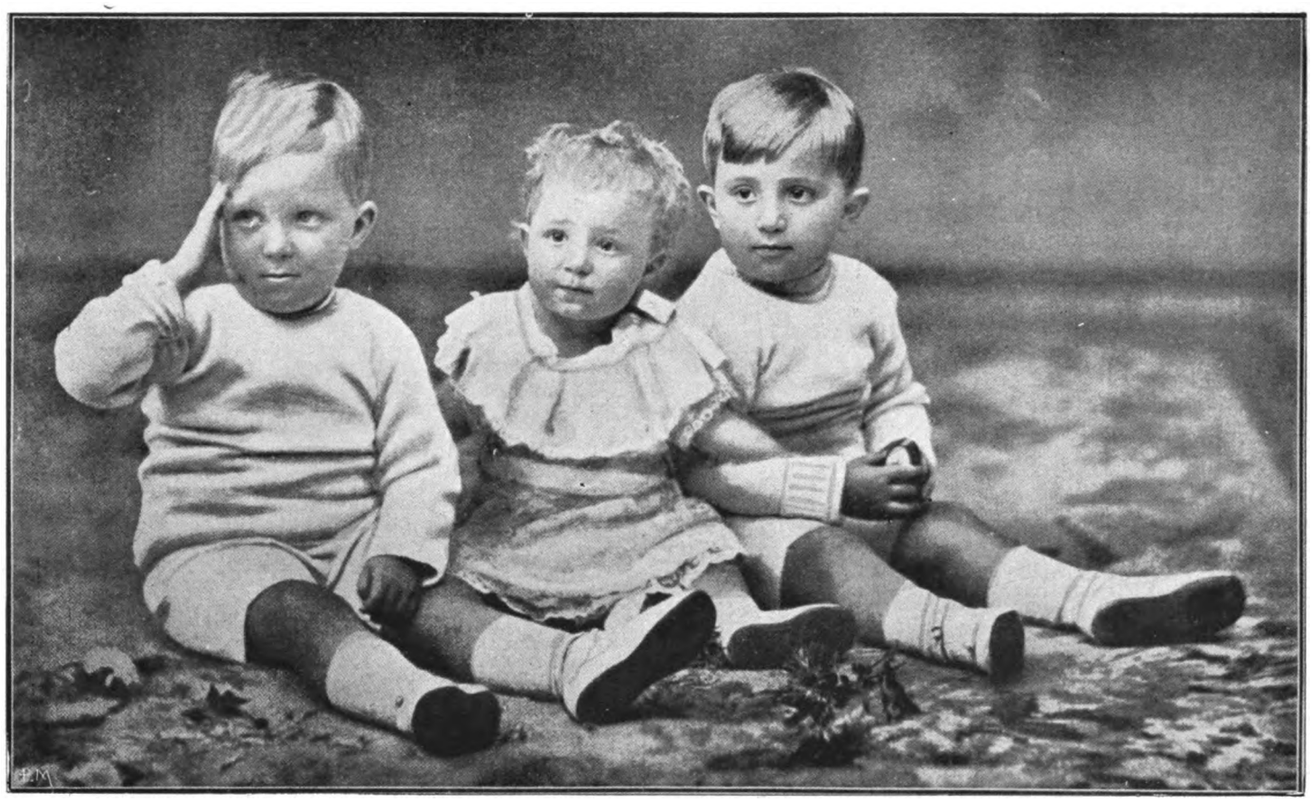
VILLA REAL DE SANTO ANTONIO EM 1774 — (Planta enviada pel

Digitized by Google



...harquez de Pombal ao capitão general do Algarve, D. José Francisco da Costa)

Digitized by Google



Os filhos dos reis de Hespanha

Assumptos historicos

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a curiosissima planta, que inserimos, da actual Villa Real de Santo Antonio, que primitivamente se chamou Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha, e para os velhos documentos que se referem á sua edificação na margem direita do Guadiana, quasi na foz d'esse rio, e fronteiriça da antiga cidade andaluza de Ayamonte.

A planta mostra a rubrica do marquez de Pombal, e dois dos documentos trazem a sua assignatura. Foram dirigidos para Tavira em 1774 e 75, ao governador e capitão general do Algarve D. José Francisco da Costa, natural d'aquella cidade, mais tarde 1.º visconde de Mesquitella e armeiro mór do reino. Os autographos respectivos pertencem actualmente ao sr. D. José Mesquitella, bisneto de D. José da Costa, que amavelmente permittiu a sua reproducção no *Brasil-Portugal*.

O marquez de Pombal, como se verifica na planta enviada, seguiu o plano que adoptára para a reedificação da Baixa de Lisboa depois do terramoto de 1755 — reedificação a que se faz referencia no primeiro officio que tem a data de 30 de junho de 74.

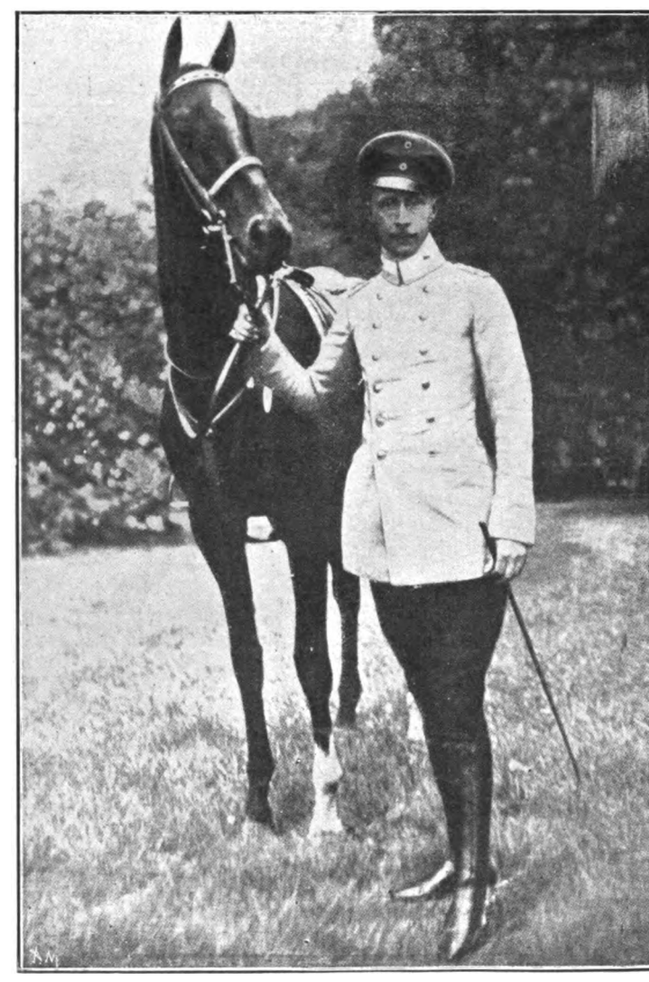
Archivamos n'estas paginas estes documentos ineditos, de grande valor, e em que se descreve a historia da pittoresca villa, hoje tão florescente e que é o terceiro porto portuguez pela sua industria e pela importancia do seu movimento maritimo.

Plano de edificação da Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha

Por todos os officios, que tenho dirigido a V. S.ª relativos á Fundação da Nova Villa de Santo Antonio de Arenilha, terá V. S.ª conhecido quaes são as Intenções de EL REY Meu Senhor i assim na construcção material da mesma Villa; como no Estabelecimento do Commercio della: Animando-se hum, e outro Artigo com as providencias, que tenho partecipado a V. S.ª; e que deverão ter tido toda a sua devida execução.

Porque porem para florecer o Commercio, he precisamente necessario, que os que a elle concorrem hajam de achar o abrigo de competentes apozentadorias, em que se accommodem; sem as quaes não pode haver avultada concorrencia de Gente, que ao passo, que faz augmentar o mesmo Commercio augmenta á mesma proporção a Agricultura, eos Fundos de Terras abertos para a ampliar: Em ordem destes uteis fins deve agora ser oprincipal cuidado de V. S.ª persuadir os Edificantes a levantarem Cazas; já por força do beneficio, com que Sua Mag.de os tem privilegiado; já pela actividade, concorrencia, e deligencia de V. S.ª; e já estimulados pelo exemplo; pela alliviação benigna; e pelos estimulos do seu proprio interesse.

Com estes importantes objectos remetto a V. S.ª com estação Plano Geral de toda a Villa; com as denominações das Ruas, e das suas respectivas divisõens; subdivididas nas Lijeiras, e baratas



O principe herdeiro da Allemanha, com o seu cavallo favorito, no parque do castello de Potsdam

Digitized by Google

Igrejas, mosteiros e capellas

Rio de Janeiro. — *Igreja da Gloria*

Propriedades de que se devem compor; e para serem destinadas, e repartidas pelas Pessoas, que me consta tem meyos de poderem fazellas; quaes são as que constam da Relação inclusa; e para ellas vão logo os Prospectos, que acada huma competem, todos por mim rubricados.

Da referida Relação, Planta Geral e Prospecto, fará V. S.ª os competentes uzos, que entender mais proprios para animar e persuadir aessas Gentes pelos termos mais decentes, e efficazes, que lhe occorrerem: Afim de que Elles gostosamente acceitem a sua distribuição, eentrem cheyos dezelo, e de emulação aquerer cada hum mostrar-se reconhecido à lembrança do seu nome; e a agradar, e lizongear a V. S.ª; que pela sua parte tão bem lhes facilitará todos os meyos de ir adeante este Projecto; propondose elle com efficacia, e tratando estes Negocios persi, e com o dezejo de os ver, não só adiantados, mas ainda concluidos.

Para tudo oreferido se servirá V. S.ª do prestimo, ezelo de Alberto Luis Pereira encarregandoo de todas aquellas diligencias, aque V S.ª não puder chegar, ou que não devera ir pessoalmente; e ainda para facilitar a abundancia de materiaes, pedrarias, madeiras, ferragens, etc.; assim como já daqui se tem começado a practicar com a remessa de mais de duzentos Portáes de Cantaria, Portas, Ferragens etc., que o dito Alberto Luis Pereira tem feito lavrar, e remetter para desviar o obstaculo dese encomendarem e esperar que cheguem. Eu applico a sua prompta partida para esse Reino. Até oito do Mes de Julho deverá porse a caminho. Ehebem certo, que (á excepção das Cazas da Praça Real) em todas as outras propriedades importará cada oito dellas omesmo, ou ainda mais do que o custo de cada huma só dos das Sociedades, porque todas as outras Cazas são terreas, e de hum só pavimento. Eafacilidade da Construcção deminuirá o receyo de se não poderem verificar todas ao mesmo tempo.

Havendo entre estes Propostos para Edificantes alguns que se escuzem a V. S.ª por falta de meyos; outros, a quem V. S.ª não deva convidar; e outros que queiram diverso chão do que se lhe destina: Poderá V. S.ª a todos estes Tres respeitos fazer as mudanças, e alterações, que bem lhe parecer; afim de que tudo se execute com promptidão, e gosto de todos aquelles aquem agora heprecizo logar para lhes metter em Caza os seus futuros interesses.

Ultimamente previno V. S.ª que esta qualidade de Negocios são daquelles, que se não deixam; nem ao expediente da Secretaria; nem aos termos ordinarios; nem aos decoacção. Devem ser regidos por hum juizo practico, activo, zeloso, em termos identicos aos de que me tenho sempre servido pessoalmente para a reedificação de Lisboa; onde ainda não houve a menor violencia. Não se tomou cousa alguma por força. Não se prendeo algum Artifice. E os edificantes, que a principio entráram com receyo; hoje desfrutando autilidade de grandes e avultados rendimentos, não cessam de me agradecer as diligencias, que fis para Elles entrarem a edificar as referidas Propriedades, como publicam em hum grande numero, com altas e repetidas vozes.

Deos guarde a V. S.ª. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 20 de Junho de 1774.

(a) *Marquez de Pombal.*

MONUMENTOS

Rio de Janeiro. — *Estatua do general Osorio, na praça 15 de Novembro*

Digitized by Google

Edificadores

Este officio era acompanhado de uma longa lista — que por longa omittimos — *das Pessoas que podem formar os seus edificios na nova Villa de Santo Antonio de Arenilha* com a mesma data de 30 de junho de 1774.

Mas um anno depois, em agosto de 1775, o marquez de Pombal dirigia a D. José Francisco da Costa a copia da carta endereçada á camara da nova povoação, em que se ordenava que ella passasse a denominar-se

Villa Real de Santo Antonio

El Rey Meu Senhor Manda remetter a V. S.ª a Copia incluza da Carta que se dirigio á Camara de Villa Real de Santo Antonio, com o assumpto da honroza Denominação que manda dar á mesma villa: Para que ficando V. S.ª na intelligencia do Contheudo na referida Carta, a dê V. S.ª á Execução na parte que lhe competir.

Deos guarde a V. S.ª Oeyras em 5 de Agosto de 1775.

(a) *Marquez de Pombal.*

*

Segue a carta em que se revela a energia do ministro de D. José e da qual se deprehende que os habitantes da villa não teriam recebido de boa mente a alteração imposta, visto que se impunham 15 dias de cadeia a quem não a acatasse.

Para o Juiz de Fora Prezidente e Vereadores da Camara de Villa Real de Santo Antonio

El Rey, Meu Senhor: Havendo manifestado os benignissimos effeitos da Regia e Augusta Protecção nas promptas, e uteis providencias, com que promove, e auxilia a edificação dessa ampla, formoza, e bem situada Villa: E devendo na sua mesma Denominação ficar perpetuàda a memoria dos Reaes beneficios, e da Regia, e immediata Protecção, com que Sua Magestade atem honrado: He o mesmo Senhor servido; que abollida para sempre a impropria e estranha Denominação de *Arenilha*, seja essa Villa denominada = *Villa Real de Santo Antonio* = sem outro algum accrescentamento: Chamandose, e perpetuandose este Nome nas palavras, e nos escriptos Judiciaes e extrajudiciaes, inalteravelmente. Do que tudo, para melhor execução desta Real Ordem, farão Vm.ces lavrar um Assento nos Livros da Camara, pelo qual conste que Sua Magestade assim o Ordenou: Comminando apena de quinze dias de Cadeya contra os que depalavra, ou por escripto derem a esta dita Villa outro Nome, que não seja o de — *Villa Real de Santo Antonio* —: E fazendo assim constar por Edital publico e aos Moradores d'ella, para que não possam allegar ignorancia em nenhum tempo.

Deos guarde a Vm.ces
Oeyras em 4 de Agosto de 1775

Marquez de Pombal

Oeyras em 14 de Agosto de 1775
Em auzencia do Official Mayor

(a) *João Chrysostomo de Faria e Souza de Vasl.os de Sá.*

Como vivem os esquimaus

Dois velhos esquimaus

Os esquimaus habitam a Groenlandia, a Terra de Baffin, o oriente e o norte do Lavrador, os rios e ilhas da bahia de Hudson e todo o norte da America que é limitado pelo circulo polar artico.

São de pequena estatura, não attingindo os homens mais de 1m,62. No entanto são robustos sem serem corpulentos, caracterisando-se physicamente pelo tamanho do craneo, pela obliquidade dos olhos, pela saliencia das faces e pelas pequenas dimensões, em ambos os sexos, das mãos e dos pés.

Quasi todos são christãos e vivem agrupados em parochias com uma organisação muito semelhante á dos municipios europeus.

Um gracioso madrigal.

Ella — Não recebeu pelo correio a minha carta?

Elle — Não.

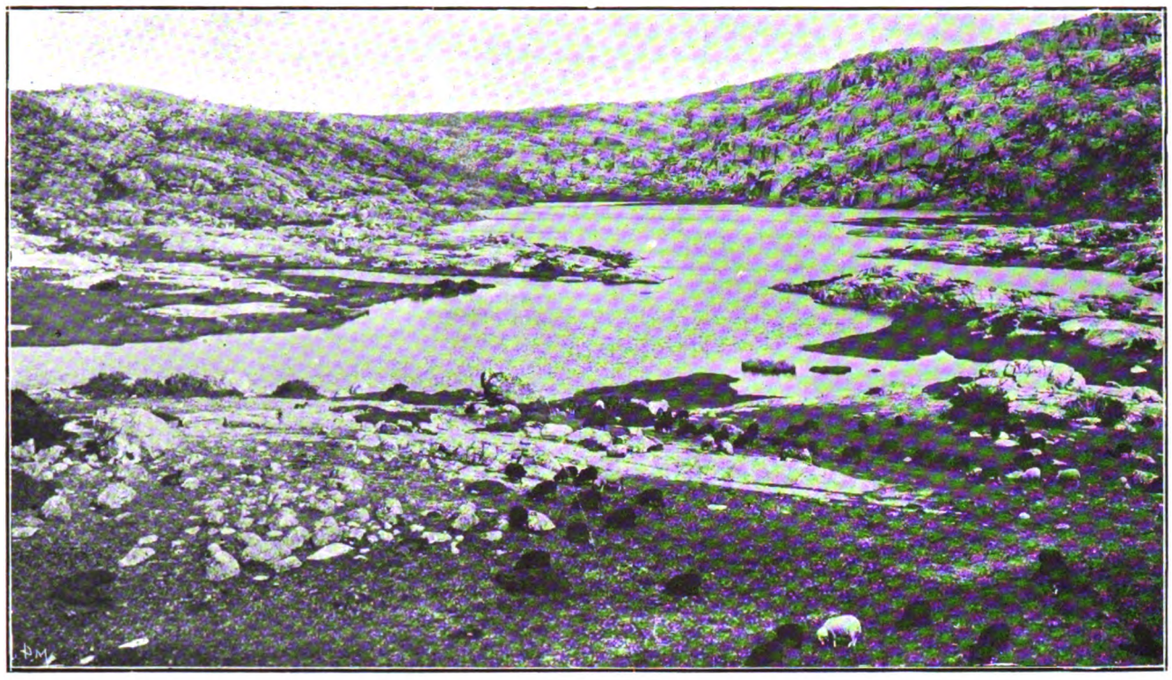
Ella — Pois olhe! N'essa carta mandava-lhe um beijo!

Elle — Que descuidada! Não sabe que as cartas que encerram objectos de valor devem sempre registar-se?

Como vivem os esquimaus. — *Um acampamento*

Digitized by Google

Aspectos da Serra da Estrella



Um trecho da Lagôa Comprida

A Serra da Estrella

Na longitude E., 1º 34′ e 37″, e latitude N., 39º, 59′ e 40º do meridiano de Lisboa, correndo na direcção N. E. a S. O., encontra-se a montanha mais elevada da grande cordilheira da Estrella, que divide em Alta e Baixa as duas provincias da Beira.

Dizem muitos geographos que esta cordilheira é uma ramificação do systema orographico hispanico, ou pyrenaico, que entrando em Portugal pelo nascente constitue a imminencia mais importante do pequeno systema beirão, ou grupo central, comprehendendo os montes situados ao norte do rio Tejo, entre as provincias da Beira e Extremadura.

Faria e Sousa e Duarte Nunes de Leão, descrevendo o encadeamento secundario d'esta serra com as principaes do continente, imaginaram a crusta da terra formada por um espinhaço de montes que teem a sua origem no monte Tauro. Este monte divide e subdivide o mundo com os seus multiplices braços, que tomam diversos nomes segundo a diversidade de povos que atravessam: chamam-se Alpes se dividem a Germania da Italia, Apeninos se cortam a Italia, Pyreneus se limitam a França da Hespanha, etc.

D'estes ultimos montes entram em Hespanha muitas ramificações, que se appellidam de varios modos: *Indubedos*, *Orospedos*, etc.; procede dos Indubedos a cordilheira da Estrella, que, atravessando Banilla e Bajar, faz a sua entrada magestosa ao nascente de Portugal proximo da cidade da Guarda.

Segundo notaveis geographos, destaca-se das montanhas da peninsula, conhecidas pelo nome de *Montes Ibericos*, uma importante ramificação das suas cadeias secundarias, que atravessando a peninsula de oriente a occidente produz a divisão das bacias do Tejo e Douro. Tal ramificação é a Serra da Estrella; vem desde as orlas mais orientaes do districto da Guarda até á extremidade do Cabo da Roca; ao norte da foz do Tejo forma a encantadora *Flor de Marmore*, — a Serra de Cintra.

E. Reclus nota que é nos ultimos promontorios da Louzã que termina o systema orographico da Serra da Estrella.

Parece-nos esta a filiação mais rigorosa dos montes que formam a cordilheira da Estrella, e mais exacta ainda a classificação do sr. Marrecas Ferreira denominando este massiço de montanhas, que se encontram entre Douro e Tejo, — *cordilheira-carpetano-luzitanica*.

Bory de S. Vincent designou-a *cordilheira-carpetano-vettonica*, em attenção aos povos carpetanos e vettonicos que a habitaram, pois que atravessa o territorio da antiga Luzitania, onde tem uma parte importante do seu curso: os *vettones* occuparam tambem parte da região circumscripta por estas montanhas.

Muitos geographos modernos, porém, reconhecem menos importancia aos montes Ibericos, consideram a Serra da Estrella uma ramificação dos Pyrineus, e dizem que, na hypothese contraria, a cordilheira secundaria da Estrella seria de formação vulcanica e não plutonica (Pyreneus). Semelhante asserção parece-nos destituida de fundamento: seja embora a Serra da Estrella uma ramificação dos montes Pyreneus ou Ibericos, a sua massa é terrosa e de formação essencialmente granitica.

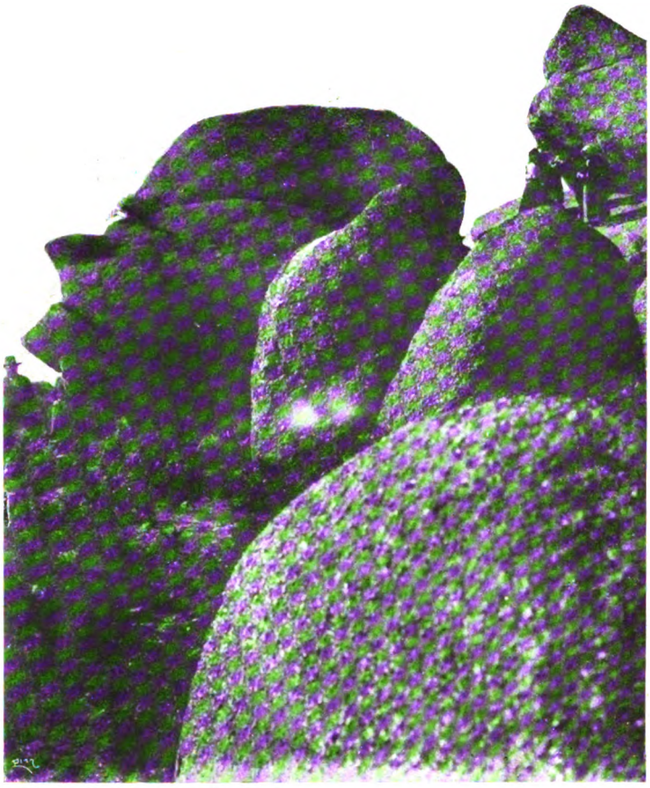
*

Tem-se attribuido á Serra da Estrella altitudes tão diversas e desmedidas, que alguns geographos elevam-lhe a maior culminancia a 7:500 metros acima do nivel do mar, ou 5:850 metros referidos á sua base.

Aspectos da Serra da Estrella. — *Marco geodesico de 1.ª ordem construido no principio do seculo passado no ponto culminante da serra (2:000 metros de altitude)*

Digitized by Google

E' certo, que a altitude maxima d'esta serra não attinge sequer a differença entre aquelles dois numeros, embora exceda 1:500 a 1:700 metros indicados por Casado Giraldes. E tal é a variedade de opiniões que difficilmente se encontram dois auctores unisonos, o que não nos surprehende se soubermos que taes affirmativas proce-



Aspectos da Serra da Estrella. — *Cabeça da Velha*

dem de informações de chronistas, que descrevem a ethnographia da serra sem o conhecimento da observação directa.

Depois que a Sociedade de Geographia de Lisboa promoveu e levou a fim a celebre expedição scientifica á Serra da Estrella, publicando alguns dos seus bem elaborados relatorios, adquiriu-se mais exacto conhecimento da serra, cujo vertice attinge 1:991 metros acima do nivel do mar. N'este computo não se incluem 9 metros que, approximadamente, mede uma pyramide quadrangular levantada no ponto mais elevado da montanha.

São tambem dignos de censura muitos geographos modernos que vêem no *Cantaro Magro*, essa mole immensa de granito, a maior culminancia da serra.

*

Não raro asseveram os nossos antiquarios, como explicação a tão exaggeradas altitudes, que a serra toca as estrellas, achando-se invariavelmente cobertos de neve os seus cumes alcantilados.

Sempre toucada de perpetuo gelo
.....
Que é de Herminia senhor, *serra nevada*
Onde o quente verão nunca começa.

*

A pyramide, ha pouco referida, vulgarmente chamada *Torre*, ergue-se ao sul da região dos *Cantaros*, n'uma explanada alterosa conhecida pelo nome de *Malhão da Estrella*, nome desconhecido dos escriptores do seculo XVIII, embora haja sido um termo muito usado para designar *marco*, *balisa*, *malhão* ou *cunhal* de enorme muralha: aqui facilmente se explica pela extraordinaria altura a que a serra se eleva, dominando sobranceira o valle, que se estende até ás margens do Tejo.

A pyramide *Torre* foi mandada construir em 1802, pelo principe D. João VI, como ha pouco ainda se lia na inscripção aberta na face voltada ao norte, que pastores por malvadez e espirito de destruição deitaram por terra em 1904.

No final da inscripção já se não liam os caracteres que designavam o fim para que tal pyramide fosse levantada, originando varias conjecturas e havendo até quem a suppozesse padrão de memoria das guerras peninsulares.

Sem duvida a sua construcção serviu de elemento á triangulação da carta geographica do reino, como outras pyramides geodesicas, chamadas *Torres*, levantadas em diversas altitudes do paiz.

Ao lado do obelisco ergue-se um pequeno terrasso quadrangular, que terá de altura cerca de tres metros; era egualmente destinado aos trabalhos geodesicos.

Outra pyramide havia sido construida antes da actual, proximo d'esta e provavelmente para fins identicos; mas, como notou M. Link, não escapou á destruição da vizinhança indigena!

*

A serra da Estrella, vista do poente, a grande distancia, desenha a configuração da quilha de um navio. E' a mais extensa do paiz (comp. 12 leg., larg. 8 leg.), e entre os antigos tinha o nome de *Montes Herminios Maiores*, para se destinguir dos *Montes Herminios Menores* (Serra do Marvão).

Alguns antigos chronistas ignoravam a denominação — *Herminius*, consagrada pela tradição secular; mas, depois das investigações de Hircio, Nunez de Leão, André de Rezende, Manuel da Esperança, Bernardo de Brito, e tantos outros, que se propuzeram exhumar passadas glorias e perpetuar o culto dos seculos, vulgarisou-se na tradição escripta o termo *Herminius*.

Não encontramos, é certo, semelhante termo nos escriptos de alguns dos mais importantes geographos romanos, embora a sua antiguidade; todavia a palavra *Herminio* designou sempre a actual *Serra da Estrella*, e mais se vulgarisou depois das façanhas de Viriato.

Bluteau faz a divisão do *Herminius* em montes *maiores* e *menores*, baseando-se em Hircio, que descreve a conquista realisada por Caio Longino na cidade de Meydobriga e no *Mons Herminius* (menor) azilo escolhido para refugio dos seus habitantes.

A pequena distancia da villa do Marvão, encontram-se ainda hoje vestigios da antiga cidade.

Este facto historico autorisaria Brito e outros a estabelecer a distincção entre *Herminius* maior e menor? Apesar do silencio de certos historiadores gregos e romanos, a orographia das duas cordilheiras confirma a terminologia de Rezende e Brito.

*

André de Rezende, o antiquario de mais credito pelo judicioso das suas descripções n'uma época em que se escrevia a historia sob o influxo das paixões, particularisando-se circumstancias minimas e triviaes, afirma que nas antigas doações de prasos e testamentos, encontrados no cartorio do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, se chama á Serra da Estrella *Herminio*, *Hermeno*, ou palavra equivalente.

Certo é que o nome *Herminius* já era conhecido dos romanos, embora Strabão e Pomponio Mella se não referissem directamente a esta serra ao descrever as importantes minas d'ouro dos montes da Iberia e da Luzitania.

Segundo a opinião dos mais abalisados e imparciaes chronistas, este nome provém da corrupção da palavra *Haraminha*, *Harmenho* ou *Hermeno*, que na linguagem dos antigos habitantes da serra significava — *cousa dura*, *aspera*, *intractavel*, *fragosa*, etc. Do archaico adjectivo formou-se a palavra *Herminius*, e não nos repugna acreditar na transformação morphologica do termo *Hermênho* em *Herminius*; n'esta opinião encontramos os mais pacientes chronistas.

Admittindo, portanto, como verdadeira a informação de Rezende, podemos dizer que a Serra da Estrella foi primitivamente designada

Aspectos da Serra da Estrella. — *Um vau do rio Alva, gelado*

Digitized by Google

pelo nome de *Hermenha*, transformando-se pelo decurso do tempo em *Herminios*, nome mais tarde vulgarisado como titulo exclusivo da serra.

*

O appellido *Estrella* por que actualmente é conhecida esta serra não se póde dizer muito antigo, se dermos credito a Rezende quando escreve: *Semper hic mons Hermenus vocatur, non autem Stellae, quasi nomen hoc recens nec ita pridem sit impositum.* As nossas referencias anteriores sobre a antiguidade do nome Hermenho confirmam esta asserção.

Não escasseiam as lendas sobre a origem do titulo *Estrella* e algumas d'ellas revestem um caracter tão inverosimil e attribuem-se a época tão impropria, que apenas poderão ser consideradas invenção de quem as escreveu.

Diremos de passagem que, considerando-se as lendas um importante factor para a averiguação de factos historicos, pois se diz que a historia começa onde acaba a lenda, deixam de occupar o logar que lhes compete na critica quando estejam longe de preencher tal fim. E' incontroverso que a sciencia deve o seu impulso ás lendas; mas nem por isso devemos deixar de commental-as para conhecer o seu valor subsidiario nas alterações que as sciencias soffrem atravez da sua marcha evolutiva. Passou o reinado nefando do *ipse dixit;* hoje a critica historica impõe-se ensinando-nos a extremar, na investigação e explicação de certos factos historicos, o verdadeiro do fabuloso.

Continuemos:

A versão quasi geralmente seguida pelos escriptores que succederam a Rezende, relaciona similhante appellido com um accidente orographico.

N'uma das cumiadas da serra, dizem, destaca-se um penedo ou penha saliente, que visto a certa distancia desenha os contornos d'uma estrella. Assim conjecturou Rezende: *audivi*, a *pastoribus inditium, argumento Stellae, in summitate cujusdam rupis ab nutura effigiatae.*

Antes do seculo XVI desconhecia-se esta lenda, a que alguns escriptores reconhecem mais remota antiguidade; cremos que tal presupposto se não harmonisa com a doutrina de Rezende quando nota que os termos Haraminha, Hermenho e Herminios eram indistinctamente empregados para nomear a Serra da Estrella. A partir dos estudos de Rezende, e só depois do seculo XVI, é que começou de apparecer a palavra *Estrella* como designação exclusiva.

Aspectos da Serra da Estrella. — *Cascata de Fervença — Rio Alva*

Até certo ponto parece-nos justificavel a lenda referida, que procura a origem de *Estrella* n'um accidente orographico de que os pastores deram noticia a Rezende, ou a quem o informou, embora não seja ainda essa a lenda que originou o pomposo appellido, como adeante referimos.

*

Julgou-se por muito tempo o *Cantaro Magro*, ou uma outra elevação proxima, a maior culminancia da serra, que vista a distancia

Aspectos da Serra da Estrella. — *Cascata do porto da Lage, no verão*

pode apresentar a configuração de uma estrella. Não era outra a intenção de Bernardo de Brito ao dizer: «*Mas depois que de poucos annos a esta parte, se lhe poz o nome de Strella, por causa de dois altissimos penedos, hũ dos quaes acaba na feição, e modo de hũa strella, donde os pastores, q̃ alli vão com seus gados na força do verão, lhe derão tal appellido*».

Oura versão corre impressa, que relaciona com certo romano a origem de — *Estrella*.

Leitão de Andrade exprime-se d'est'arte: «*A Serra da Estrella se chamava antigamente a serra do Estrella, homem romano, Sacerdote Augur, e Triumvir que viveo, e acabou n'aquelles montes*». Em seguida accrescenta: — «*Na dita serra se achou numa pedra este mote, que depois foy gossado e com muytas voltas, e parece foy feito em louvor de alguã Serrana nobre chamda Madanella, que diz assim:*

MADANELLA

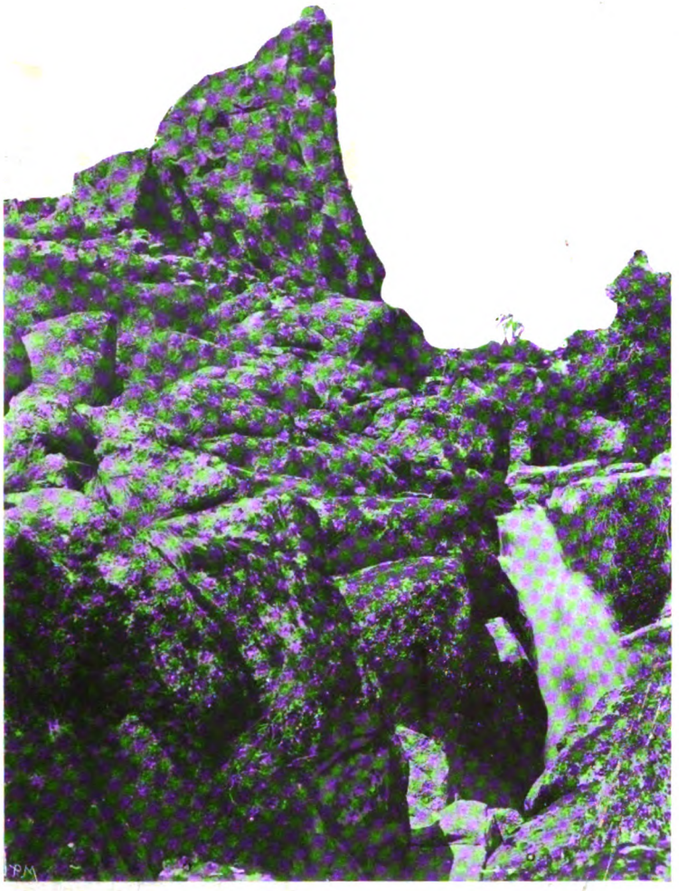
Nasceu na Serra da Estrella
Que confina com as Estrellas
Tomou a aspereza d'ella
E a formosura d'ellas.

Braz Garcia de Mascarenhas (*O Viriato Tragico*, Lisboa, 1846, canto I, est. 15) verseja tambem assim:

Nasceu (Viriato) *n'aquella Serra que chamada*
Herminia foi, e hoje se chama Estrella,
Dita assim de uma ponta retalhada,
Que a natureza fez da feição d'ella;
Tão eminente, e sempre tão nevada,
Que a luz solar reverberando n'ella,
Faz parecer a quem mais se avizinha,
Caudal Cometa, que ao Zenith caminha.

(Continúa.) **Adelino de Abreu.**

Digitized by Google



Aspectos da Serra da Estrella. — *Cascata do Aguilhão*

Theatros

Garrett, *O noventa e tres*, peça em 9 quadros, extrahida do romance de Victor Hugo e adaptada á scena portugueza, por Augusto de Castro. — ***Trindade,*** *Amores de principe*, operetta em 3 actos, de Vigotto, musica de Eysler, traducção de Accacio Antunes. — ***Gymnasio,*** *O rato azul*, comedia em 3 actos adaptada do allemão por Xavier Marques. — ***Avenida,*** *Conde de Luxemburgo*, operetta em 3 actos de Franz Lehar, traducção de Accacio Antunes. — ***Rua dos Condes.*** — ***Colyseu dos Recreios.*** — ***Apollo.***

Peça bastante antiquada, cheia de movimento, com muitos tiros, mortes, gritos dolorosos, incendios; todos os matadores emfim; é esta que a empreza do **Garrett,** reconhecendo-lhe, talvez, uma certa opportunidade, pelo facto da sua acção se basear na revolução de 93, que implantou a primeira republica em França, se lembrou de fazer reviver na nossa scena depois de um lethargo de trinta annos. O publico de hoje, porém, embora dê preferencia — attestam-no os factos — ao theatro romantico, cheio de movimentos lancinantes, de heroismos as mais das vezes absurdos e de sentimentalismos piegas, já pouco se commove com tanta mortandade, que mais parece um açougue de carne humana que uma peça theatral, e com a uniformidade monotona de todos os quadros, dos quaes merece apenas referencia a scena na taverna entre Marat, Robespierre e Danton, a unica de toda a peça onde se adivinha o dedo gigantesco de Victor Hugo. Emquanto ao desempenho, justo é dizer que todos diligenciaram, embora deslocados na distribuição dos papeis, acertar, e conseguiram-no: Mendonça, n'uma rabula de um velho mendigo; Ignacio, no *Marat*, que representou por fórma a dar-nos a impressão da personagem; Augusto de Mello, n'um padre liberal, e Luiz Pinto. O scenario muito regular, assim como o guarda-roupa. Excellente a marcação de Augusto de Mello.

E eis a impressão que nos deixou o *93*.

— No **Trindade** representaram-se agora os *Amores de principe*, peça de que já aqui registámos as nossas boas impressões, quando representada pela companhia Galhardo no Avenida, onde teve uma excellente interpretação. Da mesma maneira e com egual brilhantismo, sem aso a rivalidades, nos foi dado presencial-a agora pela companhia Taveira, tendo por principal interprete feminina a talentosa actriz Palmyra Bastos, estrella reluzente em qualquer dos generos de comedia, drama ou operetta. Deve ter farta carreira a inspiradissima operetta.

— Ao leitor que quizer experimentar a agradavel sensação de uma noite de riso e alegria recommendamos-lhe o *Rato azul*, que ora se representa no **Gymnasio,** adaptado do allemão, com mestria, pelo comediographo Xavier Marques, e que é habilmente representado por Christiano, Cardoso, Augusto Machado, Judith de Mello e outros.

— Aos enormes successos das ultimas operettas representadas no **Avenida,** temos a accrescentar o do *Conde de Luxemburgo*, que se está representando em quasi todas as cidades da Europa, com um successo quasi egual ao da *Viuva alegre* do mesmo auctor. O entrecho, semelhante ao do D. Cesar de Bazan, decorrendo, porém, na nossa época, é interessante, e a musica... basta a firma do auctor para a garantia ser absoluta. Para breve se annuncia n'este theatro *O Amor de Zingaros*, operetta tambem allemã que vem precedida de grande fama e de que nos dizem maravilhas.

— O **Rua dos Condes** vae-nos dando peças do antigo repertorio, mas de agrado certo, que estão de ha muito consagradas pelo publico, como o *Conde de Monte Christo*, *a Vida de um rapaz pobre*, *Marquez de Pombal* e outras. Activam-se os ensaios da peça patriotica *Cinco de Outubro*, de Mario Monteiro.

— No **Colyseu** continuam interessantissimas e despertando o maior enthusiasmo as luctas entre japonezes e europeus, enchendo-se a vasta sala, todas as noites, de espectadores, que ruidosamente se manifestam, dando assim ao espectaculo uma dupla nota de interesse.

— O *Sacristão de Santo Eustachio* subiu novamente á scena agora no **Apollo,** mantendo o seu antigo papel a actriz Lucinda do Carmo, que lhe dá toda a graciosidade que elle requer. A peça é sobejamente conhecida, por isso nos abstemos de falar no entrecho. O resto do desempenho nada deixa a desejar.

RUY.

TYPOS DA SERRA DA ESTRELLA

Vendedores de louça atravessando a serra

Digitized by Google

Digitized by Google

B50560

b89065814394

b89065814394a

Digitized by Google

Digitized by Google

89065814394

B89065814394A

Digitized by Google